A CAPITAL

3875 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA—Quinta-feira, 1 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2238—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O grande contracto

Hontem, no parlamento, o sr. Vasco Borges e o sr. Fausto de Figueiredo, falando sobre a declaração ministerial, estranharam que nele não se fizesse nenhuma menção do famoso contracto dos 50 milhões de dollars, que durante algum tempo foi metido á cara do paiz como uma verdadeira cornucopia de vantagens e maravilhas.

Tiveram razão, tanto o sr. Vasco Borges como o sr. Fausto de Figueiredo, porque se ha cousas em que todos se devem mostrar de acordo é na publicação do contracto, cujos termos tem o paiz absoluto direito de conhecer, o que é reclamado pelo parlamento, legitima encarnação da soberania nacional.

Disse o sr. Fausto de Figueiredo não acreditar que possam existir razões de caracter diplomatico ou especial que determinem tamanho sigilo, e acrescentou que era preciso que em sessão publica ou secreta seja presente todo o «dossier» que a essa operação diga respeito. Não ha duvida que não se pode deixar de proceder assim, desde que o governo, pela sua atitude, e certas informações que na imprensa tem surgido justificam graves suspeições sobre o celebre contracto, em que parece manifestar-se uma colossal exploração se é que se não trata duma mistificação não menos colossal.

Por sua parte, o sr. Vasco Borges trabalhou denodadamente pela sua dama, que neste caso é o sr. Afonso Costa. Disse o ilustre deputado democratico dissidente que não deixará de reclamar a publicação do contracto, que julga tanto mais indispensavel quanto é certo que já se anda afirmando nos jornais que o sr. dr. Afonso Costa «sincara» nesta questão, chegando-se mesmo a proclamar que entre os srs. Barros Queiroz e Antonio Maria da Silva existia um pacto em que este senhor se comprometia a manter o governo em troca do primeiro conservar o contrato como segredo de Estado.

Ninguem deve com efeito desejar que o sr. Afonso Costa tenha «sincado» nesta questão, segundo o termo expressivo e pitoresco do sr. Vasco Borges, e por isso mesmo a publicação do contracto, reclamada pelo sr. Fausto de Figueiredo em nome do interesse nacional, não menos deve ser efectuado em razão do interesse politico do sr. Afonso Costa, cujo bom nome de estadista e financeiro eminente o sr. Vasco Borges tem que se empane no conceito publico.

Seja como fôr, o contracto deve ser conhecido. Exige-o o paiz e exigem-o as facções. Todos temos o direito de saber o que em nome do paiz se contractou, e como foi que uma operação apregoada como a maior que jámais se realisara em Portugal veio a desaparecer, como se um alçapão das magicas se abrisse para a engulir.

Ha nisto o que quer que seja de vago, de misterioso, de irregular, que a ninguem seria airoso que procurasse dissimular. E, de resto, já se tem dito tantas cousas que o melhor é conhecer o resto. Talvez com isso aproveitem mais todos os negociadores do famoso contracto do que com as meias palavras, ou as suspeições, ou até os elogios descricionarios com que se cerque uma operação de tamanha magnitude que veio a acabar numa ficção, cujos intuitos seria conveniente averiguar.

O sr. Vasco Borges e Fausto de Figueiredo são dos que entendem que o Parlamento não estará na plenitude das suas funções se não lhe fôr dado conhecer todos os assuntos que interessam ao paiz. Para conhecer as imposições que levaram Portugal a entrar na guerra, realisaram-se sessões secretas no parlamento portuguez. Será assunto mais grave e mais melindroso o celeberrimo contracto dos 50 milhões de dollars?

Destruição das salinas para manter o preço alto

Em Aveiro ha grandes e productivas salinas que fornecem todo o norte do paiz, estendendo tambem a sua influencia ao sul. Pois na semana passada uns criminosos da pior especie arrombaram os diques de muitas salinas de Aveiro inutilisando-se assim a maior parte da safra deste ano.

Quem teve interesse em arrombar os diques? Com que intuito é que se praticou semelhante crime?

Evidentemente os criminosos tiveram em vista garantir o alto preço do sal da colheita passada.

Havendo ainda muito sal dessa colheita, a abundancia deste ano havia de influir no barateamento, de ahi a destruição, a cegueira, o odio, que a ambição gera!

A vilania que acaba de ser cometida, é um sintoma. Vivemos numa epoca de perversidades.

Quem manda destruir as salinas para encarecer a vida do povo e engordar á custa da sua desgraça, é capaz tambem de incendiar os campos de trigo, cortar os vinhedos, destruir as oliveiras.

POLITICA

CONFIDENCIAS...

Estranha opinião do deputado X... ácerca das endemicas revoluções

O nosso amigo X... é extremamente verboso. Se bem nos recorda já dissemos isto mesmo. E' que, ou queira ou não, o jornalista tem de esquecer o que escreveu ontem para bem se recordar do que projectou escrever hoje. A caracteristica do jornal é a improvisação, contanto que, com ela, se consiga impressionar o leitor. Convem, comtudo, ser verdadeiro, não fantasiar. O nosso escrupulo a tal respeito chega a ser doentio. Quantas vezes a pena se detem porque a convicção da verdade do facto noticiado se não fez, completa, no nosso espirito! E' sempre indispensavel reflectir, examinar, controlar. Isso reclama tempo. E eis aqui, bem explicita, a razão porque, ás vezes, hesitamos em lançar ao publico as versões politicas que nos segreda o sr. X..., insigne parlamentar e, dentro em pouco tempo, estadista de tanta força e de tanta magnitude como o sr. Machado Santos.

Mas vamos ao que importa. Catêmos, dentre as muitas confidencias do eloquente tribuno, uma ou outra que, sem risco grave de sofrer um ataque ao sagrado fisico do inofensivo reporter, se possa supor residir no mar infinito das versões que inundam ruas e praças.

Tambem, é o que nos vale: com tanta falta de agua!...

X... diz-se ao facto dos movimentos do sub-solo politico. E como é moda, agora, fazer-se a reportagem antecipada dos factos da Historia, acompanhamos (muito moderadamente) as divagações do nosso querido amigo e insigne parlamentar da maioria.

—... porque, concluiu X..., é mais que certo que a evolução revolucionaria não terminou. Simplesmente, com a constituição do gabinete Granjo, ela tomou nova directriz.

Assim finalisou o glorioso orador (que ha-de vir a ser, estejam certos) um complicado raciocinio, fundamentado em factos e hipoteses, mais hipoteses que factos. Tratemos de o chamar á realidade das coisas positivas, á objectividade dos factos correntes;

—Isso, meu caro amigo, seria preciso demonstra-lo.

—Então não o convenceram as minhas razões? Vejo que é de dificil apreensão mental (agradecidos!...) Pois então, ouça mais isto.

X... desencavalou os oculos, limpou as lentes a um paninho «express» e falou d'estarte, doutoralmente, irresistivelmente, num desfiar de palavras que não permitia a menor interrupção:

—Disse-lhe que o Barros Queiroz caira por causa do movimento revolucionario que o ameaçava. A questão das cambiais foi apenas a causa ocasional da demissão. Não foi mais nada, creia. Mas os dirigentes do «complot» não ordenaram o desarmamento. Pelo contrario: neste instante cerram-se fileiras, porque a constituição do ministerio Granjo pareceu-lhes mais conservador ainda do que a que ele substituiu. Mas ha mais.

Tentamos travar a corrente caudalosa do verbo tribunicio. Impossivel!

—Não, não me interrompa, disse X..., espetando um dedo para o ar e tomando ares de profeta inspirado, não me interrompa, que lhe digo tudo.

E continuou, após dois segundos de concentração mental:

—Vai-se admirar disto que lhe vou dizer: o Afonso Costa não pensa senão em reentrar na politica activa. Mas quere ser chamado por um movimento irresistivel de opinião publica. Não quere fazer um governo partidario. O que ele ambiciona (a bem da Patria e da Republica) é vir por ahi abaixo, desde a serra á cidade, de escantilhão até fundear no Terreiro do Paço e ditar de lá a Lei. E os parceiros? perguntar-me-ha. E eu respondo: sou eu, serás tu, será ele (X... declinou até ao fim, pitorescamente), seremos todos nós, guiados na estrada da virtude pelo farol luminosissimo dum Ministerio Nacional. (Esta ultima frase retivemo-la cuidadosamente, porque demonstra quanto X... vai cultivando a eloquencia demostenica). Ora eis aqui o que ha. Que lhe parece?

A pergunta atrapalhou-nos. Que diabo nos havia de parecer? Para o não aborrecer, fomos dizendo:

—Parece-nos optimo. E o amigo X..., que papel lhe está reservado, nesses felizes acontecimentos?

—Eu? pois não adivinha? Dão-me, no Ministerio Nacional, a pasta que já foi do Gouvarinho...

Socorros á Russia faminta

PARIS, 1.—A comissão internacional de socorros á Russia resolveu enviar imediatamente áquele paiz uma missão de inquerito a fim de julgar da extensão e das necessidades e dos melhores meios para prover a essas necessidades. Resolveu sobre qual o papel a desempenhar por essa missão e bem assim dirigir-se ao governo dos soviets para que facilitem a passagem e todas as facilidades a essa missão para o desempenho do seu mandato. Regulou egualmente quais as condições em que era admitido o concurso das organisações particulares, tais como a Cruz Vermelha na obra de socorro á Russia.

Alemanha

Ainda o assassinio de Erzberger

BERLIM, 31.—A policia Wurtembergueza diz que Hirchfeld não saiu de Chalmabach no dia do assassinio de Erzberger, mas que continuará preso a pedido do ministerio publico de Offenburgo.

Em Lustgarten houve uma manifestação em que tomaram parte 500.000 pessoas. Não houve nenhum incidente.—(H.)

A revolta da India

Em Calecut

LONDRES, 31.—Continuam sendo muito alarmantes as noticias recebidas de Calecut. O movimento parece ter o caracter fanatico, e os mais castigados são os proprios sacerdotes.—(C.)

BOMBAIM, 1.—A cidade de Nolabur foi completamente saqueada pelos insurrectos. Um dos chefes rebeldes, depois de ordenar o assassinio de dezesete pessoas que estavam no palacio do Governo, instalou-se nele e fez distribuição do saque por toda a população, para lhe captar as simpatias.

Aguarda-se a chegada das tropas inglezas para restabelecer a ordem.—(C.)

Argentina

Falecimento de um senador bolchevista

BUENOS AIRES, 1.—Morreu o senador Iberlucea que professava ideias bolchevistas e ultimamente era activamente procurado pela policia por causa dos seus discursos revolucionarios pronunciados nos congressos socialistas e dos seus incitamentos á revolta, dirigidos ao elemento operario.—(A)

Direitos em ouro sobre o bacalhau

O sr. ministro dos Estrangeiros fez aprovar no parlamento uma lei que lhe dá capacidade para não aceitar em Portugal mercadorias dos paizes que se recusam a aceitar as nossas.

E' o que se chama politica de represalias. Está muito bem, resta saber o resultado.

A Noruega é um paiz bacalhoeiro e como tal pode ser calculado em centenas de toneladas o bacalhau que exporta para Portugal.

Sem tratado de comercio, isto é, sem pauta especial, e caso vigore a emenda, do pagamento dos direitos em ouro, um quilo de bacalhau noruguez só de importe alfandegario pagará dois mil reis, o que corresponde a que não mais venha á nossa terra bacalhau daquele paiz.

Conhecidos pelos especuladores os obstaculos que a tal importação vão ser postos pelo governo dentro da nova lei, facil é de prever o que preço não poderá chegar o outro bacalhau se o da Noruega não vem.

Impedir que no nosso paiz entrem mercadorias destinadas á alimentação publica, é um erro que poderá ser nefasto e que decerto vem agravar a terrivel carestia da vida.

Murray Buttler

transmite as suas impressões da ultima guerra

PARIS, 1.—*O Matin* publica a mensagem do dr. Murray Buttler na qual o presidente da Universidade de Colombia declara que conhecer a França é amal-a. A visita ás regiões devastadas deixou-lhe uma recordação inapagavel e revelou-lhe bem quais foram os seus sofrimentos e como foi soberba a sua coragem. Verdun, Chemin des Dames Reims, Soissons, Arras são nomes que marcam a altura suprema que podem atingir a resistencia e coragem do homem, assim como a sua paciencia e a sua fé. A França não se defendeu sómente a si; defendeu todo o mundo ocidental.

Em seu entender o povo americano não ficaria jámais de braços cruzados se a França voltasse a ser novamente assolada e desmembrada pelo invasor brutal. Conquanto não esteja na tradição dos americanos realisar tratados de aliança, ofensiva ou defensiva, a sua consciencia e a sua fé na justiça e na liberdade fazem-lhes odiar tudo, que seja crueldade.

O espirito justiceiro e cavalheiresco dos americanos é elemento mais poderoso do que todos os tratados e mais certo do que todas as promessas escriptas. A França está certa da sua integridade porque conquistou o coração do mundo e este baterá sempre pela França.—(H).

Conferencia Internacional da Imprensa

Vai organisar-se internacionalmente a imprensa jornalistica

Do gabinete do sr. ministro dos Negocios Estrangeiros recebemos copia do seguinte documento, cuja tradução damos na integra:

«Associação da Imprensa Belga (União Profissional)—1681 e 1682—Bruxelas—20 de julho de 1921—Rua de l'Ecuyer, 48.

«A todas as Associações da Imprensa politica diaria das nações aliadas e dos neutros que fazem parte da Sociedade das Nações.

«Senhores e caros confrades: Por iniciativa do Sindicato da Imprensa Diaria tcheco-slovaca, a Associação Geral da Imprensa Belga tem a honra de convidar-vos a enviar um delegado á conferencia que reunirá em Bruxelas em 6 de outubro proximo.

«Esta Conferencia terá por fim a creação de uma nova União Internacional da Imprensa e a elaboração dos seus Estatutos.

«A partir de 1 de Agosto, abrir-se-ha uma secção de informações em Bruxelas, na «Maison de la Presse», 48—Rua de «l'Ecuyer».

«Esta secção encarrega-se de aceitar as inscrições e prestar todos os esclarecimentos que se lhe peçam, dirigidos ao sr. Herman Dons, Presidente da Associação Geral da Imprensa Belga.

«Os senhores delegados dignar-se-hão apresentar os seus projetos, tanto quanto possivel, por escrito.

«E' para desejar que a situação da imprensa e das organisações jornalisticas profissionais nos respectivos paizes, seja exposta tambem por escrito, bem como as informações relativas á existencia da imprensa, especialmente, ás leis referentes á condição social dos jornalistas.

Todos estes trabalhos serão publicados pela forma que a Conferencia dos Delegados fixar, bem como as decisões da mesma Conferencia, e serão enviados a todos as Associações e Corporações de Imprensa que façam parte da União ou que por ela se interessam.

«Cordealmente vos convidamos, contando antecipadamente com a vossa participação e colaboração, para que este importante organismo profissional possa constituir-se.

«Pela Associação Geral da Imprensa Belga, o Secretario Geral—(a). *Aug. Thomas*.—O Presidente—(a) *Herman Dons*.

«Está conforme. Repartição do Expediente e do Arquivo, em 20 de Agosto de 1921.

(a). *Mayer Garção*

A «Capital» dá o seu amplo e caloroso apoio a esta bela iniciativa, e far-se-ha representar por delegados seus nas reuniões preparatorias que por ventura se realisem em Lisboa para a resolução do assunto.

A Espanha em Marrocos

Noticias e resoluções de Melilla

MADRID, 1.—Os jornais de Melilla dizem que o resgate do general Navarro parece um facto consumado. O conselho de ministros, depois de ouvir as impressões que o sr. Lacierva trouxe da sua viagem a Melilla, confirmou em absoluto a sua confiança no general Berenguer. O conselho resolveu tambem publicar todas as segundas-feiras pela manhã um boletim oficial com os partes oficiais de Marrocos e as demais noticias naturalmente importantes, com o fim de evitar os boatos e as falsas noticias que costumam circular ás segundas-feiras e que impressionam tanto mais a opinião publica quanto é certo que ás segundas-feiras não ha jornais.

Onde pára o general Silvestre?

MADRID, 1. — O comunicado oficial de Melilla diz apenas que as posições espanholas foram todo o dia alvo de tiroteio. Os jornais insistem com o governo para que publique o numero exacto das baixas pelos acontecimentos de Julho na zona de Melilla, ou quando menos os nomes dos militares que conseguiram voltar á praça ou que se acham prisioneiros. Voltou a circular o boato de que o general Silvestre não foi morto, mas apenas ferido, encontrando-se, segundo uns, na zona franceza e segundo outros na zona de Alhucemas, prisioneiro dos rifenhos.

O sr. Maura diz que o governo nada sabe que permita dar credito a tais boatos. Na bacia mineira de Mieres o dia decorreu tranquilo, havendo apenas greve nas minas de Duro Felgueras.

Boas impressões de Melilla

MADRID, 1.—Reuniu o conselho de ministros que tratou de numerosos assuntos. O ministro da marinha rendeu rasgados elogios aos serviços da armada em Marrocos, especialmente as canhoneiras «Laya Laure» e «Bonifaz».

La Cierva transmitiu ao conselho as excelentes impressões que trouxe de Melilla.—(A).

O torpedeiro "Guadiana" arribado

TOULON, 1.—A's 8,30 da noite passada arribou a este porto o torpedeiro «Guadiana», por avarias sofridas no mar. O «Guadiana» dirigia-se de Marselha para Villefranche. Deve partir para Genova, onde receberá as reparações que forem reputadas mais necessarias.

Por terras de além

A Alemanha em vesperas duma revolução decisiva
Comenta-se a coligação reacionaria, a proposito do assassinio de Erzberger

O assassinio de Erzberger, ministro da Republica Germanica, poderia passar mesmo despercebido do grande publico, se não fôra o seu alto significado politico neste momento.

Desde que o Imperio se viu ameaçado durante os primeiros tempos da grande guerra até á actualidade, tem vindo a registrar-se uma serie de crimes politicos desta natureza, praticados contra os representantes do progresso na sua expressão politica mais avançada—o socialismo.

Varados pela mão politica armada para a morte, sucessivamente se teem visto cahir na Alemanha figuras de alto destaque e significação como Kurt Eisner, Karl Liebknecht, o que recusou no Reichstag dinheiro para a guerra, Rosa Luxemburgo, apelidada Rosa Vermelha, Hugo Haase, e quantos mais.

Ainda ontem, já depois dos mais graves tumultos de Berlim, que estão mantendo em suspenso todas as espectativas da Europa, o telegrafo nos anunciou mais uma tentativa para matar Oerter, outro ministro do governo republicano do Chanceler Wirth.

E' contra este principalmente que directa ou indirectamente se dirigem todas as tentativas, cujo objectivo é a restauração do Imperio, apoiado pelo militarismo, principalmente prussiano.

Na ultima comemoração publica, os generais Conde de Waldersie e Von der Goltz, simbolos da reacção imperial e do exercito alemão, desdenhosos, arrogantes, afrontando as iras da Republica, pronunciaram numa parada militar, em frente dos representantes do passado, o Principe Eitel-Frederico e o conhecido general Ludendorff, palavras de significado deveras subversivo e que bem descobrem os intuitos de regressão imperialista.

O primeiro disse que o odio repassa e sacode toda a Alemanha.

—«Esse odio, acrescentou, ensinará a mocidade germanica a armar as suas espingardas. Sêde fieis ao Imperio e ao Imperador».

O segundo terminou o seu discurso com as seguintes e bem expressivas frases:

—«Alemanha não foi vencida, mas apunhalada pelas costas por Erzberger, Max de Baden e os revolucionarios».

Não pode haver maior clareza. Procura-se fazer crer que a Alemanha não foi derrotada pelos estrangeiros, mas atraiçoada pelos proprios nacionais que se apoderaram do poder, para destruir o Imperio e proclamar a Republica.

Felizmente o povo alemão mostra tendencias a acordar deste enorme pesadelo, e a declarar-se definitivamente ao lado dos partidos democraticos.

Neste sentido, os Comunistas, pela voz do seu orgão na imprensa—o «Rote Fahne» (Bandeira Vermelha) já iniciaram a propaganda, bem como os socialistas majoritarios e independentes.

Os partidos catolicos, por seu lado, mostram-se irritadissimos.

O governo revela-se energico e decidido, muito concorrendo por isso a atitude democratica dos partidos avançados.

Em que vem a pêlo tratar das terras de áquem. A coligação catolico-monarquica

Não é um sintoma esporadico. O que se dá na Alemanha repete-se, embora sob aspecto diverso, na Russia, na Grecia, na visinha Espanha, e tambem em Portugal, onde igualmente a reacção catolico-monarquica procura e tem conseguido exercer valiosa pressão sobre a marcha normal da Publica Administração, creando por todas as formas dificuldades á Republica, não já pelas incursões Minigalaicas de ridicula memoria, mas pela sordidez de uma intriguilhada desprezivel a preparar a desagregação ou, melhor, a dissociação das forças politicas da Republica.

Parece que existe uma especie de maçonaria internacional reaccionaria *sui generis*, uma coligação de ultramontanismo, destinada a preparar uma regressão dos povos mais adiantados para uma Idade Media estulta e bestificante em pleno Seculo XX!

Contra isto ha que reagir. E' incontestavel que Inglaterra, França, Belgica e outros Estados já desenham certos traços indicativos de que se procura reagir contra esta tremenda tentativa de regressão a um Passado que só na Historia póde encontrar lugar honroso.

O essencial é que não fiquemos atraz do grandioso movimento. Póde o reaccionarismo eclesiastico noutro tempo encontrar entre nós terreno proprio a preparar a Contra-Reforma como tentativa de oposição á revolução para a conquista do Livre-Exame.

O seculo XX, porém, não é o seculo XVI. Essas facilidades já não se repetem.

Os partidos politicos acham-se em geral desbaratados entre nós pelas dissenções e discordias que o Reaccionarismo tem sabido habil e ardilosamente fomentar. E' de prever, porém, que os elementos rasgada-

mente democraticos de Portugal saberão tambem coligar-se numa acção comum para debelar o perigo e libertar a Nação das ameaças que a assediam.

A necessidade de um Partido Republicano Socialista, sério, convicto, austero nos principios e essencialmente pratico nas realisações, nunca se fez tanto sentir como neste momento, quer dentro do Parlamento, quer nos governos da Republica ou fóra, em contacto com as massas que mal preparadas para a resistencia intelectual, se deixam embair em doutrinas contrarias ao que mais convém ao povo e á nação.

A questão heleno-turca e o Tratado de Versailles

Continua a arrastar-se, mais interessando pelo inescoroso das carnificinas, do que pela excelencia da causa.

Sem que a Europa intelectual seja por forma alguma turca nem defensora dos serralhos orientais ou dos tradicionais morticinios da Armenia, neste momento não se mostra muito alheia como os desastres sofridos pela Grecia, embora se reconheça que ela apenas procura dar realidade aos erros etnicos consignados no Tratado de Versailles.

Este pacto uni-lateral, pois nos ajustes de paz, só o vencedor dita a lei, já tem sofrido mutilações e muitas mais está destinado a receber, já que as clausulas de Wilson, dadas como base do armisticio inicial, foram sistematicamente postas de parte.

O maior golpe já recebido foi a recusa de solidariedade dos Estados Unidos a muitas das suas partes.

Não estará, porem, destinado a receber outros muito mais graves que poderão mesmo chegar á anulação definitiva?

O exercito e o governo

O comandante geral e seus ajudantes, o chefe do estado maior, os comandantes e chefes de serviço da guarda republicana, cumprimentaram hoje o sr. presidente do ministerio. Fazendo a apresentação dos oficiais o sr. general Bernardo de Faria disse que, embora esteja ha pouco tempo á frente daquela corporação, sabe já o governo e o paiz que podem contar em absoluto com a lealdade e dedicação da guarda republicana, para a defesa das instituições e para a manutenção da ordem. O sr. dr. Antonio Granjo agradeceu os cumprimentos e declarou que tendo já exercido por varias vezes altos cargos da Republica, constatou sempre que a guarda é uma corporação disciplinada e genuinamente republicana, facilitando aos governos, pela manutenção da ordem publica, a sua obra de pacificação e de administração. Sabem os oficiais da guarda republicana que o paiz atravessa uma situação financeira e economica gravissima, por isso torna-se necessario que a ordem e o socego sejam mantidos para que o governo possa trabalhar na solução dos problemas tendentes a resolver aquela situação.

Como presidente do ministerio e ministro do interior fará tudo quanto nas suas forças caiba para que o prestigio e a força da guarda se mantenham de modo a poder continuar a prestar ao paiz e á Republica os seus relevantes serviços.

O sr. Freitas Soares, ministro da Guerra, recebeu ontem os cumprimentos dos oficiais das forças da guarnição. A' frente dos oficiais da Guarda Republicana estava o sr. general Bernardo Faria, que pronunciou uma alocução de cumprimentos, assegurando a fidelidade da Guarda aos principios da disciplina militar e da fidelidade ás instituições. A resposta do sr. ministro da Guerra foi ouvida com atenção e respeito, conservando-se todos os oficiais na posição regulamentar de sentido. O sr. ministro da Guerra acentuou, no seu discurso, quanto lhe era grato ouvir palavras de afirmação republicana, salientando que a Guarda Republicana era um corpo no qual podia haver a maior confiança, tantas e tão repetidas provas tem dado do seu amor ás instituições.

O ministro afirmou que fôra ele, quando desempenhara as mesmas funções, por ocasião do governo Relvas, quem propuzera, em conselho de ministros, o alargamento dos quadros da Guarda, e se assim procedeu foi por que se tinha convencido de que ao exercito propriamente dito competia uma outra função. Tendo portanto responsabilidades liga as ao alargamento dos serviços da Guarda, julga-va-se no direito de desejar de todo o coração que a Guarda não só continuasse dentro da ordem os inimigos das instituições, como a mantivesse tambem quando, porventura, se dêem desavenças entre republicanos.

Os oficiais em serviço na secretaria da guerra cumprimentaram hoje o seu novo ministro, sendo as apresentações feitas pelo sr. general Ferreira Gil, director da primeira direcção geral. O sr. tenente coronel Freitas Soares recebe no sabado, pelas 14 horas, os cumprimentos da oficialidade da primeira divisão do exercito, do campo entrincheirado e dos estabelecimentos militares.

A oficialidade da guarda fiscal, levando á frente o seu comandante geral, sr. coronel Aguas, cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças.

Onde fica Ophir?

Ninguem o sabe—Não ha, portanto ophires verdadeiros

O que sobre o assunto disseram os classicos

Ha seculos que os pesquisadores do passado se esforçam por saber qual a região a que os antigos chamavam Ophir, região afamada pela preciosidade das pedras que nela se encontravam e, segundo diz a Biblia, tambem pelas suas formosas mulheres.

Querem uns que seja na India onde existiu a afamada região; outros em Africa, em Sofala, e ainda outros na ilha que Cristovam Colombo descobriu e a que chamou Spagnola.

S. Jeronimo disse que Heber, patriarca dos hebreus, teve dois filhos aos quais chamou Phaleh e Jactan.

Estes dois filhos nasceram-lhe na ocasião em que a lenda fixa a divisão de todas as linguas da Babilonia. Jactan por sua vez teve treze filhos, dois dos quais se chamaram Evila e Ophir que foram habitar a India, entre o Ganges e Malaca. Por esta razão, a região do Ganges se chamou Evila e á de Malaca Ophir.

Parece que, fundamentando-se no que disse S. Jeronimo, é que Josepho disse que a região de Ophir, donde levavam o ouro a Salomão, era a ilha de Samatra, situada na India, na costa de Malaca.

Esta opinião é confirmada por Rabano que disse ser Ophir uma ilha deserta no mar da India, onde havia muitas feras e muito ouro, e por Nicolau de Lyra.

Deduz-se pois destas opiniões autorisadas que Ophir é na India.

Mas Vatablo Parisiense é que não concorda com estas opiniões e revindica para uma ilha descoberta por Cristovam Colombo (Spagnola) a aurea do nome Ophir.

Esta opinião foi posta de parte por impossivel.

A opinião que prevale porém é a de que Ophir é em Sofala, na nossa Africa Oriental, no sitio denominado pelas antigas «Minas da Fura» Diz a Biblia que Salomão enviava as suas náos em busca de ouro a Tharsis, nome porque os gregos designavam a Africa.

O nosso classico Fr. João dos Santos, que visitou a região ai por 1590, escreveu sobre o assunto no seu livro Ethiopia Oriental, o seguinte:

«Prova-se mais, poder vir a frota de Salomão a esta costa da Etiopia buscar ouro da Fura, pois tambem levava pedras preciosas, madeira para o templo, bogios e pavões, como consta de alguns lugares da Escriptura; as quais cousas todas se acham nesta costa, como são perolas finas, e aljofar, que se pescam do parcel de Sofala, entre as ilhas Bocicas, e a rica e preciosa madeira de Caama, em que eu já estive, onde se fazem embarcações de um só pau cavado por dentro, que tem vinte braças de comprido, pouco mais ou menos; e tambem em muitas partes desta costa se cria e colhe muito e fino pau preto que se leva para a India, e vem para este reino. E quanto aos pavões, posto que os eu não visse nestas terras maritimas, contudo não devem faltar pela terra dentro, porque alguns cafres dela tenho visto com penachos na cabeça de penas de pavão muito conhecidas. Pois bogios são infinitos em toda esta costa da Ethiopia, de castas mui diferentes. Já no ouro não falo, porque ha grande copia dele em todo este territorio da Fura. Nem menos da fina prata da Chicova, onde se sabe que ha ricas minas, como adiante direi. Assim que todas estas confrontações parece que provam ser esta terra da Fura a verdadeira região de Ophir».

....

«E, finalmente, não determinando eu esta questão, digo que a serra da Fura, ou Afura, podia ser a região de Ophir, donde se levava o ouro a Jerusalem; pelo que se pode dar algum credito a quem diz serem estas casas (1) feitoria de Salomão, pois estavam na Fura, e o ouro que levavam era do Ophir; nem eu sinto outras minas mais perto, donde podesse sair ouro a Jerusalem; e neste tempo podia Salomão ter o comercio e trato que hoje tem os portuguezes nestes rios».

Não se sabe todavia, ao certo onde é Ophir, embora as razões do nosso classico sejam de peso, e são falsos portanto todos os aphires com que muitas ilustres damas se adornam, comprando-os por preços fabulosos.

E a não ser que a arqueologia nas suas constantes pesquizas encontre alguma inscrição, ou outro elemento, que a autorise a dizer-nos onde fica a maravilhosa região, o mundo continuará na mais completa ignorancia ácerca desta preciosidade dos tempos antigos.

Antonio Lopes.

(1) Ruinas que foram encontradas em Sofala, e que se presume terem pertencido a uma feitoria de Salomão.

Monstruosidade economica

Consiste em consumir recalcificantes e xtractos de carne estrangeiras, se temos no paiz a «Fibrocalcina» e a «Zomobiase» recomendados como se sabe, pelos directores dos sanatorios e dos serviços da Assistencia Nacional.

VIDA SPORTIVA

BOX

Mario Gall contra Simeth

Faustino — Goffin

Arbitro o amador Rosa Brito

A convite dos organisadores da festa de «box» que no domingo ás 17 horas se realisa no Stadium, presta-se gentilmente a arbitrar os dois combates que se disputam o distinto amador Rosa Brito, que no passado domingo desempenhou identica funcção, tendo em absoluto agradado a fórma correcta e scientifica como se conduziu no dificil mistér de juiz.

Como os nossos leitores sabem já inspira-se nesta festa o match-revanche entre Simeth, campeão suisso, e Mario Gall, um dos boxeurs que mais se tem evidenciado no nosso paiz. Simeth faz a sua despedida pois tem de partir para satisfazer novos contractos no estrangeiro. Compreende-se facilmente quão não será o seu desejo de levar mais uma victoria no seu record, ámanhã sobre Mario Gall, que é um boxeur classificado de 1.ª série pela Federação Franceza de Box. Mas Mario Gall tem os mesmos desejos de victoria porque isso ira certamente contribuir para aumentar o numero dos seus discipulos, visto que presentemente se dedica tambem ao ensino.

Realisa-se tambem um combate entre Faustino Pereira que tanto se tem evidenciado nos ultimos tempos, e o belga Goffin, que, apesar de mais leve, tem condições para tornar o combate equilibrado, visto que é muito scientifico e conhece melhor os segredos do «ring». Além disso, ele declara que bate mais forte que Faustino. Na verdade Goffin mostrou no seu combate de domingo passado que conhece «box» e bate bem, esquivando-se superiormente.

Foram hoje postos á venda na Rua do Alecrim, 69 2.º, bilhetes de «ring» e camarotes para esta festa.

Travessia do Douro

O Club Fluvial Portuense, tenciona realisar no proximo dia 11 de setembro a travessia do Porto a nado, prova que ele vem organisando com minucioso escrupulo, procurando fazer com que ela resulte verdadeiramente brilhante e atraia grande numero de concorrentes, o que é de esperar, visto ter enviado convites a todos os clubs do paiz. Segundo parece, virão tambem nadadores de Vianna do Castelo.

E' grande o numero de premios que o Fluvial distribuirá, sendo contemplados todos os concorrentes, mesmo aqueles que desistam durante o percurso receberão uma medalha.

O 1.º e 2.º classificados receberão, além da medalha conferida pelo club, uma outra que um grupo de socios oferece, de modo a premiar os cinco primeiros nadadores, tendo os classificados em 1.º e 2.º logar, direito a duas valiosas taças.

Cada nadador será acompanhado pelo seu respectivo barco, sendo de esperar que esta flotilha dê ao rio um aspecto verdadeiramente agradavel. Assistirá tambem á travessia o chefe do Departamento Maritimo, sr. almirante Alfredo Howel, que trará a respectiva lancha a gazolina, esperando-se tambem a comparencia do sr. general de divisão, o presidente da Camara Municipal e outras entidades oficiais.

Taça «Labôr»

Como noticiámos no dia 2 de outubro proximo o Fluvial promove tambem no Douro a disputa da «Taça Labor et Libertas», que deve despertar verdadeiro interesse, pois nesta prova de remo a tripulação de «seniors» do Fluvial, que esta sendo submetida a um rigoroso treino, contendo elementos de valor, defrontar-se-ha com a tripulação da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira, bem como com a do Ginasio Club.

Touradas

«Maera» e «Gorcito», matadores de touros, e o comico «Chispa», esta noite no Campo Pequeno

O publico de Lisboa vae esta noite apreciar pela primeira vez dois espadas que hão de agradar-lhe sem reserva porque o seu toureio é variado e elegante e porque são habilissimos em bandarilhas. Por acaso a imprensa de ontem, publicando um telegram. de Puerto de Santa Maria, em que se noticiava a alternativa de «Maera»,

Manuel Garcia «Maera»

dada por Rafael el Gallo, fez o maior elogio do novo matador, que alcançou ali um triunfo formidavel. E' esse um dos espadas desta noite no Campo Pequeno. O outro é José Corce «Corcito» cuja especialidade em cambiar ferros de palmo na cadeira é famosa. Tambem verá o publico pela primeira vez o mais celebre toureiro comico, Charlot-Chispa, o unico que dá o salto da prancha por cima dos touros e que se faz acompanhar dos seus Max Linder e Botones. Os comicos lidarão dois bonitos garraios, que como os seis touros destinados á lide formal, pertencem ao lavrador sr. Antonio Luiz Lopes. Os touros estiveram ontem expostos ao publico, que apreciou os belos tipos e tratamentos.

Os nossos artistas são o cavaleiro Ricardo Teixeira e os bandarilheiros Cadete, Rocha, Luciano, Custodio e R. Raposo, tomando ainda parte na corrida o toureiro «Malagueño» e um grupo de forcados chefiado por Chico Marujo.

As touradas de Merida

As corridas de Merida, tanto pelos matadores anunciados como pelo facto de tomar parte na primeira o nosso notavel cavaleiro José Casimiro, chamaram as atenções dos nossos aficionados, que já ontem começaram a sair em grande numero, José Casimiro lidará, no sabado, dois touros em pontas, expressamente comprados ao sr. Emilio Infante da Camara e que se não morrerem dos rojões, serão estoqueados por um dos mais afamados novilheiros.

Em hoje á espanhola serão corridos no sabado seis touros de D. Manuel Albarran, de Badajoz, e no domingo de D. Alipio Perez Tabernero, de Salamanca, sendo os matadores encarregados de estoquea-los os famosos espadas Juan Belmonte, Lacio Sanchez Mejias e Manuel Gimenez «Chicuelo», com as suas magnificas cuadrillas de picadores e bandarilheiros, entre os quais ha toureiros de verdadeiro renome.

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

1807 — 60.000$00

4171	10.000$00
561	4.000$00
580	2.000$00

130	500$00	1805	200$00
2054	500$00	1806	200$00
3996	500$00	1808	200$00
4249	500$00	1809	200$00
4568	500$00	1810	200$00
6880	500$00	2274	200$00
7038	500$00	3152	200$00
7249	500$00	3488	200$00
466	200$00	4446	200$00
1801	200$00	5322	200$00
1802	200$00	6299	200$00
1803	200$00	7476	200$00
1804	200$00	7559	200$00

As duas aproximações com 605 escudos cada, foram os seguintes: 1806 e 1808.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

Até ás 17 horas risse muito e aprovam-se dois projectos

A's 15 horas o sr. Presidente manda proceder á chamada. Presentes poucos legisladores. Espera-se. A's 15,45, como ainda não haja numero, o sr. Afonso Maldonado usa da palavra, no proposito bem claro de entreter a Camara até haver numero.

O caso porém redunda num verdadeiro pagode, segundo a opinião do sr. Vasco Borges. Aquele deputado da maioria começou por censurar o procedimento das minorias, complicando os trabalhos da Camara.

Os democraticos riem, a bom rir.

O sr. Carvalho da Silva em aparte:

—V. Ex.ª está na eira do trabalho!

O sr. Afonso Maldonado continuando refere-se aos «homens que se sentam naqueles «fauteiles» (aponta para a bancada ministerial).

O sr. Vasco Borges atalhando:

—«Fauteiles» de orquestra?

(Risos, ditos alegres, grande balburdia).

O orador, apesar da grande parodia que está provocando, continua:

—Ha assuntos de alta importancia...

—O sr. Carvalho da Silva: como esse de que V. Ex.ª está tratando...

O orador: prosseguindo: que este grupo...

(Uma tempestade de gargalhadas e apartes).

Vozes: Já é grupo? Bravo, sim senhor! Não sabiamos!

O Partido Liberal é um Grupo! Ficamos sabendo!

O sr. Maldonado sente-se atrapalhado com o brodio que está provocando. Mas como ainda não haja numero, continua nas suas considerações que cada vez mais são motivo de risota e de ditos de espirito, até mesmo da parte dos seus colegas da maioria.

O sr. Torres Garcia invoca o regimento que não permite que nenhum orador, antes da ordem, use da palavra durante mais de dez minutos.

O sr. Almeida Ribeiro pregunta ao sr. Presidente se o governo sabe que as sessões na Camara começam ás 13 horas, e se não sabe qual o motivo porque não é avisado.

Seguidamente o sr. Presidente põe em discussão o projecto, concedendo 150 contos para a Misericordia do Porto.

O sr. Plinio Silva, em vista da Camara estar na disposição de socorrer estabelecimentos de caridade, pede tambem aumento de subsidio para a Misericordia de Elvas.

Resolve-se que baixe ás comissões. Sobre o projecto em discussão usam ainda da palavra varios oradores assim como o sr. ministro do Trabalho, apesar do debate politico ainda não ter sido encerrado. Por fim é o projecto aprovado tanto na generalidade como na especialidade.

O sr. Agatão Lança pede que entre em discussão o projecto de lei concedendo aumento de pensão á viuva do heroico tenente Casosis. O projecto entra em discussão e é aprovado.

O sr. Torres Garcia ocupa-se do questão de instrução.

O sr. Jorge Capinha trata do pão, mandando para a mesa uma proposta para que a Camara estabeleça, ainda que provisoriamente, para os trigos do corrente ano cerealifero, o preço maximo de 50 centavos.

O sr. Antonio Luiz Gomes, desenvolvendo a politica republicana desde 5 de outubro, refere-se aos bons tempos da propaganda, em termos de uma critica mordaz, concluindo por entender que dentro em pouco a Republica em Portugal será uma Republica de Comendadores.

A' hora de fecharmos continua a sua critica em termos deveras caustivantes.

No Senado

O sr. Ramos Pereira requere que pelo ministerio da agricultura lhe sejam fornecidos esclarecimentos relativos ao celeiro municipal de Caminha sobre o levantamento de 10 contos, em 1919, e sua liquidação.

O sr. Jacinto Nunes insiste mais uma vez para que lhe sejam fornecidos documentos relativos aos celeiros municipais, pois que ha uma camara municipal que deve 2500 contos e não quere pagar.

O sr. Julio Ribeiro declara desejar interpelar o sr. ministro do trabalho acerca da demissão do sub-delegado de saude de Leiria.

O sr. presidente interrompe a sessão ás 15,30, até se apresentar o governo.

A's 17 horas o sr. presidente encerra a sessão, em virtude do novo governo não poder apresentar-se ao Senado, constando da ordem do dia para amanhã, convocado o Senado, a eleição da comissão de colonias e de um vogal para o conselho superior de finanças.

A questão do pão em Evora

EVORA, 1 — Ontem e ante ontem, no Teatro Garcia de Rezende e a convite duma comissão de operarios, tem havido reuniões para protestar contra a subida de preço do pão. O teatro apinhado de povo é presidido o sr. Claudio Percheiro, amanuense do governo civil, como presidente da Junta de freguesia de S. Mamede. Sabemos que a farinha que será fornecida a 90 contos aos industriais de padaria, sendo-lhe só por preço mais elevado, atendendo a que a moagem comprou o trigo e 62 e 64 contavos, a lavoura. — (H.)

Notas politicas

Uma solução de continuidade...

Introduziu-se hoje, no Camara dos Deputados, uma inovação — que nos afigura absolutamente inedita. A apresentação no Parlamento do governo Granjo, que ficou d'ontem para hoje, sofreu uma interrupção, cujo autor foi o sr. Lima Duque, ministro do Trabalho.

O caso foi que este ilustre ministro do novo governo entendeu oportuno responder a preguntas dum deputado antes que o sr. Antonio Granjo, chefe do governo, tivesse dito da sua justiça nos debates sobre o programa ministerial. Ha, nestas coisas, praxes estabelecidas pelo uso, praxes que não é licito revogar de pé para a mão. O raciocinio mais simplista ensina, aliás, que não é licito que um ministro fale sobre actos da sua administração, antes de se saber se a Camara aceita ou não o programa ministerial. Chama-se a isto: confiança, Manifesta-a Camara a favor do Governo? Ou, pelo menos, não lh'a nega? E' de presumir que sim. Mas só se sabe, de certeza, no fim dos debates e, até lá, só falo o chefe do governo por todo ele. Eis-o que da solução de continuidade imposta pelo sr. ministro do Trabalho nenhum mal virá. Mas... «est morus in rebus», como dizia mestre Pertunhas, nosso saudoso professor de linguas mortas.

O sr. ministro da Guerra e o problema dos oficiais milicianos

O sr. Freitas Soares, ministro da Guerra, não encontrou ainda a formula perfeita para resolução do caso dos oficiais milicianos. E não encontrou porque ainda não destinou a meia hora indispensavel para o estudo detalhado da questão. Sabemos, todavia, que o sr. ministro da Guerra vai lêr o projecto de lei que já existe na Camara dos Deputados, habilitando-se assim a adopta-lo na integra ou a redigir as emendas que julgar util introduzir-lhe. O Governo entende, aliás, que este caso deve ser arrumado em breve e definitivamente.

O contrato dos 50 milhões de dollars

O sr. Cunha Leal enviou hontem, para a mesa da Camara dos Deputados, uma nota de interpelação ao sr. ministro das Finanças, acerca do celebre contracto dos 50 milhões de dollars.

O sr. ministro das Finanças deu-se já hoje por habilitado a responder.

E' de crêr, pois, que em breve se venha a fazer completar luz sobre este caso, tão discutido e tão incompletamente conhecido. Tudo depende agora, da Mesa da Camara.

Pode acontecer que, a proposito do contracto, se generalise a discussão, assumindo os debates o interesse que sempre desperta uma acalorada discussão politica.

Uma inundação de eloquencia parlamentar

Quando o sr. Barros Queiroz apresentou o seu governo á camara dos deputados, os debates foram resumidos a meia duzia de palavras pronunciadas pelos «leaders dos partidos»; agora, com o gabinete Granjo, não está acontecendo o mesmo. Ha, talvez, discursos a mais, com ideas a menos. E assim vão correndo dias e dias...

Os ministros reuniram hoje de manhã na secretaria do interior, em conferencia com o sr. presidente do ministerio, tratando-se ainda de assuntos relacionados com a apresentação do governo ao Parlamento.

Ao contrario do que noticiaram alguns jornais não é verdadeiro terem sido restituidos á liberdade os individuos presos quando do recente movimento da Rotunda e da Amadora.

O director da P. S. E., sr. Jaime Serra presos que nas suas averiguações para os presos e instaurar esses individuos que são 10.

Segundo consta, o sr. ministro das Colonias projecta introduzir varias modificações na actual organisação da sua secretaria, tais como a separação dos serviços de fazenda das direcções gerais a que presentemente estão subordinados, criando uma nova direcção para os mesmos serviços ou restabelecendo a inspecção geral. Parece tambem que com a remodelação projectada o ministro tem em vista a compressão de despesas.

Tem-se suscitado nas estações de marinha divergencias a cerca do aproveitamento ou uso do cruzador «Almirante Reis», que alguns tecnicos consideram navio do mais pobre que dos outros dois cruzadores ultimamente adquiridos.

Em viagem de instrução dos alunos que terminaram o curso da cadeira de hidrografia da Escola Naval, largou hoje do Tejo, pelas 11,30, o aviso «Cinco de Outubro», que se demorará em viagem até fins do mez corrente.

O capitão sr. Cayola vai reclamar contra o exoneração que lhe foi dada pelo alto comissario em Moçambique, das funções que ali estava desempenhando, e provar não terem fundamento as acusações que lhe foram feitas no inquerito feito aos seus actos e acerca do qual não foi ouvido.

Ao contrario do que se julga, funciona secretamente o conselho superior de disciplina do exercito que no proximo sabado reune para julgar o tenente-coronel sr. Liberato Pinto, ex-chefe do estado maior da guarda republicana. Tambem serão secretas as suas resoluções.

A ponte sobre o Tejo

O que diz á CAPITAL o engenheiro sr. Antonio Belo, da Divisão Hidraulica do Tejo

Na Divisão Hidraulica do Tejo fomos ha pouco encontrar o distinto engenheiro, sr. Antonio Belo, secretario da comissão que está encarregada de estudar o projecto apresentado por um engenheiro espanhol para a construção da ponte sobre o Tejo.

Na nossa opinião era este um dos numerosos projectos a acrescentar a tantos outros, como por exemplo o do metropolitano, de ha muito mergulhado nas aguas de bacalhau!

O sr. engenheiro Belo tirou-nos as nossas duvidas, esclarecendo-nos:

—A comissão encarregada de estudar esse importante projecto, tanto na parte técnica como na parte financeira, ainda não concluiu os seus trabalhos, que deve em breve ter concluidos, e por esse motivo eu acho prematura a concessão de qualquer entrevista que verse sobre o assunto.

—Mas v. ex. é de opinião que a ponte vir-se-á a construir?

O sr. Antonio Belo hesita um momento na resposta a dar, e diz por fim:

—Sim, é possivel que a ponte venha a construir-se, e para isso é só preciso que o governo aceite a proposta da empresa espanhola que se propõe efectivar a sua construção.

—E acerca da parte técnica do projecto apresentado?... — insistimos nós, apezar de v. ex. já se ter recusado a pronunciar-se sobre o assunto.

—Eu lhe digo: a questão é deveras melindrosa, porque o projecto de construção é absolutamente original, assentando em novas moldes ainda não experimentados. Os velhos engenheiros que estudaram criteriosamente esse projecto parece que não confiam na sua absoluta exequibilidade, tanto mais que os trabalhos de construção teem de ser feitos, nalgumas partes, á profundidade de 40 metros, o que torna impossivel a qualquer ser vivo a permanencia a semelhante profundidade.

«O ilustre autor do arrojado e interessante projecto, estudou bem este caso, e resolve-o duma maneira deveras interessante e por um processo que até agora era desconhecido.

«E' esse processo realisavel? Ninguem, absolutamente ninguem, o póde afirmar.

«A construção da ponte sobre o Tejo, construida pelo processo do ilustre engenheiro espanhol, é uma verdadeira aventura de técnica hidraulica, em que o seu autor o respeito por confiar demasiado ainda no sucesso da sua importante empreza.

«Na parte financeira eu acho que a construção da ponte é tambem uma aventura, pois estando o seu custo orçado em 75 mil contos, ou cambio de agora, e que, com a peseta a 1$50 centavos, a empreza constructora talvez não conte por ver o seu dinheiro nos 99 anos que exige para a sua exploração, a não ser que a situação economica do paiz contribua que essa data a ser o que é hoje: uma verdadeira calamidade.

«Então v. ex. é de opinião que a ponte não se chega a construir?...

—Eu não disse isto — exclama vivamente o nosso amavel entrevistado —Bem pelo contrario: eu estou convencido de que a ponte se virá a construir, o que eu não sei é se ela oferecerá a necessaria estabilidade, tanto mais que o fundo do Tejo, naquelas partes onde se devem fixar os pilares de cimento armado, e movediço e não oferece a suficiente consistencia, e que dará lugar a leves oscilações, como se observa no cais da Alfandega e noutros locais na margem do Tejo.

Aqui não tem essas oscilações importancia de maior, mas numa ponte são elas gravissima importancia, principalmente no que respeito á distribuição dos esforços, podendo até essas oscilações prejudicar com a ponte em baixo!...

S. Ex.ª falou-nos ainda dum projecto que tencionava apresentar sobre o aproveitamento do rio de Lisboa e alargamento das ruas 24 de Julho e Arsenal, devendo essa palestra constituir assunto para um artigo que em breve ofereceremos a curiosidade dos nossos leitores.

A partilha das indemnisações da Alemanha

PARIS, 1 — No conselho de ministros de amanhã será examinado o acordo de Wiesbaden combinado pelos srs. Loucheur e Rathenau e referente ao pagamento das prestações da Alemanha á França. Consta que o conselho não aprovara esse acordo, a não ser que os aliados façam algumas modificações á repartição do bilião de marcos da indemnisação alemã, em que, segundo a decisão da conferencia financeira, só a Inglaterra e a Belgica terão participação.

Nos meios bem informados faz-se constar que o Conselho Supremo, na sua ultima sessão, votou uma resolução que obriga a comissão das reparações a aplicar sem mais delongas o acordo de Spa. Este acordo, modificando em alguns pontos o tratado de Versailles, permite a interpretação que a Inglaterra, a Belgica e a Italia darão á divisão do primeiro milhão de marcos, tendo a França sómente, como compensação as minas do Sarre.

Consta que a Inglaterra pedirá á comissão das reparações a execução da decisão da conferencia financeira. — (H.)

Os gatunos á solta

Um furto de 500 escudos

Foi preso o soldado n.º 1310, de infantaria 1, por se ter apossado da quantia de 500 escudos, que pertencia a Manuel Joaquim, residente na vila de Estremoz.

Prisão de dois gatunos

A policia prendeu hoje Maria dos Prazeres, do Poço do Borratem, 15, e Antonio Gomes, da rua de S. R medios, 161, por haverem furtado a Antonio Marques, morador no Principe Real ... do Poço do Borratem, 15, a quantia de nove mil escudos ...

—Foi preso tambem o servical Alcinda de Carvalho, rua Garrido, ... Alto do Pina, por furtar ... de ouro no valor de 60 escudos, a ... Barbosa, ... Salitre, 115, 3.º.

"O Tempo"

Comunicam-nos deste jornal o seguinte:

«A exemplo do que fez a «Monarquia», que suspendeu durante uns dias para remodelar os seus serviços, «O Tempo» suspende por um periodo não superior a 8 dias, reaparecendo completamente remodelado e publicando-se com 4 paginas.»

GRECIA

Bombardeamento na Asia Menor

ATENAS, 1 — A esquadra grega tem bombardeado varias cidades da costa da Asia Menor como represalia contra os excessos dos turcos. — (H.)

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Realisa-se amanhã pelas 15,30 do cemiterio dos Prazeres para a estação do Rocio, donde seguirá para Elvas, a trasladação do cadaver da sr.ª D. Maria Rosa Sant'Ana e Silva, filha do coronel de artilharia sr. José Luiz Crisostomo da Silva e da sr.ª D. Maria Carlota Ferreira da Silva e irmã dos srs. José Jacome de Sant'Ana e Silva e do capitão de engenharia e deputado sr. Plinio Silva.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ — A's 21,30 — «De Capote e Lenço».

GINASIO — A's 21,30 h. — «O celebre Pinto».

POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Amor Perfeito».

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-tac».

GIL VICENTE — A's 21,30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

Realisou-se hoje a apresentação da Companhia Luz Veloso, que explorará o Chiado Terrasse na proxima epoca.

As obras vão muito adeantadas, realisando-se a abertura em 1 de outubro.

A assinatura abre no proximo dia 5, no meio dia.

As 7 recitas de assinatura compõem-se, além da da abertura e do original, das seguintes:

«Gioconda», de d'Annunzio; «A Mascara», de Openayer; «Modas e confecções» de V. Villaret; «Por bem fazer...» e «Miagra da Boneca», imitação de Alberto de Moraes e Mario Duarte.

Entraram em ensaios as peças «Mario e Maria» de Sebastião Lopez, para inauguração, «A paixonadamente, de Verolo, a 1.ª recita extraordinaria e «O conselho da Noite» original de Victoriano Braga para a 2.ª recita de assinatura.

Conferencia do desarmamento

Um apêlo ao operariado

NOVA-YORK, 1. — Telegrafam-nos de Atlantic City que Sir Gompers dirigiu um apelo aos trabalhadores dos paizes que tomarem parte na Conferencia de Washington para que insistam perante os seus respectivos Governos, afim de que o Partido Operario tenha representação naquela Conferencia. — (C.)

XXI Concurso de Tiro Nacional

E' no proximo mez de Outubro que se ... o se realisará com o maior esplendor possivel na Carreira de Tiro da Guarnição de Lisboa em Pedrouços.

Desde 15 de Setembro ficará aberta a inscrição para todos os portuguezes que desejem tomar parte.

Inglaterra

Oficialmente a grande guerra terminou ontem á meia noite

LONDRES, 1. — O primeiro regimento de Leinster, que partiu para Oppeln, desembarcou em Antuerpia. O segundo regimento de 1 batalhões deve partir no dia 1 de setembro. O fim da guerra com os inimigos da Inglaterra realisou-se oficialmente no dia 31 de agosto, á meia noite. — (H.)

A CAPITAL

3876 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA—Sexta-feira, 2 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

EM PLENO MISTERIO

Respondendo ás reclamações parlamentares, o sr. Antonio Granjo declarou ontem na Camara que o sr. ministro das Finanças, Vicente Ferreira, iria, em breve, revelar aos representantes da nação os termos do famoso contracto dos 50 milhões de dollars.

E' facil de imaginar o interesse com que o parlamento deverá estar aguardando essas revelações que facilmente se afiguram sensacionais.

O contracto dos 50 milhões de dollars, negociado pelo sr. Afonso Costa em Paris, tem com efeito alguma cousa de misterioso, de fatidico, que acirra justificadamente a curiosidade publica.

Ninguem ignora que ele foi a estrela funesta que presidiu ao gabinete Barros Queiroz; ninguem ignora mesmo que o falecimento politico desse bom republicano e honrado comerciante foi devido, segundo todos os indicios, a esse fatal documento.

Pobre sr. Barros Queiroz! Alegre e satisfeito por ver o seu partido ascender finalmente ao poder e se lhe deparar ocasião de pôr ao serviço da causa publica o fructo dos seus estudos e a sua inegavel dedicação, o digno marechal do antigo partido unionista entrou para o ministerio das Finanças cheio das mais patrioticas esperanças. Velho amigo pessoal do sr. Antonio Maria da Silva, ninguem esqueceu o amplexo fraternal que os uniu na cerimonia enternecedora da posse dum e da despedida do outro. Parecia que a estrada ministerial do sr. Barros Queiroz se abria sobre um limiar de flores.

Ai de nós! Momentos antes, a sós, o sr. Antonio Maria da Silva entregara ao sr. Queiroz um rôlo, que parece nunca tinha sido aberto, e com voz entrecortada de comoção dissera-lhe:

—Tomé! Para que avalies até que ponto vai a minha lealdade e o meu afecto para contigo, aqui tens este rôlo. E' o contracto dos 50 milhões de dollars. Não tive tempo de o ver, mas basta que te diga que foi negociado pelo Afonso. Toma, e sê feliz!

Com o respeito com que os judeus se aproximavam do Tabernaculo, o sr. Barros Queiroz, radiante, rojou as suas belas barbas pelo solo, e pegou no rôlo sagrado. Assim começou a influencia do celeberrimo contracto.

Digamo-lo desde já: estamos firmemente convencidos de que o sr. Antonio Maria da Silva obrou sem malefica intenção. Ele não foi mais do que um agente de transmissão. Mas o que é verdade é que desde então a existencia politica do sr. Barros Queiroz não mais deixou de ardar aos baldões da sorte, até ao instante misericordioso em que a morte do seu governo pôz termo aos seus lancinantes sofrimentos.

Um dia, o contracto, o misterioso, o famigerado contracto, servia para desvendar aos olhos do publico um horizonte côr de rosa; no dia seguinte, sobrevinham as indecisões e os receios; não tardou que, passadas semanas, o contracto se transformasse no quer que fosse de ameaçador e sinistro. E nestas alternativas o sr. Barros Queiroz ia definhando, amarelecendo, estiolando-se, até que um dia a sua voz mal teve forças para se despedir do sr. presidente da Republica.

Foi o contracto, não ha duvida que foi o contracto! Mas que poder de sortilegio terá esse rolo vindo de Paris, firmado por uma assinatura dogmatica? A lenda e a historia contam casos estupendos em que determinados instrumentos de morte foram postos em acção. Assim diz-se que a «acqua tofana» dos Borgias, misturada aos preciosos vinhos da côr do rubi, só passados meses começava a fazer sentir o seu efeito, sendo impossivel salvar da morte o desgraçado que a bebera sem desconfiança. Assegura-se que a celebre Catarina de Médicis tinha ao seu serviço um astrologo habilissimo na sciencia dos venenos, e parece certo que a rainha de Navarra, Joana de Albret, não sobreviveu duas horas ao acto de calçar umas luvas que a grande Catarina lhe oferecera, tiradas dum cofre fornecido pelo astuto Ruggieri. Mas o sr. Barros Queiroz não bebeu nenhum vinho suspeito, não calçou nenhumas luvas, vindas de Paris ou de outra parte. Só pegou no rolo do contracto tragico, e desenrolou, só o leu, e desde então os seus infortunios começaram até ao desenlace que tanto surpreendeu os seus amigos e admiradores.

Pois bem! E' preciso que o contracto seja analisado, estudado, esmiuçado, submetido a todas as provas, para que se saiba de que proveiu a morte ministerial do sr. Barros Queiroz. O sr. Vicente Ferreira vai conduzi-lo com todos os cuidados ao seio da representação parlamentar, como a pele de «chagrin» cujas propriedades diabolicas Balzac fielmente narrou. O tempo já não vai para feitiçarias e sortilegios, e se ha bruxedo no contracto tragico, para que demonio serve a sciencia moderna, se não acabar definitivamente com ele?

DURANTE O DEBATE PARLAMENTAR

Após a crise ministerial

O deputado monarquico sr. Carvalho da Silva diz á «Capital» o que pensa ácerca da actual situação politica e fala-nos sobre a crise economica que o paiz atravessa

—Que nos diz v. ex.ª ácerca do debate politico ocasionado pela crise ministerial?

—Lamento que se tenha perdido tanto tempo a discutir o bom ou mau republicanismo dos parlamentares, e a pureza das democracias, quando o paiz numa situação angustiosa, até ao ponto de pôr em risco a sua propria existencia, o que precisa é de que sem perda dum só dia, se encarem resolutamente os principais problemas de reconhecido interesse nacional.

«Orgulho-me de não ter, até hoje, tomado tempo aos trabalhos parlamentares para tratar daquilo a que justificadamente se pode chamar—a politica de campanario!

«Tratando-se da apresentação dum novo governo e da discussão da sua declaração ministerial, ou seja do seu programa, eu procurei que o sr. presidente do ministerio me informasse do que o governo pensava ácerca dos problemas mais vitais na marcha das coisas publicas.

«Ninguem poderá, com verdade, negar que uma das principais razões de desequilibrio da nossa balança comercial, é a constante diminuição da cultura de trigo e consequentemente a colóssal saida de ouro para pagamento do que necessitamos importar.

«Garantir ao lavrador o preço remunerador para o trigo por ele produzido, é dar um dos maiores passos para uma possivel melhoria cambial, e por isso para uma consideravel redução do custo da vida.

«Dizer: trigo nacional caro, é dizer vida mais barata.

«Só assim se poderá ao mesmo tempo fazer uma consideravel redução de despeza no orçamento geral do Estado, que só com o trigo perdeu o ano passado 78 mil contos!

«Pretendendo-se alargar a area de cultura do trigo é indispensavel, antes de tudo, estabelecer que o trigo nacional será, com a maxima garantia para o lavrador, pago por um preço superior ao custo do trigo hoje produzido em peiores condições no nosso paiz.

«E que isto bem se pode conseguir prova-o o facto de já em 1910 e 1911 termos quasi dispensado a importação desse cereal.

«Decretou o sr. Granjo em 6 de setembro do ano passado que, para garantia do lavrador e como compromisso com êle tomado, o preço do trigo seria este ano estabelecido por uma comissão então nomeada, com representantes da lavoura, não tendo o ministro senão que decretar até 8 dias depois da comissão entregar o seu relatório, o preço por ele estabelecido.

«Perguntei ao sr. presidente do ministerio se estava ou não disposto, em contrário do seu antecessor, a cumprir o que o Estado representado pelo proprio actual presidente do ministerio, aquilo que á lavoura garantia. Nada quiz o sr. presidente do ministerio responder a esse respeito.

«Tambem a s. ex.ª perguntei se o governo pensava em alargar a circulação fiduciária além dos limites a que está autorizado. Compreende V. que tratando-se da principal causa da carestia da vida, nenhum assunto podia sobrelevar este na necessidade de ser esclarecido. Tambem não quiz o sr. presidente do ministerio responder a esta pregunta, seguramente porque considera de muito maior importancia saber se este ou aquele deputado é bom ou mau republicano.

«Não ignora ninguem que a compressão de despesas executada por uma mão de ferro, é uma necessidade de tal ordem que se não fôr prontamente feita com o risco de tornar irremediavel a situação financeira a que criminosamente, como ainda ontem disse na Camara o sr. dr. Antonio Luiz Gomes, a administração republicana levou este paiz.

«Tambem nada quiz o sr. presidente do ministerio dizer-me a esse respeito, seguramente porque como o sr. Barros Queiroz, honrada e patrioticamente, diz na sua carta ao sr. Presidente da Republica, o ambiente que o cerca lhe não permite essa redução de despesas, aliás reconhecida pelo presidente do ministerio demissionario como indispensavel para a continuação da existencia da nossa nacionalidade.

Queixou-se o sr. Barros Queiroz, proclamendo assim a falencia completa do Partido Liberal da fraca defesa dos seus partidarios á obra por ele proposta. E declarou que não constituia novo ministerio porque reconhecia, mantendo-se as mesmas circunstancias, não poderia de nenhuma forma levar a cabo a obra por ele proposta e reputada indispensavel.

«Nestas condições a continuação do governo do sr. dr. Antonio Granjo, constitui, para quem imparcialmente olhe a gravidade da situação do paiz, um crime de lesa-pátria!

«E o sr. Barros Queiroz julgava insuficiente o apoio do partido liberal para levar a cabo essa obra indispensavel; como poderá o sr. Granjo, agora ainda mais devidido de facto, o seu partido encontrar nele esse apoio que ao sr. Barros Queiroz não chegava?

«Chega a parecer inacreditavel que o espirito de facção cegue homens bem intencionados até ao ponto de esquecerem os mais sagrados interesses nacionais para só cuidarem de aguentar clientelas politicas ao mesmo tempo que dia a dia o paiz, que é de todos os portugueses, se afunda a olhos vistos!

«Não quero alongar demasiadamente esta entrevista, e por isso lhe não falo agora das outras perguntas que o sr. presidente do ministerio deixou tambem sem resposta.

«Dir-lhe-hei apenas, para terminar, que a carta do sr. Tomé de Barros Queiroz é a mais eloquente das provas da impossibilidade em que a Republica, representada pelos seus partidos, se encontra de resolver o problema nacional, sendo bem para lastimar que homens de valor e de incontestavel honestidade colaborem por prazer politico, no desabamento da nacionalidade portugueza.

«Oxalá não seja demasiado tarde que a paixão os deixe vêr claro.

«Quanto á atitude dos monarquicos posso afirmar-lhe que ela será sempre despida de quaesquer faciosismos, e tendo em vista, antes e acima de tudo, os interesses desta Patria a que tanto queremos.

POLITICA

Uma pagina da historia...

O deputado X... passa o tempo, á falta de melhor, a contar-nos uma anedota

O nosso amigo X... é um homem de rara erudição. Pena temos nós de não podermos ser o seu historico chronista!

Uma coisa, porém, é ouvi-lo e outra, muito mais dificil (naturalmente...) é dar a reflexão, na prosa desataviada do jornalista, os cizêros do seu altissimo espirito. Este homem é realmente extraordinario e, quanto mais tempo passa, mais cresce a admiração que já lhe tributamos. Agora (veja o leitor!...) revela-se-nos um historiador bem armazenado, sabendo coisas, mesmo publicas, dos Cesares romanos e da sua corte sanguinaria. Onde irá este singular politico descobrir tanta trapalhada? Não sabemos não imaginamos sequer. Talvez tivesse conhecido o imenso Tartarim e aprendido com ele os actos que ilustraram o celebre caçador de leões. Havemos de o interrogar a tal respeito. Mas X... é, por vezes tão discreto que é muito capaz de simular que não leu Daudet. Enfim, veremos. Fica isso para segundas leituras. Por hoje queremos apenas dar sucinto relato duma anedota dos velhos tempos de Roma, — anedota que o grande parlamentar denomina de trecho viridico da Historia. Não lhe perguntámos, por delicadeza, onde iora documentar-se para assim pretender fazer historia antiga, inedita de mais a mais. Fizemos mal. Porque, dessa arte, um vestigio de duvida permanece no nosso espirito, a vorrumar-nos que a historieta não passa de invenção graciosa. Enfim, vai por conta dele, que não de nossa...

—No tempo dos Cesares—começou X...—existiu em Roma um prefeito das guardas pretorianas que gosou de extraordinario prestigio na cidade (e mesmo em todo o Imperio) graças á sua dedicação pelos principios da ordem e da autoridade. Não me recorda, neste instante, quem era, precisamente, o Cesar reinante, mas não se assemelhava, nem de longe nem de perto, a um Nero ou a um Calligula, Não, mil vezes não: era, pelo contrario, um idealista, sempre pairando nas alturas da sublimidade moral. Era um voador mental: dir-se-ia que tinha o instinto do aeroplano que só apareceria muitos seculos depois! Mas não se trata, nesta historia, do Cesar mas sim de um prefeito do palacio, cargo que correspondia nesses longiquos tempos, ao que hoje se designa por chefe do Estado Maior da Guarda Reqnblicana. Ora ouça o que aconteceu ao prefeito romano.

«Como sempre sucede entre povos de cultura atrazada, a politica romana era explorada por dois partidos rivais: um gosava dos favores de Cesar e o outro esperava por esses favores, simulando oposição ao primeiro. O prefeito das guardas pretorianas garantia aos dois partidos o livre exercicio da exploração politica do imperio, caindo sobre a plebe, acutilando-o e trucidando-o, quando ela, faminta, ousava pedir pão e touros. Perdão: não é pão e touros, é «panem et circenses». Desculpe.

E' claro que desculpámos. E X..., satisfeito e muito senhor de si, continuou:

—Um dia (fatal dia!...) acusaram o prefeito de delictos varios, entre os quais o de peculato. Que grande coisa, o peculato. Todo o mundo sabe que, nessas epocas remotas, cada qual deitava a mão ao que podia, importando-se o menos possivel com o bem do Estado. Hoje, felizmente, não é assim. Veja a moralidade que preside á administração publica e compare com os velhos tempos de Roma. Que diferença!

—Não divague, meu amigo. Volte outra vez ao prefeito e acabe a historia que, se fôr muito mais longa, se torna maçadora.

—Em resumo. O prefeito, acusado, defendeu-se mal. Formou-se-lhe processo. O seu partido (a plebe romana chamava-lhe o partido demoniaco, mas era, na realidade, o P. R. P. ou, sem abreviatura, uma qualquer denominação latina, que não retive, mas que poderia inventar, se quizesse. Mas não quero. Impede-mo o honestidade de historiador escrupulosos.

—Mas depois? Que fez o raio do prefeito?

—O prefeito apelou para o partido. Mas este, minado por dissenções intestinas, lançou-o ao ostracismo. E o prefeito foi expulso das guardas pretorianas e formou-se-lhe um processo escandaloso. Mas vingou-se, o diabo do homem!

—E como?...

—Eu lhe conto. O prefeito passou-se para o outro partido, ou antes, para uma das facções dos dominantes. Acolheram-no muito bem, e, sem demora, espalharam-se por Roma homens pagos, que cantavam, em todos os tons, a bravura do processado, a infamia caluniosa das acusações, etc. A opinião da plebe romana voltou-se a favor do prefeito, noutros tempos tão odiado. O seu julgamento foi rapido. E a sua absolvição foi estrondosa!

—Mas isso é uma historia banalissima!...

—Pois é. Mas ouça o final. O prefeito foi reposto na guarda pretoriana Arranjou-as rapidamente a seu gosto. E ainda a plebe comentava a estrondosa reabilitação, quando os guardas pretorianos, entraram no sagrado recinto, varreram o Senado e decretaram uma ditadura provisoria, á espera da Legalidade. Esta, hoje, seria objectivada num novo acto eleitoral. Confesso-lhe que não sei como as coisas se fizeram no tempo do prefeito. O que é certo é que os demoniacos (P. R. P.) foram expulsos da politica, ficando a dominar em Roma no Imperio, por muitos anos, a facção que protegera o prefeito pretoriano.

X... calou-se. Achamos que a historia era maçadora. Mas sempre a vamos aproveitando para ser servida aos outros...

UMA BELA IDÉA DO Sr. Ginestal Machado

Vamos ter 2:000 escolas

«Deixai vir a mim os pequeninos.»

Ora vejam lá se eu não tinha razão, em clamar das colunas de «A Capital» contra a vadiagem da infancia, atribuindo-a á falta de escolas.

O sr. Ginestal Machado acaba de dar-me razão, reconhecendo publicamente que o numero de escolas em Portugal é insuficiente para a nossa população infantil.

E, para pôr entraves á acção corruptora da ociosidade no espirito das creanças, declara que tem na sua pasta um projecto de lei para o credito de 30.000 contos, destinados á creação de 2.000 escolas, que serão espalhadas por todo o paiz.

Disia-me ontem, ali no Café Italia, um dos oradores mais fluentes do nosso parlamento, que o sr. ministro da Instrução era uma boa pessoa, mas bastante rude.

Eu não sei bem o que o meu espirituoso interlocutor queria dizer no seu adjectivo, que não foi bem este, mas que eu preferi por achar o outro... muito parlamentar.

Sim, agora a significação de «parlamentar» mudou completamente, desde que a dentro do Parlamento se disem as ultimas, se partem carteiras e até cabeças. E' por isso que eu classifico a adjectivação do ilustre senador de «muito parlamentar».

Fica esta explicação, para aqueles que não tenham seguido as modificações dos processos parlamentares até ao dia de hoje. Mas nesta rudesa atribuida ao caracter do sr. Ginestal Machado eu vejo disfarçadas raras qualidades de coração que levaram o nosso ministro a reeditar a frase celebre de Jesus: «Deixai vir a mim os pequeninos.»

O sr. Ginestal Machado disse tambem, quando foi da sua recondução, que se sacrificava para não criar dificuldades ao sr. Antonio Granjo, na formação do novo Ministerio. E nós acreditámo-lo, e sabemos que s. ex.ª prefere a sua cathedra no liceu de Santarem á sua secretaria de ministro.

Em ter ficado, já o paiz lhe deve muito, porque cada vez se torna mais dificil achar quem queira ser ministro e até ha quem tenha fugido para a Africa para escapar a essa má sorte.

E' muito possivel até que muito breve se faça o recrutamento obrigatorio.

Isto sem desprimor para quem lá está ou esteve.

Esta vida torna-se cada vez mais sensaborona e, se não brincarmos de vez em quando uns com os outros, ficará insuportavel.

O caso é que esta ideia das 2.000 escolas foi uma ideia felicissima, e de um grande alcance para o melhoramento da sociedade portuguesa.

E foi, certamente, a sua vontade de pôr em pratica o que o seu espirito generoso concebeu, que mais influiu no animo de s. ex.ª para aceitar de novo a gerencia da sua pasta.

E não ha duvida de que é esta a melhor ideia que ha anos tem ocorrido a um ministro da Instrução, no nosso paiz.

O peor é que nós somos um povo de uma indolencia proverbial, um povo que guarda tudo para amanhã. E não é nossa a culpa, é uma força atavica, uma força repressiva de movimento, que faz com que as melhores intenções nunca passem, do nosso cerebro, á realisação sonhada.

Esta indolencia é a tara caracteristica de todos os latinos, mas nós temo-la mais vincada do que nenhum.

Será deste sol que nos amolece até á medula?

Ou, vaidosos como a lebre da fabula, demasiado confiados no nosso valor, deixamos avançar os outros, que a passos miudinhos mas constantes, como os da tartaruga, alcançam a méta muito antes de nós!

Deus nos livre de pensar que s. ex.ª não tenha a força de vontade precisa, para num impeto de energia, quebrar as cadeias do «dolce far niente» tão grato á raça latina. Mas é preciso que o sr. Ginestal Machado se apresse, que o perigo não vem só da nossa natural indolencia; é que pode não ter tempo para fazer o seu gesto redemptor.

E seria pena, porque sendo o sr. Ginestal Machado um professor distintissimo, está naturalmente indicado para gerir a sua pasta com todas as probabilidades de exito. Dele pode dizer-se a frase que a nossa aliada emprega nestes casos:

«The right man in the right place.»

E', decerto, devido ao numero sempre crescente de analfabetos, que a nossa bela lingua está passando tratos de polé.

Dizia Victor Hugo que a cada lingua nova que se aprendia, parecia corresponder uma nova alma.

Viver, sem sabermos a nossa propria lingua, é viver quasi que só pelo instinto animal, é viver sem alma.

Em nome dessas pobres creanças, envoltas ainda nas trevas da ignorancia fazemos votos para que a bela ideia de um ministro seja muito breve um belo gesto.—Mercedes Blasco

POR TERRAS DE ALEM

As dificuldades politicas na Alemanha---Bons exemplos a seguir

A situação politica da velha Germania, embora não se apresente risonha, manifesta sintomas consoladores que permitem alimentar a esperança, já quasi certeza, de que os Partidarios do retrocesso não levarão a melhor nesta lucta gigantesca do reacionarismo imperial contra a Democracia.

A indignação popular pelo assassinio de Erzberger é um indicio de que o povo alemão ainda é capaz de se apaixonar, não pelos homens, mas pelas ideias que eles consubstanciam, quando essas ideias interpretam fielmente o seu sentir.

Prosseguem as deligencias das autoridades, cuja acção o proprio povo e os jornais democraticos instigam para a descoberta dos autores do nefando crime.

Neste momento as suspeitas recaem sobre o ex-cabo Hirschfeld, presumido autor da primeira tentativa contra Erzberger.

Ou seja este ou outro o criminoso, a policia, apoiada pelo povo, não deixará de o descobrir.

A questão generalisou-se, a ponto dos Sindicatos e todos os Partidos Socialistas terem apresentado ao Chanceler Wirth uma resolução, impondo ao Governo o dever de intervir directa e inexoravelmente contra todos os autores de crimes politicos.

Pela sua parte o partido unificado operario acaba de reclamar do Governo alemão:

1.º—O desarmamento absoluto de todas as facções reaccionarias.

2.º—Expulsão de todos os agitadores.

3.º—Eleição dos Chefes do Exercito e da Policia, nomeação de juizes e abolição do estado de sitio.

Como se vê, o movimento dos partidos politicos avançados, dos sindicalistas e socialistas é neste momento uniforme para a defeza da Republica contra o reacionarismo.

Belo exemplo que em Portugal deveria ser seguido na integra.

Ontem realisou-se em Berlim uma grande manifestação anti-reaccionaria em que mais de 500:000 pessoas proclamavam em alta vozaria as suas mais belas aspirações em defeza da Republica.

Segundo informa o «Berliner Tageblatt» (Diario de Berlim), os defensores da Republica Alemã não consentiram ao sr. Westarp, deputado conservador, realisar um comicio nacionalista em Dessau, e para o impedir foram os proprios operarios os que se deram pressa em ocupar o recinto antes que os reacionarios e imperialistas chegassem.

Pretendiam os implicados nas grandes responsabilidades da guerra realizar festejos nacionais, pela victoria alcançada na celebre batalha de Tannenberg, mas as forças operarias e socialistas não lho consentiram.

Era a reacção alemã na Alemanha a querer fazer com Tannenberg o mesmo que em Portugal se quer fazer com D. Nuno Alvares Pereira.

Só conjugando todas as forças democraticas num pensamento unico para a defesa da Republica, ela poderá ser salva, tanto em Alemanha, como em Portugal e por toda a parte.

O problema da India---A propaganda republicano---As ameaças de fome

Não são mais consoladoras as noticias que nos chegam da India. O que a principio tinha meramente o aspecto de uma questiuncula religiosa motivada no fanatismo dos moplahs, agora evidencia-se nitidamente com o caracter de movimento separatista.

Assim parece que a boa estrela de Inglaterra vem a declinar um pouco depois da morte da sua chorada Rainha Victoria.

Agora lhe ressurgiu de um lado a Republica Irlandeza com o seu caracter de irredutibilidade, do outro a India, numa revolução que, iniciada na Costa do Malabar, se desenvolve para todos os lados, e de permeio uma imensa Guerra em que arriscou os seus melhores recursos para no fim não conseguir recolher os melhores proventos.

Sem a Guerra, nem á velha Albion teriam surgido tão graves embaraços a ameaçarem-lhe a preponderancia mundial, nem os Estados teriam caido em tão grande descalabro economico e financeiro, nem o proletariado teria de um salto mortal tentado franquear as ainda quasi insuperaveis barreiras que separam o mundo actual, muito conhecido de todos, da sociedade futura, ideal, ainda hipotetica, conjectural, dependente de varios factores, entre os quais a instrução generalisada e as novas aplicações da sciencia ainda mal conhecidas, mas já intuitivamente antevistas.

As dificuldades da Inglaterra neste momento chegam a parecer invenciveis.

Na Europa tem os seus compromissos liberais as afirmações do sr. Lloyd George a pezarem lhe como chumbo nas suas responsabilidades, a impedirem de sufocar pela violencia os clamores irlandezes.

No Oriente vê-se a braços com os seus valiosos inimigos que lhe levantam dificuldades diplomaticas, pelo menos por toda a parte, e tambem a absoluta impossibilidade de recorrer em absoluto á força, pois fazendo-o, mais generalisa e justifica toda a propaganda que Gandhi e outros «profetas» andam fazendo em favor da Liberdade, da Democracia e da Republica.

Os proprios rajahs que teem já hoje certos interesses que os prendem á metropole, vacilarão quando virem, ou se vierem a ver que a victoria dos chamados rebeldes se aproxima com visos de sucesso.

Não tardará que a fome alastre com tanta intensidade como aquela com que a propaganda da Independencia pela Republica vai alastrando.

A agitação vai sendo imensa, e não concentrada apenas na Costa do Malabar. Já se estende pelo Coromandel; as margens de Oman e Bengala, bem como Madrasta e Bombaim vão se apaixonando pelos ideais da emancipação republicana.

Os telegrafos já registram graves atentados e assaltos ás repartições do Estado em Ottapalam, Puttambi, Ponani e quantos outros lugares.

O terror e a fome pairam.

Sociedade das Nações

Uma emenda a fazer

GENEBRA, 2.—O governo francez remeteu á secretaria geral da Sociedade das Nações uma emenda a respeito da verificação dos armamentos, pedindo que o conselho, se assim o julgar necessario, a examine além das investigações com o augmento previstas. Parece que o conselho convidou a comissão a propor-lhe medidas de eficacia imediata.—(H).

Ainda a proposito da mesma emenda

GENEBRA, 2.—Comentando a resolução tomada pelo conselho da Sociedade das nações relativamente ao programa dos trabalhos e o processo a seguir no que respeita ao regulamento da questão da Alta Silesia, o sr. Leon Bourgeois declarou aos representantes da imprensa que a resolução oferece grandes vantagens, por isso que assegura a execução da tarefa que o conselho todo poderia não assegurar em todos os seus detalhes e garante a opinião publica tranquilidade no que respeita á imparcialidade do processo a seguir. Interrogado a respeito da emenda franceza sobre o desarmamento, o sr. Bourgeois declarou que nada se fará e nada será consentido pela França antes do desarmamento da Alemanha e do cumprimento do artigo do pacto que organisa as investigações e a fiscalisação dos armamentos da Alemanha. —(H).

Belo exemplo de patriotismo

O ilustre medico dos hospitais, sr. dr. Artur Forte de Lemos, que usava extractos de carne extrangeiros, passou a usar a «Zomobiase», logo que teve conhecimento dos seus resultados tão documentados pelos sanatorios do paiz.

Nova crise de trabalho em perspectiva

A industria do livro — As tarifas postais

Continuam a afluir-nos á meza do trabalho as reclamações motivadas pela paralisação forçada dos serviços de composição e impressão do livro nacional.

A nossa fecundidade literaria atualmente já não era muito, mercê das varias circunstancias de toda a natureza que concorrem para a estiolação e decadencia nacional, que tanto se acentuam nas artes, como nos letras, no trabalho e na industria.

Impor-se-hia, portanto, a necessidade de não crear novos entraves, muito menos de natureza insuperavel, quando se trata de formas de actividade que muito importa nos interesses morais e matriais da Republica fomentar e desenvolver.

A industria do livro, e consequentemente todas as industrias que dela dependem, como tipografia, fundição de tipo, impressão, encadernação, fabrico de papel, comercio de drogas e carneiros e tantos outras, tudo está neste momento ameaçado de paralisação, que já começou a fazer-se sentir, se não se modificarem as tarifas dos correios para a estampilhagem de cartas e encomendas postais.

A correspondencia é um dos meios de encurtar distancias, estreitar relações e desenvolver as transacções comerciais nas suas relações internas, coloniais e externas.

A actividade epistolar é um criterio para se avaliar a actividade do trabalho em qualquer paiz.

Não faz sentido que para Espanha uma carta vulgar pague os antigos e classicos 25 reis, para as nossas Provincias Ultramarinas 30 centavos, e 60 centavos ou os classicos seis tostões para paizes estrangeiros!

Nas encomendas conserva-se esta iniqua proporção. Daqui provem que alguns dos nossos casas editoras mais importantes, como por exemplo a Parceria Pereira, recebeu do Brazil e da Africa por todos os vapores contra-ordem para novas remessas, e suspensão das que estavam pedidas.

Como repercussão, nas tipografias paralisa o trabalho assim, como nas industrias correlativas á do Livro, principiando já a aparecer bastante pessoal operario desempregado.

Todavia o inverno avisinha-se, e a fome é inimiga da virtude.

Espera-nos se trate de remediar o mal antes que ele atinja proporções mais assustadoras.

Espanha em Marrocos

MADRID, 2.—O comunicado oficial de Melilla das 11 horas da noite diz que houve tranquilidade durante o dia em todas as regiões da zona espanhola. Ontem em Melilla um autocamião que ia abastecer uma posição caiu numa cova profunda, habilmente dissimulada pelos rebeldes, os quais ao ve-lo cair, avançaram em numero consideravel, atacando as tropas espanholas, travou-se demorada e severissima luta, retirando os rebeldes com grande numero de baixas.

Os projecteis que os rebeldes disparavam das faldas do Gurugú alcançaram um dos bairros de Melilla, espalhando-se ali momentaneamente o panico.—(H).

Greves em Bilbao

BILBAO, 2.—Por motivo de ter alastrado a greve, houve conflitos entre os grevistas e a gendarmaria, ficando morto um grevista e feridos dois gendarmes e cinco grevistas. Os tardo abriram alguns estabelecimentos e circularam os carros electricos o centro da cidade. A cidade e os arrabaldes são percorridos por patrulhas.

Conferencia do desarmamento

Italia tomará parte

WASHINGTON, 2.—A Italia aceitou oficialmente o tomar parte na conferencia do desarmamento.—(H).

VIDA SPORTIVA

BOX

Mario Gall contra Simeth, e Rosa Brito como arbitro no domingo no Stadium

Não fica decerto um lugar vago no Stadium no domingo. E' que ninguem quere deixar de assistir ao combate que se vai disputar entre o campião Simeth e o valente e conhecido francez Mario Gall. Este quere tirar a «revanche» da derrota sofrida ultimamente e Simeth garante que não lh'a permitirá pois agora se vai empregar ainda mais a fundo para o vencer por K. O. Será isto um pouco de basofia ou estará realmente Simeth em condições que lhe permitam executar o soco fatal? Só no ring este ponto se esclarecerá, pois ambos são boxeurs scientificos, batendo forte e esquivando-se bem.

Goffin, o belga que outro dia deixou excelente impressão no publico pelas suas esquivas oportunas e pelo poder do seu soco, vai combater o simpatico Faustino Pereira, que gosa presentemente a grande amisade dos nossos amadores pela forma energica como combate e pelos progressos que tem mostrado.

Rosa Brito, o distinto amador de box, arbitra estes combates obsequiosamente.

HIPISMO

O Concurso da Povoa de Varzim

Após trez dias de magnifico sol e com uma assistencia numerosissima terminou o concurso hipico oficial organisado pelo Sport Club, cujos resultados foram os seguintes: Prova Omnium: 1.º, C. Cabrita, no «Spad»; 2.º, Luiz Margaride, no «Vencedor»; 3.º, Julio de Oliveira, no «Areosa»; 4.º, Falco Pereira, no «Azelha»; 5.º, Ramos Pinto, no «Quim»; 6.º, Tavares Pereira, no «Gaiato»; 7.º, Luiz de Margaride, no «Storm»; 8.º, Tovar Faro, no «Lisboa»; e 9.º, Espirito Santo, no «Vampa».

Prova Nacional: 1.º, Luiz de Margaride, no «Storm»; 2.º, Luiz de Margaride, no «Vencedor»; 3.º, Tovar Faro, no «Lisboa»; 4.º, Espirito Santo, no «Vampa»; 5.º, Ramos Pinto, no «Quim»; 6.º, Falco Pereira, no «Agulha».

Prova Grande Premio: 1.º, C. Cabrita, no «Spad»; 2.º, Julio de Oliveira, no «Areosa»; 3.º, Luiz de Margaride, no «Storm»; 4.º, o mesmo no «Vencedor»; 5.º E. Santo, no «Vampa»; 6.º, Falco Pereira, no «Azelha»; 7.º, Tovar Faro, no «Lisboa».

Prova Parelhas: 1.º, E. Santo, no «Vampa», e Taveira Pereira, no «Gaiato»; 2.º, Castro Cabrita, no «Spad», e Sousa Rosa, no «Garoto»; 3.º, C. Cabrita, no «Spad», e Luiz de Margaride, no «Storm»; 4.º, Luiz de Margaride, no «Vencedor», e Ramos Pinto, no «Quim»; 5.º, Sousa Rosa, no «Marco», e Tovar Faro, no «Dollar».

Prova Caça: 1.º, Tovar Faro, no «Lisboa»; 2.º e 3.º, L. Margaride, no «Storm» e «Vencedor»; 4.º, C. Cabrita, no «Spad»; 5.º, Ramos Pinto, no «Quim»; 6.º, Falco Pereira, no «Agulha», 7.º, Espirito Santo, no «Vampa».

Taça de Honra: 1.º, Castro Cabrita, no «Spad»; 2.º, Ramos Pinto, no «Quim», objecto de arte oferecido pelos Cafés Universal Chinez e Luso; 3.º, Luiz Margaride, no «Storm», objecto de arte oferecido pela Sociedade Hipica Portugueza; 4.º, Falco Pereira, no «Agulha»; e 5.º, Espirito Santo, no «Vampa».

Na Assembleia Povoense realisou-se no ultimo domingo uma grandiosa «soirée» em honra dos concorrentes, realisando-se ali com enorme entusiasmo a sessão solene para a entrega dos premios aos vencedores, presidindo a ela o delegado especial do ministro da Guerra.

Concurso Hipico no Estoril

Estão-se ultimando os trabalhos no campo de obstaculos para o Grande Concurso Hipico que nos proximos dias 24, 25, 27 e 29 se realisa no Parque Estoril. A Sociedade Estoril tem-se esforçado para que essas provas decorram com raro brilho, podendo nós afirmar que se estão preparando verdadeiras novidades, que darão ao concurso excepcional interesse. Afirma-se nos meios sportivos, que disputará essas provas um eximio cavaleiro, que ha anos se encontrava no estrangeiro. O presidente do jury é o distintissimo sportman sr. Rui de Andrade. Em premios serão distribuidos alguns milhares de escudos, um magnifico arreio e valiosos objectos de arte. As inscrições e a marcação de lugares fazem-se na séde da Sociedade Hipica Portugueza, rua Ivens, 56, 1.º

NATAÇÃO

E' neste mez de setembro que se realisa na Povoa de Varzim o grande campeonato da milha no mar, organisado pelo Sport Club, esperando-se a inscrição dos melhores nadadores portuguezes. A Taça que vai ser disputada é elegantissima e valiosa, havendo mais trez premios para os trez primeiros classificados nesta grande prova nautica, que está despertando extraordinario entusiasmo.

Na Povoa de Varzim

Esgrima

No proximo domingo realisa-se na Povoa, o torneio de espada franceza para a disputa da «Taça Povoa de Varzim», ganha o ano passado pelo sr. dr. Rui F. Maier.

Até agora já estão inscritos os seguintes esgrimistas:

Pelo Grupo Armas e Sport do Porto: Adolfo Basto Correia, Eduardo de Almeida Caquet, David Ferreira, Candido Mota e Ricardo Lumbrales; e pelo Centro Nacional de Esgrima de Lisboa: Paulo de Eça Leal, dr. Manuel Queiroz, José Cunha da Silveira e Henrique Cunha da Silveira.

Além da disputa da «Taça Povoa de Varzim», haverá mais 4 premios, sendo um oferecido pelos clubs organisadores, outro por um grupo de senhoras, outro pelo administrador do concelho da Povoa e outro pelo sr. José Joaquim Barbosa.

Mocidade Liberal Democratica

Reune hoje, ás 21 e meia, no Largo do Intendente, 45, 1.º

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA—A's 21,30 h.—«Amor Perfeito».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21.30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Teatro Gil Vicente

Somos informados de que fará parte do elenco desta nova casa de espectaculos a actriz Delmira Serra e Moura e o actor Constantino Carvalho.

Noticias do Algarve

TAVIRA, 1.

Deram á costa na armação de atum «Barril», seis baliotes com nove metros de comprimento.

—Chegou o deputado sr. capitão Jaime Pires Cansado.

—Chegou da capital o administrador do concelho e escrivão de direito sr. Roque Luiz Faria Ponce.

—Está aqui o professor sr. José Manuel Centeno.—(H.)

ULTIMA HORA

Notas politicas

As oposições perante o governo

Desde que se constituiu o gabinete Granjo parece ir-se desenhando, a pouco e pouco, uma maior combatividade por parte das oposições.

A atitude da minoria democratica, que foi de bem acentuada benevolencias perante o ministerio Barros Queiroz, modificou-se agora um pouco, se bem que ainda não fosse declarada a beligerancia entre democraticos e liberais.

Hoje, na Camara dos Deputados, as bancadas democraticas estiveram escassamente concorridas; quanto aos deputados reconstituintes notou-se a sua ausencia absoluta.

Que quere isto dizer? Geralmente interpreta-se como má vontade ao governo, podendo criar-lhe uma dificuldade parlamentar dificil de remover, por ser certo que, se a camara tem funcionado com «quorum», é porque as oposições não teem usado de expediente do jogo de porta, como é de uso denominar-se a artificiosa falta de numero em ocasião de votação. Ha um meio de remediar esta atitude das oposições. Esse meio consiste na assistencia, completa ou quasi completa, da maioria ás sessões. Tem-se tentado isso, sem exito. Está-se tentando ainda, trabalhando o telegrafo a chamar a Lisboa os parlamentares liberais. Ver-se-ha, em breve, até onde chega a devoção ao governo dos deputados da maioria heterogenea tirada, um pouco «á la diable», da manta de retalhos de que se compõe o partido liberal.

Uma circunstancia curiosa contradiz estas interpretações de factos ocorrentes. E vem a ser que, se as oposições pretendessem rialmente embaraçar a acção governativa, consegui-lo-iam requerendo, uma vez por outra, a contagem na Camara dos Deputados. Se as oposições exercerem, a valer, um papel de simples fiscalisação, raro seria a sessão que consumiria todo o tempo que o regimento lhe destina. Quer-nos parecer que, ainda hoje, as votações finais do debate politico, que incidem sobre o programa ministerial, foram realisadas sem «quorum» legal, com o consciente beneplacito das tais oposições nominalmente fiscalisadoras.

A apresentação do governo ao Senado da Republica

A' hora em que fechamos estes ligeiros comentarios está discursando no Senado, o sr. Catanho de Menezes, leader da minoria democratica. O discurso do ilustre parlamentar é longo, analisando pormenorisadamente o programa ministerial.

Referindo-se á autorisação dada ao governo para legislar sobre cambiais, diz o orador:

«O paiz tem os olhos postos no sr. ministro das finanças e em todo o governo. Reclama dele a lei de repressão e especulação cambial. Essa lei já devia estar publicada. Não o foi ainda. Mas eu tenho esperança de que já amanhã aparecerá no «Diario do Governo» o decreto em questão».

O sr. presidente do ministerio, sorri-se, e o senador sr. Julio Ribeiro, vai dizendo:

—Amanhã, ainda não...

A atmosfera politica do Senado é o mais serena possivel. Tudo se concluirá como na camara dos deputados. Os debates encerrar-se-hão sem uma nota de discordancia na harmonia geral da orquestra.

Veremos, para a semana proxima, se o meio se modifica, para melhor ou para peor.

O senador sr. dr. Catanho de Menezes, vai apresentar ás Camaras uma proposta de lei introduzindo algumas alterações na actual lei do inquilinato, afim de imediatamente serem postas em vigor, e antes de ser discutido o projecto de lei sob o assunto do deputado sr. dr. Lopes Cardoso.

O sr. Fernandes Costa, ministro do comércio, deve partir esta noite para a Figueira da Foz, onde vai passar alguns dias.

Tambem, ao que nos consta, o sr. Tomé de Barros Queiroz, parte hoje para a Curia, tencionando ali demorar-se um mez.

Segundo nos informou alguem que muito de perto priva com o sr. general Silveira, ministro da guerra do ultimo ministério, é verdadeira a noticia que correu, de s. ex.ª abandonar o Partido Liberal.

Parece que o motivo que leva o sr. general Silveira a abandonar o partido é a atitude dos seus correligionarios, quando da questão dos oficiais milicianos.

SOCORROS A' RUSSIA

PARIS, 2.—A comissão internacional de socorro á Russia aprovou uma resolução que tem por fim animar a acção das organisações caritativas com o fim de reunir os fundos e generos e obter dos respectivos governos toda a assistencia possivel em favor da Russia. A respeito do estado sanitario da Russia a comissão exprimiu o parecer de que as instituições organisadas pela Sociedade das nações continuam a sua obra de acordo com a comissão mixta da Cruz Vermelha.—(H.)

Poeira da Arcada

Ao contrario do que afirmam varios jornais, é falso que se tencione restituir á liberdade os individuos implicados nos ultimos acontecimentos da Rotunda e da Amadora.

A P. S. E. trabalha nos processos a instaurar a esses 16 individuos presos e só depois serão removidos para o Tribunal de Defesa Social.

O sr. ministro do interior deu hoje recepção á oficialidade de policia.

Continuam bastante adiantados os trabalhos de construção do novo manicomio do Campo Grande.

Consta que vae ser aberto um novo credito, destinado á construção dum cemiterio anexo.

O sr. ministro da Agricultura tem estudado com bastante interesse algumas medidas, tendentes a reprimir a falta de pão que já começou a sentir-se na cidade.

O senador sr. Silva Barreto reassumiu as funcções de chefe da segunda repartição da direcção geral de ensino primario e normal, ficando tambem exercendo interinamente as de director geral.

Os funcionarios do ministerio do Interior cumprimentaram hoje o chefe do governo, fazendo as apresentações o director geral sr. dr. Carneiro de Moura.

A oficialidade do corpo de policia civica de Lisboa cumprimentou hoje os srs. ministros do Interior e da Guerra.

Tendo partido para Barcelos, no goso de licença, o sr. Marques de Azevedo, chefe da primeira repartição da direcção geral de ensino primario e normal, fica exercendo estas funcções o sr. Horta e Costa. As funcções de director geral interino de ensino secundario, que estavam sendo exercidas pelo sr. Marques de Azevedo, passaram para o sr. Kemp Serrão, director geral interino de ensino superior.

CONFLITO HELENO-TURCO

ANGORA, 2. — Depois de dois dias de combate a leste de Sangarios, os gregos que tentaram em vão romper a frente turca, começam finalmente a retirar. Os turcos preparam-se para os perseguir.—(H).

O desastre Grego

PARIS, 2.—São contradictorias as noticias dos ultimos dias sobre as operações grego-turcas. Apesar do exagero das informações de Constantinopla acredita-se que os turcos tenham obtido alguns sucessos e que pelo menos, a ofensiva grega teve que se deter ante as fortes posições dos turcos a leste de Sakaria.

E' significativo o laconismo dos comunicados gregos. Se até 15 do corrente os gregos não conseguirem derrotar os turcos a campanha está perdida para os gregos porque começará o inverno naquela região.—(H).

Situação dubia

SMYRNA, 2. — A situação na frente da Anatolia continua obscura. Os gregos deliveram-se ante as posições turcas fortemente ocupadas e apoiadas por fortes reservas. Ignora-se se os turcos tencionam resistir mais proximo de Angora ou na linha do Skaria tentando lançar dahi a sua contra-ofensiva.(H).

Socorros á Russia faminta

Uma Comissão Internacional de inquerito

PARIS, 2.—A comissão internacional de socorros á Russia decidiu, sob proposta dos delegados inglezes, enviar á Russia até ao dia 15 de setembro, se o governo dos soviets o consentir, uma comissão de peritos que procederia a um inquerito nas regiões assoladas pela fome. Nessa comissão serão representadas cinco potencias cada uma das quais designará, no maximo, cinco especialistas encarregados de estudar respectivamente as medidas de assistencia contra a fome, a questão dos transportes, os socorros medicos, as questões agricolas e os problemas de ordem administrativa.

O inquerito versará sobre um grande numero de questões relativas á emigração da população perseguido, ao desenvolvimento possivel das epidemias, aos recursos da Russia, á situação alimentar, ás medidas tomadas pelo governo sovietista para valorisar os recursos do paiz, aos meios de auxiliar a Russia, á natureza das mercadorias e aparelhos a importar, aos logares da distribuição e aos meios de transporte dos generos alimenticios para certos territorios.

Propaganda bolchevista

RIGA, 2. — Dizem de Moscou que 300 alunos da escola de propaganda bolchevista munidos de dinheiro e brochuras em todas as linguas asiaticas, acabam de partir para a Mongolia e para a India para ahi fomentarem a agitação.—(H.)

Tiros isolados

Ontem, por volta das 11 horas da noite, pouco depois de ter faltado na cidade a luz electrica, ouviram-se tiros nas proximidades do Matadouro.

Foram as sentinelas do quartel da G. N. R. no Matadouro, que alarmados com a subita negrura da noite julgaram talvez azado o momento para dar tiros... para o ar. Pouco depois as sentinelas do quartel do Cabeço de Bola e da Escola Militar respondiam com duas descargas.

«E mais nada»...

Parlamento

Nos Deputados

Preside o sr. dr. Jorge Nunes que ás 13 horas manda proceder á chamada.

Estão presentes poucos legisladores. Por isso a leitura da ata e do expediente faz-se morosamente.

A's 13,30 chegam varios deputados. O sr. Ribeiro de Carvalho pergunta ao sr. Presidente se em sua opinião o Congresso tem ou não poderes constituintes.

O sr. Presidente diz ter-se interessado pela questão e acompanhado de perto tudo quanto se tem dito sobre o assunto. Vê que as opiniões são diversas e não sendo a Constituição clara neste ponto, entende dever partir do Poder Legislativo qualquer iniciativa sobre o assunto.

Seguidamente lê-se na mesa um oficio vindo do Senado participando que o projecto concedendo uma gratificação aos empregados do Congresso sofreu naquela Camara algumas emendas no sentido de a gratificação, que importa em 26 contos, ser concedida de uma vez, ao contrario do que o projeto, por proposta do sr. Antonio Mantas, estipulava.

Segundo o projecto aprovado nos Deputados a gratificação era concedida, mas com a condição de se pagar agora até onde a Comissão Administrativa do Congresso podesse, ficando o resto do pagamento para quando a mesma Comissão tivesse em cofre o dinheiro necessario.

O sr. Ribeiro de Carvalho, concorda com as emendas e alvitra que a gratificação seja extensiva as empregadas da estação telegrafica.

O sr. Almeida Ribeiro, pede tambem gratificação para as forças de policia e Guarda Republicana que fazem serviço no Congresso.

Aprovam-se as emendas.

A seguir entra em discução um projecto da iniciativa do Senado reintegrando no Exercito o coronel sr. Van-Zeler.

O sr. Torres Garcia insurge-se contra o facto, dizendo ser uma vergunha a reintegração dos militares que durante a guerra, por cobardia, fugiram ao cumprimento dos seus deveres e que agora por conveniencia desejam ser reintegrados.

A discussão é suspensa para dar lugar á continuação do debate politico: votação da moção do sr. Mario de Aguiar e da proposta do sr. Jorge Capinha, a primeira para que se constitua um governo nacional e a segunda estipulando o preço de $50 para o quilograma de pão em Portalegre.

Foram: a primeira regeitada, e a segunda para a Comissão de Agricultura, depois de sobre esta ultima se ter trocado algumas explicações.

Os srs. Paiva Gomes e Almeida Ribeiro chamam a atenção do sr. ministro das Colonias para dois decretos promulgados pelo seu antecessor, criando novos lugares nas colonias, que reputam inconstitucionais.

O sr. ministro das Colonias concorda com as considerações dos srs. Paiva Gomes e Almeida Ribeiro, mas declara ser um mau precedente os ministros revogarem os decretos dos seus antecessores, pelo que lhe parece melhor a revogação dos decretos em questão ser proposta pelo poder legislativo.

Nesta altura o sr. Presidente suspendeu a sessão para confeção das listas para eleição dum vogal para o Conselho Fiscal da administração da Caixa Geral de Depositos.

Feita a votação, foi eleito o sr. Julio Cruz.

Seguidamente entra em discussão a proposta sobre os coeficientes a aplicar ás taxas de contribuição industrial.

Sobre o assunto usam da palavra os srs. Belchior de Figueiredo e Corvalho da Silva que á hora a que fechamos este extrato está ainda no uso da palavra, condenando a proposta.

São 17,15.

No Senado

Antes da ordem do dia

O sr. André de Freitas, envia para a meza uma representação das moradoras do Convento das Merceeiras solicitando que, a exemplo do que se fez ás moradoras do Instituto, o Estado lhes conceda um subsidio.

O sr. Fernandes do Rego, requereu urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei elevando a 3 contos a pensão á viuva do oficial de marinha Raul Cascaes. Concedida a urgencia e dispensa, é o projecto aprovado, depois de sobre ele se terem pronunciado os srs. Julio Maria Batista, Pereira Osorio, Julio Ribeiro e Herculano Galhardo.

O sr. presidente declara ter nomiado, de acordo com a Camara, os srs. Mendes dos Reis, Oliveira Santos e Ernesto Navarro, da Comissão de Colonias para a Comissão Organisadora do Congresso das Colonias.

Apresentação do governo

A's 15,30 horas entra na sala o novo governo que ocupa os seus «fauteuils», sendo imediatamente dada a palavra ao sr. presidente do ministerio, que leu á Camara a declaração ministerial, conforme o fez na outra Camara, e os nossos leitores já conhecem.

O sr. Celestino de Almeida, em nome dos senadores do P. R. Liberal sauda o governo, continuando no uso da palavra á hora de encerrarmos este extracto.

Malas Postais

Pelo vapor Limburgia são amanhã expedidas malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, e pelo Wolfram, para a Madeira, Las Palmas, Bisau e Bolama e para a Africa Oriental via Madeira.

A ultima tiragem de correspondencia caixa geral é ás 8 horas para o primeiro e ás 14 para o segundo, fechando os registos as 12 horas.

A Alfama em estado de sitio

Manifestações de doenças infecciosas

Pelas primeiras horas da manhã de hoje começaram a circular pela cidade boatos, que infelizmente tinham algum fundamento, de que para os lados de Alfama ocorriam casos desusados.

Quando ali chegámos, depararam-se-nos dois carros automoveis da Cruz Vermelha e trez macas de Bombeiros Voluntarios Lisbonenses.

Em Alfama não havia vivalma, a não ser a policia, algum pouco pessoal da Cruz Vermelha e meia duzia de ocooteiros da A. C. M.

A policia recebeu ordens terminantes para impedir a passagem a quem quer que fosse, para alem de determinada area.

Do predio 74 foram removidos todos os inquilinos por suspeita de doença infecciosa, cujos sintomas são conhecidos pela vermelhidão expontanea da barriga da perna e que parece chamar-se mubu-lepra.

Um ataque vigoroso em Marrocos

MELILLA, 2.—Os mouros investiram violentamente com Beni-Sicar, ouvindo-se até muito longe o violento tiroteio. A guarnição espanhola teve de fugir.—(C.)

BRAZIL

O parlamento brazileiro

RIO DE JANEIRO, 2.—A camara dos deputados resolveu prolongar a sessão legislativa até ao dia 31 de outubro.—(A).

Conferencias

Com o sr. dr. Fernandes Costa, ministro do Comercio, conferenciou hoje o sr. J. Voetelinck, vice-consul de Portugal em Amsterdam.

Touradas

Campo Pequeno

Realisa-se hoje, ás 21,30 a corrida que hontem não se pôde efectuar. Os elementos são os mesmos: os espadas «Macra» e «Corcito», os toureiros comicos «Charlot-Chispa», «Max Linder» e seu Bolonez, o cavaleiro Ricardo Teixeira, alguns dos nossos melhores bandarilheiros, um grupo de forcados touros e garraios de Antonio Luiz Lopes.

Setubal

[illegible] de Francisco Vitorino [illegible] que no domingo se [illegible] em Setubal. A cavalo toureia o [illegible] Justiniano Gouveia e [illegible] E. Cabola e A. Carvalho [illegible] forcadores João Simões e Eduardo [illegible] e os praticantes José Patrocinio, Toio Nunes e Elias [illegible] forcadores são de Setubal.

O amador Rey Coelho, irmão do bandarilheiro Agostinho Coelho, [illegible] um touro.

Ha preços muito reduzidos nos comboios, e um comboio especial para a corrida, ás 14,30. Os preços [illegible] são tambem muito baratos.

A CAPITAL

3977 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 3 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Entre dois decretos

Reuniu, sob a presidencia do sr. Antonio Granjo, como já reunira sob a presidencia do sr. Barros Queiroz, o conselho de ministros para tratar do decreto dos cambios. Mais uma vez ficou adiado; mais uma vez a questão do decreto sofre um compasso de espera. Quem sabe que essa questão é fundamente, quem observou a rapidez com que a camara, louvavelmente, aprovou a lei que o governo lhe pedira para regularisar o assunto, concedendo-lhe uma larga autorisação, a fim de que nada podesse limitar os seus esforços em tal sentido, deve sentir-se surpreendido ao verificar que, de cada vez que esta questão vai ao conselho de ministros, se emperra, resolvendo-se a dificuldade com sucessivos adiamentos.

E, entretanto, a população vive ansiosa. As sua atenção concentra-se nos dois discretos que devem resolver o problema. Porque o decreto que o conselho de ministros está congeminando não é o unico para tal fim. Ha dois decretos. Um é do governo regular, que tem a lei a seu favor; o outro é o da justiça popular, para a qual o sr. Barros Queiroz apelou, conferindo-lhe direito de cidade. O primeiro ainda não se sabe, na realidade, quando começará a vigorar. Mas o segundo tem praso fixado. Se até ao dia 8 do corrente mez o cambio não atingir uma divisa sensivelmente mais alta, entrará em acção a bomba de dynamite, fazendo ir pelo ar este ou aquele Banco.

Não se dirá que a tremenda crise cambial deixará de ser resolvida por falta de decretos. O sr. Barros Queiroz, cuja escrituração é certamente feita por partidas dobradas, deixou as cousas arranjadas de maneira que o cambio ha de melhorar, quer queiram, quer não; quer se execute fielmente a letra da lei, quer se recorra aos processos da violencia revolucionaria.

Tambem já se tentara outro meio: o da mystificação. Foi o do nunca assaz 'us cantado contracto dos 50 milhões de dollars, o contracto fantasma, o contracto-burla, acerca do qual se chegou a afirmar na imprensa terem já sido feitas encomendas, quando nunca isso se deu. Por meio desse contracto procurou-se obter uma subida artificial do cambio, sem se pensar que não ha nada artificial. Com esse contracto fez-se uma especulação ignobil, em que o sr. Barros Queiroz consentiu, chegando-se a assegurar que vinha ai um americano que nunca chegou, verdadeiro homem das botas em que só acreditaram alguns papalvos cuja sorte é andarem sempre a ser intrujados pelo primeiro esperalhão com labia e audacia.

Para nós, foi essa a maior culpa do sr. Barros Queiroz. Poderemos atribuil-a simples incompetencia? O sr. Barros Queiroz era um dos mais severos censores do trabalho dos outros. Volta, não volta, o sr. Barros Queiroz fazia conferencias, largamente reclamadas, em que não cessava de apontar o descalabro do Estado. Ha muito quem pense que o Estado pode ser administrado como uma loja ou uma companhia. Para esses, o sr. Barros Queiroz era o grande homem embora se soubesse que s. ex.ª, sendo administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, ha perto de 11 anos, tendo recebido por esse cargo mais de 100 contos, nada fizera digno de menção nessa Companhia, que está arruinada, falida, apesar de ser a mais importante do paiz.

Deixou o sr. Barros Queiroz ao seu sucessor o intrincado problema dos cambios. Dos contractos não falamos, porque até nem nele já pensa o seu negociador. Deixou a questão dos cambios, com os dois decretos em perspectiva, que o gabinete Granjo dificilmente procura arquitectar, — e deixou alguma cousa peor de que isso: a desconfiança agravada, o descredito crescente, o scepticismo cada vez mais forte confundindo-se com o espirito de revolta latente, do desespero infalivelmente em marcha. E' isso que é mais grave, tanto mais que, de momento para momento, a situação se torna mais alarmante porque a vida se torna mais intoleravel.

FRANÇA

A colheita do trigo

PARIS, 3. — O ministro da agricultura comunicou ao conselho de ministros que a colheita do trigo deve ser de 87 milhões de quintais, incluindo 2 milhões das colheitas da Alsacia-Lorena, o que da um rendimento medio de 18,40 quintais por hectare, o que nunca se conseguiu até hoje. — (H.)

A não se acordo de 13 de agosto

PARIS, 3. — O conselho de ministros resolveu que se devia tratar de novo com os aliados os diversos pontos contestados do acordo finanseiro de 13 de agosto. — (H.)

O principe de Monaco doente

PARIS, 3. — Está bastante doente em Vernet-les-Bains o principe de Monaco. — (H.)

OPINIÕES ALHEIAS

AS CAMBIAES

Como o ilustre deputado X... entende que se poderia resolver a crise cambial

Temo-lo aqui, ao nosso lado, comodamente refastelado numa das poltronas da sala da redacção.

Hoje, sabado, não ha sessão nos Parlamentos. Eufemisticamente se diz que o dia é destinado a trabalhos em comissões; na realidade nenhum parlamentar faz coisa alguma, a não ser gosar um feriado honestamente ganho pelo trabalho extenuante do resto da semana. E o celebre X..., deputado da maioria, veio até aqui, para nos comunicar as suas ideas do governo. Sim, de governo! O nosso ilustre amigo já não cura de fazer figura tribunicia; agora prepara-se para vôos mais altos, tentando alcondorar-se nos pincaros do Capitolio.

Desta vez veio o grande X... (chamemos-lhe mesmo enorme — sem favor...) comunicar-nos a sua maneira de encarar a questão cambial. Diz ele que as ideas expostas são originais, tiradas, inteirinhas, do seu proprio bestunto. Se são ou não são, não sabemos. A nossa ignorancia em questões financeiras é completa, louvado seja o Senhor! E, nossas condições, tambem nos reconhecemos incompetentes para as classificar de boas ou más. O nosso papel limita-se, muito modestamente, a lançar ao grande publico as ideias do futuro Homem do Estado suficientemente recompensados pela gloria, que o acaso nos proporcionou, de ser o seu cronista anonimo.

Ora ouçam o que X... nos disse.

— Ha um erro fundamental na concepção geralmente adoptada acerca da crise financeira e economica do momento. Esse erro, que eu classifico de tradicional, consiste em afirmar, sem cathedra, que a moeda está desvalorisada. Não está tal!

Olhamos espantados para o grande parlamentar. Não, que esta era de tres assobios!

— Já esperava esse espanto. Mas vou convencel-o de que o meu ponto de vista é o verdadeiro. Vá seguindo o meu raciocinio e depois dirá onde ele é falso.

Passamos a beber, sofregamente, as palavras do Mestre, com a mão em concha, detraz da orelha direita, onde o ouvido é, pobre de nós, um pouco duro:

— Quantos milimetros tem um metro?

Respondemos logo, sem hesitar:

— Mil!

— E quantos escudos tem um conto?

Contamos pelos dedos e afirmamos:

— Mil!

— Muito bem, aprovou X..., contente do nossa perspicacia. Agora, digo eu: um metro, se tem mil milimetros, como sempre teve, e um conto mil escudos desde que ha contos e escudos, onde está a desvalorisação, quer da mercadoria quer da moeda?

Objectamos a medo:

— Mas o escudo vale menos...

— Não, vale os mesmos tostões que sempre valeu. E os tostões os mesmos milavos. A coisa é outra...

X... fala doutoralmente. Gosta de fazer render a sciencia que lhe mobila o cerebro. A's vezes é preciso puxar-lhe pela lingua. Nada nos ocorreu, porém, que lhe dizer. E X..., perante a nossa espectativa silenciosa, resolveu-se a continuar:

— Não foi a moeda que se desvalorisou. A mercadoria é que, ao contrario do que diz a sciencia oficial, passou a valer mais. Porque a mercadoria é ouro ou a ele se refere e o ouro está mais caro que antes da crise. Isto parece-me irrespondivel. E tanto que o meu amigo está calado como um peixe! Então, se o mal está no encarecimento do ouro (ou da mercadoria) tratemos de fixar, no menor valor possivel, o preço da sua acquisição. Se o conseguirmos (nos tramitos do possivel) ficará resolvida a questão cambial.

— Hic opus...

— Bem sei. Mas eu passo a descrever-lhe o rabo (a ela e não a si...), no final, o amigo confessará, que é bem simples e bem facil a solução desta aparentemente complicada questão da baixa cambial.

Mas agora vêmos, amigo leitor, que já é longo o artiguelo (todo sugerido por X..., portanto, da sua inteira responsabilidade) e que, ao contrario, é forçoso deixar para o proximo numero a sua conclusão.

POLITICA

Divergencias entre homens eminentes do partido liberal

Bastante se tem escrito acerca da atitude politica dos srs. general Silveira, ex-ministro da Guerra e Moura Pinto, antigo deputado e ministro de Estado. Não estamos habilitados a acrescentar nada de novo, mas as nossas informações confirmam o descontentamento destes dois homens publicos.

O sr. general Silveira, apesar de já não ser ministro, não abandona o seu ponto de vista na questão dos oficiais milicianos e persiste em impor ao sr. Freitas Soares e a todo o gabinete a manutenção dos castigos e a inutilisação da carreira dos oficiais atingidos.

Esta atitude do ilustre oficial general do exercito não se coaduna a nosso ver, com a abnegação patriotica dum verdadeiro homem de Estado — e muito menos com a noção de disciplina partidaria tal como tem sido julgada indispensavel para manter a perfeita união das facções politicas.

Nestas condições, o sr. general Silveira está destinado a ser iliminado da politica nacional, por falta de nitida compreensão do problema dos oficiais milicianos. A não ser, é claro, que se submeta...

Com respeito ao sr. Moura Pinto afirmam-nos que o seu afastamento do partido não virá a tornar-se efectivo, porque se encontrará, com relativa facilidade, uma formula capaz de dissolver a aparente irredutibilidade em que se mantém.

Mas não são estas as unicas dificuldades internas em que se debate o liberalismo republicano. Ainda hontem, no senado, esteve prestes a produzir-se um incidente, que dissolveria, certamente, a paz do ambiente, perturbando a serenidade nos debates sobre o programa ministerial. O caso foi que os srs. Mendes dos Reis e Alfredo Portugal, ambos senadores liberais, alimentaram, até á ultima hora, o proposito de se pronunciarem contra o governo ou, pelo menos, contra alguns dos seus membros. O sr. Alfredo Portugal, que é secretario do senado, chegou mesmo a abandonar a mesa na intenção de fazer uso da palavra.

Tudo se compoz, felizmente. O sr. Celestino de Almeida interveiu e conseguiu demover do seu proposito os dois ilustres senadores. Se o não tivesse feito, os debates tomariam calor, porque outros senadores entrariam nele, dizendo as suas razões, todas, mais ou menos, adversas ao gabinete Granjo.

Ressurgimento Nacional

Recebemos e agradecemos os estatutos deste Partido. E' mais um que volta a ocupar o seu lugar no xadrez da Politica Portugueza.

Neste taboleiro nacional, os lugares de cavalo pertencem incontestavelmente aos habeis cavaleiros Liberais e Democraticos. Não conseguem passar do pé dos peões os Populares, Socialistas, Sindicalistas, Anarquistas e similhantes.

Os lugares de mais honra, reis e rainha, evidentemente para os Comunistas que se apresentam com toda a galhardia dos antigos reis, os denodados campeadores dos torneios singulares.

Ao novo Partido do Ressurgimento Nacional estão indicados os papeis de Bispo, de que se saberá desempenhar brilhantemente.

Se a obra corar os fins, expresso no seu artigo 2.º, — o paiz só terá que se felicitar, porque só assim dariam o «Choque Mate» que prometem e anunciam.

"Traição,,

Com este titulo, seguido do subtitulo «Os grandes criminosos, reus de traição á patria», recebemos um folheto de polemica rija, editado pelo seu autor, o senhor Carlos Ribeiro.

Agradecemos muito e vamos lê-lo.

ALEMANHA

Continua a luta contra os direitos

BERLIM, 3 — Diz o «Wowaerts» que a liga da juventude nacionalista comemorou no dia 1 o aniversario da batalha de Sedan na egreja de Charlottenburg. Relativamente á reconstituição do governo prussiano diz que o gabinete do imperio luta, com apoio dos socialistas contra o perigo das direitas, enquanto que o gabinete da Prussia se apoia nos dois partidos da direita. — (H).

Perseguições jornalisticas

BERLIM, 3 — Dizem de Munich ao «Wowaerts» que os jornais «Wiesbacher Anseiger» e «Deutsche Volsticher Beobachter» continuam a publicar-se apesar da interdição imposta pelo governo.

Os empregados dos correios e ferroviarios recusaram transportar esses jornais mas o primeiro conseguiu ser expedido em automovel tendo profusa venda. — (H).

Eusebio Leão

Ministro no Quirinal

Regressa no proximo dia 5 a Roma o sr. Eusebio Leão, reassumindo as funções diplomaticas que o acreditam junto do rei de Italia.

Acordo comercial

CHRISTIANIA, 3. — Foi hoje assinado o acordo comercial da Noruega com a Russia. — (H.)

Vida insuportavel!

Leite a catorze tostões

Vai assim mesmo para que o povo, principalmente as donas de casa, genuinamente portuguezas, melhor se compenetrem do verdadeiro roubo de que estão sendo victimas na compra do leite, este importantissimo alimento dos seus filhos e mais pessoas de familia.

Chega a parecer um paradoxo, que, estabelecido oficialmente o preço e a densidade do leite, ele transite no mercado, não por cincoenta ou sessenta centavos, como aparentemente se paga, mas por um escudo e meio, e, ás vezes mais, tão disfarçada e sobrepticiamente que quasi ninguem parece dar por isso.

Leite a 2$400!!

Não falaremos por agora nas medições usadas nas leitarias, onde a titulo de meio litro se vende o leite quasi sempre em copos de tres decilitros, como usam fazer os taberneiros com o vinho!

Ainda isto seria um pouco toleravel embora ilegitimo.

O pior é que tanto o leiteiro ambulante como nas leitarias, o leite é destemperado com agua, quando não com urina, como já se tem registrado casos.

A proporção da mistura é de 50 0|0, o que eleva o preço de meio escudo a um, ou seja de 500 a 1.000 rs. da moeda antiga.

Como, porém, nas leitarias o preço é de 60 centavos cada litro, o que equivale a 1$200 com a metade de agua, o que se dão ao freguez como meio litro, copos que apenas levam tres decilitros, resulta que o publico o paga naqueles estabelecimentos á razão de 2$400 cada litro, ou seja 2$400 reis!

Se fosse só isto!

E' que estes preços fabulosos que nos causam vertigem ainda estão muito áquem da realidade.

Os preços ainda são muito mais exorbitantes, e todos trazemos a vida em grande risco nesta hora critica de carestia e peste!

Para que o leite não acuse menos densidade do que a lei exige, embora a fiscalisação seja deficiente e rara, é preciso iludir os areometros ou pezo-leites. Para isso, ao mesmo tempo que se lhe mistura agua, nem sempre boa e limpa, quando não urina, faz-se-lhe a desnatação, em quantidade grande para que o areometro não acuse a burla.

Desta maneira, á exorbitancia do preço por que realmente se paga o leite, acresce ainda a nata com que os leiteiros fabricam essa pessima manteiga que nos impingem a seis e sete escudos, tambem aguada e ás vezes muito salgada para acudir ao peso!

Assim se explica que não haja dinheiro que chegue ás familias; assim se quere justificar a exorbitancia dos salarios e o preço desusado dos generos!

Não haverá em Portugal Serviços de Saude que satisfaçam ás urgencias?

O que faz o nosso Conselho de Saude?

O que fazem os delegados de Saude? De que servem os fiscais? Acaso não veem isto, ou tambem se deixam peitar nesta sociedade de crápula e aviltamento?

Voltaremos ao assunto.

Providencias! providencias!

"Diario da Tarde,,

Completamente remodelado e como orgão oficial da «Acção Tradicionalista Portugueza», reaparece no proximo dia 15 este jornal, que será dirigido pelos srs. dr. Oliveira Monteiro e J. Duarte Costa.

Entre outros nomes valiosos contam-se como colaboradores efectivos os srs. dr. Alfredo Pimenta, dr. Caetano Beirão, Luiz Chaves, Saturio Pires, A. de Freitas Branco, Nicolau de Cusa, Julio de Vasconcelos, dr. João Soares, dr. Camossa Saldanha, etc., etc.

Cruzada das Mulheres Portuguezas

Pelo sr. J. J., protector das crianças a cargo de C. M. P., foi enviado o donativo de 10$00 para a obra «Cassa dos Orfãos da Guerra», acompanhando esse oferta de palavras de exortação.

Feira Campionata de Napoles

Este mez abre a Feira Nacional de Napoles, para um certamen de productos de agricultura, comercio e industria durante duas semanas.

Os portuguezes amigos de *vilegiatura* não devem perder o unico ensejo que se lhes oferece de visitar a bela cidade de Napoles, recostada á beira do mar Tirreno numa planicie que algumas elevações em volta dominam, tendo-lhe sobranceiros o Castelo de Sant'Elmo e os claustros de S. Martinho, e, em frente, debruçado sobre o mar a historica ilha de Capri.

E' ao mesmo tempo, que desfrutarão os soberbos longinquos do Vesuvio, poderão tambem os turistas portuguezes proveitosamente avaliar os progressos que vae fazendo o comercio, a industria e a agricultura italiana.

Uma vergonha

Como o Parlamento compreende a compressão das despesas

Ha dias foi apresentado na Camara dos Deputados, assinado por grande numero de representantes de todos os Partidos, um projecto concedendo aos funcionarios do Congresso da Republica, uma gratificação equivalente a um mez de ordenado projecto que foi aprovado. O caso á primeira vista parece simples e correto. Todavia ele representa um verdadeiro, um autentico assalto aos cofres publicos. Esse projeto foi considerado pela Comissão Administrativa do Congresso como do impossivel, realisação por não haver reservas suficientes para tal; e, em harmonia com essa declaração, o sr. dr. Antonio Mantas, que tem pelas coisas do Congresso uma grande dedicação, não podendo evitar o bôdo mandou para a mesa a seguinte proposta:

«Proponho que á Comissão Administrativa seja permitido fazer uso da autorisação que lhe foi concedida em 16 do corrente á medida que as circunstancias financeiras da Administração do Congresso o permitam sem ficar obrigada a ordenar desde já o abono total da gratificação a que a mesma autorisação se refere.»

Nada mais consentaneo com as boas normas administrativas do que a proposta do sr. dr. Antonio Mantas. Por ela os referidos funcionarios receberiam imediatamente 50 % do ordenado de um mez, ou seja uma gratificação equivalente a 15 dias.

O caso, porém, levantou grande celeuma entre os funcionarios das varias repartições do Congresso da Republica, e sem descansar interciederam junto do Senado, no sentido de ser inutilisada a proposta do sr. Antonio Mantas, que, valha a verdade, a Camara dos Deputados respeitou. O Senado, certamente mal informado, rejeitou a proposta do sr. Antonio Mantas. E' claro que o Congresso não podia depois reunir-se para deliberar em ultima analise sobre o caso, que é tão escandaloso que para ele até foi pedido o silencio dos jornais.

A Camara dos Deputados, por esse motivo curvou-se. E' o mau foi curvar-se, porque logo, apareceu quem propuzesse mais gratificações, umas á Policia outras á Guarda Republicana que fazem serviço em S. Bento, e até á menina do telegrafo, por quem um deputado parece ter certo fraco.

E tudo foi aprovado na ilusão de que a Imprensa se calaria.

* * *

Mas analisemos agora o mais odioso da questão.

O total das gratificações anda á volta de 27 contos, pouco menos que as disponibilidades da Comissão Administrativa, que são as seguintes:

Saldo dos ordenados do pessoal	11 contos
Saldo de subvenções	2 »
Saldo de subsidios aos deputados	11 »
Juros na Caixa Economica	4 »
Total	28 contos

Ora bem. Vê-se pelo mapa acima indicado que ha um saldo de 11 contos proveniente dos ordenados dos empregados.

E sabe o publico porque existe esse saldo?

Porque em harmonia com a lei que não permite a nomeação de funcionarios, para efeito da tão falada compressão das despesas, a Comissão administrativa não pode preencher algumas vagas que existem em varios serviços. Pois esse saldo que devia representar uma economia a entrar no cofre do ministerio das Finanças, foi ontem distribuido pelos empregados do Congresso. Pelos empregados do Congresso que apenas trabalha meio ano. Mas não se contentaram eles com o saldo dos ordenados. Foram mais longe. Foram ás subvenções, e arranjaram tudo quanto lá havia.

Foram aos subsidios parlamentares, e nada escapou.

Foram á Caixa Economica, aos juros, e nem um rial lá ficou. Tudo foi.

E ainda se prepararam para assaltar a verba de 12 contos que, no anno de promover economias, o sr. dr. Antonio Mantas conseguiu com a venda de um automovel.

Foi preciso aquele senhor opor-se energicamente, como se costuma fazer nos montados, para que esse dinheiro escapasse á voragem.

Pregunto: Qual é a Comissão Administrativa que de hoje em diante se preocupa com economias? Que atitude tomará o Parlamento se o resto do funcionalismo publico pedir gratificações? Que direito tem o Parlamento depois disto de pedir redução das despezas, redução do funcionalismo, se na sua propria casa permite, acoberta, semelhante orgia, semelhante desperdicio? Como quer elle a moralidade lamento que o Paiz o tome a serio?

Não será ainda tempo de se entrar em nova vida? De se mudar de processos? De por termo a esta embriaguez que não só nos envergonha com nos arruina?

Antonio Lopes.

A proposito do discurso que o sr. Antonio Maria da Silva proferiu na Camara dos Deputados

O partido democratico não sancionará qualquer movimento revolucionario — declara-nos o seu «leader»

Apos o discurso proferido na Camara dos Deputados pelo «leader» democratico sr. Antonio Maria da Silva, encontrámos nos Passos Perdidos um dos ministros que fez parte do ultimo governo, a quem perguntámos a opinião sobre o discurso do deputado democratico.

— Que quere v. que eu lhe diga? — pergunta o deputado liberal. Só lhe posso confirmar o que v. certamente observou: que o partido democratico, pela boca do seu «leader», retira o apoio que prestara ao gabinete Barros Queiroz, resolvendo fazer oposição ao governo presidido pelo sr. dr. Antonio Granjo.

— Que dizem a esse facto os seus correligionarios?

O nosso interlocutor esboça um leve movimento de hombros e responde:

— A atitude que os democraticos decidiram tomar não nos veiu surpreender, pois já a esperavamos. Digo-lhe mesmo que alguns deputados liberais apoiaram, em voz baixa, é verdade, mas apoiaram, algumas partes do discurso do sr. Antonio Maria da Silva, o que me convence em absoluto de que o ministerio Granjo não poderá viver muito tempo a dentro do Parlamento.

— Que consequencias prevê v. ex.ª de debate politico?

O antigo ministro sorri-se e não responde, esboçando apenas um movimento que se poderia traduzir por: «Eu sei lá! Não adivinho!...»

A' saida do Congresso da Republica démos de cara com o sr. Antonio Maria da Silva:

— Então, sr. Antonio Maria da Silva, que nos pode o quere v. ex.ª dizer sobre a resposta do sr. Antonio Granjo ao seu discurso de ha pouco?

O «leader» democratico, um tanto contrariado, o dirigindo-se para o automovel que o espera, diz-nos vivamente:

— Que quere v. que eu lhe diga a esse respeito, senão que o sr. Granjo fez o que naturalmente estava indicado: defender-se como melhor podesse!

E já sorridente, satisfeito consigo proprio, o sr. Antonio Maria da Silva, exclama:

— Por aquela não esperava o sr. presidente do ministerio, hein? — E que diz v. do meu discurso? Produziu boa impressão, parece?

— Ouvimos dizer que depois do discurso de v. ex.ª, seria dificil impedir qualquer movimento revolucionario, pois os seus autores estariam seguros de que os democraticos não deixariam de o sancionar?

— Enganam-se! exclama com vivacidade o conhecido politico. «Eu nunca aprovarei qualquer movimento revolucionario que tenha por fim derrubar governos, o posso-lhe garantir que o meu partido não sancionará movimentos dessa natureza.»

— Mas ha quem diga que os democraticos, embora não entrem directamente em qualquer movimento revolucionario, não deixarão de lançar-lhe a mão, depois de ele já estar declarado?

O sr. Antonio Maria da Silva sorri-se e responde:

— Isso tudo não passa de afirmações mais ou menos gratuitas, sem o menor fundo de veracidade.

«A atitude do partido democratico não pode, evidentemente, ser a mesma que observou para com o gabinete Barros Queiroz, mas isso não quere de forma alguma dizer que o partido observe, de futuro, uma oposição sistematica. Muito longe disso: o partido democratico é incapaz, e já bastantes vezes o tem provado, de fazer dentro do parlamento politica obstrucionista, limitando-se somente a fiscalisar, com justiça e com uma certa severidade, os actos praticados pelo governo.

E com isto poz o sr. Antonio Maria da Silva ponto na conversa, despedindo-se de nós e ordenando ao «chauffeur» que o conduzisse ao Cais do Sodré.

A Hespanha em Marrocos

O resgate do general Silvestre

MADRID, 3. — Agora os jornais afirmam que a familia do general Silvestre recebeu do campo inimigo pedido de dinheiro para o resgate do general. — (H).

Noticias de Melilla

MADRID, 2. — Os jornais comentam as noticias recebidas de Melilla, dizendo que as juntas tecnicas, antigas juntas de defeza militares suscitam mil dificuldades tendentes a impedir que o general Picasso cumpra a missão que lhe confiou o governo de procurar estabelecer as responsabilidades do desastre de Melilla.

O «A B C» insiste principalmente sobre a necessidade de descobrir as responsabilidades e evitar que homens incapazes disponham dos destinos de Espanha e a conduzam a uma serie de desastres, como fizeram aqueles que a levaram á guerra com os Estados Unidos. No dia 12 do corrente deve começar a incorporação dos esperados da classe de 1920.

O sr. Maura declarou que ontem reinou tranquilidade em Melilla e que os mouros foram na 4.ª feira seriamente escarmentados. Os centros militares são de parecer que estando o material de guerra quasi completo em Melilla e as tropas bem treinadas é de supor que o avanço comece no dia 5 de Outubro. Actualmente estão em Melilla 200 legionarios que chegaram de Ceuta. — (H).

Mais tropas para Marrocos

VALLADOLID, 3. — Marchou para Algeciras e dali para Marrocos uma companhia do regimento do Infante. — (A).

Oferecimentos patrioticos

MADRID, 3. — Ao ministerio da guerra continuam chegando numerosos oferecimentos das provincias, de hospitais de sangue e grandes partidas de aguas minerais.

Chegou de Huesca um batalhão do regimento daquela cidade. — (A).

Continuam as escaramuças

MADRID, 3. — O rei foi informado de que o dia de traz antehontem foi muito movimentado em Melilla marcando as tropas espanholas mais um glorioso dia, castigando duramente os mouros. Porisso o dia de antehontem passou tranquilamente. — (A.)

As irmãsinhas querem ir para Melilla

MADRID, 3. — O rei recebeu a inspectora geral das irmãs de caridade pedindo-lhe que as enviasse para Melilla. A Superiora acedeu ao pedido de Sua Magestade, comprometendo-se mandar 25 de Madrid, e 50 da provincia. — (A.)

Continuam os ataques dos mouros

MADRID, 3. — Noticias de Marrocos informam que foram tomadas energicas medidas contra os ataques dos mouros que agora se repetem com mais frequencia. Na zona de Larache repetiram-se tambem os ataques que foram repelidos com numerosos baixas, tendo nós tambem baixas sensiveis. — (A.)

Repartindo os dinheiros da Alemanha

PARIS, 3. — Nos meios politicos considera-se que não será necessaria a reunião do Conselho Supremo para modificar as propostas formuladas pela conferencia financeira sobre a divisão do primeiro bilião de marcos, propostas que o Conselho de Ministros se recusou ratificar. Alvitra-se que os ministros interessados se poderiam reunir em Londres em uma nova conferencia, onde a França seria representada pelos srs. Doumer e Loucheur. — (H).

O conflito Greco-Turco

ATENAS, 3. — O ultimo comunicado oficial diz que os gregos avançaram até Balaragi e mais ao sul ocuparam o macisso de Yediz Dag. A leste reocuparam na direcção de Mont' Araz. — (H).

Vida Sportiva

Combate de box

O programa de amanhã no Stadium inclue a desforra Simeth-Mario Gall

Faustino tambem figura no programa

E' dos melhores programas que se tem feito entre nós o de amanhã no Stadium, cujo espectaculo principia ás 17 horas e meia.

Os organisadores depois de dificuldades de varias especies conseguiram antes da partida do campeão suisso para Paris a desforra com Mario Gall. E comprehende-se. Mario Gall não podia deixar partir o homem que em Portugal o venceu sem tirar uma desforra. São brios profissionais que nada teem com o publico nem com os organisadores mas devem ser facilitados.

Com isto só o publico tem a ganhar, porque vai assistir amanhã ao maior combate que entre nós se tem feito. Deve ser uma batalha violenta e ao mesmo tempo scientifica. Ambos querem mais uma victoria mas a verdade é que um tem de ganhar.

O jogo de Simeth presta-se a marcar pontos sobre pontos, mas Mario batendo de cima pode colocar o suisso em perigo. A questão é acertar. De resto Mario tem trabalhado para a desforra. Vão ser 10 bons rounds.

O outro combate não é de menos interesse e entre o portuguez Faustino Pereira vencedor de Chassagne contra Goffin.

Apesar da diferença de estatura — porque no peso aproximam-se — o combate deve ser bom. Goffin pode vencer Faustino. Esta é a nossa opinião, mas não quere dizer, que Faustino não resista podendo mesmo sair vencedor. Depende tudo da sua tatica. Goffin desnecessita de ser apresentado. O publico quando ele subiu ao ring voltou a cara mas momentos depois, quando ele se empregou com Mario já o aplaudiu tanto nas esquivas que fez como nos seus socos que são fortissimos.

Aqui, na forma de bater que Goffin tem é que está o perigo para o portuguez.

No nosso meio sportivo reina grande entusiasmo pelos combates de amanhã, tanto mais que os bilhetes de «ring» e camarotes teem tido enorme procura

Tennis

Os annunciados encontros de «tennis» para disputa da taça do Club dos Caçadores de Vila Nova de Gaia teem continuado a realisar nos courts deste club e nos de Carcavelos, principalmente cedidos para ultimar as decisões deste campeonato.

O resultado dos ultimos encontros foi o seguinte:

Camilo Vaz vence Mario Martins por 6-4—6-1.
Camilo Vaz vence Harrison por 6-1—6-0.
Hall vence Camilo Vaz por 6-3—6-0.
Ilidio Guimarães vence Harrison por 6-2—6-3.
Hamilton vence Ilidio Guimarães por 3-6—6-4—6-4.
Camilo Vaz vence Armando Soares por 6-0—6-0.
Hall vence Flavio Romariz por 6-0—6-2.
Armando Soares vence Roberto Valente, por 4-6—6-4—6-3.
Camilo Vaz vence Flavio Romariz por 6-0—6-0.
Flavio Romariz vence R. Valente por 2-6—6-2—6-3.
Camilo vence R. Valente por 6-0—6-0.
Hall vence A. Soares por 6-1—6-2.

Tem continuado a disputar-se com grande entusiasmo na séde do Club Vilanovense o campeonato de bilhar inter-socios.

Pedestrianismo

O conselho tecnico da União Pedestrianista Portugueza, deliberou fazer a prova «João de Aguiar» no circuito de Linda a Pastora por ser esse o percurso onde o malogrado campeão mais vezes correu e ter ai o seu magnifico «record».

Os premios para esta prova que é individual e por equipes, constam de cinco medalhas para os cinco primeiro classificados, tres valiosos objectos de arte gentilmente oferecidos pelo irmão de João de Aguiar para a equipe primeiro classificada e tres medalhas para a equipe classificada em segundo lugar e um escudo artistico para o Club a que pertencer a 1.ª equipe. A inscrição está aberta na séde da União, rua do Vale de Santo Antonio, 280, 1.º

Water-polo

Liga Portugueza dos Clubs de Natação

O resultado final deste campeonato foi o seguinte:

1.ªs categorias—1.º, Club Escola Nautica, 9 pontos; 2.º, Club S. Nun'Alvares, 6; 3.º Foot-Ball C. do Porto, 5; 4.º, Sporting C. Portuguez, 4; 5.º, Club F. Portuense, 3; 6.º, Sport Club do Porto, 1.

2.ªs categorias—1.º Club Escola Nautica, 12 pontos; 2.º Club S. Nun'Alvares, 8; 3.º, Foot-Ball C. do Porto, 6; 4.º, Liceu R. de Freitas, 6; 5.º, Club F. Portuense, 2; 6.º, Leixões Sport Club, 6; 6.º, Sport Club do Porto, 0.

3.ªs categorias—1.º, Club Escola Nautica, 18 pontos; 2.º, Escola Faria Guimarães, 14; 3.º, Sport C. e Salgueiros, 13; 4.º, Club S. Nun'Alvares, 12; 5.º, Academico F. Club, 10; 6.º, Club Naval Portuense, 8; 7.º, Foot-Ball Club do Porto, 6; 8.º, Sporting Club, Portuguez, 5; 9.º, Club Fluvial Portuense, 2; 10.º, Leixões Sport Club, 0.

Parque Estoril

Os mezes de Setembro e Outubro vão ficar gravados no livro de honra da Sociedade Estoril.

O Parque do Estoril que a natureza dotou com tantas belezas, e que a mão do homem enche dia a dia de maravilhas, vae ser nos dois mezes de veraneio elegante, o ponto de reunião da nossa primeira sociedade.

As suas festas deslumbrantes, os chás «dansing» que levam ao formoso Hall do Estabelecimento Termal uma interessante assistencia, os admiraveis exercicios de natação realisados na mais ampla piscina do paiz a que teem concorrido gentis nadadoras, vão ser enriquecidas com a realisação de duas grandiosas festas desportivas que estão despertando grande entusiasmo.

O grande Concurso Hipico que se realisa nos proximos dias 24, 25, 27 e 29 e o Grande Torneio Internacional de Espada, que se realisa nos dias 18, 20 e 23 de Outubro.

Para o Concurso Hipico vão ser afixados os cartazes com o programa detalhado, podendo afirmar-se que entre o brilhante grupo de cavaleiros figura o distinto cavaleiro Silveira Ramos, que ha anos se encontrava no estrangeiro.

Em premios distribuem-se algumas milhares de escudos, um magnifico arreio e valiosos objectos de arte.

O torneio de espada conta já com valiosas inscripções, havendo 14 premios.

Amanhã começam as «poules» de treino que se repetirão até ao ultimo domingo antes do torneio; sendo conferida uma taça ao atirador que maior numero de victorias alcançar na soma total.

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Amor Perfeito».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30e22,30—«Tic-taca».
GIL VICENTE—ás 21.30 «Depois do Degredo».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Medalhões

Ilda Stichini

Foi nomeada societaria do Nacional a distinta e impressionante actriz Ilda Stichini.

E' uma justa recompensa do Estado ao valor desta notavel artista, que o publico antes do proprio Estado já premiou consagrando-a uma das primeiras figuras do Teatro actual.

A «Capital» tem acompanhado os progressos, o esforço, o estudo eficaz da nova societaria e tendo sido um dos primeiros jornais a enaltecer-lhe as qualidades, mantem hoje a sua ideia fixa de que em breve Ilda Stichini será um nome que amanhã terá extraordinario brilho no Teatro Portuguez.

Noticiario

Entre nós

E' lida hoje pela sr. D. Maria Fernanda da Castro e Quadros a sua nova peça «Mocidade», em casa do sr. dr. Antonio de Menezes, assistindo á leitura o sr. Avelino de Almeida e o nosso colega Armando Ferreira.

Leonilde Pereira

Esta actriz, muito conhecida das nossas plateas, desligou-se da companhia Palmira Bastos, com grande desgosto seu por motivo de doença de um filho, não podendo por esse motivo partir com a companhia para o Porto.

Humberto de Amaral

Ainda está sem contracto para a epoca de inverno o actor Humberto do Amaral, que fazia parte da companhia que está trabalhando no Eden Teatro.

Reclamos

Avenida

A Companhia Infantil dirigida pela actriz Cremilda Torres, estreia-se hoje, no Avenida, dando nos em «premiére» a revista o «Sonho do Manecas». Os espectaculos serão em sessões, duas em cada noite, ás 20,30 e ás 22,30 e a peça que apresenta a nova companhia exhibir-se-ha com scenarios apropriados e com um lindo guarda roupa, para ela expressamente confeccionado.

Peça absolutamente isenta de pernografia, revelando, nas suas scenas, fino espirito e galantaria, «O Sonho do Manecos» deve conquistar um legitimo e brilhante exito, levando, ao Avenida, as principaes familias de Lisboa, e todos quantos apreciam espetaculos atrahentes e delicados.

Apolo

Reaparece hoje neste teatro a revista «Burro em Pé» cujo sucesso se não exgotou na epoca passada. Com uma nova distribuição nova encenação, numeros novos de musica novas scenas nos varios quadros a peça de Marçal Vaz e Xavier de Magalhães vae obter nesta temporada um exito egual ao da temporada anterior enquanto se monta com o maior cuidado a revista de Eduardo Swalback «Gato por Lebre».

Ultima Hora

Notas politicas

A questão cambial.—O decreto deve ser publicado na proxima terça-feira

Os ministros das finanças e do comercio teem-se ocupado, activamente na redação do decreto regulamentador do comercio da venda e compra de cambiais, nos termos da auctorisação que no poder executivo concedeu o Parlamento. Pode afirmar-se que as idéas gerais do decreto estão assentes, com sanção do conselho de ministros. Essas idéas obedecem ao criterio exposto pelo sr. Presidente do ministerio e, portanto, pelo governo, no programa lido nas duas casas do Congresso. Recordamos que o governo exclue a hipotese da adopção de medidas prohibitivas, por entender (segundo opiniões, já por vezes expostas, pelo sr. Antonio Granjo) que elas resultam, na pratica absolutamente contraproducentes, limitando-se o diploma em preparação a restingir, tanto quanto possivel, a especulação cambial e, especialmente a tornar conhecidos os nomes ou as firmas desses especuladores, para fazer recair sobre eles as penalidades estabelecidas no decreto.

Boato que se desmente

Correu esta tarde, nos centros politicos, o boato de que o governo examinara, no ultimo conselho de ministros, questões importantes de caracter internacional». O boato não tem o menor fundamento.

Não ha, actualmente, questão alguma internacional que ofereça qualquer especie de aprehensões. Na sua ultima sessão, o conselho de ministros ocupou-se de casos de administração publica, examinando, com interesse, a situação dos adidos militares ás nossas legações

Viagem ministerial

E' provavel que vão a Setubal, em 15 do corrente, os srs. Presidente do Ministerio, ministro da Instrução Publica e ministro da Guerra. Nesse sentido já o sr. Presidente do ministerio recebeu um convite.

Fronteiras abertas ou fechadas? O pensamento do governo

E' bem possivel que, mais tarde ou mais cedo, venham a ser adoptadas providencias acerca da entrada e saida de cidadãos, nacionais ou estrangeiros, pela fronteira terrestre do continente. A acção restrictiva adotada durante a guerra e ainda não revogada, pelo menos totalmente, virá a ser atenuada, se não for destruida. Cremos que o assunto será proximamente examinado pelo governo.

Questão da Alta Silesia

Inglezes presos e soltos

OPPELN, 3.—Um funcionario britanico da comissão inter-aliada e o seu chauffeur foram presos no dia 30 por alemãis armados e em seguida conduzidos para a Alemanha e só regressaram a Oppeln no dia 2 do corrente pela manhã. Os agressores pertencem a uma poderosa organisação da Alta Silesia e contavam guarda-los como refens para o caso da condenação á morte do assassino do major Montalegre.—(H).

Socorros á Russia faminta

PARIS, 3.—Informa o «Petit Parisien» que o telegrama a Tichirine pedindo todas as facilidades para os membros da comissão internacional de Socorros á Russia foi expedido hontem á noite pelo sr. Nonleno.—(H).

Rapaz desaparecido

Pormenores e sinais para se lhe descobrir o paradeiro

A' nossa redacção veiu o sr. José Julio Peres, sapateiro, morador na T. dos Fieis de Deus, 6, num estado aflictivo, a queixar-se de que desde o dia 26 do mez passado, nunca mais viu o seu filho José Julio Peres Junior.

Este pobre rapaz conta 16 anos de idade e é ajudante de sapateiro, mas actualmente estava com falta de trabalho. Saira de manhã para procurar colocação, e até hoje não tornou a casa.

Que é feito dele? sucedeu-lhe desastre? suicidou-se? está vivo? está morto? Quem o sabe.

Os sinais são os seguintes:

Boina de gorro sem borla, um casaco de ganga e por cima um outro de fazenda preta, calças de kaki compridas e botas pretas de atacador.

A policia já tomou providencias a ver se lhe descobre o paradeiro.

O pai desolado pede-nos que recomendemos a quem o encontrar o favor de o participar para socego da familia.

A' compra de aeroplanos

SARAGOÇA, 3.—O capitão general nomeou uma comissão que fosse a Londres adquirir aeroplanos com o dinheiro de uma subscrição popular.—(A).

O aniversario do Grande Libano

PARIS, 3.—Comunicam de Beyrouth que o aniversario da proclamação da independencia do Grande Libano foi celebrado em todo o paiz com grande enthusiasmo. Os jornais de diversas opiniões exprimem o seu reconhecimento a França por ter assegurado a joven democracia o livre desenvolvimento das instituições tradicionais.—(H).

Poeira da Arcada

O adido militar francez cumprimentou hoje o sr. ministro da Guerra que tambem foi cumprimentado pelos oficiaes da primeira divisão do exercito, do campo entrincheirado e dos estabelecimentos militares, fazendo as apresentações o sr. general Pedroso de Lima.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Eusebio Leão, ministro portuguez junto do Quirinal despediu-se hoje do sr. presidente da Republica, do chefe do governo e de varios ministros, em consequencia de regressar amanhã ao seu posto diplomatico. O sr. dr. Eusebio Leão segue viagem no paquete inglez «Garth Castle», desembarcando em Napoles donde seguirá para Roma.

✦ ✦ ✦

O sr. Fernando Cabral funcionario do ministerio das Colonias foi chamado a secretariar o sr. ministro da Justiça.

✦ ✦ ✦

Os srs. ministro das Finanças e do Comercio partiram hoje de manhã para a Figueira da Foz, devendo regressar a Lisboa depois de amanhã.

O Tratado de Versailles

e as soluções contraditorias

PARIS, 3—O conselho de ministros desta tarde ocupou-se das soluções propostas pela conferencia financeira interaliada de 13 de Agosto. Considerando que algumas destas soluções estão em contradição com as clausulas do tratado de Versailles e invadem as atribuições da comissão das reparações, o conselho resolveu tratar de novo com os aliados, num espirito mais conciliador, os pontos contestados e procurar com eles as soluções proprias a consagrar o direito de cada um em conformidade com as disposições do tratado e os acordos posteriores.

O governo vai entabolar negociações neste sentido.—(H).

Conferencia do desarmamento

Para a redução das armas e das despezas

GENEBRA, 3.—A comissão de redução dos armamentos reunida em sessão plenaria examinou as respostas enviadas á Assembleia relativas á limitação de despezas militares. Sobre 27 respostas, 15 aceitam completamente a redução de despezas, outras fazem reservas ou mostram-se dispostas a não a aceitarem.

Dois paizes perguntaram por que tratados ou estatutos militares se deve regular a redução. A comissão por proposta do sr. Bourgeois, resolveu enviar a questão á comissão consultiva.—(H.)

A França não é gendarme por gosto

GENEBRA, 3. — O sr. Noblemaire, delegado francez á Sociedade das Nações salientou, perante a comissão de desarmamento que a proposta do sr. Bourgeois mostra que a França não mudou de opinião nessa questão desde a epoca em que na conferencia de da Paz apresentou propostas semelhante ás actuais.

A França não desempenha por prazer o seu papel de gendarme imposto pelas circunstancias. A França não deixou nunca de afirmar que entrará na via do desarmamento logo que se realisem certas condições indispensaveis á sua segurança.—(H).

Gréve quasi geral

BILBAO, 3.—E' quasi geral a gréve. Não circula nenhum tramway e tem ocorrido incidentes vários. O governador julga, porém, que o movimento está dominado.

Foi mandada fechar a Casa do Povo.—(A.)

D. Victoria Barbosa de Oliveira Martins

Viuva do insigne escritor Oliveira Martins

Faleceu esta madrugada, na sua casa da calçada dos Caetanos esta senhora, viuva do grande escritor que foi Oliveira Martins.

Esta senhora possuia os mais lidimos dotes de coração, muito esmoler e vivendo agora mais para o culto do bem e da memoria daquele que foi seu dedicado companheiro, não se mudando por isso de casa onde ambos viveram para que se conservasse intacto o escritorio-biblioteca do seu chorado morto e para ocorrer á pobreza que tinha nela um verdadeiro amparo.

Uma imprudencia de aviadores

O aviador Voisin, conduzindo um passageiro, na quinta feira passada, largou do campo de aviação d'Orly para fazer um voo pelo campo.

Ao passar por Juvisy onde a sua familia reside, roçou pelos telhados da povoação, e quando já ia perto da sua casa, cortou o gaz do motor, ao mesmo tempo que gritava para o seu cunhado que observava as evoluções:

—Esperem-me para o jantar.

Nesse fatal momento, tentou por em andamento o motor, que não obedeceu.

Avistando uma planicie que lhe ficava proxima, Voisin quiz dirigir o seu aparelho naquela direção.

O avião, porem, com ter perdido a velocidade, revirou-se sobre as proprias azas, e foi estatelar-se redondamente á entrada da planicie.

Com o choque, o passageiro ficou imediatamente morto.

Voisin espirou em seguida, tendo a familia de o mandar conduzir ao hospital.

Triste encomenda de jantar!

A CAPITAL

3978 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 7! | LISBOA — Segunda-feira, 5 de Setembro de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

Venha o contracto!

Se ha questão em que todos pareçam estar de acordo é, sem duvida, a da exigencia, que de todos os lados se ergue, no sentido de ser inteiramente conhecido o famoso contracto dos 50 milhões de dollars. Notou-se, ao principio, que certos elementos nem admitiam sequer a mais pequena duvida sobre os beneficios desse contracto, porque expressa-la equivaleria, no seu entender, a fazer reparos sacrilegos a uma operação firmada pelo sr. Afonso Costa. Agora, porém, —e diga-se isto em seu louvor—até desses arraiais partem reclamações instantes para que o famigerado contracto seja conhecido em todas as suas minucias. Assim deve ser. Perante os interesses superiores do paiz não ha impossibilidades que possam prevalecer, a ponto de não se averiguar a verdade em todos os casos em que esses interesses sejam atingidos.

Temos, pois, que até os mais incondicionais admiradores do sr. Afonso Costa reclamam o conhecimento pleno do contracto. Evidentemente, não admitem que o sr. Afonso Costa tenha «sincado», segundo a expressão do sr. Vasco Borges, mas compreendem que a melhor maneira de se verificar que tão deploravel caso não se deu está em pôr bem claro as clausulas do celeberrimo documento. E' assim que a situação deve, com efeito, ser encarada. Venha o contracto, e depois veremos quem tem razão, se os que vêem nela uma tentativa sincera de regeneração financeira e economica, se os que, pelo contrario, o apontam como uma operação ruinosa, planeada por varios aventureiros e judeus da finança, demasiadamente conhecidos por toda a gente.

O sr. Barros Queiroz, durante a sua existencia ministerial, viveu agarrado ao contracto. Umas vezes reservado e misterioso, outras vezes loquaz e sceptico, permitiu com a sua inexplicavel atitude não só que se fizesse uma grande jogatina de cambios, mas tambem que a confiança publica ficasse definitivamente abalada. Ha silencios que são cumplicidades como ha afirmações que são desastres. O sr. Barros Queiroz fez tanto mal ao paiz, calando-se quando devia falar, como falando quando devia calar-se.

Caiu o sr. Barros Queiroz e não se sabe o que ha sobre o maltadado contracto. Se é ruinoso, porque não se acaba com ele? Se tem vantagens, porque não se procura aproveita-las? O que tem sucedido com esta questão é positivamente enervante. Nunca se viu uma coisa assim. Sobre toda a vida do paiz pesa um trambolho que ninguem tem a coragem de arredar.

Pois bem! Já que os proprios amigos do sr. Afonso Costa não só consentem, mas até reclamam, que se conheça inteiramente essa obra a que o nome do seu antigo chefe está ligado, porque é que se espera? Neste paiz, tudo se faz tarde e a más horas. Veja-se o que tem sucedido com o decreto dos cambios. Não queremos de forma alguma avançar que para estas delongas existam inconfessaveis razões. Mas, na verdade, se se quizesse proteger uma obra de mistificação e de fraude, dificilmente se procederia doutra maneira!

A questão da Irlanda

Se não fôr a bem, será pela força, diz o sr. De Valera

LONDRES, 5. — A resposta do sr. De Valera ás propostas britanicas do dia 20, baseadas no ponto de vista britanico da União da Irlanda e da Inglaterra, diz que só admite a Irlanda constituida em Republica independente. As propostas foram irrevogavelmente regeitadas. Na resposta o sr. De Valera afirma ainda que essas propostas não concediam á Irlanda as garantias do que gozam os dominios que estão livres de todo o *controle* britanico. Declara-se pronto a submeter esta interpretação a um arbitro neutro e imparcial. Diz que os irlandezes resistirão pela força. Se a Gran Bretanha quizer negociar, os plenipotenciarios deverão procurar conciliar as divergencias, segundo o principio director comum que o sr. De Valera mantem e que diz ser o governo com o consentimento dos governados. Apenas sob esta base nomeará os plenipotenciarios por parte da Irlanda.

O Congresso da raça-negra

PARIS, 5. — Na sessão de abertura do congresso dos negros todos os oradores concordaram com o sr. Diagne, deputado pelo Senegal que condenou as doutrinas extremistas preconisadas pelo chefe supremo do movimento dos negros, Marcus Grevy. Aceitaram a tese que preconisa a creação na Sociedade das Nações de uma secção especial em que seriam estudadas as questões que interessem á raça negra. No fim da sessão, os membros do congresso dirigiram-se ao tumulo dos soldados desconhecidos onde depozeram um ramo de flores. —(H).

OPINIÕES ALHEIAS

AS CAMBIAES

O deputado X... completa, neste artigo, a sua concepção ácerca do problema cambial

Com um raciocinio, que nos pareceu engenhoso, o ilustre homem de Estado X... demonstrou, no numero anterior que a questão cambial se resolveria entre nós, fazendo baixar o preço de aquisição da mercadoria,—e não, como muita gente julga, valorisando a moeda nacional. Completa-se hoje a demonstração, estabelecendo a forma como X... entende que convinha regulamentar o comercio de compra e venda de cambiais.

—Já vê o amigo que a solução está em fazer baixar o preço da mercadoria...

—E' possivel. Não dizemos que não... Mas como entende o ilustre procere que tal se pode conseguir?

—Muito simplesmente. Se a cambial é ouro, a cambial é uma mercadoria como outra qualquer. Quem adquire uma cambial dá por ela uma determinada quantia da moeda nacional, fixada na divisa cambial, que é uma especie de expoente de equilibrio internacional monetario. Não sei se me faço compreender...

—Assim, assim... Nós somos um pouco broncos. Mas o leitor de «A Capital», que é esperto como um alho, interpretará belamente os seus dizeres. Continue, que nós vamos estenografando.

—Não peço mais. Temos, pois, que a cambial é mercadoria, sugeita, como tal, ás flutuações do mercado e obedecendo, irresistivelmente, á classica lei da oferta e da procura. Toda a questão, para o barateamento da cambial, reside, portanto, em fazer diminuir a procura, regulando, com precisão, a oferta. Esse «desideratum» consegue-se, com segurança, em anos sucessivos, se a Nação aumentar a produção de mercadorias exportandas e conseguir coloca-las nos mercados externos. Como, porém, é indispensavel um remedio imediato eu proporia um expediente de ocasião, puramente transitorio—se, por acaso, a minha debil voz fosse ouvida nas altas regiões do Poder.

Pareceu-nos que X... falava bem, com ponderação. A ultima frase, muito escolhida, é signal dos grandes progressos feitos na arte da oratoria tribunicia. Dir-se-hia um livro aberto mas inedito e cujas primeiras folhas começavam, neste instante, a ser cortadas. Acenámos-lhe com a cabeça que sim, que muito bem lhe ia o papel de conselheiro financial da nação e ele, encorajado, arrumou-nos com mais estas, que são boas:

—Mas como fazer diminuir, imediatamente, a procura de cambiais?...

Pozemos os olhos em ponto de interrogação e plantamos, adiante, uma quasi imperceptivel exclamação. X..., contente com o efeito, disparou o tiro final:

—Não adivinha, pois não?

Então, eu lhe digo: dando ao Estado o monopolio da compra e venda de cambiais.

—Oh diabo! torcemos nós. Então mais um monopolio?

—Ou, se prefere, entregando ao Estado o fornecimento exclusivo, no mercado portuguez, das cambiais indispensaveis ao comercio da importação. Mais objectivamente: o governo entregaria esse previlegio ao Banco de Portugal, habilitando-o, por meio dos creditos sobre Londres, colhidos, especialmente, atravez da Agencia Financial do Rio de Janeiro, e possuir as indispensaveis coberturas.

—Você não é homem, é o diabo! (com esta convivencia de todos os dias, o tratamento de excelencia cedeu logar a um você familiar. Daqui a pouco, é tu cá, tu lá...) Mas contra a especulação, que proporia o ilustre deputado da maioria?

—Mas a especulação desaparecia por si mesmo. Desde que o Banco de Portugal (e, por detraz dele o proprio Estado) for o unico a poder exercer legalmente o comercio de compra e venda de cambiais, o especulador não poderia surgir senão clandestinamente, isto é, fazendo a candonga...

—A candonga?...

—Sim meu amigo, o contrabando da mercadoria, a compra e venda clandestina de cambiais. Nessas condições, entraria em concorrencia com o Banco de Portugal, vendendo e comprando mais barato, isto é, auxiliando a melhoria cambial. Abençoado especulador, esse!...

Assim falou o insolito X... Sempre te digo, leitor amigo, que, se quizeres saber quem ele é espera que tais ideas, tão sensatas como verdadeiras e justas, apareçam na tribuna parlamentar. Tens que esperar pela idade dos velhos Patriarchas da Biblia, emulos de Mathusalem.

A REDUÇÃO DO EXERCITO

O tenente-coronel, sr. Pires Monteiro

fala-nos sobre a redução do exercito, redução e compressão de despesas, e sobre a remodelação da Instrução Militar Preparatoria

O tenente coronel sr. Pires Monteiro, professor da Escola Militar, e um prestigioso elemento do partido Reconstituinte, deu-nos ontem a sua opinião sobre a redução dos quadros efectivos do exercito, projecto que faz parte do programa do sr. ministro da Guerra.

—Eu não sei se o ilustre oficial, que é o sr. ministro da Guerra, pensa de facto em reduzir os quadros do serviço permanente do exercito; o que sei e lhe posso afirmar é que essa redução impõe-se, embora eu reconheça que dificil será efectival-a, pois o quadro efectivo, tal qual está constituido, não pode e não deve continuar a existir, porque, além de não trazer utilidade alguma para a Nação, aumenta ainda, e muito consideravelmente, os encargos do nosso depauperado Tesouro Publico.

«A redução e compressão de despesas deve ser feita, concordo com isso em absoluto, mas deve ser feita tanto na parte civil como na parte militar.

«O funcionalismo publico deve ser reduzido, o civil e o militar; mas essa redução deve ser feita, principalmente no funcionalismo militar; por uma criteriosa seleção de competencias, e não com um afastamento «ad hoc», como é sempre para recear.

«Não são os grandes quadros permanentes do serviço efectivo que garantem á Nação a sua defeza militar, antes pelo contrario, lançam a confusão e a indisciplina no meio do exercito.

«O que se torna duma absoluta necessidade é conservarmos um pequeno exercito ao serviço activo, composto de oficiais e graduados com reconhecida competencia tecnica, monitores especialisados na arte da guerra moderna, que estejam aptos a ministrarem a instrução aos recrutas, em conformidade com tudo quanto aprendemos do util depois da grande lição que sofremos com a guerra europeia. Isso sim, isso é que é absolutamente indispensavel!

—E a respeito da Instrução Militar Preparatoria?

—Ah! a Instrução Militar Preparatoria!...—fez o sr. Pires Monteiro, esboçando um sorriso cheio de ironia.

«Tal qual como se tem feito, a Instrução Militar Preparatoria tem sido uma especie de recreio infantil, onde os rapazes vão distrair-se aos domingos, brincando aos soldados!...

E com energia, o brioso oficial afirma:

—Ora é isso precisamente que se torna necessario terminar, acabando imediatamente com o espectaculo, quasi ridiculo, de vermos nas paradas dos quarteis meia duzia de rapazes, alguns deles sem as requeridas condições fisicas, de espingarda ao ombro e marchando estafados sob as vozes de comando do seu monitor!

—Como pensa v. ex.ª que se poderiam remediar tais factos?

—Eu lhe digo: Na Alemanha, que é o paiz militar por excelencia, nunca se fez das escolas preparatorias de educação fisica, que são em Portugal a Instrução Militar Preparatoria, mais do que a preparação fisica dos mancebos, de forma a se poder fazer deles individuos com as condições necessarias de resistencia para suportarem o mais pesado serviço militar.

«Era precisamente isso que necessitava fazer-se em Portugal, e não as escolas d'instrução militar, para a qual não estão preparados fisicamente os mancebos que essas escolas são obrigados a frequentar.

«De resto, não se pode ajuizadamente compreender a Instrução Militar Obrigatoria, com o subsidio que ora tem de 30 contos!

E terminando, s. ex.ª concluiu:

—Parece mentira, mas infelizmente é verdade!

Aviação na Italia

PARIS, 5.—No certamen de aviação na Italia, circuito de Brescia a 300 quilometros, o Grand Prix foi ganho por Sadi Lecointe que levou uma hora, 13 minutos e 9 segundos. Em segundo lugar chegou o italiano Brakpapa que levou 1 hora, 28 minutos e 58 segundos.—(H).

A compressão de despesas no Parlamento

A proposito deste assunto que aqui foi tratado por um dos nossos colaboradores, recebemos de um funcionario do Congresso da Republica, que nos merece confiança uma carta de esclarecimentos, cuja publicação nos é pedida, o que fazemos, reservando-nos para oportunamente investigar de como as cousas se passaram:

...Sr. redactor.—O jornal que v. superiormente dirige, publicava em 3 do corrente, com o titulo «Uma vergonha» e sub-titulo «Como o parlamento compreende a compressão de despesas», um artigo assignado pelo sr. Antonio Lopes, e que, por não corresponder á verdade dos factos, precisa ser rectificado.

Eu apelo para a lealdade e para a consciencia de v. para que se digne publicar esta minha carta que visa sómente a repôr as coisas no seu verdadeiro pé e ilibar uma classe do apodo de sugadores do tesouro, com que o sr. Antonio Lopes nos mimoseia.

Sabe v. muito bem, sr. redactor, que em todas as repartições publicas as horas de serviço extraordinario e de serões são pagas a dobrar.

Pois bem, no Congresso da Republica nunca isso se fez, e os funcionarios teem muitas vezes de estar prestando serviço até ás 4 e 5 horas da manhã sem que com isso receba um centavo.

Ainda ultimamente, quando se votou a lei da amnistia, estivemos trabalhando até ás 5 1/2 da manhã, horas em que essa lei foi votada no Senado.

Poderá diser o sr. Antonio Lopes que não tem havido agora sessões nocturnas. Muito bem, mas por isso as sessões teem começabo ás 13 horas e terminam ás 20 e 21 horas.

Os serviços de secretaria começam ás 11 horas da manhã e vão pois até ás 20 horas.

Conclusão: Nove horas de trabalho, mas trabalho intenso, e onde existem bastantes vagas de funcionarios que não estão preenchidas, sobrecarregando-nos assim com muito mais trabalho.

E' pois á nossa custa que se teem feito economias.

Não falo já do trabalho intenso e delicado dos taquigrafos, trabalho que demanda um fortissimo esforço mental, tendo eles alem das horas em que teem de trabalhar nas sessões, de trabalhar tambem em casa 3 e 4 horas por dia, na traducção das respectivas notas taquigraficas.

Quem paga, pois, este trabalho extraordinario?

Foi por reconhecerem que nós efectivamente temos tido um trabalho extenuante e dedicado, que alguns srs. Parlamentares apresentaram um projecto de lei para que nos fosse abonada uma gratificação correspondente a um mez de ordenado.

Ninguem propoz que se concedesse uma gratificação ao pessoal do telegrafo, mas o sr. dr. Almeida Ribeiro replicando, declarou que isso não podia ser, porque senão tinha tambem de se conceder á policia e á guarda republicana. Ninguem pois apareceu a propôr essas gratificações.

Não é tambem verdade que trabalhemos apenas 6 mezes no ano. Estamos em Setembro e até agora este ano, as Camaras funcionaram 7 mezes.

Mas mesmo quando as Camaras estão encerradas, os trabalhos da Secretaria não param e nós sômos da mesma maneira obrigados a comparecer ao serviço.

E, grande parte das ferias levamnas os srs. taquigrafos na tradução das suas notas, porque não é possivel traduziram tudo até ao encerramento das Camaras.

Diz ainda o sr. Antonio Lopes que o projecto da gratificação foi considerado pela Comissão Administrativa como de impossivel realisação.

Tambem não é verdade, e tanto que ele já foi realisado, e a gratificação paga.

Ora uma coisa de impossivel realisação, é uma coisa que jamais pode ser posta em pratica.

Terminando, sr. Redactor, eu direi que a Comissão Administrativa não se opoz a essa gratificação e até a considerava da maxima justiça.

Essa má vontade manifestada contra o pessoal do Congresso provém do sr. Antonio Mantas, que não tendo sido ouvido antes da apresentação da proposta, se melindrou e procurou prejudicar o pessoal.

Creio pois, sr. redactor, ter claramente demonstrado que não houve esbanjamento de dinheiro.

Houve apenas uma justa gratificação a funcionarios que trabalham e a quem nunca são pagos os serviços extraordinarios nem as horas de serviço nocturno.

Não se compreende que o Estado pague a uns os seus serviços extraordinarios e a outros que trabalham até ás 4 e 5 horas da manhã não faça o mesmo.

Apelando para a lealdade de v., afim de não deixar no publico a má impressão que o artigo do sr. Antonio Lopes causou, eu espero que v., segundo as normas do seu honrado jornal, não deixará de publicar este desabafo de quem tão injustamente foi acusado de «sugador dos cofres publicos».

(Segue a assinatura).

Transporte francez

S. JULIÃO, 5.—Entrou a barra o transporte francez «Aube».—(H).

A FOME EM CABO VERDE!

Um apelo desesperado aos portuguezes do continente---Acudamos aos compatriotas africanos---Se o não fizermos ficamos desonrados perante a Historia!...

As duas cartas, que abaixo publicamos, dão ideia clara da situação: Morre-se de fome em Cabo Verde! Não se trata de morrer de fome lentamente, por insuficiencia parcial de alimento. Não, não é isso. Os portuguezes de Cabo Verde morrem de inanição, por nada terem que comêr. E' horrivel! Acudam, pois, aos esfomeados, enviando os donativos, quer em generos, quer em dinheiro, ao dr. José de Castro.

Eis as cartas:

Fundão, 3 de setembro de 1921. Meu bom amigo—O sr. José Alves Nogueira, ha pouco chegado de Cabo Verde, escreve-me a carta que vai junta. A descrição nela feita é horrivel na sua simplicidade: esmaga o coração. Penso que seria um belo áto de solidariedade humana dar publicidade á carta, abrindo com ela, desde já, n'«A Capital», uma subscrição. Receber-se-iam dinheiro e generos; e teria um duplo fim: facilitar a emigração aos que nisso podessem ter vantagem; e atenuar a miseria e o sofrimento aos que não podessem arrancar-se desse cemiterio.

Meu caro Guimarães, apelo para a sua nobresa de alma á qual tantas vezes tenho recorrido com proveito em favor dos humildes e dos que sofrem.

No caso de se abrir a subscrição, desde já ponho á disposição de «A Capital» a quantia de cincoenta escudos.

Abraço-o, e creia-me com muita estima e não menos reconhecimento, seu amigo certo e obrigado — *José de Castro.*

Ex.mo sr. dr. José de Castro.

Vindo há pouco de Cabo Verde e conhecedor um tanto da situação economica deste arquipelago, permita-me v. ex.ª, em quem concorrem altos meritos de humanidade e justiça, que lhe exponha o seguinte:

A nossa Colonia de Cabo Verde, aproximadamente a 1.500 milhas da metropole, situada na costa ocidental de Africa, encontra-se na mais angustiosa e grave situação economica de que ha memoria.

As ilhas puramente agricolas de S. Antão, S. Nicolau, Boavista e S. Tiago, onde as chuvas nos ultimos anos tanto teem escasseado e, mormente, no ano ultimo que foi completamente seco, estão atravessando uma crise a mais grave da historia, pela falta de recursos de que dispõem.

Com a falta de chuvas, falharam as colheitas, sobretudo do milho e feijão, principal alimento do povo cabo verdeano, e que em bons anos agricolas costumam ser abundantes.

Daqui a falta de recursos, de subsistencias e portanto a miseria, a fome!

De certo causará espanto se disser a v. ex.ª que a presente crise que atravessa o arquipelago muito mais grave que a de 1903, que pelos dados estatisticos fez cerca de 20.000 vitimas-ceifará, aproximadamente, 30 a 40 % da população, que se computa em 160.000 almas.

Quem percorre as ilhas acima referidas, as de maior superficie e população do arquipelago, não ouve senão clamores, gritos laciuantes de miseria e fome!

Por toda a parte se encontram criaturas completamente esqueleticas, crianças famintas, mais cadaveres que seres viventes. Pelos povoados, estradas e caminhos não é raro verem se cadaveres insepultos, pasto de cães e corvos, por não haver quem lhes abra a cova!

Pelas ultimas noticias que de lá recebi calculam-se que morram de fome cerca de 200 pessoas por dia! E' horroroso!

Bastantes recursos teem já ido de toda a parte, sobretudo da Metropole e Brazil, por meio de donativos, subscrições, etc., mas tudo é insuficiente para atenuar, já não digo debelar, semelhante crise.

Seriam precisos milhares de contos para se modificar, ou pelo menos para evitar que se morresse de fome.

De principio, quando a crise se começou a manifestar—no começo do ano corrente—muito se poderia ter feito, sem grande dispendio para o Governo, se houvesse a iniciativa de facilitar a emigração a esta pobre gente que, por falta de recursos, muita, se deixou ficar na sua terra, para agora morrer de fome!

Emigraram, os que tinham que vender, para a America do Norte, Guiné, Dakar, S. Tomé, Angola, etc.; ficaram os que nada tinham, os trabalhadores, que por falta de meios se viram condenados a permanecer.

Pelo Governo da Provincia foram abertos trabalhos publicos para todos os que quizessem trabalhar.

Apareceram, de principio, muitas criaturas para esses trabalhos, mas que logo abandonaram, por lhes ser abonado o irrisorio salario de $40 por dia!

Dizem eles, e com razão, estamos condenados a morrer de fome, por não podermos emigrar; Ora, entre o morrer trabalhando por $40 diarios, ou o não trabalhar, antes o morrer sem trabalhar!

Na verdade, ex.mo sr. Doutor, o que se poderá comprar presentemente, para alimento dum homem, com a quantia de $10?

O suficiente, me parece, para morrer de fome.

Acho, pois razão áquela pobre gente que, vendo não poder escapar á morte, prefere morrer sem trabalhar. Quem póde trabalhar sem comer?

Tudo isto, Senhor Doutor, são factos consumados, sem exageros e passados perante um Governo de Provincia que impavido e de braços cruzados assiste a estes dolorosos espectaculos!

Muitas receitas tem ainda a Provincia, que bem administradas, lhe poderiam ser de grande utilidade. Mas não; com uma crise desta natureza gastam-se na Colonia, essencialmente pacifica, cerca de Esc. 500.000$00, com a ocupação militar; nas obras publicas, agronomia e veterinaria, centenas de contos de que nunca, e viram resultados.

Enfim, é fazendo-se uma fingida administração que se deixam morrer, assim, milhares de portuguezes que outro crime não teem senão o de ter nascido em terras de Cabo-Verde.

Mas como esta já vai longa, permita-me v. ex.ª que o não incomode mais e apele para o seu generoso coração, deligenciando tanto quanto possivel mitigar a fome daqueles desgraçados, que portuguezes são, tambem.

Creia-me com toda a estima e consideração de v. ex.ª at. ven. e obrigado.— *José Alves Nogueira.*

Maravilhas do progresso

O telefone sem fios

A America do Norte acaba de fazer uma nova e maravilhosa aplicação da telefonia sem fio, que consiste em facilitar a qualquer cidade do seu paiz comunicar directamente com um vapor que viaje pelos oceanos.

Como se opera a maravilha?

Qualquer assinante de telefone pede ás reclamações o vapor com quem deseja falar. A telefonista consulta um mapa e liga o assinante com a estação radio-telegrafica mais proxima das alturas em que o vapor pedido navega.

Desta estação partem imediatamente ondas hertzianas que vão chamar a atenção do telefonista do vapor pedido, e fica feita com ele a ligação que o assinante desejava.

Resta chamar a atenção da pessoa com quem se pretende falar, e em seguida dar principio á conversação.

E assim vai a febre moderna do Espiritismo que endoidece tanta gente, desaparecendo a pouco e pouco, tal qual sucedeu com tantas outras superstições que o fanatismo religioso alimentava.

Os raios eram de antes enviados por Jupiter Tonante. Nos Christãos tornou-se um castigo de Deus, enquanto Franklin não descobriu o pára-raios.

Tambem a telefonia sem fios, vai causando o fiasco dos Espiritos. Para que havemos de estar a incomoda-los nas altas esferas da eternidade, quando as ondas hertzianas se explicam tão bem como eles cá na Terra!

Provavel encerramento das Camaras

Segundo nos informaram, a maioria parlamentar tem manifestado desejos de que as Camaras sejam encerradas esta semana, sendo provavel que a ultima sessão se efectue na proxima sexta-feira.

Cruzada das Mulheres Portuguezas

No dia 1 de Setembro o Nucleo de Tondela da C. P., representado pela Vice-Presidente D. Alzira Vieira, D. Aurora Ferraz do Vale Bandeira, D. Herminia Cunha e D. Laura Ferreira Pinto Bastos, foi a Farminhão visitar a oficina de rendas, que está instalada desde 1 de Agosto, procedendo-se nesse momento á inauguração oficial.

A essa simpatica festa assistiram já as suas 22 alunas, que entusiasticamente saudaram a iniciativa patriotica da C. M. P.

A «Cruzada» espera que em breve Farminhão reviva como centro rendifero que já foi.

BRAZIL

25 contos em ouro para a embaixada de Lisboa e outras

RIO DE JANEIRO, 5.—O relator do orçamento do ministerio das relações exteriores na Camara dos Deputados propoz um aumento de 10 mil francos, 25 contos ouro, para as despesas de cada uma das embaixadas da Santa Sé, Lisboa e Bruxelas e consulados de diversos paizes. A Camara aprovou o aumento proposto.—(A).

Uma conferencia do Embaixador Portuguez

RIO DE JANEIRO, 5.—O embaixador de Portugal, sr. dr. Duarte Leite, conferenciou com o presidente da Republica, sr. dr. Epitacio Pessoa.—(A).

Contra o comercio do opio

RIO DE JANEIRO, 5.—O governo do Brazil resolveu tomar energicas medidas contra o comercio do opio e seus derivados.—(A).

Assuntos de farmacia

Uma numerosa comissão composta por farmaceuticos e proprietarios de farmacias, vão por estes dias apresentar os seus agradecimentos ao sr. Lima Duque, ministro do trabalho, pela forma criteriosa como foi elaborada a tabela dos productos quimicos e especialidades farmaceuticas.

Polemica linguistica

O francez deve ser a unica lingua diplomatica?

PARIS, 5.— O sr. Poincaré refuta no «Matin» de hoje o artigo, publicado pelo «Times», negando que a lingua franceza tenha privilegios da lingua diplomatica e a proposito lembra que quasi todos os tratados dos ultimos seculos foram redigidos em francez. Não se trata de maneira nenhuma, diz o sr. Poincaré, de uma questão de amor proprio, mas sim de evitar equivocos na redação das actas diplomaticas e de prevenir divergencias na interpretação.

Os textos em duas ou tres linguas hão de apresentar sempre dessemelhanças que se notaram agora, no tratado de Versailles. Só um texto deveria fazer fé e o mais simples é conservar á lingua franceza que até hoje serviu de padrão, a sua missão que não é de maneira alguma imperialista e que preencheu sempre e seu fim em beneficio da clareza e da razão.

O sr. Poincaré não pede que em Washington o francez seja a unica lingua falada ou que seja a unica que serve para a redacção das actas ou dos conventos; pede só, no interesse de todos, que um unico texto faça fé e que esse seja como outrora e como nos tratados de Saint-Germain, Sevres e Trianon, o texto francez, tanto mais que as qualidades, de clareza da lingua franceza foram sempre e por todos universalmente reconhecidas.

N. R. — E' uma questão de maior alcance do que aparentemente se julga. Que os tratados internacionais devem ser redigidos n'uma só lingua parece não oferecer duvidas.

O tratado de Versailles bem o demonstra.

Nele ha artigos cujo sentido difere nas traduções em linguas diferentes, sem intenção nem maldade, mas porque o proprio genio das linguas e a indole dos povos que as falam as levam a essa diferenciação.

O problema, por tanto, reside de preferencia na escolha da lingua a adoptar. Aqui deve ser posta de parte a intenção patriotica.

A mais assimilavel é a franceza, mas a mais generalisada é a ingleza. Nem uma nem outra, porém, são intuitivas para os povos do Oriente.

Só uma larga discussão poderá solucionar o escabroso problema.

Notas politicas

O encerramento da sessão legislativa

A sessão da Camara dos Deputados assumiu hoje o aspecto habitual de vesperas de encerramento. Os requerimentos para a discussão e votação dos chamados projecticulos foram alguns. Diz-se, de facto, que está celebrado um acordo entre os diversos lados da Camara, votando-se algumas leis indispensaveis e fechando o Parlamento antes do fim da semana corrente.

Uma outra versão, que nos parece a mais veridica, dá como inexiste o acordo acima indicado, pelo menos em toda a sua extensão. A's solicitações do chefe do governo ainda não teria dado assentimento o Partido de Reconstituição Nacional, havendo quem afirme que ele se negára a qualquer entendimento com o governo, limitando-se a acompanhar os acontecimentos, sem neles intervir com decisão.

A questão dos oficiais milicianos

O sr. Pedro Pita tentou, mais uma vez, trazer á discussão o seu projecto de lei sobre oficiais milicianos. A Camara não consentiu.

E' muito lastimavel que o Parlamento sistematicamente se recuse a tratar do problema, sempre que a ocasião se lhe proporciona.

Apezar de tudo, afirma-se que o sr. ministro da guerra deseja solucionar o caso, abrindo uma nova epoca de exames, por forma a permitir que todos os oficiais possam cumprir essa formalidade.

Uma gloria que se vai

O teatro brazileiro rende culto ao nosso finado actor Joaquim de Almeida

Registamos com desvanecimento as palavras de justiça com que o nosso colega do Rio de Janeiro «A Gazeta Theatral» se referiu ao nosso grande actor que em vida se chamou Joaquim de Almeida, o fiel interprete do Papá Lebonnard, Saltimbanco, e tantas outras peças do seu vasto repertorio.

No numero de 15 do mez passado, a «Gazeta Theatral» num brilhante artigo firmado por um seu antigo discipulo, Romualdo Figueiredo, faz a merecida apologia da gloria que enche de orgulho todo o povo que fala a lingua de Camões.

E a proposito do seu falecimento que, como se sabe ocorreu em 22 de Julho, recorda varias peripecias da sua gloriosa vida de artista, e afirmarem traços caracteristicos do seu orgulho e tambem do seu merito.

Malas Postais

Pelo vapor *Avon* são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem de correspondencia da Caixa Geral e fechando os registos ás 9.

Não é exacto que pelo *Funchal* fossem hoje expedidas malas postais para a Africa Oriental, via Madeira.

ANTIGUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

A Contra-Reforma.—Damião Gois e o Concilio de Trento.—Portugal torna-se valhacoito do reacionarismo.—O Colegio dos :-: Inglezinhos, dos Irlandezes e outros :-:

Se o movimento da Reforma, brilhante complemento da obra de renovação iniciada na Italia, não penetrou em Portugal, infelizmente prestámo-nos a ser passivo instrumento da Igreja, proporcionando todas as facilidades e abrindo todas as nossas portas que eram muitas, ao movimento de retrocesso e obscurantismo, conhecido na Historia pelo nome já do si bem depreciativo de Contra-Reforma.

No celebre e vergonhoso processo da Inquisição contra o nosso Damião Gois, entre outras coisas, era principalmente acusado «de ser de parecer que as Indulgencias do Papa aproveitavão para pouco», que a Confissão auricular não era necessaria, etc.

Na celebre bula «Cum ad nihil magis» de Janeiro de 1532 para a nomeação do primeiro Inquisidor do Reino, entre as varias razões de ser da Inquisição, dá-se a de se ir disseminando pelo Reino a seita de Luthero.

Aterrada com os progressos que as novas ideias iam fazendo, a Igreja apressou-se a convocar o Concilio de Trento, que funcionou com intermitencias, de 1545 a 1563, estudando o modo de melhorar as desordens e abusos de todo o clero, e apôr-se ao desenvolvimento das novas ideias que germinavam na Alemanha, em Inglaterra e em parte da França.

A odiosa resolução dos Indices dos Livros Proibidos saiu deste Concilio, assim como a criação dos nossos antigos Seminarios diocesanos (1) que se destinavam a preparar doutores em theologia para ocupar todos empregos e cargos mais importantes.

Era a invasão do reacionarismo, realisada com sistema, método e ordem.

Depois de introduzida a Inquisição em Lisboa em 1531, com o que Gil Vicente quasi emudeceu, mais cinco passaram a funcionar em Evora, Coimbra, Porto, Lamego e Tomar, além da que havia em Gôa.

Referindo-se a esta ultima, informam os signatarios de uma carta dirigida a D. Sebastião, que o Santo Oficio fôra ali muito bem recebido, que trabalhavam muito bem, segundo o seu Regimento, e que a Inquisição de Gôa parecia fazer vantagem á de Lisboa. (2)

A Igreja, perseguida por toda a Europa, encontrara, pois, benefico abrigo e protecção em Portugal e Espanha. Quem governava era o clero!

Fosse qual fosse o modo de vida ou profissão a que o povo se entregasse, ninguem se sentia satisfeito, e por entre a resignação e o desespero, todos iam dizendo á boca pequena: —melhor é ser bispo, do que andar nisto».

Os foragidos das perseguições religiosas que a Reforma motivara, quando não se acolhiam á America do Norte —os pilgrims— onde, seguiosos de liberdade, fundaram uma grande Republica, recolhiam-se a Espanha e muito principalmente a Portugal, onde encontravam todas as facilidades e um agasalho paternal aqueles que vinham animados do espirito reacionario contra a obra de Luthero.

Disto ha vestigios. O mosteiro de Nossa Senhora da Quietação fôra fundado em Lisboa para recobar as freiras flamengas, foragidas do Calvinismo nascente.

Tambem por igual motivo se criara o mosteiro de Santa Brisida, subsidiado pelo rei para recolher as Religiosas inglesas.

Por 1632 ainda D. Pedro Coutinho, fidalgo, instituiu em Lisboa o Colegio de S. Pedro e S. Paulo para seminario de ingleses catolicos, que, no dizer do autor do «Mapa de Portugal» (3), aqui vinham estudar filosofia e teologia dogmatica «para irem confutar os herejes» nas missões de Inglaterra e doutros paizes hereticos. O colegio esteve longos anos sob a jurisdição do inquisidor geral.

Ainda existe o chamado Colegio dos Inglesinhos, mas felizmente já perdeu o detestavel caracter primitivo.

Portugal tornara-se um autentico foco de reacção e conspiração contra as livres ideias contidas no movimento da Reforma.

Por tal motivo se creou tambem em Lisboa uma outra confraria, cujo objectivo era educar religiosos irlandezes nas doutrinas do Catolicismo, para depois irem combater o Protestantismo.

Esta Confraria, primeiramente creada em 1593 na Casa de S. Roque, passou-se para a Mouraria, d'ali para Sant'Ana, depois para a ermida de N. S. da Gloria, e em seguida para uma casa fronteira á ermida de S. Crispim.

O Colegio já ia tendo discipulos e protectores. Passara a chamar-se Colegio de S. Patricio («Patrick» irlandez) de Lisboa para estudantes irlandezes.

«Quando voltavam para a Irlanda, diz Baltazar Teles (4), os industriados no Catolicismo disfarçavam-se em mercadores para passarem melhor pelas terras dos herejes.»

Quando o seculo XVII já ia a mais de meio, sob a fé do insigne Padre Antonio Vieira, dizia-se em Roma que mais valia em Portugal ser Inquisidor do que Rei!

A Inquisição, os Jesuitas e a praga dos conventos de frades e freiras acabaram de deturpar-nos para sempre o caracter.

O espirito cavaleiresco dos velhos tempos cedera entre nós o logar á hediondez de processos, á falta de escrupulos de toda a ordem, á sordidez gananciosa do Israelita, ao espirito aventureiro do Fenicio, ao caracter desconfiado do Mouro, á lascivia geral enfim, importado do Oriente.

Em Portugal reside apenas o prolongamento de um povo cujo apice de gloria foi atingido, por uma estranha coincidencia historica, no momento preciso em que atingia o apice da sordidez.

Os gloriosos descobrimentos maritimos e conquistas, tudo foi conspurcado pelas mais altas abjecções de uma administração ignobil e repugnante.

Friamente considerados os factos somos actualmente a logica continuação de um passado que, sob o ponto de vista economico e administrativo, nos cobre de vergonha.

Os conventos, quer diferenciados, para frades una e para freiras outros, quer mistos, como alguns havia, tornaram-se em Portugal uma epidemia pior que a dos bachareis, á qual já nos referimos.

Contra os frades traduzia o povo seu despreso, disfarçando-o na concisão de adagios que corriam de boca em boca:

—Clerigo que foi frade, nem por amigo, nem por compadre.

Posteriormente, criou-se este outro: —O ladrão que anda com frade, ou o frade será ladrão, ou o ladrão frade.

(Continúa).

Ladislau Batalha

(1) Actas do Concilio Cap. XXVIII da XXII sessão *De Reformatione.*

(2) Torre do Tombo. Gav. 2 - Março 1 - 370.

(3) Vol. III, p. 381.

(4) *Chron.* da Comp. de Jesus em Port. P. II - Liv. IV - Cap. XLI.

A QUESTÃO DO JOGO

Urge resolver o problema

e ele não se resolve com a intervenção da policia

Continua a discussão em torno do jogo, e, pelo que vemos, não ha meio de saír da situação dubia em que nos encontramos.

Porque é dubia e falsa a situação creada ao jogo em Portugal, onde é velha mania tudo embrulhar e complicar.

Criaram-se ahi brigadas de policia, que, sob o comando dum oficial do exercito, todas as noites assaltam os Clubs. Simultaneamente, governos e autoridades confessam que é impossivel reprimir o jogo, e a prova é que, de quando em quando, ele lá se deixa descobrir...

E não saimos disto: os jogadores, por um lado, a defender-se da policia; a policia, por outro lado, a correr atraz dos jogadores. E nisto passamos semanas e mezes, sem conseguir outra cousa que não seja ocupar numerosos agentes da autoridade, tão necessarios á manutenção da ordem e á segurança da população, victima de constantes assaltos e agressões.

Isto é ridiculo e cheira a quadro de entremez.

Desenganem-se os senhores duma cousa: existe em Portugal o problema do jogo. Posto isto, não é atirando contra ele a policia que vamos resolvelo.

A Inglaterra julgou que bastaria, de facto, uma preseguição constante, e acabou por convencer-se de que desse modo não resolveria cousa alguma, sendo de notar que foi a propria policia, depois de esforços inauditos, que veio declarar-se impotente contra a pertinacia dos jogadores.

Ora, quando um vicio se torna como uma pratica irresistivel dos cidadãos, é evidente que o que ha a fazer é admiti-lo como lei.

Então havemos de ficar perpetuamente nesta corrida fatigante de todas as noites, atraz de uma cousa que se nos esconde como diabo de magica?

De dez em dez minutos um assalto! E contra quê, afinal?

Contra aquilo que paizes mais ricos e adeantados do que nós adoptam como bom.

Já aqui contámos como o senado belga aprovou o restabelecimento do jogo em Ostende; e dizemos «restabelecimento», porque já ali esteve regulamentado, vindo muito naturalmente a interromper-se com a guerra.

Ostende, a linda praia belga, sofreu muito com os bombardeamentos, até por necessidades de defesa militar, ouve que demolir muitas edificações, algumas por sinal imponentes. Pois a Belgica entendeu que era ao jogo que se deviam ir buscar as receitas precisas para a reedificação.

Fôra o jogo que lhe dera explendor transformado-a de aldeia humilde numa das mais belas e imponentes cidades do litoral; será ele, tambem, que vá remediar os males horriveis da guerra.

Porque havemos nós de querer ser mais honestos do que os belgas, considerando crime repugnante aquilo que eles adoptam como coisa excelente?

Na França joga-se por toda a parte, livremente; e joga-se na Italia, e na Inglaterra, e no Brazil, e na Argentina.

Felizes e honestos os portugueses, se, do mau, nós tivessemos apenas o jogo...

Mas, infelizmente, não somos um povo cheio de vicios; olhem os nossos instintos da politiquice, que não nos deixam sair da cepa torta, como é uso dizer. Olhem a nossa mania das revoluções; olhem os especuladores, que a trez anos do armisticio, suprema vergonha, manteem a vida mais agravada do que em pleno guerra!

E olhem, mais, os nossos campos incultos, a nossa terrivel emigração, os productos portugueses perdendo os seus mercados, o povo sem instrução,—e tudo o mais que é só dum povo atrazado e que, isso sim, nos envergonha aos olhos do mundo!

Trabalhe-se com metodo e vontade; haja patriotismo a mais e barulho a menos; corram com os grandes jogadores da Bolsa, que elevaram a libra, e a mantem numa altura de vertigem; abram escolas, construam estradas... façam isso tudo, e deixem lá o jogo em socego, porque disso, em paga do mal que causará, alguma cousa de beneficio resultará tambem.

A questão do jogo, repetimos, não se resolverá com o intermedio da policia, perseguindo-se; resolve-se estudando a sua legislação, de forma que da pratica do vicio inevitavel nos venha o maior numero possivel de beneficios.

Isto mesmo ha-de fazer-se um dia, reconhecido como unica solução; mas, nessa altura, já se terá perdido muito dinheiro, muito esforço e muita paciencia.

Pois é pena.

A proposta do sr. Antonio Mantas

Ao contrario do que se tem dito, a proposta que o deputado sr. Antonio Mantas vai apresentar á camara sobre a regulamentação do jogo, não é a mesma que s. ex.ª já tinha apresentado nas camaras dissolvidas.

Pelo seu novo projecto de lei, o sr. Antonio Mantas regulamenta e tolera o jogo em Lisboa, praias e termas, criando pesadas contribuições sobre os clubs onde o jogo funcione.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

A sr.ª D. Estela Elvira de Sousa Gomes, filha da sr.ª D. Elvira Adelia de Sousa Gomes e do sr. Manuel Andrade Gomes, empregado superior da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e redactor da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», casou com o tenente sr. Manuel Gonçalves Monteiro. Foram padrinhos os srs. Alvaro Marques e sua esposa D. Suzana Clementina Marques, e os pais da noiva.

O copo de agua deu-se em casa dos pais da noiva. Os noivos partiram para o Estoril.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A's 13 horas, como de costume, o sr. Presidente manda proceder á chamada. Como não haja numero, espera-se. A's 14,30 aprova-se a ata e o expediente.

Entra em discussão a proposta do Senado reintegrando o tenente-coronel de cavalaria Wanzeller. Falam os srs. Agatão Lança, que discorda da proposta e Manuel Frazão e Rodrigues Gaspar, que se pronunciam favoravelmente.

A proposta é aprovada o dispensada a ultima redução.

A requerimento do sr. ministro da marinha entra em discussão o projecto de lei regulando os subsidios de embarque dos oficiais de marinha. E' aprovado, sem discussão, na generalidade e especialidade.

O sr. Sáres Branco requer para entrar em discussão o parecer respeitante a serviços coloniais.

Entram na discussão os srs. Rodrigues Gaspar e ministro das colonias. Aprovado na generalidade e tambem na especialidade, com emendas para redução de despesas.

O sr. Pedro Pita insiste pela discussão do projecto de lei sobre os oficiais milicianos. A discussão acalora-se, trocando-se explicações entre os srs. Pedro Pita e Afonso de Melo. O requerimento é regeitado pela maioria, que vota unanimemente.

O sr. Carvalho da Silva fala, copiosamente, sobre a proposta de contribuição predial e industrial, combatendo-a.

O sr. ministro das Finanças deu explicações ao orador.

O sr. presidente do ministerio faz a apresentação do novo ministro da Agricultura, sr. Aboim Inglez, fazendo das suas qualidades o maior elogio.

Cumprimentam o novo ministro os srs. Carvalho da Silva pelos monarquicos; Afonso de Melo, pelos liberais; Rodrigues Gaspar, pelos democraticos; Carlos Olavo, pelos reconstituintes; Anibal Soeiro d'Azevedo e Agatão Lança.

O sr. ministro da Agricultura agradece a todos as palavras de cumprimentos que lhe dirigiram, afirmando que os assuntos a cargo da sua pasta correm só se poderão resolver com auxilio e concurso da Camara.

Continua a discussão da proposta sobre o novo regime cerealifero, atacando-a e considerando-a como monstruosa, o sr. Cunha Leal.

O novo ministro da agricultura tomou hoje posse

O sr. Aboim Inglez assumiu hoje a gerencia da pasta da Agricultura que lhe foi conferida pelo sr. dr. Fernandes Costa. Discursaram o antecessor do ministro e os srs. presidente do ministerio, dr. Afonso de Lemos, Eduardo Fernandes de Oliveira, pela Associação Central de Agricultura, e José Maria Alvarez, pela Associação Industrial.

Liberato Pinto

O julgamento continuou hoje e promete prolongar-se por mais alguns dias

No Tribunal Militar de Santa Clara, depois de se acharem presentes os cinco generais que, como juizes, hão de pronunciar o seu «veredictum», os srs. Gomes da Costa, João Augusto Camacho, Sousa Rosa, Tamagnini de Abreu e Teofilo da Trindade, deu-se principio á continuação dos trabalhos.

Foram ouvidas varias testemunhas.

O Conselho disciplinar procedeu á revisão do processo que é bastante volumoso e ao exame de varios documentos.

O sr. Liberato Pinto, sorridente, cumprimentando para todos os lados, dá entrada no Tribunal.

O julgamento continua, e é opinião geral que durará ainda bastantes dias.

Poeira da Arcada

Regressaram esta tarde a Lisboa os srs. ministros das Finanças, Comercio, Instrução e Trabalho, que no sabado tinham saido para a provincia.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro da Guerra fixou os sabados, das 17 ás 19 horas, para receber as pessoas estranhas aos serviços do seu ministerio.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Hermano Neves foi nomeado segundo assistente da faculdade de Medicina de Lisboa.

✦ ✦ ✦

Estão secretariando o sr. ministro da Instrução os srs. Amilcar de Barros Queiroz e Antonio dos Reis Rusvisco.

✦ ✦ ✦

Conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio os srs. drs. Paiva Lereno, adjunto do director da policia de investigação criminal, João Barreira, comissario do governo junto da Companhia das Aguas de Lisboa.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Antonio Granjo recebo amanhã, pelas 11 horas, a direção da Sociedade A Voz do Operario.

✦ ✦ ✦

Pelo governo inglez foi comunicada ao Alto Comissario da Republica em Angola a proibição da entrada nos territorios da Africa do Sudoeste ou Ovampoland, de pessoas que não forem munidas de um salvo-conducto passado pelo Governo da Colonia.

Foi tambem proibida a entrada de gado procedente de Angola.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Afonso Costa que se encontra na sua casa de Seia telegrafou ontem ao sr. Presidente do Ministerio felicitando-o, pelo novo governo.

✦ ✦ ✦

O «Diario do Governo» de amanhã deve publicar o decreto sobre o tratado de comercio de Portugal com a Noruega

A proposta-força

O funcionalismo publico diz da sua justiça ácerca da redução dos quadros

A *União*, orgão defensor dos funcionarios publicos, publica na integra a representação que a Associação dos Empregados do Estado entregou ao sr. Barros Queiroz, quando este ilustre homem publico era ainda chefe do governo. Não nos é possivel, evidentemente, transcrever integralmente tão importante documento, limitando-nos, por isso a extratar o mais importante.

Acerca de economias, a representação tem este ponto de vista, que nós partilhamos absolutamente:

Mas, sr. Ministro das Finanças, não é só lançando na fome os funcionarios publicos, que se podem fazer economias: Podem fazer-se suspendendo, desde já, todas as acumulações e comissões de serviço (e tantas ha) muitas das quais são principescamente pagas; podem fazer-se com uma boa reorganisação de todos os serviços publicos, sem excepção, melhorando os processos de trabalho, aproveitando mais eficazmente as energias de todos os empregados, que hoje tanto se desperdiçam; podem fazer-se com um bom aproveitamento e uma conscienciosa organisação dos serviços, evitando-se os desperdicios sem conta dos artigos de expediente, e fiscalisando com rigor os respectivos fornecimentos; podem fazer-se evitando que muitos funcionarios recebam ajudas de custo por trabalhos imaginarios (que fizeram em casa ou que se intentam para justificar variados passeios); podem fazer-se evitando que os secretarios dos srs. Ministros viagem frequentemente em caminho de ferro, sem razão alguma, com requisições passados pelo Estado; podem fazer-se no exercito; podem fazer-se na armada; podem fazer-se, sr. Presidente do Ministerio e Ministro das Finanças, em todos os ministerios, sem tirar o pão a ninguem, civil ou militar.

Isto no que respeita a economias imediatas; Quanto a economias futuras podem fazer-se fixando desde já todos os quadros civis e militares e não nomeando ninguem, emquanto houver um funcionario ou um oficial a mais do que aqueles que forem julgados indispensaveis para o regular andamento dos serviços publicos.

Acerca daquele extraordinario § 1.º do artigo 2.º da proposta, que atribue aos Directores gerais e chefes de serviço a faculdade discricionaria de eliminação dos empregados, a representação diz, com justiça, o seguinte:

Se v. ex. tivesse procurado legislar no sentido de dar armas aos politicos para toda a especie de injustiças, de dar origem a que superiores se vinguem de qualquer inferior pelos quais se julguem agravados ou com quem não simpatisem, ou de dar margem a que se protejam afilhados, não acharia, por certo, uma forma mais adequada.

Realmente um tal, § sr. presidente do ministerio, é iniquo, monstruoso, e num paiz em que a forma de Governo tem por lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade, não se fazem, não se devem fazer leis de excepção ou favoritismo para ninguem.

Queremos crer, porém, que v. ex.ª, ao redigir um tal §, não reparou que a sua redacção poderia dar lugar a toda a especie de injustiças e vinganças.

A representação, na parte que se refere á infelicissima proposta-força, termina por estas palavras:

Não ha economia que valha, nem reforma que preste ao Estado, ao funcionario e ao publico, se uma refundição completa não vier acabar para sempre com a corruptela do compadrio, do favor e da influencia politica, num campo onde o trabalho probo e honesto deve ser a manifestação dignificadora duma classe que quer, de par, honrar-se, honrando a administração publica.

O funcionario portuguez não vale menos que qualquer funcionario de além fronteiras, a quem o governo da sua terra de ha muito concedeu autonomia sob a acção fiscalisadora do Estado, para gerir os serviços publicos. Nem vale menos, nem pode menos em prol da administração do Estado e do proveito publico.

A reforma dos quadros, preconisada pela Associação, é, depois, formulada em bases, na primeira das quais se define o que deveria ser o «Estatuto do Funcionalismo Publico», com determinação precisa dos direitos e deveres dos empregados.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

E' absolutamente destituida de fundamento a noticia de que tenha sido contratada para fazer parte da Companhia do Nacional, como contratada ou societaria, a actriz Palmira Bastos, a qual continua á frente da sua companhia, que em 1 de outubro proximo se estreará no Teatro São João do Porto, fazendo parte da companhia o actor Augusto Machado.

Gil Vicente

Foram contratadas para este teatro as actrizes Guilhermina Alves e Lili Pinto.

Reclamos

Avenida

A grande atração lisboeta, no actualidade, está sendo a Companhia Infantil que se apresenta no Avenida. A petizada que figura no seu elenco interpreta, com a maior graciosidade, varios numeros de variedades, couplets, fados e revistas, o desempenho com todo o entrain a interessante revista o «Sonho do Manecas», fazendo repetir muitos dos seus numeros, que o publico aplaude entusiasticamente, que em larga escala, afluo ao elegante teatro. Hoje repetem-se os mesmos espectaculos em duas sessões.

VIDA SPORTIVA

Hipismo

Grande Concurso Hipico do Estoril

Nos dias, 24, 25, 27 e 29 de Setembro

Vai aumentando nos meios sportivos o interesse por estas provas, que vão chamar ao Parque do Estoril tudo quanto ha de mais distinto no mundo elegante.

Estão já em via de conclusão os trabalhos no campo de obstaculos, cuja disposição é admiravel.

Já se encontram muitos lugares marcados e inscritos alguns dos nossos melhores cavaleiros e distintissimas amazonas, o que dá bem a nota do interesse que este Concurso está despertando.

Podemos já hoje dar algumas notas do programa, em que figuram alguns numeros sensacionais.

Dia 24—Primeiro dia do concurso —Realisam-se os seguintes provas: «Ensaio», 6 premios em dinheiro. «Discipulos», 4 premios, valiosos objectos de arte.

Dia 25—Omnium, 10 premios em dinheiro.

Dia 27—«Grande Premio», 6 premios em dinheiro num total de cerca de 6.000$00—1.º premio, 3.000$00. «Amazonas» 7 premios, 6 lindos objectos de arte e um artistico arreio.

Dia 29—«Nacional», 6 premios em dinheiro. «Taça Estoril», premios 3 taças de grande valor artistico.

A inscrição e marcação de logares continua a ser feita na séde da Sociedade Hipica Portugueza, rua Ivens, 56, 1.º

Excursão a Sines

A excursão que estava anunciada para dia 4, por circunstancias especiais ficou transferida para domingo 11, partindo num dos melhores rebocadores do porto de Lisboa.

Para informações e o resto de bilhetes, na rua do Ferregial de Baixo, 34—1.º.

A' chegada dos excursionistas haverá uma grande recepção promovida por diferentes coletividades.

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».

GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pinas».

POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Amor Perfeito».

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».

APOLO—A's 21,30—«Burro em Pé».

EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».

GIL VICENTE—A's 21,30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

A CAPITAL

3879 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Terça-feira, 6 de Setembro de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

Ao que chegámos

Um dos aspectos mais essenciais do fenomeno politico que neste momento se observa em Portugal é, sem duvida, o da influencia das classes na administração do Estado.

Para que negal-o? Essas classes patenteiam um egoismo formidavel, e como os seus interesses são antagonicos, a maior parte das vezes não podem os governos levar a cabo nenhuma reforma, nem podem tomar nenhuma medida importante, nem que elas acabem por se transformar por tal forma que a sua intenção originaria, que as suas linhas permitirão, se tornam irreconheciveis.

Os partidos não teem força. Estão debaixo da acção dessas classes, e por sua vez os governos, saídos dum partido, revelam desde logo a sua debilidade constitucional. Não nascem em condições de vitalidade. São abortos politicos sem força, sem movimento, sem vida.

Qualquer questão que seja do maior interesse para o paiz sofre desde logo a influencia das classes. Uma quere isto, outra quere aquilo, e quando se conciliam todos esses interesses, por meio de transigencias ás vezes até desonrosas, reconhece-se que a medida destinada a servir a nação se converteu para ela numa nova e estranguladora golilha.

Em tais circunstancias é então que nos encaminhamos para um desastre sem precedente.

Um paiz não pode viver sem espirito nacional, e o espirito nacional evidencia-se no patriotismo, sem sacrificio, sem confraternisação, sem ideal que inspiro ao mesmo tempo o orgulho e a justiça da existencia colectiva da patria. Se ninguem estava disposto a facilitar a vida social, se todos os agregados dorem provas dum egoismo desoraovel, se em vez de se pensar em ceder alguma cousa para bem da colectividade todos quizerem explorar cada vez mais, se ninguem se resignar ao sacrificio geral, então a sociedade está em perigo, a patria afundar-se-ha numa subversão fatal. As classes, no nosso paiz, parece que não se sentem presas pelo elo nacional, mas sim isoladas, tratando-se como inimigas, e desdenhando do patriotismo, da comunhão que deve unir os filhos duma mesma terra. Em face disto ou se levanta uma força que leva ao respeito dos grandes principios da salvação nacional ou se cai na anarquia que faz desaparecer por vezes os maiores imperios do globo.

Meditem nisto os homens publicos. Nós estamos á beira duma epoca de convulsões tremenda. Chegamos evidentemente ao ponto em que já não ha elasticidade possivel no dominio das privações e renuncias possiveis em que centenas de milhares de seres exaurem as ultimas energias. Os partidos passam «épavés» que flutuam ao sabor das ventanias, num temporal sem mercê. Só se ouve rugir a voz dos interesses mais desumanos. Dir-se-ia que assistimos a um terramoto moral em que verdadeiras hordas de bandidos se empenham num saque monstruoso. Os governos, então, são como cascas de nozes que saltam aos ares ao mais pequeno impulso.

O paiz sofre. O paiz não pode mais. E se governa para as classes, só se governa para os partidos. Não pode ser! Aqueles que não empenharem todos os esforços para uma nova politica, livre, bem intencionada, energica e forte, teem de ser considerados como autenticos traidores á patria.

O conflito Heleno-Turco

A batalha de Sangarios

CONSTANTINOPLA, 3.—A batalha de Sangarios parece ser favoravel aos gregos. Os kemalistas retiraram-se em boa ordem sobre a linha de defeza das alturas de Chilckdan-Chardaan ordij-Desgh.

A vitoria ainda não é definitiva e as perdas são importantes, tanto de um lado como do outro.—(H).

Os gregos dizem da sua justiça

ATHENAS, 6.—Os gregos ocuparam Yaban, Haman e o monte Herdiz, aprisionando um batalhão com o seu comandante e derrotaram um forte contingente de artilharia, o qual sofreu grandes perdas e abandonou os peços.—(H).

IRLANDA

O vice rei ausenta-se de Kingston

DUBLIM, 6.—O visconde de Fitzalan, vice-rei da Irlanda, partiu de Kingston no dia 4 do corrente, a bordo de um «destroyer», supondo-se que foi falar com o sr. Lloyd George, que actualmente se encontra na Escocia.—(H).

O novo tratado com a Noruega

CRISTIANIA, 6. — A «Gazeta de Navegação» diz constar-lhe que em Lisboa foi publicado um decreto, quintuplicando as taxas e os direitos maximos, o que vem afectar os navios surtos nos portos portugueses. O decreto foi publicado no dia 5 do corrente e a «Gazeta» conclui que Portugal rejeitou os oferecimentos da Noruega para um tratado de comer-

OPINIÕES ALHEIAS

OS OFICIAIS MILICIANOS

Como o ilustre deputado X... entende que se deveria resolver a questão dos oficiais milicianos

As noites de luar com que o calendario nos presenteou (dacordo com a divina Providencia) e um leve assomo de fresca brisa, convidam a um passeio após o jantar magrissimo destes tempos de penuria amarga.

Foi por isso que ontem nos resolvemos a acelerar a marcha do chylo tomando o comboio do Rocio num electrico de Algés para fundearmos, sãos e salvos, numa das pelintras barraquinhas que enfeitam a esplanada. Ao menos, nesse longinquo extremo da cidade, ha luz á farta; e, para consolo gustativo dum dispeptico, existem tambem arremedos minusculos de queijadas de Cintra, pagas com generosidade naquela vil moeda, que o grande X... afirma que não está desvalorisada. Singular concepção faz o eloquente parlamentar dos valores da propriedade e da moeda! Porque, se ele afirma que é a mercadoria que vale mais que a moeda, como diabo é que nós pagamos dez vezes mais caras as queijadas microscopicas de Algés? Mas, se a moeda vale o mesmo, porque carga de agua damos pelas tais minusculas queijadas uma resma de papel almasso cortado em notasinhas de meio tostão? O Padre Antonio Vieira, descobridor de unhas na palma da mão e homem de imaginativa de sobrescelente, seria capaz, talvez, de encontrar o valor desta incognita que, para nós, representa o Inoognoscivel.

Pois lá fomos, até Algés. E, com tanta sorte, que, na paradesinha de esoado as 28, numero da nossa predilecção, topamos abancado em frente, o indefectivel X..., fiel aos principios que todos se resumem, neste vale de lagrimas, em que mais vale um gosto que quatro vintens na algibeira. X..., aliás não é um profissional,—nem nós, graças ao sr. capitão Albuquerque. Se ele não nos deixa tomar gosto ao vicio!... Mas, como toda a gente que se presa, não se nos dá, uma vez por outra, de fazer o gosto ao dedo.

Cumprimentamo-nos, com um signalsinho amigavel, de cumplicidade. Perdemos, ganhamos, tornamos a perder. E depois de termos passado para o lado de lá uma vaquinha de trinta escudos (quinze por cada bico) arrumamo-nos nas cadeiras de vime e esmoemos o despeito (para não dizer a raiva) perante dois bocks, chupados aos golinhos. Como sempre, a conversa destemperou na politica endemica. Foi o indefectivel X... que principiou, assim:

—Que me diz, meu caro jornalista (isto de caro, é graça: pois se nós somos dos mais baratos!...) á insistencia do meu colega Pedro Pita?

—A respeito?...

—Dos oficiais milicianos.

—Mas nós achamos bem.

—Tambem eu. O Pedro Pita é homem de valor e é persistente. Tem talento. Tomara muita gente ter o talento que ele tem! Mas, (digo eu e, se erro, que me perdoem) defende precipitadamente uma causa justa.

—Isso agora, amigo X..., é do deputado da maioria. Perdoe, mas é do deputado da maioria...

—Qual historia! Eu sou, é verdade, da maioria, mas não sou incondicional. Quando eu falar é que se ha de ver. Nem o Afonso! Nem o Sá Pereira! E, para lhe falar com franqueza, só do lado da extrema esquerda da camara é que poderá haver quem me bata!

—Está bem, está bem! cortámos cerce, a ver se estancavamos a caudalosa jactancia do verboso tribuno republicano. Diga-nos antes (se, por acaso de tal nos julga merecedor) qual o seu ponto de vista, no caso dos milicianos.

—Pois seja. Peço-lhe, porém, que siga o meu raciocinio, fundamentado nas leis e costumes militares. E, como v. já foi sargento (disseram-me) responda ás perguntas que passo a formular.

—Pois sim. Mas olhe que isso de sargento...

—Não faz ao caso. Pergunto eu: quando, na tropa, um superior dá uma ordem...

—Deve ela ser cumprida, sem discussão nem hesitação.

—E, se não é?...

—Deve o superior empregar todos os recursos, mesmo os da mais extrema violencia, sem exclusão da corpores, para que a ordem integralmente se cumpra.

—Falou v. como o regulamento disciplinar do exercito. Agora, falo eu: se os oficiais milicianos não cumpriram a ordem de fazer exames e se contra eles não foram empregados os tais meios coercivos, que podem ir até ao ultimo extremo, quem delinquiu?

—O superior, sem duvida. Mas tambem o inferior...

—Não, esse não. Porque, se ele não foi obrigado a cumprir a ordem de serviço é porque o superior não tinha força moral para se impôr, por ser uma ordem inexequivel. Com efeito, como diabo se ha-de obrigar alguem a dar provas num exame que ele não quer fazer ou para o qual não está habilitado? Só se o forçarem a vociferar quanta asneira lhe venha á cachimonia. E' absurdo.

—Efectivamente. Mas agora...

—O absurdo pode continuar, se não houver bom senso que lhe ponha termo. E a questão é esta: se o exame era o cumprimento duma ordem de serviço (e, só assim, se podem explicar os castigos impostos) os oficiaes teem de cumprir essa ordem, dê para onde der. Ou então não cometeram falta alguma e os castigos impostos devem ser cancelados, anulados, amnistiados ou como lhe queiram chamar; o nome dos bois pouco importa...

Concordamos, «in imo pectore», que não fazemos questão dos bois; mas, para falar francamente, não atingimos, assim á primeira, onde o tribuno pretendia chegar. Tinhamos, todavia o instincto do desfecho proximo e resolvemos precipita-lo:

—Como resolver, nesse caso a questão?...

—Muito simplesmente,—e dentro das leis militares. Houve uma infracção disciplinar praticada por inferiores que não cumpriram a ordem do superior. Mas, cumprido o castigo, teem de cumprir a ordem: voltarem, por isso, á Escola e façam os exames a que se recusaram. Fica, assim, salva a disciplina.

—Mas os castigos?...

—Isso é outra questão. Ei-la: inferiores foram castigados por não cumprirem uma ordem de serviço, mas está provado que os superiores não usaram de todos os meios para se fazerem obedecer. Sendo assim, deviam estes ser tambem castigados. Mas, como o não foram em tempo competente nem convem, agora, que o sejam (que escandalo, se tal se desse!...) determina-se que os oficiais delinquentes sejam admoestados, sem averbamento, e anulem-se os castigos anteriores.

—Caramba! exclamamos, Você é maior que Salomão!

X... sorriu-se, modestamente. Vimos até que córou um pouco, mas talvez fosse efeito da iluminação furta-cores da esplanada. Em todo o caso foi dizendo, todo baboso:

—Não, Salomão não sou. Nem pretendo. Agora, se me chamasse Freitas Soares...

A noite arrefecia. Os electricos começavam a rarear. E, enquanto o prudente X... tomava o caminho da Baixa, nós engolimos ás cegas no antro. (com homem perdido, ninguem se metel...) esperançados na desforra.

A compressão de despesas no Parlamento

Um esclarecimento

Por motivo de uma gratificação por serviços extraordinarios, já paga a todo o pessoal dos corredores e da secretaria e taquigrafia do palacio do Congresso em virtude de uma resolução aprovada nas Camaras, entendeu o nosso colaborador, sr. Antonio Lopes dever as observações que ao seu criterio sugeriu, certamente numa intenção diversa da de ofender ou melindrar quem quer que fosse.

Desagradou o artigo, porem, ao pessoal do Parlamento, que numa precipitação inadegnada ao caso, foi um pouco alem do que era merecido, procurando tirar um desforço do artigo incriminado.

A' hora mesmo em que tal caso se passava, recebiamos nós uma carta de esclarecimentos assinada por um funcionario do Palacio do Parlamento.

Em harmonia com as nossas praxes, ha muito adoptadas, de dar a maxima amplitude á livre expressão do pensamento, prontamente lhe demos publicidade no mesmo sitio em que na vespera tinhamos publicado o artigo do nosso colaborador.

Com isto mais uma vez demos prova da nossa isenção e lealdade nas praticas do jornalismo.

E certos estamos de que o incidente fica completamente sanado, nem mais razão ha para avolumar um assunto que está por todos os modos concluido.

Não nos foi agradavel, por decoro do proprio funcionalismo, o caso precipitado a que acima fizemos alusão.

Como, porem, sabemos que o sr. Presidente da Camara mandou proceder a um inquerito sobre a ocorrencia de ontem nos corredores do Parlamento, tambem não nos pertence mais a nós tratar do assunto, visto estar entregue a quem terá de se pronunciar.

A Espanha em Marrocos

Preliminares de nova batalha

MADRID, 5.—Dizem de Melilla para os jornais espanhois que os chefes rebeldes parece que prepararam duas importantes «harkas»: a primeira encarregada de conter o avanço espanhol sobre Ad-el-Kert e a segunda encarregada exclusivamente de incomodar os espanhois nos arredores de Melilla. Informações colhidas nos centros politicos asseguram que as operações das nossas tropas devem começar no fim da semana corrente ou no começo da proxima semana.

O escritor Miguel Unamuno foi condenado recentemente na pena de 8 anos de prisão por crime de lesa majestade.

Os jornais receberam telegramas de Vigo, dizendo que os quatro legionarios americanos que vinham alistar-se no legião estrangeira, desertaram.—(H).

Ministro da Alemanha

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje largamente o sr. ministro da Alemanha, parecendo que se trataram varios assuntos respeitantes ao comercio da Alemanha com Portugal.

O comercio do petroleo

PARIS, 6.—Foi publicado um decreto que proibe a saida e a exportação de petroleo e oleos minerais.—(H).

Bairros sociais

Reabertura do Bairro n.º 2 (Covilha)

Foi reaberto o Bairro Social n.º 2 na Covilhã, prosseguindo as obras com a maior regularidade.

O Delegado da actual Comissão Administrativa que foi incumbido de proceder aos trabalhos de reabertura foi o engenheiro sr. João Jorge Coutinho, que já deu conta da sua missão num bem orientado e bem elaborado relatorio.

Higiene da bôca

Os 50 milhões de dollars

Convém esclarecer, e quanto antes todo este negocio, em volta do qual vai pairando uma atmosfera de desconfiança, mas sempre prejudicial aos interesses do Paiz.

E' tempo de entrar a fundo no amago da questão, e tirar-lhe tudo quanto de bom ou de mau lá existe dentro.

O negocio tem todos os aspectos de ruinoso, se não vexatorio, a julgar pelas seguintes informações que já temos colhido:

«Bastará citar, segundo se diz, a parte referente á obrigação do governo portuguez ter de comprar, e parece que durante dois anos, 150.000 toneladas de trigo americano *e pela cotação do mesmo mercado*.

Embora o trigo argentino estivesse mais barato, seria forçoso comprar o trigo americano, fosse qual fosse a sua cotação.

E que qualidades de trigo?

Aquelas que os *benemeritos* contratantes queiram escolher!

Assim, teriamos de receber as qualidades ordinarias classificadas com o n.º 3—e, em geral, de trigos rijos, de que resultaria o consumidor ter maior quantidade de pão de farelo, do que de farinha.

Qual o peso especifico dos trigos? Qual a garantia de que, a chegada aqui, esse peso fosse confirmado? Nada, absolutamente nada a tal respeito, no que se diz, consta da *proposta comercial*.

Os pesos dos carregamentos seriam os constantes da carta de fretamento, mas se aqui se verificasse a falta de algumas ou de muitas toneladas?

Como poderia a moagem trabalhar só com trigos rijos, estando de ver que os bons qualidades de trigo molo, como por exemplo: o «Manitoba» nunca viriam a Portugal, dado o seu elevado preço em relação aos trigos ordinarios?

E para isto se conseguir, isto é, para que durante dois anos tivessemos de comer pouco mais do que semeas ou farelo remoido, os *benemeritos importadores*, obrigavam o Estado a pagar um juro de 7 1/2 0/0 pela demora nos respectivos pagamentos, demora que poderia ir até 5 anos, quer dizer no fim deste prazo, correspondendo a 37 1/2 0/0—alem da comissão de 2 0/0 para os *mesmos benemeritos*.

Mas ha mais, o Estado teria de garantir os respectivos creditos com bilhetes de Tesouro, logo pendendo o respectivo juro 5 ou 6 % — e como tal garantia não ficaria em carteira dos *benemeritos*, lançada na praça mais baixaria a divisa cambial.

Por esta forma nunca se saberia qual o preço porque o trigo, e trigo ordinario, ficaria ao Estado. Ou antes além do excedente da cotação mundial, sobrecarregado, no melhor dos casos, com 15 % sobre o seu custo *arranjado na America!*»

BRAZIL

Uma emissão de 200.000 contos

RIO DE JANEIRO, 6.—E' aberta hoje a subscripção publica para a emissão de 200.000 contos de reis em obrigações do tesouro, em titulos de 5 e 10 contos. A emissão é do tipo de 98 0/0 e o juro de 7 0/0 reembolsavel

A questão dos cereais

Os productos de Benguela podem e devem desenvolver-se, fomentando a riqueza daquela provincia e auxiliando as dificuldades alimenticias da Metropole

Interesses e Vantagens reciprocas

Trata-se de um assunto palpitante neste momento de dificuldades cerealiferas.

O milho que é uma das bases da nossa alimentação, principalmente para as populações do norte de Portugal, cultiva-se em relativa abundancia no distrito de Benguela, mas luta com certas dificuldades de colocação.

Nem sempre pode facilmente ser conduzido dos logares da produção até aos cais, nem estes se acham dotados com todos os alpendres, guindastes e mais petrechamentos para beneficiação, retem e conservação.

Frequentes vezes sucede haver abundancia do milho em Benguela, e falta deste genero em Portugal.

Não chegamos a compreender, ou, por outra, compreendemos de mais, o inadequado uso que temos feito dessa imensa tonelagem de vapores tomados aos alemães por ocasião da Guerra, já hoje considerados boa preza.

O comercio de Benguela está-se ocupando do assunto com toda aquele interesse que o caso merece, e sabemos que tanto o Governador como o Alto Comissario de Angola se acham na melhor disposição de prover de remedio.

Não lhes basta, porém, a boa disposição. E' indispensavel que tambem a Metropole desvie um pouco os olhos da politica partidaria, em que se tem deixado absorver, e preste o seu valioso concurso ao assunto, cuja gravidade é maior do que ao primeiro relance se afigura.

O Comercio e a Agricultura de Benguela não podem uma protecção pautal que os iria colocar num regimen odioso de excepção.

O que pretendem é que se crie um regime que lhes garanta a colocação dos seus productos na Metropole com prontidão e sempre de preferencia aos similares estrangeiros.

Isto é, que os cereais estrangeiros que envolvem sempre sabida de ouro, só tenham entrada, quando em territorios portugueses não os haja.

Não ha que discutir a questão de preços. Quem neste assunto dá o certo—é a America. Os preços, é ela que os fixa, e dado o mau estado dos cambios que infelizmente se prolongará longos tempos, haverá sempre vantagem em dispensar os cereais americanos, enquanto os houver nacionais.

Como?

Trabalhando com metodo e sensatamente, não só para garantir pronta colocação ao milho de Benguela, mas fomentando-lhe o desenvolvimento e cultura.

Cumpre tratar imediatamente, mas muito a serio, de regularisar a nossa navegação para a Africa Ocidental, o que até agora está deixando muito a desejar.

Ha que fazer um esforço grande, muito grande, porque as nações, sem estes impulsos de dedicação, não conseguem arrancar-se á inercia do comodismo social, para se conseguir introduzir nos Cais de Benguela boas muralhas acostaveis e todas as condições indispensaveis a um paiz exportador, bem como algumas vias mais de penetração, que tornem pratica e mais barata a condução dos generos.

Com estas medidas e algumas outras que a brevidade deste artigo não permite desenvolver, alcançam-se vantagens incalculaveis para a Metropole e tambem para o distrito de Benguela, o que se resumem, em sintese, no seguinte:

—Desenvolvimento da prosperidade agricola de Benguela e probabilidade de abastecimento de milho á Metropole em condições da plamento mais vantajosas; barateamento do milho, por se subtrair ao gravame dos cambios, e desenvolvimento da riqueza e produção numa provincia ultramarina.

Certamente que, como as cousas se estão passando, Benguela receia que se repita, como já tem sucedido, a dificuldade de colocação do seu producto, por estarmos, ás vezes, saturados do producto americano.

Como consequencia desaparece o estimulo para intensificar a cultura dos cereais em Benguela, embora por lá abundem leguas e leguas de terrenos cultivaveis, o que não sucederá logo que o consumo do milho lhes esteja assegurado.

Daqui resultará para o Distrito, consequentemente, o aumento de materia colectavel sem onus para os novos productores.

Felizmente parece-nos neste momento haver uma conjugação de boas vontades e de esforços por parte das entidades ás quais a solução do assunto incumbe, e oxalá assim seja, pois é das coisas mais lamentaveis que continuemos a estar na dependencia absoluta dos estranhos, até mesmo daquelas coisas que entre nós abundam.

Por não ser agora o ensejo, não nos alongaremos no estudo de tantas outras industrias e fomento de riquezas possiveis entre nós, pela abundante posse das materias primas, se não fôra a incuria e desamor com que tratamos do que entre nós abunda e outras escasseia.

Porque não cuidamos do aproveitamento metodico e sistematico das nossas riquissimas madeiras de sissimar?

Porque não criamos uma larga industria exportadora dos productos de borracha que possuimos em tão larga escala?

E quantas outras!

NOS PASSOS PERDIDOS

O tratado de comercio com a Noruega

O ministro dos estrangeiros, sr. Melo Barreto, passeiava ontem pelos Passos Perdidos quando o jornalista se acercou e lhe dirigiu esta pergunta assim á queima-roupa:

—Pode v. ex.ª dizer-nos o que ha com respeito ao tratado de comercio com a Noruega?

O sr. Melo Barreto estaca a meio da sala e responde-nos, algo surpreendido:

—E' entrevista?... Olhe que eu não concedo neste momento entrevista alguma!

—Não é entrevista—dissemos nós—são simples esclarecimentos que pretendemos que v. ex.ª nos forneça.

—A respeito do tratado de comercio com a Noruega, adotámos, como v. já deve saber, o sistema das represálias, e amanhã mesmo deve ser publicado o decreto elevando ao quintuplo as taxas impostas ás mercadorias procedentes da Noruega.

—Houve muito gente que extranhou a invulgar energia com que v. ex.ª procedeu!...

O sr. ministro dos estrangeiros sorriu-se e exclamou.

—Pois ainda hão-de ver mais, muito mais.

«Para um cargo destes necessita-se sempre dum individuo, não sómente culto, mas essencialmente energico e decidido.

«Até aqui ninguem, a não ser um ministro no tempo da monarquia, ousára ainda usar do direito de exercer represálias sobre qualquer paiz que nos prejudicasse sem motivos e razões justificadas.

—Que diz á atitude do governo portuguez o sr. encarregado dos negocios da Noruega?

O sr. Melo Barreto esboça um ligeiro movimento de ombros:

—Não diz nada, absolutamente nada! Que queria v. que ele dissesse contra as determinações do seu governo?

Palavras do sr. general Silveira

A' entrada do hemiciclo, na altura em que o seu eloquente e vibrante discurso sobre a questão cerealifera, démos de cara com o antigo ministro da guerra, sr. general Silveira.

—Então, meu general, que nos diz v. ex.ª acerca da questão dos oficiais milicianos?...

—Não lhe digo, por enquanto — respondeu-nos s. ex.ª — A questão ainda está pendente de resolução da camara dos deputados, e enquanto ela não fôr ali solucionada, eu nada, absolutamente nada, direi sobre o caso.

—E' que v. ex.ª já nos tinha prometido uma entrevista sobre o assunto!...

—Sim, mas será melhor esperar oportunidade. Deixe-me ser do partido liberal e então eu falarei pelos cotovelos! E olhe que eu tenho muito que dizer!...

—Então v. ex.ª sempre abandona o partido liberal?

—Certamente que abandono! Se v. acha que eu devia continuar filiado num partido que tanto me prejudicou e...

O sr. general Silveira entrecorta a frase e sem sequer se despedir de nós, entrou no hemiciclo, aonde o sr. Cunha Leal continuava discursando.

Uma rapida palestra com o sr. Jorge Nunes

Quando se discutia a questão cerealifera, o presidente da camara dos deputados, sr. Jorge Nunes, fez-se substituir pelo sr. João Luiz Ricardo, e veiu descansar uns momentos nos Passos Perdidos, onde pouco depois o fomos encontrar.

—Então, sr. Jorge Nunes, sabe v. ex.ª quando fecham as camaras?

O sr. Jorge Nunes desenha no ar um ponto de interrogação e exclama:

—Nada sei ainda a esse respeito, meu caro jornalista. Parece-me que a maioria parlamentar manifesta desejos de que as camaras fechem no proximo sabado.

—No sabado?!—fizémos nós admirados—Mas no sabado não ha sessão!

—Não deve haver, pelo menos dos Deputados.—Eu, pelo que me diz respeito, não tenho o menor desejo, tanto mais que a proposta que um sr. deputado apresentou para que nos sabados houvesse sessões, foi regeitada:

—Então...

—Então, é natural que não haja sessão!... Se as camaras fecharem esta semana, deve ser sexta-feira o ultimo dia dos trabalhos parlamentares.

Antes de fechar a camara será discutida na generalidade a questão do contracto dos 50 milhões de dollars?

—Sim, deve ser discutida—respondeu o sr. Jorge Nunes—E creio até que essa discussão trará grossa carapuça!

—E a questão dos oficiais milicianos?

—Isso... deve ficar para depois!...

E assim falando, o sr. Jorge Nunes estende-nos a mão para se despedir de nós.

—Uma pergunta ainda dissemos: v. ex.ª é de opinião que as camaras devem fechar esta semana?

—A minha opinião de nada vale para a maioria parlamentar é quem decide. Eu penso ainda em perguntar á Camara, se deve ou não haver sessão no proximo sabado, e só então se decidirá alguma cousa.

Maravilhas do Progresso

A transmissão de imagens pelo telefone

Não pertence ao numero das aspirações mais recentes a transmissão de imagens atravez dos fios telegraficos.

Quasi tão antigas como a descoberta do telegrafo, são as experiencias que, para pequenas distancias, teem vindo a fazer-se, nos gabinetes de optica, como especie de divertimento para distrair.

O principio em que o sistema se funda, já demasiado conhecido, consiste em colocar a objectiva duma maquina fotografica numa estação, e o restante da maquina, principalmente a placa sensibilisada, na outra estação com que se deseja comunicar.

Como o *selenium* tem a propriedade de se tornar melhor ou pior conductor da electricidade, conforme as impressões mais ou menos luminosas que recebe, foi ele aproveitado para a impressão telegrafica das imagens pela regularisação da densidade da luz.

Estava portanto achado o processo para a televisão. Restava aperfeiçoar os processos, simplifica-los quanto possivel e dar-lhe fixação que garantisse a reproducção de um desenho, de uma fotografia.

Vê-se, portanto, que o caso, na sua simplicidade, consistia, por via do «selenium», disposto em fragmentos, conseguir que as vibrações luminosas se transformassem em correntes electricas ao chegar ao aparelho receptor.

As alternativas de luz e escuridade imprimiam a placa com mais ou menos intensidade, permitindo assim todos os cambiantes fotograficas do mais claro ao mais escuro.

Aperfeiçoam-se os aparelhos. Retratos e amostras luminosas pelo telefone. O que virá no futuro?

Tudo isto já la vai; serviu apenas de passagem intermediaria para os modernos processos em que o proprio *selenium* foi posto de parte, e aproveitada a telefonia e até a propria telegrafia sem fio.

Devido aos estudos de um francez, o sr. Belin, as imagens são recebidas e transmitidas por cilindros semelhantes, aos dos gramofones. A impressão é marcada sobre cartão fumado com um estilete subtil, pelo sistema adoptado nos microfones.

Os novos aparelhos são muito aperfeiçoados e venceram definitivamente a dificuldade das grandes distancias.

Numa palavra: por telefone ou por telegrafo já é possivel transmitir imagens, invento de grande alcance para o amor, na remessa telegrafica de retratos, e até para o trabalho e comercio em geral transmit indo-se pronta e facilmente plantas, amostras, desenhos, etc.

Aqui, porém, não pára a aspiração humana. Agora trata-se tambem de achar maneira de, telegrafica ou telefonicamente, se verem as imagens a distancia, e as pessoas com quem se está em comunicação.

O ideal do futuro será na Europa poderem ouvir-se e assistir-se espectaculos e representações de Nova York.

O congresso pan-africano

PARIS, 6.—O congresso pan-africano, que se inaugurou esta tarde, repudiou toda a ligação com o bolchevismo. Entre os oradores figura o sr. Santos Pinto, que expoz o modo como funciona e quais os fins da liga africana portugueza.—(H).

Os ultimos votos do Congresso

PARIS, 6.—O congresso pan-negro, reunido em Paris, encerrou os seus trabalhos com a aprovação, sob a forma de voto, de uma extensa memoria dirigida ao mundo inteiro, insistindo para que se tenha em conta a necessidade do reconhecimento da egualdade das raças sob o triplice ponto de vista fisico, politico e social e a instituição, pelas potencias colonisadoras, sob a egide da Sociedade das Nações, de um orgão encarregado do estudo dos problemas referentes a evolução e protecção da raça negra.

O Conflito Austro-Hungaro

VIENA, 6. — Um destacamento hungaro atacou duas companhias austriacas nas proximidades de Kirschschlag, na fronteira da baixa Austria. Os austriacos tiveram 2 mortos e 20 feridos.—H.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA—A's 21,30 h.—«Amor Perfeito».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Maneca».
APOLO—A's 21,30—«Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «Depois do Degredo».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Reclamos

Ginasio

Está a retirar de scena «O Celebre Pina», apesar do continuar atraindo, ao Ginasio, uma enorme concorrencia. Sai do cartaz, em pleno exito, em consequencia da «Companhia Alves da Cunha» ter de ir ao norte, dar uma serie de espectaculos, de ha muito contratados, efectuando-se, no seu regresso a Lisboa, a inauguração da epoca de inverno, com outra peça.

Portanto, apressem-se em ir ver «O Celebre Pina», quem, ainda tal não fez. Se assim não proceder ficará sem ter apreciado uma das mais graciosas produções teatrais dos ultimos tempos.

Avenida

Os espectaculos da «Companhia Infantil» estão causando verdadeira sensação, levando ao Avenida, as principaes familias de Lisboa, enchendo o publico, completamente, nas suas sessões, o elegante teatro.

A petizada ali reunida, em numero de 30 figuras, desempenha, com todo o brilho, varios numeros de variedades, como conçonetas, fados e maxixes, e, tambem, a graciosa revista «Sonho do Maneca», que é apresentada com esplendidos scenarios e com um magnifico guarda roupa. Quem quizer passar uma noite divertidissima, não devo, pois, faltar ao Avenida.

"Champagne Capricho"

E' o titulo duma encantadora pelicula, em 4 partes, que está fazendo as delicias do numeroso publico frequentador do «Salão Central».

A sua protagonista, a cargo da interessante actriz Maria Rossia, encerra tres encantos de interpretação, que o publico não sempre maravilhado com o prodigioso talento da grande artista.

Na matinée de amanhã estreia-se o *film*, em 4 partes, *O veu vermelho*, do reportorio da formosa actriz Betty Sohado, nova para o nosso publico, mas com magnificos dotes para a tornarem, em pouco tempo, uma das mais brilhantes estrelas do cinematografo.

Figura tambem no programa a espirituosa fita, em 2 partes, *Um alfaiate galante*.

Os portuguezes na America do Norte

Alberto Sarti

Sempre se nos torna muito agradavel informar acerca dos portuguezes que bem longe, nos Estados Unidos, honram o nome da patria.

Desta vez chegam-nos noticias de New-Bedford, no estado de Massachussets. E' um patricio nosso, sr. Alberto Sarti que nos fala dos seus exitos como artista.

O seu primeiro concerto foi triunfal. Depois de pagas as despezas, produziu liquidos 1.500 dollars que para os portuguezes valem ao cambio cerca de 15 contos.

A Troupe de que o nosso patricio com outros fazem parte, seguiram dali para Nova York, chamados pela Casa Columbia, que pretendem que naquela grande cidade se ouvissem as belas canções dos nossos patricios.

Foi um sucesso. As canções foram bisadas e o palco ficou juncado de flores que a Colonia Portugueza para ali arremessou.

Voltou a Fall-River, dali a Providence, Boston e novamente a New-Belford onde as sessões se repetem.

O que pode a fisga da baleia na mão dos portuguezes

Vem a pelo, em noticia rapida, para desvanecimento da nossa raça, explicar para aqueles que ainda não o saibam, que New-Belford é uma cidade relativamente importante, creada e desenvolvida com o produto da fisga da baleia por todos os mares do mundo, praticado por tripulações e pilotagem dos portuguezes, principalmente açoreanos, madeirenses e cabo-verdeanos.

Ali quasi tanto se fala inglez como portuguez. Numa rua das principais —South Water Street—, tanto as propriedades, como os estabelecimentos, fabricas e moradores, são na sua maioria portuguezes.

Mas a nossa influencia no Estado de Massachussets alastra e estende-se a Providence, Rhode Island e Boston, onde temos grandes estabelecimentos e hoteis.

E' consolador podermos comemorar estes factos que bem atestam a resistencia e poder colonizador da nossa raça.

Daqui felicitamos Alberto Sarti pelos seus ruidosos exitos artisticos em New-Bedford.

Club Recreativo Musical 6 de Setembro de 1903

As festas do 18.º aniversario deste antigo Club com séde na Rua do Conde, ás Janelas Verdes, principiam hoje ás 21 horas com um brilhante baile, sendo premios, continuando no sabado e domingo com recitas, kermesse-tombola e outras diversões.

A Misericordia do Porto

E' do teor seguinte o telegrama que a Misericordia do Porto mandou ao Parlamento, relativamente á angustiosa situação financeira que atravessa:

«Mesa Misericordia do Porto reunida em sessão agradece ao seu ilustre provedor e ilustre deputado da nação justissima defeza da concessão do subsidio a esta Santa Casa, onde veem operar-se doentes de outras Misericordias e tratar-se de todo o norte do paiz, exclusivamente amparados por este nobilissima Misericordia, gloriosa aferição moral da nossa patria e alevantado padrão de piedosa solidariedade humana, sem confrontos possiveis na sua fórma unica, quer no paiz, quer em toda a Europa.

Secular benemerita do tesouro publico ao qual agora pede uma parte de juros dos juros da constante economia [que lhe tem] proporcionado.— Mesa Misericordia do Porto.»

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A's 15,15 ainda não havia numero.

O tempo é gasto pelo sr. Jaime Canzado, que trata do caso di arma ção de Ramalhete. O sr. Antonio Maria da Silva refere-se tambem ao assunto. O sr. ministro da marinha responde a um e outro. A desatenção da camara marca o cançaço duma questão, já tratada no Senado e nos jornais.

A moção adversa ao sr. ministro da marinha, firmada pelo sr. deputado Jaime Canzado, é regeitada.

Aprova-se a acta, sem discussão.

O sr. ministro da Instrução manda para a mesa uma proposta de lei abrindo um credito de cinco contos para despezas da comemoração do centenario de Fernão de Magalhães.

A urgencia e dispensa do regimento, requeridos pelo titular da pasta, são concedidas.

A proposta é aprovada na generalidade e especialidade, sem discussão. E' dispensada a ultima redação.

Acontece o mesmo, exactamente, com outra proposta de lei, do mesmo ministro, autorisando a aceitação dum terreno para construção da Escola de Belas Artes do Porto.

E, sempre com urgencia e dispensa do regimento, é aprovada, após ligeira discussão e algumas emendas, uma proposta de lei para segunda epoca de exames.

A proposito desta proposta pronunciou um breve discurso o sr. Antonio Luiz Gomes, que se referiu ao desleixo dos pais na educação dos filhos, não os vigiando nem cuidando da frequencia ás escolas.

Como dar remedio a essa inqualificavel atentado?

Não se concedendo a nova epoca de exames. Os pais, que são os unicos culpados da cabulice dos filhos, serão assim castigados.

A Camara, quasi em brados, diz que sim, que está muito bem, mas vota tudo e mais que fosse.

Surge, de repente, a tempestade, o sr. Ribeiro de Carvalho quere que se discuta a desanexação duma freguezia de Vale de Carvalhos. O sr. Antonio Maria da Silva, sobre o modo de votar, declara, em nome do seu partido, que tal se não fará, que a freguezia ficará onde está. A minoria democratica apoiou o «leader», com algumas palmadas nas carteiras. Ha agitação em todos os lados da Camara.

E, sobre o modo de votar, estabelece-se uma infindavel discussão, em que entram os srs. Antonio Maria da Silva, José Pereira, Francisco Cruz, Carlos Olavo e outros deputados.

Da discussão parece apurar-se que toda a agitação se desenvolve em torno duma questão eleitoral, em que os partidos e cada qual puxa a brasa a sua sardinha.

Afinal o sr. Ribeiro de Carvalho retira o seu requerimento, o que evita a tempestade iminente.

A requerimento do sr. Lopes Cardoso pretende-se fazer entrar amanhã em discussão, sem prejuizo da ordem do dia, a proposta de lei que melhora a situação dos oficiais de justiça. E' regeitada por maioria.

Entra-se na ordem do dia, continuando a discussão sobre as taxas das contribuições industrial e predial. Esta fazendo uso da palavra o sr. Cunha Leal.

No Senado

Na presidencia o sr. Augusto Barreto, secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Pessanha das Neves, aprovam a acta 34 senadores.

Antes da ordem do dia

O sr. presidente do Ministerio apresenta no Senado o sr. Aboim Inglez, ministro da Agricultura, de quem tece os maiores elogios como republicano e homem dotado duma honorabilidade indiscutivel. Cumprimentam o sr. ministro da Agricultura os srs. Celestino de Almeida, em nome dos liberais; Pereira Osorio, em nome dos democraticos, Julio Dantas, em nome dos reconstituintes; Dias de Andrade em nome dos catolicos; e Oliveira Santos em seu nome pessoal. O sr. Aboim Inglez agradece a todos os oradores as palavras de louvor que lhe dirigiram.

O sr. ministro da Marinha requere urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei, vindo da outra Camara, concedendo subsidio de embarque.

O sr. Julio Dantas pergunta aos srs. ministros das Colonias e do Comercio, o que ha ácerca do encorramento do porto de S. Vicente de Cabo Verde.

O sr. ministro das Colonias responde que vai tomar as imediatas providencias que o caso requere.

Entre os srs. ministros das Colonias, do Comercio e Vaz Cruz trocam-se explicações sobre o mesmo assunto.

O sr. André de Freitas participa ao Senado que, em substituição do sr. Antonio Granjo, na Comissão de Inquerito ao ministerio da Guerra, foi eleito presidente o sr. dr. Eduardo Augusto Pereira Pimenta.

O sr. Oliveira Santos chama a atenção do sr. ministro do Comercio para o facto dos empregados dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro não receberam as diferenciais.

O sr. ministro do Comercio promete estudar o assunto com brevidade.

A sessão continua.

Os 50 milhões de dollars

No *Jornal de Noticias* do Porto encontramos o seguinte eco:

«E' de registar o conselho dado pelo sr. Antonio Maria da Silva no actual ministro das Finanças sobre o emprestimo dos milhões de dollars, recomendando-lhe o saneamento e «adoucissement» das condições da operação.

Ora se o sr. Antonio Maria da Silva não podia logo de começo, quando teve a faca e o emprestimo na mão, ter logo talhado a operação de forma a não se ver coagido agora a recomendações como as que fez no parlamento esta semana finda».

Poeira da Arcada

O ministro do Comercio sr. dr. Fernandes Costa e o deputado sr. dr. Antonio Maria da Silva, andam estudando interessadamente a momentosa questão das taxas postais, assunto este a que já aqui nos temos referido, a proposito dos editores. Ao que parece os jornais poderão circular pelo correio sem franquia postal o que será uma louvavel medida do sr. dr. Fernandes Costa.

E as encomendas postais para o estrangeiro?

Os srs. presidente do ministerio e ministro da Agricultura conferenciaram, hoje, com o chefe do Estado.

Como foi noticiado, o sr. presidente do ministerio recebeu hoje o sr. ministro da Alemanha e a direcção da Sociedade a «Voz do Operario». Conferenciaram tambem com o sr. dr. Antonio Granjo, os srs. dr. Barbosa de Magalhães e deputados srs. Portas, Antonio Correia e Pontinha.

Está secretariando o sr. presidente do ministerio o sr. Joaquim Candido Padeira Junior, funcionario superior dos caminhos de ferro do Estado.

O ministerio da Agricultura adquiriu 50 exemplares da obra postuma de Tomaz Cabreira, intitulada *A politica agricola nacional*, a fim de serem distribuidos por diversos estabelecimentos dependentes daquele ministerio.

O jornalista, sr. Augusto Lobo, 2.º oficial de finanças de Angola, foi nomeado sub-chefe de gabinete da presidencia da Academia de Sciencias de Portugal.

Malas Postais

Amanhã são expedidas, malas postais, pelo «S. Jorge», para a Madeira, Pará e Manaus, e pelo «Zaire», para a Africa Ocidental, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da correspondencia da caixa geral para ambos e ás 11 o encerramento dos registos.

Na Russia faminta

Precisam-se milhões de toneladas de mantimentos

GENEBRA, 6.—O doutor Nansen, que se encontra actualmente nesta cidade, fez importantes declarações ácerca dos resultados da sua missão na Russia. São necessarios, disse ele quatro milhões de toneladas de generos alimenticios para atenuar a fome na Russia.

O governo dos soviets espera juntar dois milhões de toneladas por meio do pagamento das taxas do imposto em generos. E'-lhe, todavia, absolutamente necessario encontrar creditos na Europa ocidental tendo, por consequencia, de oferecer garantias.

Foi resolvido que seria constituido em Moscow uma comissão executiva compreendendo membros escolhidos pelo governo dos soviets e outros designados pelos Estados ocidentais que terá poderes ilimitados para vigiar a distribuição dos generos alimenticios.—(A).

BRAZIL

Bom exemplo a seguir

RIO DE JANEIRO, 6.—No senado foi apresentado um projecto de lei consignando a quantia de 20 mil contos para intensificação da construção de habitações.—(A).

Contas de Caminhos de Ferro

RIO DE JANEIRO, 6.—O ministro das obras publicas solicitou do ministro das Finanças o pagamento em Londres de 2.527 contos, juros do primeiro semestre de 1920 das obrigações dos caminhos de ferro de S. Paulo e Rio Grande do Sul.—(A).

Os gatunos á solta

Uma prisão

A pedido de Joaquim Rosa, morador na Praça Luiz de Camões, 44, foi preso esta manhã o servente José Marinho, sem residencia, que furtou áquele a quantia de 100 escudos.

Um bate-sorna

Queixou-se á policia Luiz Cristo vam, morador nas Escadinhas das Portas do Mar, n.º 1-2.º, porque, tendo-se sentado num banco da Praça do Comercio, deixou-se adormecer e quando acordou deu por falta de uma carteira que continha 120 escudos e alguns documentos de valor.

Com chave falsa

Queixou-se á policia Ana Gonçalves, da rua das Barracas 28, loja, de que os gatunos entraram-lhe em casa por meio de chave falsa, furtando-lhe 1.357 escudos.

Reclamações dos ferroviarios

Os ferroviarios da linha do Minho mandaram para Lisboa um telegrama do teor seguinte:

«Ferroviarios Estado linha Minho agradecem Ex.mos Deputados Raúl Guimarães e Joaquim Brandão defeza seus interesses. Vitimas esquecidas poderes superiores, unicos excluidos subvenção diferencial, vivendo condições miseraveis, rogam valioso auxilio caso apreciado diario lhes seja feita justiça.

Indispensavel publico saiba maximo ossos vencimentos incluindo actual subvenção inspectores 1 186$00, sub-inspectores 171$00, chefes 132$00, ás 123$00, factores 108$00, carregadores 105$00.—Marcelino Silva, inspector; Soares, sub-inspector; Ribas, chefe; Lima, fiel; Novo, factor».

Um caso de salvação commum

Os seguões estão imundos

O que faz o Conselho de Saude

E' tempo de chamar a atenção do Conselho de Saude Publica e mais entendidades a quem incumbe velar pelo bom estado sanitario da cidade de Lisboa, para a falta de aceio—se fosse só isso! — mas a imundice, verdadeira porcaria, em que a capital se encontra neste periodo dificil e nos sás perigoso que atravessamos.

Os saguões, em geral, encontram-se numa situação deploravel.

Infelizmente não faltam mulheres que, das janelas das suas casas atiram para a rua cascas de batata, de melancia, de melão, cabeças e guelras de peixe, principalmente nos sitios mais escuros, becos e travessas.

E fazem-no numa inconsciencia absoluta, desconhecedoras dos mais rudimentares principios da hygiene mal pensando que com isso preparam involuntariamente o desenvolvimento de uma peste de que elas proprias e seus filhos poderão ser das primeiras vitimas.

Se este mau costume é prejudicial, improprio de uma cidade civilisada e prometedor de serias calamidades, muito maior é o perigo nos saguões, onde em muitas casas, todos os moradores despejam detritos e dejétos de toda a natureza, fazendo dali vasadouro publico, barril do lixo, sem pensarem que assim entopem as sargentas, e empestam a atmosfera com o apodrecimento das materias organicas em decompos ção.

E tudo isto sem agua em abundancia, sem lavagens, sem beneficiação e até perante a conspiração da natureza, pois nem as trovoadas de maio nem as aguas de setembro por enquanto rebentaram, como de costume.

Para mais não alongar, limitamo-nos por hoje a preguntar o que fazem os senhores delegados de saude?

Porque não insistem e persistem no bom costume das visitas sanitarias onde, como medida de profilaxia, muito teriam que ordenar?

"O Tempo"

Reaparece amanhã este jornal da tarde, que tinha suspendido durante alguns dias para reorganisar os seus serviços.

Partido Socialista

No proximo Domingo realisa o sr. dr. Ramada Curto uma conferencia politica no Centro da Rua do Bemformoso, seguido de uma récita de propaganda.

Os electricos

Acastelam-se as nuvens em volta do problema da viação

Expiraram no sabado passado os quarenta e cinco dias dados a uma comissão composta dos srs. Freiria, Malheiro respectivamente director geral dos Transportes Maritimos e director geral da Contabilidade no Ministerio das Finanças e o sr. Vicente Ferreira, actualmente ministro desta mesma pasta, que tinham sido encarregados de examinar os motivos da ultima greve e dar parecer sobre o conflito suscitado entre a Camara Municipal e a Companhia dos Electricos, a fim de se decidir de qual dos lados assiste a razão.

Todavia até agora ainda a Comissão não apresentou nenhum parecer, nem sequer pronunciou palavras pelas quaes seja licito bem presupor qual será o veredicto final.

O pessoal, se por enquanto não se pode dizer que se agita, pelo menos anda em investigações, a fim de resolver e tomar as deliberações que julgar mais convenientes aos seus interesses.

Não se resignará com certeza a aceitar a baixa de salarios. Tambem não dispensará os aumentos que reputa indispensaveis para fazer face á carestia da vida.

Tambem ocorrem outras duvidas e incertezas. Na hipotese da Companhia ficar autorisada a fazer aumentos, aceita-los-ha o publico?

E a Camara, possivelmente posta em cheque, se se lhe recusar a razão que julga assistir-lhe, resignar-se-ha a ficar, ou dará a sua demissão?

Ainda mais um caso a complicar: é a questão dos assinantes. Certamente que a Companhia, se o veredictum não lhe for favoravel, ou para a lobração, deixando algumas centenas de homens sem trabalho, ou pelo menos tirará os passes e acabará com as assinaturas.

E enquanto a imprensa e o publico vão encanando a perna á rã, como costuma dizer-se, acastelam-se as dificuldades e todos estamos na perspetiva de termos de voltar aos churriões e traquitanas de aldeia, como das outras vezes.

Oitenta milhões de ovos cada dia!

O consumo dos ovos na Gran Bretanha assume, devido aos habitos inglezes, proporções consideraveis, que quasi atingem o sobrenatural.

As estatisticas consultarias atribuem ás Ilhas Britanicas uma população superior a 40.000.000 de individuos ou, melhor dito, a existencia de quarenta milhões de estomagos que necessitam alimento diario.

Ora, no Reino Unido, desde o mais alto até o mais pobre, não ha quem deixe de comer pelo menos um ovo por ocasião do «break fast» matinal.

Se, ao iniciar-se o dia, já é devorado o consumo, o que não será no seu decurso? Não estará muito longe da realidade quem computar em 80.000.000 de ovos as necessidades da Inglaterra de vinte e quatro em vinte e quatro horas.

O abastecimento de tão grande quantidade de ovos representa uma importação não menos importante de ovos, pois a Inglaterra não pode abastecer-se deste artigo pelo seu proprio esforço.

Sempre são 2.400 milhões de ovos por mez, tanto como 28.800 milhões por ano!

Quem melhor se tem sabido aproveitar deste negocio é a Argentina que montou os seus serviços de criação para poder explorar o estrangeiro, mercado.

O Brasil esforça-se por lhe seguir os passos.

Portugal teria bom colocação o galinheiros alguns capitais, se montasse uma Companhia, como há tantas na America, e até em varios paizes da Europa, para a reprodução scientifica dos ovos de pena e multiplicação das posturas.

Tanto mais que, montada uma companhia para esta industria, teria muitas especies a explorar.

Não seriam só os ovos e as galinhas vulgares, mas as especies mais raras, os catatuas, aves do paraizo, pavões e outras, alem dos coelhos de casta, gatos finos, cães, etc.

Ai fica a lembrança.

Touradas

Uma comissão de rapazes amadores pensa levar a efeito brevemente uma garraiada, cujo producto reverterá a favor do Instituto de Mutilados da Guerra, tencionando a mesma comissão convidar sua ex.ª o sr. Presidente da Republica, governo e autoridades militares a assistirem ao espectaculo, que será abrilhantado por uma excelente banda militar.

Os lidadores são principiantes dedicados á arte de Montes, sendo distribuidos entre eles os cargos de bandarilheiros, forcados, etc.

O cavaleiro será um distinto amador, coadjuvando a lide alguns dos nossos artistas, que gentilmente prestarão o seu valioso concurso, atendendo ao fim altamente simpatico e patriotico da corrida, que será dirigida por um distincto aficionado. A' tourada deverão assistir os bravos combatentes da Flandres que se encontram hospitalisados.

A CAPITAL

3950 — 12.º ano
Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71
LISBOA — Quarta-feira, 7 de Setembro de 1921
DIARIO REPUBLICANO DA NOITE
Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Preço, 5 c[illegible]

Os responsaveis

Quando o sr. Antonio Maria da Silva entregou ao sr. Tomé de Barros Queiroz o rôlo do celebre contracto dos 50 milhões de dollars, desapareceu, por um singular fenomeno, toda a razão de ser do ministerio liberal. Esse ministerio fôra ao poder, sob a presidencia do sr. Barros Queiroz, para, segundo todas as presunções, fazer uma obra previamente estudada, como era de esperar dum partido que, durante anos, andara afirmando que só iria ao governo com plena liberdade de acção. Pois essa obra politica e administrativa desfez-se como fumo! Desapareceram planos, reformas, iniciativas. Só ficou em campo o sr. Barros Queiroz, agarrado ao contracto que hoje está demonstrado nunca ter passado dum ignobil burla, e ficando com ele toda a especie de jogos malabares.

Não se pensou noutra cousa senão no contracto, não se tratou doutra cousa senão do contracto. A' sombra dele realisaram-se formidaveis especulações cambiaes; á sombra dele crearam-se artificios e estratagemas; á sombra dele se mentiu descaradamente inumeras vezes, anunciando-se que ele estava assinado, quando o não estava, que se tinham feito já encomendas em conformidade com as suas clausulas, quando tais encomendas não tinham sido feitas, e chegando mesmo o sr. Barros Queiroz, como chefe do governo, a afirmar que já vinha aí o famoso americano William, parente proximo do fornecedor do Canadá, e que, como o antigo homem das botas, não se dignou aparecer ás gentes lusas que embasbacadas o esperavam.

Perguntamos: poderia ficar isto assim? Com a sua atitude enigmatica umas vezes, e outras de manifesta cumplicidade na mistificação de que fomos victimas, desde os principios de junho passado até ao momento actual, o sr. Barros Queiroz rebaixou a dignidade do poder, desprestigiou a Republica, prejudicou o paiz, destruindo a confiança publica porque dificilmente se acreditará na realidade de qualquer operação de credito no estrangeiro enquanto estiver presente em todas as imaginações o colossal «bluff» dos 50 milhões de dollars.

Não havia nada! O contracto não repousava senão sobre as garantias do sr. Manuel de Noronha e dos seus socios que fundaram uma empresa comercial «ad hoc», com titulo afrancesado, para melhor seguir os preceitos da famosa madame Humbert que tambem apresentava um cofre onde diziam estar os milhões dos Crawford igualmente americano como o misterioso mr. William. Essa gente abusou da candura do sr. Affonso Costa que firmou o seu nome ao lado das suas assinaturas. E o chefe do governo portuguez, sabendo que tudo era uma burla, até ao ultimo instante conservou em suspensão o espirito publico, ao qual o contracto dos 50 milhões de dollars foi apresentado como o meio infalivel da salvação nacional.

Feito isto, abandona-se o governo ao mais pequeno pretexto, e vai-se para casa muito satisfeito por se ter alcançado o direito de ser ministro de Estado honorario, como algumas duzias de imbecis e incompetentes que não pensam senão nas miserias das suas vaidades.

Pois a nós afigura-se-nos que não é licito, durante tres mezes, fazer girar toda a existencia nacional em torno duma burla indecorosa, que em qualquer outro paiz constituiria a vergonha eterna dos seus negociadores. Por muito menos culpas, homens muito mais eminentes teem ficado inutilisados para a politica dos seus paizes.

OPINIÕES ALHEIAS

Oficiais de Justiça

Onde o indiscreto deputado da maioria Ex.mo Sr. X..., faz a previsão duma gréve de alto lá com ela!...

Esbarrámos com ele (o inevitavel X...) á entrada da rua do Ouro, de manhã, antes das 14 horas,—isto é, aquela hora em que os directores gerais, palitando os dentes e arrotando ao «roast-beef» do almoço, se dirigem, projectando o abdomen, para os seus gabinetes do Terreiro do Paço. O nosso querido X... levava uma cara de palmo e meio e arregalava uns olhos onde se lia, distinctamente a contrariedade e o despeito. Enfim e para encurtar razões via-se que ia mortinho, mortinho, para desabafar. Ocasião excelente (que não convinha deixar perder) para lhe puchar pela lingua.

Nós (está-se a vêr) fomos logo para a cabeça do animal:

—Caso grave se estampa na sua fisionomia inteligente amigo X (gosta disto...) Acaso o Granjo já se sentiu em baixo?

—Quê, o quê, meu caro! Pelo contrario. Nunca o governo esteve tão estavel, tão... tão...

E continuou por aqui fora, com tantas reticencias quantas apraza ao leitor generoso. Deitámos contra-vapor:

—Bem, bem. Mas vamos ao que importa. Alguma coisa o contraria, por certo: de que se trata?

—Da questão de Valle de Cavalos...

—Que raio de questiuncula é essa?...

—Questiuncula, diz você? Mas é um problema nacional, uma grandissima coisa, que importa á estabilidade da Republica. Se eu tinha interesse nela, interesse a valer!

—Porque?

—Por causa do partido. Eram mais uns centos de votos.

E tambem porque admiro a inteligencia e a audacia do Ribeiro de Carvalho. Estive disposto, palavra que estive disposto, com a intransigencia dos democraticos que embarulharam a questão e não deixaram que a freguesia fosse separada,—tal qual um funcionario o será, quando a proposta-força fôr lei. Mas a nossa vingança foi tremenda!...

—Vingança? Então houve represalias?

—Pois claro. Nós somos lá homens que se não vinguem! Isso é, como sabe e diz a tradição, o prazer dos deuses...

Este homem, quando lhe dá para citar a antiguidade, nunca mais acaba.

Não passa dos legados comuns, é claro. Pois se ele não sabe mais nada! Mas ainda assim, é preciso ir-lhe á mão, do contrario nunca mais tem fim.

—Deixemo-nos, amigo, de divagações. Diga-nos em que consistiu a desforra e o resto pouco importa.

—Você não é amavel, mas é bom rapaz e por isso lhe perdôo a insolencia. Se fosse algum dos meus colegas que isso dissesse, eu arrumava-lhe, logo, sem mais delongas, com duas testemunhas «duellicas».

«Duellicas» é dele não é nosso. Mas não é má a piada!

—Não se zangue. E vá dizendo...

—Ai vai. Nós, maioria, fomos contrariados com a falta de apoio, ou antes, com a oposição dos democraticos na questão nacionalissima de Vale de Cavalos. Mas démos-lhes um valente quinau, regeitando em massa o pedido do Lopes de Cardoso, para entrar em discussão o projecto de melhoramentos para a situação de penuria e miseria que atravessa a classe dos oficiais de justiça. E foi vinha que deu uva!

—Mas, ó extraordinario futuro Homem de Estado, isso foi, nem mais nem menos, do que precipitar um conflicto grave. A classe dos oficiais de justiça, vendo esgotados os meios legais, os processos constitucionais, para obterem os recursos materiais indispensaveis á vida, lançar-se-ha, com certeza, na gréve. E que horrivel escandalo esse! Imagine: suspensos, em todo o paiz, os meios fundamentalmente constitucionais, de administrar a justiça! E tudo por causa de Vale de Cavalos. Será, resumindo, a greve dum dos Poderes do Estado. Depois disso, meu caro X..., só o diluvio!

—Pois sim, rale-se! De justiça estamos nós fartos. Olhe o Liberato Pinto, se a não dá a todos os diabos! O que é preciso é acordura. E, para isso, ainda temos a guarda republicana.

Um ferfume subtil, qualquer coisa como uma mistura quimica de rosa e jasmim, passou, saltitando, armazenado num corpo gentil de esbelta mocidade. X... estremece e farejou:

—Olha quem ela é! Não conhece? E' a Affonsina, a que está com o Basilio. Sempre lhe vou dar duas palavras. Desculpe, sim?

E X... lá foi, quasi correndo, atraz da saia curta da mulhersinha...

A questão dos trigos

O sr. Sousa da Camara vai contestar as afirmações do sr. Cunha Leal

Está em foco a questão dos trigos. O sr. Sousa da Camara, quando ministro da Agricultura, apresentou ao Parlamento uma proposta no sentido de a regular.

Mas o Parlamento, mais ocupado com outros assuntos, foi adiando a discussão da referida proposta. Assim neste momento nem sequer ainda ela está discutida na generalidade.

E o pior é que já apareceu quem pedisse que a mesma proposta fosse retirada da discussão por absolutamente insuficiente. Foi o sr. deputado Cunha Leal.

Segundo a argumentação deste ilustre representante, não podia ser feita uma proposta que melhor satisfizesse os interesses da moagem, do que a do sr. Sousa da Camara, nem outra coisa mais era precisa para declarar a falencia dos tecnicos.

Estas duas afirmativas lançadas á cabeça do antigo ministro da Agricultura e professor de agronomia, pelo sr. Cunha Leal, quasi que fizeram sucesso.

Por isso nada mais natural do que o jornalista ouvir a opinião do visado que está bem de ver, foi o sr. Sousa da Camara.

Encontrámo-lo subindo apressadamente a escadaria do Congresso da Republica.

—Que diz v. ex.ª ao discurso do sr. Cunha Leal, relativo á sua proposta?

O sr. Sousa da Camara respondenos a rir:

—Que já está tudo desfeito, que nada ficou de pé. Ora essa, basta o sr. Cunha Leal dizer que a proposta não presta para que ela não poss deixar de ser posta de parte.

Percebemos, e o leitor tambem percebe onde o nosso entrevistado queria chegar. Mas nós precisavamos de declarações a serio. Seguimos o sr. Sousa da Camara a caminho dos Passos Perdidos.

—Mas v. ex.ª, insistimos, diganos: que pensa ácerca do discurso do sr. Cunha Leal?

—Olhe: tudo fogo de vistas. Mais nada.

—Mas aqueles numeros são ou não verdadeiros?

—Qual historia... nada daquilo é assim...

Saimos do elevador; e foi já á entrada da Camara, com um pé na sala e outro nos Passos Perdidos que ao antigo ministro da Agricultura, ainda perguntámos:

—Nesse caso temos contestação?

—E' claro. Hei de contestar tudo quanto o sr. Cunha Leal disse, porque aquilo não é ver[illegible]. Mas devo dizer-lhe tambem que já não quero saber da proposta para nada. Quero lá saber!... Agora já não sou ministro... Podem resolver a questão como quizerem...

O jornalista nunca perde as ocasiões que lhe podem proporcionar alguma coisa de interesse para o publico.

Apanhando o sr. Sousa da Camara de bom humor, fez uma tentativa: conseguir os numeros que vai opor aos numeros do sr. Cunha Lial. Porque os numeros teem uma linguagem mais convincente. Diante de meia duzia de algarismos podem esbarrar todas as retoricas, todos os talentos.

—Não, isso não, por emquanto. Compreende que, emquanto não os apresentar á camara, não devo comunica-los a mais ninguem. Mas depois disso apareça, e então veremos o que vale a argumentação do sr. Cunha Leal.

Prometemos aparecer. O nosso entrevistado, num abrir e fechar de olhos, desapareceu por detraz do reposteiro que fica á entrada da camara.

Por terras de além

A Alta Silesia ameaça tornar-se na casca de laranja onde a politica europeia receia escorregar

A Alta Silesia é um trato de territorio relativamente insignificante, o que não lhe tira em nada a importancia.

Assim como o valor dos homens não se mede aos palmos, tambem não é pelos kilometros que se avaliam as terras.

Se assim não fôra, o deserto do Saharà seria o primeiro paiz do mundo, embora de facto seja o ultimo pela sua aridez.

A Alta Silesia é como um pequeno osso que traz engasgadas a Alemanha e a Polonia, e aos vomitos o resto do mundo.

Neste pequeno territorio ha apenas tres cidades pequenas. A principal é Byton ou Benthen, como os alemães querem que seja, com os seus teatros, cinemas e passeios, o que é o menos, mas tambem com os seus altos fornos, os mais poderosos até hoje construidos, juntando-lhe a sua produção mineral, o que é o mais.

Não ha duvida que arrancar a Alta Silesia á Polonia para a dar á Alemanha é mutilar o paiz de largas tradições, no momento em que reconquista a sua almejada independencia.

Contra isso se levanta energico e violento o valoroso caudilho popular Wojtek Korfanty, querido dos aldeãos e dos camponezes.

Por outro lado, a Alemanha luta pela sua propria existencia, porquanto, se perder a cubiçada Alta Silesia, foge-lhes um dos mais poderosos meios de resistir. As suas aspirações de desforra ficarão seriamente comprometidas, porque as faculdades de produção de material de guerra naquela região são quasi infinitas.

Vê-se como tambem a reciproca é verdadeira. Precisamente porque á Alemanha convém que o pleito da Alta Silesia seja decidido em seu favor, joga a França as ultimas para que não.

O conflito de interesses internacionais. — Novas guerras possiveis

Bem estava a questão, a despeito da sua intensa gravidade, se não foram as complicações que a acompanham pela variedade de interesses internacionais em jogo neste momento.

Já noutra cronica tivemos ocasião de ver, e agora o repetimos muito sinteticamente:

Inglaterra e Estados Unidos consideram conveniente, por todos os motivos, estreitar relações com a Alemanha, tão intimas e tão amistosas como antes de estalar a ultima grande guerra.

As outras nações compreendem-no do mesmo modo, sendo forçoso reconhecer que só discordam deste ponto de vista a Belgica e França; e a razão é obvia.

São elas as unicas que terão a sofrer directa e imediatamente, se fôr possivel vir a repetir-se o «casus belli» germanico, como se viu em 1914.

Desta vez, porém, a propria Belgica achar-se-hia mais ao abrigo do que na anterior guerra, porque, com Alsacia e Lorena em poder dos francezes, ficaram muito mais atenuados os obstaculos orograficos que da outra vez tornaram impossivel a invasão da França por aquele lado.

Consequentemente, a velha Galia não pode neste pleito contar com a solidariedade dos seus anteriores Aliados, cujos pontos de vista são opostos.

E', porém, com Inglaterra que o caso se azeda, tendo as relações entre as duas potencias já chegado algumas vezes a ser um pouco tensas.

Se não fôra a lembrança dos horrores das ultimas devastações que só na paz se podem recompôr, tambem França seria unisona com todas as outras nações, pois ha duas considerações que não oferecem discrepancia:

—A necessidade de permitir á Alemanha desenvolver a riqueza nacional, para conseguir desempenhar-se das suas dividas.

—E tambem a indispensabilidade da industria e produção alemã em concorrencia com a das outras nações para se conseguir o barateamento da vida e restabelecimento da grande balança comercial no mundo.

Mas este interesse de cobrar e transacionar não consegue apagar os receios de uma tentativa de «revanche» que pode avisinhar-se mais depressa do que é licito conjecturar.

O Pangermanismo imperial e os partidos da Republica Germanica

Embora não haja factos concretos a noticiar neste momento, as Chancelarias, no seu trabalho de sapa diplomatica, não cessam de escavar no animo e no espirito dos governos, á procura da solução mais conveniente e mais pacifica.

Parece que o veredictum da Sociedade das Nações não será ainda a «ultima ratio» antes das guerras que se procura evitar.

Ha neste momento um novo factor que vem lançar numa prudente espectativa Europa e America. Trata-se da eminente revolução entre o pangermanismo imperial e os partidos avançados da Republica Alemã.

Como o nosso jornal tem informado, as forças de parte a parte aprestam-se. A' coligação das classes productoras, tanto dos republicanos, como das classes anarquistas, sindicalistas e socialistas, todas unidas num espirito unico—o de manter a Republica e restaurar a Alemanha pelo pagamento de todos os seus compromissos externos—opõem os partidos imperialistas uma resistencia grande, que parece disfarçadamente auxiliada pelo gabinete secreto de algumas Chancelarias.

Eis o perigo, que não basta aguardar pacientemente. Reconhece-se a indispensabilidade de o conjurar para sempre, se possivel fosse.

Sem que tenhamos a pretensão de conhecer, nem ligeiramente, quanto mais a fundo, os complicados meandros onde a alta Diplomacia oculta os seus reservados designios, aflue-nos ao espirito que a vida internacional só alcançará algum socego e tornará possivel o projectado desarmamento das Nações, quando se conseguir por unanimidade ou importante maioria num grande Conselho Internacional—a neutralisação da Alsacia-Lorena.

Estes Estados, em permanente litigio atravez de longos seculos, em verdade etnograficamente tanto são alemães pela sua população Lotharinga, como francezes pela população Franca.

No tempo de Luiz XIV foram tomadas á Alemanha pelos francezes que com a maior facilidade as afrancezaram.

Em 1870 a velha «Alsatz-Lotharingen» voltou aos alemães que com egual facilidade as germanisaram.

Disto se queixam os francezes que voltam a afrancesa-las até que os alemães, numa nova desforra futura, as readquiram para de novo as germanisarem.

E tudo isto se vai passando pelas edades fóra á custa das convulsões, perturbações e desassocego da Europa inteira.

Parecia-nos muito preferivel obter-se um acordo das Nações para se conseguir a internacionalisação da Alsacia-Lorena, com o compromisso da Alemanha e França lhe garantirem a integridade e todas as imunidades que lhe fossem conferidas.

Assim se tornariam unanimemente concordes para a defeza da Alsacia e Lorena, a França e a Alemanha, eternamente adversarias e irredutiveis para a sua conquista.

Ressurgimento Nacional

Os seus fins e meios

Estão publicados e distribuidos como já noticiámos, os Estatutos desta nova Agremiação. Apraz-nos notificar que no seu artigo 4.º se estabelece taxativamente que aquela instituição não tem caracter politico partidario.

E' por si só uma garantia de muito que pode realisar com proveito para o Paiz que neste momento mais precisa de orientação pratica e scientifica, e boas iniciativas do que facciosismo politico.

Gostosamente transcrevemos dos estatutos os seus fins expressos no art. 2.º e os meios de realisa-los, expressos no art. 3.º.

ART. 2.º—Os seus fins são:

a) Aproximação moral da mocidade;

b) Robustecimento da raça e desenvolvimento da sua educação geral;

c) Reabilitação do caracter nacional pelo revigoramento das virtudes patrias;

d) Integridade e desenvolvimento das colonias;

e) Orientação do regionalismo;

f) Chamamento de todas as figuras de prestigio á vida activa da nação;

g) Intercambio intelectual e artistico com os principais centros de cultura estrangeira;

h) Cooperação em todas as iniciativas que tendam ao bem comum.

ART. 3.º—Os fins realisam-se:

a) Incorporando todos os individuos nacionais que desejem cooperar na obra do Ressurgimento;

b) Constituindo comissões tecnicas para o estudo e oportuna solução dos varios problemas nacionais;

c) Fundando nucleos por todo o paiz, que cooperem com o nucleo central, e instituindo missões nas colonias e delegacias no estrangeiro;

d) Promovendo campanhas a favor da higiene e do desenvolvimento da educação moral e fisica;

e) Criando instituições de ensino e filantropia;

f) Promovendo excursões de propaganda e estudo;

g) Promovendo conferencias, sessões, exposições de arte e festas patrioticas;

h) Realisando a publicação de trabalhos literarios e scientificos, que tendam a interessar todas as classes pelas ideias do Ressurgimento e a revigorar na mocidade o culto das Belas Artes e Letras caracterisadamente nacionais;

i) Cooperando com os poderes publicos, ou colectividades afins, em todas as manifestações de caracter nacional.

FRANÇA

O sr. Dior negoceia acordos com todo o mundo

PARIS, 7.—O ministro do comercio, sr. Dior, entrevistado por um redactor do «Echo de Paris», declarou-lhe que está negociando acordos com quasi todos os paizes do mundo. Algumas industrias recebem maior numero de encomendas e o ministro está convencido de que a regularisação da questão com a Alemanha e a aplicação do tratado trarão a supressão da crise industrial e comercial; concluiu, dizendo com a segurança necessaria que contra toda e qualquer agressão teremos um ponto de partida; o recomeço da actividade economica será durador no mundo inteiro.—(H.)

Falecimento dum ex-ministro

PARIS, 7.—Faleceu o senador, sr. Claveille, ex-ministro das obras publicas do gabinete Clemenceau.—(H.)

Queda de um avião, causando 5 mortes

LE BOURGET, 7.—O avião que faz serviço entre Paris e Strasburgo caiu, ficando mortos o piloto e quatro passageiros.—(H.)

O jornal "A Republica"

No proximo sabado suspende a sua publicação por algum tempo, este nosso colega que depois reaparecerá completamente remodelado.

A revolução na Alemanha

A Baviera faz ouvidos de mercador

MUNICH, 7.—O governo bavaro não acedeu ainda aos pedidos que lhe foram feitos para proibir a circulação da «Gazeta da Tarde», de Munich e de Augsburgo, o «Novelista» de Miesbach e retirar de Coburgo a policia de segurança. A policia de Miesbach consente que se afixem enormes cartazes nacionalistas e socialistas, atacando o governo do imperio.—(H.)

Presos por ocultarem armamentos

KATTOWITZ, 7.—Alguns funcionarios municipais alemães foram presos após a descoberta de armas e munições.—(H.)

O conflito Heleno-Turco

Dizem os gregos que tomaram Angora

LONDRES, 7.—A Agencia Reuter recebeu um telegrama de Smirna, dizendo que os gregos tomaram Angora.—(H).

A Espanha em Marrocos

Os mouros agridem

MELILLA, 7.—As noticias recebidas de Melilla dizem que os rebeldes, continuando na sua tactica ofensiva, reproduziram hoje os seus ataques, tendo-se travado luta encarniçada, e sendo o inimigo repelido com serias perdas. Os nossos aviões bombardearam eficazmente a aldeia de Nador.

A incorporação dos recrutas de 1922, que se devia realisar em Fevereiro, efectuar-se-ha no proximo mez. Segundo o orgão conservador, as operações não devem começar senão depois do inimigo se ter cançado nos seus ataques ás posições que cercam Melilla.—(H).

Uma gréve ruidosa

CORK, 7.—Os operarios em gréve deste porto tomaram conta da direcção do porto e ocuparam os escritorios da administração, expulsando o respectivo pessoal. Diz-se que esta noite o conflito foi submetido a uma conferencia arbitral.—(H).

LIVROS NOVOS

REPREGOS, por *Martins dos Santos* (Ed. do autor) — **NEVOA**, por *Antonio de Bourbon* (Ed. do autor) — **URZE DO MONTE**, por *Mario Monteiro* (Ed. Anuario do Brazil e Renascença Portuguesa) — **HORAS**, por *Caetano Campos* (Ed. do autor) — **CONTRASTES**, por *Placida Osorio* (Ed. Cruzada das Mulheres Portuguezas) — **PRECE A' ESPANHA**, por *Cruz Cerqueira* (Ed. Companhia Portuguesa Editora) — **APÓS MONSANTO**, por *Eduardo de Sousa* (Ed. Lumen)

Na pingada de Carlos Leal, um actor que se entreteve fazendo um livro sobre tudo e sobre teatro, Martins do Santos tambem actor, dá-nos um volume tambem de teatro.

Tudo que venha da gente de scena causa no publico sensação: os livros de memorias ou quaisquer outros a que se ligue um nome conhecido dos palcos vendem-se bem, mesmo quando a sua qualidade é inferior. Foi nesta ideia, a de auferir alguns cobres além da vida ingrata... de actor, que certamente Martins dos Santos, rabulista valioso do nosso Teatro popular, se dedicou ao livro «Repregos». O proprio autor reconhece o seu minimo valor literario na especie de prefacio que insere, pedindo apenas para... que o deixem vender o livro. Esse valor minimo não só se manifes[ta] no estilo, muito corrinqueiro, por vezes até mal cheiroso e carnavalesco, mas na confecção do livro, sem coesão, sem brilho nem quasi interesse. Com sub-titulos bombasticos «Contos humoristicos teatrais, muitas secções e a espectativa de varias outras series... no prelo destacam-se apenas algumas biografias que sem terem grandes voos são feitas numa despreocupação e num bom humor que as recomendam; assim a de Luiz Galhardo e Tereza Taveira. Peca tambem o livrinho por uma abundancia de pessoalismo, repisando o nome do autor e aquele antipático «no meu tempo» com que os de hontem costumam desprezar o «hoje» a que... não lhes chega a lingua.

Emfim como o autor nada pretende senão «historiar partes biograficas» com «analyses inherentes á sua profissão», fazend[o] [illegible] se venda, podemos desejar-lhe condescententemente muitas novas edições dos seus «Repregos».

✦ ✦ ✦

Antonio de Bourbon dá-nos uma «plaquette» vestida de vermelho, elegante e atraente. Lá dentro a «Névoa», ou os «Ritmos de Além».

Vistos e lidos de áquem, teem o sabor profundo das falas altamente filosóficas ou altamente ôcas. O poeta da «Filigrana» é na «Névoa» sentido e sincero. A sua meia duzia de sonetos deixam a impressão dum poeta fulgente, de espirito irrequieto em fremitos de desejo, pleno de anceios e de tedio. O proprio poeta se confessa, no terceto perfeito do «Esquecimento»:

> Dentro do peito meu, como sacrario,
> a fenix do desejo, lampadário,
> morre no Souho, eterna esp'rança acesa!

✦ ✦ ✦

«Algumas, adoravelmente pueris», é como classifica do seu livro «Urze do Monte» as poesias inferiores, ingenuas, de joven entusiasmado e rimas deficientes, o escritor e publicista Mario Monteiro. «Urze do Monte» realmente comporta tudo, canções, epigramas, sonetos, poemas, estes belos versos dum lirismo enternecedor, aqueles em quadras banaes de revista do ano ou fantazia patriotica para uso da grande massa.

Um exemplo frisante, «Lusa Athenas».

Dum lado os versos:

> Saudades, o que sois? As letras dum missal
> Que são timpanos de oiro em teclas de cristal

e defronte na mesma poesia:

> Por fim, foi no «Dafundo», alem, entre pinhais,
> Que fiz a minha vida, activa por demais,
> Um toque de rebate...

No «Dafundo», hein; outros versos de horripilar qualquer transeunte se encontram descaminhados com algumas poesias razoaveis e de estro. Quem não se arrepia na poesia «Duas vezes lar» enxerto em verso de charada do ex-«Pimpão»:

> E resta «bis»—(duas vezes)...
> Um «bis» «lar» de portuguezes:

Quem não ha-de apreciar a quadra tipicamente popular:

> São as capas e batinas
> As andorinhas ligeiras
> Que fazem ninhos no peito
> Das tricanas feiticeiras.

Por isto tudo repetimos: A quantidade estragou a qualidade. O grosso volume, reduzido a *duas folhas*, conseguiria ser devidamente apreciado, como as restantes produções literarias, teatrais de Mario Monteiro teem sido. Assim a «Urze do Monte» não conseguirá senão o nivel de med[i]oridade e um valor mais estimativo do que intrinseco, porque o poeta Mario Monteiro é merecedor do apreço nacional pelo patriotismo que em todos os seus versos e na sua larga estada fora de Portugal sempre manifestou.

✦ ✦ ✦

«Horas...» E' curioso. Este livrinho singelo com uma capa desenhada pelo autor do livro, editado pelo mesmo, não é uma afirmação mais, da lenga lenga poetica de todos os dias. E' um poeta; é um temperamento. Dispõe-nos mal a recepção alheia, do sr. Régnier [illegible]ortada do livro. Mas logo o primeiro soneto nos prende, e outro, e outro, «As tuas mãos» «A côr roxa», e outro e outro, lidos em minutos, porque afinal é no que se convertem estas «Horas...»

Caetano Campos, ignorado, desconhecido, sem gritos apavonados, nem imagens exageradas conseguiu um livro ingenuo, simples, essencialmente belo na poesia, transparente na bondade que respira.

Ainda a proposito da guerra, um «A proposito da Guerra»; chama-se «Contrastes», é em verso e da autoria da sr.ª Placida Osorio, e editado pela Cruzada.

Ha obras que devem ser perdoadas pela intenção que as gerou. Estes episodios dramaticos ou patrioticos, [illegible] afeitos em que o humilde é sempre muito cheio de sentimentos, e o ricaço esquece os seus deveres, merecem a indulgencia plenaria quando se destinam ao obulo para alguma boa cruzada. «Contrastes» pertence a este numero. Ora calculem de começo:

> Na sala de jantar de grande moradia,
> servia-se uma lauta e bela refeição.
> ....
> A baixela era rica, o manjar suculento;
> ....
> A mocidade audaz, altiva, prazenteira
> nos ausentes «mordia», um pouco, a meia voz;
> e já subia tanto a desleal craveira
> que fazia côrar de pejo os seus avós.

Parece-nos que por hoje basta.

✦ ✦ ✦

Ora aqui temos um hino em prosa á «nuestra visiña» Espanha. Cruz Cerqueira, jornalista distinto do Porto, não se cança de louvar a Espanha, rica, florescente, linda, bela, de belas artes, belos herois e belas mulheres. E' certo que, mesmo a fric, a Espanha tem direito a todos os largos louvores do nosso ilustre colega; mas pessoalmente, por simpatia propria [illegible] apreciamos e melhor nos estasiariamos na leitura de tão brilhante trecho de prosa se fosse dedicado a... Portugal, por exemplo. E sabe porquê, o nosso ilustre colega? Porque se escrevessemos um livro sobre Espanha não tinhamos a oportunidade e a felicidade de lhe pôr no ante rosto esta invejavel dedicatoria «a una maja embozada». «Voilà»...

✦ ✦ ✦

Para quem, como nós, não vai ao teatro, nem ao circo, nem ao parlamento, nem a outros divertimentos populares, será interessante a leitura do livrinho «Após Monsanto», do jornalista e politico sr. Eduardo de Sousa. Logo de entrada dois discursos. Pasmámos. Pois no parlamento ha quem fale nos «Piluças», conte anedotas e neste tom:

«No cimo da taboleta desse meu visinho de então, se ostenta um gordinchudo menino dourado e nu, sem aquele hipocrita enfeite da folha de parra que o escultor do frontão da C[illegible], obedecendo acaso a um criterio de verdade estetica e... anatomica, entendeu tambem prescindir na figura do Amor da Patria!!!»

Incrivel. Mas está aqui o discurso, cá está o frontão. Cá estão pelo menos 35 minutos a ler ou recitar este discurso! E' pasmoso... Bom... mas como o critico literario é que tem de falar... diremos que «Após Monsanto» é um apanhado de artigos e entrevistas com aquele ilustrissimo deputado, fóra os dois citados discursos. Deve interessar muito aos politicos, e a nós já interessa tambem porque vamos passar a ir ao teatro, ao circo, ao parlamento e a... outros divertimentos populares.

Armando Ferreira

ULTIMA HORA

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA—A's 21,30 h.—«Amor Perfeito».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30—«Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30e22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «Depois do Degredo».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos

Noticiario

Entre nós

A primeira figura feminina da actual companhia do S. Luiz, a gentil Laura Costa, realisa ali depois de amanhã a sua festa artistica, com um espectaculo excecionalmente atraente, repleto de surprezas: intercalados na revista «Capote e Lenço», a festejada interpretará a maliciosa cançoneta «Conchita», e mais «O fado Laura Costa, o dueto do «Lagarto», da revista A. B. C. e a «Liquete e a Hortaliceira», ambos do reportorio da malograda Julia Mendes.

Para esse brilhante espectaculo já estão á venda os bilhetes, para evitar quanto possivel, a «bicha», no camaroteiro, na noite da brilhantissima ecita.

—Amanhã, no Gil Vicente, (á Graça) sobe á scena, em primeira representação, o drama em 5 actos, «A Martir».

Reclamos

S. LUIZ

No S. Luiz a famosa revista de «Capote e Lenço», continua batendo o *record* do exito, não se fartando o publico nem de ve-la, nem de aplaudi-la, contando-se, por centenas, as suas representações. Agora, modernisada com varios numeros interessantissimos, tem todo o aspecto duma peça nova, ampliada com o sensacional quadro *Colegio de Meninas*, em que são apreciados com a maior graciosidade os varios aspectos da questão do livrete das serviçais. Hoje, no S. Luiz, repete-se a revista, com todas as suas atracções, sendo Henrique Alves o *compere*, e tendo Joaquim Costa, alem doutros, o seu impagavel personagem no *Cabo Elisio*, isto além doutros papeis interpretados duma forma igualmente brilhante, pelo Gomes, da Trindade, por Laura Costa, Maria Soller, Emilia Costa, Zulmira Bettencourt, Artur Rodrigues e Augusto Costa.

Ginasio

Está a despedir-se, no Ginasio, a sensacional peça «O Celebre Pina», que ainda hoje ali se repete, para alegria do publico. Sae de scena em pleno exito, dos mais brilhantes e incontestaveis, visto a companhia Alves da Cunha ter tomado, de ha muito, o compromisso de realisar no norte uma serie de representações, efectuando logo apoz o seu regresso a inauguração da epoca de inverno no elegante teatro.

Não faltem portanto ás despedidas de «O Celebre Pina» quem quizer gozar um espectaculo de permanente gargalhada.

Apolo

Repete-se hoje a revista «Burro em pé», que na sua reposição voltou a encontrar o sucesso com que foi acolhida na sua estreia. O novo desempenho, a nova enscenação, os numeros e cenas novas com que foi remodelada tem sido devidamente apreciado e a engraçada peça de Marçal Vaz e Xavier de Magalhães prosseguirá na sua carreira até que se complete a montagem da revista de Eduardo Schawalbach *Gato* por *Lebre*.

Avenida

Muitas familias das mais distinctas, algumas tendo regressado das praias e termas, estão dando os seus «rendez-vous» no Avenida, admirando a original Companhia Infantil, que esta ali obtendo uma assinalado triunfo. Os pequeninos artistas, que não contam mais de 8 anos, de idade, interpretam, com toda a graciosidade, a interessante revista «O Sonho do Manecas» e varios numeros de variedades, tributando-lhes o publico os mais entusiasticos aplausos. Os espectaculos são em duas sessões, a preços populares.

Torpedeiros franceses

S. JULIÃO, 7.—Entraram a barra tres torpedeiros franceses vindos do norte «Francis Garnier», «Boucher», «Rotel».

Estradas intransitaveis

Vergonha nacional que se pode e deva evitar

Ha dias, o sr. Parreira, director geral do ministerio do Comercio, que tem a seu cargo a superintendencia dos serviços das estradas foi visitar algumas regiões do sul do paiz, a convite do deputado pelo Algarve, sr. João Uva. Teve ocasião de ver e de «sentir» o estado em que se encontram as vias de comunicação, especialmente as estradas de Loulé a S. Braz e desta vila a Faro.

Chegou-se á ultima situação.

Não se faz reparação alguma, os automoveis já não podem por ali passar e os carros chegam quasi todos os dias com as molas partidas, pondo em risco a vida dos individuos que teem de se deslocar, duma a outra povoação.

Como se sabe, a provincia do Algarve é uma das que os estrangeiros mais visitam, para admirar as suas incomparaveis belezas naturais.

Não se poderá evitar um espectaculo tão deprimente para nós, mandando-se reparar as principais estradas, para que não se diga que estamos peores do que em qualquer colonia estrangeira?

De tanto dinheiro que se gasta, não se poderá dispensar uma verba menor para a reparação das estradas do sul do paiz, que carecem de arranjos mais urgentes?

Veja o sr. ministro do Comercio se pode atender a este assunto, que exige solução rapida,

Agencia Americana

Não tem esta agencia nenhuma responsabilidade no telegrama que distribuiu pelos jornais de Lisboa e em que se dizia que o governo brazileiro tomou medidas sanitarias contra as procedencias de Portugal.

A agencia Americana recebeu esse telegrama do Rio de Janeiro e natural é que, com efeito, tivesse havido tenções de promulgar as referidas medidas a que, decerto, o nosso embaixador valeu, por instruções do nosso governo, provocadas precisamente pelo telegrama distribuido pela Agencia Americana.

Tratado americo-alemão

Um desmentido

PARIS, 7.—A imprensa desmente o boato segundo o qual os Estados Unidos teriam pedido á França e aos demais aliados que reconhecessem o tratado de paz que assinou em separado com a Alemanha.

Nenhuma nota foi remetida nem o representante do governo americano em Paris fez qualquer diligencia nesse sentido.

Não seria, todavia, fóra de proposito que, com o fim de evitar de futuro quaisquer dificuldades que possam resultar da aplicação simultanea dos dois tratados que obrigam a Alemanha, quaisquer conversações se entabolassem entre os Estados Unidos e os aliados que por certo produziriam resultados proficuos atentas as boas relações e a cordealidade existentes entre todos os aliados e a America.—(A).

O nosso escudo no Brazil

RIO DE JANEIRO, 7.—O escudo portuguez foi cotado a 810 e 880 réis brazileiros.—(A).

Federação Nacional das Cooperativas

Arroz em pacotes

Tendo a Direcção da F. N. C. instado com o Comissariado Geral dos Abastecimentos para que tambem fosse extensiva ás Cooperativas de Lisboa a faculdade de venderem arroz empacotado, fornecido pelo mesmo Comissariado, conforme havia sido concedido ás padarias, e, pelo menos, nas mesmas condições, o Comissariado Geral dos Abastecimentos comunicou-nos que forneceria arroz ás Cooperativas de Lisboa, pelo preço de $68 (sessenta e oito centavos) o quilo, para ser distribuido pelas mesmas a $70.

Nesta conformidades deverão as Cooperativas dirigir as suas requisições ao Comissario Geral dos Abastecimentos, por intermedio da Federação, mas efectuando depois ali, directamente, o pagamento das quantidades que lhes forem deferidas.

A Direcção da F. N. C. já oficiou ao sr. Comissario Geral dos Abastecimentos, pedindo-lhes para que tambem seja facultado ás Cooperativas vender assucar branco a 1$20 cada quilo.

Em beneficio dos bombeiros

COLARES, 7.—Com grata satisfação noticiamos que foi o mais lisongeiro possivel o resultado das festas realisadas na quinta do Vinagre em beneficio dos bombeiros desta localidade. Foi grande a concorrencia, especialmente no domingo. Mais de mil pessoas deram entrada no vasto pateo da antiga casa. A tombola, as barracas da loiça de barro, dos bolos saloios e da fruta, atrairam grande concorrencia.—(H.)

Boas novas

DAKAR, 7.—O comandante e oficiais do convez do vapor «Santo Antão» seguem bem.—(H).

Parlamento

Nos Deputados

Aberta a sessão cerca das 13,30 foi concedida a palavra ao sr. Antonio Correia que mais uma vez instou por que os documentos pedidos pelo sr. deputado Almeida Ribeiro sobre á administração do celeiro municipal de Portalegre, sejam imediatamente concedidos. E' necessario, diz, esclarecer o assunto a fim de se pôr termo ás suspeições infamantes que sobre o caso se tem feito. Historiando o que acerca do referido celeiro se tem passado, o deputado da maioria pretendeu demonstrar que os celeiros municipais não são organismos dos municipios visto terem sido criados por uma lei do Poder Executivo, e que por esse motivo os actos da Direcção do Celeiro Municipal de Portalegre não podem ficar sob o conhecimento exclusivo da Camara daquele concelho. Analisa a lei que regulamenta aqueles organismos, assim como o Codigo Administrativo, no sentido de mostrar á Camara a razão das suas considerações.

O sr. Agatão Lança chama a atenção do sr. Presidente do Ministerio e ministro do Interior para o facto de as autoridades de Aveiro que presidiram á já celebres eleições daquele distrito, ainda continuarem no exercicio das suas funções. Pergunta quando tenciona o sr. Presidente do ministerio demitir aquelas autoridades que, está certo, noutra ocasião não terão duvidas de proceder de forma a envergonhar o regimen.

O sr. Cunha Leal em aparte: cesteiro que faz um cesto...

O orador termina pedindo, em nome dos altos interesses da Republica, em nome dos republicanos de Aveiro e de todo o paiz, ao sr. Presidente do Ministerio que proceda contra aquelas autoridades.

O sr. Lopes Cardoso pregunta tambem ao sr. presidente do governo qual o procedimento que tenciona pôr em pratica relativo á autoridade que tem responsabilidades no famoso documento de Aveiro.

O sr. presidente do governo informa que pediu ao sr. ministro da Justiça um funcionario para proceder a um inquerito sobre o assunto.

Se desse inquerito resultar uma prova de culpabilidade da parte de qualquer autoridade, assegura que imediatamente procederá. Se pelo contrario nada se provar, ele ministro nada tem que fazer, visto que não se sabe qual a autoridade que assinou o referido documento.

O sr. Lopes Cardoso e Ribeiro de Carvalho interrompem o orador prestando esclarecimentos ácerca das famosas eleições de Aveiro.

Levanta-se celeuma.

O sr. Domingos dos Santos pergunta quem está no uso da palavra e o sr. Carvalho da Silva, pergunta quantos deputados republicanos estão na Camara com os votos dos monarquicos.

Oral Oral Oral exclama-se de todos os lados.

O sr. Presidente do Governo, continuando nas suas considerações, garante que se se provar ter havido interferencia dalguma autoridade nas eleições de Aveiro imediatamente procederá.

Proceder sem provas é que não o fará.

O sr. José Domingos dos Santos pergunta quando poderá usar da palavra para tratar de dois assuntos importantes. Ontem, diz, quando me inscrevi só havia mais quatro deputados inscritos, hoje já falaram seis deputados e eu ainda não tive ocasião de fazer as minhas declarações.

O sr. presidente dá explicações, declarando satisfazer o orador na proxima sessão.

O sr. Antonio Maria da Silva, em vista da declaração feita pelo sr. ministro das Finanças, ha dias, de que estava habilitado a responder á interpelação do sr. Cunha Leal sobre o contracto dos 50 milhões de dollars, pergunta quando tenciona o sr. presidente marcar essa interpelação para ordem do dia.

O sr. Presidente do Governo, diz não ter o governo nenhuma duvida em que essa interpelação seja marcada já para amanhã, o que se fará, segundo declara o sr. presidente da Camara.

O sr. Lucio de Azevedo lamenta que enquanto a camara se empenha em aumentar as receitas publicas com a modificação das taxas de contribuição, o governo permita fazerem-se exportações em larga escala sem cobrar as respectivas sobretaxas que deviam orçar em tres mil contos.

Termina enviando para a mesa uma prososta para a suspensão do decreto n.º 7659, de 3 de agosto de 1921.

Entre os srs. ministro do Comercio e Lucio de Azevedo trocan-se ainda algumas explicações acerca da doutrina discordante dos dois decretos que regulam a aplicação das taxas ás exportações.

O sr. Lucio de Azevedo não concorda com as razões apresentadas anteriormente pelo sr. Presidente do Governo, declarando que se enquanto a libra esteve a 20 escudos os industriais poderam pagar as sobretaxas da exportação, agora com a libra a mais de 40 escudos melhor o poderia fazer.

O sr. Monteiro Guimarães, defende a proteção ás industrias estabelecida nos decretos que isentam alguns productos de exportação do pagamento de sobretaxas.

O sr. Carvalho da Silva pede ao sr. ministro das Finanças que o ilucide sobre dois pontos: Qual a opinião de s. ex.ª sobre o assunto e se julga as finanças publicas em estado de poderem suportar mais um «rombo».

O sr. ministro das Finanças respondeu que tenciona propor a Camara que em vez de se pagar 4.500 contos se pague 2.000 contos.

O sr. Lopes Cardoso defende a proposta em discussão e extranha que seja o sr. Carvalho da Silva quem venha combate-la.

Deputados monarquicos protestam violentamente.

O sr. Presidente agita a campainha. Os deputados da maioria pedem.

—Ordem! ordem!

O sr. Lopes Cardoso, continuando, diz que não é novo o regimem das indemnisações.

Foi a monarquia constitucional quem a estabeleceu. Foi, o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães.

O sr. Carvalho da Silva responde pela forma que vai pormenorisada noutro logar deste jornal.

Manda para a mesa uma proposta que não é admitida.

O sr. Carvalho da Silva: Ninguem quer aprovar!

(Protestos).

O sr. José Domingos dos Santos em nome do seu partido, declara aprovar a proposta. Declara que a Republica não precisa de ficalisação dos monarquicos para se fazer boa administração.

O sr. Carvalho da Silva protesta e pede licença ao orador para o interromper.

O orador: Não dou licença. Sou dos que nunca interrompem nenhum orador, não consinto por isso que me interrompam. Trata-se, continua, de uma questão que precisa ser discutida com serenidade, e não pode discutir-se serenamente, admitindo apartes como as do sr. Carvalho da Silva que são sempre violentos.

Defende calorosamente a proposta. E se ha alguem que possa combater a proposta esse alguem não pode ser nenhum monarquico a quem falta autoridade moral para falar sobre o assunto.

O sr. Carvalho da Silva protesta energicamente e pregunta exaltadamente:—Quem é que não tem autoridade moral?

Protesta-se.

A discussão continua.

No Senado

O sr. Jacinto Nunes declara que se estivesse presente na sessão anterior teria votado a homenagem ao grande poeta Guerra Junqueiro.

O sr. Mendes dos Reis declara não ter classificado de inoportuno o projecto sobre a revogação do decreto que concedeu a uma administração militar os serviços ferro-viarios do Estado, conforme se disse.

O sr. Herculano Galhardo volta a pedir providencias sobre o desastre ocorrido na estação elevatoria de agua dos Barbadinhos.

O sr. ministro do trabalho assim promete.

O sr. Julio Ribeiro requereu urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei da sua autoria, prorogando o praso de 30 dias para o pagamento da contribuição sobre pianos. Concedida a urgencia e a dispensa foi o projecto aprovado sem discussão.

O sr. ministro do trabalho em resposta ao sr. Julio Dantas declara que não sabia que o funcionario nomeado por a Comissão de Sindicancia ao Hospital D. Leonor fazia parte da antiga comissão, e que tendo-o agora reconhecido, o mandaria exonerar.

A sessão continua.

Poeira da Arcada

O sr. dr. Antonio Ferrão, chefe de repartição da direcção geral de ensino superior, apresentou-se hoje no ministerio da Instrução, e vai prestar serviço na inspecção das bibliotecas eruditas e arquivos.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do Comercio, acompanhado do director geral de ensino comercial e industrial, sr. dr. Alvaro Coelho, visitou hoje as novas instalações do Instituto Comercial de Lisboa, na rua das Chagas, afim de verificar se foi feita convenientemente a adaptação do edificio para funcionamento daquele estabelecimento.

✦ ✦ ✦

Conferenciaram, hoje, com o sr presidente do Ministerio, a comissão delegada da Associação dos Comerciantes do Porto, que tratou de assuntos referentes ao novo decreto das cambiais; a comissão central de defesa dos interesses dos oficiais de justiça, que instou pelo deferimento das reclamações da classe, e os srs. Carlos Gomes, major Damasceno, capitão Madeira Pinto, dr. Antonio Osorio, dr. José Pontes e deputado Portas.

✦ ✦ ✦

Uma comissão de pensionistas dos T. M. E. esteve hoje na Presidencia do Ministerio, onde foi recebida pelo chefe do gabinete, sr. Antonio Mantas, que prometeu envidar todos os seus esforços para que as pensões continuassem a ser concedidas.

✦ ✦ ✦

Alguns governadores das Provincias Ultramarinas teem posto a questão de confiança ao novo ministro das Colonias.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro dos negocios estrangeiros que ontem teve uma demorada conferencia com o sr. ministro da Alemanha no nosso paiz, vai estudar o meio de facilitar o comercio entre as duas nações.

✦ ✦ ✦

Uma comissão de financeiros e empregados superiores dos Caminhos de ferro procurou ontem o sr. ministro das Colonias para lhe apresentar um projecto de inauguração de um caminho de ferro de Angola a Moçambique.

"O Tempo"

Este jornal da tarde, que devia ter reaparecido hoje, só sairá amanhã, devido a ter o seu director resolvido, hoje mesmo, publica-lo regularmente com quatro paginas, o que obrigou a aumentar o quadro tipografico.

O «Tempo» reaparece amanhã ás primeiras horas da tarde.

Notas politicas

Oficiais de Justiça

A comissão central dos oficiais de Justiça esteve hoje em longa conferencia com o sr. dr. Antonio Granjo, Chefe do Governo, procurando concertar, com ele, uma plataforma que evite um rompimento nas negociações. Embora ainda se não tenha encontrado uma formula conciliatoria, é bem possivel que as justissimas aspirações da classe sejam efectivadas, por lei, antes do adiamento, que está por dias, da presente sessão legislativa.

O adiamento da sessão legislativa e as leis indispensaveis

Toda a sciencia de governar, incarnada no Chefe do Governo, se resume presentemente em resolver ou, pelo menos, arredar, as dificuldades de todo o instante. Não ha energia que resista a essa luta, que é, aliás, desconhecida do publico. No fim de trez mezes de governo um chefe do ministerio, seja quem fôr, está esgotado, mais por enervamento que por excesso de trabalho. Eis porque os governos se sucedem... e se parecem.

O sr. Antonio Granjo debate-se, neste minuto que passa, com uma dificuldade de certa importancia. A oposição ou parte dela não está de acordo com a proposta do sr. Barros Queiroz, perfilhada pelo sr. Antonio Granjo, acerca da divida publica e emprestimos. O sr. Alberto Xavier, deputado dissidente, fez saber ao chefe do governo que se oporia á aprovação das propostas, por entender que elas são prejudiciais ao interesse nacional. «Nem que eu tenha que falar durante quarenta e oito sessões, as propostas não passam», disse ele ao sr. Antonio Granjo. Quarenta e oito sessões, nada menos! E isto na ocasião em que se pensa em adiar o Parlamento depois de ámanhã!

Quer-nos parecer que a atitude dos democraticos não é tão intransigente; mas, seja ou não, o facto é que basta um pouco de inteligente obstrucionismo para que o governo não consiga armar-se com a autorisação referente a divida publica e á negociação de um emprestimo. E isso é grave.

O misterio dos 50 milhões

A noticia merece uma referencia especial.

Amanhã far-se-ha a interpelação do sr. Cunha Leal ao sr. ministro das Finanças ácerca do tão discutido caso (tão discutido como pouco conhecido...) do emprestimo de 50 milhões de dollars, negociado pelo sr. Afonso Costa, conforme autorisação do então ministro das Finanças, o ilustre deputado sr. Antonio Maria da Silva, leader do partido democratico. Supõe-se que a questão será generalisada, ocasionando um movimento de debate politico.

A questão das indemnisações ao Estado pelos prejuizos de Monsanto e da Traulitania

O sr. Lopes Cardoso, respondendo ao sr. Carvalho da Silva, pronunciou hoje na Camara dos Deputados, um dos seus mais eloquentes discursos, caracterisado, principalmente, por uma logica irrespondivel, —e, como tal, irrespondida ficou.

O cavalo de batalha do sr. Carvalho da Silva consistiu, especialmente, em afirmar que se tinham praticado injustiças. O sr. Lopes Cardoso concordou, mas declarou, muito simplesmente, que as injustiças que conhece foram ocasionadas contra republicanos, que receberam ou vão receber muito menos do que aquilo a que tinham direito. Por outro lado, os individuos que devem pagar, em conformidade com a lei, teem sido poupados, o que representa outra flagrante injustiça.

A' hora em que fechamos estas notas, continua a discussão. Parece-nos que a lei será aprovada, com uma emenda do sr. ministro das Finanças reduzindo o credito a dois mil contos.

Provincias Ultramarinas

Foi nomeado director da Imprensa Nacional de S. Tomé o sr. Aprigio Serra e Moura.

O governador de S. Tomé, comunicou que já se encontram nomeadas as comissões para a revisão das matrizes naquela colonia, revisão que não só beneficiará os contribuintes como dela resultará um apreciavel aumento de receita.

O governador da India, submeteu á aprovação das estações competentes o projecto relativo ás ajudas de custo a abonar aos funcionarios militares e civis dependentes dos serviços da marinha colonial.

Foi aprovado o regulamento do hospital de S. Tomé.

De Cabo Verde para S. Tomé, seguiram 110 serviçais.

O Alto Comissario de Moçambique nomeará duas comissões, uma para estudar e propôr as alterações que entender introduzir nas tabelas e regulamentos de contribuição industrial e comercial e outra para atribuições referentes ás tabelas e regulamentos do imposto de selo em vigor na provincia de Moçambique.

A questão dos electricos

Com o sr. presidente do Ministerio e ministro do Interior conferenciaram hoje sobre a questão da Carris o tenente coronel sr. Freiria, o vereador da Camara Municipal sr. Eduardo Moreira, e o director daquela companhia sr. Freire de Andrade.

Ao que parece, vai ser incumbida de solucionar a questão uma individualidade em destaque na Camara dos Deputados

Grupo Ricardo Vasques

Nova séde

Tendo este antigo Grupo que tem por fim o recreio e a beneficencia abandonado a sua primiativa séde por motivo de divergencias havidas entre alguns dos seus associados, reuniu ha dias a maioria dos seus socios fundadores, resolvendo nomear uma comissão encarregada da reorganisação do mesmo Grupo que ficou composta dos srs. José Rodrigues Duarte Pereira, presidente; José Duarte Primavera tesoureiro; e Carlos Costa de Jesus, secretario. A séde provisoria está actualmente instalada na Calçada de Santo André n.º 100 r/c.

Partido Socialista Portuguez

No domingo p. p. realisou-se na Rua do Bemformoso, ás 21 horas, a primeira sessão de propaganda social, da serie promovida pela Comissão Executiva da F. S. de Lisboa.

O conferente dr. Agostinho Fortes, foi recebido com uma salva de palmes, tocando então o grupo de bandolinistas «Os Silvas», o hino dos trabalhadores.

No fim da conferencia a menina Marina Horta cantou a canção a «Cigana», arrancando muitos aplausos, seguindo-se mais canções e poesias de propaganda.

Touradas

A ultima palavra sobre [illegible]

Vão dá-la os principais [illegible] dos touros, pela [illegible] dos seus mais tesos [illegible] vem no domingo a Algés [illegible] aos seus companheiros [illegible] que corridas de [illegible] [illegible] Que [illegible] quem quer que seja [illegible] um passo de capote. [illegible] de greve bem solidaria...

Como as vacas [illegible] felicidade dependente [illegible] não admira que venha tambem [illegible] berrar publicamente contra o [illegible] de assassinio dos seus queridos [illegible]

Um intermedio denominado «Os cavaleiros comicos a fingir», a lide [illegible] de algumas vacas e garraios por praticantes de *Bombitas*, as pegas extraordinarias de um [illegible] grupo de forcados de Palma de Cima e a valentia do cavaleiro José Gomes compõem o resto da festa.

A CAPITAL

3881 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 8 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

FAÇA-SE LUZ!

Finalmente!

Apoz mais de tres mezes de toda a especie de especulações feitas á sombra do nunca assaz celebrado contracto dos 50 milhões de dollars, eis que finalmente se vai tratar no parlamento dessa operação, que já ninguem duvida ter representado a mais colossal mistificação de que ha memoria em terra portugueza.

Os tempos vão, so que parece, para esta especie de burlas. Transacções que não existe; inventam-se empresas que nunca tiveram organisação, forjam-se negocios que figuram apenas no papel. E' a edade de ouro dos aventureiros, dos «escrocs», dos falsificadores, dos burlões. Mas o que não era de esperar era que essas burlas passassem dos individuos para os Estados e se jogasse com a boa fé dum paiz como se pode tornar victima dum conto do vigario o saloio mais bronco e desprevenido.

Na realidade da vida, o cofre de madame Humbert nunca esteve atestado senão com os fantasticos milhões dos Crawford. Na fantasia novelesca, o duque de Mons não tratou com a França, mas apenas com o ingenuo Tartarin a aquisição dessa Eldorada que se deveria denominar Port Tarascon.

Agora, não! Celebram-se contractos, assignam-se escrituras, em que a firma dos delegados do governo portuguez autenticam as mistificações inverosimeis.

Mercê destes expedientes, realisam-se negociatas escandalosas, o paiz sofre prejuizos incalculaveis no seu credito e ainda por cima se vê coberto de ridiculo, porque só em Portugal ha governos que tomam a serio as mais extravagantes propostas, formuladas tantas vezes pelos mais equivocos negociadores.

E' isto que tem de acabar duma vez para sempre.

Hoje, deve o parlamento ficar tendo pleno conhecimento da famigerada operação. Que venha tudo! Que se saiba tudo! Persistir no mysterio que ha tres mezes permite que semelhante contracto tenha vivos de meio de salvação, como se fôra um contracto serio, é um crime. Não ha o direito de cobrir estas trapalhadas com qualquer sancção, embora implicita, saida das esferas do poder.

Por isso mesmo se alguem, cego por um fetichismo que já tem causado os maiores prejuizos á Patria e á Republica, quizer que se não apure devidamente o que o contracto é e o que o contracto representa, porque isso se lhe afigura quasi um sacrilegio, em virtude de o ter assinado o sr. Afonso Costa, que esse alguem reflicta que não pode prestar peor serviço ao sr. Afonso Costa do que é dar a entender ao paiz que se exercem pressões para tornar indiscutivel uma operação, em que ele interveio, e sobre a qual pesam as maximas suspeições. Só o pleno esclarecimento da verdade é que pode servir o sr. Afonso Costa, porque só com a absoluta evidencia da verdade é que se combatem suspeições de tal natureza.

Todos os que não tiverem responsabilidades definidas na manigancia de que o parlamento se vai hoje ocupar, só terão conveniencia em que essa luz inteiramente se faça.

E já que estamos falando no contracto não menos conveniente se nos afigura que desde já se começe reclamando a maior publicidade em torno do emprestimo de 15 milhões de libras que o governo pensa negociar. Essa historia das reservas e dos segredos diplomaticos tem de acabar. Ela não serve senão para complicar as questões, quando não as desvirtua inteiramente.

Não ha razão nenhuma para que se não saiba o que se trata e do que se trata. Livremo-nos do novo percalço como do contracto dos 50 milhões de dollars.

Não se pode estar eternamente iludindo o paiz, embora com a melhor das intenções.

VITIMAS DA GUERRA

As pensionistas dos T. M. E.

O deputado sr. Antonio Mantas fala-nos da situação das pensionistas e defende o projecto que hoje apresenta á Camara dos Deputados

Como os jornais noticiaram, uma comissão de pensionistas dos T. M. E. procurou ontem na Presidencia do Ministerio o deputado sr. Antonio Mantas, a quem expoz a sua aflitiva situação, tanto mais que estavam sob a ameaça dos T. M. E. suspenderem as magras pensões que concedem ás viuvas e orfãos dos tripulantos dos barcos torpedeados.

A fim de obtermos mais algumas informações, procurámos hoje o sr. Antonio Mantas no Presidencia do Ministerio, a quem expuzemos o fim da nossa visita.

—A comissão de pensionistas dos T. M. E. procurou-me, com efeito, e atendendo ao carinho com que tratei da situação bem triste dos mutilados da guerra e dos combatentes, pediu-me que eu agora tratasse de remediar por qualquer forma a situação precaria em que se encontram.

«Durante o periodo da guerra com a Alemanha, parte dos navios ex-alemães em poder dos T. M. E. foram, como v. sabe, fretados á Inglaterra, navios que seguiram para ali tripulados por pessoal portuguez devidamente matriculado na Capitania do Porto de Lisboa.

«Das suas soldadas descontavam os tripulantes 20 0/0, importancia destinada ao cofre das pensões de sangue, tanto mais que nas matriculas desses mesmos tripulantes ha a clausula de que, em caso de sinistro de guerra, ficava á responsabilidade do Estado o pagamento das pensões de sangue.

«No entanto, e motivado por um parecer da Procuradoria da Republica, as familias das vitimas e as vitimas dos torpedeamentos dos navios cedidos á Inglaterra, não recebem a pensão do sangue a que deviam ter direito, porque as disposições dos decretos publicados que regulam a concessão dessas pensões so dizem respeito ao pessoal civil ao serviço directo do Estado Portuguez e sob a sua administração!

«Haverá facto mais absurdo e injusto?...

«As familias das victimas e as victimas dos navios torpedeados que recebem a pensão de sangue, teem a ela direito pelas disposições dum decreto ministerial do sr. dr. Afonso Costa, quando ocupou a pasta das Finanças, e pelas disposições de mais alguns decretos depois publicados e que regulam o assunto, sem que, todavia, alguem pensasse na situação em que se encontravam os tripulantes portuguezes dos navios que os T. M. E. cederam á Inglaterra!

«Fatal esquecimento para as infelizes victimas dos navios torpedeados que se encontravam ao serviço da nossa velha aliada!

«As consequencias desse esquecimento são altamente desastrosas para essas familias não atingidas pelos decretos que concedem as pensões de sangue, colocando-as em desigualdade de circunstancias com as outras pensionistas do Estado, o que além de não ser justo, é manifestamente imoral!

«Em face da representação da comissão das pensionistas dos T. M. E., pensei em remediar tal estado de coisas, apresentando hoje á Camara uma proposta de lei com diversas considerações que constituem o assunto de quanto lhe tenho dito, e mandando aplicar as disposições da legislação em vigor para os casos de pensões de sangue, e ainda as disposições da lei n.º 1.159 de 2 de maio de 1921.

E tirando alguns papeis de dentro da sua volumosa pasta, o sr. Antonio Mantas diz-nos:

—Ai tem v. a copia do projecto de lei que tenciono apresentar hoje na Camara dos Deputados.

Diz o projecto do sr. deputado Antonio Mantas:

Art. 1.º—São aplicaveis a todas as victimas e ás familias das victimas dos torpedeamentos dos navios fretados á Inglaterra, e do qué é proprietario o Estado Portuguez e administradora a Direcção Geral dos Transportes Maritimos do Estado, as disposições dos decretos n.os 2.290, 2.338, 2.629 e 3.117, de 20 de março, de 17 de abril e 16 de setembro de 1916, e 9 de maio de 1917; e 3.632 de 29 de novembro de 1917, e bem assim as disposições da lei n.º 1.159, de 2 de maio de 1921.

Art. 2.º—Transferem-se para o Ministerio das Finanças todos estas pensões a cargo dos Transportes Maritimos do Estado.

Art. 3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Burlas sobre burlas

Um negocio de agua arriba

Por ocasião da ultima greve dos electricos, notou-se com desgosto o mau serviço improvisado á ultima hora com camiões e autoomnibus de provincia, que, no meio de uma algazarra insuportavel faziam carreiras «á la diable», oferecendo pessimas comodidades por preços exorbitantes.

Foi negocio de encher o olho para os exploradores, mas ruinoso para os explorados que eram o publico.

Quando a população de Lisboa ainda estava sob a dolorosa impressão dos tratos de polé que acabara de suportar, foi surpreendida pelos noticias repetidas em reclamos e anuncios, dispendiosos, embora não pagos até hoje em paginas inteiras dos jornais mais lidos, em que se falava da nova creação de uma importante Sociedade Portugueza de Camionagens.

Por esses anuncios acabariam as gréves, ou, quando as houvesse, não causariam diferença ao publico, que passaria a ser servido por camiões-omnibus de carreiras regulares por toda a parte.

Seria o Ideal!

A suprema «escroquerie».—Chuva de anónimos

Já hoje se lê pelos jornais que tudo isto não passou de uma burla autentica iniciada por anónimos, talvez nomes supostos.

Lavrou-se efectivamente uma escritura em que compareceram a contratar Francisco Gomes que ninguem sabe quem é, e Aurelio Ribeiro da Silva, ambos com capitais eguais de 250 contos... convencionais.

Não tardou muitos dias que este ultimo passasse a sua cota a um certo Carlos Cesar Menezes, que se dizia hospedado no hotel Francfort do Rocio, onde uma vez procurado, se soube que lá tinha dado entrada com esse nome, mas depressa desaparecera para nunca mais deixar rasto.

O negocio foi renovado com outro anónimo, José da Costa, que se disse morador na rua Morais Soares, onde afinal tambem nunca ninguem o viu, embora lá aparecessem debaixo contas sobre contas á cobrança!

A anunciada Garage do Dafundo, onde se convidava o publico a visitar os novos camiões e autoomnibus, não era burla. Lá estava. Simplesmente... ha quatros mezes que o senhorio, o proprietario do Suisso, não recebe as rendas, e os cerros estavam lá, mas eram dos donos, porque nem um fôra pago, conforme se lê na imprensa.

E tudo isto se passa em Portugal em pleno seculo XX, a salvo, impunemente!

Rompe uma aurora de esperança para os burlados—A nova firma

Felizmente, nem tudo são trevas. O desastrado negocio foi parar ás mãos da respeitavel firma dos srs. Gilman & Santiago Limitada, com o seu escriptorio comercial no Largo do Tabelião, 7, 2.º andar.

Os prejudicados, que são bastantes, podem agora respirar mais desafogadamente. A nova firma que acaba de intervir no negocio deve constituir uma garantia de que os creditos feitos áquela empresa serão devidamente abonados.

E assim acabará em bem um negocio mal engendrado a principio pelo genio mau de um individuo chamado Antonio dos Santos Franco, que, como iniciador da empresa, logo atribuiu a si 50 0/0 de lucros que provavelmente teriam de ser-lhe levados aos seus escriptorios em Lisboa, situados na rua Garrett e na rua da Madalena, segundo informam, alguns jornais «Tout va bien, qui finit bien».

A Espanha em Marrocos

Desmentidos

MADRID, 8.—Tendo alguns jornais noticiado que as operações de Melilla deviam começar hoje, o governo desmentiu categoricamente essa afirmação.—O jornal oficioso «La Epoca» declara destituido de fundamento o despacho que publicam os jornais francezes, dizendo que os espanhois teriam abandonado as posições de Uad Lucous, visinhas da zona franceza e que se teriam retirado para Elksar, em Larache.—(H.)

Bombardeamento aereo de Gurugu

MELILLA, 8.—Os aeroplanos deitaram umas trinta bombas nas posições inimigas da cordilheira do Gurugu, onde causaram prejuizos serios.—(H.)

Continuam os bombardeamentos aereos

MADRID, 8.—Noticias de Melilla dizem que uma esquadrilha de aeroplanos repetiu ontem de manhã o bombardeamento do Nador, causando danos enormes e dispersando os mouros que deixaram no campo muitos mortos e feridos. Viam-se as chamas envolvendo varios edificios. As bombas arremessadas eram de grande calibre e a pontaria tão perfeita, como ainda não se havia visto por aeroplanos desde o inicio da campanha.—(A).

Os espanhoes do Chili mandam dinheiro

MADRID, 8.—O presidente do conselho, D. Antonio Maura, foi hontem ao Paço despachar com o rei, informando-o de que o ministro do Chili lhe entregára 250 mil pesetas provenientes duma subscripção aberta entre os hespanhoes residentes naquela republica.—(A).

Reunião inesperada

MADRID, 8.—Foi ontem convocado inesperadamente o conselho de ministros.—(A).

O congresso Hoteleiro de Monaco

Na presidencia do governo foi ontem recebido um telegrama do Principe de Monaco que tinha convidado um delegado portuguez para o Congresso Hoteleiro por ele organisado, e que se devia realizar um Outubro, em que S. A. se desculpava do mesmo Congresso não se poder realisar em virtude do seu precario estado de saude.

O governo portuguez, respondeu manifestando ao Principe de Monaco a simpatia do povo portuguez, fazendo votos pelo seu rapido restabelecimento.

O encalhe do "Almanzora"

Continúa encalhado no Cabo Espichel o paquete inglez «Almanzora» da Mala Real Ingleza.

Todos os esforços empregados para a sua salvação teem resultado improficuos.

Cerca das 16 horas correu o boato de que o barco se tinha afundado, o que até esta hora não se verificou.

Procede-se ao desembarque dos passageiros do «Almanzora» que são numa totalidade aproximada de 200, procedentes de varios portos.

Monstruosidade economica

Consiste em consumir recalcificantes e Extractos de carne estrangeiras, se temos ao pé a «Fibrocalcina» e a «Zomobiose» recomendados, como se sabe, pelos directores dos sanatorios e dos serviços da Assistencia Nacional.

O "Almanzora" continua encalhado

ESPICHEL, 8. — O paquete inglez *Almanzora* encontra-se ainda na mesma posição de hontem. Passageiros desembarcaram sem nenhum risco.

A QUESTÃO DOS OFICIAIS DE JUSTIÇA

As taxas de registo por titulo gratuito

O ilustre deputado sr. dr. Bernardo de Matos pronuncia-se desfavoravelmente ao aumento das taxas por titulo gratuito, que muito irão sobrecarregar os herdeiros orfãos

Na camara dos deputados foi apresentado um projecto aumentando as taxas de registo por titulo gratuito, e ante-ontem foi regeitada a urgencia e dispensa do regimento que para o projecto requeria o sr. dr. Lopes Cardoso, o que produziu, ao que nos consta, grande agitação nos parlamentares que se teem interessado pela melhoria das condições economicas dos oficiais de justiça.

Sobre este assunto fomos ha pouco ouvir o ilustre deputado da maioria, sr. dr. Bernardo de Matos, que nos constava discordar em absoluto com o aumento das taxas de registo.

—Eu sei—começou o nosso entrevistado — que a situação dos oficiais de justiça está longe, mas muito longe, de ser desafogada, concordando em absoluto, em que essa situação seja remediada prontamente, de forma a poder-se corresponder ás condições de vida desses funcionarios.

«Com o que não concordo é com o aumento das taxas de registo, que, embora venha melhorar a situação dos oficiais de justiça, tambem vem prejudicar bastante os orfãos, os quais são afinal os unicos atingidos por esse aumento, o que reputa da mais flagrante injustiça.

«A tabela de taxas de 96 foi já aumentada, ha tempos, com 100 0/0 o que já veiu sobrecarregar bastante os herdeiros menores, e pela aprovação do projecto apresentado ficariam essas taxas aumentadas com 200 0/0!

«O inventario foi criado para beneficiar unicamente os orfãos e os herdeiros menores; pelo que se está observando, são eles justamente os mais prejudicados, injustiça que muito mais se acentuará, se as taxas de registo forem mais aumentadas.

«O herdeiro maior paga essas taxas, essas contribuições, e, por combinações inconfessaveis, segundo o valor que ele proprio dér á herança, e muitas vezes, quasi sempre, esse valor é diminuido, enquanto os pobres orfãos menores, pagam pelo valor que dá a avaliação do inventario!

«E' vezes ha até, em que essa avaliação é propositadamente exagerada, que tem dado motivo a constantes reclamações dos herdeiros prejudicados.

«Ora não é justo que para se melhorar a situação dos oficiais de justiça se vá, mais uma vez, prejudicar os herdeiros menores, unicos, como já lho disse, que irão sofrer com o agravamento das taxas de registo.

—Como se poderia então remediar esse estado de coisas?

O deputado sr. Bernardo de Matos medita um momento e responde-nos:

—Não se pode compreender que o Estado pague aos seus juizes de direito e aos delegados do procurador da Republica, e não pague ao restante funcionalismo de justiça!

«Na minha opinião devia criar-se uma subvenção destinada aos oficiais de justiça, subvenção que poderia ir de mil a mil e quinhentos escudos.

—E a verba necessaria para tal subvenção?

—Conseguia-se criando-se um selo, á semelhança daquele da Assistencia, e o povo certamente não deixaria de reconhecer a sua necessidade, aceitando-o como aceitou o outro.

«Podia ainda criar-se, se o selo não fosse suficiente, um adicional sobre todas as contribuições de registo por titulo gratuito, imposto que tanto maiores como menores pagariam igualmente, não sendo por esse meio os menores os unicos a serem sobrecarregados com o elevamento das taxas de registo.

«A meu vêr, essas taxas não deviam existir para os orfãos menores, porque o Estado devia proteger mais escrupulosamente os interesses dos pequenos herdeiros, sempre á mercê de quem melhor os queira explorar.

E dando por terminada a sua ligeira palestra, o nosso amavel entrevistado deixou-nos para ir almoçar, depois de gentilmente nos ter convidado para o acompanhar.

Almoço e jantar de homenagem

MADRID, 8.—O director geral da Assistencia Americana, sr. dr. Oscar de Carvalho Azevedo, foi convidado a almoçar pelo ministro da fazenda sr. Cambó, assistindo Reinoldo Ferreira, Luiz Sodo, governador do Banco de Espanha, Rafael Veihils, director da casa da America e secretario de Cambó e o presidente da camara da industria, Aguilera.

A' noite foi convidado para jantar pelo embaixador do Brazil.—(A.)

Sentença homologada

RIO DE JANEIRO, 8.—O supremo tribunal homologou a sentença dos tribunais portuguezes acerca do divorcio de Zilda Alves da Rocha e Francisco Moura.—(A.)

A pele aveludada

Obtem-se com o pó d'arroz galvanicos recomendado pelos especialistas de doenças da pele. Aderente, fino e perfumado. Pedidos a PACHECO & PAREDES—calçada do Carmo, 6, 1.º.

Lisboa indisciplinada

A obscenidade nas ruas — O que nos disse o Comandante da Policia

«Para grandes males, grandes remedios».

Já farta da indisciplina que corre por essas ruas, tendo como parceira a obscenidade, farta de assistir a scenas degradantes para o nosso bom nome, resolvemos a queixar-nos ao sr. comandante da policia, confiados na sua boa vontade e no seu amor á ordem que ha muito lhe conhecíamos. Sabiamos mesmo que passava por demasiado severo, levando o cumprimento dos deveres do seu cargo até á abnegação.

Sabiamos que s. ex. passa o seu tempo, dia e noite, no seu gabinete, sempre alerta para que os seus subordinados não se desviem da linha de conducta que lhes é traçada, e que o pouco tempo que não está no seu gabinete ainda o gasta na inspecção de algumas esquadras.

Com estes esclarecimentos e sabendo mais que o sr. comandante da policia é antigo no seu posto, onde já estove por tres vezes e sempre com demora, tinhamos a certeza que, conhecedor de todas as crouagens policiais, ele buscaria um meio de acabar com este caos, em que a disciplina e a educação andam ha muito perdidas.

Encontrámos o sr. major Esmeraldo no seu gabinete, com muito que fazer, mas que amavelmente consentiu em conversar comnosco alguns minutos.

— Sr. Comandante, não haveria meio de acabar com as obscenidades dos converses na via publica? Não póde vir em auxilio da mulher portugueza, que é assediada por essas ruas por uma sucia de sujeitos sem vergonha, que, não contentes de persegui-la, a crivam de insultos, sem quererem saber se essa mulher é uma honesta mãe de familia ou uma *cocotte*. Que na rua a mulher, seja ela quem fôr, devia ser respeitada pelo homem, parece-me a mim, e é o que se faz em todos os paizes civilisados, por onde tenho andado.

—V. Ex.ª sabe que o correr atraz das mulheres é um feitio muito portuguez.

Está-nos no sangue. Mas é claro que de uma côrte, galante e delicada á intempelação brutal, vai uma distancia enorme.

—Em toda a parte, meu caro sr. ha os «guiadores de mulheres» e a França originou um tipo celebre: o *vieux marcheur*.

Mas que diferença de processos! Os americanos, como sabe, respeitam imenso a mulher, porque desde a meninice lhes ensinam a ver em cada uma delas, a imagem da sua mãe.

—E os inglezes, interrompo o distinto oficial. Eu estive em Cabo Verde e não imagino o acatamento com que os inglezes olhavam para as senhoras.

—Mas, sr. comandante, a policia não poderia intervir, para acabar com as palavras obscenas, não devia autoar ou prender mesmo esses que fazem gala em mostrar publicamente a sua desmoralisação e o seu desbragamento de linguagem? Para grandes males são precisos grandes remedios. Cadeia ou multa é o que essa gente precisa.

—Eu lhe digo, minha senhora, já em tempo houve ordem para a policia proceder contra os atentados ao pudor, que é assim que nós temos que designar este caso, por palavras ou factos. Agora, atendendo ás justas reclamações de v. ex.ª, vou mandar para a ordem da policia as mesmas instrucções. Mas pouco resultado tiraremos desta determinação, enquanto não tivermos mais policia.

V. ex.ª deve ter visto que ha bairros inteiros, onde se não vê um policia, mas a culpa não é minha, eu distribuo a que tenho.

—Sim, um comandante de policia, por mais que faça, não pode multiplicar os seus guardas, como Jesus multiplicava os pães.

—Ora, continua o sr. Esmeraldo, não havendo policia para evitar as obscenidades, não pode haver a repressão.

—Mas ouço falar de reformas, ouvi mesmo que o nosso governador civil, sr. Alberto Porteia, já apresentára dois projectos a dois ministros diferentes, mas nenhum lhes pegou.

—Essa reforma, para ser uma reforma completa, uma reforma moderna, custaria muitos contos de réis, talvez uns seis mil contos. E, como sabe, agora o governo está, e com razão, tratando da repressão de despesas. Mas eu já me contentava, antes da reforma definitiva, com um aumento de pessoal e de melhoria de vencimentos, para que se pudesse ser absolutamente escrupuloso no recrutamento. Hoje só é policia aquele que não tem mais nada a que lançar mão para não morrer de fome; e apesar de tanta miseria que ha por ai ainda não houve meio de preencher as duzentas e tantas vagas que existem.

—Quantos policias tem ainda assim para que tão raro se torne encontrar-mos um, quando é preciso?

—Uma miharia, para a intensidade da população. De mil quatrocentos e sessenta e cinco homens, tenho que dar ainda alguns para os serviços da policia administrativa e de investigação, serviços da saude, etc. Ficam-me 848 policias para o serviço de segurança publica; mas como tem 4 horas de serviço e 8 de folga, segue-se que efectivamente só posso dispor de uma terça parte.

Das nossas esquadras, nenhuma tem o seu efectivo completo. A do Rocio, que é onde ha mais arruaças, é a que está melhor fornecida, em detrimento de todas as outras.

Ora diga-me v. ex.ª, como posso eu policiar a cidade convenientemente... sem policia?

—E estão os jornais sempre a clamar contra os rapazes que jogam á bola na rua, que a policia não faz caso, que é pregar no deserto. Como é que um policia, que está nas Côrtes, ha de advertir quem está a jogar o «football» em S. Bento?

E todos os dias é bem dizer, são distritos dando vagas.

Logo que acham um lugar onde ganham uns mais cobres, pedem a demissão. E eu dou-lha, porque não me julgo com direito a prender gente para policia, isto não é escravatura.

E é isto, meus senhores, ou mais policia ou daqui a pouco não poderemos transitar em Lisboa amada.

Mercedes Blasco.

A carga do "Cheruskia"

A eterna vergonha

Entre varias propostas que se dizem feitas pela Alemanha para que nos seus mercados se admita a importação de 58.000 hectolitros de vinhos portuguezas, avulta a da restituição da carga do «Cheruskia».

Achamos licito, mais do que isso, louvavel e honroso o empenho daquela nação em reaver nas melhores condições que possa obter, aquela preciosa documentação historica, tanto mais sendo, como se sabe, a Alemanha um paiz de Orientalistas, por assim dizer, e onde por isso se deu a profunda compreensão e valorisação de assyriologos.

A superioridade de um povo manifesta-se por muitas formas, e uma delas é a tenacidade no culto do mais remoto passado, cuja interpretação vem completar as leis ainda quasi todas ignoradas, por que se rege a sociologia.

E' o desconhecimento destas leis cuja existencia se reconhece, embora ainda se ignorem quasi todas, o que impede a logica confecção dos tratados da politica internacional e a pacificação dos povos.

Tanto o empenho pelo preenchimento das lacunas da mais remota historia dos povos atesta superioridade, como o desprezo e desdem por estes assuntos comprova inferioridade.

Com desgosto temos lido certas considerações deveras desprezíveis por acusarem uma suprema ignorancia do assunto por parte de alguns jornais que, pelo orgulho da sua grande importancia, deviam ser mais escrupulosos em assuntos de ordem transcendente como este.

Confundir Babylonia com Ashur, dizer que em Portugal só se sabe que lá houve o rei Baltasar, que restam umas estatuas de homens com caras de leões, e outras de leões com caras de homens, e outras saudices *ejusdem furfuris*, não avilta só quem escreve, mas quem lê, e quem o consente.

Que um articulista de jornal desconheça a mitologia assyrisca, o significado do nome e de grande conhecimento, a luz que irradia da analise e comparação de todas essas tradições com as similares doutros povos, compreende-se.

O imperdoavel é fazer ostentação da sua profunda ignorancia e encastoa-la em toda a nação, como se tre nós não houvesse quem saiba mais alguma cousa do que isso.

E sem se saber, sem se ver, lemos que se avaliou a carga em 100.000 libras, de outiva, com a mesma facilidade com que se avalia um meiro do lixo.

Pobre paiz, onde até os sabios primam pela ignorancia, com raras e respeitabilissimas excepções.

Felizmente, á hora que escrevemos estas linhas, chega-nos a grata noticia de que tanto o sr. ministro da Instrução, como o dos Negocios Estrangeiros e a Sociedade dos Arqueologos se estão ocupando com o maior interesse da carga do «Cheruskia».

Por este motivo parece haver já estabelecida correspondencia com a Alemanha.

Se aquela carga não puder ser aproveitada como base para a creação de um Museu Asiatico onde houvesse uma secção fenicia, para a qual existem entre nós muitos elementos dispersos, e desta possibilidade estamos convencidos, então, para honra de Portugal essa carga deve ser devolvida á Alemanha em nome dos interesses da sciencia, e nunca vendida como mais valor de quem pouco sobremente já tenha avaliado.

POLITICA

A fraqueza republicana exerce uma acção dissolvente, que é forçoso impedir

A Camara dos Deputados ofereceu hontem um triste espectaculo, tão desprestigioso para a Republica como doloroso para os sentimentos republicanos daqueles que o são e estavam dentro e fóra da sala das sessões. Por vexatorio que seja confessa-lo, mais vale tudo dizer que ocultar a verdade.

A Camara submeteu-se ao obstrucionismo que a minoria monarquica fez á proposta de lei para abertura do credito necessario ao pagamento das indemnisações, por prejuizos causados p la Trauliitania do Porto e suas ramificações. Não ha duvida que, por parte da minoria, a justa causa dos «Trauliitados» foi eloquente e energicamente defendida, principalmente pelos srs. Lopes Cardoso, Fausto de Figueiredo e José Domingos dos Santos. Mas tambem não ofereceu sombra de contestação que uma parte da minoria republicana e a maioria se mantiveram, durante o debate, numa posição de benevola espectativa em frente da combatividade «á outrance» de reduzidissima minoria monarquica.

Concordamos em que a Camara deve ser tolerante com a minoria inconstitucional, porque a generosidade não fica mal aos vencedores. Mas isso é uma crise e outra, muito diferente, é a submissão aos atropelos que a minoria monarquica hontem praticou, atropelos que ficaram de pé e de que, até certo ponto, a maioria se tornou cumplice. Um tal estado de coisas, a continuar, tornar-se-ha absolutamente intoleravel e ha-de provocar, pela força das circunstancias, um protesto visivel dos republicanos, cada vez mais impacientes. Ha-de vir a acontecer isso, cedo ou tarde. E, nestes casos, quanto mais cedo melhor.

Não nos repugna acreditar que a maioria não tenha rialmente grande empenho em ver aprovada a lei em debate. Pode suceder que a sua atitude seja a de quem faz que anda mas não anda.

Uma tal inacção parlamentar está na logica do passado, porque convém recordar que, se o sidonismo nasceu do unionismo, a Trauliitania do Porto originou-se no sidonismo.

Nessas condições como pode uma maioria heterogenea, onde predominam os antigos unionistas, resistir victoriosamente áqueles que, em epoca não longinqua, viram irmanados os seus interesses, embora se mantivessem divergentes nas aspirações fundamentais da orientação politica? A' maioria falta-lhe a fé, aquela firmeza de convicções que praticamente se traduz na defesa dos principios objectivados nas leis.

A aparente submissão da maioria explica-se assim, ou doutra forma se esta não fôr capaz. Estas razões ou outras melhores não absolvem de coisa alguma e muito menos de actos politicos colectivos que desprestigiam o regimen republicano e dão a força do exito ás oposições irredutiveis.

Ora isto é que não pode continuar. A maioria, se não quizer exautorar-se a si propria, tem que impôr a sua vontade á minoria monarquica. Do contrario, suicida-se. E' uma questão de tempo, sómente.

E' uma lei de biologia que os mais fortes se substituem aos mais fracos. Esta lei aplica-se, talvez, na politica, mesmo que a força não seja senão aparente. A sugestão, projectada para fóra do Parlamento, pode representar, na realidade, um perigo grave.

Aos «leaders» dos partidos republicanos pertence o diagnostico da doença e a prescripção da terapeutica necessaria á cura. Isso é com eles. E' porém, indispensavel reduzir a oposição monarquica á sua função legitima. E' o melhor remedio e convém-ce-la nas duas casas do Parlamento, que a berrata de hontem de nada lhes serviu. Mas, para se conseguir isso, é indispensavel proceder depressa e com toda a energia.

Uma conferencia do Chefe do Governo

O sr. dr. Antonio Granjo, Presidente do Ministerio, tinha hoje uma conferencia aprazada na direcção de «O Seculo».

O adiamento da sessão legislativa

Sejam quais forem as aspirações comodistas da maioria, não ha possibilidade de encerrar a presente sessão legislativa antes de 15 do corrente mez. Ha leis que não podem ficar em meio. Citamos, entre outras, a que respeita á questão cerealifera, a que habilita o governo ao pagamento das indemnisações aos trauliitados (entre os quais se conta o proprio Estado) e a que se refere á situação dos oficiais de justiça. O Parlamento foi eleito para trabalhar e não para gosar ferias. Não será sem protesto que a opinião republicana verá surgir, dum instante para o outro, um adiamento injustificavel e injustificado.

Bombas de clorato

Pouco depois da meia noite de ontem rebentaram duas bombas de clorato na linha dos electricos da rue Conde Redondo.

Não tardou que se ouvisse segundo estampido parecendo ser o rebentar de nova bomba, perto do quartel da G. N. R. no Matadouro.

No Matadouro

Outra gréve

Cerca das 13 horas de hoje, quando todos os empregados do Matadouro se dispunham a almoçar, deu-se entre os marchantes Augusto Silva e Inacio Dias uma violenta altercação que felizmente não teve outra consequencia a não ser a generalisação do conflito por todos os empregados que vão reunir para votar... uma gréve surda.

Conferencias

Conferenciaram hoje com o sr. presidente do Ministerio os srs. João de Faria, Antonio Bernardo, Avelino Ribeiro, Marques da Costa e deputados José Varela e dr. Portas.

O sr. ministro dos Negocios Estrangeiros conferenciou ontem com o encarregado de Negocios da Noruega no nosso paiz, sr. Vinci.

CUMPRIMENTOS

O sr. Arcebispo de Mitilene, vigario geral do Patriarcado, acompanhado do seu secretario, cumprimentou, hoje, os srs. presidente do ministerio e ministro da Justiça.

A questão do jogo

Uma situação que se eternisa

Seguindo as pisadas do governo antecedente?

O primeiro acto governamental do sr. Antonio Granjo foi ordenar que se intensificassem os assaltos aos clubs de Lisboa.

Isto, como programa ministerial, é de primeirissima ordem! Vê-se que, para o sr. Antonio Granjo, não ha nada em que empregue a sua perspicacia e actividade senão isto: o jogo.

A questão do barateamento da vida, questão de vida ou de morte, é cousa minima; são cousas minimas a construção de estradas, a abertura de escolas, o desenvolvimento do fomento agricola, o turismo, creação de caes alfandegarios, a perseguição nos especuladores, etc.; para s. ex.ª, o problema maximo é o jogo.

Pois bem: nós achariamos excelente que o chefe do governo desse ordens no sentido de solucionar esse problema, antes de mais nada, dando-lhe a preferencia, pela facilidade da sua execução. Mas, infelizmente, o sr. Antonio Granjo, pessoa lá do seu seculo, foi nesta questão, atraz dos «moralistas», e, em vez de vêr as cousas como elas são, mandou, teimosamente, que se perseguisse — o «mafarrico»...

Foi pena que assim procedesse, provando-nos que é do mesmo criterio do sr. Barros Queiroz.

Simplesmente o sr. Barros Queiroz, um simpatico burguez o largo de S. Domingos é uma pessoa timida, que nunca saiu da sua loja, e o sr. Antonio Granjo, mais moço, transmontano dos quatro costados, é aquele homem que voluntariamente, uma manhã, partiu para Flandres, e ahi se bateu como os mais valentes.

E' homem viajado, solido, sem teia de aranha, sabendo muito bem que hoje se joga por toda a parte, sem que os governos se preocupem senão em tirar disso o maior proveito possivel.

Deve saber que a Belgica regulamentou o jogo, ha poucos dias; que o estado de S. Paulo, no Brazil, faz outro tanto; e que nos paizes mais adeantados se joga. Pois, não se sabe como, nem porquê, o sr. Antonio Granjo caiu no mesmo erro em que se deixou cair o sr. Barros Queiroz!

A verdade é esta, e digamo-lo muito sinceramente: o governo que tentar reprimir o jogo expõe-se, imediatamente, á irrisão publica, e, doutro modo, ás censuras da parte lucida desse mesmo publico.

Sim, o povo é simplista nos seus raciocinios, e vendo os assaltos diarios, e sabendo que se joga, acabará por concluir que se trata duma comedia.

E como não ha-de ele pensar assim, se esses assaltos se perpetuam, e esse publico «vê» o jogo campear, quasi á solta, e, quando o «não vê», o «sente» á sua roda, em casas para isso preparadas e com todo o caracter de clandestino?

Então pensará ele, e com toda a rasão, se a policia é impotente para fazer uma repressão radical, para que se empregam nesse serviço as suas brigadas, com um oficial do exercito a dirigir a... batalha?

Quanto á parte ludida da população, ha-de reparar em que estamos fazendo um arremedo de perseguição, sem beneficio para ninguem, antes com grave prejuizo da Assistencia Publica, que se vê privada duma renda importante, suficiente á sustentação das nossas casas de caridade.

E é esse um aspecto da questão que não deve passar indiferente.

A Assistencia tinha, com as receitas do jogo, bem passadio; no tempo de Sidonio Paes chegou a fazer-se esta frase:

—Hoje, uma das «classes» mais ricas de Lisboa é a dos pobres...

Tratava-se dos pobres da Assistencia, isto é, dos pupilos do Estado.

Pois bem: o mesmo estado tirou aos pobres a renda do jogo e não lhe deu rendas equivalentes.

Pergunta-se: ha esse direito?

FEIRA NA MOITA

Uma comissão de negociantes da Moita, acompanhada do administrador do concelho e do deputado, sr. Joaquim Bandão, solicitou hoje ao sr. ministro do Comercio que se organisem comboios extraordinarios por ocasião das festas e touradas que se realisam naquela vila em 14 e 15 do corrente. Parece que o pedido será atendido, como prometeu o sr. dr. Fernandes Costa.

Nem luz nem guardas

A falta de policiamento e de iluminação nalguns lugares torna-se perigosa

Já por vezes nos temos referido á falta de policiamento em quasi toda a cidade, sem que até agora se adotassem quaisquer medidas no sentido de melhorar este caso.

Ruas ha que depois da 1 hora da noite se tornam intransitaveis, como sucede na rua 20 de Abril, rua do Sol (ao Campo de Sant'Ana) e imediações, e quando chegada a uma hora, tanto a policia como o guarda nocturno, desaparecem, e com eles a luz da iluminação que tambem prima pela ausencia.

Não sabemos quem são os culpados de tal incuria, que dá ocasião a que os meliantes se ponham em campo e pratiquem o melhor das suas proezas, como todos os dias a imprensa noticia: ataques á mão armada, arrombamentos, casas assaltadas, etc.

O Campo dos Martires da Patria é escuro como breu; depois da uma hora torna-se completamente intransitavel, por ele não passa um policia durante a noite, porque nunca vai além do Largo da Escola do Exercito onde ha um pouco de luz e muitas vezes é rendido sem ter dado um só passo.

Claro que isto não acontece em toda a cidade, porque na baixa a policia passeia dum para outro lado e ás esquadras estão a cinco minutos umas das outras, a luz tambem não falta, de modo que os transeuntes podem tratar da sua vida descansadamente sem receio de serem assaltados e roubados.

Na baixa existe de facto guarda nocturno, enquanto nos locais que citamos ou não o ha ou só faz serviço até á uma hora, depois da qual desaparece para não ser mais incomodado embora os incomodos lhe sejam pagos por quem lhe pede o auxilio.

Nem mesmo porem assim, ele aparece depois da citada hora.

Bom seria que se remediassem estes males que põem a vida dos habitantes em sobresaltos.

Salão Central

Duas verdadeiras maravilhas cinematograficas serão hoje exibidas neste magnifico cinema. A primeira «Champagne capricho», em 4 partes, é uma obra prima de graça e engenho, em que se torna notavel o desempenho da formosa actriz Maria Rosalo; a segunda, «O véu vermelho», em 4 partes tambem, é um conjunto delicioso de emocionantes scenas, a que dá o maior relevo o primoroso talento da eximia artista Betty Schade.

Amanhã, uma grande novidade: estreia na «matinée» da pelicula de grande metragem, em 15 episodios, 30 partes, interpretada pela celebre artista norte-americana Helena Holme.

Aventuras, actos de heroismo, perseguições, defesas valorosas, emfim, uma sequencia de scenas interessantes que muito devem agradar ao publico.

Serão exibidos os seus dois primeiros episodios, intitulados «Chang, o Poderoso» e «O Estigma do Odio».

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

NOS DEPUTADOS

Mostra-se que o decantado contracto dos 50 milhões foi a maior burla dos tempos modernos

O sr. deputado Cunha Leal começou a sua interpelação:

Sr. Presidente:

Não venho fazer escandalo. Venho tratar de assunto de importancia para a minha terra. Ninguem me podiu para tomar esta ou aquela atitude. Se alguem o tivesse feito teria sido repelido conforme a minha inteireza de carater.

O cambio aqui ha tempo oscilou entre a casa dos 9 e a dos 5.

—O sr. Presidente: V. Ex.ª pediu a palavra para tratar do contracto dos 50 milhões de dollars.

O orador: muito bem. Eu não sairei do assunto. Mantenho hoje tudo quanto disse sobre o nosso problema cambial quando o sr. Rego Chaves pretendeu regular o assunto. Disse sempre tambem que a paralisação da nossa exportação havia de influir na depreciação do cambio. E as nossas exportações, como por exemplo as de conservas, que durante a guerra atingiram grandes proporções, estão hoje quasi paralisadas. Falando do envio de cambiais do Brazil para Portugal disse que não ha periodo de vacas gordas que não seja seguido dum periodo de vacas magras.

A nossa atitude para com o decrescimento do envio dessas cambiais foi identico áquele aforismo:

«Depois da casa roubada, trancas á porta».

Depois de mostrar á Camara que o desaparecimento das notas não influiria no problema cambial tanto como se supõe, devido ao problema dos serios, o sr. Cunha Leal diz que as condições de vida se não podem melhorar com resoluções bruscas e que é com a coragem de o afirmar, não para ser agradavel ao sr. Alfredo da Silva, que não conhece, mas porque as industrias e o comercio não podem sofrer de um momento para o outro golpes profundos e porque de resto foi isso o que sempre afirmou.

Di-lo bem alto sem receio nenhum.

O governo tem porém o dever de intervir na especulação que se faz com os cambios. Tem esse dever porque tem na sua mão todos os elementos necessarios para o poder fazer. Para isso não precisa de decretos. Especula-se!

Pois bem. Proceda o governo por intermedio do Banco de Portugal de igual modo, fazendo face aos especuladores.

Recorda o que com ele orador sucedeu quando foi ministro. Lançou libras no mercado. Os especuladores aterraram-se e o cambio chegou a 9. Mas teve depois de as comprar novamente porque não tinha dinheiro para efectuar os pagamentos do Estado. E então o cambio desceu para 6. Reconhece que o paiz o olhou com desconfiança quando foi ministro. Mas, quer queiram, quer não, hão de chegar áquilo que ele julgou necessario fazer-se.

Depois de fazer algumas considerações sobre importações e exportações frisando a situação de alguns paizes depois da guerra, pregunta: como foram estabelecidas as relações entre o Estado e o Credit International de Anvers, e que correspondencia foi trocada entre o governo e aquele Banco, assim como os motivos que levou o governo a dizer que o Estado não se tem para já no que realisar esse contracto? Foi o governo que não quiz? Foram os agentes intermediarios que se não desempenharam bem da sua missão?

E' preciso que se termine com a lenda de que da America veem 50 milhões. E' preciso que tudo se esclareça. Peço ao sr. ministro das Finanças que diga o que sabe.

Termina dizendo que se estivesse no governo não aceitaria a proposta das cambiais porque ela só servirá para lhe fazer mal e ao paiz.

Aprova-se a ata e o expediente.

O sr. ministro das finanças começa por declarar que a exposição feita pelo sr. Cunha Leal foi uma brilhante lição sobre materia cambial. Dividirá a interpelação em duas partes: politica cambial e contracto dos 50 milhões de dollars. O governo deseja prestar todos os esclarecimentos necessarios sobre estes dois importantes assuntos. Como homem justo não pode deixar de declarar que as entidades que serviram de intermediarios no contracto em questão, procederam com a mai or lisura e da forma mais correcta nem com os altos interesses da nação.

Entre muitas coisas que iludem o povo, diz, ha a ilusão de que os governos podem fixar os cambios a seu bel-prazer. E' preciso porém acabar-se com essa ilusão. O cambio não depende das leis da oferta e da procura, como se tem dito, mas de muitos outros factores como a circulação fiduciaria, especulação e outras que não vale a pena enumerar por serem bem conhecidas. A especulação não é tambem depreciação cambial. Ha outra causa de mais peso que é o desiquilibrio da balança comercial. Discorrendo sobre as nossas condições de resistencia diz:

Não só não caminharêmos se não quizermos ou se não tivermos competencia para resolvermos os nossos problemas.

Entrando propriamente no assunto diz que as negociações começaram como quasi todas as coisas começam.

Lê os documentos relativos ao caso.

O primeiro é um telegrama do sr. Afonso Costa datado de 10 de maio de 1921 indicando o Credit de Anvers como a casa que poderia conceder o emprestimo.

Lê depois as bases do contracto, bases que já são conhecidas, pois são as que o sr. Barros Queiroz anunciou.

Segue-se varia correspondencia sem importancia de maior.

Depois lê um novo telegrama no qual se propõe que o juro fosse de 7 1/2, e a resposta do governo declarando aceitar esse juro.

Nesta altura o sr. ministro das Finanças pregunta á Camara se quer ouvir o resto do telegrama que não tem importancia de maior.

Todos os deputados dizem: tudo, leia tudo.

O sr. Carvalho da Silva: Exige-se que leia tudo.

O sr. ministro das Finanças exaltadissimo: Exige, não.

O sr. Moura Pinto: Não pode ser! Não pode ser!

Varios deputados: — Ordem!

O sr. ministro das Finanças: Eu leio, sr. deputado, eu leio, porque a administração republicana não receia que o paiz saiba tudo. E lê uma passagem sem importancia de maior.

Lê outro telegrama datado de 18 de maio de 1921 no qual o sr. Afonso Costa comunica ser indispensavel o governo pronunciar-se sobre quais as mercadorias que deseja comprar sob pena de o contrato, por demora na resposta se não realisar.

Em 9 de julho o sr. Barros Queiroz telegrafou ao sr. Afonso Costa dando plenos poderes para realisar o contrato como entendesse melhor para os interesses do Paiz.

Em 12 do mesmo mez recebeu o governo do sr. Afonso Costa novo telegrama dizendo que o delegado americano tinha declarado que a resposta a dar a algumas propostas do sr. Afonso Costa não podiam ser dadas com a brevidade desejada.

No mesmo telegrama o sr. Afonso Costa declarava ter esperança em efectuar uma operação em boas condições, como a França já tinha conseguido.

Por outros telegramas o sr. Afonso Costa declarava depois tambem que as negociações não caminhavam muito bem.

Lê o contracto, pelo qual o emprestimo seria exclusivamente destinado á compra de mercadorias pelo governo portuguez e no qual se explica a forma de pagamento assim como de fiscalisação da compra e embarque das mercadorias adquiridas. E depois novo telegrama com indicações acerca de uma proposta de venda de 300 mil toneladas de trigo e 630 mil de carvão.

Pela leitura de outros documentos verifica-se que se suscitaram algumas duvidas sobre a letra do contracto como por exemplo qual seria o custo das mercadorias postas em Portugal.

O sr. ministro das Finanças lê depois um telegrama enviado pelo sr. Barros Queiroz ao delegado do Banco de Anvers preguntando, porque, estando assinado o contracto, não o era executado.

O sr. Barros Queiroz recebeu como resposta um telegrama dubio no qual se dizia que tinha havido divergencias entre os delegados portuguezes e o grupo financeiro americano.

Exclamações de admiração dos deputados.

O sr. ministro: mas onde está o grupo financeiro? O governo nunca tratou com nenhum grupo americano!

Continuando lendo mais telegramas o sr. ministro das Finanças salienta algumas passagens dubias que classifica de incompreensiveis e pelas quais se verifica não haver nenhuma responsabilidade da parte dos delegados portuguezes na embrulhada que os telegramas de Anvers em certa altura estabelecem. Por fim lê nova comunicação pela qual se declarava exigir-se do governo portuguez o pagamento adiantado em ouro das mercadorias que desejasse comprar na America.

E' assim, senhores deputados...

O sr. Vasco Borges: Que se foram os 50 milhões de dollars.

O orador continuando: foram pedidas pelo sr. Barros Queiroz informações acerca das pessoas que contrataram com os delegados portuguezes, tendo como resposta que se tratava de dois advogados.

Pela leitura doutros documentos verifica-se que essas pessoas não possuiam em nenhum banco os fundos necessarios á realisação do emprestimo nem mesmo representavam nenhum banco, tratando-se apenas de intermediarios que procuravam conseguir um contracto que pudesse satisfazer sem largos lucros.

Lê o sr. ministro um outro telegrama informando que parecia tratar-se de cavalheiros de industria.

Termina dizendo que poderia ter respondido ao sr. Cunha Leal apenas com esta palavra: fumo!

O sr. Antonio Maria da Silva pede a generalisação do debate.

Aprovado.

O sr. Vasco Borges requere que o debate se generalise com prejuizo da ordem do dia.

NO SENADO

O sr. ministro da Marinha chama a atenção da Camara para o projecto de lei que regula a situação dos secretarios gerais adidos aos governos civis, quanto é certo que á sombra desse lei tem sido cometidas verdadeiras irregularidades.

O sr. Oliveira trata da situação dos oficiais coloniais, não só no que respeita aos oficiais e sargentos que estão retidos na metropole por ordem superior.

O sr. Manuel Martins requere urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei que envia para a mesa, estabelecendo a liberdade de importação de farinhas, da ilha do Funchal. Foi regeitado o requerimento.

O misterio dos 50 milhões

Colossal «escroqueris» desvendada, tanto quanto possivel, na Camara dos Deputados

Assim Lupin apareceu hoje, «travesti» de financeiro norte-americano, na Camara dos Deputados. Não foi a sua aparição em carne e osso, como se fosse uma reencarnação do grande Vautrin. Mas revelou-se como personagem dum grande romance de aventuras, cheio de imprevistos e de situações dramaticas. Foi ele o grande actor do «Misterio dos 50 milhões». Dele se ocuparam os pais da Patria e se estão ocupando ainda a esta hora, abrindo as portas da Historia ao aventurismo.

Os leitores de «A Capital» encontrarão, na secção habitual, o relato da sessão da Camara dos Deputados. Nós, aqui, vamos extrair a moralidade da rocambolesca novela intitulada «O misterio dos 50 milhões». Eis o entrecho:

Um «escroc» internacional, conhecido da policia, instala-se em Paris, com aparato, mesmo com opulencia. Diz chamar-se Jefferson Williams, de profissão banqueiro. Veste elegantemente, ostenta joias, tem automovel para seu serviço particular e todo um seu pessoal menor, desde criado de quarto a cosinheiro privativa. Passou em resumo, vida de «grand seigneur», falando em milhões de dollars. Fez-se passar por um arquimilionario do Norte da America, um desses poucos triunfadores que criaram a realeza do dollar no Novo Mundo.

Por outro lado, apareceu constituindo um novo organismo de credito, que se chama Credit International de Anvers. E' constituido por banqueiros e dinheiros portuguezes. De estrangeiro, só tem o titulo — o facto da reexistencia legal além fronteiras.

Agora, o contracto.

Os srs. Manuel de Noronha e Nogueira Pinto apresentam Jefferson Williams como representante de poderosas corporações financeiras da America. O novo Arsène Lupin oferece milhões de esterlinas, que os tem prontos na America, á disposição do sr. Afonso Costa para o governo portuguez. Trocam-se telegramas entre o menor dos nossos maiores estadistas e o governo portuguez. Os «pourparlers» são bons: tudo facilidades!

O contracto fecha-se, o escroc tenta de ferro de ferro desaparece, o Credit International de Anvers dá pretextos fúteis para nada cumprir.

Conclusão: nem dinheiro, nem dollars, nem coisa que se pareça.

Apenas uma operaçãosinha bem combinada, que força a melhoria cambial e ajuda os espertalhões a ganharem com ele e á custa da credulidade publica, muitos e muitos milhares de contos.

Escreveu-se jamais, em qualquer paiz do mundo, pagina de Historia mais romanesca?

Serão processados os "escrocs" do "misterio dos 50 milhões"?...

Ao iniciar o seu discurso de resposta ao sr. ministro das Finanças, o sr. Cunha Leal mandou para a mesa uma moção, convidando o governo a perseguir criminalmente os individuos envolvidos na «escroquerie» internacional da «Historia dos 50 milhões».

Se tal se efectivar, é natural que muito mais gente do que geralmente se julga tenha que se sentar no banco dos reus.

Liberato Pinto

Prossegue com a celeridade possivel este interessante julgamento em Santa Clara, onde, após o depoimento do sr. Pedroso de Lima, parece ter-se manifestado uma certa corrente favoravel ao acusado.

Tem continuado o interrogatorio das testemunhas, tendo hoje sido ouvido, entre outros, o sr. Matias dos Santos, capitão de cavalaria.

Foram tambem ouvidos os srs. Antonio de Mendonça, José Pacheco, Inacio Manuel de Sousa Freire Pimentel, Roberto da Cunha Batista, Rosario dos Santos Gonçalves e o alferes sr. João Antonio da Velha.

Noruega

O decreto das represalias

KRISTIANIA, 8.—Os jornais noruegueses publicam o texto do decreto de 5 do corrente respeitante ao comercio com este paiz, em Portugal.—(H).

Revolução germanica

BERLIM, 7.—Começaram as negociações entre o governo do Imperio da delegação bavara. O «Tageblatt» julga que os bavaros pedirão a modificação da constituição no caso em que esta da ao governo do Imperio os poderes que ele quer revendicar.—(H).

O conflito Heleno-Turco

PARIS, 8.—Nos meios diplomaticos consideram-se que os gregos, não levando as operações alem de Angora, darão a guerra por terminada, formulando novas compensações além das exigidas no tratado de Sèvres.

Touradas

Na Moita

Os festejos da Senhora da Boa Viagem esse ano a 10, 11, 12, 13, 14 e 15 do corrente e são, como se sabe, dos mais tradicionais e importantes do Ribatejo, baseados na devoção secular dos maritimos pela sua padroeira e portanto alheados de qualquer manifestação politica ou religiosa. Oito bandas de musica abrilhantarão os festejos, que constam de festas religiosas, alvoradas, arraial e iluminações, fogos de artificio, e quatro corridas que se efectuam nos dias 12, 13, 14 e 15, sendo a ultima de vacas e é espanhola, tomando nela parte amadores da vila.

Nas corridas de touros será lidado gado do sr. Alvaro Ferreira na primeira, do sr. Joaquim Martins na segunda e terceira. Os artistas serão o estimadissimo cavaleiro José Casimiro e os bandarilheiros Cadete, José da Costa, Agostinho Coelho, J. Frois, Jaime Dias e P. Felix, havendo em todas as corridas touros para os curiosos. Na segunda e terceira tomarão parte os distintos bandarilheiros amadores srs. Artur Ribeiro e Mario Pires. Os forcados serão homens dos mais valentes, sendo os grupos variados em todas as tardes.

Haverá comboios especiais a preços muito reduzidos.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ — A's 21,30 — «De Capote e Lenço».
GINASIO — A's 21,30 h. — «O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Amor Perfeito».
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — «O Sonho do Manecas».
APOLO — A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-tacs».
GIL VICENTE — A's 21,30 «Depois do Degredo».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

Hoje, ás 17,15 realisa-se no Salão Foz, a apresentação da Companhia Otelo de Carvalho, que ali trabalhará durante a proxima epoca de inverno.

O secretario dessa companhia é o sr. Ricardo Lambert, dignissimo empregado superior dos correios.

— Amanhã, no S. Luiz é noite de entusiasmo, realisando ali a sua festa artistica a gentil e endiabrada Laura Costa, que é a primeira figura feminina da companhia do elegante teatro. O espectaculo é esplendido: além da revista que está em pleno exito, apresenta varias atrações pela festejada, que interpretará a maliciosa cançoneta popular *Conchita*, *O Fado Laura Costa*, o gracioso duéto do *Largo* da revista *A. B. C.* e a *Liquette* e a *Hortalicira*, do repertorio da malograda Julia Mendes.

Afim de evitar a bicha que não deve deixar de produzir-se, no camaroteiro, á hora do espectaculo, estão desde já á venda os bilhetes para essa recita excecionalissima.

—Tem 2 actos e 10 quadros a revista *Gato por lebre*, de Eduardo Swalbach, actualmente em ensaios no Apolo.

Reclamos

S. Luiz

Não são centenas, são com certeza já milhares as representações que conta o famigerada revista «De capote e lenço». Pois apesar disso, ou talvez mesmo por isso, é que tem servido para lhe alongar a fama, a celebre peça continua dando ao S. Luiz sucessivas enchentes, e o publico que lá afflue aplaude, estrepitosamente, a peça actualisada com varios numeros de sensação e ampliada com o impagavel quadro «Colegio de Meninas», que é uma «charge» graciosissima ao caso do livrete dos serviços.

Hoje repete-se «De capote e lenço», com o desempenho dos garotos, com Joaquim Alves no «compadre», com Joaquim Costa, no famoso «Cabo Kitsio», e outros papeis, assim como Antonio Gomes, Laura Costa, Maria Soler, Artur Rodrigues, Augusto Costa, Emilia Costa e Zulmira Bettencourt, completando com os outros artistas, o esplendido conjunto.

Avenida

O mais encantador e galante dos espectaculos é, sem duvida alguma, o do Avenida, com a sua interessante «Companhia infantil», dirigida por Cremilda Torres.

A petizada continua obtendo um verdadeiro sucesso, dos mais autenticos, entusiasticos e brilhantes, não só representando a graciosa revista «O sonho do Manecas» como tambem interpretando, com o maior brilho, varios numeros de variedades. Hoje, no Avenida, a «Companhia infantil» realiza duas sessões a preços populares.

Apolo

Sucedem-se as enchentes no teatro Apolo, onde se representa a revista «O Burro em Pé». O publico não se cança de aplaudir o quadro «Hotel do Pirilau», o mais belo quadro de revista até hoje visto.

A CAPITAL

3882 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 9 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A grande burla

Segundo vemos em alguns jornais, pretende-se dar a impressão ao paiz de que o escandaloso caso do chamado contracto dos 50 milhões de dollars ficou tambem difinitivamente liquidado com o debate, já ha dias anunciado, que sobre ele incidiu na camara dos deputados.

Quem assim pensar embrenha-se na mais profunda ilusão.

O contracto, hoje desvendado como uma das mais formidaveis burlas que se podem registar na historia de todos os povos, passou da arena parlamentar para os dominios da opinião publica, onde vai ser julgado, em face dos documentos que o «Diario do Governo» publicará, sem que se exima ao exame justiceiro que reclama nenhuma das entidades que nele intervieram.

Não basta dizer que as negociações se iniciaram e prosseguiram, porque as pessoas que apareciam as negociador portugues eram conhecidos monarquicos. Se essa qualidade não devia nunca inibir que se entrasse em negociações com elas, desde que se tratasse dum negocio serio, não era, nem nunca pode ser recomendação para que fossem bem recebidos, desde que se tratava duma empreza formada expressamente para levar a cabo uma colossal «escrocquerie».

Ha casos em que a boa fé não pode ser ilimitada, e em que não são admissiveis leviandades, embora ontem no parlamento o sr. Antonio Maria da Silva, querendo desculpar o sr. Afonso Costa da sua acção neste espantoso caso, só admitisse a possibilidade destas acusações ao seu antigo chefe e não parecesse ligar-lhes nenhuma pesada responsabilidade.

Um homem como o sr. Afonso Costa não é um negociador vulgar. O governo confiou inteiramente no seu saber, no seu zelo, na sua inteligencia, no seu prestigio, tanto mais que se tratou de um assunto financeiro e como financeiro é principalmente considerado o sr. Afonso Costa. Por isso não admira que o sr. Antonio Maria da Silva estivesse inteiramente descançado, não lhe passando pela imaginação que o sr. Afonso Costa iria tratar com um grupo de aventureiros, que o parlamento ontem relegou aos tribunais como um bando de malfeitores, ou com entidades tão desconhecidas como o famoso Williams que se averiguou agora não ter existido nunca!

Quanto á atitude do sr. Barros Queiroz, ela teria agora uma explicação, embora esteja longe do se justificar plenamente. O sr. Barros Queiroz não se atreveu a declarar que era uma burla um contracto firmado pelo sr. Afonso Costa. Do tal forma a sombra do antigo chefe democratico ainda paira sobre este paiz, tolhendo a acção de todos os governos, que o sr. Barros Queiroz não se atreveu a dizer a verdade, ou seja aquilo que ontem se demonstrou em pleno parlamento, isto é, que o sr. Afonso Costa se deixou enganar como uma creança, por meia duzia de creaturas sem escrupulos, que reeditaram para com ele, ou antes com o governo portuguez, que ele representava, os processos rocambolescos de madame Humbert.

E assim vivemos tres mezes. Assim estivemos tres mezes, tendo-se feito, á sombra, dessa gigantesca mistificação, as mais sordidas especulações, tendo-se desequilibrado a vida do paiz, tendo-se até ferido de morte todo o germen de confiança, que em outras medidas de credito que o Estado necessita realisar seria preciso depositar.

Isto é o efeito de uma mentalidade deploravel que cria idolos, que engendra super-homens, que endeusa Messias, preparando uma atmosfera em que se vive mais do sonho ilusorio do que das realidades patentes e tangiveis. Precalços desta natureza só os sofrem os povos que se deixam dominar por essa mentalidade, que o arrasta sempre a desilusões e a catastrofes.

A verdade é que somos tratados como uma sociedade de imbecis. A verdade é que só neste paiz aparecem os Pinders com os trigos do Canadá e os Williams com o «Credit de Anvers». E' uma verdadeira tristeza. Não tombamos só na ruina, afundamo-nos no ridiculo. Tudo porque não assumimos uma atitude de viril independencia, reajindo contra todas as mistificações com que se pretende embalar o espirito publico. Não seria para que esta dignificação do individuo e da raça fosse um facto que se implantou a Republica?

OPINIÕES ALHEIAS

O misterio dos 50 milhões

O grande X... está doente de desgosto...—Pensará em abrir uma dissidencia no partido liberal?... —Tão comovido está... "qu'inté" chora...

Ao meio dia de hoje, mal mastigado ainda o «beef» do almoço, um «chasseur» de café rico (não era o do Tavares) dependurava-se do cordel da campainha da escada e tocava com desespero, como quem quer livrar o pai da forca. Estremunhados, gritámos:

—Quem é?...

—Xou eu...

—Já vai!...

Chinelamos até á porta da choupana onde se alberga a nossa incorrigivel boemia e recebemos, do jovem representante da raça forte que irradia de Pontevedra, esta missiva:

«Venha depressa. Estou doente! Morro!»

X...

Assarapantámo-nos. O grande X..., deputado da maioria, apelava para nós, numa aflição. Precisaria de tres escudos? Pensámos em lhe enviar as rodelas, embrulhadas em papel de seda, como manda a delicadeza e o chá que se tomou em pequeno, mesmo que seja fraquinho como o de Tolentino. Mas não! Podia ser outra coisa... E corremos, mesmo sem lavar a cara, a casa do tribuno, aqui perto, logo ao principio da Patriarcal Queimada. Ainda não decorrera meia hora e já nós palpavamos a mão febril do parlamentar, negligentemente estendida por fóra dos lençois do seu leito de enfermo:

—Então que é isso, doutor? Está doente?...

—Muito, meu amigo. Se não vem depressa teria de conversar com o meu cadaver. Estou morto! Digo-lhe isto: está falando ao espectro de X... visto que eu sou um quasi falecido.

Recêamos um suicidio... Quem sabe lá se... Apelando para toda a coragem, ouvimos X... de confissão:

—Que é que o aflige, meu carissimo amigo? Receia que o prendam para ministro?

O parlamentar ilustre, que só receia (disse-nos ele, numa hora de franqueza) o verbo tonitroante do sr. Afonso Costa desenganou-nos:

—Não, meu amigo, não. Eu só ambiciono, como sabe, a pasta dos estrangeiros e essa foi arrematada, em hasta publica, pelo Melo Barreto e ele jámais a largará. Não a passa a ninguem. Digo-lh'o eu e é bastante: a ninguem, nem mesmo ao Vasco Borges...

Bem compreendemos que havia aqui uma pontinha de despeito. Para não irritar a questão (como costuma dizer, tantissimas vezes, o sr. Antonio Maria da Silva, nos habituais discursos do tamanho da legua da Povoa) desviámos o curso das lamentações:

—Vamos ao que importa. Que podemos fazer para lhe aliviar os sofrimentos fisicos?...

—Não ha mal fisico. Nada me doe. Nem mesmo um dente! nem sequer um callo! O que sofre é a alma, — a alma do patriota.

—Como assim?

—Imagine que ontem eu estive, por um triz, um pequeno triz, um trizinho, a pedir a palavra. E se o faço e mal dão, havia de ser o bom e o bonito. Mas o Afonso de Melo, meu «leader» e meu admirador, receou que Golias deitasse por terra as colunas do Templo e meteu-me a fala no buxo«Que vai você fazer? Pois não vê como os monarquicos estão bravos? Se os irritamos, correm comnosco. Cale-se ou não respondo por nada. Cale-se ou é irradiado do partido!» Engulí tudo isto em seco, mas fez-me mal. Palavra que me fez mal! Embrulhou-se-me o estomago e para aqui estou, neste leito de dores...

X... auto-sugestionava-se, manifestamente. Já agora tinha dores. E' verdade que a frase podia interpretar-se como de dores morais, aguentadas, de barriga para o ar, num leito de ferro com colchão de arame. O que X... necessitava era dum vomitorio... moral. Convidamo-lo a explicar-se e da boca de ouro, tal qual a do Evangelista, saiu a tremenda resolução do tremendo desgosto que definhava o grande homem:

—Morri para a politica. Resuscitarei no dia em que surgir o Encoberto, credito pelas profecias e que não pode deixar de ser o Afonso. Mas, até lá, morri para a politica!...

X... suspirou, com angustia. Viase bem que o vomitorio operava lentamente:

—Estou morto... palavra de honra que estou morto.

—Ouça-me de confissão, jornalista amigo. Antes o quero a si, para o efeito, que quem de direito. Você, ao menos, não se calará. E o que eu quero é que, depois de morto para a politica, se continue a falar de mim, sempre e irresistivelmente, tal qual acontece a um dos meus mais inteligentes discipulos de primeiras letras, —o inconfundivel Afonso, negociador dos 50 milhões do Williams.

—Diga, diga...

—Ouça, então: confesso primeiramente, o pecado da ira. Encolerisei-me ao ver que a minoria monarquica põe e dispõe da Camara dos Deputados, tal qual os republicanos historicos faziam no tempo em que floresceram os Campos Henriques. os Zés Lucianos, etc. O Afonso de Mello, coitado, quer levar as coisas a bem. Transige, portanto. O diabo é que transigindo, abdica tambem. E nós temos feito uma tristissima figura!

—E' certo. Mas que mais o aflige?

—A questão do Jefferson Williams. Perdemos 50 milhões de dollars. E porquê? Somente por esta razão: o Jefferson era o Arsène Lupin, em novissima encarnação. Já se imaginou coisa mais comica que esta: o Estado Portuguez embarrilado pelo Arséne Lupin?

«Tomos, como sabe, um ministro em Washington, que é o Conde de Alte. Parece, pela leitura dos documentos respeitantes ao «Affaire Jefferson Williams», que não se lhe pediu o menor esclarecimento sobre a idoneidade do «escroc». Ora isso é que me doe, isso é que me põe doente. Pois então o Afonso, que é tão esperto, deixa-se embrulhar por um intrujão, mais ou menos conhecido da policia, sem ao menos se lembrar de pedir para Washington, ao ministro de Portugal, informações sobre a idoneidade do falso representante de corporações financeiras da America?

«E' assombroso! Digo-lhe mais: é piramidal!

De modo que o «Affaire Jefferson Williams» encheu-nos de ridiculo, dum colossal ridiculo. Temos, individualmente, o cidadão portuguez que se deixa explorar pelo conto do vigario do brasileiro; colectivamente, somos uma Nação que cae no conto do vigario do norte-americano. E' grotesco!

—Tranquilise-se. Não seja tão pessimista. E' preciso não descer dos altos destinos da Patria, como dizem, sempre e pelas mesmas palavras, todos os nossos grandes homens, quer do governo quer da oposição.

—Nem eu descreio. Era o que faltava. E é por isso que, se o Afonso de Melo tivesse consentido em eu intervir na discussão, terminaria o meu discurso, enviando para a mesa uma moção... uma moção decisiva.

—Ser-nos-ha permetido conhecer o seu texto?

—Não, porque eu não cheguei a redigir. Mas resumo-lh'o: seria uma moção grandiloquente, suplicando ao Afonso Costa que regressasse, quanto antes, á actividade politica e financeira. Tantas vezes lh'o temos solicitado!... Acederia desta vez á voz suplicante da Patria?...

X... disse isto comovido, quasi a soluçar. A emoção contagia-se, como é sabido. Acabamos por cair nos braços um do outro, chorando como Madalenas.

Não admira. O «misterio dos 50 milhões» é um melodrama que faz rir. Ha disso. E' o caso de X..., quando nos disse:

—Eu ri tanto qu'inté choro!

Fumo! Fumo!

Uma transcrição e alguns comentarios

Do Jornal de Noticias, do Porto, transcrevemos a seguinte narrativa do que se passou com o contracto-burla desde o seu inicio, juntando-lhe, para melhor compreensão do texto, alguns rapidos comentarios:

«O golpe foi planeado com cuidado e de longe, com os menores detalhes cuidadosamente estudados, para que não surgissem surprezas e os lucros fossem garantidos.

«Ainda não havia este governo, nem o outro nem sequer ainda se pensava em qualquer deles. (1) O Indú—Indú é um banqueiro. (2) veiu a Lisboa, falou, planeou, foi para França e para a Belgica, reuniu lá os companheiros e o plano ficou esboçado. O paiz não tinha carvão, não tinha trigo, nem algodão, nem dinheiro, nem credito. O momento era magnifico.

«Com o bom nome que o Indú tem, facil lhe foi propôr o negocio, tanto mais que junto ao dele viriam na proposta nomes insuspeitos. (3) E a proposta fez-se. O paiz necessitava trigo, carvão algodão, dinheiro? Tudo lhe seria fornecido mercê dum emprestimo em que o juro seria modico e a comissão honesta.

«Quem não aceitaria a oferta, vivendo nós como vivemos em tempo tão calamitoso! E a proposta começou a ser negociada. (4)

«Caiu o governo, veiu governo novo (5) e as negociações continuaram.

«O governo portuguez, por intermedio de um delegado seu (6) negociaria com um banco um emprestimo de 50 milhões de dollars a empregar em mercadorias compradas na America.

«O banco em questão quasi todo de portuguezes (7) negociaria o emprestimo com Williams, o riquissimo Williams que em Nova-York com toda a facilidade arranjaria os 50 milhões».

«O golpe estava lançado e de uma maneira ou de outra os lucros tinham de vir e bons. O Indú é um vivo diabo! As negociações corriam secretas e o Indú sempre manhoso (8) foi espalhando pela praça muito em segredo que o negocio estava fechado e que durante um ano pelo menos o Estado não necessitaria comprar cambiais. Tinha trigo, carvão, dinheiro; a libra havia forçosamente de vir para baixo.

«E o Indú foi ao Porto e levantou todos os depositos, e fez o mesmo em Lisboa e não contente em ter arranjado uns centos de contos emprestados no Porto descontou em Lisboa quanto póde descontar.

«Entretanto as negociações do contracto iam correndo, a «galga» do negocio fechado e garantido, dita sempre em segredo, ganhava volume, a esperança renascida na praça, e o cambio melhorava (9).

«O governo conservava-se sereno e impenetravel porque a baixa lhe convinha, visto trazer consigo o melhorar a divida e o baratear a vida (10).

«Confesso te leitor, que eu estou estupefacto. O Indú, o Williams, os contos de contos levantados em Lisboa e Porto, o banco estrangeiro, o carvão tudo isto assim de repente, quasi me tirou o poder do raciocinio.

«Se o Williams, arranjasse os milhões, se o negocio se fizesse, eles comiam a comissão que ainda era qualquer coisa como uns 8.000 contos. Não é nada bein? E por isso o Indú tratou de inquirir, tratou de saber e quando viu que o Williams era um autentico «cavalheiro» de alta roda, um autentico Arsene Lupin aproveitou a baixa e comprou quantas libras lhe apareceram (11).

«Primeiro a 20, depois a 22, a 23, a 25, a 30 e a 35 escudos para agora as vender a 50 ou mais, porque quando a praça soube de certeza que o contracto era um «bluff» deu de atirar com o cambio ainda mais para baixo.

«Quere dizer, ha centenas de contos de libras que ele vende pelo dobro ou mais

«Os governos estudaram a proposta, mandaram dizer para lá as quantidades de trigo e de carvão que necessitavam e aguardaram as propostas e preços. Um mez, mais de um mez, andou o governo a insistir pela proposta e o Indú sempre a responder com evasivas. (12)

«Quem é que podia desconfiar dêle? E depois os outros nomes. Nunca o governo desconfiaria se um banqueiro de Lisboa, homem seriissimo e honrado não fosse dizer, que não tinha nada que vêr com aquilo e que o seu name por coisa alguma se ligaria a uma tal empresa. (13)

«Foi o pasmo. O governo de sobreaviso tratou de inquirir. Telegrafou para Nova-York. Williams era um mito, ninguem o conhecia, ninguem sabia quem era e os quatro bancos de Nova-York sem os quais impossivel é realisar na America um negocio da amplitude deste, desconheciam por completo a operação. Nada lhes havia sido proposto para Portugal. E por seu turno quizeram tambem saber quem era Williams. Vieram as respostas e o governo ficou ao certo sabendo quem era o famoso negociador Williams qual era a pele que vestia o famoso «escroc» Sequie. (14)

«Correu a chamar a policia. O Indú fugiu e em vão o governo teve conhecimento da especulação planeada, do levantamento do capitais e da compra constante de libras, aproveitando a baixa e atirando com o cambio para a triste diviza onde se encontra. (15)»

---

(1) Governo da presidencia do sr. dr Bernardino Machado, sendo ministro das Finanças o sr. Antonio Maria da Silva.

(2) sr. Pedro d'Araujo.

(3) Banco Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Comercial do Porto e Companhia Mercantil Internacional.

(4) O principal negociador foi D. Manuel de Noronha.

(5) Governo Barros Queiroz.

(6) Dr. Afonso Costa.

(7) Esse banco ou firma é o *Credit International de Transit, Entrepots et Warrants.*

(8) Campanha na imprensa, com telegramas falsos, graficos a cores, punhais, setas e ameaças a toda a gente.

(9) Em segredo, não. O governo Barros Queiroz conserva-se, é certo, sereno e impenetravel, mas a campanha para uma alta da divisa cambial, não cessava em certa imprensa. A bulha era atroadora. Todo o paiz se recorda do que se passou no mez de julho no mercado dos cambios e não é facil esquecer a campanha feroz de elogio ao famoso contracto.

(10) Fe-la bonita, esquecendo-se de que descoberto o jogo, se produziria a reação que estamos sofrendo.

(11) Nesse procedimento foi imitado por dezenas de especuladores.

(12) Esta obra insigne de Arsène Lupin começou nos primeiros dias de maio e acabou, hontem, no Parlamento!

(13) Sr. Melo e Sousa. Exactamente a pessoa que levou o sr. D. Manuel de Noronha ao sr. Barros Queiroz, pouco depois de se ter constituido o ministerio da presidencia deste senhor.

(14) Este *escroc* foi uma das pessoas que tratou em Paris com o sr. dr. Afonso Costa. O contracto para abertura do credito foi assinado, como se sabe, pelo sr. dr. Afonso Costa, representando o governo portuguez e os srs. *D.* Manuel de Noronha e Nogueira Pinto, representando o tal *Credit* de Anvers.

(15) Esta narrativa é do sr. Edmundo Porto, chefe de gabineto do sr. general Abel Hipolito, ministro do interior do governo Barros Queiroz.

A Espanha em Marrocos

Serviços de correios em Melilla

MADRID, 9.—O presidente do conselho de ministros, D. Antonio Maura, esteve no Paço a despacho com o rei, ao qual participou as medidas adoptadas em Melilla pelo director geral dos correios e telegrafos, para melhorar esses serviços entre Marrocos e a Peninsula.—(A.)

Acometida da Legião Estrangeira

MADRID, 9.—Dizem de Melilla que os indigenas, assustados com a acometida da Legião Estrangeira, dispersaram.

Continuam naquela cidade os delegados das juntas militares que teem conferenciado largamente com o alto comissario.—(A.)

Tribus que se submetem

MADRID, 9.—O «Diario Nacional», orgão do conde de Romanones, publica a noticia de que as tribus de Benisicar, Erajana e Mesquita pediram «aman».—(H.)

Mais tribus que podem treguas

MELILLA, 9.—Parece que a tribu dos Benirruaguel se separou das «kabilas» pertencentes ás regiões de Mesquita e Mazura; de resto todas as noticias recebidas do campo inimigo são concordes em afirmar que ha divergencias de vistas entre os chefes da «harka». Por outro lado, parece confirmar-se que as tribus visinhas de Melilla pediram «aman». O general Berenguer teria respondido aos rebeldes que devem entregar previamente todas as espingardas e munições; passado o prazo para essa entrega, as tropas espanholas ocupa-rão e «razziarão» os territorios, se forem descobertas algumas armas. O ministro da marinha declarou que temos 10 submarinos em estado de prestar excelentes serviços e anunciou que o governo faz tenção de adquirir imediatamente mais 18—(H.)

Um ataque aos mouros

MELILLA, 9.—Com o fim de facilitar o abastecimento da posição de Casanova e estabelecer um *blockaus* entre Casanova e o «zoco» El Had, as tropas espanholas, sob o comando dos generais Mella e Sanjurjo atacaram os mouros.

Depois de um encorniçado combate, os rifenhos fugiram, completamente derroiados.—(H.)

Nas fronteiras espanhola e francesa

ONEZZAN, 9.—As noticias dos ataques dos mouros a Melilla teem determinado um recrudescimento de agitação na zona franceza. As auctoridades teem tomado todas as medidas para sufocar rapidamente qualquer levantamento.—(H.)

Partido popular

Pela copia que recebemos, de uma carta enviada ao sr. dr. Julio Martins, vê-se que o alferes sr. Mario G. de Matos Cordeiro se desligou do Partido Popular, continuando contudo a ocupar politicamente a extrema esquerda na defesa da Republica.

Um amigo de Portugal

O sr. Johan Valteluik, vice-consul e chanceler do Consulado Geral de Portugal nos Paises Baixos, que durante a guerra tão valiosos serviços prestou aos prisioneiros portuguezes na Alemanha, socorrendo-os e agasalhando-os á sua chegada á Holanda, encontra-se ha alguns dias de visita em Portugal, paiz que muito estima e cuja lingua correctamente fala.

Aproveitando o ensejo da sua estada entre nós, trata tambem do estreitamento das relações comerciais entre os dois paizes. Ainda visitou o palacio nacional de Queluz que muito admirou.

Ao mesmo tempo compareceu no Grupo de Artilharia a Cavalo, onde nessa ocasião lhe foi oferecido pelos oficiais daquele Grupo um chá, trocando-se calorosas saudações aos chefes de Estado e exercitos dos dois paizes.

Será verdade?

Não queremos acredita-lo

Acabamos de receber uma carta com graves queixas. Não queremos publica-la, nem sequer dar-lhe credito, por ser anonimo, visto que vem apenas assinada por «Um leitor dos mais constantes», que tanto pode ser pessoa muito respeitavel, como um trapalhão sem importancia.

Nessa carta queixam-se-nos de que, a pretexto de ali se jogar, o que parece não se ter provado, a policia lhe entrou em casa violentamente, exigindo nomes, idades, filiação e profissão a todas as pessoas de familia.

E' verdade? No caso afirmativo, certamente que o sr. Comandante da Policia não se demorará em mandar cumprir as suas ordens nos termos em que as transmitiu, e que não terão sido bem interpretadas pelos seus subordinados.

Dr. Alberto d'Oliveira

RIO DE JANEIRO, 8.—Chegou o ministro portuguez na Argentina, sr. dr. Alberto d'Oliveira, que teve uma recepção calorosa e entusiastica dos seus numerosos amigos e admiradores.—(A).

BRAZIL

Festejo portuguez em honra da Independencia

BELEM (Pará), 8.—A colonia portugueza realisou festas brilhantissimas, comemorando o nonagesimo nono aniversario da independencia do Brazil. Houve sessões civicas, passeios e muitas aclamações dos portuguezes no Brazil.—(A).

DA SCENA E DA VIDA

O teatro e a imprensa teatral

Fala-se dum jornal chamado «Pontas de Fogo», dirigido por Jones e Cocles, duma cronica, da missão da imprensa teatral e do que ela é ás vezes.—Estevão Amarante é uma grande figura de teatro?

Quem lê diariamente esta folha tem encontrado várias vezes, firmados pelo pseudonimo que subscreve estas linhas, artigos dispersos sobre materia de Teatro.

Não cabem esses artigos na propria critica imediata das peças representadas—nem incidem sobre personagens da scena no respeitante a creações histrionicas recentes.

Trata-se apenas de cronicas feitas mais com o intuito de crear uma opinião larga e geral do que de provocar o escandalo em torno de alguem, que as mais das vezes resulta inutil e antipatico—escandalos que em tantas ocasiões são apenas devidos á má vontade com que entre o somno das primeiras horas da madrugada, na luz mortiça das redações dos jornais, os criticos mal humorados e exaustos, escrevem as noticias das primeiras representações.

Ora, ha possivelmente um mez, sob o titulo *descobre-se um actor*, publicou *A Capital* uma das tais cronicas, que pelo reboliço que estranhamente causou em certas pessoas, foi mais alem do que pretendia.

Sucede que agora me chega ás mãos um exemplar do semanario *Pontas de Fogo*, que se intitula de critica independente, no mais delicioso pleonasmo...

Nesse semanario, que pertence á flora periclitante da imprensa teatral, eu sou, mais a minha cronica, mimoseado, em pleno artigo defendo, de epitelos pitorescos e picturais...

Não quero mal nenhum ao jornalsinho do sr. Jones e do sr. Cocles (que simpatia de pseudonimos!) onde aliás a modestia é tão grande que uma das principais secções é... *A carteira dum idiota*...

Eu sou mesmo levado a crêr, que o artigo que a mim se refere é aind uma pagina flagrante da mesma carteira, pois o autor desta cronica—o sr. «Laranjeira»—e o autor daquela secção—o sr. «Zeuxis»—tem uma tal afinidade de termos e de expressões, que a sua fisionomia, ou é a mesma, ou é muito paralela.

Assim lê-se no artigo que me é dedicado:

«...detalhara, a «pari passu...»

E lê-se na «Carteira dum idiota»:

«...De par e passo que etc...»

Ora este invulgar «a par e passo» em portuguez e latim, faz-me concluir que o sr. Larangeira é o sr. Zeuxis traduzido, e que a cronica que me é dedicada é que se chama «Defendamos a Arte» é a propria «carteira dum idiota...

✦ ✦ ✦

De forma alguma eu traria aos olhos dos leitores de A «Capital» esta chinesisse do semanario do Porto, se ela não valesse como simtomalogia para poder concluir alguma coisa sobre a imprensa teatral em geral, sobre o seu caracter, sobre a sua ação e especialmente sobre as suas estranhas pretensões.

A supina ignorancia que lavra em todos os ramos da actividade portugueza tem dado lugar a que a critica teatral entre nós chegasse á mais *critica* posição. E' sabido que todo o falido dos liceus, que o interesse num palminho de cara de corista levou ao bafio dos bastidores, e que as furias literarias arrastaram á informação dos jornais, tarde ou cedo veem a cair na rabiscadela das noticias teatrais. Dai á critica vai um passo, bem entendido á critica baixa de certa imprensa.

Onde está a sua cultura, essa cultura sem a qual é atraiçoado o maior instinto, essa leitura sem a qual o criterio, por mais bem intencionado e honesto, é falso e estreito?

Como nos grandes periodicos a seleção é dificil, evidentemente essa critica só é entregue áqueles que realmente se evidenciam com faculdades para ela, criam-se então, quasi em familia, para satisfazer pequenas vaidades e grandes odios, uns pequenos jornais, que amarelecem nas tabacarias, e cuja vida efemera de camarins é lamentavelmente suja.

Então vem á supuração calões ignobeis, intrigas mesquinhas, e os proprios nomes: «Beijos de burro», «Pontas de Fogo», etc, indicam a especie de critica que ali se faz. E' uma obra de franca e desmascarada inveja, de sorriso amarelo, de amargos de boca, de impotencia, de sarcasmo, muitas mais vezes de cinismo. Elogiam os amigos se os ha, ou diz-se mal de tudo e de todos, sob o nome pomposo de prestigiar uma arte, cuja largueza os seus insensatores não podem compreender e cuja funções os seus detractores não podem admitir.

Nem essa mesma imprensa se reconhece a si outra missão, que não seja a de deitar abaixo, a de satisfazer a corista *x*, que é da simpatia do emprezario *z*, com uma piada á corista *r*, que é do antipatico redator T. E ... nada mais.

✦ ✦ ✦

E' claro que ha excepções, excepções honrosas, excepções que toda a gente conheco. Em Lisboa se publica pelo menos um jornal de teatro que é respeitavel, mas isso não faz regra.

✦ ✦ ✦

Na cronica citada, por exemplo, e para provar que as flores de retorica do sr. Larangeira — autenticas *flores de larangeira* — Não são impecaveis de perfume, basta citar que o que mais o exasperou foi que eu falasse de Amarante numa cronica em que citava, Adelina Abranches, Harold e até Coquelin, como se os pretendesse equiparar e nivelar...

Mais o irritara ainda eu declarar que o creador do «João Ratão» era uma grande figura do teatro popular contemporâneo.

Mas digo-o, e repito... embora com isso *esbofeteie a Justiça, a Verdade e a Arte* como diz o *jornal de Cocles;* esse actor marca uma *gloria* e uma *garantia* do moderno teatro portuguez, por muito que as «Pontas de Fogo» andem a dizer que é mentira...

E ponhamos «pontas de gêlo» neste caso triste das «Pontas de Fogo»...

O HOMEM QUE PASSA

Na estrada da tuberculose

Inutilisação de creanças

Fomos assistir ao «Sonho do Manecas» no Teatro Avenida, e não nos agradou o que presenciámos.

Não é o espirito da critica literaria da peça o que aqui nos move a escrever.

Não podémos prestar-lhe a atenção devida; ignoramos se é boa, se má. O nosso espirito deixou-se absorver apenas por considerações de ordem moral, ao vermos que eram creancinhas que desempenhavam os papeis.

Tambem não vão os nossos queixumes contra a Companhia que ali escolhe o repertorio e contracta os artistas. Empresa Comercial como as outras, opta pelo mais comodo, mais economico e mais compensador.

Aquilo deve sair-lhe baratissimo e agrada muito ao povo, cuja sensibilidade piegas leva a gostar muito, fazendo um unico comentario á altura do nivel intelectual em que ainda se encontra:

—Coitadinhos! muito engraçadinhos! tão pequeninos!... Olha aquela... que espertinha, coitadinha... E' a estrela da companhia...

E é verdade. Não tem menos de quatro, mas tambem não tem mais de seis anos.

E trabalha ali como se fosse um adulto, mudando repetidas vezes de guarda-roupa, durante quatro horas consecutivas, correndo ou andando de vagar, conforme a marcação da peça, falando alto e com esforço para que a oiçam da plateia, dançando ás vezes, gesticulando sempre, não como quer e como lhe agradaria, mas contrafeita, conforme o que o ensaidor lhe ensinou...

E como a estrela, os satelites, toda a «entourage» artistica composta de creanças de ambos os sexos, que ali passam a noite constrangidas dentro dos seus «travestis», sob a pressão da atmosfera das caixas de teatro, sempre impregnadas das exalações das tintas, vernizes, perfumes e mais drogas deleterias, a dificultar-lhes a respiração, a cavernar-lhes os pulmões já em tão tenra edade predispondo-as para a tuberculose.

Não menos grave é a atmosfera moral que ali dentro se respira, ao contacto de homens e mulheres de moral bastante avariada a sugerir á pobre infancia a sugestão dos maus exemplos e das más palavras, vestibulo dos precoces convites á pratica de vicios imperdoaveis...

E o povo que assiste, ri escancaradamente, acha pilhas de graça e mimo ás pobres creancinhas que ali se estiolam e definham numa tortura que a natureza sente, embora elas não saibam, nem talvez lhes seja permitido queixar-se...

E a autoridade lá está sorridente, amavel, graciosa na sua frisa, velando por esta moral que permite envenenar e desmoralisar creanças...

E os varios representantes do Estado, a quem incumbe velar pela saude publica e pela prosperidade demografica da nação portugueza, lá devem com certeza já ter ido, quem sabe mesmo se a aplaudir as creanças engraçadinhas que á vista de todos se estiolam e prostituem.

A sociedade de amanhã... Que seria ela, quando a de hoje é como se sabe!

De todos, os menos culpados e os menos responsaveis por aquele crime social são os Empresarios e Companhia do Avenida, cuja missão não é velar pela sanidade publica, mas tratar dos lucros da empresa.

Ladislau Batalha

O conflito Heleno-Turco

PARIS, 9.—Continuam a ser ainda imprecisas as noticias sobre a grande batalha entre gregos e turcos que começou ha 15 dias. As noticias de Constantinopla admitem, no entanto que ela se inclinou para o lado dos gregos que não tendo conseguido realisar todos os seus objectivos no ataque á ala esquerda dos turcos, passaram a atacar a ala direita. Os turcos não dão ainda a batalha por terminada, esperando que esta se renove ao sul de Angora. Entretanto de uma parte e outra procede-se ao reagrupamento das forças.—(H).

FRANÇA

Vinho novo

NIMES, 9.—Apareceram no mercado os primeiros vinhos novos que se cotam de 70 a 78 francos o hectolitro. Os vinhos velhos cotam-se de 78 a 83 francos.—H.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pinas».
POLITEAMA — A's 21,30 h.— «Mademoiselle Ecran».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Maneca».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—A's 21,30 «A Martire».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasso, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

A companhia Otelo de Carvalho, que, no inverno, vai funcionar para o «Salão Foz» apresentou-se ontem no referido teatro. Para essa companhia foi contratado o tenor Julio Martins e para ela está escrevendo o sr. dr. Miguel Monteiro, advogado e distincto professor do Liceu de Aveiro, uma opereta regional, que terá musica dum dos mais distinctos maestros. O secretario da Companhia Otelo de Carvalho é o sr. Ricardo Lambert digníssimo funcionario superior dos correios.

Reclamos

S. Luiz

Noite de verdadeira animação, concorrencia e entusiasmo vae ser a de hoje, no S. Luiz, aonde realisa a sua recita a galante actriz Laura Costa que é a primeira figura feminina da esplendida companhia daquele teatro. O programa do espectaculo está organisado a capricho, constando, alem da revista «Do Capote e Lenço», que está em pleno exito, com o seu quadro novo de palpitante actualidade, intitulado «Colegio de Meninas», da apresentação de varias atracções pela festejada, que se fará ouvir nos graciosos «couplets da Conchita no Barrabás, na Hortaliceira, dueto dos garotos» da revista A. B. C., do repertorio Julia Mendes, e n'O «Fado Laura Costa», que tornou popular quando o interpretou no «Salão Foz».

Pelo que deixamos dito pode bem avaliar-se que a recita de hoje, no S. Luiz, possue elementos de sobra para dar ao elegante teatro uma colossal enchente.

Avenida

Continuam as enchentes no Avenida, sendo ali atraido o publico pela encantadora «Companhia Infantil», da direção da actriz Cremilda Torres. A petizada está sendo o encanto das familias, que tem creanças, e que ali as levam para gozarem um espectaculo esplendido, apresentado com todo o brilhantismo.

«A Companhia Infantil» interpreta, com a maior graciosidade, a delicada revista «O Sonho do Maneca» e varios numeros de variedades, nos quais é sempre festejadissima. «A Companhia Infantil» dá hoje no Avenida duas sessões, ambas a preços populares.

Apolo

Inexcedivel de graça o numero comico do querido actor Roldão e da gentil actriz Lina Demoel «Filó e Zézinho» na revista «Burro em Pé» que todas as noites dá enchentes ao Apolo. A par desse numero os Fados dos «Teatros» e da «Noitada» fazem a sua carreira triunfal, colhendo fartos aplausos para os artistas Ermelinda Fontes, Arina Nazareth e Brazão Gamboa.

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas prevereses digestivas devidas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.—no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel que bebida pura quer misturada com vinho.

A falta de policia

Uma situação que não pode manter-se

Referimo-nos aqui ontem, mais uma vez, á falta de policiamento da cidade, que permite, em certos pontos, o assalto e agressão impunes.

As queixas, a esse respeito, chovem sobre os jornais. A população lisboeta vive num constante sobresalto, havendo bairros onde ninguem recolhe além da meia noite, a que a policia retira.

Porque retira a policia á meia noite? Porque tem que repousar, e não ha quem revese os turnos, visto que uma grande parte dos agentes são ocupados nos assaltos aos clubs!

Para o criterio de quem superintende nesses serviços, a vida dos cidadãos nada vale; que nos esfaqueiem, que nos roubem, é indiferente, comtanto que sóbre policia para andar, todas as noites, na sarabanda dos assaltos, de que se ri o publico, e com razão, pois ele já não se deixa iludir ácerca da eficacia desses gestos!

Mas acabou-se! Gostam daquilo... Quem não gosta é o publico, que arrisca a sua vida e arrisca os seus haveres, ai ao canto da primeira esquina.

O que pensa disso o sr. comandante da policia, que justamente gosa fama de pessoa criteriosa?

Não seria preferivel deixar em socego quem se diverte, e proteger a vida e a propriedade alheias?

As grandes festas em Paço d'Arcos

Realisam-se efectivamente nos dias 10, 11 e 12 do corrente mez, com o concurso da banda da Guarda Republicana e um programa cheio de atrativos e diversões, durante os trez dias.

A Sociedade do Estoril resolveu estabelecer comboios extraordinarios nos dias 11 e 12.

Estes comboios só terão paragem em Santos, Belem, Algés, Cruz Quebrada e Caxias.

ULTIMA HORA

Notas politicas

A maioria inventa dificuldades ao governo. — E' uma maioria... reinadia!...

Que um governo constitucional viva mal com as organizações, não é de estranhar, antes é da ordem natural das coisas.

Mas que uma maioria invente dificuldades ao proprio governo que diz apoiar, só poderia acontecer no paiz onde se representou a grande magica conhecida por «O misterio dos 50 milhões».

Pois, presentemente, é isso que se está vendo e tão claramente que não pode oferecer duvidas.

A maioria, já ontem o dissemos, submete-se á vontade da minoria monarquica, e a tal ponto que a lei da indemnisação aos traulitados ainda não foi votada. Mas — o que é o cumulo! — a maioria não compreenda o seu «leader», resistindo, talvez inconscientemente, ás suas indicações. Ainda ontem, quando se propoz a generalisação do debate no «Misterio dos 50 milhões», a maioria regeitou quando o «leader» aprovou e foi preciso que o sr. Afonso de Melo falasse para que a maioria compreendesse o seu dever!

Agora, o caso é ainda mais grave. O governo para viver, precisa de certas leis; a maioria, para gosar, precisa de ferias.

De modo que se pode dar o caso duma crise ministerial porque a maioria quer, para já e sem demora, o tonico pulmanar dos ares do campo ou a delicia corporal das salsas ondas do mar. Pois senhores: maioria, como esta, jámais se viu!...

O deputado X... indispoz o sr. Antonio Maria da Silva—Resposta de Sua Ex.ª ao nervoso parlamentar

Recebemos a seguinte carta, cuja publicidade nos é pedida:

Sr. Redactor—O meu ilustre colega da Camara dos Deputados, sr. Antonio Maria da Silva, dignou-se honrar-me com algumas referencias especiais, gritadas do alto da tribuna parlamentar. Nunca supuz, sr. redactor, que, na minha obscuridade, pudesse ferir as susceptibilidades de tão grande Chefe; mas, porque o facto se deu, permita-me v... que, com «A Capital», eu desabafe um pouco,—visto que por estar doente, o não posso fazer em pleno Parlamento.

Eu não ouvi o copioso discurso do sr. Antonio Maria da Silva. Disseram-me que se mostrou muito zangado e que se atirou á «A Capital» como Santiago aos mouros. E' natural. Sua Ex.ª já, por vezes, em conversas particulares, manifestara o seu desacordo com ideias expressas no seu jornal. Assim, por exemplo, o ilustre homem de Estado não ficou satisfeito—antes pelo contrario—com uma inocentissima referencia que lhe fizeram, ha dias, e a proposito do «Misterio dos 50 milhões». Ora essa referencia vale a pena transcreve-la, para se verificar quanta injustiça houve nas palavras do sr. Antonio Maria da Silva. Disse «A Capital» isto:

«Ai de nós! Momentos antes, a sós o sr. Antonio Maria da Silva entregara ao sr. Queiroz um rôlo, que parece nunca tinha sido aberto, e com voz entrecortada de comoção dissera-lhe:

—Tome! Para que avalies até que ponto vai a minha lealdade e o meu afecto para contigo, aqui tens este rôlo. E' o contracto dos 50 milhões de dollars. Não tive tempo de o vêr, mas basta que te diga que foi negociado pelo Afonso. Toma, e sê feliz!»

Por aqui se vê que o signatario foi injustamente censurado pelo sr. Antonio Maria da Silva. Não me cabendo a carapuça que s. ex.ª me talhou, devolvo-lha e peço licença para aqui lhe testemunhar (enquanto pessoalmente o não posso fazer) os protestos da minha maior consideração e respeito.

Creia-me, de v., etc.

Deputado X

Dando publicidade a esta carta, queremos apenas demonstrar, mais uma vez, que são inalteraveis os principios de imparcialidade que sempre nos orientaram. Pomos, por isso mesmo, as nossas colunas á disposição do sr. Antonio Maria da Silva se ele, por acaso, quizer replicar ao seu ilustre colega da maioria.

O «Misterio dos 50 milhões»

Ouvimos que o sr. ministro da justiça já hoje oficiara ao Procurador Geral da Republica para se iniciar, sem demora, a investigação criminal acerca do «Misterio dos 50 milhões», ontem desvendado na Camara dos Deputados.

Uma outra versão diz que a acção dos tribunais só se exercerá depois de ser o assunto examinado em conselho de ministros, assentando-se então no caminho a seguir.

A minoria democratica entrou no caminho do obstrucionismo parlamentar?

A' hora em que fechamos estas notas desenha-se, na Camara dos Deputados, um movimento obstrucionista, iniciado pela oposição democratica. Eis o incidente:

O sr. ministro do Comercio pediu urgencia e dispensa do regimento para a proposta da lei abrindo um credito para a representação portugueza na Exposição do Rio de Janeiro, comemorativa do centenario da independencia.

Os parlamentares democraticos opõem-se; feita a votação, o requerimento é aprovado.

Inicia-se a discussão. A atitude dos srs. Antonio Maria da Silva, Paiva Gomes, Fausto de Figueiredo e Vasco Borges fazem crer que o obstrucionismo vai impedir a votação da proposta de lei em discussão.

Se, no seu desenvolvimento, o facto politico se confirmar, ele terá, com certeza, uma influencia decisiva na sequencia dos acontecimentos politicos.

O sr. Antonio Maria da Silva repudiou hoje, na Camara dos Deputados algumas expressões que os jornais lhe atribuiram, durante a sessão de hontem. Sua ex.ª disse, em resumo, que era falso ter afirmado que o sr. Afonso Costa procedera com leviandade ou excesso de boa fé; pelo contrario, prestara expressamente toda a homenagem á honestidade e inteligencia do representante do governo portuguez.

O extracto, a que o sr. Antonio Maria da Silva se referiu, não era o nosso, mas isso não impede que, por excepção, tornemos publica a rectificação.

A feira de Lisboa

Onde se deverá instalar?

Tem-se dito e escrito muita cousa a respeito desta projectada Feira a realizar no proximo ano. Não sabemos o que a respectiva comissão organizadora — se realmente existe — tem feito e tem pensado.

Segundo as conveniencias dos moradores, tem-se alvitrado que a feira se faça na Avenida da India, na Avenida da Liberdade, e no Campo Grande.

Somos absolutamente neutrais no opinião que vamos expôr, por não haver interesses pessoais que nos prendão ao assunto.

A boa logica, a nosso ver, aconselharia que se escolhesse o ponto que melhores condições oferecesse não só no seu aspecto material, como estetico e artistico.

Já sabemos que para encurtar trabalhos e alijar encargos e responsabilidades se pensaria em fazer uma segunda edição incorrecta e aumentada das tradicionais feiras de Alcantara e Santos.

Construções sem estetica e com as indispensaveis barracas de farturas e peixe frito em azeite mal cheiroso, umas barraquinhas de pim-pam-pum e uns bazares dos antigos trez vintens, em que se apresentariam então os produtos da industria portugueza em mostruarios acanhados e pifios.

Pois haverá melhor local, se a comissão dispõe de algum gosto artistico, para fazer essa Feira, do que no Campo Grande, espalhando as suas instalações por aquele lindo parque, dando-lhe uma disposição artistica e pitoresca?

Estabelecer uma profunda iluminação electrica naquele parque tão necessitado dela?

Metam mãos á obra. Pensem um pouco nisto, e que será dificil verificar que temos razão no que expomos.

O Parque do Campo Grande poderia assim tornar-se passeio obrigado de Lisboa, que não tem um sitio onde possa ir de noute espairecer um pouco.

A Companhia Carris e mesmo a Companhia Portugueza de Caminhos de Ferro tinham por dever auxiliar esta iniciativa, porque seriam elas as primeiras a lucrar com o seu estabelecimento ali.

E tanta cousa bonita que se poderia ali estabelecer...

Basta mencionar o lucro que tiraria quem tivesse a coragem de instalar na ilhota do lagôa um restaurant que certamente seria procurado por nacionais e principalmente por estrangeiros sempre gulosos de recintos arborizados, do nosso bem sol e do azul do nosso céu sem rival no mundo.

Poeira da Arcada

Entre o delegado da Companhia dos Telefones, e a empreza do Teatro da Trindade surgiram ultimamente dificuldades para a cedencia desta casa de espectaculos aquela Companhia, para as suas instalações.

O encarregado de Negocios do Brazil, sr. Bilford Ramos apresentou ontem ao sr. Ferreira da Rocha, ministro das Colonias, o sr. Waldemar Correia Junior, industrial brazileiro, que pretende autorisação do governo portuguez, para ir ás provincias africanas estudar e intensificar por sua conta a cultura da borracha.

Pelo sr. Ginestal Machado, ministro da Instrução, vai ser pedido ao Parlamento um credito para assegurar os ordenados a um professor que vai ser nomeado para a cadeira de letras na Universidade de Coimbra.

Agatão Lança

O ilustre parlamentar sr. Agatão Lança foi hoje depor no auto do processo disciplinar que lhe instaurou o sr. ministro da Marinha.

O incidente é conhecido, mas vamos recorda-lo:

O sr. Agatão Lança expediu um telegrama para o norte, quando fazia a propaganda da sua candidatura, para esse efeito. O sr. governador civil do Porto julgou-se ofendido com algumas expressões contidas no despacho e influenciou junto do sr. ministro da Marinha para que fosse instaurado processo ao distinto e valoroso oficial. O depoimento do sr. Agatão Lança, hoje feito, é, por assim dizer, a defeza que ele lhe permite.

Sabemos que o sr. Agatão Lança se transformou de acusado em acusador e que o seu depoimento, que em seu tempo será conhecido, ha-de produzir sensação. Como testemunhas em seu favor estão incluidos os homens de maior destaque na politica portugueza.

Parlamento

Nos Deputados

Aprova-se o projecto de lei n.º 10-I, elevando a central o liceu de Setubal.

Posto em discussão o projeto aumentando de ½ os emolumentos e salarios judiciais; usam sobre ele da palavra varios deputados que protestam contra tal aumento de emolumentos que vem fazer com que de futuro só os ricos possam recorrer aos tribunais.

Como sejam horas do se passar á 1.ª parte da ordem do dia requere-se que a discussão do mesmo projecto continue.

O sr. Pedro Pita diz que o projecto em discussão, ao contrario do que disse o sr. Antonio Maria da Silva, não traz tal aumento de despesa, mas sim aumento de receita.

Regeita-se o requerimento.

O sr. Pinto da Fonseca retira o seu requerimento.

Passa-se á primeira parte da ordem do dia.

Entra portanto em discussão o projeto n.º 35, abrindo a favor do ministerio das Colonias um credito de 1:500 contos afim de fazer face a varios encargos. E' aprovado.

Aprovam-se varios projectos mais.

O sr. ministro do comercio pede urgencia e dispensa do regimento para uma proposta autorisando a Junta Autonoma do Porto de Leixões a contrahir um emprestimo de 30 mil contos com uma taxa de juros mais elevada do que a estabelecida no projecto do sr. José Domingos dos Santos na tempo apresentado.

Os democraticos por seu lado protestam contra o sr. Carvalho da Silva dizendo que não ha ninguem que não contraria a proposta em discussão. E' aprovada com modificações.

O sr. ministro do comercio fala da proposta que concede um credito de 2500 contos destinados a cobrir as despesas a efectuar com a nossa representação na Exposição Internacional do Rio de Janeiro a realizar em 1922.

O sr. Antonio Maria da Silva classifica de deboche o facto de se pedir urgencia e dispensa do regimento para uma tão grande cabazada de projectos e ameaça de fazer obstrucionismo no caso de se não pôr termo a esse deboche.

O sr. ministro do comercio lamenta que o sr. Antonio Maria da Silva classifique de deboche o pedido de urgencia para uma proposta absolutamente justificavel como a que se discute.

O sr. Fausto de Figueiredo julga bem que o credito seja concedido, mas não compreende a forma como a maioria orienta os trabalhos.

O sr. ministro do comercio explica que a proposta tem já o consentimento do sr. ministro das finanças e em face da atitude da minoria declara que não tem sobre a proposta outros interesses que não sejam os do Estado.

A sessão continua.

No Senado

O sr. Simas Machado envia para a mesa um projecto de lei autorisando o governo a publicar os decretos regulamentares, sem aumento de despezas, aos estabelecimentos anexos ás Universidades que os não tenham posteriores ás leis que em 1911 reorganisaram o ensino universitario. Concedida a urgencia e dispensa.

O sr. Julio Dantas egualmente envia para a mesa uma proposta de lei, autorisando o governo a delegar em uma junta autonoma, a constituir em Vila Nova de Portimão, a administração os serviços do respectivo porto e barra, completar o estudo das suas obras, executa-las e prover á reparação das já existentes, etc.

Esta corporação denominar-se-ha «Junta Autonoma do Porto e Barra de Portimão».

O sr. Silva Barreto faz varias considerações sobre o estado em que se encontra o ensino tecnico em Portugal.

Chamou a atenção do sr. ministro da Instrução para os bostos que correm de que o professorado está associado com caracter mais ou menos sindicalista.

A sessão continua.

O encalhe do "Almanzora"

Um achado curioso

36 bananas por 43 escudos!

Continua na mesma situação o paquete inglez «Almanzora», encalhado proximo do Cabo Espichel, havendo poucas esperanças de o salvar.

O marinheiro sr. Aurelio Correia, quando acidentalmente passava ontem no Porto de Desinfecção, encontrou no caminho um pequeno involucro que avidamente apanhou e desembrulhou.

Continha um cartão de visita com os seguintes dizeres: William Ryvore a tinta negra a conhecida frase «Time is money», um alfinete de gravata, um relogio de pulseira e sete «pence» em dinheiro.

Uma senhora ingleza, que foi passageira do vapor encalhado, comprou hoje na casa Costa da rua do Carmo trez duzias de bananas por 43 escudos para alimentar dois macacos que conduzia consigo a bordo do «Almanzora» e que se encontram no Hotel Fancfort.

Tratado americo-alemão

WASHINGTON, 9.—O governo resolveu por oficiosamente os aliados ao corrente das negociações que levaram á assignatura da paz entre a America e a Alemanha.—H.

Malas Postais

Pelo «Peninsular» são amanhã expedidas malas postais para Cabo Verde, Principe e S. Tomé, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 11.

Touradas

Um touro teso que não receia os matadores

Realisa-se no domingo em Algés o espectaculo mais sensacional da temporada. Querendo mostrar o seu desagrado, natural, pelas corridas de morte e provar que sem ser da sua vontade, tal coisa não poderá haver os touros duma lezíria delegaram, num dos seus mais valentes companheiros para vir no domingo a Algés mostrar que ninguem o matará, nem sequer lhe tocará com um dedo. E' uma nova greve, de que apostam sairão vitoriosos.

A protestar em grande berrario contra os touros de morte aparecerá tambem uma das vacas que em maior consideração tem o sexo forte.

O espectaculo compõe-se ainda de touros lidados a cavalo pelo valente amador José Gomes e de garraios e vacas em que varios aspirantes a Belmontes exibirão as suas habilidades, e darão ensejo a um grupo de forcados de Palma de Cima para mostrarem a sua rijeza. Tambem haverá o intermedio «Cavaleiros comicos a fingir».

Vida Sportiva

Travessia do Tejo a nado

Promovida pelo club nautico «Sport Algés e Dafundo», realisa-se no proximo domingo, 11 do corrente, a travessia do Lisboa a nado, num percurso de 12 kilometros de Xabregas a Algés, para a disputa da Taça Tejo. Este trabalho continua despertando um grande interesse entre o nosso «sportmonship», por ser uma das mais importantes provas da Europa, e tambem, ou talvez muito principalmente porque entre o grande numero de inscritos figuram cinco interessantes senhoras pertencentes á sociedade elegante.

Acresce ainda, ao que nos consta, que se prepara uma brilhante troupe de reportagem fotografica, por modo que nadadores e espectadores, todos que assistirem, terão a maior probabilidade de serem fotografados.

Pedestrianismo

Afim de dar tempo a melhor preparação dos concorrentes á prova «João do Aguiar» e a pedido dos Clubs concorrentes, ficou adiada, de 11 como estava anunciado, para o dia 18. Nesta prova, que está despertando muito interesse, serão disputados, além dum artistico escudo que ficará na posse do club que o ganhar dois anos consecutivos, premios para as duas primeiras equipes e cinco medalhas para os cinco primeiros classificados.

Os premios serão expostos esta semana no Salão Sport, na rua do Ouro.

A inscrição continua aberta na séde da União Pedestrianista Portugueza, rua do Vale de Santo Antonio, 28, 1.º

A CAPITAL

3883 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Sabado, 10 de Setembro de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2258 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

NOVOS ASPECTOS

Bem dizíamos nós ontem que o famoso escandalo do contracto dos 50 milhões de dollars estava longe de se poder considerar liquidado, como seria desejo de certos elementos politicos que, na Republica, veem mais o prestigio das pessoas do que a honra dos principios. As singularissimas afirmações feitas pelo sr. Afonso Costa a um redactor do «O Seculo», o que este jornal hoje publica, prova que o assunto está destinado a um esclarecimento ainda maior, porque se torna necessario explicar, duma maneira decisiva, as intenções e atitudes de todos os negociadores do famigerado contracto.

Com efeito, até ao momento de o sr. Afonso Costa falar, todos se dispunham a patentear a sua segurança de que o infeliz negociador do contracto, por parte do governo portuguez, fôra indignamente ludibriado por uns conhecidos aventureiros e judeus da finança que, além das suas manobras, teem a pécha de ser monarquicos, e a quem por isso mesmo seria motivo de jubilo pensar que ao mesmo tempo que levaram a cabo a sua manobra cambial, desprestigiavam e enchiam de ridiculo a Republica Portugueza. Mas eis que, em meia duzia de palavras, o proprio sr. Afonso Costa se incumbe de passar atestados de honradez áqueles mesmos que o mistificaram, e que não só o parlamento, que os relegou aos Tribunais, mas toda a imprensa, sem exceptuar a folha que é constante panegirista do antigo chefe democratico, teem estigmatisado duramente, como verdadeiros bandoleiros sem patrictismo nem vergonha.

Ainda hoje «O Mundo» diz, inflamado em santa colera pela burla de que supõe ter sido victima o sr. Afonso Costa:

«A sessão parlamentar de ante-ontem, na parte referente ao contracto dos 50 milhões de dollars, foi evidentemente clara, demonstrando que certos negociantes monarquicos, bem conhecidos pelas suas firmas e pelas suas opiniões politicas, sendo directores do Crédit Internacional de Anvers, procuraram enrolar o Estado e o nome honrado do sr. dr. Afonso Costa em um negocio que era apenas um conto do vigario em ponto grande».

E acrescenta:

«O assunto foi muito explicitamente exposto: um grupo de negociantes portuguezes que se propõem ao papel de negociar em todos os paizes, manifestando assim um espirito insignificantemente patriotico, entraram em combinação com um «escroc» a quem ligaram intima amisade, a fim de fornecer o paiz de generos indispensaveis em condições maravilhosas. Esse «escroc» — Williams, é o nome que ultimamente dá — tão amigo dos monarquicos portuguezes, directores do Crédit de Anvers, falou em facilidades em frente do sr. dr. Afonso Costa, sem que o eminente estadista discutisse com ele, limitando-se a informar o governo do que se ia passando, conforme instrucções que tinha do mesmo governo.»

E termina estampando em vingadores normandos os nomes dos burlões:

«Os monarquicos directores do Crédit, todos retintamente monarquicos, aplaudiram a operação, como se fosse insofismavelmente boa. Demonstrou-se depois tratar se apenas de uma burla de monarquicos que são os seguintes:

Castro Guimarães
Nogueira Pinto
Pedro de Araujo
Melo Sousa
Alves Diniz
Manuel de Noronha

Estes monarquicos, dirigentes do Crédit de Anvers, é que se interessavam pelo negocio com propositos reservados, aproveitando-o para as suas operações.»

Leram? Pois vejam o que estava dizendo o sr. Afonso Costa a um redactor do «Seculo», enquanto o «Mundo» procurava assim libertal-o de quaesquer responsabilidades, apresentando-o como victima duma cafila de trampolineiros, ainda por cima monarquicos:

«Com Williams não tratei directamente, nem com qualquer outro americano; mas, **conhecendo a competencia e a seriedade das entidades financeiras que compõem o Crédit,** *estava e continuo persuadido de que elas tinham informações favoraveis, seguras e positivas ácerca desses americanos.»*

Assim, o sr. Afonso Costa, sabendo já que não havia nada atraz do contracto que firmou, em nome de Portugal, ao lado de burlões monarquicos, tendo já conhecimento das declarações do governo, que demonstraram ser uma burla em contracto; não ignorando que, com o voto unanime do parlamento, vão ser deferidos á justiça, como cavalheiros de industria, os dirigentes do Crédit, não hesita em afirmar que esses monarquicos-burlões continuam sendo, para ele, entidades «serias e competentes!»

Isto lê-se e não se acredita! Entidades serias e competentes os dirigentes do Crédit de Anvers que praticaram uma burla tão evidente como a luz do sol. E quem diz isto é o sr. Afonso Costa que não tinha outra defesa, e os seus maiores amigos assim o reconheceram, senão a de ter sido iludido na sua boa fé, porque só essa boa fé o podia ter levado a negociar sem ter informações seguras e até oficiais do valor dos contratantes! Até contra o proprio Williams o sr. Afonso Costa não tem uma palavra, como se o deslumbrasse essa figura do conde de Cagliostro, irresistivel de imperiosidade na sua elegancia e aparente opulencia de «escroc» de alta categoria!

A questão toma assim um novo caracter. Ha hoje, em Portugal uma unica pessoa que ainda acredita no contracto e nos contractadores, que ainda não desespera do Williams e que julga ainda possivel entornar-se sobre o paiz a cornucopia dos 50 milhões de dollars. Esse alguem é o sr. Afonso Costa. Só ele, não protesta, nos arraiais republicanos contra os burlões monarquicos que, por meio duma burla colossal, exploraram a sociedade portugueza e cobriram de ridiculo o proprio Estado republicano. Este é o facto, e contra ele que se poderá inventar sem que se faça implicitamente a defesa dos monarquicos-burlões que tripudiaram sobre as desgraças da Patria?

Trinta anos após a morte de Antero de Quental

(Prefacio dum livro em preparação)

Quando o espirito glorioso do poeta humilde se libertou da terra e teve a felicidade de encontrar o Além, todos os que foram seus grandes companheiros na luta das ideias compreenderam a ancia que nele residia de procurar o repouso perfeito.

Aqueles que, como nós, passeamos a nossa inteligencia através do seculo dezanove, não podemos deixar de nos curvar respeitosos perante a nobresa moral, a harmonia artistica e a profundesa filosofica do poeta portuguez que mais alto representa o movimento genial de ideias que ha cinquenta anos principiou a agitar se no mundo do pensamento e que cada vez mais velozmente caminha para um espiritualismo tanto quanto possivel aproximado de Deus, rasão e ordem, perfeição e harmonia, expoente maximo dum pensamento que se não define e dum raciocinio cuja subtilidade nunca se chega a atingir.

A reconstrução da filosofia anteriana não é tarefa facil, mas é com certesa, tarefa possivel. Todas as tendencias do seu espirito e todas as conclusões da sua inteligencia acham-se consubstanciadas principalmente nas paginas vividas das suas cartas e depois nas folhas de oiro dos «Sonetos». Bronze que se não perde, sonho maravilhoso que se não destroi, os maximos conceitos estão ahi expostos, condensados, ás vezes em duas palavras, que dão para tempos infindos de prescrutação e analise.

Em volta de Antero ergueu-se uma escola; com os seus rasgos de rapaz formou-se uma adoração, e ao redor da sua obra, dos seus feitos, da sua palavra, da sua figura de apostolo ou martir, da sua alma, enfim, uma geração inteira nasceu, viveu, morreu.

Ficou uma obra, uma luta, uma aspiração irrealisavel. Ninguem lhe soube continuar os passos; cada um refugiou-se no seu canto burocratico e só a belesa dessa obra, porque a belesa é intangivel, só ela permanecerá para todo o sempre simbolo sagrado da mais formosa «élite» portuguesa que em volta duma ideia tem girado.

Antero quiz viver para a belesa e para a bondade. A belesa nunca se chega a atingir e a bondade é a propria ruindade do coração humano.

A filosofia de Antero foi biblia; a sua inteligencia, dispersa por mil formas, foi luz. A rasão humana encontrou no poeta do mar a mais alta personificação.

O Além é a terra da promissão; o Além de Antero foi o seu repouso ideal.

Ficou uma obra; folheemos as suas paginas, meditemos sobre elas. Acompanhemos religiosa e peregrinamente tão alto espirito pela estrada florida de abrolhos da sua vida. — Eis o que vai ser o meu livro: pedra tosca na sepultura humilde do poeta glorioso.

Jaime do Couto.

Conferencias

Amanhã pelas 21 horas realisa o sr. dr. Carneiro de Moura na rua do Bemformoso, 150, 1.º uma conferencia subordinada ao titulo: — «O Socialismo e os Municipios em Portugal».

A entrada é livre.

OPINIÕES ALHEIAS

Variações sobre o "leit-motiv" de A Dictadura

O Deputado X... rapa dum flautim e delicia-nos com uma musica que não é catolica...

Passámos uma noite tormentosa. O super-homem X..., esperança (ou certeza) da Patria, podia talvez estar em artigos de morte. Como poderiamos, com pensamento tão obsediante, forçar os nervos a obedecerem aos mandatos de Morfeu? A vigilia apoderou-se, pois, de nós e só alta madrugada, quando um fio de sol penetrava atravez das janelas cerradas, pudemos mergulhar num somno agitado, cortado de pesadelos tremendos. Por entre as brumas da Vitoria... (perdão, não é isso...) por entre os nevoeiros exalados na decomposição do pessimo «cognac» da vespera, visitou-nos um X... espectral, correndo para nós, desde a Patriarcal Queimada, residencia do grande orador, até ao Alto do Pina, albergue das nossas horas de inocencia e de repouso. A figura adamastorica penetrou atravez as paredes (de tabique) e espetou-se junto ao catre, a face decomposta, os descomunais braços cruzados sobre o arcaboiço ciclopico. O belo horrivel, sem tirar nem pôr! E tambem, «horrendo referens» como vagamente nos recordamos que disse Virgilio na descrição dum naufragio ou coisa parecida. Não vale a pena, naturalmente, deitar a livraria abaixo para verificar a certeza da citação. O erro, se o houver, vai por conta do jornal. Ainda hontem, por exemplo, confundimos Golias com Sansão e ninguem nos bateu. E' o bates!

A visão fez-nos despertar. Chamou-nos ao cumprimento do dever, o qual consistia em engurgitar os ovos quentes dum almoço de ressaca e correr a visitar o nosso dilecto amigo X..., a saber do estado da periclitante saude. «Corro a salvar-te», dissemos, com os botões osseos da camisa de dormir. E, terminada a sumaria «toilette» de trazer na rua, lançámo-nos, a toda a velocidade do electrico de Almirante Reis, na pista do grande homem. Felizmente, não encalhámos. Já o mesmo não aconteceu ao «Almanzora»! Enfiámos, na escada do apalaçado predio e em poucos minutos, penetramos nos aposentos particulares do nosso heroe. Ficamos surprezos, mesmo o que se pode dizer abananados. X... não era o mesmo farrapo de vespera. Pelo contrario.

O nosso querido ilustre amigo deliciava o paladar e o olfato com a mais doce e odorifera chavena de chocolate, que é possivel imaginar. Saboreava-o aos golinhos, com requintes epicuristas. E recebeu-nos sorridente:

— Viva o meu admiravel chronista! Passou bem a noite?

— Assim, assim. Vemo-lo, porem quasi restabelecido...

—Quasi, não, inteiramente. Sou outro homem. Sinto-me cheio de vigor e de audacia. De inteligencia não digo, porque sempre fui o mesmo...

—Pois estimamos. Mas a que se deve tão feliz transformação?

X... poz os olhos em alvo e um dedo na testa, na atitude inspirada do «Je sais tout». Deu tempo ao efeito e, no final, revelou-se assim:

—Noticias recentes, muito recentes mesmo (numa secretaria havia envelopes rasgados... cartas espalhadas...) fazem-me crêr que se preparam grandes acontecimentos politicos.

Ora um homem como eu deve-se inteirinho á Patria e á Republica...

Dizendo isto, X... pegou dum «robe-de-chambre» azul e branco e lançou-o negligentemente sobre a rica pijama verde e encarnada. Parecia, desta arte, uma arara do sertão amazonense...

—Mas que novidades são essas, amigo X...? Nós, os da «Capital», nada sabemos.

—Pois eu lhe revelo todos os segredos, contanto que não diga nada a ninguem, a não ser, é claro, á «Capital», que é a encarnação perfeita da estatua da Discreção!

Estendemos a mão, solenemente, em formula de juramento sagrado. E X..., abriu-se comnosco, dest'arte:

—Preparam-se grandes mudanças no scenario politico. Já lhas revelei, em parte, quando lhe contei aquela historieta do Imperio Romano e que, como compreendeu, era uma alusão a acontecimentos nacionais na forja. Esta palavra forja faz lembrar Vulcano. Pois admitamos que é esse mitologico deus o forjador do raio criador duma salvadora ditadura. Sim, porque é disso que se trata! Vulcano desceu á terra, instalou a sua forja em plena serrania (ponho, por causa da «mise-en-scene» em plena serra da Estrela...) e ali está fabricando, com vagar e muito geito, o raio que tudo destruirá para tudo criar. Vulcano chamou, para junto de si, ajudantes; e despachou, em grande velocidade para Lisboa, arautos e correios. A ditadura de Vulcano vai começar. Tremei, vermes da terra!...

Ficámos sem pinga de sangue, mais brancos que um cisne branco. Outra vez ditadura... Irribus! Mas X..., vendo-nos tão sucumbidos, foi dizendo, mais brando:

— Não se assuste em demasia. Contra a dictadura de Vulcano ha as dictaduras doutros deuses, um dos quais se senta, magestosamente, no Olimpo, rodeado de onze ajudantes. Veja isto: até parece um ministerio de Portugal! Pois o deus que ocupou o Olimpo não quer a dictadura do outro e vai dizendo que, dictadura por dictadura, antes a dele.

— E você, amigo X..., a qual dos deuses faz a genuflexão submissa, a abdicação da sua vontade?

O ilustre deputado da maioria ruborisou-se. Mas replicou, sem demora, apezar da aparente perturbação, com voz energica:

— Eu sou republicano, sabe? (Dizendo isto afastou violentamente as abas do «robe-de-chambre», deixando vêr as cores rutilantes do pijama.) Eu sou republicano!

«Mas, como dizia o outro, «est modus in rebus.» Antes de tudo, primeiro que tudo, a Patria! (X... embrulha-se hermeticamente no robe inconoclasta.) Porque (eu lhe digo, em confidencia) além das manobras dos deuses ha, tambem, os manejos dos meus antigos correligionarios, e digo antigos porque eles são anteriores a 1910. Vou vestir-me, vou sair. Irei de branco, porque ainda faz calor. Parecerei, assim, um lirio imaculado. Por-me-hei ao facto. Aproximar-me-hei...

E, depois, veremos. O que lhe posso afirmar, porem, é que me sairei tão bem da crise que se aproxima que o meu nome historico ficará ao lado do Fabio Cunctactor... E em rivalidade victoriosa!

Despedimo-nos. O grande homem necessitava do seu criado de quarto. Veriamos, se teimassemos em ficar, o sorriso escarninho dum daqueles para os quais não ha herois nem deuses, nem nenhuma daquelas ficções que algemam os povos.

A OPINIÃO DUM PARLAMENTAR

As camaras devem funcionar por secções

declara-nos o sr. dr. Antonio Portas, deputado da maioria por Braga

Na sala dos secretarios, no Ministerio da Instrução, encontrámos ontem, enterrado num comodo «divan», o sr. dr. Antonio Portas, ilustre deputado da maioria, e que é certamente um dos mais distintos oradores que teem assento na Camara dos Deputados.

O sr. dr. Portas conversava animadamente com o velho deputado sr. Carvalho Mourão. Ambos esperavam ocasião propicia para falar ao sr. ministro da Instrução.

Acercámo-nos dos dois parlamentares que, ao que ouvimos, discutiam o encerramento das camaras, e, após os cumprimentos do estilo, perguntámos ao sr. dr. Antonio Portas:

—Que opinião tem V. Ex.ª acerca do encerramento das Camaras?

O sr. dr. Antonio Portas, ainda que contrariado e depois de nos ter prevenido que nada diria para sêr publicado, responde-nos:

—A maioria dos deputados e senadores estão exaustos, e se o encerramento das camaras não fôr votado, pode V. ficar certo de que elas fecharão automaticamente, após duas ou tres sessões em que se reconheça haver falta de numero.

«Por esta epoca toda a gente está habituada a ir descansar para as estancias termais, praias, e outros lugares, e por isso dificilmente se conseguirá prender os parlamentares aos fauteuils das camaras, porque ainda aqueles que não costumam ir para fora de Lisboa teem os seus negocios, a sua vida a tratar.

—Parece que são os democraticos que opõem mais resistencia ao encerramento das camaras?

—Creio que sim—diz-nos o distinto parlamentar — Mas se v. ouvir, como eu tenho ouvido, a opinião individual dos parlamentares democraticos, observa que a sua maioria, senão a totalidade, desejam tambem o encerramento das duas casas do Congresso!...

«Todavia, na sua colectividade, atacam com violencia a proposta do encerramento que, vamos lá com Deus! parece que ninguem se atreve a apresentar!

E comentando:

—Tudo politica, meu caro amigo, politica e mais nada!

«E para quê? Para que um parlamentar use da palavra durante sessões inteiras, chegando a ficar com ela reservada para o dia seguinte, como aconteceu com a discussão sobre o regimen cerealifero.

Tinha, chegado, nesta altura, o sr dr. Lino Neto, o conhecido chefe dos catolicos.

Aproximando-se, o sr. dr. Lino Neto ouvindo ainda as ultimas palavras do sr. Portas, comentou:

—E' o caso do costume! Falam dias inteiros sobre qualquer assunto e, depois de tudo bem esprimido, nada, absolutamente nada se aproveita! E é para isso que eles querem que as camaras continuem abertas!

«Um sofrivel orador, um regular parlamentar, tem o dever de expôr uma ideia, defender um projecto, explicar claramente o seu ponto de vista, num quarto de hora, o maximo!

«O paleio é que os perde!...

—Como se poderia remediar tal estado de cousas?—perguntámos nós

Foi o deputado sr. Antonio Portas quem nos respondeu:

—Fazendo funcionar a camara dos deputados por secções! Era a unica maneira de evitar o paleio e aproveitar toda a competencia dos parlamentares, obrigando-os a trabalhar no estado das diversas questões que pelo Parlamento passassem.

«Pela minha ideia os parlamentares organisariam grandes comissões destinadas, cada uma delas, ao estudo de determinado assunto, pois não se pode compreender que, por exemplo, uma questão militar essencialmente de ordem técnica seja discutida por advogados ou comerciantes?

«Os militares, assim como os advogados, engenheiros, medicos, comerciantes, etc., formariam tantas comissões ou secções quantas fossem as especialidades — as principaes, compreende-se — apuradas na escola dos parlamentares.

«Essas secções funcionariam a dentro do Parlamento, nas diversas salas que o Palacio do Congresso tem bastante apropriados para tal fim.

«Todas as semanas se efectuariam duas sessões conjuntas, sessões plenarias, onde seriam discutidos na generalidade, e durante um reduzido espaço de tempo, os assuntos estudados pelas diversas comissões ou secções.

«Por essa forma os parlamentares poderiam especialisar-se devidamente, de forma a poderem tratar dum determinado assunto com conhecimentos suficientes, o que actualmente não sucede nem pode suceder, pois será algo dificil conseguir-se que um deputado seja enciclopédico!...

E terminando, o sr. dr. Antonio Portas disse-nos:

—E só assim, fique v. certo, se conseguirá terminar com o pernicioso paleio, o mal que tem atacado todos os Congressos da Republica!

O "AVENIDA" EM FÓCO

Em nome da Raça

exige-se, sem mais delongas, que seja cortada toda a pornografia que perante uma plateia selvagem um bando de creanças pronuncia — Uma creança de 10 anos vestida de meretriz da Mouraria — Trabalho e talento mal empregado — Onde está o governador civil, unico responsavel?

Raras vezes escrevo depois de vir dum espetaculo. Hoje porém não consigo dominar os nervos e escrevo, neste silencio pesado da noite, quasi febrilmente, porque, não dormiria tranquilo, sem desabafar a intima indignação que o espectaculo, que presenciei no Teatro Avenida me causou.

E, o que se passou no palco daquele teatro, muito pouco me irritou ao pé do desprezo que senti pela plateia completa, que aplaudia, valha a verdade e o reclamo, tudo quanto em scena se passava. E' sobretudo isto que me parece o mais assustador simtoma, por muito optimismo que se tenha obrigação de ser aos 24 anos.

Historiemos o caso: Quando cheguei a Lisboa, ha dias, já se havia estreado a Companhia Infantil, e já o nosso brilhante colega Avelino de Almeida havia dito no «Seculo» da sua indignação. No entanto, procurando observar com tóda a consciencia eu fui, duas noites seguidas ao Avenida, passando da primeira vez uma hora no palco, e na segunda uma hora na plateia.

Da 1.ª vez falei com a sr.ª Cremilda Torres que me explicou, a meu pedido, como ensaiava as creanças, e me disse dos seus planos.

Pareceu-me uma senhora de inteligencia e de instincto para dirigir creanças. Pressenti-lhe carinho, disciplina, ternura pelos pequeninos, a quem, como num bom colegio, distribuia leite e bolos nos intervalos do espectaculo, acarinhando-os e tratando-os como uma educadora. Lamentou-se essa senhora da campanha que se fazia contra a companhia, injustificada no seu modo de vêr. Dizia ela e com razão, até certo ponto, de que aquelas creanças, com o facto de representarem melhoravam sensivelmente a sua situação material, a sua alimentação e o seu bem estar. Ninguem exigia delas mais do que o seu esforço e em vez de se prostituirem em vielas ignobeis, ao menos ali, debaixo dos seus olhos protectores, as creanças seriam tratadas como tal, e isso já era alguma coisa.

De resto, acrescentava, que o que a movera a organisar a Companhia fôra a ternura que sempre sentira pelos pequenitos, as tristes scenas de vil exploração a que como artista assistira dentro dos palcos e a sua vontade de as auxiliar. Quizera além disso fazer um pouco de arte... de bom teatro, dizia.

Preguntei a essa senhora se não seria preferivel representar teatro proprio para creanças, mas obtive como resposta que apenas uma má peça, em excesso dramatica, lhe havia sido apresentada, e que os autores de teatro para creanças não apreciam, e nessa contingencia se decidira a representar revista e opereta, adaptada aos seus pequenos interpretes. Foi esta a nossa conversa e dela sai convencido que o ambiente do palco não era tão mau como se dizia, tanto mais que a chilreada alegre e saudavel da pequenada emprestava ao velho palco écos novos e imprevistos, de colégio ou de gymnasio.

Sai mesmo com tenção de escrever algo que defendesse as intenções da sr.ª Cremilda Torres, que ainda hoje me parecem, apesar de tudo, simpaticas, e de a apresentar ao publico como uma pessôa, senão de educação erudita pelo menos de instincto apreciavel.

Na 2.ª noite assisti ao espectaculo e «caiu-me a alma aos pés...»

Tudo o que se disser é pouco, com respeito á inconsciencia do publico de Lisboa, á falta de educação geral, de nobreza, de castidade, de beleza moral da população da *primeira* cidade portugueza.

Imaginem, aqueles leitores que ainda teem senso comum e que pensam como homens honestos e como mulheres serias, o espectaculo seguinte:

No palco, tres creanças, estando uma vestida com a *infamante saia encarnada da meretriz*, cantando o fado com os seus versos de baixo sentimentalismo e as outras duas, de pseudo navalhos, pousando de fadistas ou rufias!..

Na plateia, centenas de pessôas delirando de gôso, pais com filhas pequenas, mães, rapazes, meninas casadoiras, militares sem graduação e gente do povo...»

Eu gostava de saber os nomes desses homens porque os publicaria aqui. Isso seria um libelo acusatorio, tremendo. Então, esses homens não teem filhos, não teem irmãos, não teem mulheres?

Não ha instincto nessas mães, que estremeçam pelas creanças que puzeram no mundo?

Este é o simtoma terrivel, pavoroso, que só não vê quem não quere, e quem anda cego. Na friza é claro a autoridade sorria, com uma atitude de tão supina ignorancia que seria criminoso sacudila. A Guarda Republicana estava tambem representada e até de monóculo...

Mas, onde estão esses jornais consideraveis, puritanos, que não reclamam agora?

Para onde se escoam os pedagogos, os professores, os moralistas, que não aparecem?

Onde anda o sr. governador civil, unico responsavel — e eu nunca, nem outros como eu, lhe perdoaremos esta afronta feita ás creanças portuguezas — onde anda, que não cumpre o seu maior e mais grato dever?

Eu fiz o meu curso na mais alta escola de pedagogia que ha em Portugal — ou seja a da Universidade de Lisboa, defendi teses e trabalhei anos, mas hoje, como redator deste jornal, como artista e sobretudo como professor, eu acuso o governador civil de Lisboa de, em pleno ano de 1921, consentir publicamente na prostituição de menores, e na exibição desaforada dessa prostituição.

Ou não será prostituir, o obrigar creanças a pronunciar, exigindo-lhe «inteligencia de dição» (e que infelizmente a tinham com espantosa e doentia precocidade) e a dizer «couplets» deste quilate:

«...Vão-se chegando em convulsões...»

ou mais adiante:

«...O seu olhar é sensual...»

e ainda tantos outros cujo «double sens» se obriga as creanças a intrepretar e aos quais a minha pena se nega a dar agora publicidade.

Não será prostituir, obriga-las a fazer numeros com o titulo «Doidivanas», em que se fala em «Regaleira Club, no Magestic» e em que se cantam coplas «apropriadas?»

E tudo isto com uma precocidade que assusta, e até... com um talento que faz pena. A primeira figura masculina—um garotito de 12 anos, é uma gentil creança, com uma vosita linda e com uma inteligencia vivissima. O que se podia de interessante escrever para aquele grande actor de 12 anos!

✦ ✦ ✦

Eu não culpo a sr.ª Cremilda Torres, nem mesmo os emprezarios do Avenida.

Eu culpo e só o governador civil de Lisboa, mais ninguem.

Desta sua imperdoavel negligencia, nunca me esquecerei, e na 1.ª sessão da Sociedade de Estudos Pedagogicos, no primeiro congresso de ensino, seja onde fôr, eu não deixarei de o acusar em nome dos que em Portugal pensam ainda, com uma esperança cada vez mais vaga, nas nossas creanças; nós em nome dos que pensam de verdade, não os que apregoam amor a instituições de moral e a principios de sociologia que consciente ou inconscientemente atraiçoam dia a dia.

Raros infelizmente são os espiritos que sentiram como eu. Consola-me ver a meu lado essa juvenil velhice de Ladislau Batalha, meu irmão de ideias em tantos campos, e que agora mais uma vez com o seu pequeno artigo de ontem aqui deu um grande exemplo.

Fecho estas linhas com uma singular tristeza.

Quando será que os Portuguezes de alma, de coração e de sentimentos, mandarão em Portugal?

Quando será que os enciclopedicos ignorantes da alta burocracia se cançarão de fazer mal?

Quando será que alguns espiritos, claros, limpos, fortes, bons, virão á superficie, e quando será que irradiará deles um clarão salvador e justo, uma aurora de ideal, serena, pacifica, acolhedora que inunde as almas e ilumine os cerebros?

José LEITÃO DE BARROS

P. S. — O alto espirito de Julio Dantas, director da Escola Nacional da Arte de Representar, ficará indiferente a este crime?

E o sr. Ginestal Machado, pedagogo, moralista, o que pensa, o que diz? Ou entende que um facto destes não é grave?

Mas o que pensam estes homens que seja governar?

Então essas «Juventudes Catolicas», esses homens puritanos que apregoam tantas coisas, ninguem aparece?

Essas cruzadas Nun'Alvares, essas Ligas Nacionais, esses grandes instituições de previdencia e de ressurgimento?

Talvez em ultima instancia venha a falar... a «Sociedade Protectora dos Animais»?

L. de B.

Cá e lá

Os espanhoes queixam-se da carestia

MADRID, 10. — A «Gaceta» publicou hoje um decreto, autorisando director geral da agricultura a vender pelo preço de 43 pesetas os stocks de trigo argentino e a 52 pesetas o trigo yankee em lotes de 50 toneladas minimo. Apezar das autoridades anunciarem a baixa dos generos de primeira necessidade, tais como pão, carne, batatas, ovos, azeite e arroz, tal baixa não se efectivou, pelo que o publico está indignado. — H

NORUEGA

Luta de pautas aduaneiras

CRISTIANIA, 10. — O governo noruguez apresentou ao parlamento mais um projecto de lei: este quadruplicando a importancia das pautas aduaneiras que serão aplicadas aos paizes que não concedam á Noruega o tratamento de nação mais favorecida. — H.

Represalias alfandegarias

CRISTIANIA, 10. — A administração das alfandegas deu ordem para se aplicar imediatamente a tarifa maxima ás mercadorias procedentes de Portugal e das colonias portuguezas.

São exigidos certificados de origem. A tarifa minima será aplicada exclusivamente ás mercadorias que tenham saido de Portugal antes de 9 do corrente. — H.

Instrução Militar Preparatoria

1.º GRUPO

XXI Concurso Nacional de Tiro

A direcção da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 29 (Lyceu Passos Manuel) convida todos os alistados que já receberam instrução do tiro, a inscrever-se para o Concurso Nacional de Tiro que se realisa na primeira quinzena de Outubro. Os alistados que desejarem fazer a sua inscrição devem apresentar-se ao seu instructor alferes sr. Alfredo Tinoco todos os domingos do corrente mez, na carreira de tiro de Pedrouços.

Partido Socialista Portuguez

Novo jornal

Reuniu ontem a Comissão Executiva da F. N. S. de Lisboa, que se ocupou da publicação de um semanario que sendo orgão da Federação, seja ao mesmo tempo o porta-voz do P. S. P.

A QUESTÃO DO JOGO

Menos palavras, mais obras

Uma opinião dum respeitavel deputado e ilustre medico

Conversando nós ontem como o sr. dr. Cardoso de Lemos, e falando-se, no acaso duma longa palestra, na questão do jogo, sua excelencia disse-nos, textualmente:

—Eu sou pela regulamentação.

—E logo, sem transição:

—O jogo como moralidade, é lamentavel; mas pois que não é possivel evita-lo, então regulemo-lo, de forma que só jogue o homem rico, aquele que tem que perder.

Assim falou, sabendo muito bem que nós reproduziriamos a sua franca e desassombrada opinião, o sr. dr. Cardoso de Lemos.

O sr. dr. Cardoso de Lemos é uma consciencia incorrutivel, e nem a a «Imprensa da Manhã», que em todos os que defendem a regulamentação, julga descobrir uma nodoa... nem a «Imprensa» seria capaz de encontrar um acto desprimoroso na vida do ilustre medico.

A lavoira de Evora viu nele o homem capaz de pôr, no Parlamento, com imparcialidade e com desassombro, a questão agricola, e impoz-lhe uma candidatura.

Pois o sr. Cardoso de Lemos, alemtejano «inteiriço e macisso», não tem duvida nenhuma em declarar que é pela regulamentação. Tema nobre coragem das suas opiniões.

De resto, digamo-lo já: se formos fazer egual pregunta, particularmente a todos os nossos conhecidos, a maioria deles responder-nos-ha da mesma forma.

Ainda não ha muito que o general sr. Abel Hipolito, então ministro do Interior, interrogado por um jornalista, respondeu, sem hesitar, que entendia fazer-se a regulamentação. Tambem esse é daqueles que não têm medo do escandalisar a moral dos... moralistas.

Crêmos, entretanto, que chegou o momento de deixarmos de parte as palavras, para realisarmos algo de pratico.

O problema do jogo, mau grado os tais catões, é um problema que tem de ser resolvido concretamente, e não com brigadas de policia que o conseguirão. Como muito bem disse o sr. dr. Cardoso de Lemos, só deve jogar o rico, aquele que tem que perder.

Dentro dessas palavras está, de facto, a solução do caso. O jogo deve funcionar de tal modo que o operario não vá lá arriscar a feria, aos sabados, nem o funcionario publico comprometer o seu ordenado.

Jogue apenas quem pode fazer, sem risco proprio ou de outrem.

Mas para isso, precisamente, é que se reclama a regulamentação e, emquanto a regulamentação não vem, nós aconselhamos a tolerancia, que está na alçada das autoridades.

Um candidato a deputado, o sr. dr. Gomes Mota, quando, por ocasião do acto eleitoral, se dirigia aos eleitores, declarava que, se fosse ao parlamento, um dos seus primeiros actos seria a apresentação dum projecto de lei de regulamentação do jogo.

E justificava esse acto por estas palavras:

—A actual situação é muito mais imoral do que fazer do jogo uma lei do país.

O sr. Gomes Mota falou como jurista que é.

Ele sabia que o jogo tem sido permitido, em larga escala, em varios paizes e em certos periodos de crise, em que necessario se torna aproveitar todas as fontes de receita; sabia que a Belgica e o Brazil acabam de regular a questão, transigindo com os viciozos, como meio de atrair estrangeiros.

E sabia tambem que a sua declaração, feita á boca da urna, em vez de ir irritar a consciencia do eleitorado, pelo contrario lisongeava a opinião da maioria, pela rasão que ele proprio invocou; é mais imoral andarmos a simular uma perseguição que se eterniza, do que permitir definitivamente que se jogue, sob uma fiscalisação constante e rigorosa.

Esta é a questão, e só assim não a vê quem a não quere vêr. São os cegos voluntarios, ou os que, ficando para traz da sua epoca, não podem compreender senão o que é de todos os tempos... Esses sim, olharão com romantico horror para uma pratica inofensiva, como olharam desconfiados, por exemplo, para as primeiras locomotivas que perpassaram nos campos, como um furacão...

Mas, se o homem é, como não pode deixar de ser, o vehiculo das ideias, e como estas marcham com os tempos, aqueles não marcarão nunca na historia do homem...

Note-se que não lhes chamamos parvos mas—ingenuos...

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Mademoiselle E'cran».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21.30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

Contiua a fazer parte da Companhia Palmira Bastos na proxima epoca de inverno o actor Augusto Torres.

Reclamos

S. Luiz

As familias do regresso das praias e termas que residem aqui ou que estão de passagem em Lisboa, embora já tenham visto a revista «De Capote e Lenço» devem ir de novo, admiral-a ao S. Luiz.

Como se apresenta agora, tem um aspecto de peça absolutamente nova, com ditos e situações da maior oportunidade, como tudo o que se passa no quadro novo «Colegio de meninas», que é «uma charge», graciosissima ao caso da matricula das serviçaes e o fado «Laura Costa». O «compadre» da revista é Henrique Alves e na peça tem brilhantes creacções Laura Costa, Joaquim Costa, Gomes, da Trindade, Artur Rodrigues e mais artistas, visto a companhia ser a mais numerosa, no genero. Ao S. Luiz estão afluindo muitas das mais distinctas familias da nossa sociedade, contando-se as recitas pelas enchentes.

Escola Industrial de Fonseca Benevides

Abre no proximo dia 1 de Outubro, neste estabelecimento de ensino tecnico a matricula dos cursos ali professados, decorrendo o seu praso até 20 do mesmo mez.

Para o sexo masculino ha cursos de serralheiro mecanico, torneiro e condutor de maquinas.

Para o sexo feminino: continuam os cursos de modista de vestidos e chapeus, rendas e bordados, florista e arte aplicada.

As aulas são diurnas para o curso de aprendizagem e noturnas para o curso de aperfeiçoamento.

ULTIMA HORA

UM FILM DE AÇÃO

O misterio dos 50 milhões

Ouvindo o sr. presidente do ministerio e o sr. ministro da justiça

«Considerando que a direcção do Credit Ieternacional d'Anvers fez negociações com o governo portuguez, arrogando-se uma representação que não tinha, e consequentemente, poderes que lhe não haviam sido conferidos; considerando que deste facto resultou uma especulação desenfreada, em materia cambial, acção provocada e utilisada pelos individuos que compõem a direcção; considerando que este abuso é tanto mais censuravel quanto é certo que foi praticado por portugueses, que foram associar-se em paises estrangeiros, dando a essa sociedade denominação tambem estrangeira; a Camara confia em que o governo chame aos tribunais esses individuos para que os tribunais julguem das suas responsabilidades».

Foi esta a moção apresentada na Camara dos Deputados pelo sr. Cunha Leal, moção que foi aprovada por unanimidade, não que ela significasse espirito de revindita—como o orador explicou—mas sim um desagravo pelo enxovalho e tentativa de burla contra o Estado Portuguez.

A questão, encarada como deve ser, é duma indiscutivel gravidade, e ao governo cumpre por em imediata execução os desejos que toda a Camara manifestou, e que o paiz inteiro tem o direito inegável de exigir fazendo apurar as responsabilidades, chamar aos tribunais respectivos, todos os individuos, sejam eles quem forem, implicados na tremenda e gravissima burla de que ia sendo vitima a Nação.

Pelos documentos que constituiam o «dossier» do caso dos 50 milhões de dollars, documentos que o sr. ministro das Finanças leu na Camara dos Deputados, vê-se que a Direção do «Credit Internacional de Anvers» fez negociações com o governo portuguez, arrogando-se uma representação e poderes que lhe não haviam sido conferidos, com o fim manifesto de realisar especulações cambiais, de que foram victimas diversas entidades e o Estado.

Perante a gravidade dos factos, achámos interessante ouvir a opinião dos membros do governo a tal respeito, tanto mais que nos constou que o assunto ia ser objecto duma discussão no primeiro conselho de ministros.

Correndo ao ministerio do Interior fizemo-nos anunciar ao sr. dr. António Granjo, que após meia hora de paciente espera, nos recebeu no seu vasto gabinete.

Expuzémos a s. ex.ª o fim que nos levava a procura-lo.

—A respeito dessa tremenda embrulhada dos 50 milhões acabo agora mesmo de ter uma conferencia com o dr. Reis Junior, director da Policia de Investigação.

—Então o governo manda processar os individuos implicados no caso? —perguntámos nós.

—Processar, não!—exclama o sr. presidente do ministerio—Eu não posso mandar processar ninguem; apenas me cumpre mandar a policia proceder a investigações.

«E pelas investigações policiais se provar que houve criminalidade, então, asseguro-lho eu, todos aqueles que prevaricaram, sejam eles quem forem, note bem, vão para a cadeia!

E energico, o sr. Antonio Granjo afirma:

—Hão-de responder pelos seus actos perante os tribunais, de nada lhes valendo influencias e os classicos pedidos!...

—Embora nada mais se lhes possa exigir, creio que se lhes pode pedir responsabilidades por perdas e danos?...

—Isso é a segunda parte da questão, a comercial. E essa está entregue ao sr. ministro da justiça, que fará transitar para o Tribunal do Comercio tudo quanto a esse respeito depender dali.

Nada mais nos dizendo o sr. presidente do ministerio, seguimos para o ministerio da justiça, onde o titular da respectiva pasta nos concedeu uns breves momentos de atenção.

Sabendo do motivo que ali nos levava, o sr. dr. Lelo Portela diz-nos, depois de hesitar um momento na resposta a dar:

—Esse caso dos 50 milhões é demasiadamente melindroso para que eu lhe possa dar já uma resposta á sua pergunta. De resto, pare-e-me que é o proprio presidente do ministerio quem trata superiormente da questão.

E apertando-nos a mão, o sr. ministro da justiça disse-nos:

—Volte por cá amanhã, que eu talvez lhe possa dizer alguma coisa!

Saimos do ministerio convictos de que s. ex.ª pouco ou nada sabia a tal respeito, e corremos á redação a redigir estas ligeiras notas, confiados em que o governo não descurará a gravissima questão e procederá com a lisura e energia que os factos requerem.

Motins a bordo

VIGO, 10.—A tripulação do vapor chinez, Walows, neste porto amotinou-se contra o capitão, sendo, porém, reduzida á obediencia e presa por forças da marinha de guerra.—H.

Horrendo, fero e temeroso!

No posto de T. S. F. da Serra de Monsanto, foi recolhido um radio enigmatico com os seguintes dizeres: «Ameaça tortura. Estados astronomicos. Catastrofe eminente».

Foi participado á direcção do Observatorio Astronomico.

Oscar de Carvalho Azevedo

Está em Lisboa de passagem para o Brazil o ilustre brazileiro sr. dr. Oscar de Carvalho Azevedo, director geral da Agencia Americana.

Na sua passagem por Madrid, e agora em Lisboa, recebeu o distinto viajante numerosas provas de estima e consideração.

Na capital espanhola foi director geral da Agencia Americana convidado a almoçar pelo ministro da fazenda, sr. Cambó, assistindo o governador do Banco de Espanha, o presidente da camara da industria e outras personalidades.

Em Lisboa teve ontem uma amabilissima entrevista com o sr. ministro dos estrangeiros e hoje foi recebido em audiencia pelo sr. Presidente da Republica com quem se entreteve largamente.

A Agencia Americana que o notavel brasileiro tão distintamente dirige, é, como se sabe, uma agencia telegrafica que faz todo o serviço de comunicações noticiosas rapidas entre a America Latina e a Europa.

Já por vezes tem prestado relevantes serviços ao nosso paiz por intermedio da sua sucursal em Lisboa, que é dirigida por uma distinta jornalista de creditos bem firmados aqui e no Brasil, auxiliada por outros jornalistas que, a par de méritos já comprovados em varios jornais de Lisboa, são de uma correção impecavel no desempenho das suas funções.

O sr. Carvalho d'Azevedo tenciona partir na proxima segunda-feira, pelo paquete «Massilia» que nesse dia deve largar do Tejo com destino ao Rio de Janeiro.

Desejamos-lhe uma feliz viagem.

Pelo Brazil

Aniversario da Independencia

RIO DE JANEIRO, 10.—Realisaram-se grandes e brilhantissimas festas em comemoração do aniversario da independencia do Brazil. No programa figurou uma revista militar de 20 mil homens que desfilaram no meio de enorme entusiasmo popular. —(A.)

Tres duzias de bananas por 40 escudos

Apraz-nos poder declarar que esta noticia que ontem demos, por informação de um dos nossos reporters que a recebeu da propria ex-passageira do «Almanzora», não é verdadeira.

A' nossa redacção veiu um representante da casa Martins & Costa, acompanhando uma carta da mesma firma desmentindo o facto. As tres duzias de bananas foram vendidas, não por 40 escudos mas por 7$20.

Gostosamente fica feita a rectificação.

O conflito Heleno-Turco

Quem ganhou e quem perdeu?

ANCORA 10.—Os esforços dos gregos para tornearam sucessivamente as nossas duas alas, resultaram infrutiferos. Repelimos todos os ataques; as perdas dos gregos excedem 30.000 homens.—(H).

Irlanda

Nova Conferencia na Escocia

LONDRES, 10. — A nova conferencia entre o governo e o sr. Valera no dia 20 deve realisar-se em Inverness. —(H).

A favor da Hesperia

PARIS, 10. — O congresso internacional do direito dos povos aprovou por unanimidade uma moção proclamando o direito da Irlanda e dispor livremente dos seus destinos.—(H).

Conferencia do desarmamento

Os representantes americanos

WASHINGTON, 10.—Comunica-se oficialmente que os srs. Hughes, Root Lodge e Underwood representarão os Estados Unidos na conferencia de desarmamento.—(H).

Harding convida Belgica e Holanda

PARIS, 10.—Comunicam da Haya ao «Matin» que, segundo uma informação de Washington para o «Telegraaf», o presidente Harding teria convidado a Hollanda e a Belgica a tomarem parte na conferencia do desarmamento.—(H).

A Espanha em Marrocos

Movimento de navios para Marrocos

CADIZ, 10.—Chegou o batalhão da Princesa procedente de Oviedo que vem esperar o embarque para Marrocos. Foi recebido com aclamações.

Chegou tambem o vapor «Izla Minorca» com carga de material e viveres para Larache para onde partirá hoje.

O novo cruzador «Reina Victoria» só em outubro poderá navegar. Nessa ocasião seguirá para Marrocos.—(A.)

Continua o canhoneio

MELILLA, 10. — O canhoneio continuou durante todo o dia. Os espiões asseguram que os rebeldes foram rudemente castigados nos combates de hontem.—(A.)

Organisando transportes

CADIZ, 10. — Chegou o inspector dos portos do Mediterraneo que acaba de percorrer muitos deles para organisar os serviços de transportes para Marrocos.—(A.)

Uma corrida á casa Nunes & Nunes

Logo após a abertura da casa bancaria Nunes & Nunes começaram ali afluindo numerosos individuos com o fim de levantarem os seus depositos, alarmados com as noticias pouco tranquilisadoras que logo de manhã começaram circulando acerca da situação financeira da importante casa, boatos que motivaram uma verdadeira corrida.

A's quinze horas ainda a casa Nunes & Nunes se conservava aberta, aglomerando-se em frente das suas portas muita gente que alguns guardas continham para lá do passeio.

Os directores da referida casa bancaria reuniram-se no Banco de Portugal, onde um deles nos declarou que a casa atravessava uma crise momentanea, em virtude de ter grande parte do seu capital empregado na Empresa de Transportes Mecanicos, Fabricas de Moagem, Cortiças e diversas propriedades, mas que esperavam resolver satisfatoriamente o caso.

Um grupo de banqueiros reuniu no Banco de Portugal para estudar a situação da casa Nunes & Nunes, e assentar na maneira de a remediar.

Poeira da Arcada

A Camara Municipal de Almada, desejando dotar a vila com agua e luz electrica, pediu autorisação á camara dos deputados para contrair um emprestimo na Caixa Geral dos Depositos; mas como até hoje o relator da comissão de administração publica não tenha dado o seu parecer delibrou protestar contra tal demora, que tanto prejuizo está causando ao concelho.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro da Alemanha comprimentou, hoje, o sr. ministro da Guerra.

✦ ✦ ✦

O director da policia de investigação criminal conferenciou, hoje, com o sr. presidente do ministerio.

✦ ✦ ✦

Satisfazendo um pedido da Camara Municipal de Alcobaça, o sr. O'Neill Pedrosa instou hoje com o sr. ministro da instrução, que a escola de Vimeiro seja reparada pela dotação que lhe foi concedida.

✦ ✦ ✦

Houve hoje deminuto movimento nas secretarias do Estado, não só por estarem de licença bastantes funcionarios como por terem saido de Lisboa os srs. ministros das finanças, estrangeiros, marinha e comercio.

✦ ✦ ✦

Foram nomeados respectivamente presidente e vice-presidente do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, os srs. Abel Urbano e Tomaz da Fonseca.

✦ ✦ ✦

Nos hospitais da Universidade de Coimbra, foi já aberta a matricula para o curso de enfermagem.

Um roubo nos correios

Na administração dos Correios e Telegrafos, da rua Alves Correia, foi descoberto um furto no valor de 13 mil escudos em que parece estarem implicados varios empregados dos serviços de vales postais.

Socorros á Russia faminta

Emquanto os Russos não acabam de morrer

LONDRES, 10.—Depois de têr comentado a insolente resposta de Ticherie á nota do sr. Noulens, o «Morning Post» acrescenta que deante de tal intransigencia os aliados não tem mais que fazer do que desistirem dos seus propositos de socorros á Russia Este jornal não vê na proposta do sr. Mansen nenhuma garantia certa de que os socorros da Cruz Vermelha vão para os verdadeiramente necessitados. E' de resto, evidente que a situação é explorada pelo bolchevismo com fins politicos. O «Morning Post» chama a atenção sobre os recentes discursos em Moscou em que se preconisa que a primaira distribuição de viveres deve ser feita ao exercito e á marinha e em seguida aos essaliados e empregados do Estado.

Será um gesto monstruoso, conclue o mesmo jornal, ir o governo inglez dedicar-se a assegurar o conforto ás hordas de Lenine e Trotsky.—(H).

Minas submarinas

CADIZ, 10.—Entrou, vindo de Ferrol, um transporte de guerra que partiu para Cartagena onde vai descarregar algumas minas submarinas, seguindo depois para Marrocos a levar carvão para a esquadra.—(A.)

Quem estuda, vence na lucta da vida

Recomendamos aos que desejam preparar-se para vencer nas imensas luctas da vida actual, o Instituto Superior do Comercio de Lisboa, que encerra as suas matriculas no dia 20 do corrente mez.

Na secção competente vai o anuncio.

Instituto Superior de Comercio de Lisboa

Rua do Quelhas, 6-A

MATRICULAS

Pela Secretaria deste Instituto se anuncia que o praso de apresentação dos requerimentos para a matricula no ano lectivo de 1921-1922 é de 15 a 30 do corrente mês.

O candidato á matricula deve dirigir um requerimento ao Director declarando: o nome, idade, naturalidade, filiação, residencia, curso que pretende seguir e o ano ou cadeiras em que deseja matricular-se.

Para a primeira matricula deve o requerimento ser acompanhado de duas fotografias do requerente medindo 0,m030 X 0m035 (para a sua caderneta escolar) e dos documentos legais que provem:

a)—Não sofrer de molestia contagiosa e ter sido revacinado nos ultimos sete anos:

b)—Possuir o curso complementar de sciencias dos liceus ou o curso medio do comércio dos Institutos Comerciais de Lisboa ou Porto ou ainda o curso complementar de comércio do Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito.

A matricula pode ser requerida e efectuada por procuração passada nos termos de direito.

Na Secretaria, que se encontra aberta todos os dias uteis das 10 ás 16 horas, prestam-se todos os esclarecimentos.

Instituto Superior de Comercio de Lisboa, em 6 de Setembro de 1921.—Pelo Secretario, **Julio Mesquita de Oliveira**.

Vida Sportiva

Stadium de Lisboa

Realisa-se amanhã, pelas 17 horas, um sensacional espectaculo no Stadium de Lisboa, em beneficio do sr. Francisco Ribeiro, em que se apresenta pela primeira vez o celebre artista Francesco, no seu extraordinario trabalho «Descida para a vida» Constam do programa um combate de box entre o belga Goffin e Faustino Pereira, num match-desforra e trabalhos de gimnastica pela troupe Francesco & C.ª, etc.

Os bilhetes para este espectaculo encontram-se á venda no Kiosque da Praça dos Restauradores até ás 15 horas de domingo.

Touradas

Um touro que não quer corridas de morte

E' amanhã que em Algés ha o espectaculo sensacional de um touro protestando contra as corridas de morte pelo processo mais eficaz: não se deixar tourear seja por quem fôr. E tão seguro está do seu exito que desafia os melhores espadas a que o toureiem ou tentem matal-o. Acompanha-o como delegada das vacas uma das mais berronas, que fará sentir em altos gritos a sua indignação pelo projecto das corridas á hespanhola.

A festa começa ás 17,30 e tem outros atrativos, como a lide de touros pelo cavaleiro José Gomes e de vacas e garraios por praticantes e aspirantes de toureiros, sem medo. Os forcados são rapazes de Palma de Cima. Tambem ha o intermedio «Cavaleiros comicos a fingir».

A CAPITAL

3884 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA—Segunda-feira, 12 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O conde de Cagliostro

«O Mundo» de hoje, num artigo sobre o caso dos 50 milhões de dollars, que obdece ao sugestivo titulo «"Dessous" duma "escroqueria"» fornece detalhes interessantes sobre a forma como foi tratada essa operação, detalhes cuja proveniencia tudo indica que não poderá ser outra senão a da mais alta personalidade que nessa operação interveio, e que nela representava os interesses do Estado portuguez.

Com efeito, pelas suas conhecidas afinidades com o sr. Afonso Costa, que nele tem o seu incansavel panegirista com o seu inevitavel retrato que só admira não ter sido ainda aproveitado, agora, nas suas maiores dimensões, «O Mundo» é certamente o jornal que melhor pode estar informado do que fez o antigo chefe democratico nesse contracto e da maneira como ele encara o seu estupendo desenlace. Ha pormenores que em nenhum outro periodico ainda apareceram e que evidentemente só podiam ser dados pelo sr. Afonso Costa ou por alguem da sua maior intimidade.

Notemos, em primeiro lugar, o modo desenfastiado como é feita essa narrativa do caso. Quem forneceu tais informações estava inegavelmente bem humorado. E assim pode talvez desfazer-se a lenda de que o sr. Afonso Costa é um espirito para o qual a vingança se afigura um prazer dos deuses. Não! Quer pela breve entrevista de «O Seculo», quer pelo relato de «O Mundo», facilmente se chega á conclusão de que o sr. Afonso Costa, se foi intrujado pela gente do «Crédit de Anvers» e pelo famoso Williams, não duvida perdoar-lhes em atenção á habilidade com que teria sido mistificado. Dir-se-hia mesmo que o estamos vendo, estreitando generosamente a mão desse ilustre profissional da «escroqueria», e dizendo-lhe, com um sorriso benevolo: «Sans rancune!»

Não nos parece que exageremos porque a narrativa do «Mundo» não oculta uma certa admiração pelas prendas e pelo aspecto desse interessante cavalheiro de industria, que na America todos conhècem pelo seu verdadeiro nome de Silberg. E' vêr como nossa narrativa se desenha sua figura, procurando-se torna-la o mais impressionante possivel:

«Não é uma pessoa qualquer este americano. Mesmo entre os «escroes» não é vulgar. Diga-se até em homenagem aos ludibriados que ele é um «escroc» de genio.

Figura «aplomb», inteligencia invulgar, conhecimento dos homens e das coisas, nada lhe falta. Bastante duro no tratar de negocios, reproduz com absoluta fidelidade o norte-americano para quem a vida é apenas o dollar, e alguns milhões a moeda de trocos de trazer na algibeira.»

Não se diga que o perfil do pseudo Jefferson Williams não está tratado com admiração sincera. Já, mais acima, ele havia sido comparado ao famoso conde de Cagliostro que nos fins do seculo XVIII deslumbrou e ludibriou as mais brilhantes Cortes da Europa. O cavalheiro de industria Silberg, que certamente a policia do seu paiz não trata com tanto desvelo, deve ficar bastante satisfeito quando vir que os proprios que ele ludibriou são os primeiros a apresental-o com as tintas dum heroe de romance.

Silberg foi na verdade, assombroso! No relato do «Mundo» não se esconde a impressão do seu habilissimo trabalhinho. Pois não foi esse cavalheiro de industria perguntar ao sr. João Chagas, nosso ministro em Paris, se realmente o sr. Afonso Costa tinha poderes do governo portuguez para intervir no contracto? Quer dizer: o Silberg desconfiou do sr. Afonso Costa! O sr. Afonso Costa é que não desconfiou dele. Pois se ele era o conde de Cagliostro, brilhante, ilustrado, falando em dezenas de milhões com uma desenvoltura encantadora! Verdade seja que essa circunstancia de ter o famoso Silberg ido preguntar ao sr. João Chagas se o sr. Afonso Costa podia ser negociador do contracto bastaria para provar á evidencia que nenhuma especie de entendimento existia entre o delegado portuguez e as conhecidas entidades do Crédit de Anvers.

Não ha duvida! Não ha duvida! Estamos em perfeito romance. Sempre as grandes «escroquerias» se assinalaram por episodios comicos e dramaticos. Já temos o conde de Cagliostro. Não é para admirar que tambem tenhamos o rei da Palestina!

Armando Ferreira

Partiu hoje para França, Belgica, Alemanha, em «tournée» de recreio e estudo, este nosso amigo e presado colega na redacção da «Capital».

Desejamos-lhe prospera viagem, e pronto regresso, a fim de o termos novamente a nosso lado.

OPINIÕES ALHEIAS

Carta politica ao sr. Afonso Costa

Graças á amabilidade do sr. X..., deputado da maioria, podemos publicar, em primasia, um notavel documento politico, que ficará na historia do "Misterio dos Cincoenta Milhões"

Publicamos a seguir (sem comentarios inuteis) a carta que o sr. deputado X... expediu ao sr. Afonso Costa, a proposito dos notaveis trabalhos financeiros do ex-chefe do partido democratico. Apenas a titulo de esclarecimento cumpre-nos recordar que as ideas expostas pelo nosso querido amigo e eloquente parlamentar não são nem deixam de ser perfilhadas pela «Capital». A seu tempo diremos das nossas razões se, porventura, qualquer dos dois politicos pretender chamar-nos a terreno.

Eis a carta, revista pelo autor e, portanto, tão autentica como aquele trecho de prosa que o sr. Afonso Costa ditou ao correspondente do «Seculo» em Ceia:

Ex.mo Sr. e Chefe Illustre.

Permita V. Ex.ª que um dos seus mais obscuros discipulos (embora o mais inamovivel) lhe manifeste, desde já e emquanto pessoamente o não pode fazer, a sua admiração e a sua devoção—admiração como politico e devoção como patriota — pela forma como V. Ex.ª se tem conduzido, perante a Republica e perante a Patria, nesta questão do «Misterio dos 50 Milhões». Protesto a V. Ex.ª a minha solidariedade neste negocio e sómente me punge a magua de não ter sido um dos colaboradores de V. Ex.ª. E' certo que V. Ex.ª não me conhecia na epoca em que, indirectamente, se relacionou com o indigno Jefferson Williams; apezar disso se, por acaso, tivesse pedido informações para Lisboa (como as não pediu para Washington) todos lhe diriam que X..., deputado da maioria, jamais cometeria a indignidade de o vigarisar. E, então, certamente que V. Ex.ª me preferiria ao Jefferson, mesmo que não fora essa a opinião de Pedro de Araujo, pessoa excelentemente relacionada com V. Ex.ª e tanto ou tão pouco que continua a merecer-lhe protestos de consideração e respeito. Tambem a mim, Ex.mo Sr. tambem a mim! Mas—confesso—só pelo receio de desagradar a V. Ex.ª...

Reentrando, porém, no assunto especial desta carta eu direi a v. ex.ª —e tambem ao paiz, logo que o possa fazer da tribuna parlamentar — que raras, rarissimas vezes um homem publico conseguiu reunir a unanimidade de opiniões que neste momento estão exalçando, no paiz e fóra dele, as virtudes civicas de v. ex.ª e a sua extrema (mais que extrema, infinita!...) habilidade financeira. Eu suplico a v. ex.ª que, nesta especialidade da alta finança, jamais faça á Nação a partidinha de se afastar da actividade. Não junte v. ex.ª a abstenção financeira á greve politica. Esta segunda é apenas uma desgraça nacional, aliás remediavel pela soma de esforços de tantos homens talentosos, com o Antonio Maria da Silva á testa; mas a inactividade financeira, se v. ex.ª lhe dá na gana de a proclamar, arrastará a Republica a uma verdadeira catastrofe. Isso, ex.mo sr., por fórma alguma! Admito (porque é repetição historica) que v. ex.ª prefira que Montmartre lhe coma os ossos e não os dê á terra da Patria ingrata; mas jamais me resignaria se v. ex.ª, por um excesso de escrupulo, não quizer continuar a ocupar-se dos negocios financeiros da Nação, emquanto lhe restar um sopro de vida, — lá por que o Parlamento entendeu suspeitar de homens de tão alta reputação moral como a do o nosso comum amigo Pedro Araujo, muito digno director do Credit Internacional de Anvers. Manifestados assim os meus votos, filhos dos meus receios, eu passo a expor a v. ex.ª qual o fim politico desta carta politica. Esta duplicidade foi escrita propositadamente, porque mais facilmente serei compreendido do espirito subtil de v. ex.ª, emparceirado ao do sr. Pedro de Araujo.

Ex.mo Sr.: Eu peço a V. Ex.ª, eu suplico a V. Ex.ª, que, sem demora, venha a Lisboa e assuma o Poder. Isto, como está, não pode continuar. As rãs da fabula pediram um rei e Jupiter não lho negou; os amigos politicos de V. Ex.ª continuamente lhe pedem que volte a ser o Chefe Grande, o Magno Chefe, e V. Ex.ª não tem o direito — não tem o direito, repito!... — de se fazer surdo a brados tão clamorosos.

Venha a nós, sr. dr., venha salvarnos! Nenhum portuguez daquem e dalem mar, digno deste historico titulo, pode dignamente furtar-se ao dever de se sacrificar pela felicidade da Patria. E a nação berra por V. Ex.ª como se fosse um cabritinho desmamado!

Eu sei que V. Ex.ª ficou muito maguado com a ousadia do Belchior, prendendo-o no Porto—o da liberdade de baluarte!—quando foi do triunfo do Sidonio (Deus lhe fale na alma!...); mas isso já foi explicado em pleno Parlamento e sublinhado com bastos apoiados meus e de todos os lados da Camara. A prisão foi um simulacro e não serviu senão para lhe salvar os preciosos dias duma vida inalteravelmente posta ao serviço da Patria. E isto quer tambem significar que V. Ex.ª não tem inimigos em terras de Portugal,—nem mesmo o Bernardino, que ainda ha dias me dava nota completa do honroso e infatigavel emprego que V. Ex.ª tem feito das suas horas de vigilia, em Pariz, nessa cidade do Vicio, tão aborrecida pela tia do Raposão, a virtuosa D. Patrocinia. Volte, pois, Ex.mo Sr., á actividade politica. Sou eu que lho peço, em meu nome pessoal e no da Nação inteira.

Mas não basta ocupar-se da porca da politica. E' necessario, é indispensavel, é urgentissimo que v. ex.ª deite uma das mãos ou mesmo ambas aos cofres publicos, desenvolvendo aquela sapiente sagacidade de que acaba, só este negocio de Jefferson Williams, de nos dar, a todos nós, portuguezes, tão brilhante amostra. Porque, ao contrario do que todos julgam, eu entendo que, como v. ex.ª muito bem afirmou ao jornalista do «Seculo», os financeiros do «Credit International de Anvers» são pessoas dignas e respeitaveis, que receberam informações de primeira ordem ácerca da idoneidade financeira de Jefferson Williams. E nestas condições creio, em camaradagem com v. ex.ª, que os cincoenta milhões de dollars vem ai não tarda um fosforo e que talvez estejam a bordo do «Almanzora», encalhado por teimar em entrar a barra em manhã de nevoeiro. Pois é isso, ex.mo sr., olhe que não é outra coisa: os milhões estão sómente encalhados!...

Tambem sou solidario com v. ex.ª em outra coisa. E quero dizer-lha. E se quero é só para demonstrar a v. ex.ª que o compreendo e não que apenas o admiro. Sim, ex.mo sr., eu sinto o que v. ex.ª sente, tão irmanadas estão as nossas almas. Eu, como v. ex.ª, tenho despreso mental pelos politicos. Esse despreso é tão intenso como o de v. ex.ª Mas o que eu não posso é manifesta-lo, a eles, politicos. Davam cabo de mim. Ou, então, não me davam um emprego que eu cá sei... Isso só um grande homem, como v. ex.ª, pode fazer. E eis o motivo porque eu aprovo a atitude de v. ex.ª que, quanto mais eles berram por v. ex.ª mais v. ex.ª se está marimbando para os berros deles. Bravo, ex.mo sr.!

Termino apresentando-lhe, como meu Mestre e meu correligionario, os protestos do maior respeito e ainda maior admiração,—respeito e admiração tão grandes como aqueles que v. ex.ª não cessa de testemunhar aos incorruptiveis directores do Credit International de Anvers.

Amigo ex-corde,
Deputado X...

P. S.—Se não causasse muito incomodo a v. ex.ª pedia-lhe que me mandasse a morada do Jefferson Williams. E' cá por causa duma coisa. Talvez tenha que lhe escrever. Ha um negociosito a propôr á Republica de Andorra. Emfim, v. ex.ª já compreendeu: «á bon entendeur...»

A carga do "Cherusskia"

Da arcada chega-nos a informação de que o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros irá intervir nos trabalhos scientificos desta carga.

Não chegamos a bem assimilar em que sentido aqui se emprega a expressão trabalhos scientificos. A intervenção do ilustre sr. Melo Barreto, em coadjuvação á boa vontade do sr. dr. Ginestal Machado, parece-nos excelente, para ver se se impede que alguns dos insubstituiveis especimens assirios não acabem de se inutilisar pelo absoluto abandono.

Neste sentido e a proposito do assunto já o actual chefe da nossa redacção, o antigo professor e deputado Ladislau Batalha tem conferenciado com ambos os Ministros, aos quais manifestou os bons desejos de que as preciosidades assirias não continuem ao abandono, e prontificando-se a auxiliar todos os trabalhos para salvar aqueles 400 volumes, e com eles a dignidade da Nação perante o mundo da Sciencia.

UMA ENTREVISTA COM O SR. ORLANDO MARÇAL

O Partido Popular vai entrar em actividade politica

Ainda as eleições—O sr. Barros Queiroz foi impolitico—O sr. Cunha Leal ainda não disse porque saiu do Partido—Um livro de folego sobre José Julio da Costa

O sr. dr. Orlando Marçal tomava ante-ontem o seu café no Italia quando o encontrámos. Os politicos são como as mulheres. Se estão no Poder mostram-se, ostentam-se, todos os vêem. Pelo contrario se estão por baixo, isto é, arredados do Poder, não ha ninguem que os lobrigue. Aproveitimos portanto a ocasião para interrogar aquele antigo parlamentar acerca dalguns assuntos interessantes.

A' primeira pergunta que fizemos, sobre qual é a verdadeira situação do Partido popular, o sr. dr. Orlando Marçal responde-nos:

—O meu Partido está em ferias, mas deve voltar á actividade politica em outubro proximo.

—Actividade? mas de que natureza? —interrogámos.

—Não se assuste que não se trata de revolução. A actividade do Partido Popular não vai exercer-se pelo uso das armas, mas sim pelo uso da palavra, que é, ainda assim a mais poderosa arma de combate.

—Vamos então ter comicios?

—Quando um Partido não tem imprensa, só esse recurso lhe resta para comunicar com o paiz.

—Melhor seria o Parlamento...

—Pois era; mas o sr. Barros Queiroz não quiz...

—Foi o sr. Barros Queiroz que não quiz ou o Partido Popular que não deu?

—Foi o sr. Barros Queiroz que não quiz; mas devo dizer-lhe tambem que o Partido Popular se descuidou.

Eu, por exemplo, que podia ter sido eleito, ou pelo menos conseguido o mesmo numero de votos que nas outras eleições, apenas numa assembleia ganhei a eleição. E dá-se o caso interessante de essa assembleia ter sido precisamente aquela onde eu exerci a minha acção.

Mudando um pouco o rumo da conversa, o sr. dr. Orlando Marçal diz:

—Mas parece-me que o novo Parlamento não é melhor que o outro...

E continuando:

—Em 40 dias é impossivel organisar-se, com segurança, um acto eleitoral. Neste ponto o sr. Barros Queiroz mostrou-se impolitico. Se tivesse seguido o caminho que a sua situação politica e a do seu partido indicavam, o sr. Barros Queiroz podia ter conseguido uma esmagadora maioria e creado aos outros Partidos situações bem dificeis.

—Mas o sr. Barros Queiroz não podia fugir ao estabelecido na Constituição...

—Pois sim; mas o caso é outro. Confesso que cheguei a ter certos receios quando o sr. Barros Queiroz foi chamado ao governo. Suponha que o ex presidente do ministerio arrancava ao sr. Presidente da Republica o decreto de dissolução e o metia na algibeira para melhor oportunidade. Podia ir vivendo com o parlamento até ás ferias. Aproveitava este interregno para montar, com toda a pachorra, a maquina eleitoral e quando em dezembro os parlamentares se preparassem para os trabalhos da nova sessão legislativa, fechava-lhes as portas do Parlamento com o decreto que já tinha na carteira. Assim é que o Partido Liberal levaria a melhor.

—V. ex.ª não nos pode dizer porque abandonou o sr. Cunha Leal o Partido Popular?

—Não sei.

—E' extranho que ninguem o saiba.

—Não admira pois que o sr. Cunha Leal ainda o não disse a ninguem. Apenas disse que um dia havia de contar as rasões de tal procedimento. Posso garantir-lhe que da parte dos seus antigos correligionarios, com o sr. dr. Julio Martins á frente, o sr. Cunha Leal só tem amisades.

Propositadamente tinhamos guardado para o fim esta outra pregunta:

—Que temos a respeito de José Julio da Costa?

O nosso entrevistado, que nesta altura embrulhava um cigarro de tabaco francez, responde-nos desanimadamente:

—Olhe, para lhe falar com a maxima franqueza, não sei o que é feito dele.

—Ainda tem esperanças no seu projecto?

—Não tenho. Na ocasião propria, quando o Parlamento atirou para a rua criminosos muito maiores, tive a ilusão de que José Julio da Costa seria tambem amnistiado. Mas agora...

—Mas isso não seria um mau exemplo?

—Seria tão mau como em França o de se dar a liberdade ao assassino de Jaurés. O crime de José Julio da Costa é essencialmente politico.

Foi a influencia do meio que o atirou para o atentado; e basta saber como ele o praticou para se verificar que não foi o instinto do crime que lhe armou o braço.

Ha quatro anos que trabalho num livro que dentro de pouco tempo aparecerá, chamado «A Biologia do Crime». E' um livro de folego, com umas 500 paginas, e no qual dedico um largo espaço á apreciação da psicologia criminal, analisando detalhadamente o crime e personalidade de José Julio da Costa.

Compreender-se-ha então melhor a minha atitude no Parlamento em favor deste caso.

Um aperto de mão, um «sempre ás ordens» do sr. dr. Orlando Marçal e o jornalista correu logo a escrever estas impressões.

A Nova Lusitania

Contra o movimento nativista do Brazil. A colonisação do Planalto de Mossamedes

Temos presente os tres primeiros numeros de uma nova folha trimensal que, com este titulo, a colonia portugueza do Brazil está publicando no Rio de Janeiro.

E' uma folha de sabor acentuadamente patriotico, tendo por principal objectivo o fomentar e desenvolver um grande movimento nacional pró colonisação portugueza.

Esta ideia esboçada no primeiro numero logo no seguinte é concretamente delineada, numa mensagem enviada ao sr. Presidente da Republica Portugueza, e por copia ao Governo.

O Nucleo Nova Lusitania, constituido por 500 portuguezes e familias residentes no Brasil, declaram nesse documento desejarem abandonar as paragens do Brasil, por dificuldades de vida economica e tambem «por imposição de ordem moral».

Transcrevemos os fins do Nucleo, expressos na mensagem aludida:

(a)—Iniciar a colonização duma zona, no Planalto de Mossamedes, designada pelo Governo Portuguez, ou por quem superintenda no assunto, organisada por portuguezes e suas familias, actualmente residentes no Brazil, e que até determinada data se apresentem voluntariamente a preencher os boletins para tal fim criados;

(b)—Que o Governo Portuguez conceda passagens gratuitas do porto do Rio de Janeiro para o lugar do destino a esses portuguezes e familias, como tal reconhecidos;

(c)—Que a referida zona seja inicialmente demarcada de forma a poder, no mais curto espaço de tempo, constituir uma aldeia, ou até mesmo um municipio, obedecendo a um plano estético e higienico, no seu arrumento, casario, etc.;

(d)—Que á nova povoação seja concedido, por decreto, fóros de cidadania, e o nome de «Nova-Lusitania», como que a atestar o designios patrioticos que demoveram os seus iniciadores a fixarem-se em Africa;

(e)—Que a cada povoador seja nominalmente cedido um trato de terreno para moradia, e aos grupos de individuos, familias e agricultores lhes seja dado suficiente terreno para granjeio agricola, industriais pastoris, exploração florestal, etc.;

(f)—Que igualmente lhes sejam cedidas ferramentas, alfaias agricolas, sementes, abarracamentos, viveres, etc., para inicio dos trabalhos e da vida da nova povoação;

(g)—Que a nova povoação seja defendida por conveniente organisação militar, como é de uso fazer-se em Africa, bem como se lhe dispense toda a assistencia social;

(h)—Que a localisação da futura povoação seja em área que se torne facil a comunicação com porto de mar ou via acelerada, para os efeitos de exportação de productos, etc.;

(i)—Que, reconhecido o desenvolvimento da povoação, o Governo estabeleça o necessario ramal de linha ferrea, para a maior intensificação da vida colectiva;

(j)—Que aos primeiros povoadores seja concedido o privilegio para aquisição de terrenos devolutos, para granjeio agricola, estabelecimento de industrias pastoris, extractivas e outras, construcção, etc.;

(k)—Que o aproveitamento de madeiras e outros materiais para construcção existentes no local, ou proximamente, lhes seja facilitado, sem prévias auctorisações, isto no inicio da colonisação;

(l)—Que igualmente lhes seja facultado o aproveitamento de quedas de agua ou rios proximos, para a produção de energia electrica para força e luz;

(m)—Que a nova povoação fique desde o seu inicio ligada por via telegrafica com a Capital do Districto;

(n)—Que o Governo indique por decreto a legislação conveniente quanto ás regalias e obrigações que caberão aos novos colonisadores.

E' uma iniciativa deveras simpatica e altamente patriotica, embora, na pratica tenha de se lhe deparar varios obices que a tenacidade dos audazes colonos saberá vencer.

Os 25.000 contos

que o Parlamento não vae negar ao sr. dr. Ginestal Machado são uma grande esperança—O que cabe ás Belas Artes—Um ministro que faz as pazes—A cadeira fatidica—As taboas de Nuno Gonçalves e a luz vermelha.

Ha um mez, pouco mais ou menos, assinei no «Diario de Lisboa» umas cartas abertas ao ministro da Instrução em que punha em contraste a desorganisação interna de certas escolas e a esperança doirada de que o sr. dr. Ginestal Machado lhes agitura, como se do esvasiar maravilhoso da sua cornocopia de contos de réis viesse aquele beneficio que o ministro, como pedagogo e como homem de sciencia desejara.

Quando portanto transpuz o gabinete vermelho da arcada, comecei por pedir ao ministro que me não levasse a mal aquela independencia de opinião e—longe de mim o supô-lo—foi o proprio ministro que me pediu que aceitasse os seus agradecimentos e os seus protestos de admiração. Essa simples cortezia deu-me logo a impressão, de que o sr. Ginestal Machado é das raras pessoas que se tem sentado naquela cadeira imponente de velho D. João V, que sabe viver—«comme il faut» a um ministro de instrução... —e um homem da sociedade.

Mas o que me levára aquela secretaria era a esperança de ouvir da propria boca do ministro as suas justificações acerca do pedido feito á Camara para o famoso emprestimo dos 25.000 contos.

Interrogado á queima-roupa sobre este assunto, o sr. dr. Ginestal Machado falou talvez durante meia hora, dando-me, sinceramente, a impressão de que aquele homem de governo, contra o qual eu me havia posto em cheque, tinha, das reformas que projectara uma ideia mais profunda do que eu a principio supuzera. Eu tinha nesta altura uma certa e imprevista autoridade para o elogiar: fui das poucas pessoas que o atacaram quando ele veio com a sua ideia dos 25.000 contos e das reformas das escolas portuguezas.

Mas tambem o que é um facto é que eu não ataquei o ministro por ele fazer levantar uma grande quantia a favor da instrução publica—o que será absurdo—mas pelo motivo de supôr que ele apenas pretendia reformar com dinheiro.

Ora, como não fica nada mal a ninguem «dar o seu braço a torcer...» eu não tenho duvida nenhuma em declarar que o sr. Ginestal Machado me parece—agora que o vi—uma das raras capacidades de trabalho que tem passado por aquele gabinete. Eu tenho, para os ministros, um certo «dossier» de preguntas, nos quais eles quasi sempre ingenuamente «caem» e que são uma especie de «sonda» com a qual faço o meu juizo acerca da sua «forma» ministerial...

Ainda não ha muito, um louro e romantico ministro me deu, a mim e a certa comissão que o procurou, uma deploravel ideia, com erros de gramatica e mudanças de assunto...

Mas o sr. Ginestal Machado correcto e sabio, com certa «patine» de fadiga superior, com certo ar «negligé» e lento sonha dar-me essa vaga e indefenivel impressão de «Ministro».

O que interessa ao leitor, mais ainda que os programas (que o «Diario de Noticias», sempre velhote e lépido se apressou surrateira e grandiosamente a apresentar) é a propria fisionomia moral da proposta, a sua rasão intima de ser. Ora é verdade que os ministros da Instrução têm todos pensado em magnificos programas, mas é verdade tambem que tudo fica em, mais lei, menos lei, o que quer dizer que fica tudo na mesma. Coisas concretas não aparecem. Coisas que se vejam... não se veem.

O sr. Ginestal Machado quer fazer uma obra que fique, quer deixar pelo menos uma possibilidade de execuções. E, nesta ordem de ideias o velho professor, o pedagogo consciencioso de tantos trabalhos — que são hoje o seu melhor apetrechamento — apresentou ao parlamento a sua proposta.

Diga-me sr. ministro, preguntei-lhe a certa altura.—E as Belas-Artes?

—«Terão as suas Escolas, e o museu será convenientemente dotado...

—E a Sociedade Nacional de Belas Artes?

Era fatal esta pregunta. Junto á secretaria do ministro ha uma cadeira, onde se senta toda a gente que o procura, uma cadeira de veludo vermelho... Essa cadeira é fatidica. Ninguem nela se pode sentar, sem pedir alguma coisa... E' a cadeira dos «interesses pessoais...» como diria Schwalbach no teatro.

Eu tria, involuntariamente que pedir alguma coisa... pedi uma esmolinha para... a Sociedade Nacional de Belas Artes...

O sr. Ginestal Machado sorriu-se. Teria pensado intimamente:

«Tenha, paciencia... não pode ser».

Não sei...

Levantei-me da cadeira vermelha. Não podia pedir mais nada. Mas o ministro, sorridente despedia-se com a maior cortesia, e tinha na boca um sorriso de promessas...

L. de B.

Por terras de além

A Europa sobre brazas—Os grandes conflictos latentes—A Yugoslavia e o problema dos Balcans

Continuam a não correr bonançosos os ares pela Europa, a despeito do chamado Tratado de Paz (Versailles) que só veiu atear o rescaldo das grandes fogueiras etnicas que, desde ha seculos, andavam latentes.

O reconhecimento do direito de cada povo escolher as formas de governo que mais lhe conveem, principio aliás justissimo, acordou a Hesperia que parecia adormecida e deu novos alentos aos Hindús que a intolerancia e a cobiça europeia teem espoliado.

Esse mesmo principio, incluido nas bases propostas por Wilson na ocasião do armisticio, e tacitamente aceite por todas as nações, embora não cumprido, talvez mesmo mal compreendido na sua extensão e alcance, influiu no desmembramento de todo o Imperio Moscovita, determinando a tentativa da reconstituição da fragmentada Polonia, o na independencia da Finlandia, a gloriosa patria do Kalévala e de tantos outros poemas tradicionais onde se contém a chave de toda a quasi esquecida Mitologia Escandinava.

E' ainda á mesma base tacitamente aceite, embora, tacitamente esquecida, que a Alemanha deve o vêr neste momento um pouco comprometida a sua integridade etnica que o Chanceler de Ferro, tanto a custo, mas tambem, com tanto saber e tanta energia, conseguira realisar.

Com as perturbações economico-financeiras resultantes de uma guerra prolongada, concorre na Alemanha o agravamento que sempre motiva nos Estados uma profunda transformação de regimen politico, tudo complicado por um estado latente de revolução, ora menos, ora mais intensa, cuja solução as exigencias, ou melhor, as tendencias separatistas da Baviera muito mais vem dificultar.

Mais a sueste, ao longo e nas faldas dessa enorme cordilheira caucasica a ligar o Negro com o Caspio, e a separar a Europa da Asia, defrontam, confrontam e contestam numa contenda eterna, povos etnicamente diversos, embora ás vezes cheguem a parecer afins, na elaboração lenta e quasi despercebida de divergencias irredutiveis que virão a explodir, mais violentas do que as que já tem havido, prometendo aos grandes «cráteras» do futuro dificuldades e perturbações tremendos, pelas complicações que hão de acarretar ao sonhado equilibrio internacional.

E tudo isto, como consequencia inevitavel do já bem mutilado Tratado de Versailles, vem atestar a insuficiencia dos homens, ainda neste momento para legislar para o mundo, a despeito do relativo avanço actual dos conhecimentos sociologicos.

A Peninsula Balcanica.—O problema turco. A Yugo-Slavia

Uma outra consequencia, não menos, se não muito mais melindrosa para o socego da Europa nos trouxe o infeliz acordo de Versailles.

Referimo-nos ás perturbações da Peninsula Balcanica, agora muito mais incompreendida do que anteriormente.

Entendeu-se, a titulos varios, ora de represalias, ora de compensações, mutilar por completo os Estados já tradicionais da Hungria, Servia, Montenegro, Bulgaria, Grecia, Turquia e alguns outros.

A intenção que presidiu a estas transformações foi boa e em parte, na creação da Yugo-Slavia, atendeu-se quanto possivel á constituição etnica dos povos.

Não se fez, porém, o mesmo quando se tentou reduzir a uma unidade quasi desprezivel a Turquia. Já nas idades classicas se procurava fazer cousa semelhante com o Reino de Jerusalem. A violencia fez tudo, mas atravez de longos seculos tem ardido Europa e Asia em fogo, visto que, acabando-se com o reino de Israel, foi impossivel acabar com os Israelitas que nem as fogueiras atearias do Santo Oficio conseguiram exterminar.

Assim da Turquia. Foi viavel riscar do mapa da Europa pelas imposições de um tratado, o sultanado da Turquia, mas os turcos subsistem e resistem. Lá continuam a ferro e fogo com os gregos, ao mesmo tempo que ateiam no Oriente a luota hindú contra Inglaterra.

Assim como, decorridos longos seculos, se reconheceu a necessidade de restituir aos Judeus as terras de Sion, virá tempo em que o equilibrio internacional se fará depender da reconstituição do Imperio Turco, já completamente adaptavel ás modernas formulas do Progresso e da Civilisação.

Com iguais dificuldades se luta neste momento por acomodar ás con

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Mademoiselle Ecran».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Sarau no teatro de S. Carlos

Este sarau efectua-se no proximo domingo, 18, no teatro de S. Carlos, promovidos pela Damas da Cruzada.

O programa é composto pelos principais artistas e amadores, entre os quais se contam as distintas actrizes Palmira Torres, Augusta Cordeiro e Ilda Stichini, o aplaudido tenor Salles Ribeiro, o barytono Armando Batista, o eximio violinista Flaviano Rodrigues e a actriz Thereza Taveira, que entre outros numeros fará a *Padeira de Aljubarrota*, que tão ruidoso sucesso causou no teatro da Trindade.

Um dos numeros deverá ser o quadro *O Condestavel*, ornado de côros, com orquestra sob a direcção do maestro Angostini Themes, e em que entra numerosa figuração e cavaleiros, assim como o quadro de costumes populares portuguezes, com bailados e coros, ensceuação do actor Rosa Matheus, direção musical de Augostini Themes.

A abertura do Chiado Terrasse

Teresa Taveira volta á declamação

Mario Duarte, a quem encontrámos assistindo ás obras do Teatro Chiado-Terrasse, cuja exploração, com a companhia Luz Veloso, dirige, diz-nos:

—Vejo, meu amigo, o adeantamento das obras. Temos toda a fé de abrir em 1 de Outubro com a peça «Mario e Maria», uma deliciosa e extranha comedia do antigo repertorio do Tina di Lorenzo, que estou certo agradará muito ao publico.

—E os ensaios vão adeantados?

—«Mario e Maria» está nos ultimos do apuro, tendo nós já bastante adeantados os do «Apaixonadamente» e entrando amanhã em marcação o novo original de Victoriano Braga, «O conselho da noite», que será a 2.ª de assinatura.

—E que tal de assinatura?

—Só lhe digo que, quasi, não temos «fauteuils» de orquestra, nem camarotes, nem frizas e poucos balcões nos restam. O publico tem acolhido o nosso esforço com uma grande simpatia. Luz Veloso dirige os ensaios com um carinho e uma precisão como ha muito não vejo.

«A nossa companhia conta hoje com um grande elemento, digamos mesmo com um elemento de respeito: Tereza Taveira. Ela vem dar ao nosso conjunto o valor da sua arte, da sua soberana dição, da sua experiencia scenica, provadas exuberantemente junto desse mestre de scena que foi Afonso Taveira. Luz Velozo sente-se orgulhosa de poder sentar á sua direita essa bela figura de scena, não esquecendo a primeira figura masculina: Teodoro Santos.

«Com tão bons companheiros, como ainda são Rafael Gomes, um companheiro na gerencia, Joaquim Miranda Maria Clementina, Alice Pereira, todos enfim, não será dificil singrar neste mar de rosas.

—Angela Pinto sempre virá dar-vos o seu concurso?

—Certamente, e no nosso cartaz anunciador lá damos o seu glorioso nome.

—E as recitas elegantes?

—Começarão em fins de Outubro, sendo a primeira abrilhantada pela representação, em «première», da comedia de Madame Maria Isabel de Souza Martins «A prima Rosa quer casar».

E assim nos despedimos de Mario Duarte.

Noticiario

Entre nós

Amanhã abre a bilheteira do Nacional, para iniciar a assinatura da temporada de inverno, a qual abrange 8 recitas, todas com peças diferentes e em primeira representação.

Todo o repertorio será apresentado com o maior rigor, e interpretado por um novo «elenco» artistico, de societarios e contractado.

—Não é certo ir para ensaiador no Salão Foz, na futura epoca, o actor Augusto de Melo, societario do Nacional, aonde continuará ocupando o lugar de director de scena.

—No teatro Sá da Bandeira do Porto, a actriz Irene Grave representou pela primeira vez, o papel de «Mariana», do «Amor de Perdição», conquistando geral agrado.

—A Companhia Otelo de Carvalho deve começar a representar no Salão Foz, a 20 de Outubro.

—Ao contrario do que chegou a ser noticiado, não são do caricaturista Amarelhe os figurinos para o guarda-roupa da revista «Gato por Lebre» que brevemente se representa no Apolo.

Reclamos

S. Luiz

Continuam dando «rendez-vous» no S. Luiz, as mais distinctas familias de Lisboa, muitas já de regresso das praias e termas.

Vão, ali, matar saudades da revista «De Capote e Lenço», que se lhe apresenta, agora, remoçada, com varios numeros de palpitante actualidade, e alusões a factos politicos recentes, e ampliada com o novo quadro «Colegio de Meninas», alusivo ao caso do livrete das serviçaes, o que a todos, mais ou menos, interessa.

Na famosa revista, a gentil actriz Laura Costa, canta, com enorme exito, o fado com o seu nome, que conseguiu tornar popular, sendo, sempre, entusiasticamente aplaudida. O «compadre» da revista continua sendo Henrique Alves, que com Joaquim Costa e Gomes, da Trindade, em varios papeis, conseguem manter s auditorio em permanente gargalhada.

Hoje, no S. Luiz repete-se esse espectaculo, com todas as suas sensacionalissimas atrações.

Avenida

E', verdadeiramente encantador o notavel conjuncto que oferece a «Companhia Infantil» do Avenida.

As gentis creancinhas, que não contam mais de 8 anos de edade interpretam com toda a galantaria e brilho a graciosa revista «O Sonho do Manecas», assim como diversos numeros de variedades, divertindo, imensamente o publico, que as aplaude com o maior entusiasmo.

Os espectaculos do Avenida são dos mais apropriados para familias, que não deixam de afluir, ali, vendo-se a plateia e camarotes concorridissimos, nas duas sessões.

...dições actuaes do internacionalismo comercial e industrial o novo estado da Yugo-Slavia, encravado nos Balcans, completado com territorios que faziam parte da Romenia, numa área aproximada de 2.600 kilometros quadrados.

A nova Yugo-Slavia é um paiz Serbo-Croata-Sloveno, equivalente á Italia pela área, dispondo de uma população valiosa de 13 a 15 milhões de habitantes, e uma potencia militar não inferior á da França.

O seu exercito é valioso, não só pela quantidade, pois pode mobilisar dois milhões de soldados, mas pela qualidade, porque é homogeneo.

A sua homogeneidade resulta da unidade etnica, podendo portanto fazer valer e respeitar todos os seus tratados, que já são muitos porquanto, para salvaguarda dos seus interesses afinal muito comprometidos, procura neste momento pelas vias diplomaticas que lhe criem uma situação estavel.

Quando por elas não o consiga, os canhões troarão, lançando o alarme e a perturbação, não já nos Balcans, mas em toda a Europa.

A Yugo-Slavia, como feito, está realisando tratados varios com as potencias ambientes, naqueles termos conhecidos entre os alemães pelo nome de «Rückversicherungsvertrage», em que todos, reciprocamente se obrigam a fazer valer os tratados que assinam.

Não ha duvida que este novo Estado, na sua creação, obedeceu ao ponto de vista etno-linguistico. Mas o embate de interesses em jogo, por um lado, e o encrave etnico dos povos a intermearem o territorio de uns com o de outros, veio tornar incompleta a obra que se quiz levar a cabo, deixando fóra da integração varias manchas territoriais, que serão origem de novas e futuras guerras de caracter pavoroso.

Fora da integração nacional da Yugo-Slavia acham-se muitos slovenos que se encontram neste momento sob a jurisdição italiana.

Sob a egide hungara ou madgiar ficaram tambem pelo tratado do Trianon numerosos slovenos.

O plebiscito da Carintia foi-lhes desfavoravel, graças á pressão dos interesses materiais que levaram os slovenos daquela região a optar por Alemanha.

Demais, tudo foi pelo melhor, mas os «ruler» do tratado de Versailles, esqueceram-se de que os slovenos precisariam de portos de mar para as suas relações comerciais e industriais com o mundo exterior.

Muito pacificamente se trata de realisar uma convenção Italo-Yugo-Slava-Fiumina para que a exploração do porto de Fiume se faça em comum.

Tambem se estuda a maneira pacifica mais viavel para fazer da historica Salonica um porto yugo-Slavo, visto que é para ali a maior tendencia comercial do novo Estado.

Quando, porém, a diplomacia balcanica fracassar, de que ha todos os visos de probabilidade, falarão os dois milhões de soldados que o tratado de Versailles armou e petrechou nos Balcans, e a Europa possivelmente ferverá de novo em sangue.

ULTIMA HORA

Notas politicas

Os oficiais de justiça na Camara dos Deputados

Hoje, antes da ordem do dia, proseguiu, na Camara dos Deputados, a discussão do projecto de lei que eleva os emolumentos e salarios judiciais, procurando-se, dessa forma, acudir á situação, que se diz aflitiva, dos oficiais de justiça.

Da discussão apurou-se, até este momento, uma circunstancia muito curiosa: os deputados discordam do projecto mas vão declarando que o votarão, apesar de contrariados. Esta doutrina é nova, em materia politica. Todos nós, cidadãos sui-juris e prontos pagadores das contribuições do Estado, todos nós suponhamos que os representantes do povo davam o voto conforme a sua convicção, que defendiam ou não verbalmente, segundo lhes apetecia ou julgavam util aos interesses nacionais. Se algum dia assim foi não o é agora. Os ilustres deputados gastam tempo a justificar um voto negativo e acabam por declarar que ele será positivo. Isto tem, ao menos, a virtude da originalidade paradoxal.

Devemos, a este proposito, referir que a opinião do sr. presidente do ministerio se manifestou contraria ao projecto, numa conferencia realisada no ministerio do Interior, entre s. ex.ª e a comissão central dos oficiais de justiça. O chefe do governo disse, então, que o novo regimen de emolumentos e salarios judiciais só serviria para esgotar ou diminuir a capacidade tributaria da Nação, circunstancia muito para lamentar por ocorrer exactamente no momento em que o Estado necessita de dinheiro. O sr. Antonio Granjo assegurou á comissão que, dentro de muito pouco tempo, alguns dias, se tanto, o custo da vida diminuiria consideravelmente, o que seria, na realidade, o mais eficaz remedio á situação de penuria economica em que se debatem quasi todas as classes, inclusivamente, é claro, a dos oficiais de justiça.

Apezar de tudo isto o projecto será aprovado, — se houver numero. E é possivel tambem que o seja mesmo sem o *quorum* legal, como acaba de acontecer com a acta da sessão ultima.

O metodo da maioria dos trabalhos parlamentares

Na Camara dos Deputados é mais o tempo que se perde em discussões absolutamente inuteis do que aquele que se utilisa no esclarecimento das questões e na votação dos projectos e propostas.

A maioria vai aprovando quantos requerimento lhe fazem para imediata discussão de projecticulos; e como estes são aos montes, inicia-se a discussão dum antes de terminar a discussão de outro e por tal forma e tão a miudo que raras vezes se conclui a discussão de qualquer. Interrompeu-se ha dias, recuando-se diante da oposição da minoria monarquica, a discussão e votação das indemnisações aos «traulitados» entre os quais figura, em primeiro lugar, o proprio Estado; e hoje poz-se de lado a questão dos oficiaes de justiça, sem nada se resolver de definitivo ou provisorio. E o caso repete-se todos os dias, com a passividade da maioria e a cumplicidade das minorias. Isto, assim, jámais foi visto!

O Misterio dos 50 milhões —Um facto novo

Nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados era hoje muito comentado o editorial do «Diario de Noticias».

Revela-se nele um facto novo, uma circunstancia inedita.

E vem a ser que o sr. Antonio Maria da Silva, sendo ministro das Finanças no gabinete Machado, foi um dos negociadores, parece mesmo que o principal negociador, do fantasioso credito de 50 milhões de dollars,—ou de 12 milhões esterlinos, para não nos afastarmos da provavel ordem cronologica. A verificar-se o facto—que, aliás, o «Diario de Noticias» não põe em duvida—a abertura sinfonica do «Misterio dos Cincoenta Milhões» foi escrita pelo sr. Antonio Maria da Silva, embora a orquestração do resto da peça fosse dirigida pelo sr. Afonso Costa. O que convinha, para perfeito esclarecimento da verdade, é que o sr. Afonso Costa viesse ao Parlamento dizer o que sabe, visto que o «mot d'ordre» é, agora, fazer perpetuo silencio sobre a fantochada.

"Republica"

Por motivo de ter de proceder-se á remodelação de varios serviços deste jornal resolveu-se suspende-lo pelo espaço de tempo estrictamente indispensavel á reorganisação que se projecta.

Um suposto roubo

Escrevem-nos desmentindo que no serviço dos vales-postais tivesse havido um roubo de 13000 escudos.

Gostosamente fazemos a retificação na noticia proveniente acaso da leviandade de algum dos nossos reporters.

Mais nos apraz ter de retifica-la do que confirma-la, o que seria muito mais doloroso para nós e para os al vejados.

O conflito dos electricos

Reuniu ontem a classe dos empregados da Carris que deliberou encarregar o vogal da mesma, sr. Humberto Saraiva, de auxiliar a resolução do conflito ha dias suscitado ente a Camara Municipal e aquela companhia.

Principe Luiz Batemberg

O telegrafo traz-nos a dolorosa noticia do falecimento deste personagem de alta representação, que era o Primeiro Lord do Almirantado em 1914, por ocasião de se dar principio á Grande Guerra.

Parlamento

Nos Deputados

Aberta a sessão cerca das 13,30 o sr. presidente põe em discussão o projecto de lei aumentando os emolumentos dos oficiais de justiça em 50 %.

O sr. Vasco Borges declara apoia-lo embora constrangidamente, e afirma que só com uma reforma dos serviços de justiça se pode conseguir uma situação conveniente para todos.

Os srs. Moura Pinto, Rodrigo Mealha e Mario de Aguiar mandam para a mesa algumas emendas.

O sr. ministro da Justiça como se trata de uma disposição transitoria tambem aprova.

O sr. Antonio Luiz Gomes requer que entre imediatamente em discussão a proposta sobre o regimen cerealifero, em vista das declarações do sr. Sousa da Camara de que o Estado já perdeu com a demora na sua discussão, cerca de cinco mil contos. Aprovado.

O sr. Nunes Loureiro mandou para a mesa a seguinte proposta:

«E' estabelecida a tabela reguladora dos preços dos trigos nacionais constantes da base 1.ª da lei de 14 de julho de 1899, sendo computados em ouro os preços nela fixados, e reduzida a escudos a taxa media das estações oficiais do cambio sobre Londres, no periodo que decorre desde 1 de setembro a 30 de junho.

§ 1.º—Aos preços em escudos poderá o ministro da Agricultura, quando se verifique que esses preços não são suficientemente remuneradores, adicionar uma percentagem que será expressa pelo numero de unidades desde que se componha a taxa media da divisa cambial.

§ 2.º—Até ao dia 10 de julho de cada ano o ministerio da Agricultura publicará a tabela dos preços dos trigos, calculados nos termos desta base.»

O sr. presidente do Ministerio pede a imediata aprovação da seguinte proposta de lei:

Art. 1.º—E' aprovado, para ser ratificado, o Protocolo de assinatura, de 16 de dezembro de 1920, do Estatuto do Tribunal Permanente de Justiça Internacional, instituido conforme o Pacto da Sociedade das Nações, bem como a declaração facultativa feita pelo representante de Portugal e anexa ao mesmo Protocolo.

Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.» Aprovado.

O sr. ministro da Agricultura justifica largamente algumas emendas que manda para a mesa.

A' hora em que fechamos este extracto está usando da palavra o sr. Vasconcelos e Sá.

No Senado

O sr. Dias de Andrade pergunta ao sr. presidente do ministerio o motivo por que foi prohibida a procissão em Paço d'Arcos, quando é certo que está convencido de que as procissões se não fazem para ostilisar o regime.

O sr. presidente do ministerio declara que, não obstante estar disposto a fazer respeitar a liberdade do culto dentro da lei, o governo pode, sem hesitação alguma, proibir a ostentação do culto quando assim o entenda.

O sr. Correia Barreto requere urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei autorizando o governo a adquirir pelo ministerio da Guerra e pela quantia maxima de 200 contos, o previlegio Salemo para a restauração dos canos das armas de fogo portateis por meio da retubagem. Foram concedidas urgencias e dispensas.

O sr. Herculano Galhardo protesta contra a administração escandalosa dos Transportes Maritimos, afirmando que a nossa frota mercante assim administrada, em vez de ser um bem para a economia nacional, está sendo um caos para a mesma economia.

O sr. ministro do Comercio diz que se os Transportes devem ao Estado, tambem não é pequena a divida deste aos Transportes. E' de opinião que o organismo dos T. M. E. seja remodelado, no entanto faz justiça á boa vontade e honorabilidade daqueles que estão á testa desse estabelecimento.

O sr. presidente do ministerio promete, logo que o Parlamento reabra, apresentar ao Parlamento algumas propostas de lei tendentes a resolver o problema dos Transportes Maritimos e Caminhos de Ferro.

Reis da Belgica

Noticias da Argelia informam ter ali chegado á capital os reis da Belgica que foram ruidosamente ovacionados.

Repartição do primeiro bilião de marcos

PARIS, 12.—O «Petit Parisien» entrevistou o sr. Doumer que confirmou ter colhido em Londres a impressão muito nitida de que o governo inglez estava animado de um sincero desejo de se chegar a acordo sobre a divisão do primeiro bilião de marcos entregue pela Alemanha, divisão que havia sido feita pela conferencia financeira de Paris e com a qual o governo francez se não conformou.—(H)

Alta Silesia

VIENA, 12—O batalhão italiano que havia chegado a Wieuerneustadt para manter a ordem em Burgenland alterada pelos bandos hungaros, partiu daquela cidade para a Alta Silesia, em conformidade com ordens recebidas.—(H).

Poeira da Arcada

O sr. dr. Fernandes de Almeida, senador por Vila Real, entregou hoje ao sr. presidente do Ministerio uma representação da Associação dos Caçadores Portuguezes, pedindo varias alterações na lei da caça, e interessou-se junto do sr. dr. Antonio Granjo pelo deferimento do pedido.

✦ ✦ ✦

Os srs. presidente do Ministerio e ministro da Guerra partem amanhã para Portalegre, no comboio das 21,15, a fim de na 4.ª feira assistirem á aposição das insignias da Cruz de Guerra na bandeira de infantaria, 22.

Acompanham o chefe do governo o seu secretario, sr dr Henrique Cabral e o sr. ministro da Guerra os seus ajudantes, srs. capitães Narciso de Souza e Carlos Mascarenhas de Menezes. Os dois ministros estarão de regresso na 5.ª feira.

✦ ✦ ✦

No dia 18 do corrente realisa-se em Cintra uma festa solemne para reabertura da «Sala dos Ministros» do Palacio Nacional de Cintra.

Para essa festa estão convidadas varias individualidades oficiais, o Chefe do Estado e o sr. ministro da instrução.

✦ ✦ ✦

Conferenciou hoje, com o sr. ministro do Trabalho, uma comissão das juntas de freguezia; com o sr. presidente do ministerio e ministro do Interior, o general sr. Gomes da Costa, e com o sr. midistro da Instrução o reitor do Liceu de Aveiro, sr. Alberto Casquinha Pratas.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do Trabalho recebe amanhã uma comissão de operarios corticeiros do Barreiro.

✦ ✦ ✦

O sr. presidente da Republica e o sr. *ministro do Trabalho visitarão* na proxima quarta feira as obras do novo manicomio do Campo Grande.

O conflito austro-hungaro

Uma zona de segurança

VIENA, 12.—Depois de uma conferencia que se realisou na fronteira entre o presidente do conselho austriaco e os membros da missão interaliadas foi delimitada uma zona de segurança em Burgenland para proteger a bacia de Wieneneustadt e as minas de carvão da região vienense.

Todos os membros da missão julgaram indispensavel pôr termo rapidamente á acção dos bandos hungaros que operam em Burgenhand.—(H.)

Congresso Municipalista Nacional

A reunião da Comissão Organisadora deste Congresso, efectuado no dia 10 do corrente numa das salas dos Paços do Concelho, foi da maior importancia pelas resoluções ali tomadas.

Presidiu o sr. Costa Gomes, digno Presidente da Junta Geral do districto de Lisboa, servindo de Secretario por impedimento do sr. Francisco Bernardino Cardoso, o 1.º oficial da Secretaria da Junta Geral.

Justificaram a sua não comparencia á reunião, os srs. João Raimundo Alves e José Dias da Silva.

No expediente encontravam-se oficios de Camaras Municipaes demonstrativos do interesse que o Congresso vai despertando, comunicando a sua representação e quais as teses que se incubem de relatar, todas deveras importantes e todas ao disedecratum ambicionado completa descentralisação e autonomia administrativas.

Um leão historico

Algumas aventuras do Baby

De um jornal do Brazil, «A Noite», recortamos a parte mais importante de um relato do sr. Carter, empresario norte-americano, a proposito de um leão de origem portugueza, que lhe permitiu fazer fortuna.

Fala o senhor Carter:

«Sigo para Buenos Aires, chefiando uma companhia teatral, composta de dez artistas. A figura principal da «troupe» é o «Baby», o leão que o senhor deve ter visto, lá fóra, no convés do navio. O «Baby» foi adquirido por mim, ha cerca de dez anos em Lisboa. E' um leão... historico. Vou-lhe explicar. Naquela epoca, ele contava, apenas, um ano de idade e vivia como um principe no palacio das Necessidades! Era o animal favorito do ex-rei D. Manoel II. Veiu a revolução, e, os republicanos, mais tarde, venderam tudo o que pertencia ao antigo monarca. O «Baby» foi a leilão e eu, então, arrematei-o pela insignificancia de quarenta libras. Dai em deante, fui a pouco e pouco, amestrando-o, até que consegui fazer dele o animal que me da uma renda fabulosa. Já estive realisando exibições em varios paizes da Europa e ha pouco tempo fui á China e ao Japão. Agora, regresso de uma excursão pela Africa do Sul. Além do «Baby» levo para Buenos Aires, dois «Guenapigs», que são especimens raros adquiridos na China. No regresso de Buenos Aires, pretendo passar um mez no Rio.»

Isto não se parece com um leão a não ser na forma. Este animal é a verdadeira «mascote» do domador americano.

Touradas

Os verdadeiros «Charlot's» novamente em Lisboa

Charlot's Llapisera y su Botones, os verdadeiros ou por outra os inventores e executores sem rivais do toureio burlesco, e que por seus meritos são os unicos que são admitidos na praça grande de Madrid, e que Lisboa já conhece desde que no principio desta epoca a empresa do Campo Pequeno aqui os apresentou, voltam a Lisboa no sabado e domingo, trabalhando no sabado á noite no Campo Pequeno e no domingo de tarde em Algés, sendo o gado para a primeira corrida de Norberto Pedroso e para a segunda propriedade da empresa.

Em ambas as corridas os cartazes serão completados com outros atrativos, figurando na primeira alguns dos melhores artistas portuguezes.

Moita

Decorre amanhã o terceiro dia de festa na Moita, com espera de gado, feita por numerosos e distintos aficionados a cavalo, embolação com musica e corrida com touros de Joaquim Martins para o cavaleiro José Casimiro, bandarilheiros Cadete, J. Costa, J. Frois, A. Coelho, J. Dias e F. Felix e para os forcados de Vila Franca chefiados por Manuel Burrico, havendo tambem um touro para curiosos. Por especial deferencia tomam parte os distintos bandarilheiros amadores srs. Artur Ribeiro e Mario Pires. José Casimiro toureará o dificil touro conhecido pelo «Inimigo dos cavaleiros». Como ontem, haverá comboios especiais a preços reduzidos de ida e de volta, e á noite arraial, iluminação, concerto, bailes e descantes, etc.

Movimento cooperativista

Cartas de racionamento

A Federação Nacional das Cooperativas está distribuindo pelas Cooperativas federadas de Lisboa, cartas de racionamento para açucar amarelo, que para este fim lhe foram distribuidas pelo Comissariado Geral dos Abastecimentos.

A Direcção da Federação Nacional das Cooperativas solicitou uma audiencia ao Governador da Caixa Geral dos Depositos a fim de se ocupar de assuntos de alto interesse do Cooperativismo nacional.

A CAPITAL

3885 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 13 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

O REI DA PALESTINA

Embora se continui apregoando os altos meritos do sr. Afonso Costa como diplomata e financeiro, resalvando-se inteiramente a sua responsabilidade no contracto-burla ande ele poz a sua assignatura, que representava a de Portugal, ao lado da dos srs. Manuel de Noronha e Nogueira Pinto, o certo é que, na realidade, o que se procura é abafar o mais rapidamente possivel o escandaloso caso, o qual se tornou tanto mais bicudo quanto é certo que o sr. Afonso Costa fez declarações pelas quaes se verifica que continua considerando entidades serias e competentes os directores do Credit que vigarisaram o Estado portuguez para realisarem a mais formidavel especulação cambial dos ultimos tempos. Por isso no parlamento não se pronuncia uma palavra sobre o extranho caso; por isso o proprio «Mundo» mal gagueja algumas palavras que presume serem de defesa do antigo chefe democratico. O terror de toda a gente que procura conservar intangivel a reputação financeira do sr. Afonso Costa é que o negociador oficial do contracto-burla venha de Soia até ao velho casarão de S. Bento, e ahi explane a questão debaixo do ponto de vista que expressou ao correspondente do «Seculo» e que singularmente briga com o criterio que o governo e o parlamento patentearam em relação ao facto, isto é, que só a gente do Credit procedeu criminosamente no assumpto, tendo o sr. Afonso Costa sido iludido na sua boa fé.

A publicação textual do contracto, hoje feita pelo «Diario de Noticias», demonstra quanto se torna dificil abafar o caso. O que nele se vê é que o negociador, por parte do Estado, sancionou as condições mais inaceitaveis num contracto em que tudo era equivoco e insubsistente. Com efeito, o «Credit» de Anvers, fundado «ad hoc» para se realisar a vigarice projectada, não dava garantias nenhumas para a viabilidade desse contracto Apoiava-se no famoso Williams, que por seu turno dizia apoiar-se num grupo financeiro americano, o qual, por seu turno ainda, se apoiava na «War Finance Corporation». Tudo isto tinha que desabar e desabou, quando a «War Finance Corporation» declarou ao nosso ministro em Washington que não conhecia nem tinha nada com o tal Williams. Não tinha nada com o Williams, nem com o fantastico grupo americano por ele constituido. Com a declaração da «War Finance Corporation» desapareceu o grupo financeiro. Com a queda do grupo financeiro desapareceu o Wiliams. Com a queda do Williams desapareceu o «Credit de Anvers». Com a queda do «Credit de Anvers» desapareceu o resto, ficando só o governo com o contracto que o sr. Afonso Costa lhe remeteu e que hoje não representa mais do que uma famosa burla historica.

Tudo desaparece; desapareceram as libras compradas na alta ficticia, para serem vendidas com a actual e aprazivel divisa dos 6. Desapareceu tudo, até porventura o reino da Palestina.

O reino da Palestina? Talvez o leitor se admire de entrar em tudo isto a Palestina. Pois entrou, e talvez — quem sabe? — como o mobil mais poderoso da aventura. E' que o leitor ignora que o «Credit de Anvers», cuja formação tudo indica ter sido realisada para se levar a cabo a manobra do contracto, é obra principalmente do sr. D. Manuel de Noronha, e o sr. D. Manuel de Noronha, cuja nobreza remonta á epoca das Cruzadas, orgulha-se, parece que com justo titulo, de ser descendente daquele celebre Godofredo de Bouillon, chefe de cruzados, que tomou Jerusalem, e ali instituiu um reino, cercando a fronte com a respectiva corôa. Era o reino christão, que os infieis mais tarde destruiram, abatendo a bandeira da Cruz das muralhas da cidade que viu o martyrio do Justo.

Uma das consequencias da grande guerra foi incutir nos milhões de judeus, dispersos pelo mundo inteiro, a esperança de recuperarem a patria de seus pais. Essa velha aspiração, que vem atravez dos seculos, e que modernamente tomou o nome de seonismo, tomou ultimamente aparencias de viabilidade. Como podia um descendente de Godofredo de Bouillon admitir sequer a hipotese de ressuscitar o reino judeu? O sangue pulsou nas veias do sr. Noronha; o seu espirito aventuroso forneceu-lhe instinctos de combate. O seu pensamento foi grande. Não! Ele procuraria ressuscitar, em *Jerusalem*, não o reino judeu, mas o reino cristão. Seria o rei da Palestina, mesmo que para isso tivesse de se aliar com o conde de Cagliostro. Mas o milagre havia de se fazer. Hoje os milagres fazem-se com dinheiro. A alta intenção que o norteava certamente desfez os escrupulos do sr. Noronha.

O fim justifica os meios, e quem sabe se, florescente a Palestina christã, o seu rei não poderia restituir um dia, em toda a casta de beneficios ao seu antigo paiz, o producto da vigarice consumada em detrimento do Estado portuguez?

A lenda e a historia uniram-se para a realisação do alto pensamento palestinico em que toda uma civilisação se interessa, e se dai ainda não resultou senão uma obra prima de «escroquerie» que até ao «Mundo» causou admiração, não é isso motivo para que desesperemos de ver ainda o sr. D. Manuel de Noronha cingindo a corôa do seu respeitavel avô, e apontando á raça judaica, mais uma vez, o caminho de Asheverus que a maldição divina lhe marcou para toda a eternidade.

Os crimes do sadismo

O homem que golpeia mulheres

E' um das inversões morais mais repugnantes de que ha conhecimento.

Ha muitos anos houve em Lisboa um brilhante professor de desenho, que mais tarde fundou um colegio a que deu o nome de — Escola Moderna — na calçada do Marquez de Tancos.

Chamava-se Durão. Com o seu vestuario austero, as suas longas barbas á D. João de Castro e maneiras circunspectas, a todos infundia respeito e confiança.

Não tardou, porém, que, violentamente atacado de priapismo, acaso resultante de grande ingestão de afrodisiacos, se tornasse um devasso de tal petulancia, que a Escola lhe ficou deserta, pelo terror que o seu director infundia aos pais e aos proprios alunos.

Na memoria de todos estará ainda o caso desse outro erudito publicista — Deusdado, — professor oficial que teve de se ausentar por motivos egualmente vexatorios.

Os anais psiquiatricos e a medicina legal registam numerosos casos de assassinios, sevicias e mais violencias geradas pelo sadismo da pior natureza, aquele que se locupleta e esta sia com a dor e sofrimento das suas victimas.

A maior parte dos casos de assassinio, ou tentativa, com requintes de perversidade e tortura, devem atribuir-se ao sadismo desta categoria.

Desta vez, os jornais do Brazil, especialmente «A Noite» — veem alarmados com um caso novo de sadismo, que consistia em anavalhar as barrigas das pernas das raparigas que transitavam nos carros — «bondes» como lá se chamam.

Suspeita-se que o autor deste estravagante prazer se chama Noronha Gouveia, já apelidado pelos brazileiros — o cortador de mulheres.

O instrumento do crime era uma navalha finissimamente afiada. Já foram tratar-se aos hospitais trez victimas — Arcelina Morlin, Estefania Loureiro e Henriqueta Moura.

O processo adoptado era simples. O sádico escolhia a victima. Ao tentar apiar se, fingia cahir e nessa ocasião dava o golpe e apeava-se disfarçadamente. A mulher tinha apenas a sensação de uma mordedura de vespa, ou arranhão de um anel, como sucede com os golpes de navalha. Só depois reparava que o golpe na barriga da perna era fundo, e escorria sangue.

Quanto a psiquiatria ainda tem de estudar, antes que esplique psiquicamente estas aberrações!

EM NOME DA RAÇA

O "Avenida,, em fóco

Sr. redactor da «Capital». — Só agora me foi possivel lêr o seu jornal de 10 do corrente.

Parece-me inutil assegurar-lhe que li com o maior interesse o vibrante, sentido e nobre artigo do sr. José Leitão de Barros a respeito das torpes representações infantis no teatro da Avenida. Devo, porém, observar a V. que, das instituições a que se refere, uma delas, a «Liga de Higiene Moral e Social», deve reunir ainda esta semana para se ocupar, exclusivamente do assunto, e creio bem que fará ouvir de todos o seu protesto.

A «Juventude Catolica de Lisboa», segundo me informam, aguarda essa reunião para se associar ao movimento que terá de iniciar-se.

E como decerto o sr. Leitão de Barros não quere ser injusto, sempre lhe direi que, como vice-presidente da «Liga de Higiene Moral e Social» lancei o meu grito de alarme logo no dia 5, no jornal «A Epoca», e depois no «Seculo», edição da noite de 6, (1.ª pagina).

Aos pedagogos, aos medicos, aos chefes de familia e a instituições como o «Ressurgimento Nacional» e a «Liga do Coração Portuguez» me dirigi eu, nesta segunda carta. E confio que ouvirão o meu apelo ou antes, o nosso apêlo.

Agradecendo a publicação destes esclarecimentos, subscrevo-me com toda a consideração. — De v., etc.

Zuzarte de Mendonça.

Paquete "Almanzora"

Por telegrama recebido do Cabo Espichel, sabe-se que acaba de desencalhar e navega com rumo á barra este barco que ha dias ali estava encalhado.

UM FILM DE ACÇÃO

O mistério dos 50 milhões

O sr. Mendes dos Reis declára-nos que o governo não deve esquecer nunca a vontade da Nação, expressa na moção Cunha Leal, que foi aprovada na Camara dos Deputados por unanimidade

O senador sr. Mendes dos Reis caminhava apressadamente para a sala do Senado, quando o jornalista o abordou e após os cumprimentos usuais, lhe fez esta pergunta:

— Qual é a opinião de v. ex., como senador da maioria, ácerca da já celebre negociata dos 50 milhões?...

O sr. Mendes dos Reis estacou a meio do corredor dizendo-nos:

— Tudo quanto eu lhe disser a esse respeito não tem absolutamente nenhuma originalidade, pois tanto já se tem dito e escrito que eu não conseguirei, por maior vontade que tenha em o servir, dar-lhe duas ou trez notas que mereçam ser publicadas.

Nós insistimos e o ilustre parlamentar acede amavelmente:

— Eu estou convencido de que a unica maneira de solucionar a gravissima questão, foi aquela que o sr. Cunha Leal apresentou á Camara dos Deputados, numa moção ali aprovada por unanimidade.

«O sr. dr. Antonio Granjo com a rectidão e justiça que o caracterizam, fez o que devia e lhe estava indicado pela opinião parlamentar:

«Entregar o assunto á Policia de Investigação para que ali fossem apuradas as responsabilidades das diversas entidades componentes do *Crédit International de Anvers*.

«Eu estou intimamente convencido de que o sr. presidente do governo não deixará no esquecimento esse tremendo escandalo, e fará punir judicialmente, até onde a lei o permitir, os individuos que no apuramento final de responsabilidades, se provar terem procedido com intenções criminosas.

«De resto — acrescentou o sr. Mendes dos Reis — as camaras não esquecem facilmente o caso, e pediriam; na altura devida, severas contas a quem quizesse por qualquer meio abafar essa tremenda embrulhada, a que o nome e o prestigio do paiz andaram tão intimamente ligados!

E o sr. Mendes dos Reis, concluí:

— E é tudo quanto a esse respeito lhe posso agora dizer.

— Uma outra pergunta: A quando da organisação do governo Granjo, falou-se no nome de v. ex.ª para ministro da Guerra, sendo portanto interessante ouvir a sua opinião acerca da redução dos quadros do exercito que o sr. ministro da Guerra pensa realisar?...

— Se fosse eu quem estivesse á frente da pasta da guerra, que só aceitaria com grande sacrificio, procuraria antes de mais nada melhorar a situação das praças e oficiais do exercito, situação bastante critica pelos parcos vencimentos que actualmente estão recebendo.

«Sou de opinião que a reorganisação do exercito se deve fazer, mas duma forma bastante criteriosa e depois de maduramente estudada pelos tecnicos na materia e pelo Estado Maior General, e nunca de afogadilho como certas questões de magna importancia costumam ser tratadas.

— E sobre politica não poderia v. ex.ª dizer-nos alguma coisa?...

O sr. Mendes dos Reis esboça um leve sorriso e diz-nos:

— Acerca de politica só lhe direi que acho bastante prematuras e injustificadas, as declarações feitas ha dias pelo sr. Julio Ribeiro, declarações que profectisavam, dentro de breve praso, um novo ministerio composto por elementos «granjistas» e reconstituintes.

«Acho arrojada tal afirmação, tanto mais que nada parece indicar que o governo Granjo não se aguente no poder.

E, concluindo, o senador sr. Mendes dos Reis declára-nos:

— Eu estou convencido de que o governo tem assegurada uma larga estabilidade e que pelo menos, se conservará assim constituido até Dezembro, ou seja até á abertura das Camaras.

Noticias do Brazil

RIO DE JANEIRO, 12. — As entrevistas do sr. Carvalho Azevedo com o ministro dos Estrangeiros e com o sr. Presidente da Republica teem sido comentadas muito favoravelmente ás relações entre os dois paizes.

Causaram aqui muito boa impressão as homenagens de que foi alvo o director geral da Agencia Americana.

Os titulos do emprestimo dos 200 mil contos foram admitidos á cotação oficial. O sucesso do emprestimo foi tão prodigioso que tem sido impossivel satisfazer os pedidos que a todos os momentos chegam aos encarregados da emissão.

O Lloyd Brazileiro emprega 10 paquetes e 8 vapores de carga nas linhas Santos Nova-York, Santos New Orleans e Santos Europa e Santos Mediterraneo.

O sr. dr. Ruy Barbosa deverá ser eleito juiz do supremo tribunal permanente de justiça internacional.

Em Santos: Café tipo 4, 15$600; vendidas 10.000 sacas, ficando um stock de 2.807.605.

No Rio de Janeiro: Cotação do café, 18$400; cambio s/ Londres, 8 5/32 e 8 7/32; valor do escudo portuguez, 795, 850 réis. — (A).

A lei protege os animais bravios contra a agricultura

São grandes os prejuizos causados pelos animais bravios nas ortas, cearas sementeiras e até nas plantações de arvores e de arbustos, pululando por toda a parte os coelhos, que parecem procrearem se com fecundidade semelhante á que teem na Australia.

E não podem os proprietarios e cultivadores libertar-se do semelhante praga, porque o preceito do art. 392 do Codigo Civil foi revogado pela disposição aliaz obscura do art. 17 da lei n.º 15 de 7 de Julho de 1913, que tem de confrontar-se com os artigos 18 e 20 da mesma lei.

Reconhecendo o mal que advinha para a agricultura da observancia do art. 17 da lei n.º 15 sobreveio o decreto n.º 2038 de 11 de Novembro de 1915 que não tendo a amplitude do art. 392 do Codigo Civil continuava a restringir o direito dos proprietarios e cultivadores a não poderem defender-se dos animais bravios no tempo da véda como se os prejuizos causados á lavoura pelos animais bravios não aparecessem no tempo da véda!

Veio finalmente a lei n.º 484 de 19 de fevereiro de 1916 que suspendendo a execução do decreto n.º 2038 de 11 de novembro de 1915, que ainda assim permitia aos proprietarios e cultivadores defenderem-se dos animais bravios no tempo não vedado, pôz novamente em vigor a lei de 7 de julho de 1913, prometendo aliás um novo projecto de modificação a este diploma.

Pois desde 1916 que estamos á espera e nada!

No entanto a propagação dos animais bravios não espera por ninguem e a agricultura que continue com os seus prejuizos.

Urge restabelecer quanto antes e em toda a sua plenitude e clareza o art. 392 da Codigo Civil.

Quem o redigiu e ainda quem redigiu toda a secção que vai desde o art. 384 ao art. 394 do mesmo codigo sabia bem o que fazia, porque conhecia perfeitamente as circunstancias do paiz e certamente decalcou o seu estudo sobre a caça no alvará de 1 de julho de 1776 e nos Assentos da Ordenação do Reino expressamente citados nesse alvará.

Quem redigiu a lei n.º 15 é que com certeza não leu o alvará de 1 de julho de 1776 e despresando a obra do marquez de Pombal sobre a caça adoptou a primor o preceito de Thomas Kempis: — *ama nescire*.

Despresou a obra do Marquez, porque todo o contexto do diploma sobre a caça, a tal lei n.º 15, tem por fim criar neste paiz uma situação privilegiada ou ao caçador ou á licença para caçar ou á multa, quando o Marquez de Pombal protegendo a lavoura rasgadamente é num tempo em que ainda não havia em Portugal a fome que hoje ha, deu caça aos caçadores, que havia por uns bandoleiros do direito de propriedade, a fonte imprescindivel da riqueza e da prosperidade publica. Oferece-se a Russia como documento vivo e morto aos cegos que não querem ver.

Eleminar da nossa legislação o art. 392 do Codigo Civil é praticar um verdadeiro atentado.

Atentado contra a economia publica de Portugal, porque devendo considerar-se certos os fructos da agricultura e incertos os productos da caça, o legislador de 1913 trocou o fructo certo a saber: a horta, a ceára, o pomar, a plantação e a sementeira pela caça que foge e voa. Seremos nós um povo caçador?

Atentado contra a situação moral da população, porque o pobre que plantou a horta, que semeiou a ceara, não tem o direito sequer de defender o producto do seu trabalho contra um animal bravio enquanto que o rico ou o remediado tem a sua mesa a caça que quizer comprar e até em tempo defeso.

Onerar-se com o custo de uma licença o pobre cultivador para defender o que é seu e convida-lo a não cultivar ou a encarecer os productos do seu cultivo em prejuizo das classes pobres.

Atentado contra o bom senso, porque tendo o cultivador o direito de defender a sua cultivação até contra outro homem que a queira prejudicar não tem o direito de a defender contra um animal bravio!

Não! Num paiz bem governado tem de voltar ao seu pleno vigor e á sua plena redação a letra do art. 392 do Codigo Civil em todo o tempo e em qualquer tempo, visto que em todo o tempo e em qualquer tempo o animal bravio pode prejudicar a agricultura.

Não pode continuar-se com semelhante barbarie, porque enquanto a caça folga procriando-se, a lavoura restringe-se não cultivando; urge que se cumpra a revisão prometida na Lei n.º 484 no sentido de voltar a vigorar o art. 392 do Codigo Civil.

A. A.

INGLATERRA

Nova baixa de preços nas materias primas

LONDRES, 13. — Verificou-se uma baixa importante no cobre, estanho, zinco e chumbo. Baixou tambem o algodão americano. — (H.)

Conferencia do desarmamento

E' preciso alimentar a evolução dos povos

GENEBRA, 13. — No inicio da sessão da conferencia do desarmamento, a assembleia por proposta da delegação portugueza, nomeou presidente de honra o sr. Ador como homenagem á Suissa pelas grandes obras internacionais a que o sr. Ador tem consagrado o seu esforço. O sr. Urutia, delegado da Colombia, declarou que a evolução que se faz na alma dos povos é preciso alimenta-la não deixando perecer uma instituição que, como a Sociedade das Nações, é a unica a poder realisar as aspirações mais uteis á humanidade. — (H.)

QUESTÕES POLITICAS

Ouvindo o sr. Ramos da Costa

Eram 13 horas quando encontrámos nos Passos Perdidos o ilustre deputado democratico, sr. Ramos da Costa, que se encaminhava apressadamente para o hemiciclo.

Cumprimentámos s. ex.ª e perguntámos-lhe, quasi á queima roupa:

— Então que nos diz v. ex.ª ácerca da situação politica, após as sensacionais revelações feitas pelo ministro das Finanças?

— Ah! fez o deputado da maioria democratica — v. refere-se á questão dos 50 milhões?...

«A esse respeito nada lhe posso ainda dizer, tanto mais que não acredito que o dr. Afonso Costa se deixasse ingenuamente enganar por um qualquer «vigarista» de maior ou menor quilate. Tambem não creio que s. ex.ª procedesse de má fé ou interessado no tenebroso contracto, tornando-se necessário, portanto, ouvir o sr. Afonso Costa antes de me pronunciar sobre o assunto.

«De resto o governo, segundo já li nos jornais, ordenou á policia de investigação que procedesse e investigasse como determina a lei, e segundo as disposições da moção do sr. Cunha Leal, aprovada por unanimidade na Camara dos Deputados.

«Acerca da atitude do governo Barros Queiroz na questão do contracto, tenho a dizer-lhe que estou plenamente convencido de que ele procedeu com a máxima lisura, embora com alguma leviandade, o que é compreensivel atendendo á maneira habilidosa com que o já celebre contracto foi apresentado.

— Que prevê v. ex.ª ácerca da estabilidade do governo chefiado pelo sr. dr. Antonio Granjo?

O sr. Ramos da Costa acende o seu charuto e diz-nos pausadamente.

— Eu estou convencido de que o governo Granjo se aguentará no poder por largo tempo, pelo menos até á abertura das camaras, que consta serem encerradas dentro de breves dias,

«Demais, o sr. Granjo tem dentro do Partido Liberal todo o prestigio e autoridade suficientes para lhe assegurarem a estabilidade do ministerio a que preside.

«E estou até convicto de que, se o governo presidido pelo sr. Granjo não se aguentar, ninguem conseguirá formar gabinete dentro do Partido Liberal, tanto mais que este ministerio já tem dois independentes!

E após uma breve pausa:

— E é pena na verdade que assim suceda, pois a Nação necessitava duma sensata e honesta administração publica, que fosse capaz de a fazer sair da camisa de onze varas em que está metida!

«O nosso comercio está verdadeiramente deploravel e ninguem pensa a sério em remediar a sua situação angustiosa.

«A nossa velha aliada Inglaterra, não nos protege absolutamente nada sob o ponto de vista comercial.

«Aos nossos navios que tocam nos seus portos carrega-os de impostos, de taxas e sobretaxas, que dificultam e tornam quasi impossivel o comercio com aquele paiz, um dos mercados que os portugueses mais podiam explorar, se os nossos amigos aliados mudassem de sistema e atitude.

E concluindo, o ilustre deputado sr. Ramos da Costa diz-nos:

— Olhe, meu caro amigo, é bem certo o ditado que diz: «Bastar-se a si é sobejar para os outros!...

Da America do Sul

SANTIAGO, 12. — Vai realisar-se em breve uma nova reunião de produtores de nitratos com o fim de fixar definitivamente o preço daquele produto.

LIMA, 12. — O governo do Peru resolveu submeter a questão de Tacnarica á conferencia de Washington.

PANAMÁ, 12. — O governo da republica nomeou Amador delegado á Liga das Nações em Genebra, constando que a republica visinha de Costa Rica nomeou para o mesmo efeito De Peralta. — (Americana).

A Espanha em Marrocos

Continuam as luctas parciaes

MADRID, 13. — Uma nota oficiosa do governo datada de Melilla diz que os hespanhoes ocuparam brilhantemente, sem perda alguma, Souk el Arbaa e a aldeia do mesmo nome. A infantaria e a cavalaria protegeram os tiros da esquadra, dispersando assim o inimigo, que abandonou as barracas com material e os depositos de cevada e trigo, sendo tudo apreendido pelas forças hespanholas. — (H).

Lavra entusiasmo nas tropas de Melilla

MADRID, 13. — Faltam noticias particulares de Melilla. Consta, porem, que as operações continuam victoriosamente. Os jornais conquanto aceitem a censura, pedem ao governo uma maior amplitude na publicação das noticias oficiais.

Dizem de Melilla que as tropas que tomam parte nas operações partiram cheias de entusiasmo e foram aclamadas pela multidão que se aglomerava ás portas da cidade. O serviço de informações assegura que o inimigo que se achava concentrado em Nador retirou para o interior.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

A regra dos Conventos e a ociosidade — Os profissionais da esmola — As conspirações conventuais — A velha prostituição

Em geral a vida dos Conventos era banal. Passava-se entre orações e cilicios, contrabalançados por um excesso de gozos e comodismo.

Preponderava a ociosidade, áparte as poucas excepções constituidas por estudiosos pachorrentos e pacientes que nos legaram varias crónicas, algumas deveras interessantes e elucidativas das epocas a que se reportam.

Tambem a sabedoria das nações se encarregou de consignar o espirito da ociosidade fradesca:

— «Moço de frade, mandae-o comer, e não que trabalhe.»

Naqueles mesmos, porém, ainda nos mais serios, que se entregavam a investigações historicas, raras vezes a probidade presidia aos seus trabalhos, tanto mais que as proprias Ordens religiosas lhes impunham sobre o caso regras e sancções.

A revelação de quanto eram trapaceiros e mentirosos encontra-se em varios documentos vindos á publicidade.

Citaremos ao acaso um, entre tantos:

— «Todo aquele que é eleito para chronista, deve desempenhar os seus deveres colhendo os livros, tanto do progresso da sua Ordem, como de milagres e vidas dos seus Santos; e todo aquelle que se não vale da industria das fabulas e factos pueris, é imediatamente expulso» para entrar outro em seu lugar (1).

Em tempos de D. Sebastião, até ele subiu uma petição assinada por numerosos folhos do povo, em que se pedia para que não se fizessem mais conventos pelos muito que havia e tambem por serem prejudiciaes e enfadonhos tantos peditorios.

Com efeito, só em Lisboa se contavam mais de dois mil pedintes (2) sem entrarem os profissionais — andadores das almas —, de que ainda pela provincia se encontram vestigios, nesses homens de balandrau de cor, encarnado na maior parte das vezes, que, de bandeja ou sacola de veludo, exploram com o Santissimo e as almas do purgatorio.

Então, pois, de todas as Igrejas e Conventos saiam profissionais da esmola a vender bentinhos e outros amuletos. E de caminho pediam para a cera de varios santos e santas da côrte do céu, para os cativos, para a Santa Cruzada, para indulgencias, para beneficiados, para tudo.

Até na forma de pedir se procuravam modos sugestivos, como hoje se usa por motivo de comercio, com os anuncios os reclames, os bandos de touros, etc.

Algumas das fórmulas de peditorio eram deveras grotescas. Em tempos de D. Manuel, por exemplo, conservaram-nos as cronicas a memoria de um certo Contreras, frade, que andava pelas ruas de Lisboa a pedir esmola, escarranchado num burrinho que um anão ia chicoteando. (3).

Nem sempre assim fôra. Primitivamente, os mosteiros constituiam baluartes austeros onde os Cristãos se abrigavam das perseguições de que se viam alvo. Constriam-nos em lugares solitarios: ás vezes no deserto.

Igualmente as Ermidas (de ermo) com os seus ermitões.

Uma vez aluido o velho paganismo greco-romano, terminaram a sua missão, e por toda a Europa foram entrando em lenta decadencia, que as luctas da Reforma mais apressaram, excepto em Portugal, onde, como centro da Contra-Reforma, continuaram a construir-se, e a ampliar as suas exageradas regalias.

Tornaram-se evidentemente centros politicos de uma reacção fortemente organisada para a manutenção de todas as regalias e prerogativas da Igreja ameaçada.

Tendo o movimento geral da Renascença levado a observar friamente a velha liturgia e os mitos do quasi extincto paganismo, foi possivel considerar quanto eram mais belos e mais fascinadores do que o Cristianismo que deles havia feito um arremedo.

Assim foram as classes mais doutas levadas a uma secreta descrença, deixando as massas populares sós, entregues á contemplação ascetica do Crucificado,

Penetraram estas nos hombrais do fanatismo e aquelas nos de hipocrisia, tornando-se-lhes a Igreja e os Conventos nas suas mãos armas poderosas de combate politico.

Os Conventos, portanto, nem sempre foram centros de paz e mansidão. A's vezes transformavam-se em verdadeiros arsenais e focos de conspiração politica, como sucedia com o Mosteiro de Santa Cruz, que chegou a possuir varios corpos de armas brancas, e muitas couraças com clavaduras douradas sobre veludo, piques, lanças, alabardas, montantes, espadas de duas mãos, escudos de aço, rodelas, espadas largas, arnezes de laminas, etc. (4)

Tambem a moralidade lá dentro deixava muito a desejar á austeridade cá fóra apregoada.

Esta observação levaria o nosso Gil Vicente no «Auto da Feira» a pôr na boca de um dos seus personagens esta dolorosa quadra:

> «Vê que clerigos e frades
> Já não teem ao Ceu respeito,
> Mingua-lhes a santidade
> E cresce-lhes o proveito.»

O desbragamento de costumes era cada vez maior.

Tanto D. Afonso V, como D. Manuel e D. Filipe, nas suas ordenações legislam contra crimes abominaveis de sodomia, sadismo e outros, de que felizmente na epoca actual parece não haver exemplo similar.

Contra Clerigos e Frades encontram-se leis especiais para aqueles que desrespeitam e desonestam Freiras, contra as barregãs de Clérigos e outros religiosos, etc.

A' sedução das Freiras nem os Monarcas, por mais que legislassem, conseguiam furtar-se, tão belas seriam na simplicidade dos seus habitos! Em Odivelas tiveram freiras por amantes D. Afonso VI e D. João V. No Convento de Sant'Ana e no Calvario teve-as D. Pedro II.

Já no fim do seculo XVI ainda D. Filipe teve de promulgar lei contra as pessoas que ficassem com freiras nos mosteiros e contra os que as acompanhassem.

A prostituição oficialmente reconhecida é entre nós antiquissima.

D. Martinho de Castelo Branco, segundo Conde de Vila Nova de Portimão, requereu oficialmente privilegio para fundar um lapanar dentro das suas terras, com a regalia de reverter em seu favor o producto da prostituição (5); o que lhe foi concedido por carta regia passada em Almeirim. (6)!

(*Continúa*).

Ladislau Batalha

(1) Alexandre de Gusmão — *Inéditos* — p. 243.

(2) M. B. Branco — Hist. das Ord. Mon. II — 328 n.

(3) Fr. Jeronimo de S. José — Hist. Chron. da Santissima Trindade — I — p. 316.

(4) Fr. Nicolau de Santa Maria — Chron. dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho — II — 270.

(5) Lopes de Mendonça — «Damião de Goes», e tambem Rodrigues Felner na Introdução ás Lendas da India de Gaspar Correia.

(6) 6 de Maio de 1516 — *apud* Torre do Tombo, Liv. X da Chancel. de El-Rei D. Manuel fls. 7. v.

Uma cronica

Tendo alguma imprensa teatral comentado uma cronica que aqui publicámos, assinada pelo nosso redactor «O Homem que Passa», damos a seguir a local que a Republica sobre este assunto publicou. A opinião insuspeita dum jornal dirigido pelos nomes de Ribeiro de Carvalho e Oldemiro Cesar, feitos ha muito no jornalismo, desvanece-nos e justamente pode orgulhar aquele nosso colaborador.

Um pouco de arte

Na «Capital» de ante-ontem o «Homem que passa» escreveu um delicioso e interessantissimo artigo a proposito de um actor novo do Gimnasio, o sr. Tarquinio Vieira, cheio de profundas verdades sobre a vida do teatro e a psicologia do actor moderno e do publico moderno.

Muito bem!

E' sempre agradavel curvar-se um homem respeitosamente ante a verdade e a beleza que passa.

E se o artigo a que nos referimos tem verdade tambem é certo que tem extraordinaria beleza — a beleza da factura literaria e do justiceiro fim a que visa.

Muito bem, repetimos.

Partido Socialista Portuguez

Realisou-se efectivamente, com uma extraordinaria assistencia, no domingo passado, a 2.ª sessão de propaganda social, das quatro que a comissão executiva da F. M. S. de Lisboa, se propoz realisar no mez de setembro.

A conferencia foi feita pelo sr. dr. Carneiro de Moura que no final foi muito aplaudido.

Seguiu-se uma recita familiar e baile.

"Elementos de Historia de Arte"

O nosso camarada de redacção e professor Leitão de Barros apresentou ultimamente ao concurso oficial de livros dos liceus uma obra subordinada ao titulo de «Elementos de Historia de Arte», para uso nos liceus, o qual foi aprovado para aqueles estabelecimentos de ensino, por unanimidade. Trata-se realmente duma obra que vem preencher uma lacuna no nosso meio escolar e que servirá a todo aquele que pretender conhecer duma maneira geral os estudos e as caracteristicas das obras de arte.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pinas.
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Mademoiselle Ecran».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30—«Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30e22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21.30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Primeiras e reposições

POLITEAMA — Mademoiselle Ecran — *Opereta em 3 actos, tradução de Acacio Antunes.*

A companhia dirigida pelo actor Estevão Amarante decidiu em reposição levar á scena no Politeama aquela linda opereta, que já em varias epocas tem constituido um belo exito de alegria e de vivacidade.

Raquel Barros cantou a sua interessante parte com a sua linda voz de sempre e Luiza Satanela foi elegantissima, mostrando bem os seus creditos de mulher gentil e de artista graciosa. Amarante foi, como sempre, impagavel de naturalidade e de leveza, sendo muito notaveis as marcações de baile, especialmente a da valsa do 2.º acto entre Satanela e Amarante. Alves da Silva não cantou imperavelmente, nem nos pareceu ter melhorado na sua representação. A sua voz é muito cortada e de pouca modelação—defeito talvez duma escola viciada. Os córos sofriveis. No entretanto, a «Mademoiselle Ecran» é um dos mais vivos e pectaculos que agora se representam nos teatros de Lisboa, preenchendo com interesse um bocado de noite.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

Abriu hoje a bilheteira do Nacional iniciando-se a assinatura para a epoca de inverno. Abrange 8 recitas, todas de peças diferentes e em primeira representação, as quaes serão apresentadas rigorosamente, com scenarios e guarda-roupa novos, tendo a interpretal-as um novo «elenco» de societarios e artistas contractados, no qual figuram as maiores notabilidades da scena contemporanea.

Entre as pessoas que mandaram marcar logares, contam-se muitas da nossa primeira sociedade.

A preferencia para os srs. assinantes da epoca finda termina no proximo domingo.

—Ao contrario do que um jornal noticiou, não pensa a empresa do Apolo em pôr outra peça antes do «Gato por Lebre», não só porque os ensaios desta vão adiantados, mas ainda porque o «Burro em Pé» continua em pleno sucesso.

—Estão assinados quasi todos os «fauteuils» de orquestra, camarotes, frizas e balcão, para as 7 recitas de assinatura, com peças novas, no Chiado Terrasse, agora transformado em teatro.

Da Companhia Luz Veloso que ali se exibirá faz parte a distincta atriz Teresa Taveira, que se apresenta em declamação e cujos meritos são bem conhecidos.

A inauguração da epoca realisa-se em 1 de Outubro, primeira de assinatura, com a peça «Mario e Maria», que está já ensaiada, estando a Companhia a montar as peças «Apaixonadamente» e o «Conselho da Noite», original de Vitorino Braga.

—Em casa do sr. dr. Antonio de Menezes e na presença de alguns escritores e criticos foi lida com sucesso a nova peça de teatro da sr.ª D. Maria Fernanda de Castro.

—Começa desde hoje a dirigir esta secção de teatro o nosso camarada da redacção «O Homem que Passa».

—Depois da «Madmoiselle Ecran», a peça que subirá no Politeama á scena será o «João Ratão», uma das grandes crôas artisticas de Amarante.

—Deve ser entregue por estes dias á Companhia Luz Veloso um original num acto, cujo auctor, embora conhecidissimo no mundo literario quer conservar um grande incognito.

—E' prematura qualquer noticia ácerca da reaparição de Angelo.

—O sr. Augusto Pina, que inspira artisticamente o teatro Nacional, pensa em fazer na proxima epoca «reprises» classicas.

—Uma das grandes companhias francezas que vae ao Brazil em Setembro do proximo ano por ocasião das festas da independencia, escreveu para Lisboa, sendo natural que aqui faça uma temporada em Maio.

Reclamos

S. Luiz

O grandioso exito da actualidade, em revistas, continua sendo o do S. Luiz, tendo recrudescido tanto o seu agrado, que a empreza não levará á scena outra peça até final da temporada.

«De Capote e Lenço», atualisada com varios numeros de sensação, e ampliada com o quadro novo «Colegio de Meninas», é o grande sucesso da actualidade, apresentando-se, agora, tambem, com o popularissimo «Fado Laura Costa».

Hoje, que o S. Luiz oferece ao publico tão belo espetaculo, é certissimo haver, ali uma nova enchente.

Avenida

A festejada Companhia Infantil, do Avenida, continua causando verdadeira sensação pela forma brilhante como interpretam as duas sessões dos espectaculos, naquele elegante teatro.

Ali estão afluindo as principais familias da capital, e muitas que se encontram aqui, de passagem, e que não regateiam aplausos ás gentis creancinhas.

Hoje representam elas, no Avenida a graciosa revista «O Sonho do Manecas» e varios numeros de variedades, constituindo, em conjuncto, um belo espectaculo.

O JOGO

Tudo na mesma

Mais assaltos que nada conseguem

Dos jornais de hontem:

Ante-hontem, o chefe Castro da policia e a sua brigada assaltaram de novo o terceiro andar do predio n.º 103, da Avenida da Liberdade, por suspeitas de que ali funcionava um «comboio» de jogo. Do interior da habitação responderam que a porta se não abriria, porque a casa do cidadão, durante a noite, era inviolavel, o que deu motivo a que a policia cercasse o predio. Pouco depois a dona da casa deliberou permitir a entrada aos agentes, que passaram uma busca ao domicilio, ninguem mais encontrando além da locataria e uma outra senhora. Horas depois os vigias deram aviso de haverem entrado para o terceiro andar, uns vinte individuos, repetindo-se a seguir a busca, que foi rigorosissima, novamente se dando o facto de apenas se encontrarem as senhoras referidas.

E andamos nesta... brincadeira, escada acima escada abaixo, a bater a todas as portas, a espreitar a todas as fechaduras, e não tomamos uma resolução de que saia alguma cousa de concreto!

Perdemos o tempo nisto, esse tempo que tão precioso nos é, e que melhormente seria aplicado em obra eficaz e... sério.

Sim, porque, cheja a não se compreender que uma policia, especial preenda, passe a existencia a correr atraz dum mito, que é hoje o jogo em Lisboa.

A policia de Londres, como já aqui contámos, tentou fazer a repressão do jogo. Para isso dispoz as suas cousas e, valentemente, sinceramente, atirou-se a essa empresa. Mas, compreendendo que nada faria de proficuo, confessou-o com toda a lealdade, sem com isso se sentir vexada.

Vexatorio é o que acima está descrito. Incomoda-se uma parte da população, para resultados daquelles.

Não parece troça?

O sr. capitão Albuquerque, acreditamo-lo, tem envidado todos os esforços para reprimir o jogo. Não queremos discutir a forma, porque é má. Enfim, questão de orientação.

Entretanto, esse oficial já teria tempo de compreender que não consegue nada de concreto, nem mesmo pesando as noites naquela lida em que anda ha quasi dois meses.

Ninguem, vendo os esforços, lhe levaria a mal que confessasse a sua impotencia em face da conhecida tenacidade dos jogadores.

Pois, repetimos, não ha ahi tanto que fazer?

O sr. capitão Albuquerque, por em não quer confessar-se vencido e pros segue na sua perseguição com uma teimosia digna de melhor cousa.

E' pena que não bastem as experiencias já feitas, e que tenhamos de gastar tempo em outras experiencias eguais!

ULTIMA HORA

Notas politicas

O misterio dos 50 milhões —Factos novos

O sr. Antonio Maria da Silva falará hoje, talvez, na Camara dos Deputados, acerca do tão falado caso do credito dos 50 milhões de dollars, do que foi principal heroe o «escroc» americano Jefferson Williams, Williams Jefferson Sylbert ou lá como é porque ao certo, não é possivel averiguar o nome verdadeiro do figurão.

Se o sr. Antonio Maria da Silva fizer o seu anunci do discurso, bem está, porque o leitor encontrará, aqui ou na secção respectiva, o extracto do mais importante. Pode, porém, dar-se o caso de «A Capital» fechar a sua composição antes de terminado o discurso do sr. Antonio Maria da Silva.

Para nos prevenirmos contra a hipotese, que é muito provavel, vamos dar algumas notas ineditas sobre o caso, que a tal ponto apaixona a opinião que, muito provavelmente, será em breve celebrisado pela canção popular.

O sr. Antonio Maria da Silva vai renovar a discussão do contracto explicando o facto novo denunciado no editorial do «Diario de Noticias». Nós estamos habilitados a desenvolvel-o, dentro dos limites, aliás restrictos, dos nossos meios de informação. Eis o que sabemos:

O sr. Antonio Maria da Silva pensou em realisar ou, pelo menos, em tentar uma operação financeira no estrangeiro, ai pelas alturas de meados de 1920, quando Jefferson Williams ainda não tinha feito a sua milagrosa aparição. O ilustre estadista lançou as suas vistas sobre a praça de Londres, onde julgou seria viavel uma operação baseada sobre a mobilisação da indemnisação alemã. Um delegado da sua confiança foi enviado á Gran-Bretanha. Nada se concluiu, porém, porque o governo do sr. Antonio Maria da Silva durou apenas dias. Mais tarde, no governo da presidencia do dr. Bernardino Machado, o sr. Antonio Maria da Silva, ministro das Finanças voltou a ocupar-se do assunto.

A commemoração do Soldado Desconhecido trouxe a Lisboa o sr. Afonso Costa. O sr. Antonio Maria da Silva deu-lhe conhecimento dos propostos que conhecia.

O sr. Afonso Costa regeitou-as:

—Tenho melhor, declarou.

E desenvolveu, perante o ministro das Finanças de Portugal, o magnifico plano de que era principal inspirador o grande Williams.

—Pois então trate v. ex.ª do caso, disse-lhe o sr. Antonio Maria da Silva.

O sr. Afonso Costa aceitou e o resto sabe-se. O que se sabe...

Efectivamente, parece que ainda não se sabe tudo. E', pelo menos, o pensar dum grupo de parlamentares, que procura entender-se para uma acção conjuncto que force ao esclarecimento completo do complicado negocio. O primeiro passo a dar será enviar ao sr. Afonso Costa uma mensagem politica convidando-o a vir ao Parlamento explicar a sua acção financeira no estrangeiro. O contracto seria, então, analisado em toda a sua extensão e por tal forma que plenamente se demonstraria que, mesmo se fôra um contracto a valer e não um simples simulacro, ele teria de ser regeitado, por não passar duma reprovavel manifestação de agiotagem internacional.

Acredita-se, de resto, nos circulos politicos que, antes de encerrada a sessão legislativa, não deixará o sr. Afonso Costa de vir a Lisboa e, do alto da tribuna parlamentar, explicar o contracto, defender a doutrina e consignada e, muito principalmente, demonstrar que ele é exequivel, como, aliás, resulta das declarações de s. ex.ª ao correspondente do «Seculo» em Paris.

Ha ainda outro facto novo.

O sr. Reis Junior foi incumbido, pelo chefe do governo, das investigações criminais sobre o «Misterio dos Cincoenta Milhões», em conformidade com a moção do sr. Cunha Leal, unanimemente aprovada pela Camara dos Deputados.

Escreve-nos que a resolução do sr. presidente do ministerio foi conforme á doutrina da moção, simplesmente para não introduzirmos uma fifia desconcertante na orquestração admiravel do epilogo do «Misterio dos Cincoenta Milhões».

A verdade, porem, é outra. A moção mandou entregar o caso aos tribunaes e não á policia. E, porque assim se não fez, já o sr. Antonio Granjo começa a sentir as dificuldades de pôr em scena a grande magica. Asseguram-nos, de facto, que o sr. Reis Junior, ao receber a incumbencia das averiguações criminais, objectou, candidamente:

—Mas o primeiro personagem a ouvir será o Afonso Costa...

—Ah!...

O sr. Antonio Granjo mudou de conversa. Mas, dali a segundos, o sr. Reis Junior insistiu:

—Mas tenho que ouvir o Afonso Costa... Ao que o sr. presidente do ministerio replicou, com impaciencia:

—Pois ouça-o! Que tenho eu com isso?

—Então vou intima-lo a comparecer no meu gabinete.

—Pois sim, disse tranquilamente o chefe do Poder Executivo. Mas repare nisto: ele é deputado...

—E, se não quizer comparecer, não posso obrigá-lo.

—Evidentemente, concluiu, muito satisfeito, o sr. Antonio Granjo.

E despediram-se logo, um do outro muito contentes e sorridentes.

T... ham-se compreendido.

Andamos por aqui e por ali, pelo Terreiro do Paço e pelos Passos Perdidos da Camara dos Deputados, á procura da nota destacante desta questão, daquilo a que um francez chamaria, com propriedade, o «Affaire Jefferson Williams»—Afonso Costa. Pois hoje a interrogação era esta: «mas quando e com quem começaram as negociações?»

Já dissemos qualquer coisa a este respeito. Vamos acrescentar um por menor:

Não podemos assegurar que o sr. Antonio Maria da Silva tivesse ou não conhecimento dos «pourparlers» das negociações para o emprestimo dos 50 milhões de dollars; mas parece incontestavel que houve uma conversa preliminar entre o sr. Bernardino Machado e o sr. Pedro de Araujo. Dessa aproximação financeira tem conhecimento o director de um jornal de Lisboa, com assento numa das casas do Parlamento. Será ele proprio que dirá o resto, se quizer.

PARLAMENTO

NOS DEPUTADOS

A iniciativa do negocio dos 50 milhões de dollars cabe ao sr. Afonso Costa

Com o sr. Jorge Nunes na presidencia é aberta a sessão ás 13,35, estando presentes 33 deputados.

Lidas a ata e o expediente o sr. José Pedro Ferreira, chama a atenção do sr. ministro do Comercio para o deploravel estado em que se encontram as estradas dos concelhos do Bombarral, Caldas da Rainha, Alcobaça e Peniche.

O sr. Ministro do Comercio responde ao sr. Pedro Ferreira dizendo que está pendente do Parlamento uma proposta do sr. Antonio da Fonseca no sentido de se remediar o mal que representa o mau estado das estradas, achando justas as observações daquele deputado.

O sr. Antonio Correia pede a aprovação de um projeto vindo do Senado autorisando o governo a ceder o material necessario para a fundação de um monumento aos mortos em França, do regimento 22, aquartelado em Portalegre, regimento que foi o primeiro a receber o batismo de fogo na Flandres.

Como nesta altura estejam presentes 56 deputados procede-se á votação suspensa na sessão anterior sobre um requerimento do sr. João Luiz Ricardo para que as emendas do sr. Aboim Inglez á proposta do sr. Souza da Camara sobre regimen cerealifero sejam consideradas um novo projecto. E' aprovado.

Usam ainda da palavra os srs. Mario Fortes e Carvalho da Silva que fazem alguns reparos á forma como a proposta está redigida e Antonio Luiz Gomes que declara não fazer nenhuma oposição ás emendas do sr. Aboim Inglez.

Submetidas á aprovação da Camara todas as moções e propostas que no decorrer da sessão foram apresentadas por varios deputados, o sr. Presidente concedeu a palavra ao sr. Antonio Maria da Silva que, em negocio urgente, mais uma vez se refere ao contrato dos 50 milhões de dolars.

Lendo alguns trechos dum artigo do «Diario de Noticias» e outros dum artigo do sr. F. Mira em «A Lucta» nos quais se fazem alusões á maneira como foram iniciadas as negociações do celebre contracto dos 50 milhões, o sr. Antonio Maria da Silva lamenta que ainda nesta altura não tenham sido publicados todos os documentos respeitantes ao caso afim de se evitarem especulações como as que ainda se estão fazendo.

Historiando a forma como as negociações começaram disse: «Fazia eu parte do ministerio Bernardino Machado. Uma noite fui chamado a casa deste ilustre republicano, pelo telefone, a fim de tomar conhecimento dum telegrama que o sr. Domingos Pereira tinha recebido de Paris, do sr. Afonso Costa. Nesse telegrama comunicava o antigo chefe do meu partido a possibilidade de um emprestimo da parte do Credit.

Redigi logo um telegrama do qual conservo copia, declarando aceitar e até estabelecendo a base dos juros. Pedi ao sr. ministro das Finanças para que esta copia fosse considerada um documento de importancia a juntar aos que foram lidos á Camara. S. ex.ª não quiz, mas eu vou lel-a á Camara. (O orador lê a copia em questão).

Depois de se referir largamente á culpabilidade dos baixistas em relação e dos altistas diz que todos são igualmente criminosos, pois que se uns pretendem vender por preços muito superiores o que possuem os outros fazem por porque chegam a vender o que não teem, o que é positivamente uma vigarice.

O orador referiu-se tambem á comissão de 2 0/0 que lhe foi exigida dizendo a proposito que nessa altura *O Seculo* disse que ninguem trabalha de graça e que não era licito fazer perder um bom negocio por causa dessa comissão.

Termina perguntando ao governo quando tenciona publicar toda a documentação existente acerca do assunto afim de uma vez para sempre se terminar com a especulação politica que se esta fazendo.

O sr. ministro das Finanças declara que dentro de pouco tempo todos os documentos serão publicados, e afirma que sobre o caso nada mais ha do que aquilo que leu á Camara.

O sr. presidente do ministerio tambem informa que ao contrario do que se disse, não ordenou nenhumas buscas a quaisquer casas bancarias, e que no caso não intervirá mais emquanto ele estiver entregue á policia. Termina dizendo estar certo de que as diligencias policiais serão conduzidas de forma a manter o prestigio da Republica e da Justiça.

O sr. Antonio Maria da Silva diz que são os aspetos sobre que se tem feito a exploração: o politico e o juridico. Por isso pregunta o que tenciona o governo fazer no respeitante ao aspeto politico, visto que só sobre o aspeto juridico se pronunciou.

O sr. presidente do ministerio afirma que não consentirá nenhumas diligencias de carater politico.

Para os casos politicos, aceitua, a sanção da opinião publica é mais que suficiente.

O sr. Carvalho da Silva requer que o debate seja generalisado mas a Camara regeita, pelo que se continua na discussão na especialidade da proposta sobre trigos.

O sr. Afonso Costa que se justifique no Parlamento, exclama o sr. Antonio Maria da Silva

Completando o extracto parlamentar que vai publicado na secção do costume, acrescentaremos o seguinte:

Acerca da intervenção do sr. Afonso Costa no «Misterio dos Cincoenta Milhões» o sr. Antonio Maria da Silva teve esta frase:

—O sr. Afonso Costa não necessita que eu o defenda. Ele tem assento no Parlamento e, se quizer, venha cá justificar-se.

O sr. Ministro das Finanças, respondendo a uma pregunta do sr. Antonio Maria da Silva, disse, perento riamente, que leu á Camara todos os documentos referentes ao negocio e que todos, sem excepção alguma, seriam publicados. Se já o não foram é porque ainda não houve tempo para os copiar.

Pelo seu lado, o chefe do governo disse que interpretara a moção do sr. Cunha Leal, votada por unanimidade, como indicação imperativa para que o Poder Executivo apurasse as responsabilidades criminosas, onde quer que elas estivessem, e as fizesse punir em conformidade com as leis.

O governo entende que os poderes legaes existentes não precisam de ser alargados; se, em qualquer ocasião, os julgar insuficientes, outros, mais eficazes, pedirá ao Parlamento.

E foi tudo. Fora do recinto parlamentar notou-se, apenas, que o côro de louvores ao sr. Afonso Costa se não repetiu. Tal silencio parece significar que o Parlamento vai compreendendo quanto de profundo desprezo representa a ausencia sistematica do ex-chefe democratico ás sessões dum Parlamento de que faz parte em que, por vezes, o seu nome tão despretigiosamente tem sido citado.

No Senado

O sr. Julio Ribeiro depois de varias considerações acerca do imposto sobre pianos, declara á camara que, da proposta que apresentou e que foi aprovada, tambem os teatros beneficiam, estando os suas contribuições previstas pelo decreto 7002 de 15 de setembro de 1920.

O sr. Silva Barreto volta a referir-se á classe dos professores primarios, dizendo que as afirmações que fez acerca do professorado, foram apenas ditadas pela leitura do orgão da classe e pelas informações de procedencia insuspeita que tem recebido.

O sr. Julio Dantas insurge-se contra o facto, afirmando que o orador não tem o direito de insultar uma classe honrada e a quem a Republica muito deve.

Entre ambos os oradores trocam-se alguns apartes violentos, ao que pôs termo o sr. presidente agitando nervosamente a campainha.

O sr. Julio Ribeiro pregunta ao sr. ministro da Marinha o que ha com respeito ao desarmamento do «Almirante Reis», classificando esse desarmamento de um erro gravissimo.

O sr. ministro da Marinha respondendo declara ter obtido informações, a quem de direito devia pedi-las, de que a reparação desse barco de guerra acarretaria uma grande despeza, sendo ainda esta facto um caso para resolver.

Os gatunos á solta

Prata roubada.—A policia prendeu hoje Francisco Macedo, da rua do Norte, 36 loja, por ter furtado a Rodrigo Pinto de Lima, da mesma rua 44 1.º, cinco quilos e quinhentos gramas de prata no valor de 880 escudos.

Prisão duma serviçal.—A policia capturou hoje Rita da Conceição, moradora na rua da Barroca, 4, 2.º por que tendo creada de servir em casa da sr.ª Francisca Ferreira, da rua da Rosa 123, ali furtou, na ausencia da queixosa, varios objectos no valor de 800 escudos.

Descarrillamento

Descarrilou no caminho de Lisboa o rapido de Menina.

Nele vinha o sr. dr. Alves da Veiga, nosso ilustre ministro na Belgica que ficou ligeiramente ferido na cabeça.

Se não ha mais e maiores desgraças a lamentar, deve-se isso á pericia e serenidade do maquinista Figueiredo que a tempo poz a funcionar os travões, logo que percebeu que a maquina descarrilara por motivo de um erro na agulha.

Ainda os 50 milhões... de frases!

O sr. dr. Reis Junior, director da Policia de Investigação continuou hoje ás 14 horas e 40 minutos as suas visitas aos estabelecimentos bancarios.

Coube a vez ao Banco Nacional Ultramarino onde conferenciou com o sr. dr. João Ulrich, director do mesmo.

Tambem visitou a Casa Soto Maior, London Brazilian Bank, Banco Espirito Santo, Banco Economia Portugueza, Casa Fernandes, Coelhos & Conhago, Henrique Toté, Montepio Geral, e outros.

O sr. dr. Reis Junior, dizem-nos teria sido de uma correcção inexcedivel no desempenho destas deligencias.

Os nossos votos são por que tudo se esclareça, embora se nos afigure que do exame á escrita dos Bancos nada se poderá apurar, visto não ter chegado a haver transacções propriamente ditas, e os lucros de alta e baixa que possam ter havido, comercialmente falando, escrituram-se sob diversas rubricas que não esclarecerão o caso.

Contudo o que todos desejamos é luz, muita luz.

«Licht! mehr Licht» como dizia Goethe á hora de exalar o ultimo suspiro.

Poeira da Arcada

No ultimo mez foram passados na respectiva repartição do governo civil cerca de 250 passaportes, a emigrantes portugueses para o Brazil.

✦ ✦ ✦

A directoria da União da Agricultura, Comercio e Industria cumprimentou hoje os srs. ministros das Finanças e da Agricultura, aos quais ofereceu o seu concurso.

✦ ✦ ✦

Uma comissão de Setubal, acompanhada do deputado, sr. Joaquim Brandão e composta os srs. dr. Paula Borba, presidente da comissão de assistencia local, Baptista Meslinho, vereador da camara sr. dr. Mendes Dordio, reitor do liceu e Romano Baptista, representante da Associação Comercial e Industrial, convidou hoje os srs. presidente do ministerio e ministros do comercio, instrução e trabalho a visitarem aquela cidade no proximo dia 18, por ocasião das festas bocagenas. A Associação Comercial e Industrial oferece um banquete ao sr. Antonio Granjo.

✦ ✦ ✦

Conferenciaram, hoje, com o sr. presidente do ministerio, os srs. General Ramos da Costa, dr. Augusto de Vasconcelos, Machado Santos, Agatão Lança, dr. Portas, Rego Barros e dr. João Ramira comissario do governo junto da Companhia das Aguas.

✦ ✦ ✦

Chegou hoje a Lisboa, o sr. dr. Alves da Veiga, ministro de Portugal em Bruxelas.

✦ ✦ ✦

Uma comissão delegada da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa avistou-se hoje com o sr. governador civil a fim de obter autorisação para um comicio que pretende realisar no Parque Eduardo VII.

✦ ✦ ✦

Entre os srs. ministros da Guerra e do Interior realisou-se hoje uma conferencia que ainda dura á hora em que fechamos o nosso jornal.

Continua a haver minas flutuantes perdidas no Oceano?

LISBOA, 13. — Um telegramo sem fios captado por este posto e expedido de bordo do vapor Livorno diz que aquele barco encontrou ás 18,18 uma mina flutuante na latitude 38 g. 28 m. longitude 9 g. 35 m.—(U).

Ecos & Noticias

ANIVERSARIO

Passou no dia 10 do corrente o aniversario natalicio da sr.ª D. Zulmira de Jesus Ventura, dignissima esposa do sr. Manuel dos Santos Ventura, industrial em Lisboa e actualmente nas Pedras Salgadas. Por esse facto, realisou-se um lauto banquete, que decorreu no meio do maior entusiasmo.

D'aqui felicitamos o sr. Manuel dos Santos Ventura pelo feliz aniversario de sua ex.ma esposa.

A CAPITAL

3886 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 14 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A VIGARICE DE PARIS

O sr. Antonio Maria da Silva pronunciou hontem na Camara dos Deputados palavras das quais se infere que tanta condenação merecem os que defenderam constantemente o contracto dos 50 milhões de dollars, até não se poder ocultar nem mais um dia que ele era uma tremenda burla, e os que o atacaram desassombradamente logo que se convenceram que se tratava duma operação suspeita.

O sr. Antonio Maria da Silva não tem o direito de falar assim.

Nós estamos absolutamente convencidos de que o sr. Antonio Maria da Silva não tem outras responsabilidades neste desgraçado caso que não sejam de a confiar cegamente em talentos financeiros e no selo patriotico do sr. Afonso Costa, mas o sr. Antonio Maria da Silva que manifestou essa cegueira, entregando nas mãos do antigo chefe democratico os mais altos interesses do paiz, abdicando, na realidade, de qualquer direcção e fiscalisação dos seus actos, que lhe competia exercer como ministro das Finanças, não tem auctoridade, não tem direito, não tem rasão, para irmanar aqueles que combateram a vergonhosa burla que esse contracto representa com aqueles que, por fanatismo politico que por inconfessaveis interesses, apregoavam «urbi et orbo» que a operação dos 50 milhões de dollars era um alto beneficio para o paiz, firmando-se para esse parecer no facto de a ter realisado o sr. Afonso Costa, contra cuja obra, não se admitia a mais leve objecção.

O sr. Antonio Maria da Silva não pode confundir os que zelaram verdadeiramente o credito do paiz e os interesses duma sociedade inteira com a malta que exerceu toda a sua acção no sentido de fazer acreditar ao paiz que se tratava duma operação honrada, pondo á frente dessa operação o nome do sr. Afonso Costa!

E' preciso acabar com esta miseravel inversão que quer mostrar a virtude onde está o crime, e que quer apresentar o crime onde está a virtude. Dir-se-ia que a vigarice continua, que além da ignominia do contracto-burla ainda se pretende fazer passar por santos e por genios os que de qualquer forma engendraram a burla ou nela, de qualquer maneira, intervieram.

Houve em Portugal uma imprensa que fez todo o possivel para que se acreditasse no contracto assinado em Paris pelos srs. Afonso Costa e Manoel de Noronha, para um negocio que se havia de fazer com o cavalheiro de industria Williams. Defenderam essa burla até ao ultimo momento jornais como o «Seculo» que até engendrou telegramas falsos para lhe dar fóros de viabilidade e o «Mundo» que, conforme o costume, tratou de arremessar punhados de lama a todos aqueles que se não prostrassem de rôjo perante uma obra do sr. Afonso Costa. Mas tambem houve uma imprensa que não cessou de pôr o publico de sobreaviso sobre esse misterioso contracto logo que varios indicios lhe patentearam que não podia depositar-se nele uma confiança absoluta.

O sr. Antonio Maria da Silva pode defender á vontade o sr. Afonso Costa, embora este estadista, como o proprio «leader» democratico reconhece, se não defenda porque não quere, o que significa ou que não está tão inocente como os seus amigos apregoam ou que continua votando no parlamento da Republica o mais absoluto desprezo. Não se pode exorbitar dos limites dessa defeza até ao ponto de audaciosamente querer apresentar como maus portuguezes os que combateram a burla infame com que foi vigarisado o paiz e ludibriado o regimen.

"Os Sports,,

Publica-se amanhã mais um numero deste interessante bi-semanario ilustrado de propaganda de educação fisica que insere variada colaboração dos principaes jornalistas da especialidade.

O Sumario do numero de amanhã é o seguinte:

Atletismo — Artigo do dr. Salazar Carreira.

Foot-Ball — Comentarios á nova organisação do Campeonato de Lisboa.

Box — Artigo sobre a organisação do 1.º Campeonato nacional de box para profissionaes.

Remo — Artigo sobre as ultimas regatas (resposta á revista «Sporting» do Porto.

— Carta de Paris de Oliveira Valença.

— Carta de S. Paulo (Brazil).

— Consultorio Sportivo de Ruy da Cunha.

Insere ainda o numero de amanhã, além da parte noticiosa, uma pagina de cinema.

POLITICA

A demissão do gabinete Barros Queiroz foi originada no "Misterio dos Cincoenta Milhões"

Não se fez ainda completa luz acerca das causas que determinaram o sr. Barros Queiroz a pedir abruptamente, a demissão colectiva do gabinete a que presidia. A surpreza foi, então, notavel. Vagamente se atribuiu o acontecimento a divergencias nos membros do governo quanto á aplicação da auctorisação parlamentar sobre regularisação da compra e venda de cambiais. Agora, que o «Misterio dos 50 Milhões» está, parcialmente, desvendado, abriram-se novos horisontes á investigação jornalistica. Crêmo-nos habilitados a revelar, sobre o caso, alguma coisa do muito que ocorreu.

Estava-se, como se sabe, quasi no fim do mez de agosto. As noticias repetidas sobre o exito da operação dos cincoenta milhões de Jefferson animava a especulação á jogatina cambial, feita ás cegas, enquanto que os espertalhões do «Credit», com Pedro d'Araujo á frente, acompanhavam a batota, lançando no «tapis vert» da Bolsa as cartas previamente marcadas. O governo do sr. Barros Queiroz já estava senhor de toda a engrenagem. E foi então que o chefe do governo, cumulativamente ministro das Finanças, pretendia fazer uso da auctorisação parlamentar, anulando as transacções cambiaes a praso e, portanto, as liquidações do fim do mez. Foi então que Troia ardeu! Acentuaram-se as divergencias no gabinete, sendo uns ministros pró e outros contra o parecer do sr. Barros Queiroz, até que este cortou o mal pela raiz, atirando-se abaixo com todo o governo.

Sucedeu-lhe o sr. Antonio Granjo. O problema das liquidações permanecia intacto. Levados na onda da jogatina, havia muita gente a descoberto. O decreto que sempre chegou a sair, fixou o dia 19 para entrar em execução. E como os jogadores necessitavam de esterlinas para se cobrirem, vieram á praça arrebanhar as cambiaes que encontraram, antes da chegada do dia 19, que dali em diante, mais dificil seria a acquisição.

E é assim que, na praça, se explica a depressão cambial dos ultimos dias, levando os cambios para a divisa de 5.

E por isto se vê quanto o «Misterio dos Cincoenta Milhões» está ainda longe do seu epilogo!...

Ao sr. ministro da Instrução

Chamamos a atenção do ilustre titular da pasta da Instrução para o seguinte facto, que bem poderá remediar.

Por motivo duma lei saida ha dias os alunos que pretendem frequentar a Escola de Belas Artes são submetidos a um exame de admissão.

Como essa lei saiu ha dias, sucede que não havendo alunos preparados e não havendo tambem material para essa preparação não só não haverá matricula naquela Escola, o que é grave mas tambem, o que será peor, todos aqueles que contaram la ingressar perderam um ano inutilmente.

Impõe-se, portanto, como esclarecimento, uma portaria, fixando a data em que essa lei deve começar a ter o seu efeito, data que não deverá ser anterior a outubro de 1922.

Confiamos em que o sr. dr. Ginestal Machado remediará como fôr mais conveniente aos interesses da Instrução Publica.

O 5 de Outubro em Leiria

LEIRIA, 14.—Continuam as queixas contra a carestia de todas as cousas, que cada vez se faz sentir mais.

Para comemorar a data da proclamação da Republica, preparam-se grandes festejos que serão revestidos de muito brilhantismo.

Haverá iluminações, sessão solene no teatro, cortejo civico, etc. etc.

Dizem que a camara vai tratar em breve do abastecimento das aguas á cidade.—(H.)

Gréve da luz em Berlim

BERLIM, 14.—Os empregados do gaz e electricidade declararam-se em greve, faltando portanto luz na cidade. Os tramways e numerosas oficinas estão paralisados.—(H.)

Irlanda

A proxima conferencia em Inverness

LONDRES, 14.—A «Westminster Gazette» e outros jornais fazem muitos comentarios á noticia da aceitação pelo sr. Valera do convite do sr. Lloyd George para a conferencia entre ambos em Inverness no dia 20 do corrente.

Os correspondentes de Dublim para os jornais de Londres são os que mais se ocupam do assunto.—(H.)

O conflito austro-hungaro

A questão da Burgenlandia

BUDAPESTH, 14. — O governo hungaro enviou já a sua resposta á nota dos aliados sobre a questão de Burgenlandia. A resposta declina toda a responsabilidade da Hungria nos disturbios contra a Austria em Burgenlandia.—(H.)

Um proximo ultimatum

LONDRES, 14. — Os jornais estrangeiros julgam saber que a conferencia dos embaixadores dirigirá á Hungria um ultimatum intimando-a a retirar as suas tropas da Burgenlandia.—(H.)

OPINIÕES ALHEIAS

O CONTRACTO DOS 50 MILHÕES

O tribuno parlamentar X... faz a analise do prologo do "Misterio dos 50 milhões" — E', sem duvida, uma obra prima no genero — Imprudencia indesculpavel do sr. Barros Queiroz

Hontem, imediatamente após a discussão indigesta do «Misterio dos Cincoenta Milhões», encontrámo-nos, por acaso, com o nosso querido amigo X... no «buffete» da Camara dos Deputados. Isto de se dar ao encontro uma pura circunstancia de casualidade é um modo de dizer. A verdade é outra e nós, que somos da escola filosofica do sr. Afonso Costa, queremos prestar-lhe culto. Não podemos negar que, durante a sessão (e, especialmente, emquanto a sala vibrou com o formidavel discurso pronunciado pelo sr. Antonio Maria da Silva, demostenica oração onde o brilho da forma se aliou, intimamente, á dedução logica dos argumentos cimentados á moda dos romanos), durante a sessão, repetimos, cocámos cá de longe, da tribuna da Imprensa, o nosso Oraculo, o corpanzil a pesar nas molas da poltrona de curul e a face esfingica, marmoria, impenetravel aos rasgos de eloquencia do chefe democratico sr. Silva (Antonio Maria). Bem procuramos descobrir no «facies» do deputado X... qualquer vergão denunciador do trabalho mental que o oprimia ou das sensações que lhe sacudiam os nervos vibrateis. Trabalho baldado! Bruto (reparem que a inicial é maiuscula...) a nada se moveu. De modo que, á falta de adivinhar, resolvemos interroga-lo, ali, no «buffete», emquanto o simpatico saboreava um chá verde, onde mergulhavam os tres ou quatro bolos secos, sumidos depois na bocarra do grande parlamentar. O ilustre deputado X... acolheu-nos bondosamente e poz-se á nossa disposição, para o interrogatorio costumeiro. Não sem que, prévia e delicadamente, nos tivesse convidado a partilhar do chá e dos bolos . . . Regeitamos. Mas, para não ofender, pedimos um copo de Bucellas, bebidinha mais propria que o chá para levantar o moral abatido.

Atacámos logo, a fundo:

—Que me diz, amigo ilustre entre os mais ilustres, ao desenvolvimento da acção na «Historia dos Cincoenta Milhões»?

—Digo-lhe que nunca a minha admiração pelo Afonso foi tão grande.

—Sim? Então porque ? . . .

—Não é pela defeza do Antonio Maria da Silva cujos dotes de argumentador só o iludem a ele proprio. (Não registe isto, peço-lhe: eu sou amigo do sucessor de Afonso Costa, depositario dos sagrados papiros. Mas fugiu-me a boca para a verdade . . .) Como, porem, lhe ia dizendo eu confesso que, analisando o celeberrimo contracto dos 50 milhões, me convenci que é uma obra perfeita, uma obra prima no genero.

—Se quizesse desenvolver-nos o seu pensamento...

—Com prazer. Tenho sempre o maior gosto em tributar, publicamente, justiça aos nossos grandes homens. Eu lhe digo: Temos em primeiro logar, que considerar a respeitabilidade dos homens iminentes da alta finança que firmaram o documento. Podia acaso, surgir sombra de suspeita desde que D. Manuel de Noronha e Nogueira Pinto firmaram o contracto? São dois nomes de valor monetario indiscutivel, principalmente o primeiro e sem querer desfazer no segundo. Eu sacava sobre eles em branco!

—E nós tambem!

—Pois ai tem. Por isso é que o Afonso continua a acreditar na viabilidade do contracto. O Williams assinou? Não. E quem assinou? Foram dois cavalheiros de toda a respeitabilidade. Logo,—diz o Afonso e nós com ele—os milhões não estão perdidos.

O diabo do homem talvez tenha razão: e se os dollars desabassem sobre nós, agora que todos os julgam um «bluff»?

Acautelemo-nos, pois, e não digamos nem sim nem que não. Era o que a boa prudencia aconselhava.

—Mas ha mais, continuou X... E esse mais é tudo. O contracto é uma obra prima, como já lhe disse e passo a demonstrar...

Apuramos o ouvido avido. Fizemos um gesto, um breve gesto, mas X... atalhou, rabujento:

— Peço-lhe que me não interrompa. Siga, antes, com atenção, o meu raciocinio, que é simples e claro:

O «Credit International de Anvers» (garantido pelos financeiros D. Manoel de Noronha e Nogueira Pinto) obrigam-se (segundo o sr. Afonso Costa) ou obrigavam-se (segundo os detractores do Maior dos Portuguezes) a celebrar contractos de fornecimentos de mercadorias com o tal Jefferson Williams (diabos o levem!...) representante dos grupos financeiros norte-americanos, excelentes, segundo o sr. Afonso Costa, mas bons para amendoas, no parecer dos tais detractores. Mas, logo na rubrica E do contracto, o «Credit» chama a si a faculdade e o direito exclusivos de transmitir as encomendas do Estado Portuguez, de fiscalisar e assegurar a sua execução, de conferir as mercadorias, de verificar a conformidade dos preços destas com os preços correntes do mercado americano, de vigiar os transportes e manipulações e de preencher todas as formalidades de transito necessarias até á entrega das ditas mercadorias.

— Amigo X...: se não nos troca isso em miudos...

— Pois não vê? O Estado, pelo contracto, teria de aceitar tudo quanto o «Credit» lhe quizesse impingir, «porque só este era legitimo para fiscalizar, conferindo as mercadorias, verificando os preços das facturas, vigiando os transportes e preenchendo todas as formalidades etc. De modo que, por esta inocente rubricasinha, o Estado Portuguez era transferido, com o Terreiro do Paço em peso, para Anvers. Bonito serviço!

—Mas isso não isentava o Credit de responsabilidades comerciaes na execução do contracto...

— Ora essa! Como a clausula contractual acima transcripta o Estado Portuguez pegava-lhe com um trapo quente se, porventura, nos fornecessem pedra britada em vez de trigo. Mas o «Credit» acautelou-se ainda mais e melhor...

—Como?

—Por meio da clausula «G», que é muito clara e derimento de toda a responsabilidade para os vigaristas. Eu lh'a leio.

E o nosso X..., com voz clara e pausada, leu, de papo, o seguinte trecho, demonstrativo do grande talento dos negociadores:

«G» — O Credit International não assume responsabilidade alguma pelo facto da não execução parcial ou total dos contratos a celebrar com os varios Grupos Americanos, pois o Governo Português exigirá as garantias, que julgar necessarias, dos vendedores de cada mercadoria.

—Então isso que quer dizer, amigo X... ?

—Quer dizer o seguinte:

Fez-se um contracto bi-lateral entre o Estado Portuguez e o «Credit International de Anvers». Só o Estado Portuguez é obrigado pela letra do contracto. O «Credit», se não cumprir, não tem responsabilidade alguma. Para o Estado portuguez todas as obrigações; para o «Credit» só direitos.

—E o Afonso assignou tal monstruosidade?

—Lá está v. a falar como os tais detractores! Qual monstruosidade nem qual carapuça! A clausulasinha é habil e nada mais. Se o Crédit cumpre, tudo vai bem; mas, se não cumpre, ainda melhor, porque o Estado fica livre dele duma vez por todas, sem mesmo ter a possibilidade de se incomodar a exigir-lhe indemnisação por perdas e danos. Imagine os incomodos e ralações a que isso daria logar. Assim, é uma perfeição: acaba tudo e... pronto!

—Mas as coisas, apezar disso complicaram-se...

—Podera não! O Barros Queiroz teve a cerebrina idéa de pedir informações ácerca de Williams.

«Veja lá se o Afonso caiu nessa! E porque foram más (o homem, segundo a «War Finance Corportion», é um cavalheiro de industria, mas, segundo o Afonso, talvez não seja...) rebentou o escandalo. Ora não teria sido melhor deixar correr as coisas naturalmente, conforme o contracto previa? Não vinham as mercadorias porque não existiam os milhões: logo o contracto caducava, sem responsabilidades para o «Crédit» e os para os gajos que o inventaram. E a comedia findava, em sorrisos discretos, sem o barulho ensordecedor que a imprudencia do Barros Queiroz provocou.

Calamo-nos, os dois. Nós porque estavamos embatucados e X... porque remechia nos pensamentos alojados no craneo, a ver se mais alguma coisa suhia. Mas não espectorou, dai em diante, coisa de geito. Apenas á despedida, apertando-nos efusivamente a mão, ele confidenciou ao nosso ouvido esquerdo:

—Digo-lhe isto: é um grande cidadão. O maior de todos!

E foi-se.

Parlamento

Nos Deputados

Uma sessão agitada

A's 13,45 procede-se á leitura do expediente.

O sr. Carvalho da Silva invocando o regimento lembra ao sr. Presidente que uma hora depois de aberta a sessão é feita a segunda chamada e no caso de não haver numero, deve a sessão ser encerrada.

O sr. presidente informa que estão presentes 43 deputados, numero suficiente para a sessão poder continuar.

O sr. Vasco Borges, olhando a sala em redor:

—Só se estão debaixo das carteiras!

O sr. Carvalho da Silva tambem muito duvidoso de que na sala estejam 43 deputados diz que tem muita consideração pelo sr. presidente, mas que espera ver o regulamento cumprido.

O sr. presidente: Parece-me que tenho dado provas de ter cumprido o regimento! (Apoiados).

Como esteja presente o sr. ministro da Agricultura o sr. presidente concede a palavra ao sr. Vasco Borges. O sr. Carvalho da Silva, porém, não se conforma com esta deliberação e protesta muito resolvido a não permitir que a sessão continui sem se fazer a segunda chamada.

O sr. presidente pretende justificar o seu procedimento, mas o sr. Carvalho da Silva diz: Afinal v. ex.ª sr. presidente não está á altura da consideração que deste lado da Camara lhe tem sido dispensada!

Protestos violentos, não apoiados; celeuma barafunda. O sr. Carvalho da Silva, em altos gritos, não deixa que o sr. Vasco Borges comece.

O sr. Moura Pinto: E' assim que v. ex.as pretendem defender a Patria!

O sr. Carvalho da Silva: Pois assim é que se defende o paiz, fazendo cumprir o regimento!

O sr. Vasco Borges começa.

Mas o sr. Carvalho da Silva continua protestando o que leva o sr. presidente a declarar: — Juro sob minha palavra de honra que estou dentro do regimento.

(Apoiados calorosos da maioria).

O sr. Carvalho da Silva: V. Ex.ª está convencido disso, mas não é assim.

A maioria protesta então ruidosamente, batendo com as carteiras e increpando a minoria monarquica que no alto dos seus fauteuils continua por sua vez a protestar tambem ruidosamente.

O sr. Presidente, em vista deste tumulto suspende a sessão.

O sr. Moura Pinto: Ora ai está sr. Carvalho da Silva! Fica v. ex.ª com a responsabilidade de ter feito interromper a sessão.

O sr. Carvalho da Silva: Já muitas vezes as sessões se tem realisado sem numero. Mas isso não pode continuar e não ha de continuar. Os animos continuam exaltados.

O sr. Zacarias Gomes de Lima quasi que se atira ao deputado monarquico, tão violentos são os seus protestos.

Mas a pouco e pouco esta enorme barafunda vai diminuindo de proporções, pulverisando-se os protestos pelos varios grupos que se formam pela sala, e a breve trecho tudo redunda em não menos ruidosa risota.

Segundo informações que nesta altura colhemos parece que era o sr. Presidente quem estava dentro do regimento e que a minoria monarquica interpretava mal com o fim de obstar a que fosse votada a proposta dos coeficientes.

Reaberta a sessão ás 14,45 o sr. Carvalho da Silva pede a palavra para explicações e diz que pela sua honra afirma que ás 14 horas não havia numero para a sessão funcionar, e que portanto os trabalhos continuam fóra do regimento.

(Vêr continuação na Ultima Hora).

O caso Liberato Pinto

O estado da questão. Um artigo a examinar

Continuam despertando um vivo interesse os tramites que vão seguir-se á sentença já proferida, mas até á hora que escrevemos ainda não intimada ao sr. Liberato Pinto.

Consta-nos contudo que o sr. Tenente-Coronel d'Infantaria Carlos Fernandes de Brou já foi nomeado para o acompanhar a Elvas onde se tiver de ir, terá de cumprir um ano de prisão.

Em tudo isto, ao que nos informam, as leis aplicaveis ao caso não teem sido cumpridas nos termos exactos que elas prescrevem, donde resulte que o acusado já neste sentido redigiu o seu primeiro requerimento, ao qual se diz que outros se vão seguir.

Ha mesmo quem afirme que a sentença não tem cabimento nem poderá ter seguimento, em virtude do artigo 147.º do Regimento Disciplinar do Exercito.

No desejo de bem informar os nossos leitores, com a imparcialidade de que fazemos timbre como jornalistas, procurámos obter copia desse artigo que diz o seguinte:

«O procedimento disciplinar prescreve passados seis mezes desde o dia em que a infração foi cometida, excepto quando esse procedimento for resultante do auto de corpo de delicto».

Se a memoria não nos atraiçoa, a escriptura, que serviu de base inicial para este processo, data de Outubro de 1919.

E' quanto por agora sabemos dizer aos nossos leitores. Sobre a aplicabilidade do artigo, os jurisconsultos, melhor que os politicos, o deverão dizer.

As cambiaes

Devem chegar a Lisboa, vindos do Porto, alguns dos principais banqueiros daquela cidade

O decreto, recentemente publicado, regulando o comercio de compra e venda de cambiais, forçou alguns dos principais banqueiros do Porto a dirigirem-se a Lisboa, onde devem chegar esta noite. E' sua intenção avistarem-se com o sr. ministro das Finanças ou com o sr. Presidente do Ministerio a fim de lhes ponderarem a necessidade impreterivel de rever o decreto que, em algumas das suas disposições, é absolutamente inexequivel. Entre elas avulta a que preceitua (artigo 10.º do decreto) que a Inspecção *terá sempre em dia a escrita relativa ao movimento diario de cada Banco, etc.* A mais simples reflexão sobre esta disposição levará ao convencimento de que esse trabalho é impossivel de realisar, a não ser que, para cada Banco, se nomeasse um perito guarda-livros, com o pessoal auxiliar indispensavel. Ao proprio Estado convém, pois, simplificar esse serviço, dando-lhe uma forma que permita que ela se torne viavel.

Ha uma outra disposição do decreto (a ultima, art. 20.º) que atribue ao governo a faculdade de promulgar quaesquer outras providencias que julgue necessarias ou uteis para a fiscalisação do comercio de cambios.

Estes poderes latitudinarios até ao infinito, com que o Poder Executivo se presenteiu a si proprio, são atentatorios da Constituição e não podem, de maneira alguma, ser absolvidos pelo senso juridico d'um tão integro jurisconsulto como é, na realidade, o sr. Antonio Granjo.

E' de crêr que os banqueiros portuenses encontrem, dentro do Governo, o bom acolhimento a que teem direito.

Carestia da vida

De uma brochura que nos foi enviada para a mesa da redação, a proposito da gravissima, e tambem perigosissima falta de agua e respectiva carestia, extractamos uma curiosa e interessantissima informação, assás edificante para esclarecer a vertiginosa proporção em que a vida encarece.

Agora o caso é do abastecimento das aguas e gravame de que sofrem os consumidores:

O preço da agua que era de $20 está hoje por	$40
Uma torneira de segurança que custava ao consumidor 1$44 leva hoje a Companhia	5$70
Um metro de chumbo que o consumidor pagava por $32 custa hoje	5$10
Uma vedação de torneira que o consumidor pagava por $10 paga hoje a quantia de.	1$20
Suspensão de fornecimento (fechar a agua) que era gratis, custa hoje a quantia de.	1$20
Restabelecimento (abrir a agua) que egualmente era gratis custa hoje tambem...	1$20
Colocação do contador que custava ao consumidor a quantia de $50 custa hoje a importancia de............	6$00
Colocação do contador que o consumidor compre........	20$00
Custo desse contador	90$00
Aferição do contador que era gratis custa hoje ao consumidor.................	1$20
Traçar o sitio onde há-de ser colocado o contador que igualmente era gratis, custa actualmente...............	5$00

O conflicto dos Balcans

O Conselho Supremo vai resolver o problema Balcanico

PARIS, 14.—Dizem de Londres a «L'homme libre» que nos centros politicos se assegura que o governo britanico em presença dos instantes pedidos da Grecia vai propor brevemente uma reunião em Paris ou Roma do Conselho Supremo, para na primeira quinzena de outubro regularisar definitivamente a questão do Oriente.—(H).

Regularisando o cambio da libra

LONDRES, 14. — O «Daily Mail» diz que perante a gravidade da crise dos cambios, a federação das industrias britanicas preconisa a adopção pela Inglaterra de uma politica de inflação fiduciaria susceptivel de dar á libra esterlina um nivel tal que permita o regresso á actividade dos negocios com o estrangeiro.—(H.)

Republica de Guatemala

GUATEMALA, 17. — A assembleia constituinte da Federação da America Central adotou a bandeira da antiga federação e escolheu Tegucigalpa, atual capital da republica de Honduras, para capital da Federação e sede por consequencia, das autoridades federais.—(H.)

Festa de beneficencia no Parque das Necessidades

Promovida por uma Comissão, de que faz parte a sua Direcção, realisa o Gremio Escolar Republicano d'Alcantara, nos proximos dias 25 e 26, umas grandiosas festas a favor do seu Fundo Escolar, para assim poder continuar a manter a educação de crianças pobres da freguesia.

A ideia, que nos é bastante simpatica, tanto mais que a mesma Comissão destina 30 0/0 para dividir, em partes eguaes, pela Casa dos Jornalistas, Casa de Gil Vicente e Assistencia Publica de Lisboa, promete ser coroada do melhor exito.

UM CASO GRAVISSIMO

Uma familia envenenada depois de almoçar bacalhau com batatas--O pai já morreu--Um dos filhos agonisante

Pede-se o maior rigor contra os envenenadores do povo

O caso não se passou entre os selvagens da Micronesia. Foi em Lisboa, aqui perto de nós, na capital de um paiz que quere dizer-se civilisado.

Uma familia completa—pae, mãe e dois filhos—tomaram a sua refeição do almoço, prato modesto mas suficiente—bacalhau com batatas, temperado com azeite.

O pai chamava-se Joaquim José Folgado, de 51 anos de idade. A companheira—Ema de Jesus da Costa—conta apenas 42.

O filho mais novo, Alvaro Folgado, ia nas suas 17 primaveras, enquanto sua irmã Maria José Folgado atingira os seus dezoito anos de edade.

Momentos depois sentiram-se agoniados, aflitos, como ameaçados de morte. Empunha-se uma pronta lavagem do estomago. Conduziram-nos ao hospital de S. José onde recolheram a diversas enfermarias.

A' hora a que escrevemos, o chefe da familia Folgado já faleceu, o filho mais novo acha-se agonisante, e a mãe e a outra filha em estado gravissimo.

O caso na sua nudez é vulgar — uma ingestão. Resta a comprovação de ser quadrupla e simultanea. Estariam todos igualmente mal dispostos, para que uma refeição tão simples, tão nossa, tão inofensiva, prostrasse logo de vez uma familia inteira, arrebatando-lhe tão rapidamente o pai e um filho, com pouca esperança de salvar a mãe e a outra filha? A opinião geral atribue esta desgraça ao azeite que serviu de tempero.

Se a autopsia, [illegible] desapaixonadamente feita, assim o demonstrar, estaremos em presença de um [illegible] para o qual [illegible] desculpavel.

Entretanto o que já clamamos para aqueles a quem incumbe velar pela Saude Publica, que, por ahi, com o nome de azeite de oliveira, se vende por preços arqui-fabulosos uma mistela nauseabunda e intoxicante, que auxilia o definhamento e estiolamento dos habitantes da capital.

A Sociedade das Nações

Um discurso notavel

GENEBRA, 14. — O sr. Bourgeois examinando a situação actual da Sociedade das Nações e falando da proxima conferencia de Washington declarou o seguinte:

«Devemos felicitar-nos de ver que outros, além de nós, abordam a questão do desarmamento com a intenção de alcançarem o mesmo fim. Do paralelismo destes esforços pode sair alguma coisa melhor.»

O orador traçou em seguida o quadro da autoridade moral da Sociedade das Nações, á qual foi confiada a solução do problema da Alta Silesia. Definiu depois o triplice fim da Sociedade: 1.º Estabelecimento de um tribunal internacional; 2.º Preservar a paz, dos perigos que a podem ameaçar; 3.º Organisação internacional da vida das nações.

Afirmou que na questão do desarmamento a França se conserva fiel ao ponto de vista adoptado depois da conferencia de Paris, não havendo saido um momento que fosse da via justa e pacifica, que adoptou. Declarou ainda que a Sociedade das Nações não quere atingir a soberania politica dos Estados, nem tão pouco a soberania do direito e da moral, cujo respeito constituem a honestidade de uma nação. Terminou, dizendo que a Sociedade das Nações está disposta a inclinar-se perante um unico soberano, a Justiça.—(H.)

Parece que tudo corre bem

GENEBRA, 14. — Na assembleia da Sociedade das Nações o sr. Bruce, delegado da Australia, preconisou a arbitragem entre as nações e lamentou a dispersão de esforços neste sentido.

Exprimia os seus votos pelo sucesso das conferencias pacifistas, pedindo á Sociedade que tome a direcção geral do movimento em favor da paz dos povos.

O sr. Hory, delegado do Canadá, falou no mesmo sentido e felicitou-se pelos resultados obtidos.

O sr. Wellington Koo, delegado chinez, registou as criticas e felicitações dirigidas ao conselho da Sociedade e prestou a sua homenagem á comissão sobre o desarmamento.

Em seguida foi levantada a sessão. —(H.)

Os casos da violação do Estado

GENEBRA, 14. — A comissão de desarmamento deliberou que a violação do pacto da Sociedade das Nações por parte de qualquer estado não implica o estado de guerra de facto com o Estado delinquente, mas dará somente o direito aos estados membros da Sociedade de proclamarem o estado de guerra a respeito do estado violador do pacto.—(H.)

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Mademoiselle Efeans».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30— Tic-tacs.
GIL VICENTE—A's 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Nota do dia

Aproxima-se a época de inverno—se é que ainda é possivel saber, em teatro, quando começam e acabam as estações do ano.

A cada canto desde o Salão Foz ao Chiado Terrasse, desde o Nacional ao teatro Gil Vicente, como uma brotoeja furiosa, surgem companhias. Um bom actor, «a sua mais que tudo», dois alfaiates, tres costureiras, um maquinista e alguns engraxadores eis uma companhia, feliz, completa, sorridente, e pronta a explorar o publico, tanto quanto possivel.

Uma boa actriz, «o seu cara metade», alguns carpinteiros, duas modistas, um contra-regra, e um ponto... final.

Outra companhia.

Basta voltarmo-nos para qualquer lado e, salvo excepções, o que se vê é a fragmentação cada vez mais evidente. Que nos lembre, vão apresentar-se as seguintes companhias:

1.ª Lucilia, Lucinda e Erico, Politeama:
2.ª Brazão, Ferreia da Silva e Ilda Stichini, Nacional.
3.ª Maria Matos, Mendonça de Carvalho e Almada.
4.ª Luz Veloso, & Companhia.
5.ª Otelo de Carvalho, idem.
6.ª Armando de Vasconcelos e a sua companhia de opereta.
7.ª Alves da Cunha com Berta Bivar, no Ginasio.
8.ª Amelia Rey Colaço com Robles e Pinheiro.
9.ª Palmira com Ester Leão e Samwel Diniz.
10.ª Amarante com Satanela e Raquel Barros.
11.ª Alvaro Pereira e muita gente no Apolo.
12.ª, 13.ª, 14.ª...

Muitos Silvas por toda a parte—silvas bravas—e faltam ainda os cavalinhos e os palhaços...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

Entre as peças representadas nas duas ultimas temporadas no Nacional de que se fará «reprise» na futura epoca, figura o «D. João Tenorio», primorosa adaptação de Julio Dantas, que se seguirá á peça inaugural, a qual, segundo nos consta, será definitivamente o «D. Afonso VI», de D. João da Camara.

Os scenarios dessa peça, que será completamente remontada de novo, estão a cargo de Luiz Salvador, Mergulhão, Renda, Serra & Amancio e Campos & Oliveira.

—A peça franceza «A Fugitiva», que faz parte do repertorio do Nacional, na proxima temporada, será traduzida, segundo nos conta, pelo ilustre escriptor Julio Dantas.

Ao conhecido escritor Mario de Almeida será, tambem, entregue a tradução de outra peça, destinada ao mesmo teatro.

—A Companhia de revista que vai trabalhar no Eden Teatro, no proximo inverno, exploração direta da Empreza Henrique Barreiros Lda. e á frente de cujo elenco está o actor-comico Nascimento Fernandes, faz ámanhã a sua apresentação, iniciando os ensaios, no dia imediato, da revista, «Pau de dois bicos».

—A revista «De capote e lenço» o grandioso exito da actualidade, será em breve ampliada com um aproposito da mais flagrante actualidade, a sensacional fita americana «Os 50 milhões de dollars», ou «Estás a ver, ó viroscas», notavel creação de Zé Cretinetti.

—Intitula-se «Leão d'Algés» o 1.º dos 10 quadros de que se compõem os 2 actos da revista de Eduardo Schalwalbach «Gato por Lebre» que brevemente sobe á scena no Apolo, sendo o respectivo scenario pintado por Luiz Salvador.

—Damos, a seguir, o elenco da companhia do Nacional, na proxima epoca, o qual é o mais numeroso e valioso que nos ultimos tempos, se tem apresentado, nos nossos teatros.

Artistas societarios:

Lucinda do Carmo, Augusta Cordeiro, Maria Pia, Laura Cruz, Palmira Torres, Ilda Stichini, Jesuina Mettilli, Albertina d'Oliveira, Helena de Castro, Eduardo Brazão, José Ricardo, Joaquim Costa, Augusto Melo, Luiz Pinto, Rafael Marques e Pato Moniz.

Artistas contratados:

Irene Grave, Izilda de Vasconcelos, Maria Sampaio, Acacia Reis, Laura Miranda, Ema d'Oliveira, Maria Helena, Amalia Croner, Ferreira da Silva, Maria Santos, Eduardo Freitas, Jorge Grave, Antonio Melo, Antonio Nascimento, Francisco Sena e Teixeira Soares.

Na bilheteira do Nacional está já, aberta a assinatura para 6 recitas com peças diferentes, e em primeira representação.

Amanhã, daremos aos nossos leitores uma nota do repertorio, que é verdadeiramente sensacional.

Reclamos

S. Luiz

Ninguem se farta de ver a famosa revista «De Capote e Lenço», que no S. Luiz fará toda a epoca de verão. Conta já milhares de representações, e o seu agrado recrudesce, apresentando sempre novidades e atracções. Agora, entre varios numeros e comentarios de palpitante actualidade, tem o quadro do «Colegio de Meninas», espirituosa alusão ao caso do livrete das serviçais e o «Fado Laura Costa», que todas as noites é festejadissimo e repetido entre os mais entusiasticos aplausos.

Avenida

O mais delicado e interessante espectaculo de Lisboa é, sem duvida alguma, o do Avenida, com a sua graciosa Companhia Infantil, que ao elegante teatro está atraindo um publico distincto e numeroso. As galantes creanças, que não contam mais de 8 anos, interpretam, brilhantemente, a revista «O Sonho do Manecas», que é apresentada com toda a propriedade e esplendor, e fazem-se, tambem, apreciar em numeros de variedades, que lhes valem unanimes aplausos.

Hoje, no Avenida, a Companhia Infantil efectua duas sessões, a preços populares.

Apolo

Arina Nazareth, Lina Demoel e Ermelinda Fontes continuam deliciando o publico do Apolo com os seus fados e canções, sendo o fado dos teatros, cantado por esta ultima, um mimo de sentimento e de expressão, em cujas notas, tanto ou mais que nas palavras, se recorda e sente a alma de Julia Mendes e de Maria Vitoria.

Salão Foz

E' absolutamente certo que a companhia Otelo Carvalho inaugura a sua temporada de inverno no Salão Foz no dia 20 de outubro. Os scenarios da peça de abertura serão executados sob a direção de Mergulhão, que é o director scenografico da companhia. O guarda-roupa será confecionado sob a direcção do professor Castelo Branco. Os principais papeis da revista serão desempenhados pelos artistas Antonio Gomes (compère), Otelo de Carvalho, Laura Costa, Julia d'Assunção, Martins dos Santos, Rosalina Sayal, Tina Coelho, Guilhermina Anjos, Eugenia Quintão e Maria Salomé.

Lourenço Rodrigues está terminando uma fantasia revista com destino á mesma companhia.

O JOGO

O que se tem ganho com a repressão

e o que se ganharia no regimen de tolerancia

Noutro paiz qualquer, a questão do jogo era uma questão arrumada.

O estrangeiro faz as coisas com pratica simplicidade. Pega num problema e estuda-o em todos os seus aspectos, sem desprezar um detalhe. Junta os prós e os contras, submete as conclusões á analise dos competentes, e, conforme a sua opinião, assim procedem as autoridades superiores.

Nós, com a nossa velha mania de complicar tudo, deixamos sempre para o dia seguinte tudo quanto signifique uma resolução. E' o que se está passando com o jogo.

Ha dois meses que o sr. capitão Albuquerque foi encarregado da repressão; estamos, hoje, como ha sessenta dias. Nada mudou, nem para bem nem para mal, antes pelo contrario!

Todas as noites os assaltos se repetem, em Lisboa, com grande aparato de forças. De quando em quando, mesmo, o sr. Albuquerque dá um higienico passeio até fóra de portas—e então ai temos uma marcha... estrategica até Algés...

Isto dura ha dois meses, dissémos. O que se tem ganho com a acção das brigadas?

Vejamos:

A primeira grande caçada que fez a policia, constou de... duas «fichas» de vinte escudos, que um individuo tinha no bolso, e que tanto podiam servir em jogos proibidos como em outros.

Esse «triunfo» festejou-se ruidosamente, mandando noticias para os jornais. Na verdade era coisa digna de monta, e Deus sabe a alegria que aquelas inocentes rodelas de celoloide acenderam na alma guerreira do capitão!

Veio depois a excursão a Algés e apreendeu-se uma pequena roleta que estava para um canto, e, juntamente com ela, um dinheiro, cousa para treze contos...

Os treze contos não chegariam para pagar as despesas feitas com as diligencias policiaes. Mas era dinheiro, vá lá...

Pois nem se conseguiu ficar com eles, pois não se constatou o flagrante delicto, tendo portanto a «massa» de voltar ao seu dono.

E' claro! Aquele dinheiro tanto podia constituir o capital de uma «banca», como, por exemplo, o producto da venda dum automovel... Não houve flagrante delicto, porque ninguem foi encontrado a jogar, e a lei é expressa.

Nós podemos ir amanhã a casa de um amigo, jantar, á hora em que a policia, por denuncia, sabendo que ha lá um milheiro de bombas, entra por ali dentro com grande aparato.

Temos nós acaso alguma culpabilidade?

Aquela roleta podia estar ali, do tempo em que o jogo foi permitido...

Ha pois que, em dois mezes de constantes perseguições se apuraram em favor da repressão... duas «fichas» e uma roleta...

Como se vê, isso é nada, em comparação com o que se ganharia no regimen da tolerancia.

Primeiro, não se incomodaria o sr. capitão, a passar as noites em claro, o que é sempre desagradavel e antihigienico... 2: Ficaria livre uma policia que poderia prestar otimos serviços na defesa e segurança dos cidadãos. 3: Podiamos ter a certeza de nunca mais os pobres do estado passarem necessidades, pois, do exercicio livre do jogo, como é sabido, saem, mensalmente verbas importantissimas, que se convencionou se destinem á Assistencia Publica.

Este pequeno confronto, que aqui fazemos, já ha muito o devia ter feito o governo. Mas que querem, se nós temos a mania de tudo complicar?

O que vale é que, passada a busca, nós não temos duvida alguma em dar o dito por não dito.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

Uma sessão agitada

Findo o debate por algumas considerações do sr. presidente é dada a palavra ao sr. José Frago o que pregunta quando entram em discussão os projectos de lei referentes aos ferro-viarios por quanto se anuncia uma nova greve.

O sr. presidente informa que os projectos ainda não estão na mesa.

O sr. Joaquim Brandão explica a necessidade que ha na discussão dos seus projetos de lei referentes ao caso.

O sr. Alves dos Santos requere que entre em discussão o projecto concedendo autorisação ao governo para gastar até 150 contos para compra do cancioneiro portuguez existente em Italia.

O sr. Lopes Cardoso deseja tambem que se continui discutindo a proposta de lei referente ás indenisações a conceder ás pessoas que sofreram prejuizos quando da ultima revolta monarquica, assim como a proposta concedendo um credito a cobrir as despesas a fazer com a nossa representação na exposição do Rio de Janeiro.

O sr. Afonso de Melo lembra que se discuta primeiro a proposta sobre coeficientes até final, e logo depois disto se discutam então os projetos lembrados pelos srs. Alves dos Santos e Lopes Cardoso.

O sr. Carvalho da Silva diz que o projeto sobre indenisações é um grosso escandalo, o que provoca da parte do sr. Lopes Cardoso algumas considerações bastante energicas.

Estas considerações provocam algumas explicações entre a mesa, o sr. Carvalho da Silva e o sr. Lopes Cardoso, que se supoz ofendido com os protestos do deputado monarquico.

Alguns deputados democraticos:—Coeficientes! Coeficientes, sr. presidente!

Resolve-se por fim que o projeto do sr. Alves dos Santos seja discutido depois dos coeficientes e da proposta sobre o credito a conceder para a exposição no Brazil. Ao proceder-se á aprovação dum novo requerimento do sr. Lopes Cardoso para que o projeto sobre indenisações seja discutido logo a seguir aos dois projetos atraz mencionados, a Camara aprova, mas em contra prova requerida pelo sr. Mario de Aguiar verifica-se que a Camara regeita.

O sr. Agatão Lança vendo a maioria votar com os monarquicos, protesta tão violentamente e em termos tão desusados que provoca grande agitação e leva a maioria em nova votação a votar em sentido contrario. Este ato da maioria dá pretesto a comentarios mais ou menos rispidos.

Entre os srs. Agatão Lança e Zacarias Gomes de Lima estabelece-se vivo dialogo, dizendo o sr. Zacarias exaltado: Mas prove! Mas prove! Prove que eu sou monarquico! e alguns deputados da maioria: —Então vem-se para aqui discutir republicanismo continua finalmente, ás 15, 25 a discussão sobre os coeficientes.

Continua finalmente, ás 15,25 a discussão sobre os coeficientes.

O sr. Carvalho da Silva faz sobre a proposta largas considerações, sendo varias vezes interrompido pelos srs. Cunha Leal e Belchior de Figueiredo.

Depois aprova-se o art. 1.º e varias propostas de alteração dos srs. Almeida Ribeiro, João Salema, Cunha Leal e Belchior de Figueiredo.

Sobre o artigo segundo o sr. Paiva Gomes requere, sendo aprovado, votação nominal.

Procede-se á chamada que dá o seguinte resultado: aprovam 34, regeitam 22. Ha numero. Procede-se portanto á aprovação do artigo 2.º que é aprovado.

A votação nominal requerida pelo sr. Paiva Gomes teve apenas o fim de estabelecer principios devido ao artigo 2.º estabelecer o coeficiente 5 para rendimentos superiores a cinco contos, e o partido democratico ter proposto, sendo regeitado, o coeficiente 6, o que daria para o Estado um rendimento muito superior, não favorecendo portanto os grandes proprietarios.

No Senado

O sr. Dias de Andrade requere urgencia e dispensa do regimento para os projectos de lei, transferindo o pagamento das pensões aos pensionistas dos Transportes Maritimos para o Ministerio das Finanças, e concedendo pensões mensais ás senhoras Ana Emilia da Silveira Figueiredo, Agueda Gertrudes Antunes e Palmira da Conceição Antunes. Foram concedidas urgencia e dispensa e os projectos aprovados com dispensa da ultima redacção.

Seguidamente realisou-se a interpelação do sr. Vera Cruz ao sr. ministro do comercio, sobre a nova tabela das taxas para telegramas entre as Colonias e a Metropole, sendo esse aumento tão despropocionado que dá em resultado que, quem de S. Vicente quizer mandar um telegrama para Loanda, tem de vir a Lisboa e voltar novamente para S. Vicente, custando por palavra, desta colonia para Lisboa, 1$51, e de Lisboa para Loanda, 5$61, e de S. Vicente para Loanda directamente, 9$34.

O Almanzora

Largou hoje do nosso porto pelas 16 horas, depois de uma demora forçada, devido ao seu encalho ao Norte do Espichel.

Alguns rebocadores chegados de Gibraltar, juntamente com os nossos, conseguiram desencalhar o vapor ao fim de demorados e dificeis trabalhos.

O seu capitão, o sr. Bennet Trigge, antes de abandonar Lisboa, recebeu muitos telegramas dos passageiros que para aqui trouxera a bordo.

Boa viagem lhe desejamos.

Notas politicas

A maioria... reinadia

Hoje, «em terceira votação», foi aprovado um requerimento do sr. Lopes Cardoso para que prosseguisse a discussão, na sua altura, da proposta governamental acerca da indemnisação aos «trauliteiros». A minoria monarquica fez berrata; e a maioria com aquela intransigencia que já se conhece, hesitou, ladeando para a direita e para a esquerda. Foi necessario, portanto, fazer tres votações, em vez das duas preceituadas no regimento.

O incidente, que ameaçou degenerar em tumulto, provocou protestos veementes dos srs. Agatão Lança, Lopes Cardoso, Vasco Borges e outros membros da minoria.

Veremos se, na discussão, a maioria mostra identica submissão ás injunções dos representantes de El-Rei D. Manuel, que Deus Guarde.

Uma votação nominal em homenagem aos principios

Na Camara dos Deputados requereu o sr. Paiva Gomes votação nominal para o artigo 2 do projecto de coeficientes. A Camara aprovou.

Este requerimento envolve uma questão de principios. O sr. Paiva Gomes propunha o coeficiente e para os rendimentos superiores a cinco contos; a maioria manifestou-se em oposição á adopção dum coeficiente tão elevado. Segundo a oposição republicana, o criterio da maioria apenas era favoravel aos ricos, prejudicando o Estado em mais de mil contos.

O sr. Paiva Gomes e a minoria republicana não poderam fazer triunfar o seu ponto de vista.

Poeira da Arcada

O sr. dr. Eduardo Burnay, presidente do conselho de administração da Companhia dos Tabacos, conferenciou, hoje, com o sr. ministro das finanças.

✦ ✦ ✦

A camara municipal de Almada enviou ao deputado, sr. O'Neill Pedrosa, a fim de ser apresentado á respectiva comissão parlamentar, um protesto contra o proposito de incluir aquele concelho no projectado distrito de Setubal. Consta que outras camaras do sul do Tejo vão tambem protestar no mesmo sentido

✦ ✦ ✦

Segundo o Boletim de Sanidade interna, na semana finda em 3 do corrente manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 9 de febre tifoide e 5 de variola, e no Porto, 1 de difteria e 4 de febre tifoide.

✦ ✦ ✦

Foi exonerado, a seu pedido, a subcomissão encarregada da construção do novo edificio para a faculdade de farmacia de Lisboa e nomeada outra em sua substituição, composta dos srs. dr. Rui Teles Palhinha e Eduardo Pimenta, director e professor daquela faculdade e arquitecto sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do comercio recebe amanhã, pelo meio dia, uma comissão industriais corticeiros, que tratará de varias reclamações da classe.

Provincias Ultramarinas

O governador geral da India, pedin a aprovação dos creditos propostos para poder satisfazer varios encargos inadiaveis.

O encarregado do governo de Cabo Verde informa que ainda ali não chegou o milho ultimamente adquirido, que continua a fome na população indigena e propõe para que parte da população siga para outras colonias.

O encarregado do governo de Moçambique requisitou o sr. tenente Simões Vaz para adjunto do observatorio meteorologico de Lourenço Marques, tendo o ministerio das Colonias oficiado ao da marinha n'esse sentido.

Foi determinado aos governadores das colonias para fixarem quais as patentes em oficiais da armada nos diferentes corpos de marinha colonial e depois requisitarem os oficiais para esses corpos.

O tenente coronel sr. Antonio Araujo Junior entregou o relatorio da sindicancia de que foi encarregado sobre os actos de administrador da 9.ª circunscrição da Guiné, sr. Jorge Saavedra Torres, processo que vai ser remetido ao governo da metropole.

Foi promovido a 1.º tenente capitão da armada o 2.º tenente Antonio Antunes.

Interesses de Almada

A linha ferrea marginal ao Barreiro

A Camara Municipal de Almada, por proposta de um dos seus vereadores, deliberou convidar as principais colectividades a reunir na séde do Municipio em 16 do corrente, pelas 12 horas, a fim de se dirigirem em comissão ao chefe do governo e ministro do Comercio a solicitar-lhes a possivel brevidade nas obras do caminho de ferro do Barreiro a Cacilhas, ha anos iniciadas.

Na volta [illegible] ninguem [illegible] sar pelo caso, o projectado melhoramento, com o qual [illegible] alguns milhares de contos, ficará sem andamento.

Parece que na capital da Republica se desconhece a existencia deste malfadado concelho, que nem por ter sido o primeiro a hastear a bandeira do novo regime, merece a atenção que lhe é devida.

Ainda ha pouco tivemos conhecimento que até na Camara dos Deputados um dos representantes do povo ali está levantando embaraços, criando dificuldades a este mesmo concelho, e isto por uma mesquinha questão de votos, segundo referiram alguns jornais.

A reclamação merece ser atendida.

Caminhos de Ferro

Um engano tarifario

A' nossa redacção veio um passageiro queixar-se do serviço dos caminhos de ferro, onde os empregados das estações, chefes e factores, dão informações que não coincidem com as da estação do Rocio, creando assim embaraços e prejuizos.

E' o caso que um passageiro embarcando com sua mulher em Albergaria dos Doze, perguntou a um empregado se com a roupa poderiam vir umas frutas como bagagem, e mostrou o saco. Obtida resposta afirmativa, tomou a senha de bagagem n.º 0188, e entrou no comboio 18, do dia 11.

Chegado a Lisboa, não lhe aceitaram a fruta como bagagem, o que parece certo, cobraram-lhe 16 centavos pelo excesso de 2 quilos além dos 60 da ordem, e retiveram-lhe o saco, pedindo-lhe agora 12$30 para poder retira-lo.

Pergunta o passageiro se as tarifas são uma nas estações da provincia e outras em Lisboa. Quem lhe paga o engano, se o houve, ou lá ou cá? Haverá combinação para preparar estes dispendiosos enganos?

Ahi ficam os dados para esclarecer.

Corpo Voluntario de Salvação Publica de Lisboa

Em 18 do corrente, pelas 15 horas, inaugura esta associação humanitaria o seu novo Quartel e Posto de Socorros a feridos, na rua Marquez da Fronteira, com a assistencia do sr. Presidente da Republica.

Na vespera estão patentes ao publico, pelas 21 horas, todas as instalações.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Professores primarios

Alguns professores diplomados que ainda não obtiveram colocação, pedem aos colegas em iguais circunstancias, o favor de comparecerem, domingo, 18 do corrente, ás 14 horas, na Calçada da Ajuda, 236 (Escola do Povo), a fim de se tratar de assunto que a todos interessa.

Vida Sportiva

Box

Vae realisar-se o 1.º campeonato profissional de todas as categorias

O nosso colega «Os Sports» lançou a ideia da realisação do 1.º campeonato profissional de box em todas as categorias, ideia que segundo parece, foi acolhida com entusiasmo no nosso meio pugilista.

Para efectivar tal empreendimento «Os Sports» vai por [illegible] [illegible] a direcção [illegible] de box [illegible] o leito [illegible] [illegible] raças.

Pedestrianismo

A corrida [illegible] que se realiza no proximo domingo, organisada pela União Pedestrianista Portugueza, promete ser rijamente disputada pois todos os concorrentes estão dispostos a fazer o maximo esforço para obterem para o seu Club o escudo «João de Aguiar».

Prometeram já a sua inscrição os Clubs: Bombarralense, Belenense, Royal Lusitano, Progresso, Vendedores de Jornais e a União.

Foot-ball

Os primeiros desafios da epoca

A proxima epoca de foot-ball é inaugurada no proximo sabado e domingo com dois excelentes desafios. Serão adversarios o Leixões Sport Club, do Porto, e o Imperio e Casa-Pia, de Lisboa.

O Club que nos visita está presentemente em bela forma, reforçado com novos elementos. Deve alcançar um belo exito na sua viagem a Lisboa. O seu valor é bem conhecido. Classificou-se a época passada em 2.º logar no campeonato do Porto, tendo empatado duas vezes com o Foot-ball Club do Porto e perdido apenas por 2 a 0 com o Campeão de Lisboa.

Por outro lado ha um natural interesse em ver jogar o Imperio, actualmente com um bélo «team», e que não poucos esperam ver triunfar no proximo campeonato.

Apareceráo no seu «team» alguns jogadores que a epoca passada representaram outros Clubs em inexcedivel brilho. E' seu capitão o excelente avançado José Rodrigues.

Jogo no sabado, ás 17,30 horas.

No domingo o onze do Casa-Pia, Campeão de Lisboa, defrontará os portuenses. Informam-nos que o «team» dos Casapianos está já em bôa fórma e que o seu onze apresentará algumas modificações que muito fortalecerão o seu conjunto. Jogará ás 17 horas, e antes deste encontro defrontam-se os 2.os «teams» do Imperio e Casa-Pia.

Todos os jogos são em Pelhavã.

Touradas

Na Moita

Realisa-se amanhã quinta feira, o ultimo dia de festa e a ultima corrida que é de vacas para a lide á hespanhola, um touro para curiosos, o famoso «Cartor», e um garraio de dois anos para ser farpeado pelo menino João d'Almeida Sacomo, de 12 anos. Tomam parte amadores da Moita, sendo espadas os srs. João Martins «Bragança» e Manuel Filipe Correiro, com as suas quadrilhas de picadores, bandarilheiros etc. De alguazil apresenta-se o amador sr. José de Sousa Costa. Mantêem-se os comboios especiaes e os preços reduzidos dos dias anteriores.

A CAPITAL

3887 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 15 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A defeza dos "escrocs,,

O sr. Afonso Costa falou a um redactor do «Diario de Noticias», mais desenvolvidamente do que falara a um correspondente do «Seculo,», mas na realidade não sahindo do ambito das suas declarações precisas e issenciais. E' curioso observar o procedimento que o sr. Afonso Costa está tendo com todos os poderes constituidos da Republica e por isso mesmo com o proprio paiz. O sr. Afonso Costa não dá esclarecimentos nenhuns ao governo; o sr. Afonso Costa não vem perante o parlamento elucidar o que se passou nas negociações, em que só ele entrou; diz-se já mesmo que se o sr. Afonso Costa for convidado pelo sr. Reis Junior, director da policia de investigação, a vir prestar declarações no Governo Civil de Lisboa, o sr. Afonso Costa alegaria as suas imunidades parlamentares, apesar de não querer saber do parlamento para nada. O sr. Afonso Costa só fala a jornalistas, embora tambem despreze a imprensa do seu paiz.

E só fala a jornalistas, que o entrevistam, porque sabe que esses não lhe poderão pedir contas do seu procedimento, como o governo, como o parlamento, como a policia.

Em todo o caso, não pode a opinião deixar de se considerar elucidada. Aquilo que nem os maiores adversarios do sr. Afonso Costa poderiam supôr que se verificasse pelas suas suas proprias palavras, é já hoje uma realidade incontroversa. O sr. Afonso Costa tornou-se o advogado da gente do Crédit de Anvers, e nem contra o proprio Williams têm uma palavra de recriminação. Essa gente que o parlamento mandou submeter á acção da justiça, precisamente porque entendeu que ela burlara o sr. Afonso Costa, delegado do governo portuguez, essa gente tem no sr. Afonso Costa o seu advogado fervoroso. Não tem ainda duvida sobre a respeitabilidade dos nomes que constituem o Crédit! Mais ainda: se a gente do Crédit, que na sua pessoa burlou o Estado portuguez, fôr acusada, mesmo que o seja só moralmente, pela opinião publica sentirá com isso desgosto. E' fantastico, mas é assim mesmo! Apertam-se as mãos na cabeça, mas não se pode negar a realidade.

Que deploravel entrevista! Debalde procuramos nela vestigios daquele antigo Afonso Costa que tantas vezes se afigurou consubstanciar, na altivez da sua indignação, a alma escarnecida da Patria. Debalde procuramos aquele Afonso Costa que não transigia com um rei, porque ele ilegalmente recebera, adiantada, uma parte da sua dotação. Debalde procuramos aquele antigo Afonso Costa que podia talvez ser apodado de violento e excessivo na sua intransigencia com os maiores vultos monarquicos, mas nessa intransigencia reconhecia-se uma viva sinceridade e uma elevada paixão. Agora, o sr. Afonso Costa defende monarquicos «escrocs», que além de defraudarem a sociedade portuguesa ainda escarneceram e humilharam a Republica. Defende-os, consubstancia-se tanto com a sua causa, que por vezes nas suas respostas, hesita, embrulha-se como um reu, sentado nos bancos dum tribunal. Pois é isto possivel?! Não, nem os maiores inimigos do sr. Afonso Costa suporiam que, um dia, o vissem fazendo advocacia pateiica para salvar criminosos, inveterados inimigos da Republica, numa burla infame em que os dinheiros da nação foram positivamente sacrificados!

Não somos nós que o dizemos. Quem o disse foi o governo que viu desaparecer, na sua frente, como fumo, os homens do Credit e o seu cumplice Williams. Quem o reconheceu foi o parlamento que votou a perseguição de todos os burlões com quem o sr. Afonso Costa negociara. Todas as correntes politicas, representadas na Camara, sem exclusão dos democraticos, votaram a moção em que se expressou a vontade nacional.

E agora?! Que quer o sr. Afonso Costa? A que vamos nós assistir? Vão ser rehabilitados os «escrocs» do Crédit? Vae o parlamento reconsiderar sobre a sua resolução? Na mesma sala, onde a voz da honra e o serviço do paiz fez ecoar a acusação vingadora d'esses traficantes, erguer-se-ha agora a voz vil e repugnante da subserviencia para que os actos do parlamento se ajustem servilmente á vontade do sr. Afonso Costa? Nós já não sabemos onde estamos. Tudo é possivel! Tudo é possivel! E com que magoa o dizemos, verificando até que ponto certas idolatrias cegas e ignaras podem levar o prestigio d'um ideal e a dignidade d'uma patria?

Quem sabe se se nos vai dizer que William existe, e é um grande e honrado comerciante americano, sobre o qual não podem incidir suspeitas! Quem sabe se se nos vai dizer que o contracto está de pé! Quem sabe se nos vai dizer que em breve chegarão aqui as primeiras mercadorias da America! Quem sabe se ainda os vigaristas não estão satisfeitos, e ainda querem roubar mais, em novas especulações cambiais!

Da entrevista do sr. Afonso Costa, hoje publicada no «Diario de Noticias», tudo se pode concluir. Nós tudo teremos que suportar se o sr. Afonso Costa assim o quizer. O que ele não quere é que o considerem iludido na sua boa fé. E para que a tal respeito nenhuma duvida subsista, é evidente que se torna forçoso que o contracto subsista, que os dirigentes do Crédit sejam creaturas respeitabilissimas, que o famoso Williams, apesar da sua dureza, unica circunstancia que chamou a atenção do sr. Afonso Costa, seja por todos reconhecido como o mais honrado, o mais insinuante, o mais digno de todos os condes de Cagliostro.

Se houver uma victima, outra não poderá ser senão o sr. visconde de Alte, nosso ministro em Washington, a quem Williams, segundo consta, desafiará para um duelo de morte, se a policia americana lhe não deitar logo a mão assim que ele ponha pé no territorio dos Estados-Unidos.

Se uma bala disparada pelo ilustre «escroc» varasse o diplomata portuguez, quem não o sentiria, sabemos nós. Era o sr. Afonso Costa que ficou espantado com o sr. visconde de Alte, por ele ter informado o governo sobre a verdadeira identidade de Williams, e que, todavia, nunca se espantou com o mysterio que cercava o mesmo Williams, chefe d'um grupo americano, que estava em Paris, e que o sr. Afonso Costa nunca soube, nem mostrou desejos de saber o que era.

O MISTERIO DOS 50 MILHÕES

A não ser que confesse, implicitamente, a sua impotencia, o sr. Afonso Costa não pode agora : : : : deixar de vir ao Parlamento : : : :

O sr. Julio Ribeiro iniciará o debate no Senado

Hoje, na Camara dos Deputados, o sr. Cunha Leal fez a analise tecnica do celebre contracto dos cincoenta milhões de dollars. Os leitores encontrarão, na secção respectiva, o extracto do notavel discurso do sr. ministro das Finanças. Neste logar queremos, apenas, destacar um dos lados mais interessantes desta questão.

Até hoje ainda na Camara se não fizera a critica do contracto negociado pelo sr. Afonso Costa.

A imprensa ocupou-se dum aspecto especial da questão; mas, dentre os parlamentares, foi o sr. Cunha Leal o primeiro homem politico que ousou abordar o problema.

A analise não foi favoravel ao sr. Afonso Costa. Repetiu-se no Parlamento aquilo que, desde o inicio da questão, está sucedendo na imprensa: os jornais afectos ao chefe democratico limitam-se a repetir o logar comum, que nada prova, de que o sr. Afonso Costa está acima e fora de toda a discussão.

Este truc jornalistico prova demais, porque apenas demonstra que o contracto não encontrou defeza. Mas, agora já se não trata só da imprensa. No Parlamento foi combatida a competencia do sr. Afonso Costa; este politico é parlamentar; logo, a não ser reu confesso, tem de subir á tribuna da Camara para de lá, dizer da sua justiça.

No seu discurso o sr. Antonio Maria da Silva reeditou os argumentos de defeza, já anteriormente expostos, com respeito á sua intervenção, apenas episodica, no caso do «Misterio dos Cincoenta Milhões». E, muito a miudo, fez referencias á imprensa — ás gazetas, dizia S. Ex.ª — pela campanha tendenciosa que teem alimentado. Como a hipotese se não dá comnosco, nada responderemos; quando se der, cá estamos para responder, justificando-nos.

O leader dissidente sr. dr. Vasco Borges interveio no debate em defesa do sr. Afonso Costa. Este ilustre parlamentar fez o que pôde, era, porém, impossivel destruir na Camara e nas galerias a deploravel impressão provocada pelas entrevistas jornalisticas do sr. Afonso Costa, em flagrante contradição com a sua ausencia sistemática dum Parlamento de que faz parte.

Como o sr. Julio Ribeiro encara o contracto

O sr. Julio Ribeiro, parlamentar e jornalista, projecta pedir hoje a palavra, no Senado, para, em negocio urgente, tratar do «Misterio dos Cincoenta Milhões».

O ilustre senador acredita na viabilidade do contracto e na honorabilidade dos personagens que nele intervieram, sem exclusão do proprio Jefferson Williams, embora pareça certo que o «escroc» norte-americano se tenha sumido nas trevas mitologicas, logo apoz a finalisação do celebre contracto firmado entre o governo portuguez e o «Credit International d'Anvers». E' verdade exactamente como aconteceu com El-Rei D. Sebastião, começa a formar-se o partido dos «Javersonantes», á frente do qual se colocou, muito bem e muito a tempo, o sr. Afonso Costa. Para estes novos lunaticos Jafferson ha-de voltar, em manhã de nevoeiro, carregados os alforges do burro do sr. Alcaide com os 50 milhões, tão desejados e sempre esperados.

Por enquanto pouco se sabe sobre a identidade de Jafferson. Se por acaso a policia o quizer procurar, aqui ou lá fóra, poucos sinaes tem do figurão.

Apenas o sr. Afonso Costa reteve do seu contracto com o cavalheiro de industria, a impressão da sua dureza. Era um homem duro, muito duro, que só dizia «all right», — depõe o sr. Afonso Costa — a sua entrevista de hoje, publicada no «Diario de Noticias». Esta reação epidermica não pode, realmente, fornecer grandes elementos para identificação do «gabirú».

E áparte este pormenor nada mais se colhe na entrevista do ilustre homem publico, a não ser a sua afirmação, já repetida mais duma vez, de que os negociadores do «Crédit International de Anvers» eram e são pessoas da maior respeitabilidade, o que facilmente se acredita desde que se recorde que o contracto-burla foi, por parte do «Crédit», assinado pelos srs. D. Manuel de Noronha e Nogueira Pinto.

Ha, ainda, uma outra indicação para se encontrar o Jefferson Williams, comparsa no «Misterio dos 50 milhões», onde desempenhou, alias brilhantemente, a rabula do «Homem Duro» que só diz «all right», sem batatas. Esse pormenor ou antes, essa pista, é a noticia recente de que o Jefferson, sentindo-se atingido na sua honra de «Homem Duro» em negocios, partiu para Washington onde vae exigir explicações ao sr. Visconde de Alte, ministro de Portugal, que foi quem para o governo portuguez expediu a informação de que o Jefferson era o Silbert e que o Silbert era um intrujão. E' de recear, em face desta atitude do «Homem Duro», que o telegrafo nos anuncie, daqui a poucos dias, uma tragedia, sangrento epilogo do «Misterio dos 50 milhões de dollars».

Fazemos votos (como nos cumpre) para que tudo se resolva com satisfação e gaudio das galerias. De tristezas estamos nós fartos. Um pouco de força não deixaria agora de vir a proposito. E tanto a geito que nos consta, embora a noticia careça de confirmação, que o Charlot, pontifice maximo na arte de fazer rir pela imagem cinematografica, está ai a chegar a fim de proceder a estudos, «in loco», desta força nacional e transporta-la depois para o «écran», com o titulo de «A Caça aos Milhões de Jefferson.»

O que não oferece duvida é que o «Affaire Jafferson-Costa» ha-de dar surprezas, principalmente agora que o sr. Afonso Costa parece resolvido a dar á lingua, senão no Parlamento, ao menos nos jornais.

Os antecedentes e as causas

Acabamos de receber, a proposito deste já celeberrimo caso de burla, uma interessante correspondencia, á qual prontamente damos publicidade.

Senhor Redactor.

A burla dos 50 milhões de dollars foi o resultado dos «vigaristas» terem apalpado o terreno a pouco e pouco, e convencerem-se de que nele uma boa sementeira poderia fructificar.

Primeira tentativa: uma proposta para 60 mil toneladas de trigo exotico, com uma larga exposição das «belezas da negociata», pagamento em escudos, etc., etc.

A Comissão de Importação de trigos não o apreciou porque o «benemerito» proponente não fizera o deposito de 20 contos que a lei mandava. Mas aquele «benemerito» conseguiu do ministro da Agricultura que a proposta tivesse de ser apreciada, «por ordem» do mesmo ministro, saltando por cima da lei!

A Comissão de Importação «censurou asperamente o Ministro», e deu-lhe um parecer contrario. Segunda tentativa: fornecimento de trigo exotico «para um ano, sem deposito dos 20 contos», mas que a Comissão de Importação tambem teve de apreciar «por ordem do mesmo Ministro».

Mais «aspera» ainda a censura da Comissão ao Ministro, fazendo-lhe ver, que se estava procedendo contra a lei, e estabelecendo suspeições que eram contra a dignidade do governo da Republica.

Terceira tentativa: o celebre contracto Caseiro, que levou a Comissão «a um veemente protesto contra o Ministro», contracto que foi anulado, como o que se lhe seguiu da mesma firma Caseiro, por burla, e em que o Ministro ficou numa situação deploravel.

Quarta tentativa: a do contracto Pinder, uma perfeita «vigarice» que, como a dos 50 milhões de dollars, aprovaram a opinião publica, o norte ao sul do paiz entre a viticultura, e que teve golpe de morte, porque a comissão de importação de trigos apurou pelas indicações que lhe foram dadas pelo seu presidente, sr. Joaquim Belford, como depois se certificou o governo, que Pinder era um escroc, condenado em Londres a um ano de cadeia, que cumpriu, e a ser expulso, como foi, da Inglaterra.

Nenhuma destas tentativas teve exito, em vista da atitude intransigente, patriotica e honrada da comissão de importação de trigos.

Veio, porém, a ultima vigarice, a dos 50 milhões de dollars... e pegou! E porque «pegou»?

Porque os homens que a prepararam eram mais espertos, D. Manuel de Noronha, principalmente, que os das primeiras tentativas, e porque o não houve, como aliás, a Imprensa pediu, a lembrança de mandar ouvir a comissão de Importação que, naturalmente teria morto, tambem á nascença, aquela tremenda pouca vergonha, e, assim, logo morreria a especulação da «alta cambial», com que os tremendos especuladores tivessem conseguido, como conseguiram, fazer fortunas fabulosas á custa deste desgraçado paiz.

A Comissão de Importação que não se importou de acusar ministros quando faltaram ao cumprimento da lei, e estabeleceram favoritismos, absolutamente incompativeis com os interesses do Estado e dignidade da Republica, essa comissão teria evitado o que, se não fosse ouvida, deveria tê-lo sido, na parte principal do contracto dos 50 milhões de dollars, que era a do fornecimento de trigos para o paiz, e que não foi, e o paiz está passando e o descredito que lhe trouxe esse fôfo da sua representação bancaria.

Mas neste paiz é tudo assombroso: o ministro censurado pela comissão de importação de trigos, pediu uma sindicancia ou inquerito parlamentar á comissão e ao seu presidente, director geral do Comercio Agricola, porque não quizeram ser coniventes em escandalos de tal ordem que... prepararam o dos 50 milhões de dollars!

Seu velho admirador

S.

A busca nos bancos

PORTO.—O sr. dr. Baptista da Silva, acompanhado dum agente da policia, continuou a percorrer os Bancos desta cidade, a fim de se desempenhar da missão de que foi incumbido superiormente, e que consiste, como já outem dissemos, em colher uma relação exacta dos lotes de libras vendidas por aqueles estabelecimentos no periodo que transcorreu de 10 de julho a 15 de Agosto do ano corrente.

Parece que o numero de lotes vendidos nesse interregno é consideravel, procurando a autoridade, segundo nos consta, saber com exactidão os dias em que as transacções se efectuaram, bem como a identidade dos compradores.

A autoridade guarda sobre o caso uma absoluta reserva, o que não impede contudo que ao nosso conhecimento chegue o rumor de que as diligencias agora feitas teem em vista averiguar se as compras dos lotes de libras teriam sido feitas por incumbencia de qualquer casa interessada no negocio, como de resto se tem propalado.

O sr. dr. Baptista da Silva continuará hoje a sua missão, findo a qual participará documentalmente ás instancias superiores o resultado dela.

Moção

«A Comissão Nacional de Defesa da Republica (Norte), reunida conjuntamente com os delegados das colectividades aderentes ao comicio de protesto contra a carestia da vida, considerando um crime de lesa Patria o escandalo dos 50 milhões de dollars, pede a imediata detenção dos culpados.»

Sacudindo o casaco

A direcção do Banco Comercial do Porto fez publicar nos jornais daquela cidade a seguinte declaração:

«O Crédit International du Transit, d'Entrepots et Warrants é uma sociedade anonima, com séde em Anvers, constituida no fim de dezembro de 1920 e na sua constituição figurou efectivamente o Banco Comercial do Porto, mas com a expressa faculdade de poder renunciar á sua participação, dentro de determinado praso, no caso de assim lhe convir. No uso dessa faculdade renunciou este Banco á participação na dita sociedade, dentro do praso concedido, tendo sido, portanto, completamente alheio a todas as transacções por ela realisadas.»

Por terras de além

A fome na Russia—As migrações humanas —A fome em Portugal e Cabo Verde

Na epoca calamitosa que vamos atravessando, falar da fome na Russia é apenas abrir uma quasi exceção vexatoria para o resto da humanidade, onde a escassez dos alimentos, ou seja motivada pelas intemperies, pela insuficiencia e esterilidade do solo ou pela exagerada carestia dos generos, impera incontestada e triunfante.

Não ha actualmente um recanto da Terra onde essa megera magra, hirta e desgrenhada que dá pelo nome de Fome não tenha tomado assento e fixado arraiais.

Para além, por esse mundo fóra, anda a humanidade num exodo semelhante ao das primitivas migrações, correndo de uns paizes para outros, da Europa para a America, de lá para cá e para o Oriente e outras regiões, á busca de pão que por toda a parte falta, que por toda a parte escasseia.

Dentre nós, saem uns para o Brazil donde regressam batidos, quando não espoliados, ou pelos menos tanto ou mais depauperados do que foram. As exceções apenas confirmam a regra.

Vão outros para Africa, repletos de esperança, ávidos de projectos que, ao lá chegar, logo transformam em pragas ruidosas, já porque a higiene lhes falta e a doença os invade, já porque não se lhes deparam as facilidades que séria desejavel que o Estado proporcionasse aos imigrantes que se propõem com o seu trabalho e inteligencia ir fecundar aquelas provincias longinquas.

Aqui mesmo entre nós não será exagerado quem disser que em Portugal ha fome latente, que não se mede nem ha maneira de bem aferir.

A fome geral avalia-se, pulsa-se com facilidade olhando dia a dia para a cotação dos fundos, para o preço da libra-cheque, o que tanto basta para nos dizer que o nosso papel quasi não tem valor.

A contra-prova tira-se indo ao mercado, ou antes indo ás mercas, como na provincia ainda se usa dizer, e verificando quanto dinheiro do nosso é preciso dar para conseguir as cousas mais essenciais á vida, uma saia ou um par de calças, um chapeu, um bocado de carne, ou peixe, uma couve, etc.

Como os ganhos estão quasi em proporção embora o equilibrio seja instavel pelo agravamento crescente do preço dos generos, vamo-nos queixando ao mesmo tempo que compramos...

E enquanto o desequilibrio não fôr muito alem do já insuportavel, as cousas aguentam-se...

A fome particular, porém, essa é infinitamente mais grave...

Não se vê, o publico não a sente, quasi a desconhece. Esconde-se nas casas; se sai á rua, é de noite para estender as mãos a medo e ás ocultas á caridade pouco generosa dos transeuntes.

Vive nos casebres mal arejados e pouco hygienicos, transida de frio, apesar da estação calmosa, porque não acende lume á falta de combustiveis, não ingere alimentos por lhe serem inacessiveis os preços...

E as familias que teem um tecto para abrigo, mesmo que o devam ao senhorio, ainda são das mais felizes na sua miseria, porque tambem as ha que vagueiam pelas ruas mais escusas, e de noite se cozem uns com os outros, os paes com os filhitos, no desvãos das escadas ou se intrincheiram por detraz dos montes de pedra ou lixo, mais longe nos sitios mais afastados, onde a policia incomoda menos.

E assim preparam os vermes a sua cultura de tuberculose, e a terra o seu esterco, porque toda esta podridão da miseria vae desabar na vala comum.

E os que sobrevivem, os que resistem, definham, debilitam-se e não produzem o necessario para abastecer o paiz que se esvae á falta de quem queira, quem saiba e quem possa trabalhar.

Mais além, a estorcer-se nas vascas da mais desnaturada miseria estão os nossos irmãos de Cabo Verde, a braços com a dificuldade de comunicações, estiagem prolongada, escassez de trabalho, a carestia exorbitante de generos de primeira necessidade, quando os ha...

Pelos campos de Santo Antão andam familias inteiras, rotas, tão esfarrapadas que mal cobrem as carnes, os filhos de braços esqualidos, escanzelados e caras escaveiradas, todos á busca das raizes das bananeiras ou á busca de animaes mortos que desenterram... para se alimentar.

Entretanto parece que a fome da Russia lá tão longe interessa mais do que a nossa propria fome cá tão perto, n'um dos arquipelagos adjacentes, e na propria metropole.

Pois tambem a fome admite controversias politicas?

A fome russa será diversa e mais horrivel do que a fome portugueza?

A fome bolchevista acaso vem acompanhada de sintomas muito mais graves do que a fome republicana?

Parece que dariamos bom exemplo de superioridade, se, em vez de nos deixarmos enlevar por considerações menos nobilitantes para o moderno espirito da solidariedade humana, nos condoessemos da fome da Russia, sem descurar-mos a fome de Portugal e de Cabo Verde, que n'este momento oferece um caracter de gravidade excecionaes.

CAMARA DOS DEPUTADOS

O parlamento exige a presença do sr. Afonso Costa —diz o sr. Cunha Leal

Aberta a sessão ás 13,30 pelo sr. Jorge Nunes, foi concedida a palavra ao sr. Cunha Leal, para mais uma vez se ocupar do caso dos 50 milhões.

O sr. Cunha Leal analisa as declarações feitas pelo sr. Afonso Costa a um redactor do «Diario de Noticias» que o foi entrevistar á Serra da Estrela e declara que depois dessas declarações o caso continua da mesma maneira embrulhado. Lendo varias clausulas do contracto o orador estabelece varias hipoteses que analisa acerca da responsabilidade do Credit e do sr. Afonso Costa no caso em questão. O contracto, segundo o orador, em determinadas circunstancias, seria util se se realisasse. Mas noutras circunstancias que se poderiam dar, o contracto seria ruinoso. Não seria dificil ao sr. Afonso Costa, diz saber se as entidades relacionadas com este caso procediam ou não com seriedade, porque lá fóra as casas comerciais não estabelecem sucursais na Cochinchina para enganar papalvos.

Pelo telegrama do sr. Afonso Costa, de 28 de julho de 1920, verifica-se que Williams aceitou o contracto. Se é certo que a gente do Crédit conhecia Williams como devia, onde é que está pois a boa fé dessa gente que o sr. Afonso Costa vem defender á ultima hora? Se o Estado foi ludibriado, porque se pretende que o artigo 276 do codigo penal deixe de ser aplicado aos que o ludibriaram? Então em face do silencio da gente do Credit, a quem competia dizer ao paiz quem era Williams e que especie de relações tinha com ele, o sr. Afonso Costa ainda tem duvidas? Pois eu, sr. presidente, não as tenho, porque sei quantas especulações se fizeram na praça á sombra dessa famosa operação.

Continuando a criticar as declarações feitas pelo sr. Afonso Costa ao «Diario de Noticias» o orador diz que o sr. Afonso Costa faz por um lado o que por outro desfaz, e para o provar lê algumas passagens da referida entrevista. Isto assim, sr. presidente, não pode ser. Levantam-se ondas de lama á volta de varios nomes, e quando aparecem provas de culpabilidade ninguem tem coragem para proceder.

O sr. Afonso Costa está fóra do nosso meio. Não sentiu as dificuldades com que o povo se debateu quando se fez a desaforada especulação cambial á sombra dos 50 milhões.

Não compreende portanto em toda a sua magnitude os clamorosos pedidos de justiça feitos pelo povo.

Nos altos da Serra da Estrela s. ex.ª vê as coisas muito diversamente do seu rial aspeto. Mas é preciso que desça á planicie a esclarecer completamente o paiz dizendo: aqui está tudo quanto ha acerca do contrato. O sr. Cunha Leal termina então proferindo energicamente estas palavras: **E' preciso que o sr. Afonso Costa venha aqui justificar-se porque o seu prestigio é alguma coisa do prestigio da Republica.**

E mais energicamente:

E' preciso que o sr. Afonso Costa venha e hade vir. Ha de vir porque é preciso, ha de vir porque nós, sr. presidente queremos, exigimos que venha. (Apoiados dos liberais).

O sr. Antonio Maria da Silva declara não pretender sacudir a agua do capote, mas quer salientar ainda a forma como os factos se passaram quando ele, orador, foi ministro. Defende o sr. Afonso Costa e diz estar certo que S. Ex.ª na hora propria aparecera a prestar declarações no Parlamento que ele sempre considerou e do que ele foi um brilhante ornamento.

O sr. Vasco Borges alarga-se tambem em varias considerações, salientando que o sr. Afonso Costa se mantera acima de todos os ataques. Fez tambem varias considerações sobre o contracto dizendo que o sr. Afonso Costa, devido a alta posição que ocupa, não pode vir ao Parlamento tratar da que tão como se fosse um simples deputado.

O sr. Carvalho da Silva salienta a afirmação feita pelo sr. Afonso Costa acerca da respeitabilidade dos membros do Credit e manda para a mesa uma proposta para que a mesa convide o sr. Afonso Costa a comparecer no Parlamento para juntar as declarações necessarias ao completo esclarecimento do contrato.

O sr. Cunha Leal afirma que não teve, ao tratar do caso, outro intuito que não fosse bem servir a Republica. Espera que o sr. Afonso Costa não deixará de vir ao Parlamento.

O sr. Mario de Aguiar diz que as investigações que sobre o assunto se estão efectuando não estão dentro dos preceitos da lei que manda ouvir nestes casos todas as partes, o que se não tem feito.

A sessão continua.

Alice Pancada nos Estados Unidos

Os jornais de New-Bedford, (Estados Unidos) que alcançam aos fins de agosto veem repletos de entusiastico aplauso á Companhia Portugueza de Canto que anda em tournée artistica pela America do Norte.

Falando da nossa gloriosa patricia D. Alice Pancada, o «New Bedford Times» de New-Bedford exprime-se nos seguintes termos que muito nos apraz traduzir:

«Alice Pancada, soprano, tem uma voz alta e clara, uma personalidade vivace e verdadeira, das que caracterisam a raça latina, um temperamento elevado e intensas aptidões dramaticas adaptadas ao seu brilhante trabalho. Na ária da Butterfly interpretou o melhor possivel, pormenorisando superiormente a frase, e dando á voz maciez e liberdade».

Em seguida ocupa-se de Alfredo Mascarenhas, baritono, com o seu repertorio de 27 operas, e tantas outras figuras que lá por fóra tão brilhantemente afirmam a individualidade portugueza.

E' consolador fazer registos como o que ai deixamos.

Monumento a Izabel de Espanha

em homenagem a Colombo

MEXICO, 15.—No decorrer de um banquete a que assistiram muitas das mais importantes personalidades, foi acolhida com grande entusiasmo a ideia lembrada por um dos convivas de ser erigido no Mexico um monumento á rainha Isabel a Catolica pelo auxilio moral e material que prestou a Colombo na empresa do descobrimento da America.—(A).

Uma descoberta notavel

A Espanha em Marrocos

Os mouros bombardeiam os arredores de Melilla

MADRID, 15. — Um comunicado oficial da meia noite diz que os canhões de Gurugu bombardearam os arredores de Melilla, tendo os mouros hostilisado as colunas.—(H.)

Tremores de terra

RIO DE JANEIRO, 15. — Sentiu-se nesta região um movimento sismico que durou desde a uma hora e 24 minutos até ás tres e 20, percebendo-se neste intervalo varios tremores. Não houve victimas, nem prejuisos materiais, apenas algum panico.—(A).

Abunda o peixe mas faltam comboios

FARO, 15.—Ha dias que se aspera a mudança do novo horario que bastante tem prejudica esta provincia e parte do baixo do Alentejo por não haver um comboio de dia.

Continuam os artigos de 1.ª necessidade a subir de preços.

Tem havido grande abundancia de peixe nesta provincia em que as fabricas de conserva estão cheias de peixe.—(H.)

Um Feliz infeliz

AVIZ, 15.—No dia 9 Antonio Santos Feliz de 80 anos desfechou um tiro de espingarda contra Francisco Manuel Donsegrim de 26 anos trabalhador ambos residentes no Alcorago neste concelho não sendo este atingido.

O Feliz foi hontem preso pela guarda republicana dizendo que o Francisco Manuel atentara contra uma filha e que andava a insulta-lo constantemente.—(H.)

O conflito Heleno-Turco

Uma demonstração naval ingleza em Constantinopla

PARIS, 15.—Dizem de Londres no «Journal» que a esquadra ingleza do Mediterraneo, composta de 5 couraçados e 10 destroyers, chegou ás aguas de Constantinopla. Esta demonstração seria motivada pela descoberta do complot kemalista contra os chefes dos mesmos aliados em Constantinopla.

O governo otomano teria resolvido dar satisfação ao pedido do general inglez Harrington respeitante ás prisões por ele exigidas. Constou que o irmão de Izzet Pacha, ministro da guerra, o governador turco de Constantinopla, o perfeito da Policia e varios principes estão implicados no complot.—(H.)

Visitas de sabor diplomatico

RIO DE JANEIRO, 15. — O sr. Alberto de Oliveira, ministro portuguez na Argentina, e sua esposa, foram ao palacio da presidencia visitar a esposa do sr. Epitacio Pessoa.—(A).

NA CHINA

O rapto duma princeza

LONDRES, 15.— Uma princeza real da China, foi raptada no seu palacio pelo general Chou-Shu-Fau, ex-governador de Sensi.

Varios agentes de policia, procuram capturar o general que fugiu num automovel blindado, onde se destacavam as cores de ouro e violeta, e que parece ter sido roubado ao governador da Mandchuria.

Dizem uns que o fugitivo se preparava para atacar o novo governador de Sensi, e que o rapto da princeza obedeceu á desconfiança que tem do governo chinez, mas, outros mais otimistas, dizem que o general, se raptou a princeza foi com o unico fim de casar com ela, pois desde meninos que se conheciam.—(C)

Higiene da bôca

A campanha contra o jogo

Um incidente que foi mal explorado

Um jornal da manhã continua a combater o jogo. Está bem. Está no seu direito, tanto mais que, embora com falta de razão, o jogo é proibido por lei em Portugal.

E' proibido, o que não obsta a que em certas epocas, a sua pratica livre haja sido sancionada pelos governos.

Mas é lei, acabou-se; ninguem póde ser verberado por exigir o cumprimento duma lei emquanto ela não fôr revogada.

Mas a campanha que se levanta é espalhafatosa de mais para parecer sincera. De pequenos episodios, filiados nas causas mais diversas tira ilações fantasticas, que a outros, precisamente, conduziria a exigir a fiscalisação e que pelo contrario, leva a a reclamar, muito simplesmente, a repressão.

Ainda ontem se serviam dum caso meramente individual e cujas causas ninguem conhece, para concluir que todos os homens que em Lisboa dirigem clubs são uns... marotos.

O caso foi este:

Um filho do sr. Joaquim Durão, que se acha a veranear proximo de Torres Vedras, caiu na estrada e feriu-se.

Estamos a ver a aflição do pai, doido, em busca dum automovel que o conduzisse ao primeiro estabelecimento hospitalar.

Ora, precisamente, disseram-lhe que um dos proprietarios dum desses clubs se encontrava na vila e tinha um auto. Que lhe era impossivel cedê-lo, porque tinha de partir imediatamente.

Primeiro, sabe-se lá o que tinha esse homem na sua vida, nesse momento, de urgente e inadiavel? Não seria ele tambem um doente que lhe fosse caro? Não t[illegible]ia um compromisso de honra?

E' claro que a aflição dum pai não raciocina, e o sr. Joaquim Durão, naquele doloroso transe, via apenas o seu filhinho ferido, e um homem que lhe negava o meio de lhe acudir.

O sr. Joaquim Durão foi sincero; mas um jornal entendeu explorar com o caso, e isso é que é censuravel.

Mas suponhamos que a recusa do auto foi ditada pelo egoismo, por um acto de mau humor. Nem assim havia o direito de envolver outros individuos.

Dum sabemos nós, que é proprietario dum club e de quem ninguem póde dizer qualquer palavra desprimorosa sob o ponto de vista da caridade; é o sr. Artur Aires, proprietario do Regaleira, que ainda ha pouco facultou as suas salas para a realisação duma festa de caridade, cujas despesas totais ele pagou.

O dispensario das Mercês conhece-o, pois varias vezes apelou para a sua generosidade, e até o elegeu seu presidente, inaugurando na séde o seu retrato.

Conhecem-no varias outras instituições de caridade, e ainda, pessoalmente, varias creaturas que frequentemente se lhe dirigem para actos de beneficencia e que nunca saem sem levar o obulo da sua caridade.

Mas alguma imprensa não quer vêr estes casos; só quer vêr... os outros, que lhe agradam.

Eis o caso.

Vida Sportiva

HIPISMO

Corridas de cavalos em Cascais

Damos hoje o programa das corridas que, salvo alguma pequena variante que a pratica demonstre ser necessaria, será o definitivo e que servirá de base ás inscrições que, como já se disse, se encerram no dia 25 de setembro.

As inscrições deverão ser feitas na Sociedade Hipica Portugueza, rua Ivens, 56, 1.º

PROGRAMA

As corridas devem realisar-se nos dias 2 de outubro, domingo; 4, terça-feira e 6, quinta-feira; porque o Concurso do Estoril acaba em 29 de setembro e o Campeonato do Cavalo de Guerra, no Entroncamento, começa em 12 ou 15 provavelmente.

O programa deverá ser:

Domingo 2, de outubro:

A's 15 horas—1.ª corrida 1.500 metros, para cavalos e eguas de qualquer origem, mas, presumivelmente não filhos de p. s. inglez.

Steeple-chase, Gentlemen 75 kg. Inscrição 20$000.

A's 15 1|2 horas—2.ª corrida 1.500 metros, para cavalos e eguas de qualquer origem, presumivelmente, filhos de p. s. inglez.

Steeple-chase, Gentlemen 70 kg. Inscrição 20$00.

A's 16 horas—3.ª corrida 1.300 reservada aos garanhões do Estado, arabes ou seus derivados.

Plano, 70 kg.

A's 16 1|2 horas — 4.ª corrida 1.300 metros para cavalos e eguas de p. s. inglês de qualquer paiz.

Plana, 65 kg.

A's 17 horas.—5.ª corrida 1.300 metros. Campinos com trajo e arreios da Borda d'Agua. Pezo livre, cavalos e eguas de serviço de campo.

Oportunamente daremos o programa do 2.º e 3.º dia de corrida.

A travessia do Porto a nado

Ha grande entusiasmo no Porto pela grande prova que anualmente se vem organisando pela Liga P. C. Natação e que tem reunido sempre um grupo valioso de nadadores daquela cidade e de Lisboa.

Para a proxima, que se realisa no domingo, 28 do corrente, ha mais as inscrições de D. Margarida Pala, a 3.ª classificada da Travessia de Lisboa e bem assim de Afonso Pala, ambos do Sport Algés e Dafundo. Tambem parece certa a inscrição de Ferreira de Almeida, do S. Club do Porto.

Ao clubs representado pelo 1.º classificado caberá a taça gentilmente oferecida pela ourivesaria Raul Pereira & C.ª

Esta taça ficará na posse definitiva do club que vencer dois anos consecutivos. Ao nadador que chegar primeiro e como premio individual será conferida a medalha de ouro da C. M. do Porto.

[U]nião dos Empregados Barbeiros de Lisboa

Reune hoje, em assembleia geral na rua do Arco Marquez Alegrete, 30 2.º—D., pelas 21 horas, para continuar a discutir em moção pendente.

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

2407 40.000$00

869	6.000$00
6149	2.000$00
6080	1.000$00

2406...	525$00	2404...	200$00
2408...	525$00	2405...	200$00
1900...	500$00	2406...	200$00
3883...	500$00	2408...	200$00
4146...	500$00	2409...	200$00
8220...	500$00	2410...	200$00
975...	200$00	2801...	200$00
1608...	200$00	3259...	200$00
1924...	200$00	3261...	200$00
2266...	200$00	3763...	200$00
2401...	200$00	6110...	200$00
2402...	200$00	8044...	200$00
2403...	200$00		

Ultima Hora

Poeira da Arcada

O sr. Coutinho Garrido, que fazia parte da Comissão de Inquerito ao Ministerio da Guerra, pediu a sua demissão por falta de saude.

✦ ✦ ✦

Pelo ministerio da Instrução vai ser aberto um credito de 15.000$00 escudos para a expansão das cantinas escolares, e pelo das Colonias vai ser concedido um credito especial para intensificar a cultura de cacau em Angola.

✦ ✦ ✦

O sr. Ferreira de Mesquita, actual director dos Caminhos de Ferro conferenciou hoje com o sr. ministro do Trabalho, a quem apresentou alguns projectos para a linha ferrea de Paris-Lisboa.

✦ ✦ ✦

Em consequencia do não ter comparecido á hora aprasada não se efectuou, hoje a conferencia entre a comissão delegada da Federação Nacional Corticeira e o sr. ministro do Comercio, em que se trataria da questão da exportação de cortiça em bruto. Pelo mesmo motivo o sr. dr. Fernandes Costa deixou de receber uma comissão de fogueiros.

✦ ✦ ✦

Uma comissão delegada das juntas de freguezia de Lisboa solicitou do sr. ministro da Agricultura que se estabeleça para Lisboa e Porto um unico tipo de pão. Constou-nos que o sr. Aboim Inglez demonstrou que os tres tipos de pão agora criados não prejudicam o consumidor, disposto como está a fazer cumprir a lei.

✦ ✦ ✦

A direcção da Associação Comercial de Lisboa, cumprimentou hoje o sr. ministro da Agricultura.

✦ ✦ ✦

A professora sr.ª D. Amalia Luazes tomou ontem posse do cargo de directora do Instituto do Professorado Primario.

✦ ✦ ✦

Parte hoje á noite para França o consul geral daquele paiz em Lisboa.

Prossegue a investigação ao contracto dos 50!

Continuaram durante o dia de hoje as investigações policiais acerca do contracto dos 50 milhões de dollars.

Os chefes Alfredo Maria, Murtinheira, Tavares e Sequeira prosseguiram nas suas deligencias ás casas bancarias, conservando-se durante o dia sempre ocupado da mesma questão, no seu gabinete, o director da policia de investigação, sr. dr. Reis Junior, tendo ouvido o banqueiro sr. Pinto de Araujo que hontem chegou a esta cidade para prestar declarações sobre o contracto dos 50 milhões.

A esta hora, ainda o sr. Pinto de Araujo continua a ser ouvido pelo sr. dr. Reis Junior.

Compressão voluntaria?

Do ministerio da guerra demitiram-se hoje os primeiros oficiais srs. Anibal Trancoso e Amadeu Fernandes, e do ministerio da justiça os primeiros oficiais srs. Filipe Rodrigues, Ismael Pereira, Alexandre Soares, o segundo oficial sr. Rodrigo Moreira os continuos Manuel Dias, Antonio Marques, Adelino Marques e as datilografas. Maria Adelina Pereira, Ignez Irene Dias.

Pelo Brazil

Em propaganda eleitoral

RIO DE JANEIRO, 14.—O sr. dr. Nilo Peçanha, candidato á presidencia da republica, partirá no dia 15 do proximo mês de outubro para os Estados do norte em viagem de propaganda da sua candidatura.—(A.)

O saneamento do nordeste

RIO DE JANEIRO, 14.—O presidente da republica, sr. dr. Epitacio Pessoa, tenciona visitar no proximo mês de outubro os trabalhos de saneamento da região nordeste do Brazil. —(A.)

Prisão dum contrabandista

5 diamantes no valor de 100.000 dollars

NOVA-YORK, 15.—Pelas autoridades aduaneiras foi detido um individuo que viajava a bordo do «Zlandee», procedente de Antuerpia a quem apreenderam cinco diamantes de valor superior a 100.000 dollars. Negou-se a confessar a procedencia e o destino dessas pedras preciosas.—(C.)

Provincias Ultramarinas

Foram feitas as seguintes concessões de terreno em Moçambique. A' Companhia do Boror 9.000 hectares, no districto de Moçambique: ao sr. Sequeira Lobo 10.000 hectares em Angoche, e ao sr. Borges da Fonseca 10.000 tambem em Angoche.

Foram nomeados sub-intendente dos negocios indigenas e de congração no districto de Moçambique, o sr. Leopoldino Milicio, e administrador de Chai-Chai, o sr. Antonio das Neves.

Vai ser aberto um credito especial para a construção e reparação de estradas e portos no distrito de Moçambique.

Alguns jornais de Lourenço Marques noticiaram que o sr. ministro das Colonias estava estudando o processo relativo ao auditor de fazenda de Moçambique. Informam-nos, porém, que tal processo não existe, mas sim uma sindicancia aos actos do auditor adjunto sr. dr. Humberto Costa.

O governador geral da India vai reduzir o quadro do pessoal da marinha colonial e o numero de oficiais do exercito da metropole em serviço naquela colonia.

No Senado

Preside o sr. Augusto Barreto tendo como secretarios os srs. Mendes dos Reis e Pessanha das Néves.

O sr. Herculano Galhardo evoca o regimento e a constituição, protestando contra o facto do projecto dos cereais ter sido apresentado, discutido e aprovado, sem o tempo estabelecido para os parlamentares o estudarem.

Desde que foi modificado o art. 13, a Constituição não permite que seja votado qualquer projecto com dispensa e urgencia do regimento.

O sr. presidente declara dar razão a s. ex.ª, afirmando que, quando tomou conta do seu logar já existia essa prerrogativa.

O sr. Afonso de Lemos que fora quem presidiu a sessão em que o projecto foi votado, afirmou que, estando inteiramente de acordo com o sr. Galhardo, apenas cumpriu o desejo da Camara.

O sr. Colestino de Almeida diz que requereu a urgencia e a dispensa por estar convencido da necessidade imediata do projecto ser discutido.

O sr. Herculano Galhardo não se dá por satisfeito, trocando-se ainda explicações sobre o assunto, entre os srs. José Maria Pereira, Afonso de Lemos, Celestino d'Almeida e Oliveira Santos.

O sr. Oliveira Santos requere urgencia e dispensa de regimento para o projecto de lei elevando a central o liceu de Setubal. Concedida a urgencia, é projecto aprovado depois de sobre ele se ter pronunciado os srs. Silva Barreto e Julio Dantas.

Nesta altura o sr. presidente proclama com a solenidade do costume, o senador srs. Carlos de Melo Leitão.

E assim a sessão decorre até ás 16,40, hora a que se encerra a sessão.

Liberato Pinto

O sr. ministro da Guerra não podia deixar de se conformar com a opinião do conselho que julgou o tenente-coronel, sr. Liberato Pinto.

Desde que o referido conselho se pronunciou em maioria pela aplicação duma pena disciplinar, o sr. ministro da guerra devia condenar o referido oficial na pena que entendesse estar dentro das suas atribuições e que, como se sabe, foi um ano de inactividade.

O que o sr. ministro da Guerra esqueceu foi de acrescentar no seu despacho — pena que não cumprirá por ter prescripto em virtude do disposto no artigo 147 do regulamento disciplinar do exercito.

Se tivesse feito isto não teria ido de encontro á doutrina daquele artigo, dando azo a que o oficial condenado reclame e obtenha satisfação.

Bem sabemos que ainda se podem levantar duvidas sobre a significação de — procedimento disciplinar — palavras com que começa o citado artigo 147, mas se o sr. ministro da Guerra queria evitar esse escolho, então o unico caminho a seguir seria fazer reunir de novo o conselho, fazer-lhe saber que a pena disciplinar era inaplicavel por ter prescrito em virtude do artigo 147 do regulamento e talvez o conselho resolvesse que, nesse caso, visto ter prescrito o «procedimento disciplinar», não havia rasão para protelar por mais tempo o julgamento e que fossem andado em paz o oficial incriminado.

O 5 de Outubro

Uma comemoração praticamente util e vantajosa

Ha dias foi presente aos srs. presidente do Governo e ministro da Guerra a ideia de conceder indulto a bons trezentos soldados que no Porto se acham detidos por faltas leves nos presidios militares do Porto.

Seria uma bela forma de comemorar o aniversario de 5 de Outubro. Estes homens já teem sofrido mais tempo de reclusão do que o merecido por faltas leves, como deserção e outras, custam caros ao Estado pelo dispendio de alimentação e vestuario sem produzir, e fazem grande falta á lavoira.

Com este acto, a disciplina não perdia, o Estado nobilitava-se com mais um gesto simpatico e o paiz tinha alguma cousa a ganhar com esta contribuição de braços.

Aplaudimos a bela iniciativa que parte de um nosso colega do Porto.

Conferencia Politica

O sr. Presidente da Republica recebeu hoje na sua residencia o sr. dr. Alves da Veiga com quem teve uma larga conferencia.

Modo facil de arranjar oiro

Como se intensifica a exportação

Os cultivadores americanos, conquanto tenham obtido exemplares admiraveis á vista, ainda não obtiveram frutas do paladar sequer aproximado ás nossas, visto que isso sómente lhes poderia ser dado pelo nosso excepcional clima. Todavia, a nossa exportação de frutas para o Brazil é quasi insignificante, se a compararmos com a exportação americana, o que não obsta a que no Brazil se venda toda a fruta d'aquela procedencia como genuinamente portugueza, que é sempre preferida, já pelo seu caracteristico paladar, já pelo seu aroma incomparavel.

Para que Portugal possa competir vantajosamente com os seus concorrentes nos mercados brazileiros, bastará que os nossos frut cultores ponham todos os seus cuidados no preparo das frutas que se destinam á exportação, de fórma a evitarem que elas se deteriorem logo que saem dos frigorificos.

Pelo que respeita á maçã, por exemplo, tanto os Estados-Unidos como o Canadá, a Inglaterra e a Australia enviam ao Brazil os seus frutos, caracterisados por uma aparencia de frescura admiravel, que lhes é dada por uma tenuissima camada de parafina com que os cobrem, a fim de se evitar a sua deterioração. Mas os frutos desses paizes ressentem-se da falta de sabor e de aroma que os nossos teem; o mesmo sucede com as uvas.

Se da parte dos nossos exportadores de frutas houvesse um especial cuidado, um criterio pratico na fórma de acondicionamento d'esta nossa fruta para o Brazil, alcançavamos certamente o exclusivo do fornecimento d'esta fruta nos mercados brazileiros, onde o consumidor prefere já o produto nacional, que é de qualidade inferior ao nosso, já o proveniente da Argentina e da Hespanha, visto estes não manifestarem o sabôr azedo e resinoso que caracterisa as nossas uvas, em virtude de irem acondiciodadas com serrim de pinheiro.

Não queremos com isto dizer que devamos exportar sómente artigo superior, mas achamos conveniente que no acondicionamento se faça uma selecção rigorosa e se envie o artigo de inferior qualidade por preço tambem inferior, cotando o outro artigo por taxas mais elevadas.

O que se vem fazendo é que não pode continuar, sob pena de desprestigio para a nossa industria e prejuizo para os nossos exportadores. A Espanha está sempre disposta a disputar-nos a situação e devemos por isso precaver-nos, combatendo a rotina, que é tambem um grande entrave ao desenvolvimento das nossas relações comerciaes com o Brazil e ela muito tem contribuido para a estagnação dos nossos negocios naquele paiz.

Para o acondecionamento dos seus fructos de exportação, usam os hespanhoes a serradura de cortiça, e não sabemos porque não a usam tambem os nossos exportadores, sendo certo que esta serradura, além de não ter gosto algum, possue a vantagem de conservar as uvas frescas durante muito mais tempo. E' este o motivo que faz com que a uva hespanhola se venda no Brazil durante todo o ano, ao passo que a portugueza só aparece na época propria das vindimas.

A excelencia dos frutos das nossas videiras é a garantia de um grande consumo no Brazil; urge, por isso, que os nossos viticultores e exportadores de frutas estudem com carinho o problema da exportação de uvas frescas para aquele paiz.

E' indispensavel aperfeiçoar os nossos frutos e seu acondicionamento

A fructa que ainda hoje mais exportamos para o Brazil e com a qual dominamos inteiramente o mercado é o figo preparado. No entanto, este dominio podemos perde-lo dentro em breve, se da parte dos nossos industriais não forem tomadas medidas imediatas para a manutenção da nossa especial situação no mercado, pois já de ha anos a esta parte que para o Brazil vão sendo enviados fructos de inferior qualidade sem selecção alguma.

Na industria das fructas sécas pouco temos feito em materia de expansão. Continuamos, por exemplo, a mandar os figos n'aquelas archaicas e tipicas ceiras ou cabazes, sem gosto artistico algum, ou então naquelas tosquissimas caixas de pinho, que tanto se vêem em Portugal, forradas de ordinarissimo papel, e que nada fazem realçar a mercadoria, ao passo que a nossa visinha põe na apresentação das suas frutas um esmerado cuidado, tornando a mercadoria agradavel á vista nas suas artisticas caixas, donde refluem os adornos, que fazem o encanto das senhoras e das creanças. Porque não lhes seguir o exemplo, sem todavia os imitar?

Ha anos chegou ao Rio de Janeiro uma remessa de figos em caixas de folha, artisticamente litografadas, chamando a atenção tem todas as vitrines em que foram expostas.

Tudo isto, bem aproveitado pelos nossos exportadores, dar-lhe-ha muito dinheiro e concorrerá para o engrandecimento do paiz.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Mademoiselle E'cran».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30—«Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde Salão dos Anjos.

Nota do dia

No teatro, as artes accesorias ou auxiliares da representação são dum efeito decisivo.

Pode avançar-se que no «conjunto teatral» todas as coisas são egualmente precisas e tanto ao scenografo, como aos electricistas ha a exigir uma obra armonica, de justa compreensão dos respectivos lugares que cada um ocupa. Ora, em Portugal, se por exemplo a indumentaria teatral, a caracterisação de cabeleireiro, e a maquinaria scenica teem sido levados a um desenvolvimento relativamente grande, o que é tambem verdade é que em materia de scenografia artistica muito pouco se tem avançado.

Não quer dizer, de forma alguma, que dentro das firmas que assinam os nossos scenarios de revista e de comedia, não haja bons elementos, mas o que é certo—e isso ninguem nem os proprios scenografos o negam —é que não se avança um pouco, nem mesmo pequeno, em materia de arte, de modernismo, de ambiente, na «mise-enscene». Quem conhece os scénarios das operetas de Berlim e das revistas ligeiras de Paris, e compára a graça e levesa de certos «décors» com o estilo sopeiral das nossas apotéoses de revista, não pode deixar de sentir um desapontamento enorme. São os eternos penduricalhos dourados, os mesmos quadros historicos, as mesmas pombinhas «á boar»... quando tanta coisa de moderno, de interessante e de original havia e ha a fazer.

Não nos digam que o nosso publico só gosta desses dourados e desses deslumbramentos sopeirais, porque o que é verdade é que ele admite sempre as coisas novas, desde que elas sejam realmente belas.

Na firma Renda, Serra & Amancio ha por exemplo, elementos que poderiam com exito tentar algo de mais moderno, e creiam que seriam justamente aplaudidos. E' preciso andar para a frente.

E' preciso ver Léon Baskt, folhear os albuns alemães, ler a «Kust Dekoration», compreender o espirito moderno que vai esse mundo fora.

E' preciso... que a firma Renda, Serra & Amancio... já que o negocio «rende», «amance» o publico... e não vá á «serra»!

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

Muitas familias das mais distintas da nossa sociedade, teem mandado ao Nacional, avisando que querem manter os seus lugares, ou fazendo nova assinatura para a epoca de inverno, que vae ser das mais brilhantes.

O «elenco» da companhia, já conhecido, dá-nos uma ideia exacta do seu merito, pelo nome dos artistas que nele figuram.

Pelo que se refere ao repertorio, sabe-se que entre os originais já aceites e aprovados pelo administrador do teatro, se contam os seguintes:

«Os Tenorios», 3 actos de Ramada Curto; «Frei Satanaz», 3 actos de Souza Costa; «Luzitania», 3 actos, de Humberto de Luna e Oliveira; Corcundas e malhados», 4 actos de Augusto Santa Rita; «O auto dos foroleiros, 2 jornadas de D. Branca de Gonta Colaço; «Cavalgada das nuvens», 1 acto de Carlos Selvagem e «Inconsciencia», 1 acto de Hygino de Mendonça.

No proximo domingo 18 finda no Nacional, a preferencia para os srs. assinantes da epoca anterior, principiando, desde logo, a assinatura livre de compromissos.

—A peça de estreia da Companhia Lucilia Simões, no Polyteama, será, em recita da assinatura, «A Raça» de Linares Ribas, tradução de Acacio Antunes.

Os direitos da propriedade dessa obra para Portugal, pertencem á administração da referida Companhia, representada pelo sr. Antonio Macedo e Brito.

—Deve chegar no fim do mez de Paris a actriz Palmira Bastos.

—A sr.ª D. Virginia Victorino tem uma peça em trez actos que se destina a um teatro de Lisboa.

—A sr.ª D. Thereza Leitão de Barros esta em contrato para traduzir o grande sucesso de Berlim, já vertido para espanhol «El Gás»

—E' natural que Marcelino Mesquita seja traduzido em espanhol por Aurelio Viños, tradutor de Eça de Queiroz, e que uma peça vai ainda este ano á scena em Madrid.

Reclamos

S. Luiz

«De Capote e Lenço», a famosa revista do S. Luiz esta em pleno exito, brilhantissimo e sem rival, atrahindo, todas as noites, ao elegante teatro, uma enorme concorrencia. E' a mais atrahente peça da atualidade, e a que tem mais numeros repetidos, fazendo rir o publico, toda a noite, com as suas multiplas atracções, entre as quaes se contam, agora, o quadro novo «Colegio de Meninas» e o popular «Fado Laura Costa» que vale á gentil actriz com esse nome, os mais entusiasticos aplausos. Muito em breve a revista do S. Luiz será ampliada com a sensacional fita, da maior atualidade, intitulada os «50 Milhões de Dolars», ou «Estás a Vêr ó Viroscas», que está destinada a alcançar um sucesso louco.

Avenida

Sempre triunfante, continua hoje na sua marcha gloriosa a interessante Companhia Infantil do Avenida, que está atrahindo a atenção geral. As gentis creanças interpretam brilhantemente todo o seu repertorio, que consta de varios numeros de variedades e da graciosa revista o «Sonho do Manecas» que é apresentada com esplendidos scenarios e um lindo guarda roupa, de primorado gosto que foi expressamente confeccionado para a petizada.

Hoje, no Avenida, a Companhia Infantil realisa duas sessões, que, como as anteriores, devem ser concorridissimas pela melhor roda lisboeta.

Apolo

Musica, scenarios, guarda-roupa, desempenho, tudo na «reprise» do «Burro em Pé» foi cuidadosamente tratado pela empresa do Apolo, que já anuncia as ultimas da famosa revista.

A CAPITAL

3988 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 16 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A CAMINHO DA SERRA

De toda a parte se levantou um clamor exigindo que em relação á infamissima burla dos 50 milhões de dollars se faça completa luz e se exerça absoluta justiça.

Esse clamor vem da praça publica, sôa no seio dos partidos, expressa-se nas colunas da imprensa, formula-se nos labios do governo, retumba já no proprio parlamento. E' preciso que se saiba tudo, é preciso que tudo se esclareça, como se fez na Republica Franceza, quando surgiu a lodacenta questão do Panamá em que a bela, a austera justiça das democracias que o sabem severamente ser, não hesitou em sacrificar homens como Fernando de Lesseps, que cobrira de gloria a França, não trepidou em meter na cadeia ministros como Baïhaut, não teve duvida mesmo em pôr a pena duma longa proscripção moral a Clemenceau, que já então era o primeiro parlamentar da Republica e cujos serviços á causa republicana dificilmente podiam ser exercidos por alguem.

O contracto foi uma infamissima burla. O negociador portuguez, o sr. Afonso Costa, deu sem duvida provas da mais rematada incuria, do mais censuravel desleixo. Apresentaram-se-lhe como delegados do famoso Crédit duas creaturas sem verdadeira capacidade, uma delas até por todo o paiz conhecida, em consequencia da sua absoluta falta de escrupulos. O sr. Afonso Costa não indagou para que se fundara um celebre Crédit, que se verifica neste momento ser apenas uma invenção para fingir que se tratava duma casa com importantes relações no estrangeiro. Não podia garantir-a esse Crédit, e todavia aceitava, sem julgar necessaria a minima alteração — ele o disse na entrevista do «Diario de Noticias» — a proposta que lhe fôra apresentada e em que expressamente se declarava que o tal Crédit não se responsabilisava pela execução dos contractos sobre as mercadorias que era o que interessava o governo portuguez.

Garantia só podia ser o famoso Williams, mas o sr. Afonso Costa nada indagou acerca desse gatuno. E — facto ainda mais triste! — o governo portuguez nada indagou tambem, senão á ultima hora, quando já a burla não oferecia duvidas a ninguem, com excepção do sr. Afonso Costa. Não indagou, porque se entregara nas mãos do sr. Afonso Costa, porque esse homem é quem, desde a queda do sidonismo, tem sido o poder oculto em Portugal, porque não ha ninguem que se atreva a dar uma indicação, ou a perguntar um esclarecimento, sequer, a essa força omnipotente da nossa politica e das nossas finanças!

Assim, a honra de Portugal, o prestigio da Republica, a nossa segurança, os nossos haveres, tudo estava nas mãos do sr. Afonso Costa, quando ele se avistava com os monarquicos burlões do Credit e com o larapio americano, chefe do celebre grupo americano cuja existencia o sr. Afonso Costa tambem nunca pretendeu averiguar.

Os factos são estes, e podem os que querem salvar os monarquicos burlões, para satisfazer os desejos do sr. Afonso Costa, que muito desgosto terá se os vir condenados, podem esses autenticos cumplices da burla que defraudou o Estado e enxovalhou a Republica, recorrer a todos os meios, empregar todos os sofismas, proclamar aos quatro ventos a irresponsabilidade, a inviolabilidade, do sr. Afonso Costa, que nada conseguirão. O processo está feito, a opinião publica sabe o que ha de julgar, e por muito que isso lhe custe não pode deixar de reconhecer que se entre os portuguezes alguns traidores houve algumas vezes, tambem entre os republicanos ha quem tenha esquecido os principios da Republica, sobrepondo a tudo a sua vaidade e a sua ambição do mando.

O sr. Afonso Costa, recusando-se a vir ao parlamento do seu paiz explicar o seu procedimento, calca aos pés a dignidade do sistema representativo. O sr. Afonso Costa não tem esse direito. Se podia, a seu bel prazer, abandonar o partido democratico, desprezando continuamente as suas pegajosas suplicas para que regresse á vida partidaria, o que não pode é desrespeitar o parlamento do seu paiz.

Já é vergonhoso que nem sequer justifique as suas faltas. Recusar-se a vir perante ele elucidar o paiz sobre um assunto da maxima gravidade, em que as suas responsabilidades são obvias, chega a ser um crime.

E, ao mesmo tempo, que se assiste a este espectaculo, lê-se nos jornais que varios amigos correligionarios do sr. Afonso Costa se aprestam a ir saudal-o no aprazivel chalet onde está passando o verão. Façam, façam essa romaria á Serra! Vão lá todos, com filarmonicas, com foguetes. Vão todos suplicar-lhe de rojo, que volte a governar este paiz! Vão lá, dispostos a lamber as botas desse Luiz XIV da Republica que só voltará porventura ao parlamento para, calçado com elas, lhe indicar o que quer que ele faça, erguendo ameaçador, á guisa de chicote regio, o seu famoso «gato dos nove rabos»!

A esta desgraça chegámos! Fez-se a Republica para cairmos num absolutismo de facto, num feiticismo mais sordido do que o dos sertões africanos. Mas, ao menos que se levantem, neste paiz todos os que querem ser cidadãos e não escravos, todos os que querem que o paiz não seja roubado nem o Estado escarnecido! Esses constituem ainda a grande maioria do paiz. Que se levantem, bradando que acima da Patria e da Republica não ha nada, não ha de haver nada!

OPINIÕES ALHEIAS

O MISTERIO DOS 50 MILHÕES

O "Homem-Duro", que só disse "all right", não é um cavalheiro de industria — Novos aspectos -:- da questão, expostos pelo deputado X... -:-

O nosso amigo X..., deputado da maioria, encontra-se num dos momentos mais dificeis da sua carreira politica. O dilema é terrivel: ser ou não ser... Foi assim, num inenarravel desespero, que ele nos pôs a questão, o problema tremendo que o aflige. O caso não é para menos. Mas o melhor é o proprio leitor julgar por si, depois de, tão fielmente quanto a memoria nos permite, lhe reproduzirmos o dialogo que entretivemos com o notavel homem publico.

Terminado o debate de hontem acerca do «Misterio dos Cinquenta Milhões», tratamos de correr ao jornal, para rabiscar as impressões do ultimo instante. Ainda, porem, não desceramos os ultimos degraus do Palacio de S. Bento quando X... nos filou para não mais nos largar. Vinha fremente, emocionado pelo discurso vehemente do sr. Cunha Leal. Mas via-se, claramente, que outra coisa o preocupava tambem, denunciado no fundo vergão que lhe cortava a testa de pensador, alargada numa calva profunda, côr de velho marfim de bola de bilhar. Assustados (se ele morresse, que grande artista o mundo perderia!...) passámos-lhe um braço amoravel em torno da bojuda cintura e balbuciamos:

—Que tem, amigo X...? Está doente outra vez?

—Não sei... parece-me que não... Mas estou aflito, muito aflito. Estou desesperado!

—Desabafe comnosco. Far-lhe-ha bem.

—Eu sei. O que eu preciso, realmente, é despejar a minha magua em peito amigo. Venha daí. Daremos um passeio pelo Aterro.

E o jornal? E o jantar? Rogamos uma praga mortal ao maçador, mas, como somos dotados duma bondade infinita, lá fomos, com X..., atravez do Aterro, mergulhados naquela suavissima marezia que tem a sua origem nos canos de esgoto: os senhores sabem!

E X... começou assim:

—Você, jornalista amigo, conhece o meu passado politico, talhado numa só peça das mais puras convicções. Possuidor de trezentos votos progressistas eu estava para ser governador civil regenerador-liberal quando veio o regicidio; depois, hesitei no caminho a seguir e estava quasi a decidir-me pelo Campos Henriques, quando surgia a aurora do 5 de outubro; apressei-me a aderir e fui o administrador de concelho, decidindo, com os meus trezentos votos, da eleição para a Constituinte; entrei para o Centro da Regaleira, apresentado e afiançado pelo Artur Costa e pelo Padre Domingos; transitei, mais tarde, para o Unionismo, depois de serviços prestados aos evolucionistas; e, agora, que sou deputado liberal, não encontro saida: devo ser pelo Afonso ou contra o Afonso? Diga, se é capaz!

Não dissemos nada. Para tais situações é que Victor Hugo inventou a teoria da tempestade num craneo. Medonho! Em todo o caso, como era preciso dizer alguma coisa, arriscamos isto, ao acaso:

—O Afonso, realmente... mas os liberais, por outro lado... Enfim...

—E' que você não sabe tudo. Desconhece a manobra politica que se está engendrando á sombra do «Misterio dos cinquenta milhões». Ora eu lha explico e depois me dirá se isto é ou não é uma situação de mil diabos.

Já estavamos nas alturas do Largo do Calvario. Para aqueles lados, o jantar era problematico. Habilmente, demos meia volta e encarreiramos, com X..., para as bandas, d'Alcantara. E fomos ouvindo:

—O Afonso vai triunfar, mais uma vez. Está-se a preparar uma bomba final, coisa de arromba, que vai deixar toda a gente abananada:

E é isto, nem mais nem menos: o Jefferson Williams não é «escroc»; é, pelo contrario, um expertissimo «brasseur d'affaires», que tinha os cincoenta milhões de olho e ao alcance das exercitadas unhas; o «Credit», pelo seu lado, era (e é) um organismo financeiro de primeirissima, todo composto por personagens da maior respeitabilidade, não desfazendo nos signatarios do contracto, o nobre D. Manuel de Noronha e o multimilionario Nogueira Pinto. De modo que...

— De modo que...

— De modo que foi o Barros Queiroz quem tudo estragou!

— Bravo! dissemos, esperançados nos milhões.

— Bravo, mas é uma figa torta. Repare que eu sou unionista. Se o caso fosse com o Granjo não me importava. Até gostava! Mas com o Barros Queiroz, marechal unionista, é o diabo! O Afonso arrasa-o, atirando para cima dele com as culpas do fracasso do negocio e eu fico desacompanhado, porque o Afonso, depois, não me quer na politica.

— Mas você acredita que o Jafferson Williams consiga provar que...

— Que é homem capaz? Eu já não sei nada. Os governos (os dois, o do Barros Queiroz e o do Granjo) afirmam que o Jefferson Williams é «escroc» internacional, cavalheiro d'industria conhecido da policia, que é, talvez, o lendario Sylbert, antigo presidiario...

— Sim...

— Enquanto que o Afonso diz que os homens do «Credit» são respeitaveis pessoas de negocios claros e não escuros, e que, sendo assim, haviam de ter enviado informações favoraveis ácerca do Williams, o «Homem-Duro», que só disse «All right». Imagina agora que o Afonso faz vingar, á evidencia, esse novo aspecto do caso.

— Mas como?

— Apresenta a folha corrida do «Homem-Duro» que só diz «all right».

— Será pouco, talvez.

— Mas completa-a com a revelação sensacional de que o «Homem-Duro» que só disse «all right» é financeiro de polpa e tanto...

— E tanto...

— Que está cumprindo, com o governo belga um contracto semelhante ao assignado pelo sr. Afonso Costa e pelos homens honestos do «Credit».

— E isso pode ser?

— E', pelo menos, o que se está preparando. X... não ficou por aqui.

Mas o resto só irá na oportunidade...

EM REDOR DO DRAMA RUSSO

As grandes catastrofes economicas

A FOME NA RUSSIA

Passando em revista a miseria do mundo — A Irlanda e a «potato famine» de 1846 — As grandes fomes da India, da China, da Persia e da Russia — A fome -!- actual da Russia, suas causas e remedios -!-

Se adicionassemos o numero de victimas de todas as fomes que teem assolado o mundo durante os ultimos dez seculos, veriamos que a fome é um flagelo muito mais terrivel que as epidemias, tremores de terra ou qualquer outra catastrofe que tenha afectado continentes inteiros.

Efectivamente desde os tempos longinquos da invasão da Inglaterra pelos normandos, em que uma fome universal assolou o mundo conhecido, a humanidade tem sido obrigada, de vez em quando, a repartir os seus recursos e a ir em socorro de alguma parte do orbe terrestre, onde, devido a estiagens, a guerras, a inundações ou a qualquer outra causa, as colheitas foram escassas e a fome e a penuria substituiram a prosperidade.

Hoje, mais uma vez, o mundo civilisado é chamado a combater outra fome — desta vez na Russia — sendo necessario para a debelar, um Fundo de Auxilio de cem milhões de libras estrelinas, para fornecer alimentos aos habitantes das provincias afectadas. Não nos devemos surpreender pelo facto de serem as regiões consideradas ainda ha poucos anos, o celeiro da Europa, aquelas que actualmente mais assoladas estão pela estiagem e pela fome dela resultante. As grandes fomes do passado, mostram-nos com frequencia que é precisamente o distrito normalmente o mais fertil, aquele que vê as suas colheitas destruidas e o seu povo pedindo auxilio.

A presente crise da Russia necessita, como é de calcular, uma solução rapida, sob pena dos mais funestos resultados. A «potato famine» ou a «fome da batata» que assolou a Irlanda em 1846 em dois mezes produziu os mais terriveis efeitos; milhares de camponezes famintos internaram-se em Inglaterra, morrendo muitos deles de fome a bordo dos navios de emigrantes. O numero total de victimas foi de duzentas a trezentas mil pessoas. O governo britanico gastou cerca de dez milhões de libras com os fornecimentos de batata destinados aos habitantes famintos da Irlanda; assim se conseguiu paralisar a marcha do flagelo, até se obter uma abundante colheita. Hoje, a soma necessaria para salvar os sete milhões de russos que já se encontram sob as garras da fome, é precisamente dez vezes esta importancia.

A mais terrivel fome que tem sido experimentada foi a que assolou a India em 1770 pouco depois de estabelecido o «British rule». Em Bengala, a principal provincia atingida, um terço da população total, uns dez milhões de pessoas pereceu.

Até esta epoca, era vulgar uma fome na India durar dez e doze anos, sem que chegasse auxilio do mundo exterior, vendo-se, debelado o flagelo, cidades inteiras abandonadas por completo.

Outra grande fome foi a de 1838, em que a penuria se notou principalmente na India central, calculando-se em 800.000 o numero dos que pereceram.

Em 1866 novamente Bengala e Orissa sofreram as agruras doutra fome que levou nada menos dum milhão de habitantes. A ultima grande fome ocorreu em 1899 e durou até 1901. Durante dois anos pereceu um milhão de pessoas, calculando-se em cincoenta milhões de libras as despesas feitas pelo governo indio. Todavia, nesta ocasião todo o mundo civilisado correu em socorro das populações famintas. O governo britanico gastou dez milhões de libras, tendo tambem outros paizes prestado o seu auxilio, principalmente os Estados-Unidos, que concorreram com uma larga quota em dinheiro e alimentos.

A presente calamidade da Russia não é a primeira que tem assolado essa infeliz terra. Com efeito, em seguida á India e á China, é na Russia que se teem dado as maiores e as mais frequentes crises de inópia.

Nestes tempos mais chegados nada menos de 3 fomes visitaram o paiz; a de 1891, a de 1906 e a de 1911. Em 1906 o governo deu 40 libras de farinha por mez a todas as pessoas com menos de 18 anos e com mais de 59 anos de idade. A fome de 1911 estendeu-se a um terço da area do antigo Imperio Russo e afectou mais ou menos directamente trinta milhões de pessoas. A casca das arvores, as ervas e um pão amargo feito de bolotas constituiu a principal alimentação do povo. Foi esta a mais terrivel fome que, nos tempos modernos, tem sofrido uma nação europeia; mas a actual calamidade deve igualar, senão exceder, a terrivel crise de 1911.

Durante a Idade-Media, as grandes fomes eram na Europa um flagelo frequente, e até no seculo passado mais ou menos se observaram; assim nem sempre as ilhas britanicas escaparam á sua terrivel visita; foi até a grande fome de 1586 que deu origem ao «Poor Law system» neste paiz. O ultimo destes periodos de más colheitas que deixou a Europa á mingua de recursos foi durante a fome ale mã de 1817; a partir de então o rapido desenvolvimento da navegação e dos caminhos de ferro baniu quasi por completo as fomes da Europa.

E' todavia a China, cujos habitantes estão dependentes quasi por completo da colheita do arroz, o paiz que tem sofrido o flagelo da fome mais que qualquer outro, não exceptuando mesmo a India. Calcula-se que nos anos de 1877 e 1878 pereceram nada menos de nove milhões de chinezes e que nas provincias septentrionaes durante os anos seguintes á fome geral, cerca de quatro milhões morreram por falta de alimentação. A ultima grande fome na China foi a de 1903, e ainda recentemente em 1911 e em 1914 outras fomes, embora mais pequenas, se registaram.

A epoca de 1870 tornou-se notavel por uma pronunciada escassez universal das colheitas; assim, por essa ocasião, emquanto grandes fomes estavam assolando a China e a India, registou-se tambem o mesmo flagelo na Persia, onde produziu 1.500.000 victimas, isto é, cêrca de um terço da população total do paiz.

Milhares de pessoas teem tambem nestes ultimos dois anos, morrido de fome na Austria, e uma grande parte dos habitantes teem o seu pão diario dependente do auxilio exterior. A actual fome da Russia, como a maior parte das acima mencionadas, é principalmente devida a condições climatericas, ainda que a revolução bolchevista e o cáos em que o paiz tem vivido apoz a guerra, tenham, até certo ponto, para ela contribuido. E' certamente impossivel regular as chuvas em qualquer região, de modo a tornar impossivel a escassez das colheitas, mas de muitos outros modos os governos modernos adoptam todas as medidas possiveis para evitar a fome, ou se por infelicidade ela aparece, para reduzir o mais possivel os seus efeitos pela rapida chegada de socorros ás regiões atingidas.

Assim, se os meios de transporte estivessem na Russia em melhor estado do que actualmente estão, seria possivel conseguir que os socorros chegassem ás regiões assoladas, apenas em metade do tempo que se gastará com a preparação de comboios de socorros.

Na India, é anualmente inscrita no orçamento uma determinada importancia, que constitue um Fundo de Socorro perpetuo para combater a fome tomando-se precauções especiais quando uma escassez parcial da colheita do arroz, faz sentir as ameaças do flagelo. Além disso, empregam-se todos os esforços a fim de melhorar os sistemas de agricultura em uso para evitar tanto quanto possivel taes catastrofes no futuro.

Do mesmo modo que a estiagem, são tambem as inundações uma outra causa importante das fomes. Para afastar este perigo no Egipto, na Mesopotamia e noutros paizes em que as inundações são um acontecimento vulgar, teem-se introduzido metodos modernos de irrigação das terras, que ao mesmo tempo utilisam o excesso das aguas dos rios.

Mas sob condições tão excepcionais como as que actualmente existem na Russia, as fomes sempre se hão-de manifestar. E, uma vez estabelecido o flagelo em qualquer parte da terra, o unico remedio para o aniquilar está em abrir fundos de socorro e em fazer transportar os abastecimentos dos centros de abundancia para as regiões que estão sofrendo a fome.

Do mesmo modo para combater uma fome moderna, os medicos, as amas de leite e os medicamentos são um auxilio tão importante como os proprios alimentos.

✦ ✦ ✦

Como vimos, nenhumas calamidades na Historia do mundo teem causado mais victimas do que as grandes fomes do passado.

Estará-se hoje a Historia repetindo na Russia? — Já cerca de 35.000.000 de russos estão sofrendo as consequencias do terrivel flagelo.

Eis rapidamente esboçados os meios mais eficazes de combater essa calamidade: pôl-os em execução e sem tardar, eis a questão.

Setembro de 1921.

Raul Humberto de Lima Simões.

POLITICA

Alguns parlamentares descontentes com a Imprensa

No discurso hontem pronunciado na Camara dos Deputados, o sr. Antonio Maria da Silva deu exteriorisação, mais uma vez, á fobia de que sofre respectivamente á letra de fôrma. As «gazetas», como o ilustre democratico chamou, depreciativamente, aos jornais, do seu paiz, eram culpadas de não sabemos quantos nefandos crimes, o menor dos quais, por força, está em terem obrigado os governos a revelarem á Nação essa ignobil farçada do «Misterio dos Cincoenta Milhões. Aquele ex-ministro das Finanças preferia que, a bem da moralidade convencional, o celebre contracto-burla ficasse eternamente sepultado nos arquivos ministeriais.

Não arrancou o sr. Antonio Maria da Silva esse formal compromisso ao seu sucessor na pasta, o sr. Barros Queiroz? Ha quem o afirme. Não admira pois, que o sr. Antonio Maria da Silva tanto odeie essa indiscreta campanha das gazetas, que, de resto, apenas tem feito uso das informações dos homens publicos.

São-nos indiferentes as manifestações de agrado ou desagrado dos politicos partidaristas.

Na Sociedade das Nações

Assuntos varios

GENEBRA, 16. — Na sessão da Assembleia da Sociedade das Nações, o sr. Lange, delegado da Noruega criticou a obra da comissão de desarmamento e manifestou a sua esperança na acção da Sociedade. O delegado da Albania pediu para se pôr termo ás eternas questões dos Balkans. O delegado da Grecia manifestou a sua simpatia pela Albania livre e independente.—(H.)

Admissão da Estonia e da Letonia

GENEBRA, 16.—A comissão mediadora nomeou o sr. Bischmann, delegado da Noruega para 4.º juiz suplente do tribunal internacional de Justiça. A comissão de candidatura de novos estados votou, por unanimidade, a admissão da Estonia e da Letonia á Sociedade das Nações. —(H.)

A Espanha em Marrocos

Prossegue o canhoneio

MADRID, 16.—O comunicado oficial da meia noite participa que o inimigo continuou durante o dia canhoneando sem interrupção. No resto da zona espanhola ha socego absoluto. O tenente Maffiotti Rodes que tentara suicidar-se, veio finalmente a morrer victima da sua tentativa.—(H).

Mais alguns disparos sobre Melilla

MADRID, 16 — Noticias da noite de ontem confirmam que o general Berenguer comunicou ao governo que o inimigo disparou alguns tiros de peça sobre os arrabaldes de Melilla com os canhões que tem montados em Gurugu, sem resultado.

Em Tetuan, Ceuta e Larache não ha novidade. — (A.)

Em beneficio dos soldados

MADRID, 16 — Ontem de tarde, na praça da America, realisou-se o concerto pela banda municipal em beneficio dos soldados que estão empenhados na guerra de Marrocos, com uma grande afluencia de povo.

Durante o concerto o rei assomou á janela uns momentos, sendo delirantemente aclamado. — (A.)

Prosseguem os preparativos

MADRID, 16 — Noticias de Melilla informam ter ali chegado a bataria de artilharia de Murcia, que será montada numa nova posição.

O regimento do Rei ficou a guarnecer Ras Kivianas, estabelecendo um novo blockaus. Houve tiroteio no Zoco Ilad, disparando os mouros trez tiros de peça que não causaram victimas.

O principe Filipe foi encorporado no regimento de hussards.

Foram distribuidos varios premios entre os legionarios estrangeiros.

O inimigo reforçado acentuou o ataque contra o Cabo Agua, mas a bataria da canhoneira «Laya» repeliu-os.

Continua a montagem duma bataria de artilharia pesada em Atalayon. — (A.)

Em honra de Dante Allighieri

RIO DE JANEIRO, 16. — Por ocasião do sexto centenario da morte do eminentissimo poeta florentino Dante, a Camara dos Deputados resolveu que esse dia fosse feriado. — (A).

O escudo portuguez no Brazil

RIO DE JANEIRO, 15. — Cambio s/ Londres, 8 1/8 e 8 3/16; valor do escudo português, 740; 810 réis. — (A).

UM CRIME ANTIGO

"A Leva da Morte"

Fala o delegado do procurador da Republica, sr. dr. Pais Rovisco

Constando-nos que em breve iam ser finalmente julgados os individuos implicados na célebre «Leva da morte», procurámos ha pouco no seu gabinete da Boa-Hora, o sr. dr. Pais Rovisco, delegado do Procurador da Republica no 2.º districto criminal, por onde o processo corre.

S. Ex.ª recebeu-nos com um sorriso amavel, e oferecendo-nos uma cadeira, exclamou:

—Eu pouco ou nada lhe poderei dizer a esse respeito, a não ser que o processo está preparado para julgamento, e que este se deve efectuar num dos primeiros mezes do proximo ano judicial.

—Porque motivo não se realizou o primeiro julgamento?

—O primeiro julgamento foi adiado a requerimento da acusação, e muito bem por terem faltado as principais testemunhas de acusação.

—Pode V. Ex.ª dizer-me se pelo processo se verifica a culpabilidade dos individuos presos?

—Sim, e tanto que eles se encontram pronunciados. Não lhe posso dizer se eles serão ou não condenados porque isso depende unicamente dos jurados, pois é o critério do jury que ha-de resolver o caso.

S. Ex.ª mostrou-nos então os schemas das lesões das victimas, passadas pelo Instituto de Medicina Legal, e juntos do volumoso processo da «Leva da morte», processo que constitue trez grossos volumes que teem perto de mil folhas.

Por esses schemas verifica-se que as victimas foram barbaramente agredidas, de forma a deixar a impressão de que a agressão fora feita por verdadeiras féras e com o intuito seguro de matar.

«Pelo schema que v. aqui vê, e que é o do visconde de Ribeira Brava, verifica-se que no lado esquerdo do tronco existem dois ferimentos produzidos por arma de fogo na região parietal direita dois ferimentos produzidos por balas de pistola, na região supra-clavicula direita um ferimento identico; no lado esquerdo do dorso uma larga ferida de forma ilitica produzida por uma arma contundente; verificando-se finalmente, segundo o relatorio dos peritos do Instituto de Medicina Legal, que a morte foi resultante da ferida por arma de fogo na região supra-umbilical direita, ferindo o figado; e pela ferida por arma de fogo no lado esquerdo do tronco perfurando o pulmão esquerdo.

Passámos ainda a vista pelos varios schemas das outras victimas, e verificámos que todas elas apresentavam ferimentos horrorosos, o mais pequeno dos quais bastaria para lhes causar a morte.

Pela leitura do processo chega-se á conclusão de que o falecido visconde da Ribeira Brava foi assassinado pelo ex-guarda civico Fernando Henrique Pereira, tendo como co-autor o preso José Viegas; e como instigadores do vil atentado os individuos que actualmente se encontram no Limoeiro: Carlos Alberto Cristo, José Vieira de Aguiar, Francisco Evaristo Carapeto e Alvaro Duarte Costa.

A carestia do ouro

Questões de cambio — A produção mundial

Toda a gente se alarma, dia a dia quando vê a libra cotada a 50, 52 e 53 escudos, e o ouro em barra a 600, 700, 800, 900 e mais por cento.

Não ha duvida que entre nós ha umas causas muito especiais que nos levarão a extremos em que nem sequer pensar é bom.

E' sabido que enquanto a nossa circulação fiduciaria não pode ser reduzida por circunstancias justificativas, e enquanto a balança comercial não tender para o equilibrio, pela diminuição de importações de que abusamos demasiado, e pelo aumento de exportação, o que só se poderá realisar desenvolvendo a exploração das nossas muitas riquezas que por emquanto continuam num quasi estado virgem, a taxa de cambio não tenderá para o equilibrio, já que ao par nunca mais poderá chegar, pela razão mesma de que 4.500 de ha muito deixou de representar a paridade!

Ha outras razões, porém, que muito influem e teem de ser levadas em linha de conta, se não quizermos cair num pessimismo doentio que muito mais vem moralmente agravar a situação.

A produção mundial do ouro, ainda se manteve numa media até 1914, como se verifica na tabela anexa.

Anos	Kilos	Valor em contos
1911	695.228	432.100
1912	701.872	435.240
1913	692.526	429.300
1914	656.041	412.920

De 1915, porém, até 1920, por muitas e variadissimas circunstancias das que costumam influir na produção com continuidade de greves e «lock-out», aumento de salarios, paralisação por desvio de braços ou por catastrofes ocorridas nas minas, e mais uma infinidade de factores, chegou-se aos resultados que a tabela abaixo deixa ver em toda a sua realidade:

Anos	Kilos	Valor em contos
1915	707.674	438.840
1916	681.026	422.280
1917	637.347	395.100
1918	576.815	357.660
1919	549.383	340.560
1920	522.239	323.820

Assim se verifica que a produção mundial de ouro que durante os primeiros 4 anos se manteve numa media de 427.390 contos, nos 6 anos seguintes até 1920 baixou para 379.708 contos, intendendo-se que no ano passado, por exemplo, chegou a ser apenas de 323.820 contos.

Aí fica sumariado um ponto de vista que para Portugal nos serve ao menos de linitivo.

«Solatio est...»

Na Russia faminta

O governo dos soviets só pede medicamentos

BERLIM, 16.—Consta que os representantes do governo dos soviets nesta capital teriam feito saber ao governo alemão que o seu governo, não tendo podido admitir a comissão de inquerito proposta pelos aliados na nota do sr. Noulens, se acha resolvido a vencer a fome na Russia com os seus proprios recursos, pedindo unicamente a remessa de medicamentos.—(H).

O conflito heleno-turco

LONDRES, 16.—As ultimas noticias da Asia Menor referem que as operações militares que se acham paralisadas de ambos os lados, procedendo os turcos e gregos ao reagrupamento das suas forças depois da sangrenta batalha de Sangarios que parece não ter conduzido a resultados decisivos para qualquer dos partidos. Duvida-se de que os gregos possam renovar as operações devido á aproximação do inverno.—(H).

Lucta pela vida

PONTA DELGADA, 16—Realisou-se uma manifestação popular para impedir o embarque de gado e batatas no vapor «Funchal» — (H.)

As inundações

No Estado de Texas as vitimas são mais de quarenta

NOVA-YORK, 16. — As inundações no Estado de Texas teem sido pavorosas. Os prejuisos são avaliados em mais de dez milhões de dollars, e o numero de cadaveres já encontrados já passa de quarenta. Em Santo Antonio a agua chegou á altura de um segundo andar—(C).

Inundação numa igreja de Bruxelas

BRUXELAS, 16 — Desencadeou-se a noite passada uma tremenda tempestade na povoação de Koekelberg, em consequencia da qual se inundou esta manhã uma igreja á hora em que se celebrava uma missa. Morreram duas senhoras e uma creança vitimas da inundação. — (C).

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

A procissão do Corpo de Deus e a desenvoltura dos costumes — Conventos e mosteiros — Frades e freiras

Em tempos de D. Sebastião a desenvoltura dos costumes atingira o supremo da imprudencia.

Ao contacto com o luxo que nos viera da India, desenvolveram-se entre nós os costumes demasiado licenciosos. O desregramento assumira proporções inverosimeis.

A prostituição invadia os Templos deshonestava os Conventos, inventava requinte de sodomia, contra os quais só os reinantes se insurgiam, por mais que algumas vezes eles proprios se deixassem cahir nos mesmos erros que em suas Ordenações condenaram.

A procissão do Corpo de Deus, essa imensa dansa obscena e carnavalesca, parto infeliz do pápa Urbano IV, veiu a ser um pretexto para os exercicios da prostituição, a lembrar as Bachanaes da velha Roma.

Antes e depois celebravam-se sumptuosos oficios divinos e vislumbrantes arraiais, a que concorria imensa aglomeração de gente, como se todos os arredores se despovoassem.

Na propria Procissão figuravam dansas, algumas de caracter obsceno, descantes, jogos, gente a figurar de reis, santos e imperadores, rainhas e santas da Côrte do Ceu, autenticas de carne e osso, além dos gaiteiros, mascarados, ferreiros, moleiros, merceiros, forneiros, carpinteiros e outros «mesteres» que acompanhavam o S. Jorge e seu Homem de Ferro, Santa Catherina, Santa Clara e quantas mais santas, todas vivas, anafadas e rubicundas, escolhidas dentre as mais bêlas moças dos arrabaldes, a convidar os mais honestos ao peccado da concupiscencia.

Nessa imoralissima festanga apresentavam-se, entre outras cousas ridiculas, por exemplo, um «sugistorio» (fróchoiro) trajando fitas e guizalhada, com a missão de fazer momices por todo o trajecto, dansas frescas e alegoricas, figurando caçadas e jogralices em que eram comparsas judeus, ciganos, fructeiras, peixeiras, arrais e marinheiros, além de certas dansarinas que se entremiavam ao longo do cortejo, bailando e pulando ao som de adufes e pandeiros.

Entre as varias representações comicas daquela orgia religiosa, figurava habitualmente um galego vestido de Abrahão e uma rogateira mascarada de Santa Maria da Asninha, uma outra de Sant'Ana, tudo mulheres propositadamente escolhidas das mais lindas, a funcionar como de afrodisiaco...

O impudor assumiu proporções tais que já iam causando alarme na opinião dos grandes e dos pequenos. Parece que as moças enfeitadas que entravam na procissão, chegaram a formular queixa dos ditos e acções praticadas para com elas por alguns padres e frades.

Assim se deprehende de uma lei promulgada pela rainha regente D. Catherina, avó de D. Sebastião, pela qual, para evitar escandalos, se prohibia que nas procissões do Corpo de Deus continuassem a figurar moças ornamentadas, pelo desassocego que causavam aos sacerdotes, religiosos e outras pessoas, (*).

E não seria só ali. Um viajante francez coevo referia-se dolorosamente ás orgias na Igreja, para onde se mandavam entrar mulheres ricamente enfeitadas, as quaes, na presença do Santissimo Sacramento que estava esposto, dansavam ao som de guitarras e castanholas, cantando modinhas profanas e «tomando mil posições indecentes e impudicas» que mais conviriam para lupanazes do que para Igrejas que são a casa de Deus.»

Os Coventos e os Mosteiros, nos principios do seculo XVI eram quasi exclusivamente abrigos da prostituição, alcouces legais.

O padre vivia no regimen da publica mancebia, entregando-se a toda a orgia imaginavel. Só assim se explicam as leis repetidas e persistentes de repressão taxativa sobre tais abusos.

A acção dos Conventos foi deveras dissolvente, e muito apressou a decadencia a que nos vemos reduzidos.

Frades e freiras, por mais que aparentassem o maximo desprezo pelas riquezas, por mais que se flagelassem, por mais que aos olhos do mundo castigassem a propria carne, em verdade, de claustros a dentro, recorriam a todos os gozos possiveis em vida, locupletavam-se com as mais deliciosas iguarias, bebiam dos melhores vinhos, refastelavam-se com os doces mais esquisitos de que eram especialistas e repotreavam-se nas mais confortaveis poltronas, ao mesmo tempo que se entregavam aos maiores requintes da depravação e orgia.

E tudo isto se fazia com o nome de Deus sempre na boca e o rozario de contas na mão!

Prodigalidade e dissipação eram-lhes habituais. A D. Felipe II de Portugal, por exemplo, subira queixa do desgoverno havido no convento de Santa Clara de Santarem, onde uma renda fixa de dez a doze mil cruzados (4 a 5 contos naquele tempo não chegavam para sustentar cinco mezes com setenta religiosas, pelo que o monarca teve de ordenar, junto ao claustro celeiros ou dispensas, como hoje se diria, fechadas a trez chaves.

(*Continúa*).

Ladislau Batalha

(1) M. B. Branco Hist. dos Ord. Mon. —II—418—n.
(2) Dillon—*apud.* Branco—Op. cit. II—330—n.

Touradas

ALGE'S

«50 milhões de dollars»

E' o titulo sugestivo do intervalo que depois de amanhã, domingo, se exibirá na praça de Algés, para o que o Antonio Preto se está preparando com toda a sua boa vontade, afim de despertar o efeito seguro de provocar em toda a assistencia a mais franca gargalhada. Além deste grande atrativo outro haverá não menos digno de nota, que são os toureiros mirabolantes, que quando da sua estreia tanto entusiasmo despertaram. O resto da lide está confiada a um destemido grupo de aficionados, que se entenderão com as 8 rezes bravas que lhe soltarão.

Teatro São Luiz
em sinal de sentimento
pelo falecimento do
--Sr. Antonio Ramos--
não ha hoje espectaculo
neste teatro

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Mademoiselle E'cran».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde e Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

O espectaculo de amanhã, no S. Luiz, apresenta um atrativo da maior sensação, em festa artistica do popular e gracioso actor Antonio Gomes, da Trindade. Estreia-se a fenomental fita americana «Os 50 milhões de dollars» ou «Estas a vêr ó viroscas», que é da maior oportunidade, e que está destinada a causar um exito verdadeiro grandioso.

—Amanhã na Companhia Infantil do Avenida, estreia-se um elemento artistico deveras notavel: é o pequenito de 10 anos, Rolando de Oliveira, que é verdadeiramente prodigioso na interpretação de varios numeros, e principalmente na imitação do celebre artista Charles Chaplin, Charlot, em que é admiravel.

—Desligaram-se da Companhia Alves da Cunha, do Ginasio, os artistas Julia da Assunção e Otelo de Carvalho, tendo para isso, pago a multa exarada nos respectivos contractos.

—Está despertando um grande interesse a epoca de inverno no Salão Foz, que é inaugurada, a 20 de outubro, pela Companhia Otelo de Carvalho. A primeira figura feminina dessa companhia é a gentil actriz Laura Costa, que entra na peça da estreia, assim como o actor Gomes, da Trindade, e o actor-empresario Otelo de Carvalho.

—A' empresa do Salão Foz foi lida uma outra revista, da autoria do sr. Afonso Carneiro, a qual agradou imenso. Nela estão destinados a Otelo de Carvalho tres papeis e ao actor Gomes, o de «compadre».

—Quasi todos os assinantes da temporada finda, aos quais está reservada a preferencia até domingo, mandaram já reservar os seus antigos lugares para a proxima epoca do Nacional, que vai decorrer brilhantissima. O «elenco» da companhia é o mais completo, numeroso e valioso, de que ha memoria. O repertorio, que já publicámos, no que se refere as peças nacionais, não pode ser mais interessante, e pelo que diz respeito ás estrangeiras, representadas pela primeira vez, em Portugal, sabemos que a administração do teatro conta com as seguintes:

«La Maison Cernée», 4 actos, de Pierre Frondaie; «La Fugitive», 4 actos, de André Picard; «Le Reveil», 3 actos, de Paul Hervieu; «O Tufão», 4 actos, adaptação do teatro hungaro, de M. Lergvel; «Le voile Dechiré», 3 actos, de Pierre Wolff; «O centenario», 3 actos, dos irmãos Quintero, e uma adaptação de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes.

Reclamos

S. Luiz

Com todas as suas recentes e sensacionaes atrações a inexcedivel revista de «Capote e Lenço» continua sendo a grande atração não só do S. Luiz, mas, mesmo, de Lisboa, no que se refere a espectaculos alegres. O seu quadro «Colegio de Meninas», alusivo á discutida questão do livrete das serviçaes, tem pilhas de graça, e é sempre aplaudidissimo, o que sucede, tambem, com o popular «Fado Laura Costa», que a gentil artista desse nome interpreta esplendidamente. Hoje, no S. Luiz repete-se tão atraente espectaculo.

Apolo

Lembram-se da celebre «Costureirinha», que tanto brado deu no paiz inteiro? Pois bem, a «Costureirinha» do teatro Apolo, numero dos mais apreciados da engraçada revista «Burro em Pé» é ainda muito e muito mais celebre do que a outra.

Avenida

A petizada do Avenida continua a encantar o publico; os numeros novos, que recentemente estreiaram, causaram verdadeira sensação e entusiasmo, sendo vibrantemente aplaudidos. Bem merece o agrado que está obtendo a Companhia Infantil e a gentil actriz Cremilda Torres. As galantes creancinhas desempenham, com o maior brilho os seus papeis, e por uma forma tão correcta, que muitos de maior idade, invejariam. Hoje, no Avenida, a Companhia Infantil realisa duas sessões que, como as anteriores, devem ser concorridissimas.

Teatro Avenida

O distinto actor sr. Samwell Dinis escreve-nos uma afectuosa carta de despedida, onde nos informa que a Companhia Palmira Bastos, de que é ilustre ornamento, se retira para o Porto no fim deste mez.

Desejamos ao actor Samwell e á Companhia uma prospera «tournée» artistica, e agradecemos as boas palavras que nos dirige.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

Aberta a sessão depois das 13,30, pelo sr. Jorge Nunes, o sr. Torres Garcia ocupa-se logo em seguida da campanha que certos elementos catolicos de Coimbra teem feito contra as obras que se pretende realisar na Egreja de Santa Cruz, para instalação dum café-restaurante protestando contra essa campanha e chamando a atenção do sr. ministro do Comercio para o facto, no sentido de não permitir que á realisação das obras se oponham quaisquer obstaculos.

O sr. ministro do Comercio promete transmitir as considerações do orador ao sr. ministro da Instrução por cuja pasta corre o assunto.

Como nesta altura já haja numero, aprovam-se a acta e o expediente e continua a discussão da proposta do sr. Afonso de Melo para que o Congresso se reuna a fim de deliberar acerca das ferias parlamentares.

O sr. Mario de Aguiar protesta contra o adiamento dos trabalhos parlamentares em virtude de haver pendentes alguns trabalhos de alta importancia. Manda para a mesa uma moção propondo o prosseguimento dos trabalhos até ser votado o orçamento geral do Estado.

Em negocio urgente, o sr. Carvalho da Silva aprecia a lista dos individuos incluida no processo das indenisações classificando-a de o maior escandalo dos ultimos tempos. O orador lendo essa lista salienta as seguintes indemnisações:

Artur Leitão, 300 contos, jornal «O Mundo», 226 contos, João Silva 54 contos; «Club Montanha», 23 contos: José Correia, 12 contos; D. Maria Jesus Correia, 42 contos; Leote do Rego, 35 contos, já pagos; Gremio Lusitano, 249 contos, já pagos; jornal «Republica» 26 contos, já pagos. Pregunta depois se ha alguem na Camara capaz de apoiar semelhante vergonha, e onde foi que a revolução monarquica causou prejuizos se foi em Lisboa ou no norte.

O sr. Lopes Cardoso salienta que o Parlamento confiou o caso aos tribunais e que foram eles, dentro das suas atribuições que estipularam as indemnisações. E' justo que os monarquicos paguem, e é isso o que doi aos monarquicos. Pois descance o sr. Carvalho da Silva que o paiz não está a saque, como pretende fazer acreditar. Continuando o orador pregunta ao sr. Carvalho da Silva o que foi a acção dos monarquicos no norte e que autoridade teem os partidarios da monarquia para falar em escandalos. Termina afirmando que o sr. Carvalho da Silva não provou que as indemnisações não são justas mas simplesmente que elas são avultadas. Se assim fôr os tribunais que resolvam.

O sr. Carvalho da Silva pregunta se no caso de serem os monarquicos a pagar quais são, se os que foram amnistiados e que portanto não teem já nenhumas responsabilidades, ou os outros que não foram presos e que a Republica considera nesse caso como ilibados de culpas.

O sr. Cunha Leal diz energicamente: assentemos nisto: por ora ainda somos nós os republicanos os julgadores. Os monarquicos roubaram as agencias do Banco de Portugal no norte, o sr. Paiva Couceiro levou delas o dinheiro com que sustenta lá fóra os seus amigos.

São excessivas as indenisações? Talvez. Mas então peça-se uma revisão da lei. Isto é que é honesto. Mas querer que os roubados não sejam indenisados isso não, porque a Republica não o permitirá.

—O sr. Carvalho da Silva:—Isso são palavras, o que eu disse são factos.

O orador: descance sr. Carvalho da Silva, por emquanto ainda vivemos em Republica. Os monarquicos hão de pagar o que roubaram.

O sr. Agatão Lança profere tambem um energico discurso contra os monarquicos, dizendo que as indenisações são justas.

O sr. Belchior de Figueiredo como juiz dum tribunal do Porto afirma que as indenisações que no norte já foram pagas são absolutamente justas.

Estranha o sr. Carvalho da Silva, diz, que os republicanos paguem 4.500 contos. Pois só numa agencia roubaram os monarquicos 3.000 contos.

O sr. Mario de Aguiar protesta e pede provas. Os liberais e os reconstituintes e alguns democraticos protestam violentemente.

A sala assume nesta altura um aspecto poucas vezes visto.

Os monarquicos chamam ladrões aos republicanos, estes em altos brados chamam ladrões aos monarquicos.

O sr. Mario de Aguiar profere uma frase que não houvimos, e que leva a Camara a um alto grau de excitação, pedindo o sr. Vasco Borges em altas brados e batendo nas carteiras que seja retirada a frase.

Serenados os animos, o sr. Mario de Aguiar dá explicações com que o sr. Belchior de Figueiredo e o resto da Camara concordam.

Continuando, o sr. Belchior de Figueiredo salienta que os roubos nas agencias do Banco de Portugal no norte se deram e que até foram aprendidos ainda alguns contos a varios individuos.

O sr. Lopes Cardoso requere, em vista da larga discussão ja feita sobre a proposta, que ela entre imediatamente em discussão a fim de se poder votar.

O sr. Moura Pinto invoca o artigo 60 do regimento afim de obstar a que qualquer outro orador use da palavra e declara concordar com o requerimento do sr. Lopes Cardoso.

O sr. Vasco Borges requere que a proposta seja posta á aprovação, com prejuiso dos oradores inscritos. Todos aprovam com exepção dos monarquicos. Na mesa faz-se então a leitura da proposta.

O sr. Mario de Aguiar que tinha sobre a proposta ficado com a palavra reservada na ultima discussão está, á hora em que fechamos este extracto, fazendo obstrucionismo com um discurso longo que se espera vá até ao fim da sessão para evitar que a proposta passe devido a ser hoje a ultima sessão. Sucederá assim?

Pede-nos o sr. Carvalho da Silva, deputado monarquico, que rectifiquemos a parte do nosso extracto parlamentar de ante-ontem no áparte que lhe é atribuido, quanto ao sr. presidente da Camara dos Deputados, considerando-o menos digno da consideração da minoria monarquica. Com efeito, ouve um pequeno lapso da nossa parte. O que o sr. Carvalho da Silva disse foi que a minoria monarquica tinha pelo sr. Jorge Nunes a maior consideração.

Folgamos em fazer esta rectificação.

No Senado

Continuando a sessão, que fôra suspensa ante-ontem, para continuação da discussão sobre o projecto de lei readmitindo os ferroviarios do Estado, o sr. Herculano Galhardo, depois de lamentar que, tanto o sr. ministro do Comercio como o sr. presidente do ministerio, não tenham respondido ainda ás suas argumentações, esquivando-se assim a fazê-lo, envia para a mesa uma moção de ordem no sentido de que, não podendo o § unico do art. 54. do decreto de 25 de Maio de 1911 autorisar o poder executivo a alterar ou modificar a legislação vigente. O Senado reconhecendo a conveniencia e oportunidade de se legislar sobre tão importante assunto, como é tendencia do projecto em discussão, continua na ordem do dia.

O sr. Celestino de Almeida alude ao estudo que as comissões de obras publicas e legislação civil dispensaram ao projeto, não se referindo sequer á moção.

O sr. Herculano Galhardo estranha este facto, declarando que, emquanto não se fizer justiça aos ferroviarios, jámais se calará. Pode a maioria liberal regeitar por votos o projeto, mas a vitoria pertence-lhe a ele, orador, porque ninguem rebateu os seus argumentos.

O sr. ministro do Comercio declara concordar com o final da moção apresentada pelo sr. Galhardo.

O sr. Afonso de Lemos faz alguns reparos sobre a interpretação do regimento.

O sr. Celestino de Almeida envia para a mesa uma moção no sentido de que o Senado legisle sobre o projecto dos ferroviarios.

O sr. Mendes dos Reis requere que o projecto acompanhado das duas moções baixe ás respectivas comissões.

Foi aprovado, congratulando-se o sr. Herculano Galhardo com esse facto, que afirma muito prestigia o Parlamento.

São 17 horas.

A sessão continua.

Sessão prorogada

O sr. Mario de Aguiar, deputado monarquico, está fazendo obstrucionismo á proposta das indenisações. E' possivel que a sessão seja prorrogada, iluminando-se a sala á luz de velas, até se encerrar o debate e proceder-se á votação.

Um suicidio por amores

O drama passou-se no Dafundo. Maria Natalia de Abreu, nova e bonita, tomou-se de amores com o fotografo Anibal Soares da Cunha Pimenta, residentes no Porto.

O pae não levou a bem. Altercaram. Poz fóra de casa a filha que logo fugiu com o seu querido, indo fixar residencia no Dafundo.

Não tardou que o D. Juan buscasse novos amores, com o que Maria Natalia não se conformou.

Para pôr termo ao seu desgosto desfechou hoje no proprio peito uma pistola que lhe varou o coração.

Conduzida ao hospital de S. José, quando lá chegou já era cadaver.

Com o craneo fracturado

Joaquim José Catita, natural e residente em Alcacer do Sal, caiu de um carro, uma queda desastrosa que lhe fracturou o craneo. Conduzido ao Hospital de S. José, sofreu a operação do trepano, ficando internado na enfermaria de Santo Antonio.

Atropelado por um electrico

Deu entrada na sala das Observações do Banco do Hospital de S. José, o sr. Adelino Correia, de 38 anos de edade, morador na rua dos Alamos, 63, — por ter sido atropelado na rua 24 de Julho por um electrico, que lhe fracturou a perna direita.

Espanhol que mata a creada

PORTO, 16 — Numa casa do Largo da Trindade o espanhol Romão Pereira Munoz assassinou, degolando, Ana Alves, serviçal numa pensão da rua Formosa. O assassino foi preso quando tentava evadir-se. — (H.)

Companhia da Roça Saudade

Não reuniu hoje, como estava anunciado, a assembleia geral da Companhia Roça Saudade.

Mercado do peixe

Hoje, em Santos, descarregaram 564 caixas de peixe, os vapores «Emilia» e «Serra de Agrela», que produziram a importancia de 29.367$20.

No mercado da Ribeira Nova houve falta de peixe miudo, não descarregando nenhum cerco.

Antonio Ferreira Ramos

Faleceu hoje, pelas 5 horas, e após 9 mezes de doença, o sr. Antonio Ferreira Ramos, proprietario do edificio do teatro de São Luiz.

Por esse motivo não ha esta noite espectaculo naquele teatro.

Ainda o misterio dos 50 milhões

Estão publicados os documentos

O «Diario do Governo» de hoje insere os documentos relativos ao contracto dos 50 milhões de dollars, dedicando-lhe 22 colunas. E' impossivel, atendendo á hora já adiantada, publicar esses documentos que os jornais de amanhã de manhã transcreverão na integra, reservando-nos para sobre eles fazer os devidos comentarios.

O primeiro documento é efectivamente um telegrama do sr. dr. Afonso Costa, em que, depois de afirmar que não é possivel no momento mobilisar a divida alemã para um emprestimo em Inglaterra, lança a ideia de uma operação com a America.

Dos telegramas do sr. Visconde d'Alte, nosso ministro em Washington, conclue-se:

1.º—Que nenhuma das grandes casas da America teve conhecimento das negociações para emprestimo dos 50 milhões de dollars, do que o sr. Afonso Costa andou a tratar desde Maio a Julho.

2.º—Que, a ser verdadeiro o acordo firmado com o Credit, ele não se realisaria na America, por isso que nem o Governo nem os Bancos Americanos estariam dispostos a fazer emprestimos a juro tão baixo e sem garantias especiais.

3.º — Que Jafferson Williams é um cavalheiro de industria e que as suas proezas vieram publicadas no «New-York Herald de 24 de Agosto.

A War Financial Corporation, que era a grande instituição americana com a qual o sr. Afonso Costa julgou tratar, nunca teve relações com o referido Williams.

Vê-se deste rapido resumo que a Capital não se afastou da verdade nas afirmações que tem feito.

Poeira da Arcada

O sr. ministro da agricultura teve hoje demorada conferencia com os directores gerais do ministerio e comissario geral dos abastecimentos, sobre diversos assuntos de abastecimentos, entre os quais a acquisição de trigo e a execução da nova lei cerealifera.

✦ ✦ ✦

Em vista de parecer favoravel do general sr. Ferreira Gil, director geral da primeira direcção da secretaria da guerra, o sr. ministro da guerra aprovou o plano de uniforme dos Voluntarios da Patria, corporação fundada pela Junta de Defeza Social, para prestar serviços de defeza e socorro á população, em caso de calamidade ou perturbação social, tendo a junta nomeado instructor chefe e director geral dos depositos, respectivamente, o coronel de engenharia sr. Conceição Taveira e o tenente coronel da administração militar, sr. Alfredo Pico.

✦ ✦ ✦

Foi nomeado chefe das maquinas do destroyer «Vouga», o primeiro tenente maquinista sr. Caetano Pessoa.

✦ ✦ ✦

Estiveram hoje na Camara dos Deputados muitas das mais gradas personalidades de Almada, representando a Camara Municipal, os centros politicos, comercio e industria locais, etc. a fim de conferenciarem, como realmente fizeram, com politicos eminentes, pretendendo a conclusão do caminho de ferro do Barreiro a Cacilhas. Solicitaram, tambem, facilidades governamentais para a Camara Municipal de Almada contrair um emprestimo de 500 contos na Caixa Geral dos Depositos, destinada a melhoramentos locais.

A Camara de Almada

pretende contrair um emprestimo de 500.000$00 para agua, luz electrica e obras de saneamento

ALMADA, 16.—Na camara dos deputados, deve ficar hoje resolvido o caso do emprestimo que a camara municipal deste concelho pretende contrair na Caixa Geral de Depositos. Como parece que no parlamento ha quem procure protelar esta questão, propalando ultimamente que a camara de Almada nada havia pedido, apraz-nos certificar que nos foi presente a representação que a mesma camara dirigiu nesse sentido, e da qual hoje mesmo vai ser enviada copia, pois, ao que nos dizem, a autentica estraviou-se. — (C.)

Notas politicas

O adiamento da sessão legislativa

Foi proposto, na camara dos deputados, o adiamento das camaras. E' provavel, mesmo quasi certo, que o congresso seja convocado para amanhã, resolvendo-se então a data da reabertura da sessão legislativa.

Não compreendemos bem como o governo se vai arranjar, durante o interregno, com o pouco que conseguiu ou conseguirá arrancar á sua ingrata maioria. Neste momento, por exemplo, o senado está discutindo, mas sem «quorum». Se, ao chegar a ocasião das votações, algum senador requer a contagem, o senado encerrará, sem nada resolver, por hoje. Mais tres ou quatro sessões tudo remediariam. Mas o que é facto, embora lastimavel, é que os parlamentares julgam-se esgotados por um trabalho que querem fazer acreditar que foi extenuante.

Enfim as coisas são como são e o remedio é a Nação resignar-se.

As Camaras reabrirão, parece, na segunda quinzena de novembro.

A' ultima hora surge uma questão interessante. Pode acontecer —e ha legitimos receios de que assim suceda—que, convocado o Congresso não se reuna o «quorum» indispensavel para deliberar sobre a proposta de adiamento. Será, nesse caso, um «gachis» dificil de resolver.

Adoptar-se-ha, talvez o expediente de encerrar a sessão do Congresso, marcando a seguinte para novembro para a vespera do dia da reabertura da sessão legislativa. O problema preocupa, neste instante, o proprio governo, que vai vivendo ao sabor de tantas e tão grandes dificuldades, provocadas, a maior parte, pela inconsistencia da sua propria maioria.

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Amanhã, Leixões contra Imperio-Lisboa

Inaugura-se amanhã, com um belo desafio, a epoca de foot-ball. São adversarios dois bons grupos.

O do Leixões, actualmente o mais forte Club portuense, 2.º classificado na epoca passada e o do Imperio-Lisboa completamente remodelado e com um «team» que muito dará que falar no proximo campeonato.

O desafio começa ás 17 horas e meia em Palhavã e será arbitrado pelo sr. Candido Oliveira.

No domingo, ás 17 horas, tambem em Palhavã, joga o Club Portuense com o Casa Pia, Campeão de Lisboa, o qual será arbitrado pelo sr. José Rodrigues.

A epoca 1921-1922 é, pois, inaugurada com bons desafios.

// A CAPITAL

3889 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 17 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

PERANTE OS DOCUMENTOS

O sr. Afonso Costa concedeu mais uma entrevista a um jornal de Lisboa. Nunca se viu tanta amabilidade do sr. Afonso Costa pela imprensa. O que não se explica é que só á imprensa dê provas dessa amabilidade. Ao parlamento da Republica não as concede, e segundo parece inferir-se da entrevista n.º 3, hoje publicada na *Imprensa da Manhã*, tambem á propria justiça do seu paiz se não dignaria patenteá-las. Realmente, é numa imprensa afecta, e que toda se desvanece com as atenções do triste negociador do contracto-burla, é nessa imprensa que o sr. Afonso Costa mais facilmente pode fazer a defesa de todos os *escrocs* que burlaram o Estado portuguez, sem esquecer o famoso Williams.

Entretanto, o sr. Afonso Costa não está feliz. E não está feliz porque á mesma hora em que aparece a sua defesa do sr. D. Manuel de Noronha e seus consocios, aparecem tambem publicados os documentos oficiais que exuberantemente provam a burla indecorosa, e até grosseira, planeada para servir de pretexto á recente especulação cambial.

Assim, enquanto o sr. Afonso Costa continua a acreditar, ou a fingir que acredita, num Williams serio e autentico representante dum grupo financeiro americano, aparecem á luz da publicidade os sucintos, mas categoricos e fundamentados telegramas do nosso ministro em Washington, o sr. visconde do Alte, pelos quais se provam duas cousas, que derrubam pela base as rabulices do sr. Afonso Costa. A primeira: é que a *War Finance Corporation* nunca tivera relações com Williams; a segunda é que nem mesmo podia haver qualquer operação no genero da que o sr. Afonso Costa supunha estar negociando-se, porque essa corporação só podia emprestar a exportadores americanos e nunca a governos estrangeiros. Justificadamente acrescentava o sr. visconde de Alte, na sua correspondencia telegrafica, que nunca por nenhum modo, fôra consultado sobre o caso, porque se o fôra teria logo informado que a situação financeira nos Estados *Unidos* tornava impossivel qualquer proposta séria para um contracto nas condições do que se negociára em Paris.

O sr. Afonso Costa achara excelente uma proposta em que, numa das duas clausulas, se declarava terminantemente que o Credit não tomava nenhuma responsabilidade em relação aos vendedores americanos. Isso pouco importava,—esclareça o sr. Afonso Costa—porque o governo portuguez as poderia exigir dos proprios vendedores. Mas quem seriam esses vendedores? Não o sabia. O que podia era indagar quem era realmente o Jefferson Williams que devia tratar com esses vendedores. Mas não o fez, embora soubesse apurar a respeito de Williams, que ele fôra apresentado ao Credit numa carta dum adido comercial á legação americana, o qual se limitava a dizer o que o proprio Williams lhe disséra, isto é, que representava um grupo americano. Que valor tinha uma carta desta natureza, enviada por um funcionario de pequena categoria diplomatica, o que não passava duma informação dada pelo proprio a quem essa informação aproveitava?

Logo, não havia nada. Nem era preciso haver nada. O jogo fazia-se por outro lado, e por isso mesmo não aparece nenhum documento narrando a mais pequena tentativa de Williams para se fazer o negocio das mercadorias necessarias a Portugal.

Parece impossivel que o sr. Afonso Costa ainda pense depois disto, em manter de pé a seriedade do Credit e a idoneidade de Williams! De resto, que é feito desse Williams? Ignorará ele o que se está passando? A gente do Crédit não o descobrirá? Onde está esse honrado cavalheiro, que os financeiros do seu paiz reputam um mistificador ou um cavalheiro de industria, e que só uma pessoa no mundo parece tomar a serio, o sr. Afonso Costa?

Na sua calorosa defesa da gente do Crédit, que, segundo parece, lhe paga na mesma moeda, o sr. Afonso Costa exclama que se ele quizesse aproveitar o contracto para uma especulação cambial teria precipitado a assinatura desse contracto. A verdade é que o simples anuncio da operação fez logo elevar o cambio de 5 para 9. Quando o contracto se assinou, já o seu maior efeito estava produzido e já os especuladores deviam ter os cofres cheios de libras compradas a 27 e 28 escudos, e que sabiam que viriam a vender a 38 e a 40, quando o contracto fracassasse. Por isso mesmo elle fracassou de subito. E' que assim como foi preciso que se soubesse que havia o contracto a fim de fazer ir as libras para uma divisa de 9 ou 10, tambem era preciso que ele fracassasse para elas irem até á divisa de 5 ou 6.

Era assim que se devia fazer a especulação, e foi assim que se fez.

Até hoje o sr. Afonso Costa só tem tido razão numa das suas observações, insertas nas entrevistas de que se mostra prodigo. E' quando diz que isto foi uma lição para os governos. Foi, e bem dura, mais dura ainda do que a rude personalidade de Williams. Porque se não houvesse governos que se entregam nas mãos dos seus delegados como se entregaram os que deram os poderes ao sr. Afonso Costa, esses governos teriam pelo menos pensado em pedir, com maior antecipação, informações á nossa legação na America. E ela bastariam para denunciar a existencia duma trama audaciosamente urdida, e que só um milagre de ingenuidade podia propiciar.

Os documentos estão publicados. Eles são insofismaveis. São terminantes. Não ha nada no mundo que possa invalida-los. Por eles se prova que a operação não se fez, nem mesmo podia fazer-se. O que se podia fazer é o que se fez, isto é, especular indignamente, arruinando o credito da nação e enxovalhando o prestigio da Republica. Se o sr. Afonso Costa acha isto excelente, não nos admira que não tenha a coragem de vir proclama-lo no parlamento.

Intrigas diplomaticas

LONDRES, 17.—O chefe da delegação comercial russa em Londres esteve hontem á tarde no «Foreign office» para falar da pretendida atitude da França contra os soviets de que se ocupou um telegrama de Litvinoff.

Um comunicado da agencia Reuter declara que o «Foreign office» respondeu que os centros oficiais inglezes ignoram totalmente o que se diz no telegrama de Litvinoff e que duvidam da existencia do facto nele apontado. Nos centros diplomaticos é considerado o telegrama como a continuação da campanha anti franceza feita pelos soviets, e prepararem assim o terreno para os aliados lhes serem favoraveis na questão da fome.—(H.)

PARIS, 17.—Os centros politicos de Paris declaram ridiculas e odiosas as alegações contidas no telegrama de Litvinoff á delegação comercial dos soviets em Londres pretendendo que a França teria incitado a Polonia e a Romenia a aproveitar as dificuldades resultantes da fome na Russia, para dirigir um «ultimatum» ao governo de Moscou.—(H.)

Na Republica do Equador

QUITO, 16.—O governo do Equador que muito se tem ocupado do desenvolvimento da agricultura nacional pensa em fundar um Banco Agricola destinado a abrir creditos importantes aos cultivadores.

O governo confia em que a sua iniciativa dê um grande impulso á lavoura, esperando, por isso, que dentro de alguns anos a producção do Equador tenha aumentado consideravelmente.—(A).

Tomás Bordalo Pinheiro

Continua gravemente enfermo o sr. Tomás Bordalo Pinheiro, não havendo já esperanças de salvamento, pelo que sua familia se encontra deveras consternada.

Ainda o caso dos 50 milhões de dollars

Continuaram hoje as investigações policiais para o apuramento de responsabilidades no contracto dos 50 milhões de dollars.

O banqueiro portuguez, sr. dr. Pinto de Araujo, continuou sendo ouvido hoje pelo sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, devendo as suas declarações constituir a parte definitiva para a organisação do processo. Alguns chefes de secção sairam em serviço que nos disseram ser de carater secreto.

T. M. E.

A' nossa redacção veiu o sr. José Maria Pereira, professor de navegação, apresentar em nome da moralidade uma queixa escrita cuja veracidade incumbe ás autoridades competentes.

O sr. Pereira refere-se á incompetencia de quem comanda a barca «Flores», prestes a sair em viagem de praticantes de piloto. Da carta que é extensa, depreende-se que tem havido abusos inconfessaveis e imperdoaveis nas viagens daquele comando, como seja a de ensinar aos praticantes, senão a limpeza do estrume dos porcos, e dar-lhes mau exemplo, fazendo do navio lupanar e coisas semelhantes, com escandalo e até vergonha publica.

Ai ficam ligeiras indicações extraidas do «dossier» contido na carta.

Esperamos que se inquira do que ha sobre o assunto.

Politica alemã

PARIS, 16.—Telegrama de Essen para os jornais diz que o ministro dos estrangeiros dr. Rosen terá pedido a demissão em vista de estar em desacordo com o sr. Rathenau sobre o acordo de Wiesbaden entre este e o sr. Loucheur referente ás prestações a pagar á França para a reconstituição das regiões devastadas.—(H).

Pela Russia faminta

Portugal e Alemanha tomam parte

PARIS, 17. — A comissão internacional de socorros á Russia já terminou a redação do oficio que vae ser dirigido a todas as nações desejosas de tomar parte nessa ação humanitaria, entre elas está Portugal e a Alemanha; mas o oficio explica a necessidade que ha de se proceder a um inquerito para assegurar um auxilio duradouro e acrescenta que será favorecida a ação das organisações particulares convidados as potencias a uma reunião plenaria da comissão no dia 6 de outubro em Bruxelas.

PARIS, 17 — Informa o «Petit Parisien» que foi sob proposta do sr. Delacroix que a comissão internacional de Socorros á Russia decidiu dirigir um apelo a todas as nações que desejassem associar-se á sua obra humanitaria. O texto do apelo aprovado foi preparado pela delegação franceza. A nota expõe o trabalho de organisação que requer a expedição de socorros á Russia. Depois de ter afirmado que o seu mandato tem um alcance dominante nas questões de transportes e nas contingencias politicas, sustenta que é indispensavel que a comissão seja elucidada sobre as necessidades a que se adaptar o esforço de organisação. O apelo termina por exprimir a esperança de que cada governo interessado será representado na proxima sessão da comissão internacional que se reunirá em Bruxelas.—(H.)

Republica do Uruguay

MONTEVIDEU, 17.—A comissão de finanças resolveu, a exemplo do que se tem feito em todos os paizes, proibir a exportação de ouro amoedado, consentindo, no entanto, nas exportações que tenham obtido autorisação anterior a esta resolução.—(A.)

POLITICA

O "Misterio dos Cincoenta Milhões"

O sr. Afonso Costa virá depor perante o Chefe da Policia de Investigação?... — O sr. ministro da Justiça e o "Habeas-Corpus"

O "Misterio dos Cincoenta Milhões" ainda ha-de dar muito que falar

A publicação dos documentos respeitantes ao «Affaire Jefferson-Costa» deu elementos de estudo para a analise de aspectos novos da gravissima questão.

De dois parlamentares sabemos nós que, fundados nas mesmas premissas, que são os documentos, chegaram a conclusões diametralmente opostas. Assim, emquanto o sr. Julio Ribeiro, senador, considera isento de toda a responsabilidade de oficio o ex-ministro das Finanças sr. Barros Queiroz, o sr. Alberto Xavier, deputado, aponta erros graves praticados pelo mesmo estadista.

Se o Parlamento não interrompesse hoje as suas sessões, estes e outros parlamentares renovariam o debate nas duas Camaras. Entretanto, como os srs. Julio Ribeiro e Alberto Xavier são jornalistas é natural que, encerrada a tribuna parlamentar, eles exponham, nos jornais, os seus argumentos com pontos de vista ineditos.

O sr. dr. Reis Junior iniciou as investigações ácerca do contracto-burla por um inquerito ás casas bancarias. Está muito bem. Simultaneamente ou quasi fez comparecer em Lisboa o sr. Pedro de Araujo, geralmente considerado como o inventor e principal propulsor da negociata. Está optimamente. Dizem-nos que o integro magistrado vai agora intimar o sr. Afonso Costa a comparecer e a depor, fazendo-se uma acareação, se for necessaria, entre o ilustre homem publico e o famoso banqueiro portuense.

Entendemos que isto, sendo essencial, não é bastante. No inquerito devem depôr outros homens publicos, como os srs. Bernardino Machado e Barros Queiroz. Hão-de ter muito que dizer. Porque, se é certo que todos os documentos oficiaes estão publicados, pode acontecer que outros, não pertencentes ao Estado, sirvam para esclarecer muitos pontos obscuros do complicado negocio.

O sr. Afonso Costa poderia, se quizesse, falar no Parlamento. Mas não quiz. Preferiu lançar no desprezo o voto unanime da Camara dos Deputados, voto que, aliaz, não foi investido do caracter coercivo, antes expressamente amistoso. Se, porém, o ilustre homem do Estado não quiz satisfazer o desejo dos representantes do povo não poderá resistir á intimação de um magistrado, visto que o sr. Afonso Costa não gosa da responsabilidade dos reis ou dos loucos. E tambem não possue imunidades parlamentares, visto que, pela letra espressa da Constituição, estas só existam emquanto as Camaras funcionam e desaparecem nos interregnos parlamentares.

Apezar de tudo e porque nós vivemos num paiz onde predomina a corvatura incondicional da espinha dorsal, não é ilegitimo admitir a hipotese de que o sr. Afonso Costa se esgueire para Paris antes de tempo. Se assim suceder, a opinião publica lavrará a sentença definitiva e irrevogavel e nós cá estamos, para a transcrever na integra.

Disseram-nos que o sr. Antonio Bello possue provas documentais ácerca da idoneidade de Jefferson Williams.

O "Habeas-Corpus"

Numa entrevista que o sr. ministro da Justiça concedeu ao «Diario de Lisboa», atribue-se-lhe o seguinte:

«A nossa Constituição no seu art. 3.º n.º 31 estabelece o principio do «Habeas Corpus» e determina que uma lei o regulará. Nunca se pensou nisso, etc.»

E' inexacto que nunca se pensasse nisso, isto é, numa lei reguladora da garantia do «Habeas-Corpus». Eis o que se passou:

Logo nas sessões primeiras da Assembleia Nacional Constituinte foi apresentado um projecto de lei sobre «Habeas-Corpus», projecto que transitou, depois, para a Camara dos Deputados, sahida, pelo desdobramento em duas casas, da Assembleia Nacional Constituinte.

Na epoca legislativa seguinte, em sessão de 10 de dezembro de 1910, foi renovada a iniciativa, mas o trabalho apresentado diferia, na realidade, do anterior. Em 20 de janeiro de 1913 as comissões de legislação civil e comercial e de legislação criminal deram parecer favoravel ao projecto, assignando com reservas o sr. Germano Martins e vencido, em parte, o sr. Joaquim José de Oliveira. Os deputados que assignaram o parecer foram, além dos dois já citados, os srs. Luiz de Mesquita Carvalho, Caetano Gonçalves, Alberto de Moura Pinto, Emidio Mendes, Ramada Curto, José de Abreu e o auctor.

O projecto de lei da «Habeas-Corpus», chegou a entrar em discussão e foi aprovado na generalidade; não se discutiu na especialidade porque a isso se opuzeram circunstancias politicas fundadas mais em preconceitos rotineiros do que noutras quaesquer razões.

Pelo Brazil

Um aniversario jornalistico

RIO DE JANEIRO, 17.—Passou o primeiro aniversario do jornal «A Patria» que foi comemorado com grandes festas nas quais se fizeram frequentes e saudosas referencias ao seu querido director João do Rio, tão abruptamente roubado ao carinho dos seus amigos e colegas.—(A).

Crise no Amazonas

RIO DE JANEIRO, 17.—Foi aprovado um credito de 2500 contos para socorrer a população do Amazonas que atravessa uma amarissima crise proveniente da baixa enorme do preço da borracha.

Começa-se, no entanto, a nutrir esperanças de melhores dias confiando-se em que aquele produto venha de novo a atingir uma valorisação que compense a população empregada na sua colheita.—(A).

O conflito Heleno-Turco

Angora não foi tomada

PARIS, 17. — Pode considerar-se fracassada a ofensiva dos gregos em Angora, tendo os kemalistas obrigado a passar á margem esquerda do Sakaria, com grossas perdas, as forças gregas que haviam conseguido atravessar o rio em alguns pontos, iniciando a marcha sobre Angora, sendo repelidos pela contra-ofensiva dos kemalistas que os teem perseguido de perto.—(H.)

Fracasso dos gregos

ATENAS, 17.—O comunicado oficial diz que o exercito grego que havia conseguido transpor o rio Sangarios depois de uma dura batalha de muitos dias, não poude sustentar-se nas posições da margem direita, e passou á margem esquerda onde tem repelido os ataques dos kemalistas.—(H.)

Em vilegiatura

Partiu para Idanha-a-Nova acompanhado de sua esposa e filhos o sr. Eduardo Garção Kruss Gomes, contador do Conselho Superior de Finanças, e tambem o sr. José Galvão, sargento amanuense da Secretaria da Guerra.

Para o Alandroal (Alemtejo) partiu a sr. D. Aline Lizete de Sousa.

Parlamento

Nos Deputados

No meio de um frenetico brou-ha o deputado sr. Ramos da Costa usa da palavra para pedir a atenção do governo para o facto de as nossas relações comerciais e diplomaticas com os paizes centrais não estarem ainda normalisadas, o que nos causa não pequenos prejuizos.

O sr. ministro do Comercio responde ao orador, dizendo que o caso respeita ao seu colega dos Estrangeiros a quem comunicará as considerações do sr. Ramos da Costa.

O sr. Eugenio Aresta, em vista de estar para ser discutido o projecto referente ás diferenciais para os empregados dos Caminhos de Ferro do Estado, como membro da Comissão dos caminhos de ferro, declara que o referido projecto não tem ainda o seu parecer e que as assinaturas que contem foram adquiridas de carteira em carteira.

O sr. Ribeiro de Carvalho pede providencias para o agravamento prejudicial que foi estabelecido nas taxas postais.

O sr. Mario de Aguiar requere que entre em discussão a proposta que concede um credito de 25:000 contos para despesas a fazer com a instrução publica.

Nesta altura lê-se na mesa o seguinte telegrama do sr. dr. Guerra Junqueiro:

«Agradeço do fundo d'alma á Camara dos Deputados a manifestação de simpatia com que me honrou.»

O sr. Francisco Cruz chama tambem a atenção do sr. ministro do Comercio para o deploravel estado em que se encontram algumas estradas.

Sobre o mesmo assunto o sr. Antonio Correia faz algumas considerações pedindo providencias para o lamentavel estado em que se encontram as estradas de Portalegre.

O sr. Monteiro Guimarães faz algumas considerações ácerca do projeto das diferenciais para os empregados dos Caminhos de Ferro defendendo o principio de que é preciso pagar bem aos que trabalham e pôr na rua os que nada fazem.

Para a situação em que se encontram os sub delegados de saude, o sr. Carvalho da Silva chama a atenção do sr. ministro do Trabalho, pedindo providencias.

Aos oradores responderam os srs. ministros do Comercio e do Trabalho, prometendo interessar-se pelos assuntos expostos.

(Vêr continuação na Ultima Hora)

Uma pagina do teatro português

TREZ AUTORES E UM ACTOR

Fala-se do teatro português contemporaneo, da sua continuidade historica, de Bermudes, Bastos e Rodrigues, da creação do "João Ratão" e do actor Estevão Amarante.

A «reprise» que a companhia do Politeama decidiu efectuar, durante este resto da temporada com o «João Ratão», deu-me oportunidade para escrever algumas linhas sobre os seus autores e sobre o seu admiravel protagonista.

Parece-me que é tempo de pôr no teatro muitas pessoas no seu respectivo lugar — quer dizer, é tempo de falar abertamente e de encarar de frente a situação do nosso teatro dramatico, já que, infelizmente, teatro lirico é coisa que só conhecemos por aluguel.

Ainda hontem eu reli algumas criticas do teatro espanhol, no humorismo facil de Juan José Cadenas, e nas quais são colocados nos pincaros da lua, com uma justiça muito relativa, alguns autores dos libretos de certas zarzuelas chicas e de alguns sainetes, cujo aspecto e cujo pensamento não me parecem de forma nenhuma superiores.

Vem isto a proposito de colocar paralelamente a situação portuguesa, onde nada disto se dá. Andamos fartos de dizer e de contar uns aos outros a decadencia evidente do teatro portuguez, como se afóra os expoentes do teatro romantico e das representaçoes hieraticas e populares de Gil Vicente, nós podesse-mos, em confronto com os outros paizes, falar do teatro do passado. Não, essa decadencia não existe, porque para haver decadencia era preciso ter havido periodos continuos de aura e de brilhantismo. Pelo contrario. Ha uns dez ou quinze anos a esta parte nota-se, no movimento das produções originais portuguesas levadas á scena, um relativo sucesso de numero e de qualidade.

Espiritos delicados e brilhantes, temperamentos de verdadeiro teatro, autenticas organisações de dramaturgos têm surgido—e nem é preciso focar nomes para que esse facto apareça como mais verdadeiro.

E' certo que a maioria das peças originais não criam em Portugal sucessos de carreira, mas isso não pode ser um irrefutavel criterio para ajuizar da sua inferioridade. O publico é, ainda hoje, duma extraordinaria incultura. Podemos dividi-lo em duas partes, tão distintas e tão antagonicas que quasi custa a admitir que partissem da mesma fonte: a grande massa anonima e cujo criterio é nulo, e uma rara e pequenissima «élite» a qual produz, critica e orienta, seguindo tudo o resto na esteira da sua opinião. O desiquilibrio o desnivelamento dos dois elementos é enorme, e não tende, duma maneira efectiva, a diminuir.

Cumpre realmente a quem tem as responsabilidades de escrever, a justa consagração daqueles que pelas suas qualidades de trabalho e de perseverança, pelo seu talento e pela sua inteligencia são dignos desse apreço.

Eu não conheço pessoalmente nenhum dos autores do libreto da opereta portuguesa «O João Ratão», nem tenho compromissos quaisquer de opinião. Escrevo como me apraz a consciencia estas palavras—e por isso mesmo tenho uma sincera alegria em declarar que essa obra me impressionou como um dos mais interessantes e picturais quadros da sena contemporanea.

Essa velha graça portugueza, que é um fio tenue de humorismo, uma subtil ironia, uma boa e santa gargalhada que correu cristalina ou aflorou timida nos labios de «Ignez Pereira», nos «Almocreves» de mestre Gil, na «Romagem dos Agravados», ou na engenhosa maravilha da «Floresta dos Enganos»; essa graça sentimental e triste, esse humorismo fatalista e quasi doloroso do «Quem tem farelos?»; esse mesmo humorismo que passou levemente conceituoso em pleno seculo XVII no «Fidalgo aprendiz» de Manoel de Melo e prepassou suave e aristocratico nas Arcadias rendilhadas do seculo XVIII, até ás causticas comedias do «Judeu», nas «Guerras do Alecrim e de Mangerona» e na «Esopaida».

Esse mesmo claro e triste sorriso da «Mantilha de Renda» e das «Nadadoras» e que veio até D. João da Camara, cheio de enternecida bondade e aparece com uma lagrima santa, na «Meia noite», nos «Velhos» e na «Triste viuvinha».

Essa mesma graça paradoxalmente triste, ou esfusiante, sensual, terna, amorosa, mordente, que atravessou Gervasio e que ainda hoje, em Chagas Roquete, em André Brun e nesse mestre engenhoso e fecundo que é Schwalbach, paira e ondula, estremece, irrita, desabrocha, convence, como um ritual sagrado em que todos, grandes e pequenos teem de sacrificar.

Essa graça, tão portugueza, tão desta borda de agua, tão desta vida mole, generosa e triste, aparece flagrante, rica, modelada nessa opereta do «João Ratão», que os srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos — já hoje grandes escritores de teatro popular — escreveram com um raro poder de observação e de sintese, com um excepcional carinho e com uma alta e notavel compreensão do patriotismo, da lavesa e desse misterioso sentido de lusitanismo.

Certamente que a intrepertação a todos os titulos magistral e completa desse grande actor popular que é Estevão Amarante coloriu duma magica realidade a figura do Soldado Portuguez, que atravessa a obra.

Essa especial honestidade que caracterisa como um sinete do melhor brazão a honestidade das suas creações scenicas, teve aqui uma notavel ocasião de pôr-se em fóco. Os detalhes e o carinho com que completou a obra dos autores, o equilibrio raro e a inteligencia com que desenhou os mais subtis contornos do personagem, fariam dele, imediatamente um actor grande em qualquer parte.

Trata-se pois dum trabalho que revelou um actor iminente e um grupo de actores notavel.

E além de tudo, do seu especial valor como uma das grandes obras, do teatro popular contemporaneo, esta peça do «João Ratão» tem acima de tudo a envolvel-a o incidente patriotico da guerra, e a analise justa da maneira porque o povo, generoso bom, admiravel de energia e de mocidade no seu instincto, a compreendeu e a sentiu.

O HOMEM QUE PASSA.

«João Ratão» por Estevão Amarante—segu[illegible] um «croquis» feito quando da estreia da peça, por Leitão de Barros

Carestia da vida

Preços intoleraveis — Abusos de confiança — Um bom exemplo a seguir

O vocabulario portuguez não comporta palavras suficientes para expressar a indignação que vai no animo do povo, perante a carestia exorbitante e injustificada dos generos de primeira classe.

A baixa no preço da libra-cheque serve aos especuladores de retalho para pretexto justificativo do imenso crime que se está cometendo a coberto da palavra — carestia.

Não se trata do bacalhau, que, embora carissimo, vem do estrangeiro e pode bem defender-se com o cambio, comquanto nem sempre justificadamente.

Outros artigos, porém, genuinamente nacionais, como carnes, banha, chouriço, manteiga, queijos, batata, cebolas e tantos outros que nada teem que vêr com França, Inglaterra, Belgica ou America, oscilam de dia para dia com o agio da libra, como se dela estivessem dependentes.

O vocabulo—ganhuça ou ganancia—não traduz por modo algum este proceder inadmissivel da parte dos comerciantes, com a cumplicidade tolerante das autoridades.

Que os monstruosos escandalos das negociatas incontessaveis acobertadas por nomes até aqui idolatrados como se fossem fetiches ou manipansos, não tenham o poder de deixar impunes esses outros não menos criminosos, que a sombra de uma licença na Camara Municipal, e uma habilitação e registo no Tribunal do Comercio, se arrojam o direito de agravar a crise alimenticia, com uma carestia injustificada e ás vezes com o envenenamento por generos em adeantado estado de deterioração, quando não falsificados com drogas intoxicantes, é cousa verdadeiramente indispensavel.

Não! «A Capital» não pode continuar a assistir á impunidade dos que não teem o menor escrupulo em lançar a nação na mais pavorosa anarquia, mercê da fome e da miseria que cumpre evitar a todo o transe.

Aproxima-se a estação invernosa. Familias inteiras, sem lar e sem tecto terão de desaparecer dos desvãos das escadas, dos bancos das Praças Publicas e das furnas de Monsanto onde todo o verão fingem que se abrigam.

Durante a estação temperada ainda as familias envergonhadas iludem a fome com pedaços de pão seco colhido das dissimuladas esmolas. No inverno, porém, nem podem dispensar o soalho onde durmam, nem o chá ou café que os conchegue, nem o lume e a luz que os agasalhe.

O que esperam as autoridades as quais incumbe, como delegados do Estado, manter o equilibrio indispensavel entre as populações e as subsistencias?

Pois assistem indiferentes a estes preços insuportaveis das batatas e da manteiga? Continuam a deixar impunes as leitarias e os leiteiros que por todos os processos delapidam os consumidores, vendendo-lhes, com o nome de leite uma agua de lavagens, privada de todas as gorduras de que fabricam manteiga e queijos para tornar a vender aos que já lhas pagaram a titulo de leite?

Consentem acaso que se repitam e multipliquem os casos fulminantes de envenenamento por gorduras intoxicantes, vendidas por azeite, como ha dois dias aqui noticiámos?

A fome de ha muito invadiu a Russia e a India. O depauperamento da raça vem a fazer-se em toda a Europa Central após a ultima grande guerra. Extorce-se a India em fremi-

los do desespero porque vê as subsistencias a escassear-lhe.

Além, nos Açores ha faltas que só o aprovisionamento dos americanos impede de se agravarem. Mais ao sul em Cabo Verde gemem os povos de Santo Antão e S. Tiago no estertor da miseria mais aflitiva. Acercam-nos os horrores de um inverno tormentoso, em que milhares de familias, sem teguria que os abrigue, sem roupas com que cubram as carnes e sem alimentos com que aqueçam os estomagos, se deixarão ir morrendo de uma morte lenta.

Já nos é licito antever o desenvolvimento desses casos que não são raros entre nós, de cairem por aqui e por ali alguns individuos, de um ou do outro sexo, velhos, novos ou crianças, exaustos pela fraqueza, pela debilidade, pela fome, casos que a medicina, para evitar o mau efeito, atenua, chamando-lhes apenas . . . mortes repentinas!

O caso não é unico. Na visinha Espanha não correm as coisas muito melhor, a não ser o procedimento das autoridades que é bem diverso do das nossas.

O marquez de Frontera, autoridade superior em Madrid, concordando com o alcaide em considerar tolo-truas e abusos o proceder de alguns comerciantes para com os consumidores, mandou para Juizo uma lista de incriminados, entre os quais se veem firmas até á data consideradas respeitaveis, como as Sociedades Union, La Radical e La Verdad, e tambem as firmas Honorio Riesgo, Tomaz Fernandez, Hipolito Garcia, Domingo Principe, Andrés Sanso, Marcelino Montero, Ricardo Fernando, Francisco Barrero e Amalio Martin.

Se entre nós se seguir este bom exemplo, quantas firmas das mais acreditadas terão de ir ao banco dos reus!

Todavia é tempo de acudir ás desgraças que se avisinham. O inverno bate-nos á porta. O espectro da Fome esvoaça pela capital e até mesmo por todo o paiz.

VIDA SPORTIVA

Foot-ball

Amanhã, Casa-Pia contra Leixões

É esperado com bastante interesse este encontro que se realisa amanhã, em Pelhavá, ás 17 horas, o qual será arbitrado pelo sr. José Rodrigues.

Os portuenses são bons jogadores e amanhã, mais repousados e mais conhecedores do campo, devem ameaçar duramente o «team» campeão.

A's 15 horas, tambem no mesmo campo, encontram-se as 2.as categorias do Imperio-Lisboa e do Casa-Pia.

União Pedestrianista Portugueza

Prova «João de Aguiar»

A prova de 15 kilometros, em homenagem ao falecido corredor João de Aguiar que a União Pedestrianista Portugueza leva a efeito ámanhã pelas 16 horas tem o percurso seguinte: Calçada da Maruja (Partido), Linda a Velha, Carnaxide Senhora da Rocha, Linda a Pastora, Cruz Quebrada, Dafundo Algés (Chegada). Continua afluindo á séde da União Pedestrianista Portugueza, rua do Vale de Santo Antonio 280-1.º as inscrições de clubs; havendo já as inscrições seguintes: clubs União, Vendedores de Jornaes, Linhares Club, Club Estrela de Ouro, Club os «Belenenses», Sport Escolar Bomberralense, Portugal Club, e Grupo Foot-Ball Progresso e 2 representantes de Clubs do Norte. Os premios para esta prova encontram-se em exposição no Salão Sport, Rua do Ouro. Os concorrentes devem apresentar-se 1½ hora antes da corrida, a fim de entregar os boletins ao juiz de partida.

Touradas

Algés

Principia ás 17,45 a tourada de amanhã, que se compõe da lide de touros e vacas pelo cavaleiro José Gomes, pelos mais atrevidos dos bandarilheiros principiantes que ha e por um novo grupo de forcados de que é cabo Frederico Lopes. Luciano e E. Cebola coadjuvam a lide.

Ha dois intermedios comicos: «Os picadores mirabolantes» e «A costureira e o marçal desiludido», que esperavam a baixa motivada pelos 50 milhões de dollars para se casarem, mas que recebem por uma brava rez a noticia de que podem perder as esperanças.

As touradas de Setubal

Estão organisadas com capricho as corridas de amanhã e depois, as tradicionais corridas das festas de Bocage em Setubal. Para estas corridas e festas ha um serviço especial de combois e preços muito reduzidos.

Na primeira tarde serão lidados touros do opulento creador da Golegã sr. Frederico Bonacho dos Anjos, estando a lide confiada aos valentes cavaleiros F. Bento de Araujo e R. Teixeira e aos aplaudidos bandarilheiros Tomé, Custodio, F. Felix, E. Cebola, A. Carvalho.

As pagas serão feitas pelo valente grupo setubalense de J. Alves.

Na segunda tarde toureia o eximio cavaleiro José Casimiro, que alternará com o valente F. Bento de Araujo, sendo os bandarilheiros os artistas T. Rocha, F. Felix, Agostinho Coelho, E. Cebola, A. Carvalho e A. da Cruz.

Ha dois grupos de forcados, um de Setubal, capitaneado pelo popular Bagoim, e outro de Lisboa, chefiado pelo Chico Morujo.

Ambas as corridas serão dirigidas pelo competente aficionado sr. Luiz Pimentel.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—A's 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Nota do dia

Quando, ha uma semana publicámos neste jornal um artigo, chamando a atenção do governador civil de Lisboa para o facto de no palco do teatro Avenida se exibir uma companhia infantil onde os artistas—creanças 10 anos—declamavam e cantavam numeros de revista cheios de pornografia ou de «double-sens»—ou tinha, «malgré tout», a esperança de que aquela entidade me ouvisse.

Não por nós, mas pelo jornal ou de escrevia, pela autoridade que ele tem, pela sua condição de estructuralmente republicano e pelo seu passado de indefectivel conducta.

O sr. governador é uma autoridade da Republica, a quem estrictamente cumpre velar pelo levantamento de educação do publico. Ora o que é um facto é que o sr. Lelo Portela julga que paira sempre muito acima de todos nós—mesmo quando não vêr. Estas pequenas coisas não lhe merecem nenhuma atenção, pois segundo nos consta quando toda a gente de senso, de criterio e de honestidade lhe exigia a sua intervenção s. ex. desinteressa-se.

O que é um facto é que com a sua atitude o sr. governador de Lisboa atraiçoa os mais sãos principios da democracia, prégada por tão altos espiritos, da democracia que o levou ao lugar representativo que hoje ocupa.

Quando a gente com para os homens que andaram sempre sobre a terra mas que subiram tão alto, esses Trindade Coelho, Junqueiro, Fialho Andrade — e que puzeram a Republica, com estes outros homens que voam com o corpo mas não sobem com o espirito — que profunda e triste desilusão se não sente!

E' republicano, é um temperamento moral e equilibrado o sr. Lelo Portela, é um cidadão com a compreensão justa dos seus deveres de democrata.

Então só tem um caminho a seguir, um unico caminho digno: cuidar dos factos que lhes apontámos, com a mais decidida boa fé.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

O nosso colega de redacção Carlos Rivotti concluiu uma com dia sob o titulo de «O Soldado Desconhecido», que, ao que nos consta, se destina ao teatro do Ginasio.

—E' o actor Rosa Mateus quem está ensaiando a revista de Schwalbach «Gato por lebre», no Apolo, cujos ensaios vão bastante adeantados.

—Finda amanhã, no Nacional, o praso de preferencia para os srs. assinantes da epoca transacta. Já quasi todos, porém, preveniram que desejam manter os seus logares, o que dá uma nitida ideia do agrado que conquistaram o «elenco» da companhia e o seu repertorio. A essas informações podemos acrescentar que o espectaculo classico, a efectuar, ali, segundo a lei determina, será assim constituido:

Uma conferencia por um dramaturgo de reputação, sobre o teatro portuguez, acompanhada de leitura e recitação justificativas, pelos principais artistas do «elenco». 2 representações de 2 actos de Gil Vicente e Antonio Prestes, indicados pela Academia das Sciencias e entre os quais já está proposto o «Auto do Velho de Horta».

Reclamos

S. Luiz

Antonio Gomes, mais conhecido pelo Gomes da Trindade o artista tão popular e aplaudido, realisa hoje a sua festa, no S. Luiz, com a estreia da sensacional fita americana «Os 50 Milhões de Dollars ou Estás a vêr ó Viroscas», a qual está destinada a causar o maior sucesso.

O espectaculo, em conjuncto, é verdadeiramente irresistivel, visto que, alem dessa atração, vai, tambem, á scena a inegualavel revista «Do Capote e Lenço» em que o festejado interprete varios papeis, e a qual se apresenta ampliada com o quadro novo «Colegio de Meninas» e com o «Fado Laura Costa», que continua sendo repetido e aplaudidissimo todas as noites.

Avenida

Na falta do autentico e celebre Charles Chaplin, Chariot, os seus admiradores podem, hoje, matar saudades do hilariante artista, indo ver, no Avenida, o seu mais afortunado imitador: é ele Rolando de Oliveira, um pequenito com 10 anos de edade, apenas, que com uma rara felicidade, reproduz as mais notaveis creações do eximio artista, com uma perfeição inexcedivel.

Alem dessa novidade nas duas sessões desta noite, no Avenida, repetem-se os 6 numeros estreiados recentemente, pela Companhia Infantil e tambem a preciosa revista «O Sonho do Manecas», que continua em pleno exito.

Apolo

Hoje no Apolo mais uma representação da aplaudida revista «O Burro em Pé» com o seu chistoso e movimentado «Hotel do Piriláu» em que tão belo trabalho teem os actores Jorge Roldão, Alvaro Pereira e Au-

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

O sr. Moura Pinto referindo-se ao que na sessão de hontem se passou com a proposta das indemnisações faz algumas considerações sobre o assunto dizendo que á face do regimento a Camara não podia ter aprovado a proposta na generalidade e na especialidade, pelo que justo era considerar-se a proposta apenas como discutida na generalidade.

O sr. João Luiz Ricardo, que, hontem presidiu quando se fez a votação em questão, salienta não ter responsabilidade nas decisões que a Camara tomou e que não admirá que se tomou outra resolução sem uma nova votação.

O sr. presidente procura levar a Camara, em armonia com os pontos de vista expendidos pelo sr. Moura Pinto, a pronunciar-se sobre se concorda que se dê apenas por discutida a proposta na generalidade. Mas o sr. João Luiz Ricardo é que não concordo, o que leve o sr. Cunha Leal, para que se não diga que o Parlamento não procede com lisura, a requerer que se cumpra o ponto de vista do sr. Moura Pinto e do sr. Presidente.

O sr. Antonio Maria da Silva prem lembra que tal se não pode fazer porque á face do regimento não se pode fazer nenhuma votação sem que primeiro haja sido discutida toda a materia, o isso não se fez porquanto havia ainda por discutir uma proposta. Trocam-se por este motivo algumas explicações entre os srs. Cunha Leal e Antonio M. da Silva, depois do que o sr. Presidente poz á aprovação o requerimento do sr. Cunha Leal. A Camara aprova em peso.

O sr. Mario de Aguiar, sobre o modo de votar, declara que o seu procedimento na sessão anterior teve apenas em mira salvar a minoria monarquica de qualquer responsabilidades sobre a proposta.

Seguidamente a Camara discute a proposta na especialidade. Ao apreciar o artigo primeiro.

O sr. Afonso de Melo envia para a mesa um contra-projeto cuja sumula é a seguinte: O Estado pagará em vez de 4.500 contos de indemnisações, apenas 2.500.

O Ministerio Publico dará o mais rapido andamento aos processos e ouvirá os interessados quer eles sejam ou não monarquicos. A Camara aprova o contra-projecto rapidamente, sendo ele logo enviado para o Senado.

Na mesa lêem-se algumas emendas que o Senado introduziu na proposta referente aos coeficientes. A Camara aprova-as sem discussão.

Põe-se em discussão a proposto concedendo 2.500 contos para ocorrer ás despesas a fazer com a nossa representação na exposição do Rio de Janeiro.

O sr. Fausto de Figueiredo salienta que 2.500 contos são qualquer coisa com que se pode fazer uma bela representação, e que por esse motivo espera que Portugal tenha na exposição do Rio de Janeiro um lugar condigno. Declara concordar tambem com a verba de 250 contos para a feira de Lisboa.

O sr. José Domingos dos Santos protesta contra a verba de 250 contos para a referida feira de Lisboa porquanto a do Porto que foi feita á custa dos particulares deu para as suas despesas e ainda um saldo.

Não é justo, diz, que para Lisboa se use de procedimento diverso daquele de que se usou para com o Porto.

Combate a verba de 2.500 contos para a exposição, por a achar excessiva.

O sr. Ministro do Comercio salienta a necessidade que temos de nos fazer representar condignamente no Rio de Janeiro, para justificar a proposta, e diz que sobre o assunto não se devem fazer explorações politicas.

O sr. presidente põe á votação um projecto referente as diferenciais a pagar aos empregados dos Caminhos de Ferro do Estado

O sr. Antonio Maria da Silva diz que a Camara não pode, em armonia com a lei travão, discutir o projecto visto ele trazer aumento de despesa.

A sessão continua.

No Senado

Entra em discussão a proposta de lei 62, alterando as taxas de contribuição predial, rustica e urbana. Depois de sobre ela se terem pronunciado os srs. Julio Maria Batista, Fernandes do Rego e ministro das Finanças foi aprovado.

Sem discussão, aprovam-se em seguida os projectos de lei:—criando a Junta do porto de Ponta Delgada; sobre provimento de logares de professores das Escolas Industriais e Comerciais, sobre acumulação de serviços dos professores dos liceus e do ensino comercial e industrial; e introduzindo alterações á lei que autorisou o emprestimo de trinta mil contos para as obras dos portos de Leixões e Douro.

Falta uma hora para a sessão ser encerrada. O sr. Julio Ribeiro faz a sua anunciada interpelação ao sr. ministro do Trabalho sobre a demissão do delegado de saude de Leiria, sr. João Carlos da Costa Guerra.

O sr. ministro do Trabalho declara ter-se informado e ter chegado á conclusão de que a demissão tinha sido justa.

O sr. Julio Ribeiro manda para a mesa um projecto de lei anulando o decreto de 1 de novembro de 1919, demitindo o delegado de saude de Leiria, sr. João Carlos da Costa Guerra.

Foi aprovada a urgencia.

O sr. Herculano Galhardo requereu que se dispensando o pagamento de matriculas e propinas aos alunos...

do Instituto Branco Rodrigues. Foi aprovado sem discussão.

O sr. Oliveira Santos requereu que fosse discutido o projecto da Comissão de Finanças sobre a reorganisação do ministerio das Colonias. Foi concedido.

A sessão continua.

A sessão do Congresso realisar-se-ha hoje ou não? . . .

A sessão do Congresso, para se votar o adiamento da sessão legislativa, estava marcada para as 17 horas. São já 18 horas e ainda as duas camaras estão funcionando.

E' materialmente impossivel que os trabalhos findem antes das 20 horas.

O edificio não dispõe de luz artificial. Como vão arranjar-se os srs. legisladores, com uma sala em trevas ou, quando muito, iluminada a velas? Eis uma proposta que muitos fazia-n sem encontrar resposta satisfatoria.

POEIRA DA ARCADA

O sr. José da Silveira Viana, vice-presidente da Junta do Credito Publico, em exercicio, cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças, em nome da Junta.

O sr. dr. Reis junior, director da policia de investigação criminal conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças, em assunto relacionado com as diligencias que está efectuando junto dos bancos e casas bancarias.

Tendo terminado a licença que estava gosando no norte, o sr. dr. Francisco Alberto da Costa Cabral, reassumiu hoje o seu cargo de director geral de ensino secundario.

O sr. presidente do ministerio regressou esta tarde de Setubal, desembarcando cerca das 14 horas na estação do Terreiro do Paço de onde se dirigiu para o Parlamento.

O sr. ministro da America apresentou hoje ao sr. ministro da guerra o novo adido militar do seu paiz em Lisboa e Madrid, major sr. Resinald B. Cocroft, que substitue o major sr. Tomaz F. Van Natta que o acompanhára e fez as suas despedidas.

O sr. ministro do Comercio recebeu hoje a União dos Agricultores Comercio e Industria.

O sr. Presidente da Republica deu hoje assinaturas presidencial das 16 ás 18 horas, recebendo tambem em audiencia particular o sr. Emidio Garcia, recentemente chegado de Roma

Partido Socialista Portuguez

Amanhã, pelas 21 horas, realisa o sr. dr. Ramada Curto uma conferencia sobre doutrina socialista na séde do Centro Socialista de Lisboa, rua do Bemformoso, 150, 1.º.

A entrada é livre.

Sociedade Rodrigues Cordeiro

A'manhã, 18, ás 21 e meia ha recita particular de curiosos nesta Sociedade situada na Rua da Fé 46-A-1.º. Representam a opereta «Os amores do Fr. Domingos».

Mercado de peixe

No mercado da Ribeira Nova acentuou-se hoje de novo a falta de peixe, descarregando ali já ha dias nenhum cerco.

Só tarde vieram 20 cabazes de Cezimbra.

Em Santos o vapor *Serra de Agréla* descarregou 457 caixas, que renderam 30.660$70.

Notas politicas

O misterio dos 50 milhões

Segundo as ultimas noticias pretende-se agora realisar a operação do contracto-burla dentro do paiz e não fóra dele

O contracto firmado em Paris pelos srs. Afonso Costa, D. Manuel de Noronha e Nogueira Pinto era tão bom ou tão mau para o *Crédit* que se movem influencias financeiras para o tornar viavel dentro do paiz.

A emissão de bilhetes-ouro, representativos do preciosissimo dollar americano, igual a 12 ou mais escudos, tanto a especulação portugueza, porque daria margem aos lucros comerciais da execução do contracto, com despezas inherentes e o resto, e ainda a um jogo de bolsa fundado no valor variavel do dollar, conforme o cambio.

Razão temos, pois, em afirmar que o *Misterio do Cincoenta Milhões* está longe do seu epilogo.

A esperteza nas entrelinhas...

O sr. Afonso Costa, em entrevista novissima, continua defender o *Crédit*. Agora diz ele que o *Crédit* jámais assignaria o contracto com o cambio a 6 ou a 7. Olha o grande favor! Quando o sr. Afonso Costa assignou o contracto-burla estava o cambio a 8 3/8, fazendo-se realmente operações a 9. Bastou a noticia, inconfirmada, da assignatura do contracto para levar a divisa cambial a essa altura. Fechar o contracto com o cambio a 7 era uma mina para o *Crédit*!

A questão das indemnisações aos «traulitados»

A proposta governamental para abertura do credito necessario ao pagamento dos prejudicados pela «Traulitania» sofreu, como é natural, uma forte oposição da minoria monarquica. Ap zar do obstrucionismo do sr. Mario de Aguiar, a discussão foi encerrada ontem, devendo hoje proceder-se á votação da lei.

A' hora em que escrevemos corre que a questão tomou feição nova. A maioria quer uma revisão dos processos julgados e a julgar e, nesse sentido, enviar-se-ha, para a mesa, um projecto de lei. E' o que se diz.

Esta questão de impôr ao Poder Judicial a revisão das suas sentenças, é novissima em folha, aplicada, como vai ser, a caso especial, legislando-se «ad hoc» e «ad hominem».

A lei prevê já a hipotese da revisão do caso julgado. Supôr-se que, sem atentado ás boas normas constitucionais, se pode ir legislando, a torto e a direito, sempre que isso convenha aos inimigos do regimen, é cometer erro gravissimo, não pelas consequencias imediatas que ele possa produzir, mas pelo indicio duma desordem nos espiritos e consequente reversão da material estabelecida. E' lamentavel que isto, que é tão simples, não seja compreendido pela maioria, que assim se vai entregando, atada de mãos e pés, á combatividade dos dois deputados monarquicos.

O ultimo canto do cisne parlamentar

Ultimaram-se, á pressa, na Camara dos Deputados, os diplomas que o Senado ainda tem de examinar, antes da reunião conjunta das duas casas do Congresso, marcada para as 16 horas. Não é possivel compreender como ainda hoje se poderá fazer o encerramento da sessão legislativa, tão numerosos e tão complicados são os problemas que se tem de resolver dentro de muito poucas horas. Ou haverá mais sessões ou não se ultimará definitivamente os assuntos. Esta segunda hipotese é a de mais provavel realisação.

Provincias Ultramarinas

A direcção do Centro Colonial conferenciou hoje largamente com o sr. ministro das Colonias sobre importantes assuntos relativos á provincia de S. Tomé e Principe.

O alto comissario em Moçambique mandou pôr em execução um novo diploma modificando, em parte, o regime de concessão e aproveitamento de terrenos naquela provincia.

Deixou o cargo de chefe do gabinete do alto comissario em Angola, o sr. Roberto da Fonseca.

O alto comissario em Angola que anda em visita aos varios districtos da provincia, tenciona regressar brevemente a Loanda.

Foi estabelecido que as concessões de terrenos em Angola passem a ser feitas por meio de arrendamento, em periodos de 15 anos, cuja soma não poderá ir alem de 90. A cada individuo não poderão ser arrendados mais de 250 mil hectares e esta area de terreno deverá ser devidida em lotes de 50 mil hectares.

Pela pasta das colonias foram assinados os seguintes decretos:

Mantendo as nomeações dos bachareis srs. Mateus Carneiro e Ferreira da Fonseca, para os cargos de professores do liceu Nacional de Nova-Goa, apesar de ter sido negado o visto pelo respectivo conselho de finanças; anulando as portarias referentes as transferencias dos administradores das circunscripções da Guiné; promovendo a primeiros aspirantes de fazenda para a Guiné, os srs. Francisco Graça, Pedro da Costa e Gaudencio Correia.

Incendio numa fabrica

Pelas 12 horas de hoje manifestou-se incendio numa fabrica de vidros pertencentes á Empreza Eletro Industrial, sita na calçada da Boa Hora, 56.

O barracão onde se encontrava instalada a fabrica ardeu totalmente, sendo os prejuizos importantes. Compareceram os bombeiros municipais, fazendo-se o emprego duma agulheta para atacar o incendio.

Malas Postais

Pelo vapor Tras-os-Montes são amanhã expedidas malas postais para a Madeira Pernambuco, Pará, Manáus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo Buenos Aires e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Festa de beneficencia

Realisa-se nos proximos dias 25 e 26, no Parque das Necessidades, um festival de beneficencia em que colaboram distintos artistas e conhecidos sportsman. Haverá esgrima de sabre, box, luta e outros atletismos.

Ensino profissional

Escola Industrial de Fonseca Benevides

Nesta Escola, na Rua de Santos 112, continua aberto o prazo para a matricula nos cursos de aprendizagem de serralheiro, torneiro e conductor de maquinas (para rapazes) e de bordadeira, rendeiro, modista de vestidos, chapeus e de roupa branca, florista e arte aplicada (para raparigas do sexo feminino) Além destes cursos, que são diurnos e cuja matricula anual é de $20, á os cursos de aperfeiçoamento nocturnos, para operarios.

O nosso escudo no Brazil

RIO DE JANEIRO, 17.—Valor do escudo portuguez, 740, 790 réis.—(A.)

A CAPITAL

3890 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Segunda-feira, 19 de Setembro de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE. Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

VENHA TUDO!

Segundo lemos nos jornais, a policia de investigação averiguou a existencia de um documento, pelo qual se demonstra que o sr. Pedro de Araujo lucrou milhares de contos com a alta artificial do cambio, produzida pelo anuncio do contracto dos cincoenta milhões de dollars. Teria mesmo sido a aparição desse documento o motivo da prisão do conhecido banqueiro portuense.

Não conhecemos esse documento, e por isso não podemos sobre ele pronunciar-nos. Mas o que é certo é que já por ai se diz que os implicados neste misterioso caso afirmam existir documentos que não estão no processo que o «Diario do Governo» publicou, mas que, sendo embora de natureza particular, lançariam inteira luz sobre a burla cometida, se fossem dados á publicidade. Assim se procuraria demonstrar que Jafferson Williams existe, que é realmente um grande agenciador de negocios americanos, e não sabemos que mais. Entretanto, o que sabemos até agora, por documentos oficiais, é que Jafferson Williams se dizia agente dum grupo financeiro, em relações com o War Finance, afiançando a gente do Credit que ele era socio da casa Davies & John, de Washington, á qual pertencia o antigo governador do Estado de Missouri, o sr. Folk, o que todavia, esses documentos patenteiam é que Jafferson Williams nem sequer se chama Jafferson Williams, mas sim Silborg, e que não era agente de nenhum grupo financeiro porque ninguem viu o grupo financeiro, e que não esta em relações com a «War Finance» porque a «War Finance» não o conhecia, e nem mesmo a «War Finance» podia fazer a operação que parecia estar-se tratando em Paris porque não estava dentro das suas atribuições expressas, e que ninguem tirou informações acerca da casa Davies & John, de Washington, de que fazia parte o antigo governador Folk, o qual todavia declarou que o suposto Williams era um cavalheiro de industria. Depois disto, dizer-se que existem documentos que ressuscitam e reabilitam o chamado Jafferson Williams, ausente em parte incerta, é positivamente aguçar-nos a curiosidade de conhecer mais uma interessante burla.

Mas que venham todos os documentos, todos! Quem sabe o que se terá escrito acerca deste memoravel caso de «escroquerie»?

Ao que parece já apareceu um escrito importante para o estabelecimento das responsabilidades do banqueiro Pedro de Araujo. Porque ficariamos aqui? Confessamos que nada nos surpreenderá que apareçam bilhetes, cartas, telegramas ou simples apontamentos das entidades que intervieram no assunto, por meio das quais se venha a esclarecer totalmente este negocio, que nunca parece inteiramente esclarecido, de tal forma se procura constantemente embrulha-lo, para resalvar certas responsabilidades.

Entretanto, ha casos que nunca podem deixar de ser inteiramente elucidados. Este é um deles. Ninguem absolutamente ninguem lhe poderá pôr pedra em cima. E' uma questão que interessa á sensibilidade nacional. Enquanto se não puser tudo a claro, a consciencia publica não consentirá que determinadas creaturas readquiram no nosso meio uma supremacia que seria absolutamente ilegitima. Não basta dar dois berros, e assumir atitudes magestaticas, dando a entender que nem á propria lei se obedecerá. A lei ha de ser respeitada por todos os cidadãos portuguezes, e se alguem violentamente lhe quizer fugir, só por esse facto lavrará a sua propria condemnação.

Venha tudo! A justiça está a caminho.

O ENCERRAMENTO DAS CAMARAS

Ouvindo o sr. dr. Matos Cid

Descendo ontem o Chiado encontrámos o sr. dr. Matos Cid, o distinto advogado e antigo ministro da Justiça do governo Barros Queiroz.

S. Ex.ª caminhava vagarosamente, pensativo, e foi preciso que o jornalista o cumprimentasse para que o parlamentar reparasse nele...

—Então, sr. dr., que nos diz V. Ex.ª acerca do encerramento das camaras?

O sr. dr. Matos Cid estava desnte do Trinnon e respondeu-nos, com um movimento de indignação:

—Não posso compreender qual foi o critério que decidiu o encerramento do Parlamento quando, como v. sabe, tem graves problemas ainda a resolver.

«Para não deixarem as suas curas de aguas, o seu repouso nas termas e nas praias, os parlamentares deixam sem resolução os importantes assuntos que ora existiam para serem discutidos.

«E' para lamentar ainda que de 160 cavalheiros que constituem a Camara dos Deputados, só a terça parte assistia, ainda que muito irregularmente, ás sessões parlamentares. Os outros, aqueles que fazem do mandato um titulo meramente honorifico, ficaram pelos seus circulos gozando o ar puro dos campos e das serras, tratando dos seus negocios, e mandando aos diabos os magnos questões de reconhecido interesse publico!

E elevando a voz, o sr. dr. Matos Cid exclamou num tom indignado:

—E' chocante o que se está fazendo, em materia de eleições, no nosso paiz!

«Por ocasião dos actos eleitorais, os candidatos sustentam verdadeiras lutas, autenticos «matches» politicos, para conseguirem ser eleitos, dando a impressão de que eles desejam ardentemente o mandato para se ocuparem criteriosamente da defeza dos assuntos publicos!... E no fim é o que se está vendo!

«Mesmo a dentro do Parlamento dá-se o facto curioso, mas bastante imoral, de se verificar que os proprios legisladores são os primeiros a não comprirem as leis e os regulamentos!

«Retiro-me á falta de cumprimento das disposições do Regimento.

«Acontece por vezes os oradores usarem da palavra durante horas consecutivas, maçando e aborrecendo extraordinariamente quem os escuta. E' um sacrificio e um verdadeiro suplicio ouvir um discurso por mais de meia hora!

«Um deputado que não consiga expôr a sua ideia, desenvolver um projecto, em 30 minutos, não é um orador!

«Eu recordo-me de ter ouvido falar, ha cerca de 28 anos, o celebre orador Alves Mendes, um padre distintissimo e orador duma eloquencia sobejamente conhecida. Pois muito bem! Alves Mendes pregou-nos a estupada duma sessão sobre St.º Antonio durante cinco quartos de hora, e ao fim de 40 minutos de sermão todos bocejavam, aborrecidos!...

«E isto deve-se com um orador do quilate de Alves Mendes! O que faria com algum dos nossos parlamentares!

—Como remediaria V. Ex.ª tal estado de coisas?

—E' concedendo meia hora aos parlamentares para usarem da palavra! Podia ainda pôr-se em execução aquele projecto do funcionamento das camaras por secções, com duas sessões plenarias por semana.

E concluindo, s. ex.ª ajuntou:

—E só assim, fique v. certo, se poderia acabar com o vergonhoso e ridiculo espectaculo de se encerrar o Parlamento por falta de quem nele comparecesse!

IRLANDA

Haverá a Conferencia de Inverness?

LONDRES, 19.—Todos os jornaes dizem que o sr. Lloyd George está disposto a encontrar-se com os delegados dos «sinn-feiners», uma vez que estes se apresentem sómente como amigos dos irlandezes e não como representantes dum estado soberano. Doutra forma o encontro é impossivel.—(H.)

O sr. Lloyd George impõe uma condição

LONDRES, 19.—O sr. Lloyd George respondeu ao sr. Valera que está pronto a discutir as melhores formas de conciliação da associação da Irlanda e do Imperio Britanico com as aspirações nacionaes irlandezes; declara, porem, que a conferencia é impossivel visto que os delegados dos «sinn-feiners» insistirem em tomar parte nela como delegados dum estado independente e soberano.—(H.)

Falta de carvão no Equador

QUITO, 18. — Com o fim de remediar a carestia do carvão, constituiu-se uma sociedade para fornecimento do petroleo aos caminhos de ferro do Equador, tratando-se de modificar as fornalhas das locomotivas para queimar o novo combustivel.—(A.)

T. M. E.

A proposito da queixa que aqui nos apresentou o professor de Pilotagem, sr. José Maria Pereira, com referencia á barca escola «Flores», fomos procurados por uma comissão composta de praticantes de piloto e marinheiros da mesma barca, que nos mostraram documentos muito honrosos para o capitão, e nos deixaram uma carta por eles assinada em que se desmente tudo que na queixa se continha.

Apraz-nos poder dar esta informação muito mais satisfatoria do que a de sabado. O resto é com as autoridades que nos cumpre averiguar. Quanto a nós, fica encerrado o assunto.

Mexico e Estados Unidos

Reatamento de relações

MEXICO, 19.—Segundo as ultimas informações da imprensa mexicana, o assunto da mensagem do presidente da republica, general Obregon, causou optima impressão por dele se concluir que se caminha abertamente para o reconhecimento do governo mexicano pelos Estados Unidos da America do Norte.—(A.)

OPINIÕES ALHEIAS

Quem quer ser rico, sem trabalhar?

O ilustre deputado X... partiu para a Serra da Estrella—O que S. Ex.ª pretende saber—Maravilhosa receita extraida do "Misterio dos Cincoenta Milhões"—Dados falsificados e cartas marcadas—Esperando carta da Serra da Estrella...

O celebre deputado X..., nosso querido e talentoso amigo, é da escola do sr. Bernardino Machado, cultor, como ele, da cortezia impecavel e das boas maneiras sociais. Tem, mesmo, sobre o sr. Bernardino Machado uma grande vantagem, porque ostentando o aspecto alambazado dum transmontano, não se assemelha, quando se desengonça em contumelias, a um boneco de sabugo. E' claro que sr. Bernardino Machado tambem não; mas ha, incontestavelmente, entre os dois ilustres homens publicos qualquer sensivel diferença, toda em favor do politico liberal. Não hesitamos em dar aqui esse traço caracteristico da personalidade historica do sr. X... porque o sr. Bernardino Machado, que é imenso não se sentirá amesquinhado ao saber que ha quem lhe conteste um pormenor insignificante das suas enormes vantagens.

A sua modestia é, de certo, garantia segura de que a minusculà vaidade que lhe doura o espirito não é arranhada por tão pouco. O ex-presidente da Republica, se um dia souber (e só por acaso o pode saber...) que desfizemos levemente na sua perfeição absoluta, será o primeiro a acariciar, nas mãos de aristocrata republicano, a manapula do cronista, exclamando com maviosa voz, a sua frequente desculpa aos desvarios dos outros:

—Mas está muito bem, meu amigo meu querido amigo.

E, os olhos em alvo, acrescentará:

—Se eu até me sinto lisongeado!...

Voltando, porem, á vaca fria (que, na hipotese, é o sr. deputado X...) diremos que s. ex.ª não se esqueceu de nos vir fazer as suas despedidas, agora que regressa ás terras, a cuidar da matança do porco e do fabrico do verdasco. Isto, é claro, supozemos nós. Mas o sr. deputado X... desenganou-nos, logo após o amplexo fraternal com que gratificámos a delicada atenção:

—Não, meu caro jornalista: eu ainda não vou para o seio amoravel da familia. Desgraçadamente o dever obriga-me a uma excursão,—aquele dever de que os eleitos da nação jámais se devem esquecer. Primeiro que tudo, sacrifico-me ao bem da Humanidade; depois, á Patria; e, por ultimo, á Familia e a mim proprio, mas sómente nas horas vagas. E, acredite tenho tempo para tudo. Confesso-lhe até que as horas vagas são quasi todas. Se a Humanidade e a Patria são tão ingratas!

X... emocionara-se um pouco. O atletico arcaboiço denunciou um quasissimo imperceptivel soluço; e a pena de pato, que lhe encimava o bonet tirolez (como convém a um viajante «smart») oscilou no cocuruto, a tremelicar. Para distrair, derivando perguntámos, com desmarcado interesse:

—Onde dirige então os seus passos?

X... olhou-nos, com espanto:

—Mas para a estação do Rocio!...

—Não é isso. Queriamos saber onde é a tal excursão...

—Ah! já percebi! respondeu o grande homem, esfregando angustiosamente a testa, magestosamente prolongada na planicie da calva infinita. Já compreendi. Pois eu lhe digo: vou á Serra!

—A' Serra?

—Sim, á Serra da Estrela!

Adivinhámos logo, sem mais explicação. Orgulhamo-nos de o confessar por escrito, porque nem a toda a gente aconteceria outro tanto: X... ia visitar o sr. Afonso Costa.

—Vai então na romaria?

—Qual historia! Vou como particular, como particularissimo. Vou sómente demonstrar ao Mestre que o não esqueço na hora amarga da desventura.

Se marchasse com os outros (os da romaria) passava desapercebido. Assim, indo só, é uma beleza. Chego lá e digo: «cá estou eu!» E o Afonso cai-me nos braços e exclama: «já te matei: és o X...» Eu digo que sim, que sou eu mesmo, o Afonso chama o Tudela para levar a maleta e eu encafuo-me, com o Mestre, no seu gabinete de trabalho, onde juntos examinaremos as soluções a dar á crise financeira. Na tal maleta que o Tudela ha-de carregar levo uma resma de papel almasso, todo garatujado com as lucubrações do meu espirito politico. O Afonso ha-de gostar. Asseguro-lhe que ha-de gostar. E, com geito, com aquele geito de que a Providencia me fez rico, hei-de apanhar ao Afonso Costa a solução de alguns enigmas do «Misterio dos cincoenta milhões».

X..., ao terminar esta arenga (que ele declamou de pé, a mão esquerda apoiada nas costas duma cadeira e a direita gesticulando com a luneta pombalina) piscou o olho esquerdo com acentuada malicia. Percebemos tudo: o pobre do Afonso ia ser comido, literalmente comido.

—E pode dizer-nos quais são as duvidas que vai procurar desfazer? Pois o contracto-burla, quanto a nós parece-nos claro, muito claro mesmo. E depois das entrevistas do Afonsso...

—Rialmente as declarações do Afonso são de primeira ordem. São, até, de primeirissima! O seu golpe de vista, só comparavel ao da aguia que se alcandora nas alturas inacessiveis dos penhascos das serras e que, desferindo um vôo potente, se arremessa sobre a presa...

X... foi por aqui fora, estendendo-se ao comprido numa longa dissertação sobre as aguias, com felizes aproximações entre elas e os estadistas da escola afonsista. Aquilo era, por força, discurso encalhado. Infelizmente não conseguimos apanhar mais nada. E ele só acabou quando perdeu o folego! Depois, reentrou na materia:

—Vou-lhe expor a primeira duvida. Queria apurar qual seria o lucro total do «Credit» no caso do Jafferson não ser o cavalheiro de industria que o Alte descobriu. Porque, repare nisto: além de 1|4 % de comissão havia ainda mais 2 % incluidos no «mare magnum» indeterminado das despesas inherentes. Nestas condições os lucros seriam iguais ao infinito...

—Isso já se sabe...

—E' certo. E a minha duvida, a bem dizer, não é essa. Ou por outra: não é essa a principal. E' outra. Diz respeito á jogatina cambial. E' o que eu quero apurar, de certeza certa. Cá por coisas...

—Vá dizendo, não se acanhe...

—Se eu hesito é porque receio que se dê pela marosca. E fico desarmado. Estas coisas, uma vez tornadas publicas, deixam de ter virtude. E digo-lhe isto: quem as sabe pode ganhar centenas, milhares de contos —e sem trabalhar.

Ficámos no ar, estupefactos. Ganhar dinheiro sem trabalhar foi sempre o nosso ideal, a nossa unica ambição. Não é lá por causa do trabalho. Isso não. E' por causa do cansaço. O tribuno, habituado a prescrutar o segredo das almas, compreendeu a nossa anciedade:

—Sim, sem trabalhar. Mas não sem capital. O capitalsinho é tudo. E o amigo, a respeito desse insignificante requesito, suponho que não avesa...

Insensivelmente apalpámos as cedulas. Rialmente pouco era: com cinco centavos e meio... não avesavamos.

—Em todo o caso, sempre lhe explico a manobra. Pode acontecer que venha outra guerra, outra paz e outra conferencia. E, com as minhas qualidades de argucia judaica, eu utilisarei as lições de hoje. E dou-lhe uma participação. Oiça, pois, como as coisas caminhariam se o diabo do Barros Queiroz (homem de valor, mas intermitente...) se não lembra (raios o partam!...) de pôr a calva á mostra ao patiforio do Jafferson. Emfim, eu lhe conto.

Recostámo-nos, o mais comodamente possivel, na poltrona da secretária de acajú, com embutidos de ouro e prata — aquele movel maravilhoso que adquiriremos quando nos fôr possivel experimentar na pratica a famosa receita de enriquecer sem trabalhar. X..., vendo-nos [illegible] explicou-se:

O Estado Portuguez comprava mercadorias e pagava-as, provisoriamente, em bilhetes ouro, representativos de dollars americanos. O contracto, uma vez em execução, libertava-nos temporariamente da exportação do ouro. Isso determinava uma melhoria cambial...

— Como principiou a suceder...

— Exacto. A primeira jogatina estava, pois, assegurada, para quem estivesse no segredo dos deuses. O cambio trepava de 5 a 20, e isto emquanto o diabo esfregava um olho. Desta primeira especulação auferiam os cumplices de Jafferson uma grossa maquia.

— Parece que assim sucedeu, embora o cambio não passasse de 9. Mas depois?

— O contracto ia seguindo a sua marcha. Os bilhetes-ouro eram canalisados para a America, com o montante acrescido das alcavalas escritas e não escritas: comissão de 1|4 0|0, mais outra comissão de 2 0|0 e, ainda, a escorropichadela das despesas inerentes, indeterminadas e, portanto, iguais ao infinito. Agora, o desfecho: um dia, a prazo fixado, os bilhetes-ouro eram resgatados. O Estado Portuguez teria de vir á praça arrebanhar cambiais. Empregaria nisso toneladas de papel-moeda. E o cambio, influenciado por esse assalto, cairia da divisa de 20 ás mais infimas, a 5, a 4, a 3, a 2, a 1 e, quem sabe? talvez até endireitasse pelo paradoxo dos numeros negativos por já os não haver positivos. Nesta altura surgiam outra vez os cumplices de Jafferson, com bravissima jogatina e outra abundantissima colheita de escudos.

Estavamos maravilhados. Como é facil enriquecer! diziamos com os nossos botões. Isto, afinal, é melhor que a roleta. E' a banca franceza com dados falsificados ou o monte com cartas marcadas. Que maravilhosa ladroeira!

X... gosava o seu triunfo. E como é homem prudente não quiz prolongar demais o exito. Apressou as despedidas. Desejamos-lhe boa viagem. E, á ultima hora, ainda nos disse:

— Talvez lhe escreva...

Teremos, então, noticias fidedignas da Serra?

O conflito heleno-turco

Na espectativa

ATHENAS, 19. — Os jornaes desta capital consideram terminada a campanha da Asia Menor, com a victoria militar da Grecia, acrescentando que agora só a diplomacia tem a palavra. Os centros oficiaes gregos mostram-se muito reservados e o ministro dos negocios estrangeiros desmente o boato feito correr de que a Grecia solicitara a mediação tendo feito nesse sentido deligencias junto dos governos aliados.—(H).

A eterna campanha contra Angora

ATHENAS, 19 — O governo examinou com o comando supremo do exercito a oportunidade de se continuar a marcha sobre Angora. As opiniões foram divergentes, considerando arriscada a empreza de empenhar novas operações na quadra invernosa.

As perdas gregas na ultima batalha atingem, ao que parece 16.000 mortos e feridos. — (H.)

Dificuldades sobre dificuldades

LONDRES, 19 — Por falta de correspondentes britanicos junto das tropas gregas e turcas as informações veridicas sobre as operações na Asia Menor chegam com atrazo. O cheque dos gregos é mais de ordem moral do que militar visto que o exercito Kemalista se encontra desorganisado e não poderá recorrer senão á guerra de guerrilhas. São prematuras as noticias de que a Inglaterra prepare uma mediação dos aliados no conflicto greco-turco. — (H.)

Carestia da vida

Não se acham ainda bem regularisados os serviços relativos a subsistencias

Assucar do racionamento

Tendo o sr. Comissario Geral dos Abastecimentos prometido que nesta semana autorisaria a Federação Nacional das Cooperativas a levantar em qualquer das Refinarias de Lisboa, assucar amarelo que lhe fosse possivel dispensar para satisfazer as requisições das Cooperativas federadas, entregues até ao dia 15 do corrente, e tendo a Federação procurado hontem, na repartição respectiva, informações sobre o despacho que o sr. Comissario devia ter dado ás referidas requisições, foi informada de que, não tendo embarcado nenhumas ramas nos vapores «Africa» e «Moçambique», ao contrario do que se esperava, não podia ainda passar guias para as refinarias sem, previamente, se assegurar das suas disponibilidades, o que ainda deve demorar uns dois ou trez dias.

Azeite

Tambem a F. N. C. diligenciou obter, de viva voz, resposta ao seu segundo oficio sobre fornecimento de azeite espanhol ás Cooperativas federadas; porém, como o sr. Comissario Geral dos Abastecimentos não se encontrasse no Comissariado, tambem ainda nada ficou resolvido a este respeito.

Aumentam os nascimentos em Paris

PARIS, 19. — Os nascimentos em Paris em 1920 foram já em maior numero do que em 1913 e augmentaram sensivelmente no primeiro semestre de 1921. No primeiro semestre de 1913 24.300 no primeiro semestre de 1920, 27.916 no primeiro semestre de 1921, [illegible] 885.

POLITICA

O "Misterio dos Cincoenta Milhões"

Não se compreende que ainda não tenham sido intimados a depor alguns dos nossos homens publicos

A prisão do sr. Pedro de Araujo começa a convencer a opinião publica de que as investigações ácerca do «Affaire Jafferson-Costa» são conduzidas com energia e que talvez se não trate, desta vez, de simulacros policiais. Ninguem põe em duvida a integridade moral do sr. Reis Junior. Este magistrado parece ter sido talhado para esclarecer este embrulhada do caso. Estamos persuadidos que mais facilmente abandonaria o seu cargo que se prestaria a uma comedia indecorosa. E é por isso que não atinamos com a poderosa razão que o inhibiu de expedir intimações para ouvir e reduzir a escrito os depoimentos do sr. Afonso Costa, Barros Queiroz e Bernardino Machado. Os dois primeiros teem assento no Parlamento, mas não compareceram, apezar de formal e publicamente lhes ser feito o convite. O silencio do sr. Barros Queiroz tem sido absoluto. Quanto ao sr. Afonso Costa tem soltado uns vagos murmurios, gaguejando que os financeiros do «Credit International de Anvers» são pessoas respeitabilissimas e que o Jafferson Williams é um «Homem Duro», que só diz «all right». Isto é pouco. O sr. Afonso Costa deve saber muito mais. E, se o não quere vir dizer á boa paz, deve-se fizer lhe sentir que a sua irresponsabilidade no arranjo do famoso contracto não é artigo de irrefutavel dogma.

O depoimento do sr. Barros Queiroz é absolutamente indispensavel. Ninguem, melhor que ele, pode revelar quais foram os poderosos motivos que o forçaram a calar-se quando devia falar. E o sr. Barros Queiroz, que é homem de caracter integro, deve estar ancioso por depôr.

Tudo isto são questões que ao sr. Reis Junior compete averiguar. E á defesa dos incriminados não podem tambem ser indiferentes os depoimentos dos homens publicos com quem trataram. Como testemunha, já o sr. Afonso Costa marcou o seu lugar: é testemunha de defeza dos financeiros do «Credit»..

Um telegrama do sr. Vasco Borges ao sr. Afonso Costa

Muitos parlamentares escreveram ou telegrafaram ao sr. Afonso Costa, —mas não obtiveram resposta. Segundo uma informação digna de credito, o sr. Vasco Borges pedia ao sr. Afonso Costa uma entrevista para o «Mundo». Pois a entrevista não veio e o sr. Vasco Borges ainda está á espera da resposta!

Apezar de tudo não se desistia ainda de realisar uma grande romaria á Serra, mas não se sabe, por emquanto, se o sr. Afonso Costa se resolveria a receber os romeiros. Ha muita gente que acredita que não, principalmente porque o ex-chefe democratico ultima os preparativos para o seu muito proximo regresso a Paris.

Na estrada da tuberculose

Em nome da raça—O "Avenida" em fóco

Com estes titulos e sub-titulos levantaram dois redactores do nosso jornal a sua voz contra o uso e abuso comercial que uma empresa de teatros vem fazendo da representação de uma pseudo revista de passagens escabrosas, representada por crianças de 4 a 10 anos.

O nosso moralissimo e até mesmo patriotico clamor, se ainda não chegou aos ouvidos das autoridades a quem cumpre velar pela saude e pela moral publica, felizmente já fez eco numa importante colectividade que nos enviou uma carta á qual gostosamente concedemos a publicação que solicita e de que é merecedora.

O Nucleo Central do Ressurgimento Nacional expõe o que já fez e o que pensa sobre o caso do «Sonho do Manecas»

19 de setembro de 1921. — Sr. Director de «A Capital». — Tendo sido mais duma vez invocada no seu jornal a mocidade do «Nucleo de Ressurgimento», a fim de se pronunciar acerca das representações infantis do Avenida, cumpre-nos informar que essa mesma mocidade, não obstante o infeliz remoque de «Uma actriz desiludida», no «Seculo» da noite, de 6 do corrente, não tem descurado um momento o assunto, que classifica de um dos mais tristes sintomas da degenerescencia moral a que se chegou. Sabado ultimo, um dos nossos associados foi novamente áquela casa de espectaculos, entrevistando, no fim da segunda sessão, a artista Cremilda Torres, a quem fez sentir, em nome do «Ressurgimento», quanto o seu esforçado trabalho de artista seria na verdade apreciavelse orientado noutro sentido. A actriz escudase na falta de originais que consigam cair bem no animo prevertido do publico e pretende insinuar que o seu intuito foi apenas desviar pequenos seres, em que na realidade reconhecera uma acentuada queda para o teatro, doutras imoralidades quiçá maiores. Não respondemos pelo melindre que a asserção possa, porventura, provocar aos pais de tão precoces artistas; achamos, contudo, se imoralidades de parte a parte existem, que nenhuma pode ser considerada tão flagrante nem lavrar tão fundo o depauperamento das nossas virtudes patrias, como essa em que se vê as proprias autoridades confundindo os seus aplausos com as palmas da «claque».

Sera possivel tanto?! interrogámo-nos pasmados. Mas isto não é inventar — assiste se...

O espectaculo da Revista pelas creanças é um soluto de perversidade, um crime de lesa-humanidade

Não basta a decantação, que, no desejo de contemporisar um pouco, o nosso associado propuzéra á artista, e não basta porque se não pode considerar de uma mistura de «toleravel» e abertamente «imoral» o que é na verdade um autentico soluto de perversidades. Pôr na boca de crianças de 4 a 10 anos frases que propriamente aos trinta ainda se córa de ouvir, principalmente quando se é educado e se está junto de senhoras que o são, é mais do que comprometer toda a futura intuição moral dessas crianças, porque é ignobilmente prostitui-las. Os pedagogos e médicos, os patriotas e homens de coração que constituem o «Nucleo de Ressurgimento Nacional» reputam semelhante prática um crime de lesa-humanidade. Depois em que bases juridicas são feitos todos esses contractos de crianças, ainda sem vontade própria, sem um querer definido, com o espirito portanto, amoldavel a todas as tendencias, todos esses contractos para um trabalho que embora, não pareça demasiado é inegavelmente excessivo para as suas conformações? Terão os mais direito, sejam quais forem as suas necessidades, a dispôrem assim publicamente dos filhos? Não será tudo isso uma autentica, miseravel e odiosa «escravatura branca»?

Pede-se uma lei que ponha termo a estes abusos—Propõe-se a regeneração do teatro portuguez e a fixação da idade minima para se contractarem creanças

Que a autoridade competente se pronuncie, como deve, que desça tambem um pouco á liça das realidades e requeira, sem delongas, uma comissão medico-juridica que fixe a idade e condições em que só poderá ser confiado ás crianças o mister de representarem, como parte contractada, em espectaculos publicos.

E, então, para esses espectaculos, porque não obrigar as companhias a escolher repertorios convenientes, e até de mais facil execução, com scenarios apropriados, que revelem arte e grandeza? Não ha por esse paiz fóra tão encantadoras e ritmicas danças regionais, tão lindas e inocentes canções de que se lance mão e se reconstituam, com um pouco de arte, numeros infantis admiraveis? Não ha tantos e tão educativos exercicios fisicos de conjunto, executaveis por crianças, e cuja execução não menos entusiasma, não menos atrai o espectador, com a vantagem dupla de ser ao mesmo tempo, e instintivamente, para este e para a criança, um elemento dissiminador do culto pela disciplina, do que tanto carece a nossa educação?

E tudo isto, como que servindo de moldura a pequeninas peças extraidas de assuntos historicos ou humanitarios, a que não se esquivariam os nossos melhores dramaturgos e os novos de autentico valor, que imediatamente apareceriam, uma vez dado o incentivo pelas empresas; tudo isto, repetimos, não daria materia suficiente para se constituirem espectaculos salutares e unanimemente apreciados espectaculos verdadeiramente uteis, sem deixar de ter as suas notas alegres, mas sem preversão, e onde em vez de certas «crianças de maior idade», podessem ir as verdadeiras crianças atirar, reconhecidas, bombons para o palco?

O lema deste nucleo não é fomentar campanhas contra quem quer que seja, sr. Director, mas neste momento não pode esquecer que seria negar os seus proprios fins e ficar calado. Até os atingidos, temos a certeza, pesados bem os factos, não negarão a mão á palmatoria.

A v., pela publicação do que significa, os protestos do nosso reconhecimento.—De v. etc.—Pela Comissão Directiva do Ressurgimento Nacional

Mateus Moreno

Por terras de além

A questão da Irlanda — Exemplos e casos — As velhas tradições da Hibernia — De Valera e Lloyd George

A chamada questão da Irlanda, a tal ponto tem irritado a sua antiga opressora, a velha Albion, que a faz esquecer-se da America, daquela lucta com Massachussets, a nova Inglaterra de então, á qual não quiz conceder a independencia voluntaria, para depois ter de cedê-la pela violencia das armas.

Não podia tambem a America do Norte bater-se isoladamente com a sua Metropole. A oportunidade, porém, deparou-lhe Lafayette, que por parte da França lhe prestou a coadjuvação necessaria.

Foi tremenda, inexoravel essa luta da opressão contra a emancipação. O desfecho foi a constituição definitiva dos Estados Unidos da America, que, pouco mais de um seculo depois vieram á Europa em som de guerra, já como arbitros, nessa imensa guerra em que, sem o seu concurso, tanto a França, como a velha Metropole ingleza teriam sucumbido!

Não quiz Espanha conceder ás grandes Antilhas, Cuba especialmente, a autonomia que reclamavam. Maior não era a ambição daquelas terras de Havana.

Em vez de lhe ir ao encontro dos justas aspirações, preferiu Espanha enviar-lhe o general Weyler, que a ferro e fogo contava sufocar a rebelião.

A luta encarniçou-se. Espanha saiu vencedora, porque a ordem era vencer, e para isso corria o sangue a fluxl

Logo, porém, a sentimentalidade humana despertou. America indignou-se, reclamou, interveiu... Surgiu um embaraço: o Maine.

Foi o pretexto. Romperam-se as hostilidades. As tropas americanas puzeram nas suas bandeiras um lema: «remember Maine» e venceram.

Cuba tem hoje a sua estrela. E' uma Republica independente.

Bem poderiamos multiplicar os exemplos com todas as republicas da America do Sul, antigas colonias espanholas que a espada de Pizarro, Cortez Almagro e outros tinham fundado em tempos menos prosaicos do que os actuais.

Seria sensato, a nosso ver, que tantos exemplos de que a Historia está repleta, merecessem ponderação á velha Inglaterra.

Durante bons oito seculos vem a Irlanda pugnando pelas suas imunidades e isenções, sempre mais ou menos desatendidas.

O «Home Rule», proposto em tempo pelo falecido Gladstone, apenas serviu de bola de bilhar para os politicos ingleses jogarem um com os outros á carambola, com o maior menospreço dos interesses irlandezes.

Mas a terra do «Shamrock» — trevo de quatro folhas, que tem para Irlanda o valor que a flor de Liz sempre teve para a velha França —, não desistiu das suas pretensões; antes as foi revivescendo na razão directa do acordar das suas tradições que são muitas imensas, infinitas.

O «folk-lore» da velha Hesperia é riquissimo. As suas superstições, as suas crenças, os seus cantos, os seus contos, o seu adagiario, a sua literatura, a sua lingua, tudo isso tem muito mais afinidades comnosco e com o paiz de Galles (Wales) por via dos Celtas e Ligurios, do que com os Anglo-Saxões com quem até ao seculo XII sempre viveram em guerra sangrenta.

As condições do armisticio propostas por Wilson vieram acordar nas nações submetidas o espirito de renascimento politico. Aqui surge a Vugo-Slavia, além a Polonia, acolá a Finlandia, tambem Baviera aspira aos ares beneficos da independencia, os Indios insistem, os Israelitas não desistem.

Só Irlanda ficaria fora da integração geral destas aspirações modernas de liberdade e independencia que tanto adejam sobre as Nações dominadas como sobre os individuos submetidos?

Porquê?

Não ha outro argumento senão o da força, á qual nos tempos que correm, logo se opõem novas forças.

Irlanda proclamou a sua Republica, nomeou o seu presidente — De Valera — e organisou o seu Parlamento — o Dail Eireann.

Inglaterra, pela voz de Lloyd George, tratando directamente com o Presidente do Congresso Hibernio, reconheceu implicitamente, um e outro, embora o fizesse sob aspectos de ordem diplomatica.

Houve troças amistosas, pareceu vigorar a maior cordealidade que poz provisoriamente termo ás represalias que de um lado e do outro se estavam praticando.

Todavia De Valera em nenhuma das fases dos negociações iniciadas deixou de afirmar o proposito e condição «sinequa» da Irlanda, de tratar como de igual para igual, isto é, com o reconhecimento oficial da Republica que Inglaterra indirectamente já reconhecera.

Aprazada mais uma entrevista para Inverness, ao norte de Inglaterra, como nova tentativa de conciliar o inconciliavel, entendeu o sr. De Valera dever reeditar publicamente o documento que ele de principio transmitira, contendo as condições imprescriptiveis para Irlanda, embora inaceitaveis segundo o criterio do Reino Unido.

O sr. Lloyd George aproveitou o ensejo para declarar nulos os seus compromissos tomados para a conferencia de Inverness que considerava sem efeito.

A' hora em que escrevemos estas notas ligeiras, chegava-nos um telegrama cuja gravidade não é facil disfarçar, pois que o conflito neste momento apresenta uma fase verdadeiramente interessante.

O sr. Lloyd George com todo pronto a discutir tudo que possa conduzir a uma conciliação duradora entre Inglaterra e Irlanda, mas não consente em tratar com representantes de um estado independente.

Equivale a não reconhecer para uso de casa o direito dos povos disporem dos seus destinos e escolherem o regimen que mais lhes convenha.

Não quiz De Valera tornar-se irredutivel, pelo que respondeu com uma tal subtileza e habilidade diplomatica que sem contrariar o sr. Lloyd George, deixou antever o firme proposito de manter os seus principios, afirmando que os Sinn-feiners teem como unico objectivo estabelecer a conferencia «na base da verdade e da realidade por forma que se obtenha o resultado que os dois povos tão ardentemente desejem».

O que vae seguir-se? Por detraz desta troca de impressões cordiaes é licito antever novos acontecimentos, uma ruptura de hostilidades, a repetir talvez as scenas de Cuba sob o comando de Weyler.

Piores serão, porém, as possiveis complicações, acaso acompanhadas de surprezas imprevistas.

Cumpre não esquecer que se trata de uma Republica já proclamada, e indirectamente reconhecida pela Metropole. Certamente que as represalias serão grandes e dolorosas. Possivelmente assistiremos á captura do sr. De Valera, o ao seu sacrificio que não ficará inferior ao do finado Lord Mayor de Cork.

Mas Inglaterra acha-se internacionalmente mal colocada neste instante, a braços com o problema da hegemonia do Pacifico, com pontos de vista diversos dos de França na solução do problema da Alta Silesia e tantas outras dificuldades assoberbantes.

O mais insignificante conflito com qualquer potencia, leva-la-ha a reconhecer oficialmente a Republica da Irlanda.

E depois?

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ — A's 21,30 — «De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — «O Sonho do Manecas».
APOLO — A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-tac».
GIL VICENTE — ás 21,30 «A Martirs».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

Hoje começa no Nacional a assinatura, livre de compromissos, para 8 recitas da proxima epoca, as quaes serão constituidas por «premiéres» com peças diferentes.

Tanto o «elenco» da companhia como o repertorio que a administração do lindo teatro pretende fazer executar, causaram, no publico, a melhor impressão e o maior agrado, que se manifestou, não só no facto de todos os antigos assinantes manterem os seus logares, como, tambem, no avultadissimo numero de pedidos, desde já feitos, para novas assinaturas.

— Apesar de faltar ainda mais dum mez, para no Salão Foz, inaugurar os seus espectaculos, a «companhia Otelo de Carvalho», o que podemos afirmar, sem receio de desmentido, é que a esse artista tem já sido dirigidos numerosissimos pedidos de bilhetes para a noite da «premiére» da revista, cujos ensaios já começaram.

— E' completamente destituida de fundamento a noticia de começar, em breve, a funcionar o «Parque Mayer.»

— As apoteoses do «Gato por Lebre» são ambas de Luiz Salvador e intitulam-se: a do 1.º acto — «O grande equivoco»; e a do 2.º acto — «Um pleno no zero».

— Agradou imenso na Figueira da Foz a Companhia Alves da Cunha, que foi ali dar uma serie de represenções.

Antes de regressar a Lisboa a Companhia representará, tambem, nas Caldas da Rainha, inaugurando, aqui a epoca de inverno, a 6 de outubro, com «A Labareda», que não está incluida nas recitas de assinatura, que se inicia a 1 de outubro, abrindo-se nesse dia a bilheteira do teatro. Na assinatura estão incluidas a «premiére» de «O Eterno D. João», em que Alves da Cunha e Berta de Bivar interpretam os principais papeis, e o «Papá Lebonnard» em que o ilustre artista desempenha o papel em que o publico de Lisboa, admirou Novelli, Zaconi e mais tarde, o brilhante e recentemente falecido actor Joaquim de Almeida.

Reclamos

S. Luiz

Atração verdadeiramente sensacional é a que nos apresenta hoje o S. Luiz, na festa do popular actor Antonio Gomes, da Trindade.

Estreia-se no elegante teatro a fita americana em series, subordinada ao titulo «Os 50 Milhões de Dollars» ou «Estás a vêr, ó Viroscas», que está destinada a despertar enorme agrado.

Completando o atraentissimo espectaculo, vai tambem á scena a impagavel revista «De Capote e Lenço», com o gracioso quadro «Colegio de Meninas» e o popularissimo «Fado Laura Costa», que todas as noites colhe os mais entusiasticos aplausos.

Avenida

O publico continua manifestando o seu agrado pela Companhia Infantil, do Avenida, admirando a petizada que, com todo o brilhantismo, interpreta diversos numeros de variedades, e até uma revista. O pequenito artista Rolando de Oliveira, que imita o famoso «Charlot», então, é um verdadeiro prodigio, nas suas creações admiraveis, fazendo rir a valer, os espectadores, na sua espirituosa «charge» ao caso de «Os 50 Milhões de Dollars».

Apolo

A Cégada dos cinemas, o hino dedicado ao Pirilau, o grande certamen de fados, os numeros humoristicos cantados por Roldão e ainda as canções de Arinea Nazaroth, que é uma bela e formosa cantora, são outros tantos atractivos do «Burro em Pé», no teatro Apolo.

ULTIMA HORA

Notas politicas

Crise ministerial?

Intensificaram-se esta tarde os boatos de crise ministerial. Não nos foi possivel obter nenhuma confirmação. Registamos os boatos, por dever de oficio, acrescentando que se dizia haver divergencias no gabinete acerca do modo como devem prosseguir as diligencias policiais no caso do «Misterio dos 50 milhões».

Podem, dum instante para o outro, produzir-se acontecimentos que modifiquem profundamente a situação politica.

Complemento da amnistia

Soldados reclusos por faltas ligeiras

De um professor e soldado do infanteria 13 — recebemos copia de uma reclamação cuja publicação nos pede, a favor de que se torne a ultima amnistia extensiva a militares que se acham ha tempo encarcerados, uns á espera de julgamento, e outros já a cumprir sentenças, por faltas ligeiras, na sua maioria provenientes de completo desconhecimento do codigo e regimentos militares.

A petição redigida em nome dos pais, irmãos e esposas dos encarcerados afigura-se-nos digna de ponderação, não a publicando nós na integra pela sua relativa extensão e a escassez de espaço com que luctamos.

Manifestações amistosas de Inglaterra á França

PARIS, 19. — Chegou a Paris, tendo sido recebida pelo Conselho Municipal, uma delegação de representantes dos municipios de 49 cidades inglesas, designadamente de Cardiff, Leeds e Hull, que veem a França para adotar comunas das regiões devastadas. As autoridades francezas registaram e felicitaram-se por mais este testemunho da amisade britanica. — (H).

Paz Germanico-americana

BERLIM, 18. — O conselho do imperio ratificou o tratado da paz com a America. — (H).

NO BRAZIL

A eleição presidencial

RIO DE JANEIRO, 19. — O sr. Nilo Peçanha prossegue a sua viagem de campanha eleitoral para a presidencia da Republica. Depois de percorrer os estados do norte, irá aos estados do sul. Comenta-se favoravelmente a viagem que pela primeira vez no Brazil faz um candidato á suprema magistratura. — (H).

Cotação dos generos do Algarve

LAGOA (Algarve), 19. — As vindimas estão terminadas, sendo menor a colheita do que se esperava. Os preços são de 3$00 escudos cada 15 kilos de uva. Os compradores esperavam comprar a 1$00 escudo ou 2$00; mas enganaram-se por que os lavradores encubaram a uva. O preço do figo flor é de 17$00 a 18$00 escudos cada arroba, figo comadre a 12$00 e 13$00 escudos cada 15 kilos; alfarroba a 4$00 e 5$00. Os trabalhadores andam a 2$50 por dia. O tempo promete alguma chuva. Gados teem subido de preços e egualmente os generos de 1.ª necessidade.

Por essas ruas

Os gatunos roubam uma carteira com 140 escudos

Queixou-se á policia Gracinda Ribeiro, rua das Escolas Gerais, 62, rés-do-chão de que, encontrando-se na estação do Rocio, roubaram-lhe uma carteira que continha nada menos de 140 escudos, ignorando quem fosse o autor do furto.

Furto num electrico

Tambem se queixou á policia, o sr. Ribeiro Coelho, porque, quando seguia no electrico do Dafundo, lhe furtaram um relogio, «Longines», uma corrente, e um berloque, tudo no valor de 500 escudos.

O espiritismo

Novas revelações

Camilo Flamarion é, como se sabe, um dos mais notaveis adeptos do espiritismo, na sua fase mais moderna e scientifica.

Os estudos dos espaços inter-planetarios, prolongando-se para o infinito inacessivel, conduziu o espirito do astronomo a aceitar a explicação da vida eterna, da vida que não teve principio nem terá fim.

O notavel astronomo acaba de dirigir uma carta ao «Matin», de Paris, onde mais uma vez afirma a sua convicção na sobrevivencia da alma humana, aperfeiçoando-se em vidas sucessivas, que se denominam, como é sabido, reincarnações.

O que ha, porém, de mais interessante é que Flamarion ousou escrever que essa sobrevivencia animica se pode considerar um facto scientificamente provado.

Nós, como o «Matin», não vamos tão longe.

Sem negar a existencia de certos fenomenos grupados sob a denominação generica de telepatia, entendemos que dai a prova scientifica da existencia e da sobrevivencia da alma humana vai ainda uma grande distancia. Será um dia transposta?

E' nisso que, presentemente, reside todo o problema espiritista.

Um achado curioso

No Parque Eduardo VII é encontrado um cofre de ferro — O que continha?

O operario Antonio Ramos, que trabalha nas obras do Parque Eduardo VII, quando esta manhã prosseguia nas escavações um pouco além do lago ha pouco construido, notou que a enxada batia em qualquer corpo duro e resistente.

Outros operarios acorreram ao sitio, conseguindo, não sem bastantes esforços, trazer para a superficie um pequeno cofre ou arca de ferro, de 90 centimetros de comprido por 10 de largo e 15 de altura.

Hesitantes, sem saber o que fazer, logo o servente Antonio Dias alvitrou a abertura da caixa, o que ainda assim requeria bom esforço, pois se encontrava muito bem fechada.

Antonio Dias, usando de um bom valente, tentou, sendo auxiliado por Antonio Ramos e mais companheiros conseguiram arrombar o cofre.

Estaria ali dentro uma fortuna? Seriam barras de ouro, ou pedras preciosas?

Depressa a curiosidade foi satisfeita.

Aberto o cofre, verificou-se conter um lençol que em tempos fôra branco, mas que o perpassar dos tempos tornara amarelento, a encobrir um fardamento antigo, uma espada com bainha dourada, um colar ou comenda com medalhões de santos e um chapeu tricorne.

No nosso entender as autoridades competentes devem tomar conta da ocorrencia, e providenciar para que aqueles objectos sejam classificados e possivelmente recolhidos a um museu, se o caso fôr para isso.

Uma bomba

Esta madrugada, pelas trez e meia, rebentou na rua Augusta, proximo ao Montepio Comercial e Industrial, uma bomba de clorato, que não causou estragos materiais, mas sobresaltou bastante os moradores do sitio.

Liga de Defeza Social

Está publicada a organização desta Liga, que é de grande utilidade publica e cujos fins são: 1.º — propagar e defender todos os principios estruturais das sociedades organisadas; 2.º — auxiliar todas as causas que interessem á honra, á soberania e á integridade da Nação Portugueza.

A Liga é constituida por uma Junta directiva e 4 Secções de acção, destinando-se a primeira (Apostolado Social) a conferencias, cursos e publicações; a segunda (Voluntarios da Patria) a prestar serviços de defeza e socorro á população; a terceira (Curadores do Povo) a tratar dos interesses nacionais; e a quarta (Mensageiros da Junta) a executar as instruções da referida Junta.

Agradecemos a oferta do Estatuto e Regulamento.

A correspondencia deverá ser dirigida para o Presidente da Junta, Rua das Taipas, 40.

Poeira da Arcada

Foi nomeado segundo comandante da Escola de Torpedos e Electricidade, o capitão de fragata sr. Ernesto Bizarro.

✦ ✦ ✦

O engenheiro constructor naval sr. Teodoro da Costa e o desenhador chefe do Arsenal da Marinha, primeiro tenente sr. Ferreira de Freitas, foram incumbidos de ir a Espozende, Figueira da Foz e Caminha, afim de vistoriarem os navios em construcção nos estaleiros daqueles portos.

✦ ✦ ✦

Conferenciaram hoje com o sr. ministro da guerra os srs. dr. Silvestre Falcão, que tratou de interesses do Algarve, e conde da Ribeira.

✦ ✦ ✦

O vapor *Funchal*, da Empreza Insulana de Navegação é esperada amanhã no Tejo, de regresso da Madeira e Açores.

✦ ✦ ✦

Parte amanhã para o norte o sr. Agatão Lança, deputado da Nação.

✦ ✦ ✦

A comissão encarregada pelo sr. ministro da Agricultura para ir ao Douro, estudar a questão dos vinhos, concluiu já os seus trabalhos e volumosos relatorios tendo-se avistado hoje com aquele sr. ministro, com quem teve uma demorada conferencia.

✦ ✦ ✦

Principiou hoje a funcionar na antiga repartição central da direcção geral da contabilidade a inspecção do comercio de cambios, creada pelo recente decreto das cambiais que tambem hoje entrou em vigor. O sr. ministro das finanças visitou a nova repartição, acompanhado do chefe do seu gabinete, sr. dr. Custodio José Vieira, inquirindo minuciosamente do seu funcionamento.

✦ ✦ ✦

O ss. ministro da Alemanha conferenciou hoje com o sr. ministro das finanças.

✦ ✦ ✦

Foi determinado que o serviço de saude do Arsenal de Marinha posse a ser desempenhado por tres medicos e que esse serviço seja desde a hora de entrada até á de saida dos operarios que trabalham naquele estabelecimento.

Provincias Ultramarinas

No ministerio das Colonias foi recebido nova comunicação do governador de Timor dizendo que a situação financeira da provincia é verdadeiramente angustiosa e que não podem ser deslocados funcionarios para Macau, visto as passagens serem elevadissimas. Conclue por pedir urgentes providencias.

O alto comissario em Moçambique vae proceder á liquidação dos chamados bens dos inimigos.

Foi determinado que as provincias de Macau e de Timor, contribuam, cada uma, com a quantia de 4.500 escudos, para a manutenção do Tribunal da Relação de Nova Gôa.

A União Operaria Nacional avistou-se hoje com o sr. Governador Civil, a quem pediu autorisação para realisar no proximo domingo um comicio no novo bairro operario do Arco do Cego.

O sr. Lelo Portela, que não deixou de atender delicadamente a comissão, prometeu responder no proximo sabado, vespera do dia em que aquele comicio haveria de se efectuar.

Malas postais

Amanhã são expedidas malas postais pelo vapor «S. Miguel», para a Madeira e Açores, e pelo «Arlanza», para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires. A ultima tiragem da caixa geral é ás 9 horas para o primeiro e ás 11 para o segundo, fechando para este o registo ás 9.

Vida Sportiva

O Grande Concurso Hipico no Estoril

nos dias 24, 25, 26 e 29 de setembro

Já estão nos ultimos retoques os importantes melhoramentos que a Sociedade «Estoril» mandou fazer no seu mugestoso campo de obstaculos, onde o hipismo elegante de Portugal terá em breve ensejo de mostrar toda a pujança do seu desenvolvimento.

Para a sociedade elegante, que alia ao seu fino trato e esmerada cultura o garbo donairoso dos nossos antepassados, este concurso é um acontecimento nacional.

A simples realisação de mais uma festa hipica, no suntuoso Parque do Estoril, causou tão grande entusiasmo entre os profissionais e amadores deste genero de sport, que são aos milhares as inscrições e marcações de lugares na Sociedade Hipica Portugueza, na Rua Ivens, 56, 1.º.

Noticias militares

Durante o corrente mez realisam-se as revistas de inspecção aos militares licenciados e reservistas domiciliados nas areas dos diferentes bairros de Lisboa e pertencentes aos Regimentos de Infanteria de Reserva n.os 1, 2, 5 e 16, no extincto convento das Necessidades. No segundo domingo de Outubro deverão apresentar-se nos respectivos quarteis os mancebos que completem 17 anos durante o corrente ano, a fim de receberem aos domingos a instrução militar preparatoria, como determina a lei.

CAPARICA

Festa de caridade

Na encantadora quinta de S. Francisco dos Matos, uma comissão composta de senhoras e cavalheiros tenciona levar a efeito nos dias 2 e 3 de outubro proximo, uma bela festa, cujo produto se destina á pobreza local, devendo haver «kermesse», iluminação á moda do Minho e corridas desportivas.

Sociedade Promotora de Educação Popular

Estão abertas as matriculas para creanças de ambos os sexes

Estão abertas as matriculas para as aulas de Instrução Primaria para os alunos de ambos os sexos nos dias 19, 20 e 21 do corrente, pelas 21 horas.

No teatro **Apolo**, onde continuam os ensaios da nova revista *Gato por Lebre*, realisa-se hoje, 2.ª feira, 19, mais um belo espetaculo do famoso **Burro em Pé**, com o seu engraçadissimo quadro de comedia *O Hotel do Pirilau*.

Festas associativas

Por motivo do falecimento do seu tesoureiro, fica transferida para o proximo domingo, 25, a conferencia do sr. dr. Ramada Curto na Federação Municipal Socialista, na sua séde, rua do Bemformoso, 150, 1.º. Seguir-se-há depois sarau dramatico e baile com diversos atractivos. Os festejos continuam por todo o corrente mez e são abrilhantados por um grupo musical.

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios; — nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas; — na convalescença das febres graves; — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

A CAPITAL

3891 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Terça-feira, 20 de Setembro de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

Ressurreição!

Segundo tudo indica, vamos a caminho de novas surpresas, de novas circunstancias imprevistas, neste caso positivamente rocambolesco dos 50 milhões de dollars.

Tudo se poderia supor—não é assim?—menos que nos aparecesse novamente de pé o famoso contracto. Pois é isto precisamente o que vamos fazer se acreditar ao publico, embora á custa dum esforço colossal.

Simplesmente, se pensarmos bem nas diversas fases desta singularissima questão, não será dificil concluir que só é extranhavel todo o espanto que se manifestar em face desta nova pretensão.

E' que tudo tem vindo a seguir um caminho logico no sentido de se chegar a esta conclusão.

O descredito do contracto e dos seus negociadores chegou ao apogeu na sessão parlamentar em que o atual governo pela boca do sr. ministro das Finanças, classificou o contracto de burla indecorosa, e a camara, por unanimidade, votou uma moção destinada a permitir a perseguição judicial dos proponentes do contracto, desde logo considerados como burlões.

Mas o sr. Afonso Costa estava em Portugal. O sr. Afonso Costa velava. E quando um jornal lhe podia explicações acerca do contracto, pedido que era de prevêr, o sr. Afonso Costa produziu desde logo declarações estupendas, que evidentemente aplanaram o caminho para toda a especie de novas mistificações.

O governo e o parlamento haviam considerado o sr. Afonso Costa como tendo sido iludido na sua boa fé em toda essa falcatrua. O sr. Afonso Costa deu bem claramente a entender que não estava disposto a declarar-se iludido. Pelo contrario: declarou que tinha os homens do «Credit de Anvers» na conta de entidades serias e competentes, e nem uma palavra saiu dos seus labios contra o famoso Williams já reconhecido como um cavalheiro de industria.

O resultado era de esperar, mercê desta miseria, desta subserviencia, desta cobardia, que não deixa fazer-se nada neste paiz sem ser pela vontade do sr. dr. Afonso Costa.

Para que o sr. Afonso Costa não fique em cheque, nas suas afirmações dogmaticas, é preciso que a gente do Credit seja proclamada tão irresponsavel como o proprio Afonso Costa em toda esta descaradissima burla. E não só a gente do Credit como o proprio gatuno Silberg que com o nome de Jefferson Williams desempenhou no caso um papel saliente.

O sr. Afonso Costa defende a gente do Credit. A gente do Credit defende o sr. Afonso Costa. Já se vê essa tactica na entrevista do sr. Pedro de Araujo, hoje publicada na «Imprensa da Manhã». E' uma reciprocidade encantadora.

Posta a questão nestes termos, é claro que o que se precisa para reabilitar o sr. Afonso Costa, a gente do Credit, e Silberg, vulgo Williams, é ressuscitar o contracto. O contracto foi e é uma coisa seria, os negociadores são pessoas respeitaveis, o sr. Afonso Costa foi mais uma vez um negociador habilissimo, e o Williams arranjará, na America, não só 50 milhões, mas até 100 milhões de dollars, se tanto fôr necessario.

E' este o desfecho da comedia?

Simplesmente ha a observar que o Williams continua ausente em parte incerta, e que as facilidades para o contracto reviver, segundo as afirmações do sr. Pedro de Araujo, não são tantas que o seu representante e colega D. Manuel de Noronha não tivesse declarado que o contracto já não se podia fazer.

No meio de tudo isto, está toda a gente inocente? Não ha ninguem culpado?

Ha. E' o sr. Barros Queiroz.

O sr. Pedro de Araujo acusa-o severamente. No seu entender, o sr. Barros Queiroz é que prejudicou o paiz. O criminoso é ele.

O sr. Barros Queiroz devia ter acedido a tudo; o sr. Barros Queiroz, fez muito mal em querer limitar lucros escandalosos. O governo do sr. Barros Queiroz portou-se indignamente pedindo á nossa legação nos Estados Unidos informações sobre o famoso Williams. Felizmente que o sr. Barros Queiroz está em terra, e não poderá por isso contrariar a segunda edição do contracto.

Realmente o sr. Barros Queiroz merece isto. O governo merece isto, o parlamento merece isto. Porque o sr. Barros Queiroz não teve a coragem de declarar mais cedo aquilo de que certamente estava convicto ha muito, isto é, que se tratava duma burla em que o sr. Afonso Costa parecia confiar cegamente como na sua vida. Porque o governo actual se vergou tambem á atitude arrogante que o sr. Afonso Costa assumiu nesta questão, atitude que vai até claramente ao desprezo da lei. Porque o parlamento devia ter convidado o sr. Afonso Costa a ir explicar-se perante ele, e visto que ele o não fez devia, pelo menos, cumprir rigorosamente o seu regulamento, retirando a esse senhor o seu lugar na camara, que não quere ocupar e que já perdeu por faltas.

Entretanto, aguardemos a reabilitação dos burlões que vigarisaram o Estado portuguez, representado pelo sr. Afonso Costa.

UM «MATCH» POLITICO

No "ring" de Montargil

E' eleito por 87 votos o candidato democratico sr. dr. Baltazar Teixeira

Realisou-se no dia 18 a repetição do acto eleitoral em Montargil (Ponte do Sôr), para a eleição dos deputados pelo circulo de Portalegre, eleição que de ha muito vinha despertando grande interesse nos meios politicos.

De facto, o resultado do acto eleitoral veio causar uma certa admiração, pois foi o sr. dr. Baltazar Teixeira o eleito, ao contrario do que muita gente esperava e do que afirmava o candidato catolico, sr. dr. Lino Neto, que apenas precisava de 17 votos para vencer a eleição.

Quem perguntasse ao sr. dr. Lino Neto o resultado provavel da repetição do acto eleitoral em Montargil, receberia esta resposta:

—O senhor ainda tem duvidas?... Pois eu garanto-lhe que serei eu o deputado eleito por Portalegre! Só me faltam meia duzia de votos...

E o conhecido candidato catolico confiava em absoluto na sua vitoria, não deixando porém, de se avistar quasi diariamente com elementos preponderantes no Partido Liberal, que muito lhe podiam favorecer a sua eleição.

Todavia, apenas caiu o governo Barros Queiroz, o sr. dr. Lino Neto desanimou um pouco, se bem que confiasse bastante no resultado da repetição das eleições em Montargil, tanto mais que lhe bastavam mais uns 17 votos para ser eleito.

E foi assim que, confiado na vitoria, adormecido nesse «sono ledo e cego», o sr. Lino Neto fez as malas e foi para o Gerez repousar das suas lidas politicas e gozar antecipadamente o seu triunfo eleitoral.

Ainda ha pouco tempo nós fomos encontrar s. ex.ª no seu gabinete da R. Nova do Almada, para lhe pedirmos uma entrevista sobre a politica futura dos catolicos dentro e fóra do Parlamento.

O sr. Lino Neto, amavel e bem disposto, recusou-se a falar sobre tal assunto, prometendo-nos, sempre que o encontravamos, a entrevista para a «Capital», mas só depois de ter sido eleito.

Alguma coisa de interessante nos disse mais tarde o chefe dos catolicos mas com tal reserva, e com tantos pedidos de nada publicarmos, que nos não atrevemos a cometer essa natural indiscrição, aguardando que s. ex.ª fosse eleito...

O sr. dr. Lino Neto tencionava, podemos afirmá-lo, apresentar ao Parlamento uma proposta de lei autorisando o estabelecimento do ensino religioso nos colegios particulares e mais tarde, se acaso tivesse obtido a aprovação das camaras para o seu primeiro projecto, apresentar segunda proposta, autorisando o uso em publico do trajo religioso das irmãs da caridade.

Mas s. ex.ª não foi eleito, e eis-nos privados de assistir á discussão parlamentar dos dois projectos do chefe dos catolicos!

O sr. dr. Baltazar Teixeira não podia tambem, evidentemente, deixar que fosse um catolico o vencedor do *match* politico que se travou no *ring* de Montargil, apesar do sr. dr. Lino Neto ter procurado, por todos os meios imaginaveis, a simpatia e a influencia dos caciques do Alentejo.

Justiça lhes seja feita, os liberais cumpriram o compromisso tomado com o sr. dr. Lino Neto, patrocinando-lhe a eleição, mas, apesar dos seus bons desejos, o candidato catolico apenas obteve uma pequena votação.

Segundo nos informou o nosso correspondente em Portalegre, o acto eleitoral decorreu animadissimo e na melhor ordem, tendo dado este resultado:

Dr. Baltazar Teixeira..	87 votos
Dr. Lino Neto	14 »
Listas brancas..........	3 »

Não sabemos se devido ao fracasso da eleição do sr. dr. Lino Neto, se por qualquer outro motivo, o que é certo é que o governador civil do districto de Portalegre, o capitão sr. Aurelio da Silva, pediu a sua exoneração, dizendo-se que vai ser nomeado para o substituir um antigo centrista, sr. Pinto Cardozo.

A ocupação estrangeira na Alemanha

Tropas que retiram

BERLIM, 20.—O governo francez enviou uma nota ao governo alemão, comunicando-lhe que deu ordem para regressarem á França as tropas que em maio ultimo foram enviadas para os territorios ocupados. Quanto á ocupação eventual do Ruhr, os trabalhos de evacuação das tropas começaram no dia 15 do corrente e devem estar terminados no fim do mez.—(H).

POLITICA

O MISTERIO DOS 50 MILHÕES

Nós e os republicanos incondicionais—Não nos interessa senão a vida oficial dos homens publicos—O sr. Afonso Costa não está fóra da alçada das leis—A sua vontade não pode ser superior á do Parlamento — O "Consortium Portuguez de Madrid", segundo o vê o integro republicano Botelho de Sousa

E' tempo de definir, com precisão e clareza, a atitude d'este jornal perante o desenvolvimento da melindrosa questão que temos designado e continuaremos a designar por «O misterio dos Cinquenta Milhões»,—até que completa luz seja feita sobre o caso.

E dizemos que chegou a oportunidade de fazer essa peremptoria declaração a fim de que se desfaçam, nos espiritos republicanos, os equivocos que, porventura, se pretendam insuflar, tendenciosamente.

Aqui, neste jornal, não se atacam pessoas, consideradas no seu ponto de vista particular. A vida particular do cidadão é-nos indiferente, sob o ponto de vista jornalistico, quer ele seja monarquico quer republicano. Mas os actos publicos dos politicos ou dos profissionais não são isentos da nossa critica, visto que é essa, especialmente, a função da imprensa que defende ideias e principios. Ora é precisamente isso que nós temos feito, fazemos e faremos enquanto o escandaloso caso do «Misterio dos Cinquenta Milhões» não estiver completamente esclarecido.

Delinquiu um multi-milionario banqueiro? Aqui serão analisados, sem acrimonia mas com imparcial justiça, os seus processos de vida publica. E' censuravel a acção dum politico poderoso, dispondo, a seu belo prazer, dos selos do Estado? Pois resistimos nós, sendo-nos indiferente o isolamento a que os republicanos fetichistas nos votem.

Foi este sempre o nosso criterio jornalistico.

Por que motivo haviamos de modificar o nosso modo de ver, agora que estamos velhos? Na nossa idade já se não aprendem linguas novas.

Por isso (embora não pertençamos á especie...) conservaremos intactas as tradições do jornal, combatendo os erros e crimes da direita e da esquerda, sem nos desviarmos daquelas linhas de incorruptivel imparcialidade, jámais transposta em sentido negativo. Monsanto não vai longe e encontrou-nos aqui, no nosso posto, sem um instante de desfalecimento. Durante a hora incerta este jornal circulou sempre e, todo ele, não era senão um grito de união de todos os republicanos e de incitamento á batalha decisiva. E não dizemos que alguns dos nossos se bateram com as armas na mão, para que se não julgue que nos vangloriamos daquilo que não foi senão o simplicissimo cumprimento dum indeclinavel dever.

Ha o caso do sr. Afonso Costa. Seja. Mas o sr. Afonso Costa não é a Republica. Nenhum homem encarna as Instituições Republicanas. E, porque é assim, o sr. Afonso Costa está submetido á nossa critica, ou queira ou não queira.

Não lhe permitimos que impunemente se subtraia á acção das leis, se elas, por acaso, o atingirem.

E jámais admitiremos, num protesto veemente, «sem protesto republicano», que o sr. Afonso Costa lance ao desprezo mais evidente, como, por vezes, tem feito, a vontade da Nação. Ainda não ha muitos dias que o Parlamento convidou o sr. Afonso Costa a vir, perante ele, fazer declarações. Como correspondeu o estadista á manifestação desse desejo que podia ter sido uma ordem? Pelo *mais* completo, pelo mais absoluto, pelo mais evidente desprezo.

Contra uma tal atitude nos revoltamos. A atitude assumida pelo sr. Afonso Costa parece-se, extremamente, com pusilanimidade. Se, todavia, o sr. Afonso Costa sair de Portugal sem categoricas explicações que satisfaçam a opinião publica, é legitimo concluir que se trata, não dum regresso a Paris, mas duma evasão para parte incerta.

O «Misterio dos Cinquenta Milhões» continua a desenvolver-se, fertil em episodios. Ha prisões efectuadas. Não poderiam ter sido feitas sem que, pelo menos, tivessem aparecido provas evidentes de presunção criminosa. As revelações vão surgindo e, pouco a pouco, toda a historia da patifaria se ha-de fazer... Pois contribuamos, nós tambem, nos limites do possivel, para o esclarecimento da verdade.

Ouvimos ontem, por acaso, o nosso velho e querido amigo sr. Botelho de Sousa, republicano dos velhos tempos da propaganda, caracter integerrimo, incapaz de permitir que o seu espirito se transvie por influencia da paixão politica. Vamos reproduzir, com escrupulosa fidelidade, o que ele nos disse.

O «Credit International de Anvers» instituiu-se á sombra e sob a egide do «Consortium Bancario Portuguez», que tem a sua séde em Madrid, calle de Alcalá. O polvo financeiro dos Fonsecas e dos Araujos estendeu os tentaculos pelo estrangeiro. Fixou-se em Madrid. E, nas vesperas da assinatura do contracto-burla, instituiu o «Credit», em Anvers, «sujeito ás leis belgas». Isto não denuncia, ao primeiro exame, uma premeditação?

Mas para que serve, em Madrid, o «Consortium Bancario Portuguez»? Para isto, simplesmente: para descredito da Republica e para vilipendio da nacionalidade. Mas ouçamos Botelho de Sousa:

—O «Consortium» exerce em Madrid uma acção dissolvente do prestigio portuguez. E' um instrumento nas mãos dos inimigos do regimen.

—Dê-nos um exemplo.

—Nada mais facil. Se alguem, portuguez ou não, vai aquele estabelecimento de credito para trocar moeda portugueza por espanhola, fazem-lhe um preço inferior ao de qualquer outra casa de Madrid. «A sua acção é, pois, exercida no sentido duma maior depreciação da nossa moeda». E, se ha alguem que faça uma observação, logo lhe dizem: Isso é moeda que nada vale. Muito fazemos nós em lh'a comprar por esse preço!

—Bom exemplo patriotico, não haja duvida!

—Quer mais? Isto, sómente: se um funcionario portuguez do Consulado ou da Legação lá vai descontar as ordens de pagamento que recebe de Lisbôa, pagam-lhas com a comissão de 1 0|0, enquanto que noutra qualquer casa e como é da praxe, a comissão não passa de 1|4 0|0.

Mais ainda nos disse o sr. Botelho de Sousa. Não trasladamos senão o suficiente para despertar a curiosidade daqueles cujo dever é zelar pelo bom nome portuguez no estrangeiro.

INTERESSES BANCARIOS

A casa Nunes & Nunes

Que por motivos imprevistos se viu forçada a encerrar temporariamente as suas portas, dispõe de um avultado saldo, sendo por isso a sua situação desafogada, esperando-se que em breve recomece as suas transacções

A casa Nunes & Nunes que ha poucos dias suspendeu provisoriamente pagamentos, não demorará muito tempo a reabrir as suas portas. Afinal trata-se apenas duma situação transitoria dificil proveniente duma momentanea falta de numerario. Aquela casa que gosa na praça duma justissima reputação de honestidade, viu-se, a certa altura, sem dinheiro para fazer face ao pagamento dos depositantes sobressaltados por boatos malevolos, mas possue muitos valores que muito bom dinheiro representam, desde que seja possivel realisá-los.

Por informações autorisadas que teem vindo a publico sabe-se que aquela acreditada casa bancaria apresenta um activo de 14.000 contos constituido por imoveis, papeis de credito, letras a receber, contas caucionadas e correntes, etc., etc., e um passivo que apenas monta a 9.000 contos constituido por depositos, letras a pagar, valores hipotecados, etc., etc. Tem, portanto, a casa um saldo de 5.000 contos o que demonstra claramente estar bem longe da insolvencia.

Regosijem-se, pois, os clientes daquela casa, principalmente os timoratos que foram com o seu injustificado sobresalto os principais causadores da situação em que se encontra agora aquele estabelecimento de credito.

As casas bancarias vivem do credito dos seus clientes. Toda a gente sabe que o dinheiro dos depositos não fica guardado na casa, mas é posto em giro, empregado em varios negocios e transacções varias. Se assim não fosse, não haveria Banco que recebesse dinheiro em deposito e muito menos pagasse juro por eles. Nestas condições, se os depositantes dominados por qualquer sobressalto resultante de alguma noticia tendenciosa, afluem em massa em determinado dia a levantar os seus depositos, não ha casa que resista. Pois se ela vive do credito dos seus clientes!... Se estes lhe retiram esse credito a casa vai-se a terra. Não sucedeu felizmente assim á casa Nunes & Nunes. As suas transacções foram sempre seguras, os seus negocios sempre muito claros e, por isso, apesar de se ter visto obrigada a encerrar temporiamente as suas portas, a sua situação é desafogada.

Um minucioso exame á escrita está sendo feito por tecnicos e, terminado ele, o Banco de Portugal, e as outras casas bancarias da praça de Lisboa, levarão á casa Nunes & Nunes o seu auxilio para a ajudar a sair da sua situação dificil, determinada pela falta de numerario.

E depois a casa regressará rapidamente á sua antiga prosperidade, tanto mais que, por consenso unanime dos socios, reassumiu a sua administração um dos seus proprietarios, o inteligente e experimentadissimo banqueiro, sr. Armando Rodrigues, cuja competencia e honorabilidade toda a praça de Lisboa conhece e aprecia com justiça pelas brilhantes provas já dadas, noutro tempo, na administração do mesmo estabelecimento. E' um nome que só por si constitui segura garantia de que os negocios da casa vão de-novo entrar numa fase favoravel ao seu desenvolvimento e nada mais é preciso para restituir á casa Nunes & Nunes a confiança dos seus clientes injustamente abalada em alguns mais timoratos.

O sr. Armando Rodrigues gosa da estima de todos os seus colegas da praça de Lisboa e mantem relações de amisade com as direções do la Banque de Paris, Banque algérienne, Banque des Pays Bas, Swiss Bank Corporation e Voelling, da casa Lipman & Rosenthal que muito o poderão auxiliar na missão espinhosa que tomou sobre os seus hombros.

* * *

Não ha-de ser, porem, necessario recorrer a outros paizes. Não ha-de ser necessario sair da praça de Lisboa onde nenhuma das casas bancarias existentes se recusará a prestar o auxilio que fôr julgado necessario.

A confiança do sr. Armando Rodrigues é quasi ilimitada, pois que ele possue largos conhecimentos da industria bancaria, tendo acompanhado de perto a sua evolução em todos os paizes apoz a guerra, para o que lhe valeu o conhecimento profundo de algumas das linguas modernas.

Claro está que para poder levar a bom termo a espinhosa missão que se impoz, necessario é que seja auxiliado pela boa vontade de todos os socios que decerto lhe não faltará, visto que foi por unanimidade escolhido para a administração da casa nesta crise dificil, embora passageira.

Parece que a obra que o ilustrado banqueiro se propõe realisar desde já será a venda nas melhores condições, e rapidamente, dos valores cuja existencia se reconheça prejudicial ao desenvolvimento bancario do estabelecimento, separando completamente a parte bancaria da comercial; e a modificação das filiais, algumas das quais são reconhecidamente desnecessarias.

E' certo que á graves erros de administração, só agora conhecidos e que se espera serão remediados e o distinto banqueiro conta que os socios se congregarão para a defeza dos interesses comuns, contando tambem com a nunca desmentida lealdade do pessoal da casa.

O sr. Armando Rodrigues espera, auxiliado pela inteligente e leal colaboração do sr. Pedro José da Cunha, ilustre reitor da Universidade de Lisboa, e do sr. José Ferreira da Costa Junior, professor do Instituto Superior do Comercio, a quem a casa Nunes & Nunes deve revelantes serviços, chegar rapidamente ao termo da *primeira parte da sua missão* que se assinalará pela reabertura das portas do acreditado estabelecimento. Esse dia será de justificado regosijo para toda a praça de Lisboa e uma lição para aqueles que, assustando-se demasiadamente ao minimo boato tendencioso, correm pressurosamente a levantar os seus depositos, originando situações destas que, embora remediaveis, marcam na vida comercial duma casa epocas angustiosas.

Falando de modo geral, quando na praça começar a constar que uma determinada casa bancaria atravessa uma crise aflitiva, a melhor maneira de a salvar de uma tal situação é conservarem os seus clientes a serenidade de animo necessaria para não lhe retirarem a sua confiança. Se assim fizerem, a salvação da casa bancaria é certa, mas se desatarem todos á porfia a vêr qual chega primeiro com receio de chegar tarde e mais para levantar o seu dinheiro dificilmente resistirá uma casa bancaria a tal situação.

Não é esse felizmente o caso do antigo e acreditadissimo estabelecimento Nunes & Nunes que o seu fundador, Antonio da Purificação Nunes, levou a um alto grau de prosperidade mantido e continuado pela administração do sr. Armando Rodrigues.

A casa Nunes & Nunes dispõe, como acima dizemos, dum saldo de 5000 contos o que é mais que suficiente para tranquilisar os espiritos dos mais sobresaltados.

Quem dispõe de tão avultado saldo não deixa de satisfazer os seus compromissos. Pode isso acontecer, como agora momentaneamente, mas só momentaneamente.

Sob a habil direcção do sr. Armando Rodrigues, a casa Nunes & Nunes reabrirá brevemente as suas portas e receberá as felicitações de todos os seus amigos que são numerosissimos.

A questão do jogo na Madeira

O que sobre ele nos disse o sr. Vieira de Castro—Uma torrente de ouro que vai para as Canarias e que poderia ser canalisada para a nossa casa

Agita-se de novo a questão do jogo na Madeira. Os politicos na sua maioria não o querem, em obediencia aos seus principios. Mas os regionalistas, aqueles que se desiludiram ja de uma eficaz ação da parte do Estado desejam-no ardentemente.

Estes teem talvez razão. As Canarias, desde que na Madeira se deixou de jogar, transformou-se num grande centro a que não seria nunca possivel chegar se não fosse a desigualdade de circunstancias em que presentemente se encontram para com a Madeira, por virtude da questão do jogo. Nas Canarias joga-se, e joga-se muito.

Dizer-se que se joga bem nas Canarias equivale a afirmar que uma grande parte do ouro da Inglaterra, da America, da Africa e da Europa Ocidental se canalisa para as ilhas espanholas.

Equivale a dizer que estas ilhas progridem muito, que fazem uma enorme concorrencia á nossa formosa Ilha da Madeira.

O principio da não permissão do jogo é respeitavel. Tem uma base moral que ninguem pode contestar, é um principio contra o qual ninguem de boa fé pode argumentar. Mas ha em tudo exceções. E o proprio Estado que as estabelece permitindo o jogo em Macau. Acaso Macau não sera, do mesmo modo que a Madeira, portuguez?

Pois debate-se novamente a questão do jogo na Madeira.

Em Lisboa encontra-se presentemente «O pai da Madeira» como já alguem lhe chamou, o sr. Vieira de Castro, importante capitalista e industrial que toda a Madeira conhece e respeita não já pela sua fortuna, mas ainda mais pelo bem que ha muitos anos vem espalhando prodigamente naquela Ilha.

O sr. Vieira de Castro é uma das pessoas que o «Almanzora» se negou trazer para cá de Espichel. Por isso as primeiras palavras trocadas entre o jornalista e o passageiro despeitado tinham de ser naturalmente sobre o caso.

O dialogo, porém, foi rapido. O sr. Vieira de Castro comenta alegremente o incidente e nós aproveitámos o intervalo, entre dois cigarros, para entrar no assunto.

—V. ex.ª pode dizer-nos se ha ou não vantagens no estabelecimento do jogo na Madeira?

—Eu não jogo, começa o nosso ilustre entrevistado, nem como ponto nem como banqueiro. Nem mesmo na Bolsa... Sou, portanto, insuspeito nas minhas opiniões. Além disso o que tenho feito na Madeira dá-me o direito de ser acreditado quando falo do seu progresso. Ora bem, eu asseguro-lhe que o jogo na Madeira deve ser, para bem da propria Madeira, não estabelecido nas mesmas circunstancias em que até aqui tem estado, mas sim regulamentado. A nossa primeira ilha sofre presentemente uma grande concorrencia das Canarias. E' preciso não esquecer que as palavras turismo e jogo andam hoje muito ligados, porque o turista é quasi sempre jogador. A Madeira é rialmente um ponto de turismo por excelencia, quasi obrigatorio para quem viaja. Mas que enorme diferença não vai entre uma visita de dias e uma permanencia de mezes! Depois, não é só isso. No Funchal ha tudo quanto é preciso para o funcionamento do jogo. Ha uma enorme riqueza em edificios e jardins—os antigos sanatorios, hoje propriedade do Estado—que se estão perdendo, embora valham milhares de contos, e quando tudo indica que deveriam ser aproveitados.

«Acaso somos nós algum paiz rico que possamos dispensar o ouro que a regulamentação do jogo *na Madeira* nos daria? Um paiz que tem tudo empenhado, que tem as suas finanças num verdadeiro cáos, que deve «dois milhões de contos», pode lá deitar pela janela fora uma fonte de riqueza que seria infalivelmente uma das mais abundantes?

O sr. Vieira de Castro interrompeu-se novamente um segundo para fumar. Desta vez esperámos.

O nosso entrevistado continuou:

—*Na Madeira falta quasi tudo.*

Faltam estradas de turismo, faltam pequenos hoteis e «restaurants» nalguns maravilhosos pontos da Ilha, não está ainda feito o saneamento da cidade e a telegrafia sem fios não existe. Além disso temos no archipelago a ilha do Porto Santo, que é o *melhor sanatorio maritimo do mundo* e uma das praias mais belas já pela *sua magnifica extensão de 15 kilometros*, já pela disposição da areia fina que largamente penetra pelo mar com uma suavissima inclinação. Tem ainda mais o Porto Santo excelentes aguas mineraes, com um optimo resultado no tratamento das doenças do aparelho digestivo, e um clima ideal. Pois o Porto Santo, apesar de todas as excepcionaes condições que reune, tem vivido num abandono completo! Só agora, uma empresa particular pensa em transformar a ilha, aproveitando as suas privilegiadas riquezas naturais, e creando ali hoteis, balnearios, casinos e varias outras industrias novas.

O Estado não pode, porque não tem dinheiro, proceder ao necessario desenvolvimento do arquipelago da Madeira. Os particulares embora tenham feito e pretendam fazer alguma coisa, não podem realisar por sua vez, e na totalidade, a obra que o arquipelago exige, sem que o governo os auxilie, aproveitando os meios de que dispõe para levar a efeito a obra de atração ao turista, que é sistematicamente desviado para as Canarias por ali encontrar o que tem sido recusado á nossa desventurada Madeira.

E haverá o direito de deter o progresso da Madeira, quando ela, por si só, o pode realisar? Que respondam os politicos, que respondam os que pretendem estabelecer principios, fechando a sua bolsa... e abrindo a dos visinhos.

—Diz-se, porém, que v. ex.ª tem feito muito na Madeira. Pode v. ex.ª informar-nos sobre isso?

—Não gosto de falar de mim.

«Nós tinhamos já ouvido falar da grande obra que o nosso ilustre entrevistado empreendeu no Sintra do Atlantico, naquela formosa ilha a que os franceses chamaram «delicioso, encantado açafate de flores que Deus fez emergir das ondas», por isso insistimos na nossa pergunta.

Todavia, e apesar da nossa insistencia, o sr. Vieira de Castro fechou-se num mutismo absoluto. Foi pena porque o nosso entrevistado, se quizesse falar, poderia dar uma lição áqueles que por muito menos se julgam no direito de ser considerados deuses.

Na estrada da tuberculose

Em defeza da raça

Não foi em vão que dois dos nossos camaradas de redação aqui levantaram o grande problema da deformação moral e depauperamento fisico das creanças, arrancadas ao ar livre para a atmosfera deleteria das caixas do Theatro.

E levantaram a questão porque é indispensavel salvar a geração de ámanhã, já que a de hoje se encontra muito prejudicada nos seus usos e costumes.

Desta vez não se pode dizer que a «Capital» bradou no deserto. Ainda hontem aqui publicámos a adesão do Nucleo Central do Ressurgimento Nacional.

Já hoje temos a registrar o interesse com que a Liga de Higiene Moral e Social vae tratar do assunto.

De um jornal da manhã transcrevemos o eloquente trecho:

O teatro infantil — Deliberações importantes

«Reuniu-se ontem extraordinariamente, a direcção desta Liga, a fim de se ocupar das representações da companhia infantil do teatro Avenida.

Tomado conhecimento do grave dano moral que essa companhia representa, e registada, com o mais caloroso aplauso a atitude da imprensa que protestou contra o teatro infantil, a direcção da Liga deliberou: publicar um manifesto ao paiz, em que estudará o caso, sob os pontos de vista moral e higienico, e ainda como pessimo exemplo e sintoma alarmante da decomposição dos nossos costumes; reclamar das autoridades policiais e do sr. ministro do interior as providencias devidas, e realisar conferencias em varios pontos da cidade, propaganda contra as companhias infantis e contra todos os outros processos de corromper e desmoralisar a nossa gente.

Resolveu mais a direcção solicitar, para o melhor exito deste movimento saneador, a valiosa cooperação do Nucleo do Ressurgimento Nacional e da Liga do Coração Portuguez, bem como de outras agremiações patrioticas e instrutivas, a quem esta nobre iniciativa não pode ser indiferente.

A direcção espera dos jornais de Lisboa que combateram o teatro infantil uma intensa campanha contra essa exploração odiosa e antinacional.»

Aguardamos com interesse a publicação do manifesto.

O conflito heleno-turco

Prosseguem as escaramuças

CONSTANTINOPLA, 20—Os kemalistas apoderaram-se de Sivrihissar, tendo tomado canhões e munições aos gregos, aos quais fizeram tambem grande numero de prisioneiros. Os gregos estão preparando uma nova linha defensiva entre Seidghaz e Ghumupinar.—(H).

Situações confusas

LONDRES, 20.—A situação geral das forças greco-turcas na Asia Menor é ainda bastante confusa. Parece que o exercito grego recuou 10 kilometros para áquem das posições avançadas, admitindo se a possibilidade de retirar sobre Eski-Cheir. Se os turcos não se acharem, porém, com forças para efectuarem a perseguição, o exercito grego poderá sustentar-se nas posições da margem esquerda do Sangarios, aguardando os acontecimentos que terminarão, provavelmente, nas anunciadas negociações diplomaticas.—(H).

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Em que entram os Jesuitas — A sua organisação e os seus fins claros e ocultos — Apoderam-se do ensino em Portugal

Muito incompleto ficaria o nosso estudo, se não aludissemos aos Jesuitas.

De todas as seitas religiosas, esta foi entre nós a mais prejudicial aos interesses nacionais, aquela que, tendo-se apoderado do ensino publico, conseguiu deturpar-nos para sempre o caracter, privar-nos de toda aquela grandeza que durante os seculos anteriores nos tinha distinguido em feitos cujo valor e fama encheram o mundo.

E' de todos bem conhecido que os Jesuitas, como seita, foram muito mais politicos do que religiosos. Explorando o fanatismo, tentaram assenhorear-se do mundo. Era seu proposito crear estados dentro dos Estados, para o que punham em pratica todos os recursos possiveis, a fim de obterem a maior soma de riquezas, com que realisariam os seus almejados objectivos.

Os descobrimentos dos portuguezes e espanhoes abriram-lhes novos horisontes. Eles foram dos primeiros a constituir-se em missões, em confrarias de cristianisação nas terras de além-mar.

E, diga-se a verdade isenta de paixões, como a Renascença dera ao seculo um caracter filologico, os Jesuitas, na sua febre de catechese em terras de além, estudando as linguas orientais e africanas para nelas falar aos indigenas e traduzir-lhes o Catecismo, lançaram inconsciente e involuntariamente as bases da Filologia, sciencia por excelencia que tantos progressos vai fazendo nos tempos modernos.

Esta utilidade dos Jesuitas, porém não os releva dos graves prejuizos que causaram á humanidade, nem da deformação do caracter portuguez, com que nos lançaram no caminho da miseria material e moral que de vez a vez mais avoluma.

A Companhia de Jesus fôra creada ao intuito especial de sustentar o estado cahotico e indecoroso em que se encontrava a Igreja catolica, estado que provocara as perseguições e grito de alarma da Reforma.

Um historiador moderno, Weber, incorpora o movimento dos Jesuitas no fenómeno da Contra-Reforma ou reacção catolica.

Efectivamente, esta seita que no seu aspecto exterior se manifestava fervorosa partidaria do Catolicismo surgiu no momento mais critico da historia da Igreja, quando mussulmanos, lutheranos e filósofos mais victoriosamente a atacavam, quando ela, mais do que nunca se encontrava corroida dos maiores vicios da orgia e devassidão!

A Peninsula, como já foi dito, tornara-se o foco da reação catolica, de que a seita nascente ia ser o mais valioso propulsor. Por isso tambem, no numero dos seus primeiros adeptos, a não ser um unico francez—Pierre Lefévre—, todos os outros foram peninsulares, todos nomes que, pelos seus feitos ficaram gravados na historia:—Francisco Xavier, que D. João III enviou ao Oriente em serviço de catechese, Simão Rodrigues, Santiago Lainez, Afonso Salmeron e o celebre Nicolau Bobadilla.

Estes homens, já instrumentos de uma vontade suprema e unica que tivera o poder de induzi-los e agremia-los, percorreram diversas partes, vindo todos reunir-se em Italia, onde continuaram, num exagero de humildade, a praticar actos de penitencia, prégando seus sermões eivados da mais sincera religiosidade, e tratando dos enfermos e penitentes com a mais requintada solicitude de um bem fingido amor e caridade.

Por bula de 1540, o pápa Paulo III, atendendo ás solicitações de D. João III, aprovou a Companhia de Jesus, que, embora ainda não confirmada, já em Portugal tinha o aludido Simão Rodrigues por seu agente junto do Rei que lhe dispensava protecção com que criou adeptos, fundou Collegios e por todo o paiz achou bom acolhimento.

Estava legalisada a mais temivel das Seitas modernas—a nova Companhia de Jesus—que se preparava para avassalar o mundo, sob as ordens de um unico chefe—o Geral—, a quem todos os maiores Senhores da Terra teriam de vir a ficar subservientes.

Não tardou que a Nova Ordem, criada sob inspirações do fanatismo puro e tendo por alvo exclusivamente a propagação do Catolicismo e a extirpação de todas as seitas e heresias que lhe eram opostas, mudasse de intuitos e objectivos, com o advento dos Gerais imediatos — Lainez e Aquaviva.

Os proprios historiadores jesuitas, com Mariana e outros, reconhecem que os principios da cega obediencia apostolisada pelos fundadores, tinham sido viciados e revertidos em favor do engrandecimento da Companhia, que de facto se achava eivada de tenebrosas tendencias para o orgulho e ambição de riquezas.

A sua organisação era monarquico-militar. O Geral da Ordem arvorava-se em poder supremo. Todos, mesmo sem o conhecerem, lhe deviam cega obediencia. A ela tinham de sacrificar todos os deveres para com o mundo e para com a familia.

Havia na sua Seita uma autentica graduação militar, em que cada qual devia respeito ao seu imediatamente superior, e todos ao Geral.

Os fins claros e os ocultos da Companhia eram complexos, devendo e-lo tambem por esse mesmo motivo os meios. Estes, consequentemente, fossem quais fossem, justificavam-se pelos fins a que visavam.

Pretendia-se com a nova instituição debelar o Protestantismo, em todas as suas variantes e consolidar a Igreja catolica, tornando-a, porém, vassala do Geral, impôr-se a todas as vontades, preponderar em todos os paizes da terra, e estirpar todos os principios da Reforma que proclamavam um novo reinado de liberdade e independencia.

Concretisando, os jesuitas propunham-se criar uma Igreja dentro da Igreja, proclamar um novo poder dentro dos grandes poderes.

Não podiam tais planos rialisar-se pelos tramites do livre-exame, da controversia, do contesto ás leis ou de requerimentos e simples reclamações.

Tornava-se-lhes indispensavel a dissimulação, o artificio, o recurso a meios energicos, em certos casos mesmo violentos, e sobretudo muito dinheiro.

Esta doutrina ficou. Ainda hoje se proclama muito enfaticamente que o dinheiro é a alma dos negocios, e na pratica se vê a naturalidade com que a ele as sociedades modernas sacrificam todas as questões de pudôr, honestidade, brio e honra.

Pretenderam eles refundir em novos moldes toda a educação da humanidade: assim foram apoderando-se do ensino, e criaram Colegios, Congregações e Missões.

D. João III, repassado do mais obcecado fanatismo, na sua febre de debelar a heresia e combater a seita de Luthero, entregou aos padres da Companhia de Jesus «os edificios, casas e assento» do Colegios das Artes de Coimbra, donde pouco a pouco, foram irradiando para todo o paiz de cujas escolas se assenhorearam, assim desnaturando a educação relativamente liberal que até então se ministrava.

Deste modo estenderam os seus Colegios por toda a parte, vindo a ser senhores da sociedade portugueza que educaram no espirito da submissão, de cega obediencia como corolario do uso e abuso do ensino mnemonico com que atrofiavam as inteligencias por falta de exercicio intelectual.

Colocados entre nós á testa dos estudos desde 1555 até 1759, a memoria de Santa Cruz de Coimbra, da Universidade de Evora e das Colegiadas de Lisboa durante esses bons duzentos anos ainda não se apagou.

O obscuro catecismo e as obcecantes selectas inventadas pelos professores jesuitas ainda subsistem.

(*Continua*).

Ladislau Batalha

ULTIMA HORA

Notas politicas

Está iminente a scisão no Partido Socialista Portuguez

Em novembro proximo deve reunir o congresso do Partido Socialista Portuguez. Embora ainda não esteja fixado o local da reunião parece que ela se efectuará em Tomar.

As sessões do congresso prometem ser agitadas. Ha, presentemente, duas correntes no partido, uma que é intervencionista, isto é, que entende que o P. S. P. deve colaborar no governo da nação juntamente e em concorrencia com os outros partidos da Republica, e outra, intransigentemente oposta a esta, que é pela abstenção absoluta nos governos da burguezia. Ha, ainda, uma outra tendencia, que é comunista, mas esta não dispõe de influencia.

A' corrente intervencionista pertencem os srs. Ramada Curto, Borges de Castro e outros categorisados membros do P. S. P. E' absolutamente certo que, se o Congresso não adoptar a politica preconisada por estes elementos, dar-se-ha uma scisão, deixando o partido muitos dos seus actuais membros.

E' natural que, no todo ou em parte, essa corrente ingresse no partido democratico.

Crise ministerial

Ha desinteligencias dentro do gabinete—Agravar-se-hão por forma a determinarem uma crise ministerial?

E' dificil definir, com precisão a situação do gabinete Granjo. Segundo as melhores informações, ainda não ha crise; mas a vida intestina do gabinete não é tão tranquila que, dum momento para o outro não possam surgir incompatibilidades que levem o sr. Antonio Granjo a pedir a demissão colectiva do governo a que preside.

Por isso se diz — e nós registamos isto a titulo de boato inconfirmado— que não são excelentes as relações politicas entre os srs. Presidente do Ministerio e Ministro da Guerra, tendo-se dado um atrito a proposito da punição infligida ao ilustre oficial sr. Liberato Pinto; que entre o chefe do governo e o sr. ministro da Agricultura ha pontos de vista diferentes, aparentemente irreductiveis; entende o primeiro que se devem manter os tipos de pão e o segundo que devem ser criados tres tipos; que o sr. ministro das Finanças não admite intervenção politica nos negocios da sua pasta, o que dificulta a acção do ministro do Interior.

A agravar tudo isto e o mais que se não sabe, parece que o governo receia a eclosão do movimento revolucionario em que, já por vezes, se tem falado.

O Caso dos 50 Milhões

No Governo Civil

O director da Policia de Investigação prosegue nas suas diligencias para apuramento de responsabilidades no escandaloso caso do «Misterio dos Cincoenta Milhões».

Teem sido chamadas para declarações varias pessoas, entre as quais occorre-nos citar os srs. Melo e Sousa, do Banco Lisboa e Açores, Alves Diniz, do Banco do Minho, Antonio Belo e Alfredo da Silva.

Consta-nos que o sr. Alfredo da Silva fez importantes declarações.

A' hora que escrevemos está prestando declarações o sr. José Garcia Rugeroni, director do Seculo.

Os trabalhos devem prolongar-se pela noite fóra, tendo já sido chamadas ao Governo Civil varias outras entidades a depor.

A Espanha em Marrocos

Berenguer aclamado.—Restabelecem-se as comunicações com Nador

MADRID, 20.—De Melilla informam que houve ali grandes manifestações á chegada do general Berenguer que foi aclamadissimo em todas as ruas por onde passou.

O comunicado oficial diz que durante a noite e o dia de ontem não houve incidente algum digno de registo.

Foi restabelecido o serviço ferroviario de Nador com dois comboios por dia, circulando nas estradas carruagens com passageiros, não tendo sido até agora ninguem hostilisado pelo inimigo.—(A.)

O nosso escudo no Brazil

RIO DE JANEIRO, 20.—Valor do escudo portuguez, 700, 800 réis.—(A).

Lêr em A CAPITAL de 5.ª feira

Gatunos de creanças

sensacional reportagem inedita, com documentos e fotografias, em que se prova a existencia em Lisboa duma assombrosa quadrilha de malfeitores.

Poeira da Arcada

O sr. ministro dos Negocios Estrangeiros recebeu hoje o encarregado de Negocios da Noruega.

✦ ✦ ✦

Com o sr. presidente da Republica conferenciaram hoje, os srs. Thomaz Birck ministro da America do Norte, Adidalo Benveutura, e uma comissão da Sociedade Estoril.

✦ ✦ ✦

Na semana finda em 10 do corrente manifestaram-se em Lisboa 2 casos de difteria, 14 de febre tifoide e 2 de variola, e no Porto 3 de difteria, 6 de febre tifoide e 1 de sarampo.

✦ ✦ ✦

O coronel sr. Freiria e o sr. Antonio Malheiro, director geral da contabilidade, membros da comissão nomeada pelo governo Barros Queiroz para verificar o estado financeiro da Companhia Carris de Ferro, conferenciaram hoje com o sr. ministro das finanças acerca dos trabalhos realisados até agora que se encontram muito adiantados e não foram já concluidos em consequencia da companhia não ter fornecido todos os elementos pedidos.

✦ ✦ ✦

A direcção da Associação Comercial de Lisboa conferenciou hoje com os srs. ministro das finanças, agricultura e comercio sobre interesses gerais do comercio.

✦ ✦ ✦

Foi para o «Diario do Governo» a lei abrindo um credito especial de 5.000$, afim de ocorrer ao pagamento das despezas já feitas com a comemoração do centenario de Fernão de Magalhães.

Afonso Costa

O ministerio dos estrangeiros enviou para a Serra da Estrela os passaportes ao sr. dr. Afonso Costa que por estes dias se deve ausentar para Paris.

RUSSIA

A revolta na Ukrania

PARIS, 20.—Noticias de Lemberg e Tarnopol dizem que a revolta que acaba de rebentar na Ukrania é mais grave do que todas as anteriores, ocupando toda a Polonia na mão dos insurrectos anti-bolchevistas que põem em fuga os seus adversarios.

Em Kiew foram ordenadas novas execuções de individuos implicados no complot contra o governo dos soviets.—(H).

João Ulrich

Está em Bruxelas o sr. dr. João Ulrich ilustre governador do Banco Nacional Ultramarino.

Artistas portuguezes no Brazil

RIO DE JANEIRO, 20.—A distinta cantora Cacilda Ortigão e o eximio violinista Tomás Lima, depois de terem alcançado muitos sucessos no Estado de Minas Geraes, seguiram para S. Paulo, onde vão continuar a sua carreira triunfal de artistas distintissimos.—(A).

As inundações em França

PARIS, 20.—Tem havido inundações no departamento do Corrèze, que causaram já a morte a 3 pessoas. Algumas pontes foram arrebatadas pelas aguas e os moinhos destruidos. Os prejuizos são consideraveis.—(H).

Ao sr. ministro da instrução

Chamamos com natural interesse a atenção do sr. ministro da instrução para o facto—absolutamente desprestigiante para o regimen—de ainda se não terem pago aos professores dos liceus o serviço dos exames

Não é justo, nem é decente que se obriguem esses funcionarios a fazer parte de juris em outubro, quando ainda lhe não foram pagos os seus ultimos trabalhos.

Para exigir disciplina é preciso que esse conceito moral parta de cima—o não pagamento de serviços é um acto de flagrante indisciplina financeira.

Morte repentina

Na rua do Conde de Redondo, proximo á rua da Sociedade Farmaceutica, foi esta tarde encontrado sem fala um homem que aparenta uns 65 anos, e cuja identidade se ignora.

Comunicado o caso á esquadra de Santa Marta e pedido o auxilio da Cruz Vermelha, que tem o seu posto na Avenida Duque de Loulé, foi o desditoso conduzido ao hospital de Santa Marta, onde faleceu minutos depois.

Provincias Ultramarinas

Segundo consta, o sr. ministro das Colonias mandou telegrafar ao governador de Macau pedindo informações acerca dos factos graves que segundo constou em Lisboa, ocorreram naquela provincia.

Os funcionarios publicos de Macau pediram ao ministerio das Colonias que lhes seja tornado extensivo o decreto que melhorou os vencimentos do funcionalismo das outras possessões.

O governador da India comunicou ao ministerio das Colonias que os oficiais que ali se encontravam no desempenho de varias comissões, foram incorporados na guarda fiscal até concluirem o tempo dessas comissões.

Pelo vapor «Inhambane» foram desembarcados em Cabo Verde 1536 sacos de milho que se destinavam a Lisboa.

Choque de dois veiculos

Na Avenida Fontes uma moto vai de encontro a um automovel

Quando hoje, pelas 11 horas da manhã, subia a Avenida Fontes, em direcção á Praça Duque de Saldanha, uma moto guiada pelo seu proprietario, o chaufeur Amadeu Soares, de 23 anos, natural de Silves, Algarve, subia tambem, e vertiginosamente, o automovel S. 4285, propriedade do sr. Acacio Melo, de naturalidade brazileira, e que era guiado pelo «chaufeur» Augusto Silva.

O «chaufeur» que guiava a moto, certamente atrapalhado, deixou ir o seu veiculo contra o automovel.

Resultou ficar com o seu «arranjinho» todo desarranjado, e algo contuso na cabeça e no braço direito, pela violencia com que saltou da moto quando viu o caso mal parado.

A questão da Irlanda

DUBLIM, 20 — O sr. De Valera telegrafou hontem á noite ao sr. Lloyd George, pedindo-lhe para lhe indicar se o fim da sua carta do dia 7 é uma submissão ou se constitui simplesmente um convite para a conferencia livre, sem prejuizo, no caso de um acordo não se realisar. Neste ultimo caso os delegados irlandeses irão imediatamente á conferencia, para que o sr. Lloyd George os convidou.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pela Ex.ma Sr.ª D. Emilia Moreira Freire, da casa de Passos, do concelho de Felgueiras, foi pedida para seu filho, o sr. dr. Antonio Moreira Freire, a ex.ma sr.ª D. Maria Joana de Castro da Cunha Rola Pereira, gentil filha do sr. José da Cunha Rola Pereira, ilustre vice-governador do Banco Ultramarino e da ex.ma sr.ª D. Maria da Piedade de Castro Rola Pereira.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Medalhões

O Gomes da Trindade:

Fez hontem a sua festa artistica, e por um descuido nosso estas linhas não foram publicadas a tempo. Mas, o facto é que tambem, se elas são justas e merecidas, tanto o são hontem como hoje, e na bilheteira, unica coisa importante para a questão da data, elas seriam de efeito nulo. O Gomes tinha a casa cheia.....

O que nos interessa, agora como sempre, é dar-lhe o seu lugar na scena portuguesa como um belo actor comico, de recursos e de inteligencia.

Antonio Gomes, que tem um passado de honesto trabalhador é daquelas figuras que não abundam nos palcos. Inteligente, duma pequena rabula, de meia duzia de linhas insipidas, ele tanto as envolve com a sua maneira, — tão pessoal e intransmissivel — que consegue faze-las valer. Comico de opereta por excelencia, podia se quizesse ser um belo elemento em comedia ligeira e mesmo em centos caracteristicos de alta comedia.

Além de tudo..... um excelente rapaz com muitos amigos e a mania automobilista.....

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

Continua aberta, no Nacional, a assinatura livre para as 8 recitas, com peças diferentes e em primeira representação, a efectuar na proxima temporada. O numero de pedidos de bilhetes é tão avultado, que nem todos os pretendentes podem ser atendidos, como desejam. Alem dos originais nacionais e estrangeiros, dos quais já demos nota, e de varias «reprises», a administração do Nacional conta, tambem, organisar «matinées» literario-artisticas, precedidas de conferencias por reputados homens de letras, cujos programas oportunamente submeterá á apreciação do comissario do governo. Todo o repertorio será cuidadosamente ensceuado, observando-se com o maior rigor as respectivas exigencias da indumentaria, tendo a administração contractado para esse fim o professor da Escola da Arte de Representar, sr. Augusto Pina, a quem vai confiar a direcção artistica de todas as montagens scenicas a realisar. A administração tem noticia de que alguns outros originais serão apresentados, entre eles um do escritor Chagas Roquette, com o titulo de «D. Lucrecia Borges».

—A proxima epoca de inverno do Teatro São Luiz, na qual funciona a excelente companhia de opereta Armando Vasconcelos, a mais notavel e completa no genero e que é composta dos mesmos elementos artisticos do ano ultimo, inaugura-se no proximo dia 1 de Outubro, começando amanhã os seus trabalhos. O repertorio é escolhido e nele figuram varias novidades, como uma opereta original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, outra de Henrique Roldão e Oliveira Soares, outra de Lino Ferreira e Xavier de Magalhães, intitulada «A mulher artificial» e entre os grandes exitos do estrangeiro serão dados o «Marido Provisorio», estreiado ha pouco no Porto com extraordinario sucesso, «Virgem Rubra», Sua Excelencia Belzebuth' Sua Alteza dança a valsa», celebre opereta vienense e outra.

Dar-se-ha tambem pela 1.ª vez «As Pupilas do sr. Freitas», extrahido do romance de Julio Diniz, com musica de Filipe Duarte Fernandes, reprises das operetas de grande exito, como «J. P. C.» e outras, devendo a inauguração ser com a festeja da «Leiteira de Entre Arroios», o grande exito da ultima epoca.

—A reunião da Companhia Palmira Bastos efectua-se em 23 do corrente, no teatro S. João, do Porto.

—A apresentação da companhia do teatro S. Luiz está fixada para 21 do corrente e a do Nacional para 1 de outubro.

—A Companhia Otelo de Carvalho, que vai funcionar para o Salão Foz, apresentar-se-ha, ali, na totalidade, tambem a 1 de outubro.

A epoca de inverno neste teatro, será precedida por uma «matinée», na qual proferirá uma alocução um dos nossos mais ilustres escritores e dramaturgos dos mais aplaudidos.

Devido á grande afluencia do publico e apezar de restarem poucos bilhetes, só fecha no dia 24 á tarde a assinatura para as recitas com peças novas em Portugal no Chiado Terrasso incluindo a da abertura em 1 de outubro.

—No dia 25 começará a venda avulso.

—A festa artistica de Joaquim Costa realisa-se ainda na actual semana, no teatro São Luiz.

O querido e sempre aplaudido artista recitará, pela 1.ª vez, nessa noite, o monologo intitulado «Sete mulheres e meia», original do sr. Eduardo Pacheco. O espectaculo apresenta varias novidades sensacionais.

—Na revista de Sewalbach «Gato por Lebre» que brevemente sobe á scena no teatro Apolo, o popular actor Roldão faz os seguintes quatro papeis: «Mauricio, Distraido, Carraça e Papa-Assorda».

Reclamos

S. Luiz

Obteve um colossal exito de gargalhada o aproposito anunciado como fita em series, estreiado ontem no S. Luiz, sob o titulo «Os 50 milhões de dollars» ou «Estás a vêr, ó Viroscas».

Trata-se dum episodio aludindo á discutida questão o qual o publico muito aplaudiu, depois de ter sublinhado as suas passagens, com estridentes gargalhadas.

Hoje volta a repetir-se, bem como a revista «De Capote e Lenço», ampliada com o quadro novo «Colegio de Meninas», o «Fado Laura Costa», e todas as outras sensacionais atracções.

Avenida

O «rendez-vous» das familias, em Lisboa está sendo o Avenida, reunindo-se ali, com o fim de admirar a notavel Companhia Infantil, cuja representação constitui o mais interessante espectaculo da actualidade. R lando de Oliveira o incomparavel imitador do celebre «Charlot», contando apenas 10 anos, causa verdadeira sensação, todas as noites, nos seus varios numeros, entre os quais se inclui o que se refere ao caso de «Os 50 milhões de dollars».

Apolo

Não precisa o «Burro em Pé» de reclamo espalhafatoso. O melhor elogio dessa revista consiste em notar que apesar da chuva, mesmo nos dias de semana, muito rara é a noite em que o Apolo não se enche, embora se trate duma «reprise».

Um casamento portuguez no Brazil

RIO DE JANEIRO, 20.—O sr. Manuel de Oliveira, filho do ministro portuguez em Buenos Aires, sr. Alberto de Oliveira, contraiu matrimonio com a sr.ª D. Isabel Leite Pereira da Silva, filha do embaixador portuguez sr. dr. Duarte Leite.—(A).

Automobilismo perigoso

Segundo nos informam, em alguns concelhos dos arredores de Lisboa, transitam diversos automoveis sem que os respectivos «chauffeurs» possuam a necessaria licença que a tal os habilite.

Para o facto chamamos a atenção da autoridade competente, pois, se é verdadeiro, representa um autentico perigo publico.

A CAPITAL

3892 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 — LISBOA — Quarta-feira, 21 de Setembro de 1921 — DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

O crime

Nesta formidavel burla do contracto dos 50 milhões de dollars não se chega nunca ao fim das surpresas. Assim, não pode deixar de ser considerada no numero dessas surpresas uma interessante justificação que os reus da aludida falcatrua estão procurando pôr em circulação, para que os seus nomes não sejam alvo duma violentissima reprovação publica.

Essa justificação consiste em dizer-se que embora os cambios, mercê do contracto-burla, firmado em Paris pelo sr. Afonso Costa, houvessem subido 4 pontos para depois descerem esses mesmos 4 pontos, semelhante facto, embora enchendo de milhares de libras de lucros os bolsos dos traficantes, não prejudica realmente ninguem.

E' necessaria uma grande dose de cinismo para avançar uma tal proposição.

Então comete-se uma burla de centenas e centenas de contos, e ainda havemos de tirar o chapeu aos burlões, sob o pretexto de que não redundou dessa burla prejuizo algum! Mas como seria isso possivel? Para que esses milhares e milhares de libras enchessem os bolsos dos especuladores forçoso se tornava que elas fossem arrebatadas das algibeiras de alguem.

Não foi dos Bancos, não foi das mãos de quaisquer outros especuladores. Foi do bolso de muitas pessoas que não tinham senão pequenas porções, dez, doze ou vinte, por um pensamento de previdencia, na hypothese de qualquer calamidade imprevista.

Foi essa gente, foram os particulares que não especulam, os que vieram com as suas libras ao mercado, alguns mesmo perdendo, porque tinham a esperança de que a valorisação do escudo, beneficiando a sociedade inteira, os indemnisaria facilmente do prejuizo ocasional que soffressem.

Com as pequenas economias dessa parte é que se locupletaram os traficantes que alugaram Williams para desempenhar um papel de comedia que conseguiram convencer o sr. Afonso Costa da sua honradez tão autentica e tão firme como as suas convicções monarquicas.

De maneira que se amanhã um gatuno fôr encontrado com algumas notas de cem escudos no bolso, manifestamente roubadas a alguem, não houve roubo porque não se sabe a quem foram roubadas. Não são ladrões sobretudo os rapinantes que não despojando os cadaveres num campo de batalha, porque cadaveres não se queixam.

Atravessamos um momento excepcional na nossa historia. Estamos em fase duma mentalidade horrivel. Para essa mentalidade os criminosos não são os traficantes que roubam, mas os cidadãos que os apontam ao castigo merecido. Para essa mentalidade, é admissivel a pretensão de certos homens de se colocarem acima da lei, porque prestaram serviços ao regimen noutras eras. Para essa mentalidade, a Republica ha de estar por força consubstanciada com determinados homens publicos, praticarem eles os erros que praticarem, cometam eles os crimes que cometerem! E isto uma democracia, e é isto uma Republica! Não o pensa assim a França que meteu Baihaut na cadeia que levou aos bancos dos reus Caillaux!

Mercê desta mentalidade deploravel, mentalidade realmente monarquica porque só para a monarquia a irresponsabilidade de certas pessoas, coroadas ou com grande destaque na politica, constitui uma Razão de Estado que sobrepuja a lei, mercê desta mentalidade, os burlões hão de ser postos na rua, hão de ficar com o dinheiro roubado, porque o contrario desgostaria o idolo a que presta uma veneração não sabemos se mais irritante do que imbecil ou se mais imbecil do que irritante.

A Espanha em Marrocos

Subscrição nacional

MADRID, 21.—A subscrição nacional em favor dos soldados em campanha aumenta consideravelmente em varias provincias.—(A).

A subscrição estende-se a Barcelona e Cuenca

MADRID, 21.—A subscrição aberta em favor dos feridos da guerra vai estender os seus beneficios ás classes humildes de Barcelona, Cuenca e outras povoações que em consequencia das inundações ficaram na miseria. —(A.)

Questões sociais

PARIS, 21.—O comité confederal nacional discutiu durante muito tempo a disciplina confederal, exigindo o «bureau» confederal a supressão dos comités sindicalistas revolucionarios, que fazem propaganda e exercem uma acção contrariante, a acção e a propaganda da confederação geral do trabalho. O «bureau» confederal poz a questão de confiança sobre a moção que obriga as minorias a respeitarem a unidade da disciplina sindical, que foi definida no congresso de Lille. A moção foi aprovada por 63 votos contra 55. E' possivel que daqui resulte a cisão entre os comunistas e os sindicalistas da confederação geral do trabalho.—(H).

Os povos e a Sociedade Nacional de Belas Artes

Capitulo em que se prova que em Portugal todas as boas iniciativas encontram na frente os mais disparatados obstaculos.

Damos a seguir a carta que recebemos dos conhecidos artistas arquitecto José Pacheco e aguarelista Leitão de Barros, os quais fazem parte do grupo de artistas novos que se propoz, a dentro da Sociedade Nacional de Belas Artes, uma campanha de ressurgimento e de ação. Trata-se dum grupo dos mais categorisados artistas da moderna geração—verdadeira e unica garantia da renovação efectiva da arte portugueza — que, animados da melhor boa vontade e da mais inteligente compreensão da solidariedade artistica, estão dispostos, sem faciosismos, a trabalhar em prol da Arte.

A campanha surda que em torno das intenções deste grupo se tem levantado leva-nos a chamar a atenção dos nossos leitores para o facto, que sabem absolutamente certo, de que uma das tenções deste grupo é promover uma grande festa de confraternisação entre os artistas antigos e modernos.

Por aqui se pode aquilatar das suas intenções. Pois apezar disso ha jornais que inserem, com certeza, em absoluta inconsciencia da justiça e da verdade, cartas em que esse grupo é caluniado, nas suas mais puras e genuinas intenções. Teem a palavra os ilustres artistas:

Sr. director.—Tendo aparecido hontem num jornal da manhã uma carta firmada pelo sr. Santos Diniz e na 2.ª edição da noite de «O Seculo» outra carta da autoria do distinto artista sr. Rui Vaz, achamos de nosso dever pedir a v. que torne publicos os seguintes esclarecimentos acerca da entrada de novos socios na Sociedade de Belas Artes:

1.º—O segundo signatario escreveu neste jornal um artigo—a que o sr. Vaz ontem se refere,—antes de se ter um pleno conhecimento do programa de acção dos novos socios. Uma vez enteirado desse programa, e procurado pelos seus dirigentes na propria noite em que esse artigo se publicou, deu-lhe como artista e como novo a sua completa adesão.

Dias depois, as propostas para admissão de socios assinadas pelo sr. Rui Vaz, eram, por estarem irregulares, rejeitadas pela Direcção, motivo pelo qual os signatarios subscreveram novas propostas.

De resto, hoje as responsabilidades da apresentação de socios, que foram sempre «gratos», não existem, visto que a Direcção da Sociedade de Belas Artes aceitou e recebeu muito bem a comissão dos novos socios que a procurou, tendo acabado essa reunião na mais completa confraternização, de cuja sinceridade, pelo menos da parte dos novos, não é justo duvidar.

2.º—Os signatarios desta carta declaram publicamente que não reconhecem—como artistas e como representantes, que são, neste momento, do grupo dos novos socios da Sociedade Nacional de Belas Artes—nenhuma especie de idoneidade artistica ao individuo que se assina Santos Diniz, que não sabem quem seja, para apreciar os seus intuitos e os seus programas de ação.

3.º—Os signatarios não se responsabilizam pelas atitudes que individualmente possam vir a tomar as pessoas que se julguem ofendidas pelas linhas referidas.

4.º—Os signatarios lembram ainda a inconveniencia da publicação de cartas firmadas por pessoas completamente anonimas, sem obra feita, boa ou má, sem categoria que por nada as recomende como criticos, as quais veem lançar poeira nos olhos do publico, poeira inutil mas imunda, e neste caso desrespeitosa, visto que dentre os novos socios, podem, ao acaso, destacar-se: governador civil de Lisboa, ministros da Republica, capitalistas importantes, directores de companhias, medicos, actores, advogados, directores de jornais, etc., etc.

5.º e ultimo.—Os signatarios aproveitam o ensejo de comunicarem com o devido publico para afirmar mais uma vez a sua fé na acção que, no ressurgimento da S. N. de Belas Artes e na Arte Nacional, podem vir a ter os elementos que agora representam, e que já hoje, de facto, pertencem áquela colectividade, assegurando a todos aqueles que por esse ressurgimento se interessam que a acção dos novos 5 socios será orientada pelo espirito do mais escrupuloso e muito respeito por todas as manifestações de Arte.

De v., etc. — **José Pacheco, Leitão de Barros.**

Um desastre.—Mais de 100 victimas

MAYENCE, 21.—Foi pelos ares a fabrica de productos quimicos de Oppau, proximo de Frankenthal.

O numero de victimas é superior a 100.

As comunicações telegraficas e telefonicas com a região de Worms-Frankenthal acham-se interrompidas. —(H.)

"A Bandeira" novo jornal brazileiro

RIO DE JANEIRO, 20.—O sr. Victorino de Castro, antigo secretario da redacção do jornal «A Patria», abandonou este cargo e vai fundar, continuando as tradições do malogrado e saudoso Paulo Barreto um jornal da manhã intitulado «A Bandeira».—(A.)

OPINIÕES ALHEIAS

Escrevem-nos da Serra da Estrella...

Entrevista do Sr. Deputado X... com o criado de quarto do sr. Afonso Costa — Um genial plano financeiro — Quatrocentos e oitenta mil contos, garantidissimos! —A comoção do nosso querido amigo X... ter-lhe-ha sido funesta?...

O sr. X..., nosso ilustre amigo e bemquisto e acreditado parlamentar desta praça, não se descuidou em nos enviar uma bem redigida missiva, que nos apressamos a publicar. O grande parlamentar partira, como noticiámos, para a Serra da Estrella, onde contava avistar-se com o grande Mestre, conferenciando com ele sobre as variadissimas maneiras e complicados modos de acudir ás aflições do sr. Ministro das Finanças. Como se verá pela prosa que S. Ex.ª nos projectou, não lhe foi possivel obter audiencia, todo o tempo do grandecissimo financeiro sendo pouco para atender ás numerosas comissões de que o está encarregando o governo. E no caso, «A Capital» não pode (nem o numeroso leitor desta «secção jornalistica»...) em soletrar a prosa do tribuno, porque nela encontrara informações interessantes, extrahidos do ambiente em que se debate o seu chefe democratico e que, portanto, está carregado dos efluvios do exgenio portentoso. Eis o motivo porque, sem mais aquelas, damos publicidade á carta do sr. Deputado X..., eximio patriota de todos os tempos e indefectivel republicano, como não podia deixar de acontecer a um politico organisado á maneira do mano Artur. Ora ela ai vai:

Serra da Estrela, 20 de setembro de 1921.—Ao meu imparcial cronista do «A Capital»—«Lisboa».

Amigo e Sr:

Desejaria começar estas mal traçadas regras pela descripção de minha viagem. Não o faço, porém, para não fazer sangrar a sua sensibilidade. Saiba apenas o que eu sofri. Porque, para sangrias, basta a que eu sofri, encafuado numa carruagem mal cheirosa e devorado por uma vermina ao lado da qual a dos banqueiros do contracto-burla fica a perder de vista. Creia que cheguei aqui com profunda anemia, tendo perdido, durante a viagem, aquelas belas côres rubicundas, de que o amigo não cessava de comparar (invejoso!...) aos salpicões das nossas boas terras minhotas. Se a viagem se prolonga um pouco mais, e seu querido X... ficaria reduzido ás proporções duma uva passa, proprio para ser encaixotado em rico sarcofago e, dess'arte, legado ás gerações vindouras.

Daqui a mil anos (esse pouco!...) não seria possivel distinguir a mumia deste seu criado de a de qualquer daqueles faraós que enriquecem o «Britsh Museum», se é que enriquecem, porque, verdade verdadinha, eu nunca lá puz os pés.

Mas, emfim, cá estou, na Serra da Estrela, nesta solidão magnifica. Do meu alojamento pastoril avisto-se a Vila Alzira, onde certamente se alberga o sr. Afonso Costa, mail'o Tudela. E esta visão da mansão (a rima é o diabo, mas não pude arranjar melhor...) alenta-me o espirito, um pouco fatigado com a indigestão diaria provocada pelas deleterias espectoráções dos meus colegas do Parlamento. O meu amigo dirá que no faz falar, assim, a inveja. Não ouvidos nem sim nem não. Porque eu, metendo a mão na consciencia, não tenho pejo de confessar que fui um pato mudo emquanto que alguns dos meus pares cantaram como canarios da Madeira ou melros do Minho. Julgo que, perante esta confissão, se terá desvanecido no seu espirito a impressão de que a inveja é uma das minhas virtudes.

Ainda não pude falar ao nosso Afonso. Ele nem sabe que eu estou cá! Antes de me aproximar do Mestre quiz afazer-me a essa ideia. Receio o primeiro choque da aproximação, porque reconheço que Deus é sempre Deus, com Mahomet ou sem ele.

Para me preparar, preferi relacionar-me com o criado de quarto do Mestre, que é bom rapaz e quasi tão talentoso como o seu patrão. E ele, gentilmente, veio ao meu chamado. A entrevista celebrou-se nos fraguedos dos Cantaros, longe do povoado. E, toda ela, constituiu uma proveitosa lição de finanças e economia politicas, reflexo das luzes emitidas pelo cerebro portentoso do feliz rival de Lloyd George e religiosamente gravadas no sacrario que sobrepuja os hombros do seu criado de quarto.

Eu principiei assim, com pésinhos de lã:

—Eu queria falar ao patrão...

—E' dificil. Todos os dias o sr. dr. recebe pedidos semelhantes.

—Da toda a gente, até do Parlamento. Nem responde! Mas comigo fala todos os dias. S. ex.ª não faz coisa alguma sem ouvir o meu conselho. Devo-lhe esse favor. Que ele, embora rabujento, é boa pessoa.

—De modo que o amigo conhece os projectos do grande homem...

—Ora se conheço... Sei tudo. Falar com ele ou comigo é a mesma coisa. E, se quer, eu lhe digo (mas em segredo, ja se vê...) todo o plano financeiro do patrão, que será executado logo que possamos deitar novamente as mãos aos selos do Estado.

—Faça-me então esse favorsinho. Eu saber-lhe-ei agradecer...

Assim falando, com a mais meliflua voz que me foi possivel artificiar, introduzi significativamente dois dedos num dos bolsos do colete. O sr. Manuel (o homem é Manuel) teve um gesto de altivez, espalmando para mós a mão esquerda, quasi ofendido:

—Não se incomode. Eu sou como o patrão: absolutamente desinteressado.

E, á surrelfa, estendeu, bem aberta, a mão direita.

Percebemos tudo: era para que uma não soubesse as patifarias da outra. Escorregamos algumas placas (em papel) e ouvimos a portentosa revelação:

—O patrão tem um plano do chupeta. Consiste em pedir á Nação...

Manuel olhou em roda, receioso de ouvidos indiscretos. Mas a solidão era absoluta. Só lá muito longe se ouvia um ladrar teimoso de cão de guarda.

—...pedir á Nação um emprestimo de 480 mil contos!

—Upa! urramos, ozabumbados. Olhe que isso é dinheiro, sr. Manuel...

—Qual dinheiro! é só papel... O patrão quer só o papelorio do Banco de Portugal. As libras e os dollars (se ele os tem, que eu não sei...) guarda-os. Agora, o papel, esse sim, da Nação virá e para a Nação voltará.

—Mas como se operará esse negocio de vai-vem?

—Pois ahi é que bate o ponto. O patrão não é peco.

Basta ver como ele embrulhou esse grande marau do Jefferson! O plano do sr. dr. é magnifico e não pode deixar de dar resultado.

Pressentimos que a revelação estava prestes a estoirar.

Deslizemos na mão esquerda do entrevistado (desta vez foi na mão esquerda para que a direita não desconfiasse...) mais uma de dez e ele, muito loquaz, arremessou-nos com o resto:

—A coisa ha-de fazer-se assim. Basta um decreto, um simples decretosinho. E tambem não são precisos muitos artigos. Dois ou tres.

O primeiro mandando que os detentores das notas (nuns detentores, como sabe...) as apresentem no Banco; o segundo ordenando que sobre esse papel-moeda se imprimam estas palavras—«desconto de 80 0/0 sobre o valor nominal»; o terceiro mandando restituir a nota, assim reduzida de 80 0/0 do seu valor primitivo, ao detentor (que continua a ser tudo quanto ha de mais merc...); o quarto dispondo que os 80 0/0 descontados na nota constituam divida do Estado, a 5 0/0 de juro, amortisavel em 99 anos, entregando-se, com os notasinhas carimbadas, o titulo respectivo; ora se a circulação fiduciaria chegar a 700 mil contos arranja-se-lhaem assim 480 mil, sem ralações; o quarto e ultimo...

Manoel parou, a tomar a respiração. Eu quasi gritei, assaralhopado:

—E esse ultimo? Que dirá esse raio?

—Isto: Fica revogada a legislação em contrario.

O Manuel calou-se. Eu nem respirava! De repente, apoderou-se de mim o panico. Salve-se quem poder! gritei, desvairado. E atirei-me de escantilhão pela Serra abaixo.

E digo-lhe mais: só parei agora.

Vale!

Deputado X...

O conflito anglo-irlandez

Uma troca de cartas — Escreve De Valera

Por demasiado interessante damos hoje na integra as curiosas cartas trocadas ultimamente entre o sr. Lloyd George, presidente do Governo Inglez, e o sr. De Valera, na qualidade de Presidente da Republica Irlandeza.

São documentos que ficam, cujos autografos, antes de decorrido um seculo, valerão centenas de libras.

O sr De Valera escreveu o seguinte:

«Não hesitamos em declarar que estamos prontos a entrar na Conferencia para se encontrar por que modo a associação da Irlanda com a comunidade das nações que constituem o Imperio Britanico poderá conciliar-se com as aspirações nacionais irlandezas. Pela nossa carta de 10 de agosto démos a conhecer o nosso desejo de entrarmos numa tal associação.

Por esta razão convocámos o Dail Eiream para que ratifique a lista dos representantes que tencionamos enviar a essa conferencia.

Esperamos que estes representantes se possam reunir em Inverness na data que V. sugeriu, isto é, a 29 de Setembro. Nesta nota final consideramos do nosso dever repetir mais uma vez que as posições por nós tomadas não admitem modificações, conforme temos notificado, desde o começo da nossa correspondencia convosco.

A nossa nação já declarou oficialmente a sua independencia. Portanto considera-se com os direitos de um Estado soberano, e é só como representantes deste Estado que dispomos dos poderes e autoridade necessarios para proceder em nome do seu povo.

Pelo que respeita ao principio de governo consentido pelos governados, ele deve servir de base para todo o acordo adequado a satisfazer o que pedimos, a saber: a reconciliação definitiva da nossa nação com a vossa.

A nossa interpretação deste principio não difere em nada do que lhe conferem em geral os homens e as mulheres de todas as nacionalidades, e que foi exposta por V. no seu discurso de 5 de janeiro de 1918.

«A regulamentação da Nova Europa, dizia V. naquela epoca, deve basear-se num terreno de justiça e de bom senso, o unico que torna as cousas estaveis.

E' por isto que entendemos que um governo consentido pelos governados deve ser a base de todas as delimitações territoriais resultantes da guerra.»

Estas mesmas palavras constituem a verdadeira resposta á passagem da vossa carta, em que V. critica a posição por nós tomada.

«Por ocasião do vosso discurso, o principio cujo reconhecimento actualmente solicitamos, significava que as nações tinham sido anexadas contra sua vontade, tinham o direito de se libertar.»

Tal é o sentido que nós damos a este principio.

A carta de Lloyd George em contestação não é menos interessante

Na impossibilidade de a reproduzirmos na integra, por demasiado extensa, respigamos alguns extratos:

«Os vossos emissarios trouxeram-me uma carta vossa, onde formulaveis uma vez mais o pedido, declarando que a vossa nação deve oficialmente a sua independencia, e reconhece a si proprio os direitos de Estado soberano, e portanto só na qualidade de representantes desse Estado tendes o poder e auctoridade necessarias para proceder em nome do seu povo.»

Pedi aos vossos emissarios que vos advertissem da gravissimo efeito que produziria uma tal frase, e consenti em que se considerasse esta frase como não chegada até mim, a fim de dar-nos tempo de examina-la.

«A despeito desta sugestão, julgastes ser conveniente dar publicidade á carta, tal qual estava.

Por consequencia cumpre-me anular todas as disposições para a conferencia da proxima semana no Inverness, e consultar os meus colegas sobre a linha de conducta agora a seguir.

«Entrarei em comunicação convosco o mais breve possivel, mas torna-se inevitavel uma dilação de alguns dias.

A carta, que é longa, termina com uma recriminação amarga:

«Ha só uma resposta possivel a semelhante pedido.

«As grandes concessões que o governo de S. M. tem feito ao sentimento do vosso povo, no proposito de obter uma paz duradoura, bem mereciam, no meu entender, uma resposta um pouco mais generosa. Até aqui tomos nós avançado em concessões. Da vossa parte não nos tendes feito nem uma unica concessão, e tendes reiterado em frases enfaticas de despeito a carta e o espirito da vossa primeira solicitação.»

Os comentarios, já a «Capital» os tem feito em alguns artigos.

INGLATERRA

Comentarios ao acordo Anglo-russo

LONDRES, 21.—A imprensa ingleza comenta o acordo comercial anglo-russo e a nota de Lord Curzon a Titcherine. O «Morning Post» tira da experiencia feita pelo governo inglez a conclusão de que se não pode ter confiança nos bolchevistas. O comercio com os «soviets» não passa de uma fantasia. A Inglaterra, contra o referido jornal, concluiu um erro enorme em tratar com tal gente. Termina exprimindo a esperança de que a rude experiencia ensinará a Lord Curzon que deve proceder com as maiores precauções nas negociações a emprender com o governo dos «soviets» sobre a questão do Afghanistan, a que não tem outros causas a não ser a imprevidencia e intrigas urdidas no estrangeiro.

O «Times» recorda que combateu sempre a politica relativa ao acordo comercial com a Russia. O mesmo jornal entende ainda a opinião de que, com a nota de Lord Curzon a Titcherine a Inglaterra se apercebe do seu erro. O «Times» felicita-se por essa reconsideração.—(H.)

No Congresso Socialista Majoritario

GORLITZ, 21.—O congresso socialista majoritario aprovou por 290 votos contra 67 a resolução proposta hontem pelo comité do partido, a qual deixa claramente entrever a colaboração com os populistas.—(H.)

Tres mil portuguezes com fome em Manáus

O Inferno Verde e Manáus

O mais importante rio do Brazil, o Amazonas, que desde a primeira ocupação tem sido o El Dorado onde a grande emigração da Europa ia pelo trabalho grangear meios abundantissimos de vida, já está merecendo o epiteto de «Inferno Verde».

E' que por todas aquelas extensas margens exuberantes de vida e actividade, paira hoje a miseria sob o aspecto de fome e privações de toda a ordem para os que por lá vivem.

Manáus era o Estado de preferencia escolhido para os emigrantes portuguezes que ali desenvolviam o trabalho e o comercio com que, enriquecendo, enriqueciam tambem o paiz irmão que os acolhia.

Tudo isso está mudado, inteiramente mudado.

A' Cruzada das Mulheres Portuguesas acabam de redigir um memorial onde expõem em linguagem eloquentissima na sua simplicidade a situação horrorosa em que os emigrantes ali se encontram.

A situação desesperada em que se encontram 3.000 portuguezes — O que ha a fazer

A Cruzada iniciou os seus trabalhos de protesto e auxilio, enviando á Imprensa o memorial a que acabamos de aludir.

Desse documento respigamos alguns trechos descritivos da miseria que naquelas paragens aflige os nossos patricios:

«A Colonia Portugueza de Manaus encontra-se na mais dolorosa crise e no mais pavoroso desamparo! São mais de 3.000 pessoas, irmãos nossos,—mulheres, crianças e homens validos—que apelam para a «Cruzada das Mulheres Portuguesas» solicitando o seu interesse junto dos poderes publicos pela causa tão justa e tão simpatica do seu repatriamento!

«Os nossos patricios nem desejam sequer ser repatriados. Bastar-lhes-hia que um navio os fosse buscar e os levasse para as nossas colonias onde creem ser uteis, aproveitando a sua aclimatação e a sua pratica de trabalho em pais similar.

Os Estados Unidos e a Bolivia, os proprios Estados do Brazil, todos auxiliam o gratuito repatriamento dos seus filhos. Portugal não pode ficar atraz de todos! Manáus tornase um deserto e não hão de ser os nossos os ultimos e miseraveis abandonados nesse horror!

Sem trabalho, sem alimento, sem abrigo, eis como estão em Manáus 3.000 portuguezes, 3.000 irmãos nossos!

Mulheres de Portugal! Nós não podemos consentir este horror!

São creanças, são mulheres portuguesas tambem, que ahi sofrem os ultimos horrores!

Esses emigrantes representam a expansão da raça, a grandeza da alma lusitana! Por eles se fez o Brazil, por eles se espalha o nome portuguez em todo o mundo! Por eles se fez esse grande desdobramento de Portugal, que são as colonias.»

A «Capital» gostosamente se associa aos trabalhos de propaganda destinada a organisar socorros aos portuguezes de Manáus.

Lêr em A CAPITAL de amanhã

Gatunos de creanças

sensacional reportagem inedita, com documentos e fotografias, em que se prova a existencia em Lisboa duma assombrosa quadrilha de malfeitores.

O que pensa Ludendorff

PARIS, 21.—O enviado especial do «Matin» entrevistou em Munich o general Ludendorff que declarou que a Alemanha, agora privada da sua integridade de guerra, estava por largo tempo na impossibilidade absoluta de organisar secretamente um exercito capaz de resistir a um exercito como o francez.

Com respeito ás futuras relações anglo franco-alemãs, Ludendorff mostrou-se convencido de que todos os povos europeus formavam um conjuncto economico solidario e homogeneo. Para ele, o ressurgimento da Europa está na conclusão de acordos concretos que tenham em conta os interesses de todos os povos. Assegurou que o perigo bolchevista ameaçava os povos civilisados e declarou que a reconstituição economica da Russia está subordinada no acordo de todas as potencias europeias e que permitirá reparar rapidamente os prejuizos economicos originados pela guerra. O jornal dirigido á Europa uma nova era de felicidade.—(H.)

As inundações de ontem

Na Morgue — Os mortos e os feridos

Desde pela manhã cedo que tem havido grande aglomeração de povo á porta da Morgue, ancioso de ver os cadaveres das victimas da catastrofe hontem ocorrida na Rua de Santa Apolonia, de que os nossos colegas da manhã daram largas noticias.

Embora á porta estivesse o policia n.º 1935, que para conter a anciedade do povo fora requisitado, só a muito custo lhe foi possivel reprimir essa ancia quasi vertiginosa daqueles que movidos pela curiosidade uns, e pelo desejo de ver se reconheciam nas victimas alguns dos seus parentes ou conhecidos, não se conformavam em desistir do seu intento.

Na casa das exposições já se encontram expostos seis cadaveres victimados no horrivel desastre do carro electrico cujo singelo relato tanto consternou a população de Lisboa.

Dois são de mulheres, e um de creança, certamente aquela que afflicta, na ancia de não se deixar morrer, se agarrava ao pescoço da mãe, soltando gritos estridulosos no momento em que o paredão desabou. Ainda não foram reconhecidos.

Dos troz cadaveres de homem, dois já se acham identificados.

Um deles é o de Francisco Colaço Frade, residente em Vila Franca de Xira.

O outro é o de um comerciante de nome David da Silva Amaro, com mercearia na Ilha do Grilo, e residente na rua Capitão Leitão, 84, 1.º.

Em varias enfermarias do Hospital de S. José já tem dado entrada sete feridos que continuam no mesmo estado, sendo de supor que muitos outros terão recebido curativo em varios postos de socorro, e recolhido depois a suas casas.

Actos de filantropia e generosidade

Com este titulo recebemos da policia civica de Lisboa em que se pede que pelas esquadras e postos sejam remetidas áquele Comissariado Geral até ao dia 23 do corrente, relações dos nomes e moradas de pessoas que mais se distinguiram na pratica de actos de filantropia e generosidade por ocasião dos ultimos temporais, devendo as mesmas relações ser acompanhadas de uma nota desenvolvida dos serviços que cada uma prestou, salientando-se aqueles que com risco da propria vida salvaram ou tentaram salvar alguem que estivesse em perigo de morrer afogado ou debaixo dos escombros de algum desabamento.

Tambem se pede para informar se algumas das victimas dos temporais deixou creanças ao abandono, a fim de serem recolhidas no Albergue das Creanças Abandonadas, que acaba de fazer oferta de ali as admitir.

E' de supor que da iniciativa particular surjam algumas manifestações do altruismo nacional que nestes transes nunca deixam de manifestar-se.

Restos do temporal de ontem

Os trabalhos de remoção de entulho, e do electrico, que ontem ficou esmagado em Santa Apolonia, terminaram ás 6 horas, tendo sido incansaveis, o troço de operarios da Carris de Ferro, e alguns bombeiros municipais, que denodadamente durante a noite procederam a essa tarefa.

O carro seguiu para Santo Amaro, e o transito pouco depois dessa hora, ficou restabelecido.

Durante o dia bastantes pessoas foram ao local do desastre, para observar o efeito dos estragos conservando-se a policia, nas imediações, para evitar o estacionamento do povo.

Ainda hoje os bombeiros voluntarios e municipais, tiveram as suas bombas, exgotando a agua dos seguintes locais; casa Orey Antunes, na rua dos Remolares, nas oficinas do caminho de ferro, para onde ontem, foi feita a descarga, da agua acumulada pelo desastre em Santa Apolonia, na Casa da Moeda, cocheiras de Cavalaria 2, em Belem, na rua da Madalena, armazem da firma Macieira, fabrica de Moagem, e em Santo Amaro, nos terrenos da antiga fabrica do Conde da Ponte.

São dignos de louvor todo o pessoal de incendios que durante horas, esteve trabalhando com agua até á cintura, em diversos pontos da cidade, onde a corrente da agua, fez cheia o, especialisando, o ajudante-interino, sr. Baptista Ribeiro e chefes Almeida e Silverio, os homens mais velhos da corporação municipal, que mais uma vez, mostraram a sua dedicação pelo seu mister.

Calcula-se em 2.500 o numero dos telefones que o temporal de ontem avariou em Lisboa.

O pessoal da Camara Municipal tem procedido, desde as primeiras horas da manhã, ao serviço de limpeza das ruas, pois nalguns pontos a areia e lama acumulada atinge quasi um metro de altura. Nas ruas inundadas grande numero de estabelecimentos ficaram importantes prejuizos com as mercadorias completamente desfeitas e estragadas.

A rua do Vale a Santo Antonio apresenta um enorme buraco, ficando-se a desacerto parte do cano de esgoto e sendo impossivel o transito toda a especie de veiculos.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão ».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30e22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21.30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

A apresentação da Companhia Palmira Bastos, efectua-se no dia 23 em Lisboa e não no Porto, como por equivoco alguns jornaes noticiaram.

—A Companhia Luiz Pinto regressa a Lisboa no dia 1 de outubro, representando na Figueira nos dias 22, 23, 24 e 25 no Cine Parque.

—Segundo uma combinação efectuada no Porto entre o emprezario Luiz Russ e o actor Jorge Grave o teatro Apolo será explorado no verão proximo por uma companhia que faz resurgir o antigo repertorio que fez epoca naquelo teatro. A primeira figura femenina será a actriz Irene Grave que desempenhará todo o repertorio creado por Adelina Abranches efectuando-se a inauguração com a celebre peça «O Comboio n.º 6», seguindo-se-lhe «O Segredo do Padre», «A Cabana do Pai Thomaz», «A Vida Airada», etc.

—Está despertando o maior interesse a proxima temporada, do Nacional, não só pelo facto de se reunirem, ali, varios artistas, da mais elevada cotação, como tambem, pelo repertorio que a administração do teatro vae fazer representar, que é dos mais interessantes, variados e sensacionais.

A assinatura livre para 8 recitas com peças diferentes, e em primeira representação, está ainda aberta, estando quasi exgotados os logares de varias categorias.

—E' verdadeiramente sensacional, em atractivos, o programa da festa do impagavel actor Joaquim Costa, que se realisa amanhã, no S. Luiz. Nascimento Fernandes o popularissimo actor, por amavel deferencia para com o seu colega tomará parte na recita, desempenhando, assim o festejado, o «cabo Elysio», sendo portanto, duas, essas personagens amanhã, na famosa revista «De Capote e Lenço».

Joaquim Costa estreiará o monologo «Sete mulheres e meia», que nos afirmam ter muita graça e que é original do sr. Eduardo Pacheco.

Reclamos

S. Luiz

O caso de «Os 50 Milhões de Dollars», que tão discutido tem sido, é, agora, tambem, a grande e sensacional atração do S. Luiz. A famosa fita, em series ali exibida, e na qual tomam parte varios artistas da companhia, desperta estrepituosas gargalhadas. Hoje repete-se o aproposito «50 Milhões de Dollars» ou «Estás a Vêr ó Viróscas», indo, tambem, á scena a famosa revista de «Capote e Lenço», com todas as atracções, o quadro novo «Colegio de Meninas» e o «Fado Laura Costa», que poucas mais vezes se apresentará, visto a actual temporada terminar no fim do mez. Para 5.ª feira está marcada a festa do impagavel Joaquim Costa, com sensacionalissimas surpresas.

Avenida

O pequenito «Charlot» do Avenida, do que é impagavel interprete Rolando de Oliveira, continua obtendo um exito enorme e entusiastico. A vel-o tem ido milhares de pessoas, que se fariam de rir com os seus hilariantes numeros e com «a charge aos 50 Milhões de Dollars». Hoje volta a apresentar-se o juvenil artista, completando o espectaculo a interessante Companhia infantil, desempenhando novos numeros de variedades e a graciosa revista «O Sonho do Manecas».

ULTIMA HORA

O Vigarismo dos 50 milhões

Sobre o contrato dos 50 milhões de dollars continuaram hoje algumas pessoas a prestar declarações junto do sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação.

O movimento de parentes e mais pessoas das relações dos banqueiros presos foi enorme no governo civil.

Hoje o primeiro a ser interrogado foi o sr. Antonio de Oliveira Belo, grande acionista do Crédit, sendo demoradissimo o seu interrogatorio.

O sr. Tito Martins, redactor do «Seculo» foi hoje tambem ali prestar declarações.

Deve hoje ser tambem interrogados o sr. Custodio José Vieira.

O sr. Melo e Sousa depois de interrogado ficou tambem detido.

Os presos devem ser enviados amanhã a juizo.

O conflito heleno-turco

Um desmentido

ATHENAS, 21.—O bureau de «presse» desmente formalmente que o governo grego tenha buscado provocar a mediação das potencias no conflicto grego-turco.—(H.)

O conflicto hindú

Nota energica á Russia dos Soviets

LONDRES, 21.—Continuando o governo dos «soviets» com a campanha de calunias e hostilidades atravez da Asia Central e do Afganistan, o governo inglez enviou a Moscou uma nota energica, chamando a atenção dos soviets para a grave falta de lealdade que isso representa e exigindo explicações.—(H.)

POLONIA

Novo ministerio

VARSOVIA, 21.—Está constituido o gabinete sob a presidencia do sr. Polilowkf, sendo ministro dos negocios estrangeiros o sr. Skirmunt e da guerra o general Soenkowski.—(H.)

As inundações lá fóra

MADRID, 21.—Em consequencia de inundações ocorridas em várias provincias, registaram-se vinte mortos e doze feridos, ficando muitas familias na mais extrema miseria.—(A)

Intercambio Universitario

MADRID, 21.—O ministro de instrução publica estuda um projecto de intercambio universitario entre a Hespanha e a Belgica.—(A).

Por essas ruas

Um carteirista

Queixou se hoje á policia o sr. dr. Amilcar de Sousa, porque, os gatunos se lhe apoderaram da carteira, que continha alguns documentos de valor, entre os quais havia um saque inglez sobre o Banco Lisboa Açores, na importancia de 2.000$ escudos um bilhete de assinatura dos electricos, e 74 escudos em notas do Banco.

Furto de cautelas

Uma pobre mulher que vende cautelas, na rua do Alecrim, deixou-se hoje adormecer á porta da escada n.º 74, daquela rua, e ao acordar deu por falta de 80 centavos, e vinte cautelas de 10 centavos, ignorando quem lhos tirou.

Preso para averiguações

Foi preso hoje no Rossio José Borges de Oliveira, por andar vendendo cautelas e vigesimos mais baratos que os preços da casa, pelo que fez levantar suspeitas, sendo preso para se averiguar se se trata de um gatuno.

Em casa de Figaro

Na barbearia «High-Life», situada na Avenida Duque de Loulé, entrou hoje um rapaz que, depois de se ter barbeado e cortado o cabelo se recusou a satisfazer a importancia de 90 centavos... por achar caro.

Chamado o policia de serviço, declinou o seu nome, antes querendo recolher á esquadra do que satisfazer a importancia que, em verdade, é um pouco pezada, embora conste da tabela.

Peixe para estrume

O «Daily Chronicle» dá noticia de que só numa semana foram vendidas em Inglaterra para estrume 116 toneladas de peixe e que não havia maneira de se vender. E pedia providencias contra o facto de muitos comerciantes retalhistas preferiram realisar grandes lucros em pequenas porções a comprarem aos armadores o peixe abundante e que estes não conseguindo vende-lo, se veem obrigados a ceder por baixo preço para estrume, arruinando-se a industria da pesca.

Como se vê o espirito ganancioso avulta por toda a parte.

A Conferencia do Inverness

LONDRES, 21.—De Valera enviou ante-hontem um telegrama a Lloyd George, aceitando o convite para uma conferencia perfeitamente livre de ambas as partes e sem prejuizo algum, se nenhum acordo for concluido.—(C.)

Poeira da Arcada

O coronel sr. Freiria conferenciou hoje largamente com os srs. ministros do Interior e do Comercio sobre a questão dos electricos.

Com aquelles titulares conferenciou tambem o sr. Alfredo da Silva, director da Companhia União Fabril.

✦ ✦ ✦

O sr. Tomé de Barros Queiroz vai publicar um volume intitulado, «Memorias da minha politica».

✦ ✦ ✦

O conselho de ministros reuniu hoje em demorada sessão, na secretaria do interior, tratando de assuntos de administração publica, especialmente das pastas das finanças, agricultura e de outros que se relacionam com os Transportes Maritimos do Estado. Por estarem ausentes de Lisboa não assistiram ao conselho os srs. ministros da justiça, marinha e trabalho.

✦ ✦ ✦

O alto comissario em Moçambique anda em visita ao norte da provincia, deve regressar a Lourenço Marques, por todo este mez.

✦ ✦ ✦

Pelo vapor «Sierra Ventana» são amanhã expedidas malas postais para Pernambuco, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo a ultima tiragem da caixa geral ás 11 horas e fechando os registos ás 9.

✦ ✦ ✦

Foi já assinado o decreto nomeando o tenente coronel sr. Azambuja Martins para o cargo de governador do districto de Inhambane. Emquanto aquele oficial não assumir as suas funcções serão estas desempenhadas pelo major sr. Tristão de Bettencourt.

✦ ✦ ✦

Foi promovido a chefe dos serviços aduaneiros para a alfandega de Lourenço Marques, o primeiro oficial sr. Luiz Basto da Fonseca.

✦ ✦ ✦

Deixou o cargo de ajudante de campo do sr. Norton de Matos, o alferes sr. Arantes Pedroso.

✦ ✦ ✦

Não tem fundamento o boato que correu de que regressariam á metropole alguns funcionarios superiores da provincia de Angola, por motivo de não concordarem com varias resoluções do alto comissario. Apenas retira para Lisboa o coronel sr. Djalme de Azevedo, que foi exonerado de governador do districto de Quanza Sul.

✦ ✦ ✦

Regressou de Loanda o sr. Roberto da Fonseca, que deixou o cargo de chefe de gabinete do alto comissario em Angola.

Este funcionario vem dirigir interinamente a agencia da provincia de Angola em Lisboa, visto o major sr. Tomaz Fernandes que estava exercendo estas funções, ter de partir para o estrangeiro em missão de serviço da mesma provincia.

* * *

Reuniu hoje o conselho de seguros sendo de parecer favoravel, que a «Tenacidade» Companhia Nacional de Resseguros, passe a explorar os resseguros terrestre e agricola nas condições das apolices resseguradoras aprovadas pelo mesmo conselho.

✦ ✦ ✦

O sr. presidente do ministerio recebeu o seguinte telegrama:

VILA REAL, 20.—Sua ex. o ministro da Justiça que hoje visitou esta capital de districto, teve uma recepção afectuosa por parte de amigos politicos e pessoaes. No almoço que lhe foi oferecido foram o Presidente da Republica, v. ex. e o governo entusiasticamente saudados. (a) J. Coelho Mourão-secretario geral servindo de governador civil.

✦ ✦ ✦

Foram montados no Funchal dois farolins, a fim de resguardarem o local onde se encontram amarrados os cabos submarinos.

✦ ✦ ✦

Foi mandada avisar a navegação de que os restos do vapor americano «Milton», afundado no Tejo, deixaram de ser assinalados por luses, durante a noite.

✦ ✦ ✦

O senador sr. Julio Ribeiro, tencionava tratar, na proxima sessão legislativa do congresso, da celebre negociata dos cincoenta milhões de dolars.

Ao que nos disse este ilustre parlamentar, faltam muitos documentos que decerto se ocultaram para não serem publicados.

Pela Instrução

Já estão encerradas as matriculas na maioria das escolas industriais, liceus e outras.

Nas particulares, em geral, até ao fim ainda se admitem matriculas para cursos comerciais que devem principiar nos meados de Outubro.

O antigo e conhecido professor Ladislau Batalha ainda dispõe de algumas horas de manhã e á noite para leccionar em colegio ou em sua casa, na rua do Telhal, 32, 1.º. onde pode ser procurado até ás 11 horas do dia para o Curso de Sciencias e letras até á quinta classe, e letras até á setima.

Na Allemanha

Tudo dezeseis vezes mais caro!

BERLIM, 21.—Os preços dos generos alimenticios manteem-se firmes, numa proporção de de desaseis vezes mais altos que em igual mez de 1914.—(H.)

O desarmamento começa pela Hungria?

PARIS, 21.—Dizem de Viena que se acordou em desarmar quanto antes a Hungria, para evitar a repetição dos incidentes ocorridos ultimamente na parte ocidental desse pais.—(H).

Notas politicas

O "Misterio dos Cincoenta Milhões" e as investigações policiais

Devem ser amanhã remetidos ao poder judicial os srs. Pedro de Araujo, Alves Diniz e Castro Guimarães, por se terem concluido as investigações policiais relativas a estes financeiros. E' natural que amanhã mesmo se afiancem e fiquem, portanto, em liberdade provisoria. Requer-se-ha, naturalmente, a pronuncia, de que os incriminados interporão recurso para a Relação.

As investigações policiais continuam. Uma conferencia, que hoje se realisou, entre o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação criminal, e o sr. Antonio Granjo, chefe do governo, não deve ter sido estranha á sequencia da acção policial.

Não compreendemos como é possivel dar por encerrada a investigação policial sem que o sr. Afonso Costa, que foi o negociador, por parte do governo, do contracto-burla, seja ouvido e reduzidas a auto as suas declarações. A impressão que resulta do facto estranho de se não terem expedido as intimações indispensaveis, lança no espirito publico a deploravel impressão de que não ha, no organismo administrativo da Nação, uma força capaz de quebrar as resistencias birrentas do chefe democratico. Invocou o sr. Afonso Costa, para se furtar de vir a Lisboa, as imunidades parlamentares? Seria curioso constatar que só para esse efeito lhe serviria o mandato da Nação. Mas, ainda mesmo que assim tivesse acontecido, a verdade é que o sr. Afonso Costa não possui essas imunidades, em primeiro lugar porque não tomou posse e em segundo porque esse privilegio dos representantes do povo só é valido durante o periodo das sessões, como expressamente preceitua a Constituição. Estamos em ferias. Agora não ha sessões legislativas. *Logo, os parlamentares não gosam das suas imunidades.*

O que se vê, por enquanto, é isto: a policia não tem força. Acontecerá o mesmo com o Poder Judicial? Não é de crer. A propria defesa dos incriminados não poderá dispensar o depoimento do sr. Afonso Costa. E' talvez por isso que ele se apressa a pôr, entre o Tribunal da Boa Hora e a sua sacratissima pessoa o marco divisorio dificil de anular, de duas fronteiras...

O caso de Macau

Ultimas informações

Como acontece sempre que se procuram informações nas regiões oficiaes, não conseguimos, no ministerio das Colonias, senão a transmissão da classica formula de que, oficialmente, nada se sabe.

Estamos, nesse caso, mais adiantados porque, na sua essencia, julgamo-nos aptos a reconstituir os graves acontecimentos de Macau.

Houve, realmente, um conflicto armado entre forças regulares chinezas e as tropas portuguezas de Macau. Ha mortos e feridos.

O conflicto parece ter sido ocasionado por chinezes nacionalistas, influenciados pelo espirito de hostilidade que volta a dominar numa parte do territorio da Republica.

O que entendemos, resume-se nisto: o governo não tem o direito de calar, perante a Nação, a verdade dos factos consumados.

No Mercado da Estefania

Nabos a seis tostões

No Mercado da Estefania deu-se esta manhã uma seria colisão entre os vendedores Aurelio Ferreira, Amadeu Soares e Manuel Maria da Silva, por causa do preço exagerado dos generos.

Quasi todos os negociantes daquela praça secundaram o gesto de Aurelio Ferreira, que foi quem primeiro se insurgiu contra o Amadeu Soares, que vendia nabos a cinco e seis tostões.

Chegaram a ver-se varapaus no ar, mulheres em gritaria e bastante povo a correr.

Tudo se apaziguou ao fim de grande perturbação e algazarra, terminando o conflicto pela prisão de alguns desordeiros.

O jogo vai ser regulamentado?

Alguns deputados pensam tratar do caso no parlamento

Ha alguns dias que, segundo parece, as brigadas do capitão sr. Albuquerque afrouxaram um pouco a sua acção contra os clubs de Lisboa.

Trata-se dum caso intencional, ou, de facto, a policia, reconhecendo que não pode andar perpetuamente a subir e a descer as escadas dessas casas, sente a fadiga resultante das suas correrias?

Queremos crer que se trata de treguas passageiras, e que a perseguição voltará, mais dia menos dia, até que, enfim, se extinga de todo.

Pensar o contrario seria acreditar no absurdo.

Demais, nós sabemos que alguns deputados, apenas reabra o parlamento, tratarão da questão do jogo, no sentido de o regularisar, á maneira do que fez o senado belga, autorisando-o em varias cidades que, tendo sofrido grandemente com o bombardeio, durante a guerra, necessitam de fazer grandes construções.

Temos pois que as autoridades podiam muito bem restabelecer o regimen da tolerancia, na quasi certeza de que a ela se seguirá a regulamentação.

E como se pensa fazer essa regulamentação?

Di-lo-hemos amanhã, graças a alguem que nos deu topicos muito completos.

Maravilhas da sciencia

A transformação dos sexos. — As energias contidas no átomo

Está em plena actividade o Congresso de Sciencias em Edimburgo, com a colaboração de algumas centenas de sabios de todo o mundo.

Ignoramos se tambem Portugal ali estará representado.

São deveras sensacionais e de alcance a maior parte dos assuntos de ordem filosofica transcendental que ali se teem tratado.

O presidente da secção de Zoologia deu a indicação de experiencias que representam um golpe na doutrina darwinista.

Mostrou como a inocolação de sôro num coelho bastou para alterar de um modo permanente a natureza dos seus descendentes, e portanto a possibilidade de alterar artificialmente a evolução dos seres.

Tambem o ilustre sir Crew, nome largamente conhecido no mundo da sciencia, provou a possibilidade de mudar artificialmente o sexo aos animais, mostrando como se transformou uma rã-femea numa rã macho que teve a faculdade de gerar uma familia inteira sem estigmas hereditarios.

O professor Richardson, de Londres, ocupou-se largamente das propriedades do átomo, demonstrando a possibilidade da transmutação dos elementos quimicos, com o que se prova a intuição dos alquimistas que na Edade Media queimavam as pestanas á busca da pedra filosofal.

Tambem evidenciou que a soma das energias contidas num só atomo é iguns milhões de vezes superior ás provenientes de qualquer reacção quimica, como a combustão do carvão.

Este facto pressente-se, quando se considera por exemplo a energia electrica, e o poder contido nos raios cathodicos, raios n, raios y e outros que a analise espectral já tem descoberto.

Os factos narrados chegam para prevêr que todas as nossas concepções actuais em materia de interpretação das forças da natureza, e portanto das forças psiquicas, se acham ainda muito áquem da realidade.

O realismo contemporaneo é um erro tão grande de concepção, como foi o romantismo do seculo passado.

Noticias do Algarve

TAVIRA, 21.—Com frequencia não inferior aos mais anos continua o Balneario da Atalaia a ser procurado por familias algarvias, alentejanas, de Lisboa e da Andaluzia, que ali veem tratar das suas doenças. — Na praia de Tavira já estão muitas familias desta cidade e doutras terras. Tem chovido bastante, fazendo depois sol.

Na noite relampagos e alguns trovões. Continua a aumentar consideravelmente o preço dos generos de primeira necessidade, como pão, carne e artigos de vestuario.

—Vai fixar residencia nesta cidade o sr. dr. J. B. Baptista Cabeça e seu cunhado sr. Caetano Augusto Bandeira.

Chegaram o senador tenente coronel sr. Artur O. Rego Chagas e deputado capitão sr. Jaime Pires Cansado. Está doente a esposa do sr. José Antonio Contreiras.—(H.)

A CAPITAL

3893 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 22 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

Palavras claras

Com uma insistencia que é causa de legitimas apreensões, volta a dizer-se que se trama contra a ordem publica. Como não frequentamos os bastidores onde se geram os periodicos «complots» da nossa agitada vida politica, não nos é possivel fazer uma idêa segura acerca da importancia, positiva ou negativa, dos boatos mais recentes. Não carecemos, para dizer, imediatamente, o que pensamos, de averiguar para que lado possivel se inclinará a victoria, se, por acaso e por desgraça, vir a ter eclosão qualquer movimento subversivo.

O que dizemos, a tal respeito, é isto, simplesmente: não é este o momento proprio para que os republicanos decidam, pelas armas, da posse dos solos do Estado. A situação do paiz é, sob todos os pontos de vista, muito grave. Um movimento revolucionario victorioso ou não, ha-de forçosamente agravar os males de que soíre a Nação e trazer, consequentemente, grande descredito á Republica e aos homens que a servem.

O caso dos cincoenta milhões esta entregue aos tribunais. A serenidade é indispensavel aos juizes. Até sob este ponto de vista uma revolução seria prejudicial.

A nossa opinião aqui fica. Embora ella não nos fosse pedida e seja desprezada, não hesitamos em a expor, afim de que as responsabilidades se possam destrinçar, a seu tempo.

FRANÇA

Politica interna

PARIS, 22.—Um amigo intimo do sr. Millerand precisa no «Petit Parisien» as concepções do Presidente referentes ao exercicio da magistratura suprema. Declara que as relações do Presidente da Republica com o chefe do governo são excelentes, e que todos os ministros colaboram estreitamente com ele. O sr. Millerand recebe frequentemente os parlamentares e todos os funcionarios susceptiveis de lhe precisar as necessidades e aspirações das populações. A politica de ordem e união que seguiu quando presidente do conselho é, assim, continuada. Em todos os dominios da politica externa a unidade de vistas é egualmente perfeita. A personalidade entrevistada, recordando o programa ministerial do sr. Millerand, tendente á execução do tratado de Versailles em completo acordo com os aliados e aludindo á ocupação de Francfort, determinada pelo cuidado imperioso da segurança da França, concluiu:

«A França e a Inglaterra devem manter uma estreita «entente», mas o direito e os interesses da França não devem ser postos de parte. Tanto quanto esse direito e interesses forem respeitados, a «entente», apoiada no tratado de Paz, será a garantia indispensavel dos respectivos direitos e poderá realisar as aspirações dos dois paizes; mas entre os interesses da França e os da «entente» não haverá divergencias».—(H).

Repercussão da ultima trovoada

LAGOA, 22.—A trovoada que se tem feito sentir em Lisboa, nos ultimos dias tambem tem pairado no Algarve, caindo muita chuva, que veio beneficiar os arvoredos e as terras; mas caindo nos almeixares (cerrados, onde em esteiras os figos estão a secar), fez prejuizos e determinou já a elevação do seu preço.

No dia 23 realisa-se a feira anual do Estombar, que dura dois a tres dias e é uma das melhores deste concelho.—(H).

Na Comissão do desarmamento

GENEBRA, 22.—A comissão do desarmamento e do bloqueio aprovou o novo texto do artigo 13 do pacto relativo no emprego da arma economica, autorisando o conselho a diferir a aplicação do bloqueio para certos membros da Sociedade, se esta medida permitir melhor atingir o fim que se tem em vista ou reduzir as perdas e os inconvenientes que resultam da aplicação da arma economica.—(H).

O conflito heleno-turco

Os gregos continuam a retirada

ANGORA, 22. — A oeste do rio Sangarios continua a perseguição do inimigo. A pressão dos turcos desenvolve-se, abandonando os gregos grande quantidade de canhões, metralhadoras e material diverso.—(H.)

Venizelos

PARIS, 22.—Chegou o sr. Venizelos.—(H).

Uma greve que termina

ROUBAIX, 22 — Tendo os patrões, no decurso da sua conferencia com o sr. Briand, aceitado a ideia de uma conferencia com os delegados dos operarios, o comité da greve convidou as corporações, além das texteis, construção, metalurgia e transportes, a retomarem o trabalho. Está, pois, terminada a greve geral de solidariedade. — (H).

O que se está passando na provincia de Macau

Os boatos são pessimistas

De boca em boca, sem aspecto de boato, mas num anceio de conhecer a verdade, pergunta-se nos cafés, nos jardins publicos, nos teatros, nos clubs, em todos os muitos pontos de reunião dispersos pela cidade o que se está passando de anormal na nossa provincia longinqua de Macau.

Consulta-se o sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros que diz nada saber, e indossa o jornalista para o sr. Ministro das Colonias.

Consultado este, logo respondeu que nada mais sabe do que dizem os jornais.

Entretanto, os dois Ministros conferenciam mais vezes do que as usuais e, ao retirar das conferencias, encolhem os hombros e dizem nada saber.

Os jornais, porém, evidentemente mais bem informados do que os Ministros, (extranho paradoxo), insistem e persistem em afirmar que ha factos anormais na provincia de Macau.

A' nossa redação chegaram informações que ontem mesmo aqui reproduzimos, de que na cidade do Santo Nome de Deus de Macau já corre sangue, chegando a haver mortos e feridos num recontro de portuguezes e chinezes.

Isto a ser assim, oferece uma gravidade excepcional, e no nosso entender a nação tem direito a saber o que se passa, e aos Ministros incumbe o dever de o comunicar.

Macau.—Um pouco da sua historia sumaria

O paiz não deve nem pode continuar a ignorar um gravissimo assunto que por forma alguma lhe é indiferente.

A provincia de Macau tem para nós como povo que reclama os seus direitos a nação independente, uma importancia inolvidavel.

Aquela provincia, das mais pequenas do nosso patrimonio ultramarino, pois a sua área não irá além de uns dez kilometros quadrados, é tambem das mais importantes, pois ficará atravez dos tempos como marco milenario a atestar a passagem pelo extremo Oriente de um povo, o unico que rivalisou com os fenicios da mais alta antiguidade, em navegações e colonisação.

E' uma peninsula que se recosta a sueste da ilha chineza de Hiang-Chan mesmo á entrada do rio de Cantão.

Embora geograficamente pareça parte integrante da China, logo a natureza a diferençou, separando o nosso territorio do chinez por um istmo tão estreito que os portuguezes lhe fizeram uma muralha, e fecharam com um portão chamado — a porta do Cerco.

Aquilo é nosso; não foi ganho por conquista, como tantas outras terras que temos dispersas pelo mundo.

As terras de Macau são nossas, porque nos foram doadas pelos Imperadores da velha China, como recompensa de os termos libertado com a nossa coragem, o nosso arrojo e as nossas forças navais, dos saques e morticinios que os piratas que então infestavam aqueles mares ás ordens do seu chefe Chan-si-len, praticavam.

A doação foi-nos feita no meado do seculo XVI. Um ano depois fundavamos a cidade do Santo Nome de Deus de Macau, que hoje deve abranger uns bons trez a quatro quilometros quadrados, com os belos e conhecidos arredores de Sankin, Mong-ha e tantos outros cujo nome não nos ocorre.

Tem ilhas dependentes, como Coloane, Taipa, e outras.

Os Jesuitas nos fins daquele seculo introduziram lá a tipografia, que até hoje se tem desenvolvido, sendo valiosa a bibliografia macaista tendo-se tambem modernamente ali publicado bastantes jornais.

No seculo XVII luctámos victoriosamente com os holandezes que ali foram derrotados em luctas sucessivas. Ha mais: durante os sessenta anos da dominação dos Felipes em Portugal, foi a unica colonia que nunca abateu a bandeira portugueza.

Portugal tem que continuar a manter as suas gloriosas tradições, se quizer vencer na luta das nacionalidades

Esta resenha sumaria é quanto basta para o nosso objectivo.

A cidade Macau foi obra nossa; fomos nós que a fundámos em territorio igualmente nosso, que nos foi doado por serviços prestados ao comercio e ao trabalho nos mares do Extremo Oriente.

Não teem faltado tentativas e arremetidas dos chinezes, mas tambem até hoje temos sabido manter a integridade, e é indispensavel que assim se continui.

Precisa-se de saber o que ocorre em Macau. Não podemos estar á mercê das surpresas dos mandarins chinezes, nem sujeitos á mudez dos nossos ministros em assunto tão melindroso.

O paiz quer ser oficialmente informado se em Macau correu ou não sangue de portugueses, para prover de remedio e organisar a resistencia.

Já ontem aqui o dissemos: «o governo não tem o direito de calar, perante a Nação, a verdade dos factos consumados.

Estados Unidos da America

Reabertura do Congresso

WASHINGTON, 22.—Abriu o congresso. O presidente Harding enviou-lhe por um correio os tratados de paz com a Alemanha, Austria e Hungria.—(H.)

UM CRIME GRAVISSIMO

GATUNOS DE CREANÇAS

São presos dois temiveis bolchevistas, a um dos quais é apreendido um importante documento em que se prova a existencia duma creança criminosamente raptada e mantida sob sequestro

Em 8 do mez corrente, quando pouco depois da meia noite se encontrava no café Colonial, na R. 1.º de Dezembro, dando vivas á revolução social e fazendo um grosso escandalo que provocava o ajuntamento dos transeuntes, foi preso um individuo ainda novo, tipo de operario, que declarou chamar-se José de Sousa Coelho, morador, na Travessa das Terras do Monte, n.º 17-1.º.

Conduzido ao governo civil pelo seu captor, um dos mais conhecidos e habeis agentes de investigação criminal, o José Coelho foi interrogado, apurando-se que o operario era um dos mais terriveis sindicalistas envolvido nos atentados de que repetidamente teem sido victimas os Juizes do Tribunal de Defeza Social.

José de Sousa Coelho, que é filho de pai incognito e de Maria da Conceição de Sousa, é natural de Lisboa, solteiro, e conta actualmente 23 anos de idade, sendo um habil torneiro mecanico, apezar de pouco se importar com a assiduidade ao trabalho.

Pelo interrogatorio a que o Coelho foi sujeito, apurou-se que ele exercera ainda ha pouco tempo, o logar de Secretario Geral da «Federação da Juventude Sindicalista», donde saiu em meados de julho ultimo.

Segundo declarou no auto de perguntas, o José Coelho deixou de exercer o cargo de secretario geral da «Federação Sindicalista», quando se organisou a «Juventude Comunista», por divergencias na orientação a dar ao novo nucleo comunista.

Gatunos de creanças

Varios documentos apreendidos ao criminoso provam a existencia duma tremenda associação de malfeitores, organisada com elementos estrangeiros

Revistado por um agente da investigação, foram ao criminoso encontrados varios e importantes documentos, que provam de sobejo a existencia duma grande e temivel associação internacional de malfeitores, organisada com fins politicos, e composta por elementos anarquistas bastante conhecidos no estrangeiro.

O primeiro documento que lhe foi encontrado era uma carta assinada por Zacarias Pinho, secretario geral da Federação Metalurgica, em Portugal, e na qual se dizia que eram delegadas para tratarem do importante caso «Guadiana», os camaradas Antonio Peixe, José de Sousa e Francisco Viana.

O segundo era ainda uma carta datada de Buenos Aires, em 7 de junho de 1921, enderessada ao preso, e assinada por Antonio Abilio Gonçalvez, «secretario da Federação Anarquista da Argentina e redactor de varios jornais vermelhos».

Nessa carta faziam-se varias revelações de grande gravidade, mas guardamos sobre o seu conteudo a necessaria reserva para não estorvarmos a acção da justiça.

Numa outra carta, assinada por Alexandre B., datada de Buenos Aires, 10 de junho de 1921, e ainda dirigida ao José Coelho, pedia o signatario que lhe fossem dados informes sobre a evolução dos movimentos revolucionarios sociais, pois—dizia ele—já tinham no Comité Central os relatorios das Federações Comunistas de todos os paizes, excepto de Portugal.

Este documento continha ainda varias revelações que, em momento oportuno, daremos a conhecer aos nossos leitores.

Varios outros documentos foram ainda encontrados ao criminoso, entre eles a correspondencia com varios elementos anarquistas:

Juan Fernandez Castilio, secretario de La Federacion de J. C. de España —El Joven Comunista— Apartado de Correos, 910—Madrid; L. Z. de Jony. Rembrandstz—378 Den Haag—Holanda

e em baixo a nota: (Juventude Comunista Holandeza).

Com a letra do criminoso via-se escrito á margem da carta a indicação seguinte:—Esta direcção foi dada pelo Serviço Esperantista Holandez.

Além de todos estes documentos, o

Ex.mo Sr.

A creança que desapareceu encontra-se em nosso poder. A vida dela responde pelo seu silencio. Ela não será maltratada e a sua liberdade depende do pagamento de um resgate que em breve lhe proporemos.

Breve entraremos em negociações, mas para isso, nada de meter a policia no negocio! Então não exitaremos, e pode V. vestir-se de luto!

Se V. se portar para comnosco com lealdade nós saberemos corresponder a ela, porque não somos uns gatunos(?) vulgares.

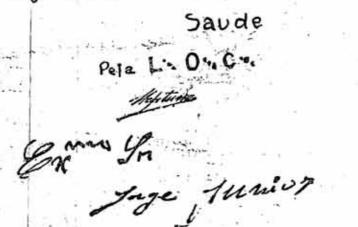
Esta por consequencia entendido? Por hoje nada mais, e... ate breve.

Saude

Pela L. O. C.

[assinatura]

Ex.mo Sr.

Jorge Junior

mais importante é aquele que maior gravidade apresenta, já pelo seu conteúdo, já pelos crimes espantosos que parece revelar, é aquele que damos a conhecer aos nossos leitores, e que fazemos reproduzir na «Capital».

Trata-se, nem mais nem menos, a dar credito ao que consta desse documento, dum sequestro criminoso duma creança, com o fim de exigir á familia da infeliz inocente um importante resgate.

Creanças desaparecidas

São raptadas criminosamente? — Onde se ocultam e quem são os malfeitores?

De ha muito que os jornais veem trazendo nas suas colunas diversas locais noticiando o desaparecimento, quasi quotidiano, de varios menores de ambos os sexos, e até por vezes de individuos com mais de 20 anos, sem que a policia e os parentes dos desaparecidos consigam saber o seu paradeiro, apezar das maiores deligencias empregadas pelos agentes da autoridade.

Para onde são levadas essas creanças? Tratar-se-ha de raptos de menores ou simplesmente de fugas de creanças, sem importancia de maior?

E' o que ás autoridades cumpre investigar.

Pela carta e ainda pelos documentos apreendidos ao José Coelho, tudo parece indicar que existe uma bem organisada associação de malfeitores que, com o fim de aterrorizar o povo, comete toda a casta de patifarias, inclusivé o rapto de menores, pelos quais exigem depois avultados resgates.

Com ameaças de morte, e outros meios semelhantes, os bandidos conseguem evitar que as familias dos desaparecidos participem á policia os desaparecimentos, aproveitando o terror das victimas para receberem as mais importantes quantias como paga da sua indulgencia, isto é, de não terem assassinado as infelizes creanças que criminosamente conseguem raptar.

A policia, ao que nos consta, possui já importantes elementos para a descoberta da assombrosa e temivel associação de malfeitores, parecendo que a prisão do italiano Giovanni Nickel, capturado a bordo dum paquete que ainda ha pouco tempo tocou em Lisboa, tem relações com os acontecimentos que acabamos de relatar.

Em breve daremos a conhecer aos nossos leitores a continuação das investigações sobre este tenebroso caso, publicando conjuntamente as fotografias do José de Sousa Coelho e do anarquista Giovanni Nickel.

O Coelho vai ser entregue ao Comando da 1.ª divisão do Exercito, pois apurou-se ser ele desertor da Companhia de Telegrafistas de Praça, onde tem o n.º 2179.

Pela instrução profissional

Escola Industrial de Fonseca Benevides

Termina ámanhã o prazo para a entrega dos requerimentos de admissão á frequencia desta Escola.

Continua aberta a matricula nos cursos de serralheiro, torneiro e conductor de maquinas (para individuos do sexo masculino), de bordadeira, rendeira, modista de vestidos, de chapeus e roupa branca, de florista e de arte aplicada (para individuos do sexo feminino).

O escudo portuguez no Brazil

RIO DE JANEIRO, 22.—O valor do escudo portuguez é de 700 e 750 réis. —(A).

A independencia do Chili

QUITO, 21.—O dia do aniversario da independencia do Chili foi declarado dia de festa nacional.

O ministro do Chile nesta capital deu um sumptuoso baile.—(A).

O temporal em Espanha

SARAGOÇA, 22—Na povoação de Aguillon a chuva subverteu 40 casas. Registam-se 18 mortos e prejuizos de importancia.—(H)

Ainda o ultimo temporal

No Necroterio já foi reconhecido o ultimo cadaver ali exposto, victima no desastre da rua de Santa Apolonia.

Chama-se João Rodrigues Peixeiro, morador na quinta da Torre aos Olivais.

As autopsias dos cadaveres expostos no Necroterio iniciaram-se de manhã, sendo os primeiros autopsiados David da Silva Amaro, comerciante, de 32 anos, casado com Maria Pires da Silva Amoral e Francisco Colaço Frade, de 35 anos, casado com Maria Alexandrina, proprietario e taberneiro em Vila Franca de Xira.

A' morgue afluiram durante o dia numerosas pessoas que procuravam ver se reconheciam alguma das victimas.

O estado dos feridos que se encontram no hospital de S. José continua sendo o mesmo, tendo sido hoje muito visitados.

O serviço de limpeza e reparação das ruas que mais sofreram com o ultimo temporal continuam a ser feitos pelo pessoal da Camara Municipal.

São deveras importantes os prejuizos havidos em algumas casas das ruas da baixa, mais sacrificadas com as ultimas inundações

5 de Outubro

Homenagem á Imprensa de Lisboa—Os vendedores de jornais vão dar a sua prova pedestre

O Conselho Tecnico da União Pedestrianista Portuguesa resolveu fazer uma prova pedestre, no proximo dia 5 de Outubro, de homenagem á Imprensa de Lisboa.

Esta prova é exclusivamente destinada a ser disputada por vendedores de jornais, os quais representarão o jornal que lhes aprouver.

A redação do anteriormente escolhido jornal a que pertencer o vencedor da prova, será atribuida uma estatueta alegorica, que ficará na posse definitiva da citada Redacção. Inscrição gratuita.

ALEMANHA

O novo presidente da Baviera

MUNICH, 22.—O Conde de Lerchenfeld, representante do imperio em Darmstadt, foi eleito presidente do conselho bavaro.—(H.)

OPINIÕES

Comentarios...

Anda o diabo á solta na Serra da Estrela—Dizem que veio na comitiva do sr. Afonso Costa—Observações ácerca do julgamento do sr. Liberato Pinto—E' possivel que se venha a fazer a revisão do processo

As mulheres de Quintela, aldeola perdida no sopé da Serra da Estrela, lá para os lados de Ceia, andam possessas dum estranho receio, que as leva a conservarem a boca hermeticamente fechada. Logo que o sr. Afonso Costa se guindou á Vila Alzira, espalhou-se o boato de que, na sua comitiva, trouxera o Diabo e que o rei do Averno andava á espreita das mulheres de boca aberta, para nelas se introduzir e exercer, em seguida, aquelas represalias de que a antiguidade alguns exemplos oferece. As serranas, assustadas, precaveram-se; e os homens, fartos de lhes sofrerem os desregramentos da lingua viperina, alimentaram a crendice. Lucifer não tem encontrado, por tanto, campo livre aos habituais malificios, congenitos da sua sinistra natureza. E, como consequencia natural, a paz fez-se nas familias, graças á cessação momentanea daquelas intrigas em que são terteis as senhoras comadres.

Parece-nos, aliás, que alguma verdade existe neste estranho fenomeno. Pois não será certo que, para os lados de Ceia, todos emudeceram? O sr. Afonso Costa não diz coisa com coisa, por mais que lho peçam. Acerca do «Misterio dos Cincoenta Milhões», aparatosa peça de grande espectaculo que o teve por contra-regra, o ex-chefe democratico apenas nos revelou que o Jefferson Williams era um «Homem Duro, que só dizia ale right»; e o nosso amigo X... não conseguiu gratificar-nos senão com uma insonsa carta, tão insipida que só a publicámos pela muita consideração que nos merece o insigne parlamentar. Desconfiamos que X... já deu o que tinha a dar...

Não ha, pois, noticias da Serra da Estrela. Mas existem factos recentes, que merecem duas linhas de comentario. E aquele que, sobre todos, avulta, consiste na punição infligida ao sr. Liberato Pinto, ex-presidente do ministerio. Passamos a difinir a nossa posição neste incidente.

Não compreendemos que se condene alguem a quem se coartou, mais ou menos artificiosamente, os legitimos meios de defeza. Se é certo que o tribunal que julgou o sr. Liberato Pinto prescindiu, em certa altura do julgamento, duma parte das testemunhas de defeza, não hesitamos em dizer que a investigação da verdade pecou por defeito e que a conclusão pode não corresponder á expressão mais pura da Justiça e da Equidade. Ainda o sr. Liberato Pinto não fora julgado e já nós aqui escreviamos que era indispensavel atender no «veridictum» final aos serviços prestados por ele á Patria e á Republica. E se nos limitamos a pedir tão pouco (apenas aquilo que era absolutamente legitimo lembrar) foi porque nunca supozemos que homens de honra, como o são os julgadores, não tivessem a prudencia de deixar esgotar os meios de defeza dum alto personagem da Republica, cuja honra era objecto de acerba controversia.

Não contestamos que o tribunal não tivesse o direito de prescindir da audição das testemunhas de defeza. E' possivel que sim. O que dizemos é que não deveria ter usado desse direito porque, fazendo o, anulou moralmente o seu «veridictum».

Pois não é admissivel a hipotese de que, se tivessem sido ouvidas todas as testemunhas, a verdade averiguada sofreria qualquer modificação para melhor ou para peor?

Se o tribunal tivesse prescindido de testemunhas de acusação, compreendia-se. Feito o juizo definitivo acerca da culpabilidade do acusado, era logico dispensar a audição de testemunhas de acusação; mas já o mesmo raciocinio se não pode fazer quanto ás testemunhas de defeza, porque o depoimento dessas poderia anular um juizo prematuro de culpabilidade ou atenuar esta, modificando consideravelmente a posição do acusado.

Não nos surpreenderiamos se, porventura, este caso voltasse a julgamento, ou por motivo de nulidade do processo ou por ter surgido algum facto novo, susceptivel de tornar viavel a revisão.

FIGURAS DA SCENA... DA VIDA

Mercedes Blasco

Diz-se aos emprezarios portuguezes esta verdade: está aqui uma actriz, um belo elemento em qualquer companhia, uma mulher culta e com um passado interessante de artista e a quem todos, injusta e cruelmente, fecham a porta

Acabo de lêr comovidamente algumas paginas da «Vagabunda». Ha um certo numero de mulheres cuja transbordante afectividade me impressiona. Esta Mercedes Blasco, esta triste e boa Mercedes Blasco é um caso doloroso e ingrato de lançar ás colunas dum jornal. Doloroso porque um drama profundo e humano envolve a sua vida voluntariamente agitada, ingrato porque estas palmas escritas com aquela serena tristeza que as suas lagrimas me causaram não devem impressionar a tranquilidade doirada dos reis da bilheteira portugueza—esses homens que vendem em papelinhos de côres, á noite, através a rede dum «guiché» a alegria com imposto de selo e a tragedia e o drama a tempo do ultimo eletrico...

Suponham os que teem a rara felicidade de poder chorar, na vida e que nasceram com aquele suave condão de admirar, o que será o lancinante intenso drama desta mulher que o acaso da vida trouxe durante anos na tona flutuante duma certa gloria e que as vagas agitadas duma maior adversidade quasi submergiram nesta espuma de indiferença em que todos vivemos.

Quando a Mercedes Blasco, risonha, viva, roliça, provocante, exuberante de mocidade, perdularia de graça, pisou saltitante e «mignone» os palcos de opereta, um sorriso da Mercedes cativava e enternecia, um olhar da «estrela» comovia e perturbava. Hoje, a Mercedes, inteligente e artista, ainda nova, com um passado de trabalho honesto, com uma folha de sucessos e sacrificios, a pobre e triste Mercedes Blasco, que deixou passar sobre o seu nome nove anos de esquecimento, em que sósinha e á ventura, partiu para longe, sente que lhe fecham as portas e os contractos, que a ela de justiça se deviam abrir, e que a tanta ignobil nulidade rasgadamente se abrem, com vestidos da «Martin» e «tipoia» aturada.

Mercedes Blasco, figurita adoravel das scenas de opereta, hoje figura dolorosa e dramatica das scenas da vida, só encontra para a sua dôr imensa um grande emprezario: «Cristo».

✦ ✦ ✦

Se um dia Mercedes Blasco, desiludida e atordoada quizesse dialogar com uma «browing» a ultima scena do seu drama—em todos nós, homens de jornais, teria de dar-se uma «mutação», passariamos em revista a sua boémia tragica, far-lhe-iamos de mãos dadas «a apoteose» doirada de muitas cronicas de «fait-divers»; mas ela a pobre e a alegre Mercedes Blasco teria emudecido ingloria e triste, e ficariam dela apenas, irrequietas as rimas da «Musa histerica» e as paginas dolorosas da «Vagabunda...»

✦ ✦ ✦

Mas assim, hoje que a aureola brilhante da ribalta se apagou para a pobre artista, raros são aqueles que lhe dão a mão e lhe querem abrir na bruma espessa da sua vida um clarão de esperança.

Porém Mercedes tem ainda o seu lugar na scena. O empresario que puzesse o seu nome no cartaz teria publico. Na alta comedia essa mulher foi e é uma artista de largos recursos — basta avaliar pela inteligencia da sua obra que todo o seu labor terá vibração e nervos, alma e sentidos. Mesmo na opereta, a sua vozita fresca e o seu corpo leve e agil, iam bem em certos papeis seria um elemento de justo realce.

Como se explica então este ostracismo? Ha que pelo menos facultar á sua reaparição. Esse é que ha emprezarios dignos da nossa estima, cujo criterio seja inteligente e levantado, e não exclusivo e raso ao balcão; se ha por esses escriptorios de emprezas um pedaço de alma independente e nobre, ainda não lançado ao «livro caixa» nem ás folhas negativas «de razão» ou apelo para esse espirito.

Dizem-me que o sr. Augusto Gomes, do teatro Apolo, é um grande coração e um belo espirito. Será.

Dis-se—e isso sei eu—que a companhia Alves da Cunha não tem ninguem para certos papeis, que hoje Mercedes poderia fazer com uma arte sobria e distincta porque fica então essa artista por contratar?

Ah! Que grande e eterno paradoxo este da vida triste de cada dia...

Sobre Mercedes Blasco, pobre artista—tenha sempre esperança—a esperança dos grandes.

Não queira dialogar aquele dialo

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Mancebo».
APOLO—A's 21,30 —«Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tacs».
GIL VICENTE—As 21,30 «A Martira».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Medalhões

Joaquim Costa:

Este Joaquim Costa não me dá a impressão dum actor, dum actor como eu os compreendo, boémios, noctivagos, levemente perdularios em grandezas e em coisas, alegres, gatos que operela na scena e na vida. Não, este Joaquim Costa parece-me tudo menos um actor — tenho a sensação de que ele bom velho, feliz, bem disposto, fresco, tem passado a vida aqui nas hortas saloias, entre o canissado do feijão verde e as couves galegas, de roupão, «bonet» de borla e pantufas...

Este Joaquim Costa é um bom pai de familia, habita tranquilo uma casinha socegada, tem costumes honestos e toda uma vida pacata e regrada.

Quando muito, podem marcar-se no seu passado longinquo o peixe frito alegre dos «tournées» de provincia, e alguma aventura banal de bastidores...

Talvez, por isso, Joaquim Costa conserva ainda aquela boa «verve», aquela frescura, na sua arte, que o tornou uma figura popular e querida — mais do que querida, enternecida, das plateias portuguesas. Talvez por isso a sua velhice decorre apenas levemente fatigada na vida, mas plena de mocidade na scena.

Talvez por isso o bom Joaquim Costa viverá ainda muitos anos e bons, e terá ainda noutes amigas como a de hoje, com uma plateia de caras conhecidas, e camarim cheio abraços de amisade, e em tudo um grande amparo de ternura para a sua juvenil e encantadora velhice...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

A distincta artista Palmira Bastos que, como a imprensa já noticiou, se encontra em Paris, tem tido por parte da imprensa e dos autores e artistas francezes uma recepção muito entusiastica, altamente significativa para Portugal e extremamente honrosa para os nossos artistas. Toda a imprensa se referiu nos mais elogiosos e cativantes termos era Palmira Bastos.

Henry Kistemaeckers, o festejado dramaturgo, convidou a ilustre artista para um jantar, a que assistiu tambem a esposa daquele notavel escritor, trocando-se as mais afectuosas saudações. Pierre Wolff tambem convidou Palmira Bastos e Madame Kistemaeckers para um jantar de honra, pedindo egualmente à nossa ilustre comediante que assistisse ao primeiro ensaio geral de «La Passante» para a qual houve, aliás, a mais vigorosa «consigne». Pierre Frondey, sabendo tambem que a creadora do «Montmartre» no nosso paiz se encontrava na capital franceza, escreveu-lhe de Pau, pedindo-lhe encarecidamente para se demorar um dia em Biarritz, onde tem o seu palacete, a fim de lhe oferecer um almoço de homenagem. Palmira Bastos foi ainda convidada a assistir à *première* do «Coração Mandas», cujo principal papel é interpretado por André Burlé. A distincta actriz está extremamente reconhecida a todas estas manifestações de simpatia, que, honrando a encantadora interprete da «Dama das Camelias», honram tambem o teatro portuguez.

—A bilheteira do Nacional afluem, todos os dias, novos pedidos de assinatura para as recitas da proxima temporada, a qual vai ser brilhantissima.

A sua inauguração é com a notavel peça historica «D. Afonso VI», original de D. João da Camara, que a administração do elegante teatro caprichou em pôr em scena com todo o brilhantismo de desempenho e apresentação.

—Prepara-se brilhantemente a proxima epoca de inverno do teatro de S. Luis, que se inaugura no dia 1 de outubro com a celebre opereta portugueza «A Leiteira de Entre Arroios», devendo seguir-se-lhe a primeira peça nova da temporada, «Marido Provisorio», que Armando Vasconcelos, com a sua excelente companhia, estreou há pouco no Porto com o mais extraordinario exito.

—E' a seguinte a distribuição do quadro da rua da fantazia «Pau de Dois Bicos» com que a companhia Nascimento Fernandes inaugura a epoca de inverno no Eden-Teatro: «Busca-pé» Nascimento Fernandes, «São Nunca» Luiz Bravo, «Caes» João Silva, «Chico» Artur Rodrigues, «Espanhol» Augusto Costa, «Pintor» Fernando Ferreira, «1.ª Patroa» Deolinda Macedo, «Perola Verdadeira» Adelina Fernandes, «Perola Falsa» Eliza Santos, «Dama» Clara Baptista, «Chica» Ema d'Oliveira, «Tinócas» Zulmira Betencourt, «2.ª Patroa» Julieta de Sousa.

—Esta é a ultima semana em que no Apolo se apresenta o magnifico exito de «Burro em Pé».

Reclamos

S. Luiz

Noite de entusiasmo e tambem de enternecedora consagração vai ser a de hoje, no São Luiz, aonde realisa a sua festa artistica um dos artistas mais queridos e apreciados do nosso publico, o impagavel Joaquim Costa, que durante a sua gloriosa carreira artistica por tantas vezes tem sabido animar numerosas e brilhantes creações.

Por gentileza especial para com o seu colega, anuiu em tomar parte no espectaculo o popular actor Nascimento Fernandes, que, assim como o festejado, desempenhará o famoso Café Elysio, sendo, portanto, hoje, [illegible] interpretes desse [illegible] [illegible] revista «De Capote e [illegible]»

[illegible] compõem também o programa [illegible] trecho do monologo [illegible] «Colegio de Meninas», original de Eduardo Pacheco e recitado pelo festejado, o tambem das ultimas representações de revista [illegible] ao caso de «Os 50 Milhões de dollars» e o novo quadro «Colegio de Meninas» e o «Fado Laura Costa», estando [illegible] incluindo as suas despedidas todas [illegible] atracções, visto a temporada [illegible] indiavelmente, este mez.

Avenida

A nota mais galante e interessante que se refere a espectaculos [illegible] dando, no Avenida a Companhia Infantil, dirigida por Cremilda [illegible], o pequenino «Charlot», [illegible] interpretado pelo gracioso [illegible] Oliveira causa verdadeira sensação, nos seus varios numeros [illegible] sucede à restante [illegible], que interpreta com a maior [illegible] diversos numeros de [illegible] e a animada revista «O Sonho do Mancebo».

Hoje, no [illegible], a Companhia infantil dá [illegible] sessões, ambas a preços populares.

go tragico de que lhe falei há pouco.

A sua figura deambulante e triste «patinada» de disilusão deve esperar...

Não há regra sem excepção...

Veja, apesar dos seus amigos lhe fugirem, eu que nem a conheci nos tempos aureos—sou contra a regra—Quem me dera mesmo ser a «contra-regra» que lhe desse a entrada na vida da scena... e a saida... destas scenas da vida.

O HOMEM QUE PASSA

Salão Central

HOJE—Soirée ás 20 horas—HOJE

Alma de tigre

protagonista HELEN HOLMES

5.ª serie—**O salto mortal**, 2 partes
6.ª serie—**O amigo misterioso**, 2 partes
7.ª serie — **Sem Treguas**, 2 partes

No PROGRAMA:

José o Bom Marinheiro—admiravel drama em 6 actos com interpretação do artista G. MONALDI.

Touradas

Setubal

Os setubalenses teem no domingo corrida de gargalhada, pois que a empresa conseguiu contractar o valente e engraçado Antonio Preto, de Algés, o qual, com a sua burlesca quadrilha, fará os intermedios «Charlotada» e «As Cartolinhas». Correm-se dez touros e vacas, do sr. Pedro de Oliveira, tourando a cavalo o destemido artista F. Bento de Araujo e um excelente amador e a pé os artistas F. Felix e A. Carvalho, os praticantes Elias Cardoso, J. Simões e Rui Coelho e os espanhois Narras. O grupo de forcados e o do valente Bagoim. Os preços dos bilhetes são populares. Ha comboios a preços reduzidos.

Alcochete

Com dez touros do sr F. Silva Vitorino efectua-se no domingo uma corrida em que toma parte o destemido matador de novilhos J. Plas «Florestal». Justiniano Gouveia, o valente cavaleiro, será o cavaleiro. A pé trabalham E. Cebola, F. Felix, J. Dias e A. Carvalho e os praticantes Fernando Henriques e J. do Carmo. Haverá dois grupos de forcados, um de Alcochete, tendo por cabo o rijo Antonio Carraço, outro de Vila Franca, de que é cabo o popular M. Burrico. Duas bandas de musica abrilhantarão a corrida, a de Alcochete e a do Samouco. O antigo aficionado sr. Quelerino do Amoral dirigirá a lide. Do Terreiro do Paço haverá carreiras continuas.

Vida Sportiva

Atletismo

Vae ser creada a Federação de Sports Atleticos

Comunicado—A comissão encarregada de organisar as bases da Federação Port gueza de Sports Atleticos, tendo concluido os seus trabalhos, convida todos os clubs portuguezes de Sports Atleticos, a enviar um seu representant á assembleia que deverá realizar-se pelas 21 h. do dia 24 do corrente mez, nas salas do jornal *A Capital*, a fim de serem discutidos e aprovados os estatutos e regulamentos da nova Federação.

A comissão lembra a vantagem de todos os clubs se fazerem representar, recordando que, por decisão das assembleias anteriores, nenhum individuo poderá representar mais de uma colectividade.

Foot-ball

Vae disputar-se a «Taça Associação»

A «Taça Associação» disputar-se-ha nos dias 16, 23 e 30 de outubro e 6 de novembro com o seguinte calendario:

1.º dia—Carcavellinhos Bemfica e vitoria-Belenenses.

2.º dia—Internacional-Atletico e Imperio-Sporting.

3.º dia—Vencedores do 1.º e 2.º dia.

4.º dia—Vencedores do 3.º dia.

As inscrições para os campeonatos abrem os dias 26 a 28, para os clubs da 1.ª divisão, 29 e 30 e 3 de outubro, para os clubs da 2.ª divisão.

Pedestrianismo

David Bernardo, do Royal Foot-Ball Club, ganha a prova «João de Aguiar»

Realisou-se no passado domingo mais uma prova do calendario de União Pedestrianista Portugueza, de homenagem ao «recordman» que foi João de Aguiar.

Pode dizer-se do bom agouro a forma como foi disputada esta corrida, pois não só ha a registar um prometedor esforço entre os já conhecidos corredores, como tambem a entrada e os resultados altamente lisonjeiros conseguidos pelos novos concorrentes. Muito imparcialmente destacaremos um desses ultimos, David Bernardo que, aparecido ha pouco tempo no nosso meio desportivo, ficou classificado, em 1.º lugar com o brilhante tempo de 33'15'', pouco excedendo o «record» do homenageado.

Eis a classificação geral dos concorrentes:

1.º — David Bernardo, do Royal Foot-Ball Club.
2.º — Gonçalo Antonio da Luz, do Vendedores de Jornais Foot-Ball Club em 33'39''.
3.º — Albano Martins, do Grupo Desportivo Atletico Estrella do Ouro.
4.º — Francisco da Silva Nunes, do Vendedores de Jornais Foot-Ball Club, em 34'6''.
5.º — Cecilio Gonçalves, do Royal Foot-Ball Club, em 34'30''.

Ficou vencedora a equipe A do Vendedores do Jornais Foot-Ball Club, e em 2.º a equipe B do mesmo Club, em 3.º o Grupo Atletico Estrela de Ouro, em 4.º o Royal Foot-Ball Club, 5.º Grupo Desportivo Escolar Bombarralense, 6.º Grupo União Pedestrianista Portugueza, 7.º Foot-Ball Club «Os Belenenses», 8.º Grupo Recreativo Foot-Ball Progresso.

A esta prova concorreram rapazes cheios de vontade de fazer todos os esforços para que o sport pedestre reanime como outr'ora.

Todos eles já prometeram a sua inscripção no Grande Premio do Outono de homenagem a «Armando de Almeida».

Parque das Necessidades

Festa de beneficencia

Prosseguem com grande actividade os preparativos para este festival, que se realisa, como temos noticiado, nos dias 25 e 26 do corrente.

Além doutros elementos, tomam parte, por especial deferencia, num combate de box o distinto sportman Abel da Cunha, campeão portuguez dos medios e meios-medios, contra outro campeão, ambos do Ginasio Club Portuguez, e num assalto de sabre Francisco Fernandes e José Sirgado, respectivamente 1.º e 2.º classificados no Campeonato Nacional de Sabre na Sociedade de Geografia.

A festa será abrilhantada por 2 bandas da Guarda Republicana e pelas da Marinha, Sapadores do Caminho de Ferro e Infantaria n.º 1.

Concurso Hipico do Estoril

Como está anunciado, realisa-se nos proximos dias 24, 25, 27 e 29 do corrente o concurso Hipico Oficial que a Sociedade «Estoril» promove no seu Parque no Estoril.

Para este grande concurso, que já na grande numero de cavaleiros inscriptos e no qual reaparece o grande cavaleiro Silveira Ramos, já se encontram bilhetes á venda em Lisboa na séde da Sociedade Hipico Portugueza, Rua Ivens, 56, e no Estabelecimento Termal do Parque do Estoril.

Fornecimento de trigos

Ex.mo Sr. Redactor do jornal *A Capital*:

Só hoje um amigo me chamou a atenção para a carta inserta na primeira pagina do mui lido jornal de v. de 15 do corrente, que se refere a contractos de trigos.

E' a segunda vez, sr. redactor, que venho á imprensa fazer declarações que d'zem respeito a este assunto, tendo-as feito, pela primeira vez, no jornal *O Tempo*, ás quais ninguem contestou.

Permita-me, v. ainda que, abusando da sua amabilidade, convide, por intermedio do seu conceituado jornal, quem quer que seja, a negar a veracidade do que exponho.

Refiro-me primeiramente ao contracto celebrado em 18 de fevereiro p. p. pelo ex-ministro da Agricultura dr. João Gonçalves.

Este contracto de 5 000 toneladas foi aceite ao preço de 387 schilling a tonelada metrica, C. I. F. a converter em *escudos* ao cambio do dia (cambio 6) e a entregar até ao dia 15 do mez de março seguinte, podendo este prazo ser ampliado com 5 dias mais, caso de força maior, devidamente comprovado.

As condições de pagamento da minha proposta eram contra credito aberto em escudos, *confirmado e irrevogavel* com direito a transferencia e a liquidar, em Lisboa, contra entrega de todos os documentos de embarque.

Devo dizer a v. que o preço da minha proposta de 15 do mesmo mez de fevereiro, e que apresentei, mediante deposito de *vinte contos*, à Comissão Consultiva de Importação de Trigos, era muito mais baixo do que o do contracto ao firmado no dia 18, porque, convidado, *com os mais concorrentes*, pelo ex-ministro dr. João Gonçalves, a fazermos o minimo preço, nenhuma duvida tive em aceder a esse convite, sendo por isso autorisado pela casa fornecedora. Note, sr. Redactor, que o cambio do dia 18 (data da aceitação) era menos de 6, o que prova o meu manifesto desejo de não agravar o Estado, ainda que com prejuizo para mim.

Porque não cumpri, então, o contracto? Porque tendo o sr. dr. João Gonçalves aceitado todas as condições da minha proposta, conforme oficio de 18 de fevereiro, onde me dava conhecimento de que ia ordenar a abertura do credito, confirmado e *irrevogavel*, e tendo esse credito sido aberto nas condições, creio eu, ordenados pela Direcção Geral do Comercio Agricola á Fazenda Publica, não podia eu pelas minhas forças, tomado para a minha casa fornecedora como irrevogavel, base imprescindivel para que os creditos oferecerem garantia e dai o motivo da falta.

Reclamei em tempo devidamente oportuno e nada me foi comunicado, sendo depois de terminado o praso da entrega, em que por oficio da Direcção Geral do Comercio Agricola e assinado pelo sr. Joaquim Belford, me davam conhecimento da anulação do meu contracto, perdendo o direito aos *vinte contos*.

Quem faltou sr. redactor, eu ou o Estado?

Não seria interessante, sr. redactor, que se verificasse quem motivou a abertura do credito nunas condições diferentes daquelas que o ministro ordenara?

Assim não se podem fazer contractos com o Estado, porque não só desprezam a razão e a justiça, como se deturpam despachos, com o fim unico de afastar e prejudicar concorrentes leais como eu.

Tenho toda a documentação referente a este assunto que coloco ao dispor da pessoa que faz afirmações gratuitas e que só por patriotismo esconde o seu nome num simples *S.*

Emquanto ao segundo contracto que o sr. S. alcunha de burla, convido esse senhor a provar as suas afirmações.

«Em 15 de fevereiro p. p. foi firmado entre a minha firma e a de Madrid, Pinto & Salcedo, um contracto para fornecimento de 5.000 toneladas, cuja data de entrega podia ir até 20 do mez de abril seguinte.

Nos primeiros dias de abril foi-me comunicado por aquela firma que, para cumprimento do nosso contracto, tinha contractado um carregamento de 5,963, vindos no barco «Erlesburgh», podendo tambem para que os creditos fossem abertos o mais depressa possivel, pois a casa com quem contractara mandava os documentos a Lisboa, para nos se perder tempo.

O preço do trigo do meu contracto com a firma Pinto & Salcedo era de 380 schillings, a converter em escudos ao cambio de 6 3/4.

Quando chegou a Lisboa o barco, ofereci-o ao Estado a 328 shillings, a liquidar em escudos ao cambio do dia, 5 5/16, contra credito aberto imediatamente.

Esta proposta foi aceite, mas o credito é que não chegou ao Banco de Portugal.

Porquê? Por eu não apresentar os documentos? Mas como os podia apresentar, se o credito lá não estava para em assim pagar á firma espanhola e, ela por sua vez á casa inglesa nas condições em que contractou? E assim o Estado lucrou mais uma vez as clausulas dum contracto que aceitara.

Que direito ha pois para julgar um assunto, que, se oferecesse duvidas, só os tribunais podiam manifestar-se?

Fui alguma vez chamado aos tribunais, por ter vendido o que me não pertencia?

Provou alguem isso? Provou-o, sim, um parecer do sr. Joaquim Belford e um despacho ministerial.

Resta-me, pois, que o Tribunal do Comercio se manifeste em face de toda a documentação que possuo, inclusivamente aquela em que o proprio Estado toma responsabilidades, considerando-me legitimo vendedor do trigo.

Esta é que é a verdade e tudo que se diga, além disto, são apenas tretas e conveniencias...

Termino, por hoje, agradecendo a v. a publicação desta carta, desculpando-me e a v. haver tomado tanto espaço.

De v. etc.

Manuel dos Santos Caseiro

Lx.ª 14-9-921.

Ultima Hora

MACAU

Uma nota do Governo que em nada desfaz, antes justifica o artigo que noutro logar publicamos sobre o assunto

Chegaram hoje ao ministerio das colonias, *informações detalhadas* do caso ocorrido em Macau, a que a imprensa se tem referido.

Essas informações dizem o seguinte:

«Um escaler com oito chineses armados, passando pelo posto interior que separa a peninsula de Macau da ilha da Lapa, desobedeceu ás indicações da nossa policia maritima, e seguiu imediatamente para a ilha da Lapa onde os tripulantes desembarcaram. Seguidamente muitos chineses dessa ilha, certinheirado-se atraz de pedras, fizeram fogo contra um lancha da nossa policia maritima, matando um chauffeur indigena e um guarda indigena, ferindo um guarda macaense e o primeiro artilheiro Joaquim Nunes, e atingindo ligeiramente um guarda indigena e outro artilheiro. A nossa força de policia maritima, cujo procedimento o governador de Macau informa ter sido muito corajoso, respondeu com tiros de artilharia, e metrelhadoras, fazendo cessar o tiroteio dos chineses. Os nossos feridos estão melhorando.

O governo de Macau reclamou do governo de Cantão reparação imediata e castigo dos criminosos, e tomou providencias para impedir a repetição do incidente. O governo da metropole, pelas vias diplomaticas, está apoiando energicamente o protesto do governo de Macau e as reclamações por este apresentadas.»

NO BRAZIL

Quatro victimas de um desastre

RIO DE JANEIRO, 22.—Na linha ferrea Central Brasil houve um desastre em que pereceram 4 pessoas.—(A).

Os alemães autorisam a entrada do salitre

SANTIAGO, 22.—O ministro do Chili em Berlim comunicou que o governo alemão autoriseu a importação do salitre.—(A).

Depois da explosão Ludwigshafen

MAYENCE, 22.—Logo a seguir á explosão Ludwigshafen, as tropas francesas asseguraram a ordem, participando nos trabalhos de salvamento, durante os quais dois soldados ficaram gravemente feridos. O general Degoutte chegou a Ludwigshafen, levando todo o pessoal sanitario e medicos do exercito de ocupação do Reno, criando sopas para as familias dos sinistrados. O Alto Comissario francez entregou 75.000 marcos aos sindicatos operarios.—(H.)

Victimas de desastre

Hoje de madrugada deu entrada no Necroterio o descarregador José Maria Antunes, victima do desastre ocorrido ante-hontem a bordo do vapor atracado á muralha de Alcantara.

Antonio Barata, a outra victima no mesmo desastre, recolheu á enfermaria de S. Sebastião, do hospital de S. José.

Marido que furta mobilia

Joaquina Simões Fonseca, moradora na Rua dos Ferreiros, á Lapa, 71, 4.º, queixou-se que seu marido, Julio Armando da Fonseca, de quem vive separada, entrara na sua residencia durante a sua ausencia furtando mobilia no valor de 2.500$00.

Um furto no comboio

Manuel de Deus Lima, hospedado no hotel Peninsular, queixou-se à policia de que transitando no comboio de Pampilhosa para esta cidade, lhe furtaram uma carteira contendo a quantia de 55$00 e dois recibos do Sanatorio da Guarda, no valor de 600$00.

Descanso semanal na Argentina

BUENOS AIRES, 21.—O deputado Frugoni apresentou um projecto de lei, estabelecendo o descanso semanal para a imprensa.—(A).

Temporal

O sr. director da policia, a pedido da policia administrativa, vai intimar os moradores dos predios da Rua Luciano Cordeiro, fronteiro ao muro do hospital de Santa Marta, que abateu, para que se retirem daqueles casas por ameaçarem ruina.

Os 50 milhões

Remetidos ao Tribunal da Boa-Hora—Novo interrogatorio

Pelas 16 horas, acompanhados por agentes da policia de investigação, sairam do governo civil em direcção ao tribunal da Boa-Hora, para onde hoje foram remetidos, apoz as investigações policiais, os srs. Pedro de Araujo conde de Castro Guimarães, Alves Diniz e Melo e Sousa, membros da Direcção «Crédit International de Transits Entrepôtse Warrants», com séde em Anvers e que se encontravam presos no governo civil á ordem do sr. dr. Reis Junior director da policia de investigação.

No acto da saida dos presos encontravam-se á porta do Governo Civil numerosas pessoas.

Os presos, que tambem foram acompanhados até ao tribunal da Boa Hora pelo sr. dr. Reis Junior, deram entrada no 2.º juizo de investigação criminal, sendo submetidos a um interrogatorio pelo juiz que hoje estava de serviço, sr. dr. Julião Sena Sarmento, dizendo-se que lhes será arbitrada fiança, devendo ainda hoje, mas já tarde, sair em liberdade.

Na previsão de que lhes seja admitida fiança encontravam-se ali presentes algumas altas personalidades na nossa finança para os afiançarem, fazendo-se alguns acompanhar de suas esposas, sem o que a fiança não poderia legitimar-se.

No vestibulo da Boa Hora alguns amigos e parentes dos presos que ali estavam aguardando o resultado dos interrogatorios comentavam em grupos o caso dos 50 milhões de dolars.

A «Imprensa da Manhã», referindo-se ás declarações que o sr. Mimoso Roiz prestou na policia, diz que ele afirmara «que o sr. José Rogeroni encarregou por tres vezes o sr. Manuel Guimarães de procurar o então presidente do Ministerio sr. Barros Queiroz, a fim de solicitar daquele homem publico a aprovação do contracto dos 50 milhões.»

Não é exacto. O que o sr. Manuel Guimarães fez, e isto só incumbiram, foi procurar obter informações fidedignas acerca do contracto, para serem reproduzidas no «Seculo».

O sr. Barros Queiroz deve regressar amanhã a Lisboa. O sr. Afonso Costa passará a fronteira nos dias 25 ou 27 do corrente.

Estes dois homens politicos são, presentemente, as duas linhas duma parabola, jamais se encontrando, por mais que se prolonguem.

E' justo salientar que o sr. Barros Queiroz, regressando a Lisboa para se pôr á disposição do Poder Judicial se lhe necessitar do seu depoimento, cumpre o seu dever de homem publico que não deve nem teme.

A' nossa redacção veiu o sr. senador Julio Ribeiro informar-nos de que na noticia hontem dada, ele não quiz dizer que faltassem muitos documentos, mas apenas alguns, que no final reduzia a dois: o primeiro porque vem esclarecer o principio da negociata, e um outro cuja falta nos dissera a depender-se da leitura geral dos documentos.

Poeira da Arcada

Esclarecendo duvidas ácerca do regulamento de 11 de dezembro de 1919 foi declarado que de futuro para efeito de concurso, todos os serviços prestados pelos professores primarios desde o momento que seja classificado de bom, se marque um valor por cada ano lectivo completo (9 meses) de serviço efectivo, com tolerancia de um mez, que esse tempo tenha sido prestado numa só ou mais escolas e haja decorrido seguido, quer interpolado e ainda prestado numa só ou mais escolas e haja decorrido seguido, quer interpolado e ainda prestado numa só ou mais escolas e ainda que tenha sido em circulos e anos lectivos diferentes.

Capitão Brito e Silva

O correio de Africa trouxenos a noticia de que o sr. capitão Brito e Silva, faleceu naquele continente. Foi um dos que tomou parte no movimento de Monsanto.

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

501... 40.000$00

7028	6.000$00
3147	2.000$00
8051	1.000$00

386...	200$00	2577...	200$00
502...	200$00	2588...	200$00
503...	200$00	3308...	200$00
504...	200$00	4078...	200$00
505...	200$00	7167...	200$00
506...	200$00	8910...	200$00
507...	200$00	500...	525$00
508...	200$00	502...	525$00
509...	200$00	3104...	500$00
510...	200$00	5405...	500$00
637...	200$00	7396...	500$00
1865...	200$00	8939...	500$00
2459...	200$00		

Todos os numeros terminados em 1 tiveram 20$00 escudos.

3894

A CAPITAL

12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 23 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

Escola de Cartouche

A Policia de Investigação Criminal deu por concluida a primeira parte das suas diligencias no caso, que lhe foi afecto, do «Misterio dos Cincoenta Milhões». Foram remetidos a juizo quatro dos financeiros implicados na famosa intriga; mas, segundo a versão dum jornal da manhã, ha ainda um outro individuo, cujo nome se não menciona, mas que a policia entende que merece tambem um despacho de pronuncia. Quem será essa pessoa? Ainda se não sabe. Mas, a ser verdadeira a estranha versão, virá talvez a verificar-se que o sr. Reis Junior não quiz tomar sobre si a responsabilidade de revelar quem ele é, faria não despertar a atenção publica sobre algum tremendo segredo do Estado!

Não se suponha, pelo facto de terem sido entregues ao Poder Judicial os autos de investigação policial, que cessou a procura dos criminosos, quer agentes quer mandantes. A investigação judicial prosegue como é da lei. E será agora mais completa, porque o Juizo Criminal tem tempo de sobra diante de si, enquanto que a policia não podia conservar os individuos, sob custodia, mais que oito dias. Ou queiram ou não queiram hão-de comparecer na Boa Hora, a depôr, os homens eminentes que teem o seu nome ligado ao contracto-burla, ou por o terem assignado ou simplesmente porque receberam do sr. Afonso Costa informações confidenciais, que serão uteis á Justiça e que ela, com a nossa ajuda, se preciso fôr, ha de saber descobrir. São indispensaveis os depoimentos dos srs. Afonso Costa, Barros Queiroz, Bernardino Machado, Antonio Maria da Silva e Domingos Pereira, porque todos teem sido chamados a dizer o que sabem e, até agora, só o sr. Antonio Maria da Silva revelou o que lhe apeteceu, por sistema de conta-gotas, em dois longos discursos parlamentares

Entendemos tambem que a acção policial tem de proseguir — para auxilio da investigação judicial. Uma não tem nada com a outra. As duas, porem, teem que se fundir, na altura competente, formando um todo unico. Razão não teve, pois, o sr. Reis Junior, se é certo, como se noticia, que tornou dependente do magistrado criminal o prosseguimento da sua acção de magistrado policial.

A policia deve persistir na investigação do crime. Se foi ela que, por ordem do governo, iniciou esses trabalhos, porque motivo os não ha-de continuar, até final? Só se para isso recebeu ordem do Ministerio do Interior. Então, está bem. Mas o sr. Reis Junior, se quizer consolidar a posição de independencia que conquistou perante a opinião publica, tem de dizer que, se suspende as investigações, é porque, para tal, recebeu ordem superior. A uma conclusão se pode chegar, imediatamente e por virtude do exito obtido pela policia; existia em Portugal, com sucursais no estrangeiro, uma misteriosa organisação financeira, onde pairava, na sua mais elevada expressão de inteligencia e astucia, a sombra de Cartouche, — aquele que nunca confessou!

POLITICA

A Revolução?...

Exame da situação politica — Ambições que se entrechocam — A Dictadura: eis o "desideratum" revolucionario — O governo está vigilante e a Republica não está em perigo

Um jornal da manhã, reproduzindo os boatos dum proximo movimento revolucionario, noticia que se estão concentrando em Mafra algumas forças do exercito, destinadas, naturalmente, a apoiar a acção do governo na repressão das desordens. Quere-nos parecer que a noticia tem um certo fundamento. Entendemos, pois, que é oportuno fazer uma breve analise da situação politica, a fim de habilitar o leitor a compreender a sequencia dos acontecimentos já previstos — embora possa acontecer que, por virtude de circunstancias varias, nada suceda de anormal ou alarmante.

Toda a acção revolucionaria, onde quer que se esconda, não pensa, actualmente, senão numa solução politica: a ditadura. Nem todos teem, é certo, sobre esta formula simplista de governar um povo, a mesma concepção. E' por isso que, se uns dispensam o cumprimento de certas formalidades para se arrogarem o poder de dispor, discricionariamente, dos destinos da Nação, outros dão preferencia a uma ditadura autorisada pelo voto parlamentar, embora esse voto seja arrancado sob coacção á consciencia dos legitimos representantes da Nação. No final, porém, a mesma ideia surge: a vontade d'Um sobre a de todos. Sobre a escolha desse Um é que não foi ainda possivel chegar a acordo.

Temos, em primeiro lugar, os extremistas democraticos, restos da antiga organisação carbonaria. Para estes não existe senão o sr. Afonso Costa. Só ele e mais ninguem reune as qualidades de energia, inteligencia e saber capazes de imprimirem uma diversão salutar na gerencia dos negocios publicos, acentuando outra vez o caracter radical da Republica e reeditando, atravez e apezar de todos os obstaculos, a politica de equilibrio orçamental, já experimentada com exito (segundo eles) na gerencia da pasta das finanças, antes da guerra.

Houve um momento em que o proprio sr. Afonso Costa se convenceu da viabilidade desse assalto ao Poder. A sua estadia na Serra da Estrela obedeceu talvez ao imperio dessas ideas.

O escandalo do «Misterio dos Cincoenta Milhões», rebentando prematuramente, veio desviar-lhe o curso das ideas e a tal ponto que o «dictatorando» prefere esperar melhores dias na paz divertida dos «cabarets» de Montmartre. Os adoradores incondicionais do ex-chefe democratico veem-se, assim, um pouco abandonados, digamos mesmo acefalos. E' natural que prefiram engrossar outra hoste, a esperarem, com resignação, que o sr. Afonso Costa se resolva a puchar os cordelinhos da revolução...

Outro grupo de revolucionarios é constituido por militares, muito aproximados, no ponto de vista de ideias politicas, dos extremistas democraticos. Como estes, querem tambem uma Republica Radical. Mas, á frente dela, não veriam com agrado um civil, mesmo que fosse o sr. Afonso Costa. O governo da Nação deve ser militar, todo ele.

E a Nação, contricta e submissa, deve passar a andar a toque de caixa. Em materia politica e administrativa, pelo saneamento militar e civil e por reformas profundas dos organismos tributario e financeiro.

Falemos agora do operariado. Desde a implantação da Republica mas, mais especialmente, desde a terminação da guerra, o operariado portuguez entrou num caminho de franca combatividade, arrastando comsigo — o mo guiado, com muita gente supõe — a extinta União Operaria e a sua sucessora Confederação Geral do Trabalho.

Essa combatividade fez conquistar um relativo bem estar economico — mas momentaneo por extemporaneo — a algumas classes; mas, por outro lado, esgotou os cofres das organisações e não deu alivio permanentemente aos males economicos do operariado porque concorreu poderosamente para o crescimento das despesas domesticas. O operariado está, pois, mais descontente que nunca e a sua colera começa a manifestar-se contra os seus intelectuais derigentes, impossibilitados, aliás, de agir por falta de recursos com que se possa sustentar uma lucta, mesmo pouco prolongada. Um movimento revolucionario, mudando o eixo da politica portugueza, daria talvez solução ao problema ou, na peior das hipoteses, seria uma diversão que teria a virtude de sofrear, durante um certo periodo, as ambições dos operarios dirigidos. Digamos tambem que a evolução politica do operariado se opera em sentido nitidamente esquerdista.

O Partido Socialista Portuguez não existe, de facto; e a C. G. T. perdeu uma grande força combativa porque os jovens sindicalistas evolucionam para o Comunismo, partido politico que embora de formação recente, começa a fortificar as suas raizes na grande massa do operariado das cidades e, dentro de limites bastante estreitos, por entre o amorfismo dos trabalhadores campezinos. Conclusão: o operariado organisado aspira ao ensaio duma Dictadura de classe, sintetisada num homem selecionado no choque revolucionario.

Uma certa quantidade de gente republicana preconisa tambem um Dictador.

Sabe-se quem é. Chamam-lhe o Redemptor. E' o sr. Eugenio Dias Ferreira. Este intermitente politico já em tempo se convenceu de seu proprio messianismo. Afirma-se conservador. Mas, apesar disso, não se lhes dá de conferenciar com os extremistas da C. G. T.

Neste grupo — por entre os republicanos ingenuos que a miragem atraiu, á monarquicos escondidos na «camouflage» da Independencia e do Regionalismo. Embora pouco numeroso, este grupo exerce uma certa influencia, porque maneja, com habilidade, a intriga politica, na qual anda envolvido, sem dar por isso, o proprio Redemptor, o inefavel sr. Eugenio Dias Ferreira.

Resta falar dos monarquicos.

São, naturalmente, os mais perigosos inimigos da Republica. Não dispõem de força alguma material. A aventura do Porto, com o roubo de dois mil contos á Caixa Filial do Banco de Portugal, afastou do partido muita gente. Mas estes politicos conservam intacta uma arma que manejam superiormente. Essa arma é a intriga. Envolveram nela Sidonio Pais, conduzindo-o, cego pela vaidade lisongeada, a transigencias politicas quasi extremas. E, nesta ocasião, espreitam e vigiam, prontos a imiscuirem-se na desordem, venha ela donde vier, na esperança de figurarem, no final, como o «tertius gaudet», tão feliz que consiga tirar, com mão de gato e sem se escaldar, as sardinhas que os outros ponham a assar, no brazeiro ardente da revolução.

Eis a situação, a traços largos. Ela mereceu e merece, é clarissimo, a atenção do governo, que tem a seu cargo a guarda das Instituições Republicanas. Parece-nos que, desta vez se houver choque, ele será puramente militar.

UM CRIME GRAVISSIMO

GATUNOS DE CREANCAS

A policia ainda não averiguou quem sejam os parentes da creança sequestrada, nem o paradeiro desta — O anarquista José de Sousa Coelho nega ter conhecimento do conteudo da carta que lhe foi apreendida, e declara não se recordar de quem lha entregou — A prisão do anarquista italiano Giovanni Michaelli

Continue envolto nas mais profundas trévas o misterioso caso a que ontem démos publicidade nas colunas de «A Capital», estando a policia procedendo ás necessárias investigações para a descoberta dos restantes membros da terrivel quadrilha de ladrões de creanças.

José de Souza Coelho, o sindicalista preso a quem foram encontrados os documentos a que ontem nos referimos, continua detido, sem que até agora a policia tenha conseguido apurar quem sejam os seus criminosos cumplices no sequestro da infeliz creança a que se alude na carta ontem publicada n'«A Capital».

O José Coelho, que foi capturado pelo agente Henrique Alves, da Policia de Segurança do Estado, um dos mais valiosos e habeis agentes que aquela corporação possue, continua negando o nefando crime de que é acusado, alegando o desconhecimento absoluto do criterio da carta que lhe foi encontrada, e que ele diz ter-lhe sido confiada por um membro da Federação da Juventude Sindicalista, onde o Coelho exerceu durante algum tempo o cargo de secretario geral.

Apesar de ter sido apertado em um habil interrogatorio, o criminoso declarou ao sr. Jaime Pinto Serra, da P. S. E., desconhecer quem lhe entregou o importante documento, pois diz ele ter-se esquecido por completo do individuo que nele depositou a importante revelação, tanto mais que eram vulgares esses depositos por parte dos federados comunistas, que entregavam ao secretario da Federação os documentos que receiavam que viessem a cair em poder da justiça.

Entregue o caso á Investigação Criminal, e depois de um aturado exame ao documento apreendido ao José Coelho, foi ordenado pelo distinto magistrado que dirige superiormente a Policia de Investigação Criminal, sr. dr. Reis Junior, uma minuciosa investigação a tudo quanto dissesse respeito a desaparecimento de menores de ambos os sexos, na esperança de se vir assim a encontrar, como pai de qualquer creança desaparecida, o desconhecido Jorge Junior.

Infelizmente, e apesar de todas as diligencias empregadas pelos agentes encarregados dessa tarefa, não foi possivel encontrar qualquer elemento que viesse lançar alguma luz sobre o misterioso caso.

Todas as creanças desaparecidas ultimamente não tinham qualquer parente com esse nome e, o que é mais interessante e vem tornar mais denso o veo impenetravel que cobre o misterioso crime, é o facto curioso de todos os menores desaparecidos já terem sido encontrados pela policia, áparte alguns jovens que a policia suspeita terem fugido voluntariamente das suas residencias.

No entanto, a carta encontrada ao Coelho é bem significativa, e por um exame a ela feito verifica-se que esse documento foi escrito ainda ha pouco tempo, o que não deixa, portanto, duvida alguma sobre a existencia da creança sequestrada.

De resto, é pouco para acreditar que um individuo qualquer, fosse ele quem fosse, se divertisse a redigir um documento de semelhante gravidade, sem que tivesse um fim inconfessavel a atingir.

Nem sabemos, nem o poderiamos afirmar, que o José de Sousa Coelho tenha responsabilidade no crime de sequestro revelado pela carta que lhe foi apreendida, tanto mais sendo ela assinada pelo enigmatico nome de «Neptuno».

Quem será o desconhecido Jorge Junior?

Quem é o individuo que se assina «Neptuno»?

Quem é o progenitor da creança sequestrada?

A policia procura saber quem é a familia do infeliz inocente que se presume estar sob sequestro

Como ontem os nossos leitores poderam verificar, pelo interessante documento publicado neste jornal, a carta apreendida ao José de Sousa Coelho era endereçada a um tal Jorge Junior, depreendendo-se do seu conteudo ser ele o pai da infeliz creança pela qual os miseraveis criminosos iam exigir um importante resgate.

Porém, como a carta não continha outra indicação além do nome referido, dificil se tornava saber a quem era endereçada, tanto mais que não constava o desaparecimento de qualquer creança que tivesse como progenitor um individuo com o nome de Jorge Junior.

Uma associação terrorista

Pelos documentos ontem publicados, e que foram apreendidos ao José Coelho, poderá provar-se a existencia duma terrivel associação de malfeitores, organisada com fins terroristas?

Dissémos ontem, e com verdade, terem sido apreendidos importantes documentos ao José de Sousa Coelho, depreendendo-se, da leitura dos mesmos, a existencia duma tremenda associação internacional de malfeitores.

Uma carta dirigida ao preso, e assinada por um tal Alexandre B, datada de 10 de maio, pedia o signatario que lhe fossem enviados os relatorios mais minuciosos, destinados a elucidarem o Comité Central Anarquista da evolução do movimento bolchevista em Portugal.

Dizia ainda o Alexandre B., que parece ser um dos vultos mais categorisados dos elementos anarquistas, que o Comité possuia já os relatorios de todos os paizes, excepto o de Portugal, falta que muito vinha dificultar o serviço internacional do Comité Anarquista.

Será, portanto, na Argentina que teem sede os corpos dirigentes do tal Comité Central Anarquista?

Serão os crimes terroristas de sequestro, e outros semelhantes, cometidos e sancionados por esse Comité Central?

Não o sabemos, pois em todos os partidos existem individuos bem e mal intencionados, e pode acontecer que os nefandos crimes, que fomos os unicos a revelar, sejam obra de meia duzia de repugnantes criminosos, bandidos que em qualquer grupo ou partido se podem encontrar, sem que por isso a colectividade tenha a menor parcela de responsabilidade nos actos praticados por esses individuos.

De resto, no proprio bolchevismo existem individuos de honra e de caracter, e nomes de sociologos respeitaveis até para os seus proprios adversarios.

O anarquista Giovanni Michaelli

Terá alguma relação a captura deste perigoso anarquista com a descoberta do espantoso crime de sequestro?

Ha cerca já de trez mezes que nos calabouços do Governo Civil se encontra preso um italiano de nome Giovanni Michaelli, capturado a bordo dum paquete da Mala Real Ingleza, vindo do Brazil.

Os jornais noticiaram a prisão do italiano sem que dessem jámais noticia alguma de positivo sobre os motivos que motivaram a detenção do estrangeiro.

Giovanni Michaelli, que é um dos mais perigosos e conhecidos propagandistas das ideias avançadas, fôra expulso do Brazil, por o Governo daquêle paiz ter reconhecido a nefasta influencia que as doutrinas de Giovanni tinha sobre os individuos que o escutavam.

Chegado a Lisboa o vapor que o transportava, a policia de emigração deteu imediatamente o perigo viajante, tomando entrega dêle a Policia de Segurança do Estado, que o conservou rigorosamente incomunicavel até depois do interrogatorio a que habitualmente o submeteu o sr. Jaime Pinto Serra, director daquela policia.

Parece que o italiano fôra condenado, na Italia, á revelia, por estar envolvido em diversos «complots» terroristas, e que o governo italiano já pediu a sua extradição.

O mais curioso é o facto de não consentir o governo espanhol que o italiano passe por Espanha, o mesmo acontecendo com o governo francez, sendo portanto necessário esperar que toque no nosso porto qualquer navio que se dirija directamente á Italia, o que em breve se dará, ao que nos informou creatura que merece todo o crédito.

O que parece já averiguado é não estar o tal Giovanni implicado no assassinio que vitimou o ministro espanhol Dato como a principio se disse, mas simplesmente envolvido em «complots» anarquistas organisados com o fim de cometer atentados terroristas.

Parece, e com certo fundamento, que esse individuo é um dos principais organisadores do comité central anarquista, a que se refere o documento encontrado ao José de Sousa Coelho, assinado por Alexandre B., de Buenos Aires.

A serem os raptos de creanças ordenados pelo tal comité central anarquista, como a principio se presumiu, e ainda hoje não está averiguado, é possivel que entre a prisão do italiano e a do José Coelho exista uma certa relação.

Mas, seja como fôr, o facto é que o crime de sequestro efectivou-se, e a policia ainda nada averiguou que pudessé lançar alguma luz no misterioso caso, continuando a infeliz creança em poder dos malfeitores, se é que eles já a não assassinaram, como se póde presumir em face das ameaças contidas na carta encontrada em poder de José Coelho.

O Conflito Anglo-irlandez

Continua o tiroteio de cartas e telegramas trocados entre os srs. Lloyd George e de Valera. Como preparação para essa projectada e por enquanto problematica Conferencia do Inverness.

A opinião publica em Dublim mesmo começa a manifestar o seu cansaço por tão insolito facto, até hoje desusado. As trocas diplomaticas entre Estados comprehende-se. De toda a vida temos vindo habituados a isso. Mas um tiroteio entre individuos, quasi em nome pessoal!

Para que os nossos leitores possam acompanhar este curioso pleito, cujo desenlace a ninguem neste momento é dado prever, reproduzimos hoje a resposta dada pelo sr. Lloyd George a um telegrama que o sr. De Valera lhe enviara na vespera.

E' do teor seguinte:

«Acuso a recepção do vosso telegrama de hontem, em que continuaes a reivindicar para os nossos delegados a qualidade de representantes dum Estado soberano e independente.

«Quando no mez de Julho vos avistastes comigo, não havieis posto nenhum obstaculo desta natureza.

«Na minha carta de convite, eu dizia-vos que me encontraria com vosco como «leader da grande maioria da Irlanda do Sul».

«Desde o começo das nossas conversações, sempre vos tenho declarado que nós contavamos que a Irlanda reconhecesse a obediencia devida ao trono e firmasse o seu provir como membro do Commonwealth britanico.

«A proposta que então vos fiz assenta nestas bases, e é impossivel modifica-la. A condição que vos acabais de reivindicar para os vossos delegados constitue positivamente repudio destas bases.

«Estou pronto a encontrar-me com eles, conforme já me encontrei convosco no mez de julho, isto é, na qualidade de «porta-voz» escolhido pelo vosso povo para procurar em que condições ele pode entrar na Associação do Commonwealth Britanico.

«Sem quebra de lealdade para com o trono e o Imperio, os nossos colegas e eu não poderemos reunir-nos com os vossos delegados, uma vez que eles reivindiquem o titulo de representantes de um Estado soberano e independente.

«Vejo-me, pois, forçado a repetir que entre nós se torna impossivel uma conferencia, se não quizerdes suprimir o segundo paragrafo da vossa carta de 12 de setembro.»

Parece que novamente vai ser consultado o Dail Eireann.

T. M. E.

Sr. Redactor. — A campanha contra os Transportes Maritimos do Estado tem marcado varios periodos de recrudescencia e tem apresentado diversos aspectos de ataque. Diz-se agora — não sabemos com que fundamento — estar o sr. ministro do Comercio no proposito de substituir o actual director geral dos T. M. E. Trata-se, afinal da substituição de pessoas ou de reforma radical dos processos de exploração?

O actual director ha muito tempo que entregou aos poderes supremos um extenso relatorio e bases novas que deveriam ser adoptadas.

Que destino tiveram esses trabalhos?

...n que não embarca

Por terras de além

A ultima guerra não perturbou as leis do progresso

As repercussões da ultima guerra teem-se feito sentir por forma tão violenta, que não será ousado asseverar que todos os beligerantes de um e outro lado teriam envidado os seus maiores esforços para evita-la, se lhes tivesse sido dado prevêr aonde ela conduziria a humanidade.

Não que esta siga por trilhos menos convenientes ao progresso; muito pelo contrario, os progressos tanto moraes como materiaes das Sociedades Contemporaneas estão-se fazendo muito mais rapidos do que anteriormente e com certeza na direcção que mais convém.

Não sentimos nós que estamos dentro do fenomeno, como não o sentiram em identicas circunstancias os povos que tomaram parte nos antigos e não menos, antes, mais calamitosos movimentos das Cruzadas, da Reforma e outros.

Só posteriormente virá a reconhecer-se que a ultima guerra e as suas aparentemente desastrosas consequencias foram os necessarios precursores de epocas mais felizes, como as Cruzadas, com todas as suas desgraças, serviram para aproximar o Ocidente do Oriente, como as lutas da Reforma serviram para proclamar o Livre-Exame que tornou possivel o desenvolvimento dos estudos das sciencias matematicas, astronomicas, fisico-quimicas, naturais e biologicas, e suas aplicações praticas á Grande Industria que tambem por essa epoca desabrochou para a produção.

E os povos, que tomaram parte em todas estas calamidades, finaram-se sem chegar a saber a grandeza da obra em que inconscientemente colaboraram, tal qual nos tempos que correm, em que toda a humanidade se queixa, e morrerá quasi insciente dos aspectos do brilhante futuro que as perturbações de hoje ocultam.

Instabilidade da politica internacional. A crise mundial

Os males que neste momento afligem todos os povos, e não apenas o portuguez, como ha quem pense, são a resultante necessaria das determinantes mais ou menos já conhecidas.

A guerra fez perder a noção das contas e da economia. A febre de ganhar a guerra provocou a febre de a custear, sem considerar a extensão dos sacrificios nem a sua futura consequencia. Impostos, emprestimos e creditos abusivos determinaram uma abundancia ficticia de recursos.

Os braços empenhados na guerra inutilisaram-se para a produção, e esta ainda mais escasseou graças ao aspecto ilusorio da abundancia contida nas vertiginosas emissões de papel fiduciario.

Contava-se com a victoria; os vencedores poderiam reembolsar-se de todos os prejuizos, á custa dos vencidos.

E os sacrificios continuaram. Mas a victoria apresentou-se bifronte, e não como se esperava. Moralmente venceram os Aliados; materialmente, porém, venceram tanto eles como os seus adversarios.

Os beligerantes ficaram todos arruinados. Este é o facto supremo que determina a crise mundial. A concepção economica de progresso receberam uma interpretação bem diversa da que até 1914 se lhe dava.

Já a ninguem repugna admitir a tanto como a concepção possivel insolvencia da Alemanha, como todos hesitam, sem contestar, a possibilidade do enfraquecimento do Colosso Inglez, cujos principais élos — Irlanda, India e União Sul-Africana — tendem dasanexação.

Os Estados Unidos da America, tal qual Inglaterra, Italia e outros Estados de menor importancia politica já não encobrem a sua quebra de solidariedade com as alianças anteriores á Guerra, preferindo tratar cada qual dos seus interesses nacionais.

Assim se vê a França numa situação um tanto comprometida para o futuro. Tanto mais que a anexação forçada da Alsacia-Lorena veiu garantir melhor a integridade belga, mas tornar mais faceis as operações da invasão teutonica, se a Conferencia de Washington não conseguir um acordo geral para o desarmamento ou pelo menos valiosa delimitação dos armamentos terrestres e navais.

O desentendimento dos Estados trouxe para o novo taboleiro da politica internacional o desentendimento dos povos. A burguezia socialisou-se um pouco pela imposição das circunstancias, mas tambem o proletariado, ao aburguezar-se pela exorbitancia dos salarios, teve de fragmentar-se em secções de escola.

Assim o Socialismo, a unica força capaz de disciplinar as sociedades, quando homogenea e subtendida por aspirações nobres, honestas, sensatas e homogeneas, vê-se enfraquecido pelas scisões bolchevistas, comunistas e anarquistas que lhe lavram no seio.

Para onde vamos?

Ocorre perguntar neste momento para onde caminham as sociedades. E não falta quem o pregunte num troixo de desalento, aliás injustificado, proveniente do geral desconhecimento do modo como as sociedades se transformam.

Tudo que se passa, entre nós e lá por fóra, tende evidentemente a agravar-se muito mais, como a historia de todos os povos regista nas suas fases precurssoras dos grandes progressos.

Querem-no mais grave do que nas luctas do Meidji em 1864, donde ressurgiu o Japão moderno, armado de toda a pujança do trabalho e da virtude civica?

Querem-no mais grave do que nas luctas de Cromwell e da Magna Charta, preparação indispensavel dessa gloriosa Inglaterra que veiu por tanto tempo a tornar-se senhora dos Mares e de um terço da Terra?

— Para onde vamos? pergunta-se.

— Para o futuro, para o grande progresso dos povos e das sociedades.

Os que estamos, só temos a suportar, como os nossos antepassados em todos os povos suportaram, para a conquista de edades mais felizes do que esta que atravessamos.

Coragem e dedicação, trabalhando e canalisando as tendencias na orientação que mais convem, cheios de ardor e convicção, chegaremos a esse «stand still» que os inglezes preconisam como limite dos maiores revezes e dificuldades que se lhes deparam no caminho da sua evolução

Nova agremiação politica?

Uma empresa fiscalisadora

Efectuou-se ontem a primeira reunião de um numeroso grupo de percursores e combatentes da Jornada Gloriosa de Outubro de 1910, que implantou o Regimen Republicano em Portugal, para lançar as bases de uma forte agremiação destinada a fiscalisar os actos dos homens e dos partidos e grupos politicos da Republica.

Nessa reunião foi aprovado por unanimidade um veemente protesto contra a chamada Lei de indenisações, e ficou resolvido se necessario fôr, publicar um manifesto e promover reuniões publicas contra o que julga um erro economico e um mau acto politico, lamentando ao mesmo tempo que dedicados e velhos republicanos se tivessem deixado incluir numa lista ao lado de creaturas tão pouco escrupulosas que se pestam a colaborar no desbaratamento dos recursos da Nação.

A segunda reunião realisar-se-ha brevemente no local para esse fim escolhido, para ser passada revista á marcha atrabiliaria que o regimem Republicano tem seguido desde a sua implantação até a data, provocada pela acção perniciosa dos partidos e grupos politicos.

Boas novas

SANTOS (Brazil), 23. — O paquete inglez «Avon» chegou sem incidente. Passageiros bem. — (H.)

No hospital Estefania

Todos os especialistas de doenças de creanças estão verificando na enfermaria dos srs. drs. Salazar de Souza e Leite Lage as vantagens obtidas com o emprego da Farinha Lacto-Bulgara, de que é depositario exclusivo Raul Vieira Ld.ª, rua da Prata 51-3.º

Pela Instrução Publica

Sociedade Promotora de Educação Popular

Continuam abertas as matriculas para as aulas gratuitas diurnas de Instrução Primaria, para creanças de ambos os sexos e noturnas para adultos e mulheres.

Festas do aniversario

Realizam-se nos proximos dias 1 e 2 de Outubro as festas do 17.º aniversario desta prestante associação escolar, constando de uma recita e baile para os socios e suas familias na noite de sabado, subindo á scena a peça do repertorio do Nacional — «Os 20.000 Dollars», representada pelo grupo Dramatico da Sociedade, sob a direcção do sr. Duarte Amado.

No domingo 2, sessão solene ás 13 horas, seguindo-se um jantar a todos os alunos em numero de 300, assistindo depois da refeição a uma sessão animatografica com fitas especiais e á noite grande sarau no qual tomam parte a orquestra da sociedade composta de 25 figuras e representantes de varios grupos dramaticos, que para esse fim enviaram a sua adesão para esta festa, executando magnificos numeros do sarau.

Ao jantar toma parte uma banda de musica, das principais filarmonicas de Lisboa.

O africanismo em Portugal

CALDAS DA RAINHA 23. — Uma comissão composta de grande numero de africanos e africanistas de passagem nesta vila sauda o partido pela sua patriotica e energica atitude em prol da causa africana. Lamentam divergencias entre organisações africanas, porque só com uma união conseguirão as reivindicações a que aspiram para fazer deste paiz um Portugal maior. Lavram o seu energico protesto contra os traidores. Pelo comissão (a) Ramos. — (H.)

A QUESTÃO DO JOGO

Um projecto de regulamentação

Alguns topicos interessantes

Prometemos dar alguns topicos do projecto sobre regulamentação do jogo, em que alguem trabalha, e que, segundo nos garantem, será presente á camara dos deputados.

Claro está que um trabalho desses, para resultar proficuo, tem que ser minucioso, e nós não queremos, nem podemos entrar em minucias. Vejamos.

O projecto em questão, tal como está sendo estudado, visará a moralisar, quanto possivel, a pratica do jogo, e a beneficiar a Assistencia Publica. Dai concluir-se que assentará em bases dum imposto e de fiscalisação.

Como será cobrado esse imposto? De qualquer destas maneiras; ou estabelecendo uma percentagem sobre as quantias em giro, ou colectando cada club segundo a sua importancia, e ainda segundo a sua localisação.

A seu tempo discutiremos cada um dos enunciados que aqui deixamos arquivados. Por agora limitamo-nos a arquival-os.

O jogo será permitido nos grandes cidades, e, em certas epocas do ano, nas estações intermedias de turismo, segundo previa classificação. O jogo nas praias e termas, na epoca propria, só pode ser estabelecido com o tacito acordo das camaras municipais.

Os empresarios do jogo obrigam-se a funcionar em grandes edificações, que, pela sua opulencia, constituam um beneficio material para a localidade onde se estabelecerem. Para julgar desses edificações existirá um juri permanente, de caracter oficial, a que se agregará o auctor do projecto, o que terá poderes para lhe introduzir as modificações que achar convenientes, com recurso para a repartição tecnica da camara municipal.

O numero destas empresas reguladoras do jogo será deduzido do numero de habitantes, podendo porém, cada empresa, ter, anexos, casinos, teatros, hotel, restaurante, etc.

A fiscalisação constará dum fiscal para cada uma das empresas, que semanalmente informará de qualquer transgressão ou abuso. Qualquer dos casos exploradores do jogo pode ser suspensa por determinado praso, no caso de reincidencia.

Aos empresarios do jogo compete evitar a existencia do jogo clandestino, em pequenas casas, pagando eles uma parte da multa correspondente á transgressão, quando a denuncia parta doutra entidade.

Nenhum individuo, do qualquer sexo, será admitido nas casas de jogo de azar, sem ser portador de um bilhete de identidade, passado no Governo Civil, a troco duma taxa destinada á assistencia. Aos individuos menores é vedado o ingresso a qualquer dependencia das casas exploradoras do jogo. No caso de qualquer transgressão aos regulamentos, e demonstrada a cumplicidade, o fiscal será solidario com a empresa na penalidade estabelecida.

Para qualquer diligencia proibitiva do jogo clandestino, qualquer dessas empresas poderá requisitar a intervenção da policia.

Nos grandes centros, que como tal ficarão estabelecidos, os rendimentos resultantes do exercicio do jogo reverterão sempre em favor da assistencia publica; nas pequenas localidades, onde essa necessidade não exista de forma permanente, as camaras municipais determinarão o seu emprego.

Por ultimo, no caso de se cobrar uma precentagem sobre as quantias em giro, fica estabelecido que essa cobrança incidirá apenas sobre as quantias em giro no jogo.

A exploração dos outros jogos, e do restaurants, casinos, etc. ficam isentos doutras contribuições.

Tais são os topicos principais do projecto que se está estudando e que dizem-nos, será muito extenso e muito minucioso, para que não dê logar a possiveis sofismas.

Qual será a atitude da camara, no caso de esse documento lhe ser presente? Se ela quere merecer honras de pratica e desempoeirada não tem outro caminho senão aprovar, embora com as emendas que se entendam convenientes.

O contrario é continuarmos no mesmo erro, que já dura ha muito para que nele persistamos.

Tribunais

Terminam no proximo dia 30 as ferias judiciais nos Tribunais do Comercio, Relação e Supremo, bem como nas Varas Civeis e Districtos Criminais, Boa Hora.

Neste tribunal encontra-se de semana os cartorios dos 1.^os oficios até 25 do corrente.

Depois dessa data até 30 os dos 2.^os oficios, sob a presidencia do juiz substituto sr. dr. Penha e Costa.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ — A's 21,30 — «De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — «O Sonho do Manecas».
APOLO — A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-tac».
GIL VICENTE — ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Primeiras representações

S. LUIS. — Colegio de meninas — *quadro novo da revista* **Capote e lenço. — A fita os 50 milhões de dollars** *ou* **Es'ás a vêr, ó viroscas!**

O quadro de comedia com que foi ampliada a revista festejada dos srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, em scena no S. Luis, tem um certo «charme» de actualidade.

Pareceu-nos que, porém, todo ele se ressente de ter pouca musica e muito pouca vivacidade na representação, a qual por diluida perde quasi completamente o seu efeito. O publico por isso não se entusiasma.

Se exceptuarmos Costa, no guardafreio, e Gomes, no soldado da guarda republicano, todo o resto foi feito com pouco interesso.

A fita dos 50 milhões é bastante caricatural.

Lembra-nos um truc, cuja sua aplicação dá um detestavel efeito: quando os actores estão no pseudo «ecran», devia conseguir-se que não fizessem ruido algum. Para isso bastava forrar o estrado com um tapete espesso.

Assim a ilusão seria mais completa... se ilusão pode haver.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

Amanhã no S. Luiz é a festa artistica do distincto ensaidor Henrique Sant'Ana com um espectaculo repleto de atracções. Alem de toda a companhia do S. Luiz, figuram, tambem, no programa da recita, por especial deferencia tomando parte num acto do «Cabaret Mondain», Adelina Fernandes, que cantará fados, Laura Costa os «couplets da «Couchita», Erico Braga, que recitará versos, Fernando Pereira, que contará uma «romanza», Vasco Sant'Ana e Henrique Alves que dirá uma conferencia humoristica intitulada «Como se faz um jornal». Vai á scena o 2.º acto do «Capote e Lenço», e o quadro da «Boa Hora», da revista «Maré de Rosas», desempenhado por Joaquim Costa, Nascimento Fernandes, Luiz Bravo, João Silva, Vasco Sant'Ana, Henrique Alves, Artur Rodrigues, José Moraes, Augusto Costa, Deolinda de Macedo e Zulmira Bettencourt.

ULTIMA HORA

O descalabro comercial

As falencias na America

Chega a vez aos Estados Unidos da America, o colosso comercial por excelencia, o grande imperio do Comercio, patria dos dollars e dos anuncios.

As ultimas noticias referentes ao ano corrente de 1921 acusam algarismos de pavoroso prenuncio, que como prevenção e exemplo, vamos expor aos nossos leitores.

Durante o mez passado as falencias subiram a 1.562, representando um passivo equivalente a 43 milhões de dollars, que ao par significam 43.000 contos!

No mez anterior, em julho, o numero de quebras foi quasi igual, 1.444 — com igual passivo em numeros redondos.

Nos primeiros oito meses do ano registaram-se 12.041 falencias, com um passivo de 369 milhões e meio de dollars, ou fossem «grosso modo» 369.500 contos.

Portanto a media dos oito primeiros meses de 1921 foi de 1.505 quebras por mez, e a media dos passivos, representando os prejuizos havidos com estas quebras foi de uns 436.187 contos.

A media mensal das quebras no ano anterior — 1920 — foi apenas de 74 com um passivo em media mensal de 24.593 contos.

Confrontando, verifica-se que o numero de falencias este ano teve um agravamento de 4,91 por cento, enquanto a diferença dos prejuizos acusa um aumento de 53,24 por cento.

Quando no paiz comercial por excelencia a crise se manifesta com a intensidade que os numeros expostos acusam, calculemos o que irá nos outros paizes, e no nosso.

Se ao menos houvessemos á mão identicas estatisticas!

Os implicados no caso dos 50 milhões de dollars

Compareceram hoje, novamente, de tarde, no cartorio do escrivão Vidal, no tribunal da Boa Hora, os srs. Melo e Sousa, dr. Pedro de Araujo, Alves Diniz e conde de Castro Guimarães, que se diz terem comparticipação no caso dos 50 milhões de dollars, e hontem á noite afiançados em mil contos cada um.

Segundo nos disseram, aqueles srs. foram de novo á presença do juiz sr. dr. Julião Sena Sarmento, a prestar declarações que serão depois reduzidas a auto para ser ou não requerido o despacho de pronuncia.

Colyseu dos Recreios

Esta casa de espectaculos vae abrir com «matches» internacionaes de «box»

Como já se sabe, ficou hontem resolvido o conflito que ha tempo se levantou entre a viava do comenda dor Antonio Santos e o sr. Ricardo de Covões, representante de um grupo capitalistas o que motivou o encerramento d'aquela casa de espectaculo ha perto de um mez.

Informam-nos que na proxima semana o Colyseu abrirá as suas portas com «matches» internacionais de box, até 15 de outubro, epoca em que se inaugurará a companhia de circo.

Parece que nos primeiros dias de outubro disputar-se-ha o 1.º campeonato Nacional de box que «Os Sports» leva a efeito com a Federação Portugueza de Box.

As festas no Gradil

Deve regressar amanhã no comboio das 10 horas, a Castelo de Vide, a filarmonica União Artistica daquela localidade, que viera a abrilhantar as festas a Senhora da Nazaré, realisadas no Gradil.

Tanto em Gradil, como na Ericeira, Mafra e Cintra, onde aquela filarmonica esteve, foi sempre muito bem acolhida, especialmente em Mafra, onde lhe foi dispensada uma carinhosa manifestação de simpatia, sendo saudados alguns gerandoas de foguetes.

A filarmonica União Artistica de Castelo de Vide e a mesma que foi vitima dum atentado bombista na rua do Carmo em 1913, por ocasião das festas a Luiz de Camões.

Uma medida que nós poderiamos imitar

Em Buenos-Aires os preços dos alugueres das casas são iguais aos de 1919

BUENOS-AIRES, 23 — Foi promulgada uma lei estabelecendo que os preços dos alugueres das casas de habitação e comerciais sejam os mesmos que os inquilinos pagavam no ano de 1919, e em que se estabelecem varias penalidades para os senhorios infractores. — (A.)

O Ministro Portuguez na Belgica

Veiu hontem á redacção do nosso jornal o sr. Alves de Veiga, ilustre ministro de Portugal em Bruxelas.

Agradecemos cordialmente a estreita gentileza da sua visita que muito nos penhorou.

Um grande roubo de 250 contos do Banco do Brazil

Gente da alta roda envolvida no caso — Aglomeração de crimes: roubos, assaltos e tentativas de morte

A imprensa brazileira, nos seus ultimos numeros recebidos, vem repleta de artigos, investigações, interrogatorios e pormenores, acompanhados de desenhos elucidativos, a proposito de uma numerosa quadrilha de criminosos.

Não se trata dos salteadores vulgares que, armados de trabuco, assaltam os viandantes no caminho, ou os comboios em andamento.

Não! O progresso tambem vai aperfeiçoando a arte do engano e da delapidação.

Actualmente os salteadores são em geral pessoas de barba feita, colarinhos altos e boa roda. Acotovelamo-nos com eles, conhecendo-os mesmo, sem sabermos o que eles são. Andam comnosco; encontramo-los habitualmente nos cafés, nos teatros, nos Bancos, onde ás vezes chegam a ser directores, e até nas repartições do Estado.

Isto não se dá só no Brazil. E' lá, como cá, como por toda a parte.

Resulta da evolução moderna do gatuno e do salteador.

Descoberto o roubo de 250 contos de reis no Banco do Brazil por meio de um cheque falsificado, a policia tomou conta do caso.

Hercilio, Poré, Tosseli & C.ª

De pesquiza em pesquiza, já está apurado que se trata de uma quadrilha autentica, moderna, com firma reconhecida: Hercilio, Poré, Tosseli & C.ª

Esta designação — Companhia — envolve varios membros da quadrilha, como sejam Antonio Camara, Jeronymo Pigatti, algumas mulheres e outras creaturas.

Na cumplicidade dos seus escuros negocios, a quadrilha já tinha ramificações em diversos Estados do Brazil, a fim de dar maior expansão ás suas transacções... vigaristas.

Um dos socios, Tosseli, para não sofrer nas mãos da justiça, o bem merecido castigo, resolveu subtrair-se a responsabilidades... suicidando-se.

Quem eram, porém, os componentes desta temivel companhia que roubava dinheiro ás centenas de contos, que fabricava moeda falsa, que não hesitava em recorrer aos processos mais hediondos da «chantage», ameaça, violencias e até mortes?

Hercilio Faria fôra em tempo comandante do «Acre» e imediato do «Brazil». Actualmente passava notas falsas de 500$000 réis!

Vivia na alta roda com o seu socio Antonio Camara, que ainda ha dois meses era pobre, e depois que entrou para socio já tinha comprado um predio por 42 contos!

A quadrilha sustentava um jornal que se intitulava «O Combate» e se destinava a defender os interesses da quadrilha, sendo entre eles considerado como o seu orgão na imprensa.

O chefe da quadrilha — Jeronymo Pigatti fôra catraeiro do barco «Fé em Deus»; actualmente era o chefe da quadrilha. Os seus crimes veem largamente enumerados nas investigações. Acha-se riquissimo! Ultimamente comprou 4 predios urbanos!

A proposito do roubo dos 250 contos, narra Peré, um dos socios da firma, que tendo recebido de Alvaro Silva 5.000$000 em moeda corrente e 245.000$000 em tres cheques saiu do escritorio da rua da Quintada em companhia de Hercilio de Faria com destino aos bancos, tendo ele Peré recebido a importancia correspondente a um cheque e Hercilio de Faria a dos dois outros. Procura trans formar-se em ingenua victima de Toselli, dizendo-se apenas um cego cumpridor das suas ordens e instrucções, e por isso, reunido a Hercilio de Faria e Antonio Camara, um frequentador do escritorio de Toselli, por ele deixa-se conduzir em um automovel até á rua do Cattete numero 25, onde, em uma casa adrede preparada já se achavam os comparsas restantes, Jeronymo Pigatti e um seu auxiliar, cuja identidade não foi possivel ser determinada.

A colocação das notas em duas prensas duplicadoras de dinheiro, a simulação de funcionamento de uma maquina e eis que o produto do furto levado a efeito no Banco do Brazil se transfere das mãos inexperientes de Angelino Peré para as dos membros da quadrilha.

Amanhã daremos novos pormenores desta interessantissima investigação e a que a policia brazileira anda procedendo.

Um funeral concorrido

Realisou-se hoje, saindo do Necroterio, o funeral do 2.º cabo 228, Fernando de Freitas, da esquadra da Mouraria, vitima dum desastre com arma de fogo.

O funeral esteve bastante concorrido, encorporando-se nele tambem uma força de policia comandada pelo tenente Roby.

O trabalho em Inglaterra

Em Inglaterra o trabalho das fabricas retoma o seu antigo desenvolvimento

A semana passada, anunciou a importantissima casa de construção mecanica dos srs. Baldwins, que tencionava abrir a sua grande fabrica nova e estaleiros, em «Port Talbot», visto terem em as mãos bastantes encomendas para justificar uma semelhante decisão.

Ao mesmo tempo tem manifestado a famosa Companhia «Ebbw Vale Iron & Steel Company» (Companhia de aço e de ferro de Ebbw Vale) a sua determinação de tornar quanto antes a pôr em pleno marcha toda a sua producção. Não são estas as unicas noticias animadoras que nos chegam do Paiz de Galles do Sul, porque a industria da folha de Flandres em Swansea, industria importantissima, mas que recentemente tem vivido em calma, acusa agora um melhoramento muito notavel.

Todas estas boas novas nos chegam do Paiz de Galles simultaneamente com outras igualmente animadoras provenientes da extensa area comercial escocesa á roda de Glasgow. Nesta região, os carpinteiros e marceneiros dos grandes estaleiros no Clyde acabam de voltar ao trabalho depois duma gréve prolongada.

Os estaleiros já teem uma quantidade assaz importante de encomendas para executar, e o facto deles se terem tornado outra vez activos fará com que as fundições e fabricas de aço, que dependem na sua maior parte do trabalho que lhes é dado pelos estaleiros, reassumam tambem a sua marcha normal. Tendo a apoiar estes exemplos definitivos e salientes o que tambem se vai passando em menor escala em muitos outros ramos da industria. Pouco a pouco vai-se acentuando a procura e vão-se liquidando os «stocks» antigos. No condado de Lancastre, aquele grande centro do comercio do algodão, ainda existe uma certa ancidade, mas segundo as ultimas noticias recebidas parece que se animará a procura proveniente dos mercados chinezes. Em consequencia de ter havido uma boa monção na India e de se ter melhorado o curso da rupia, aguarda-se que daquele paiz haja um revivescimento das encomendas para os productos dos mercados lancashirianos.

Quando se restabelece a confiança por um lado, nunca tarda em afirmar-se pelo outro, e não deixa de se revestir de uma certa significação o facto de que na Bolsa se está agora notando uma maior actividade no que diz respeito aos valores especulativos. Porém, durante a semana passada, foi notavel a especulação que houve na Bolsa em acções de Companhias mineiras e industriais, sendo muito frouxa a procura dos valores de classe superior. Talvez se possa considerar isto como um indicio de que o especulador já começa a despertar da letargia em que tem permanecido durante estes ultimos tempos. Contudo, dadas as circunstancias actuais, uma especulação desenfreada não seria nem vantajosa nem desejavel!

Annie Joanna Shaw Barbosa

FALECEU

Alvaro Rogerio de Aguiar Barbosa, Carlota Barbosa Meireles e Vasconcelos, seu marido Francisco Meireles e Vasconcelos, João de Aguiar Barbosa e sua esposa, Louise Marler Barbosa, Luis de Aguiar Barbosa e sua esposa Amelia Johnston Barbosa (ausente), Elisa Teixeira de Aguiar, Maria do Gloria Aguiar, Maria Carolina Barbosa Carmona e seu marido Rosie Shaw (ausente), e mais familia participam ás pessoas de suas relações o falecimento de sua muito querida esposa, cunhada e sobrinha e que o seu funeral se realisa no dia 24 do corrente, ás 16 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, Avenida Miguel Bombarda, C C, r/c. D, para o Cemiterio dos Prazeres.

Poeira da Arcada

O sr. dr. Afonso Costa telegrafou hoje a alguns amigos, tanto pessoais como politicos, apresentando as suas despedidas por se retirar em breve para o estrangeiro. A investigação não o atinge.

✦ ✦ ✦

O senador por Cabo Verde, sr. Augusto de Vera Cruz, está elaborando varios projectos relativos aquela provincia, os quais tenciona apresentar na proxima sessão legislativa.

✦ ✦ ✦

O comité Inter-Aliado de Londres pediu ao governo portuguez, assim como a todas as nações aliadas que se fizessem representar na proxima exposição de instrumentos de guerra, que no proximo mez de novembro se efectuará em Liverpool.

✦ ✦ ✦

O Conselho Superior Tecnico de Marinha emitiu já parecer acêrca das reparações de que o cruzador «Almirante Reis» carece. Esse parecer é contrario ao aproveitamento do navio, cujas reparações, ao que diz, importariam em cerca de 3.000 contos, verba com que seria possivel adquirir em Inglaterra um barco moderno, de valor militar.

✦ ✦ ✦

Foi exonerado de ajudante de campo do sr. ministro da marinha, o segundo tenente sr. Moreira Campos, que vai servir na marinha colonial.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do comercio partiu hoje de manhã para a Figueira da Foz, com alguma demora.

✦ ✦ ✦

A comissão parlamentar de inquerito ao ministerio da guerra reune na proxima segunda feira, pelas 15 horas, numa das salas do Congresso da Republica.

✦ ✦ ✦

As operarias reformadas da companhia dos Tabacos, procuraram hoje o sr. ministro das finanças, para instar por melhoria de reforma.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro dos estrangeiros, sr. Melo Barreto vai informar-se detalhadamente sobre a situação dos portuguezes residentes em Manaus.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do Comercio recebeu amanhã uma comissão delegada dos corticeiros do Barreiro e uma outra das Juntas de Freguesia de Lisboa.

Carestia da vida

O pão de 3 tipos só principia a vigorar na proxima semana

Os representantes da moagem e da panificação do Porto voltaram hoje a conferenciar com os srs. ministro da agricultura e dr. João Braga, delegado dos abastecimentos do norte, com quem trocaram demoradas impressões acêrca da execução do novo lei estabelecendo naquela cidade. Nada, porem, ficou assente sobre o assunto. Os padeiros de Lisboa estão espalhando que começam amanhã a vigorar os novos tipos de pão, com aumento de preço deste genero. E' absolutamente falso, parecendo que esse boato tem fins tendenciosos.

Pelo novo regimen, que só para a semana poderá entrar em execução, o actual pão de segunda qualidade passa para terceira, mantendo o seu preço de 40 centavos; o de primeira passa para segunda e desce de 1$20 a 62 centavos. O novo tipo de pão fino vender-se-ha a 2 escudos, mas será apenas consumido nos hoteis, restaurants, casas de pasto, etc.

O valor do nosso escudo no Brazil

RIO DE JANEIRO, 23 — O valor do escudo portuguez é de 750 para venda e 800 réis para compra.

O cambio sobre Londres encontra-se a 8 7[16 e 8 1[2. — (A.)

Vida Sportiva

Concurso hipico

Estão despertando grande interesse no nosso meio sportivo as provas hipicas que se realisam no Parque do Estoril nos proximos dias 24, 25, 27 e 29 do corrente para as quais já se contam grande numero de inscrições, e em que se disputam valiosos premios.

Reaparecem neste concurso dois afamados cavaleiros que ha tempo se encontram afastados do hipismo e que são Silveira Ramos e Delfim Maia.

Nos 4 dias de concurso efectua-se além do comboio das 13 horas, um especial ás 14 horas.

Festa no Stadium de Lisboa

A comissão de festas da Sociedade de Instrução Militar Preparatoria n.º 5 continua trabalhando activamente na organisação da festa sportiva que vae realisar no proximo dia 2 de outubro no Stadium de Lisboa, para a qual conta com a cooperação de varias colectividades, taes como: O Sporting Club de Portugal que se encarregou da organisação dum desafio de football para primeiras categorias com o Casa Pia Atletico Club, afim de disputarem entre si uma taça oferecida pela mesma comissão.

Tambem a U. V. P. coopera neste festival organisando uma prova ciclista de 50 kilometros onde será disputada a taça «Conde de Fontalva». Haverá outros numeros sportivos como box, esgrima e ginastica. O comando geral da G. N. R. cedeu já uma das bandas de musica bem como as forças necessarias de honra ao ex.^mo Presidente da Republica, governo e corpo diplomatico. A corporação de alunos da I. M. P. n.º 5 apresentar-se-ha na sua maxima força com bandeira e terno de cornetas.

A CAPITAL

3895 — 12.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.°; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 24 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

POLITICA

O MISTERIO DOS 50 MILHÕES

Breve analise a recentes declarações do "Credit" — Depoimentos contradictorios — Necessidade da acareação de certas testemunhas — Quem inventou Jafferson Williams? O "Credit" diz que não foi ele!...

Segundo um telegrama publicado hoje no «Seculo», da manhã, o conselho de administração do «Credit International d'Anvers» vai lançar a publico uma nota, com preciosas informações acerca do celebre «Affaire Jafferson-Costa». O correspondente do «Seculo» em Paris conseguiu obter interessantes pormenores ácerca da referida nota oficiosa e o jornal publica-os na integra. Pois nós dizemos que basta lê-los para se compreender que começa já a fazer-se a acareação entre o sr. Afonso Costa, o famoso Jafferson Williams e os restantes comparsas da negociata que poz sob ferros alguns homens, cuja reputação de honestidade chegou a ser atestada em pleno Parlamento e pelo actual governo. Parece, pois, que, para se apurar a verdade completa, não será absolutamente necessario que o sr. Afonso Costa venha depôr á Boa-Hora, visto que o grandecissimo estadista tanta repugnancia mostra em elucidar, com o seu verbo portentoso e a sua radiosa presença, o complicado enredo do «Misterio dos Cincoenta Milhões».

Os depoimentos publicos são já contradictorios. Passemos a demonstra-lo.

Primeiro, esta declaração:

O conselho afirma ter acreditado e acreditar ainda na honorabilidade de Williams e considera as notas de Washington, do visconde de Alte, sobre essa personagem, redigidas com uma ligeireza censuravel.

Ha contradição entre este atestado de bom comportamento, passado ao «escroc» Jafferson Williams pelo conselho de administração do «Credit», e as informações colhidas pelo Visconde de Alte nos meios financeiros de Nova-York e Washington, entre as quaes avulta a referencia ao governador Folk, que negou ter jamais conhecido pessoalmente o Jafferson, embora tradicionalmente suspeita da existencia em Paris dum individuo desse nome, com reputação mais que duvidosa.

Segue-se a segunda declaração do Credit:

Williams, segundo a correspondencia publicada, foi apresentado na legação de Portugal num momento em que, deve dizer-se, não estava ali o ministro Chagas, pela embaixada dos Estados Unidos.

E' mentira. Williams nunca foi apresentado na Legação de Portugal pela Embaixada dos Estados Unidos. O que consta dos documentos é que, a certa altura e já quando o negocio ia de vento em pôpa, o «Credit» pediu informações acerca de Williams ao adido comercial dos Estados Unidos junto da Embaixada em Paris. A resposta não serviu (ou não devia servir) de abonação a Williams, visto que o adido norte-americano se limitou a referir que ele, Williams, lhe dissera que estava em Paris como representante de grupos financeiros, etc., etc. O diplomata não conhecia Williams e limitou-se a repetir o que ele lhe dissera. E isto por escrito. Se Williams alguma vez foi á Legação de Portugal e lá deu entrada, apresentado por alguem, não se sabe quem foi esse alguem nem quem recebeu a apresentação, que, aliás, não foi o sr. João Chagas, como confessa a nota oficiosa.

Terceira declaração:

O conselho acrescenta que o adido comercial americano não teria recomendado um cavalheiro de industria. O conselho julga saber que Williams esteve em relações de negocios não com o ministro francez das regiões libertadas, mas com o ministro francez das Finanças.

Mais mentiras. O adido não recomendou Williams, como acima dizemos. Quanto ao «truc» das relações de Williams com o ministro das finanças da França, é afirmação puramente gratuita, que nem analise merece.

Quarta declaração:

O conselho ignora se a iniciativa do emprestimo de «Cincoenta Milhões» partiu de Lisboa ou de Paris, de Afonso Costa ou de Bernardino Machado.

Eis a parte mais interessante da nota oficiosa do «Credit». A contradição entre este depoimento e o do sr. Afonso Costa é flagrante.

Se fossemos juiz criminal gritariamos, sem mais demoras: «Reum habemus confitentem». Mas não somos. Limitamo-nos, por isso, a demonstrar a contradição, deixando á opinião publica a liberdade de se manifestar como entender.

Diz a nota que «o conselho ignora se a iniciativa do emprestimo partiu de Lisboa ou de Paris, de Afonso Costa ou de Bernardino Machado». Se o conselho ignora donde partiu a iniciativa do emprestimo, é porque não partiu dele, conselho. Foi em Lisboa ou em Paris que se engendrou a manigancia, diz o conselho. E o seu autor foi (conclue o «Credit») um destes dois homens publicos: Bernardino Machado ou Afonso Costa.

Mas o sr. Afonso Costa depoz contradictoriamente com tudo isto. Em 10 de maio de 1921 enviava de Paris um telegramma ao governo portuguez em que dizia que «Nogueira Pinto o procurara no dia 6 e lhe entregara, em nome do «Credit International de Anvers», a proposta para o contracto-burla, proposta que o sr. Afonso Costa envia, na integra, no mesmo despacho. O sr. Afonso Costa diz, pois, que a iniciativa da negociata partiu do «Credit», o que este nega, não sabendo, ao certo, se tal iniciativa partiu do sr. Afonso Costa ou do sr. Bernardino Machado. Estes dois depoimentos são, manifestamente, contradictorios. Ouça-se, pois, o sr. Bernardino Machado, que é um dos homens publicos visados pela nota do «Credit» e que não pode ficar silencioso (nem é homem para isso!...) sob pena de se lhe aplicar a sentença que manda tomar como confissão o silencio obstinado dos homens que sistematicamente se calam.

O «Credit», na sua nota oficiosa, arremessa sobre os homens publicos que cita uma venenosa insinuação. A negociata foi imaginada, sem duvida, por Jafferson Williams, mesmo que ele não tenha sido, de certa altura em diante, senão um simples instrumento. Mas a quem foi que o Jafferson se poz, primeiro que a ninguem, o plano do emprestimo?

Não foi ao «Credit», diz este. Foi ao sr. Bernardino Machado? Parece que não. E, por exclusão de partes, chegamos á conclusão de que o «Credit» acusa o sr. Afonso Costa de ter inventado o Jafferson Williams, depoimento em manifesta contradição com as afirmações do ilustre estadista, que, nos documentos publicados, diz nunca ter tratado com Williams, mas sómente e exclusivamente com o «Credit» e, nas entrevistas para os jornais, declara que não conhece o Williams, a quem falou, por falar e do qual apenas conservou a recordação de que era «um homem duro, muito duro, que só dizia «all right».

E, para terminar, estoutra declaração:

O conselho de administração diz ignorar e lamentar as especulações de cambio que ocorreram destes factos, sendo o seu unico fim obter fundos para o Paiz.

Então os srs. Pedro de Araujo, Melo Sousa e os outros financeiros, a contas com o juizo criminal da Boa Hora, não faziam parte do organismo financeiro que assentou arraiais em Madrid, sob a designação de «Consortium Bancario Portuguez», destinado para Anvers um dos seus ramos, sob a designação de «Credit International»?

Não acrescentamos mais nada, por hoje. Mas concluimos assim, mais uma vez: é indispensavel que o Juizo Criminal ouça os depoimentos de alguns homens publicos e, primeiro do que qualquer outro, o do eminente estadista, honra e gloria da Patria, o sr. Afonso Costa.

O roubo de 250 contos do Banco do Brazil

Uma grande quadrilha cujas ramificações se estendiam por todo o Brazil

O caso terá ligação com a celebre quadrilha internacional?

O interesse que este caso despertou nos nossos leitores leva-nos a proseguir na pormenorisação desta complicadissima meada de crimes e criminosos, em que as mulheres tomaram uma parte muito importante.

Jeronymo Pegatti, dissemos outem, era o chefe da quadrilha para a execução dos crimes, porque o Chefe espiritual, a cabeça pensante, o consultor juridico da quadrilha, digamos, era o Dr. Caio Monteiro de Barros, advogado nato de Julio de Moura, Pegatti, e quantos outros patifes, componentes desta terrivel associação de malfeitores.

A' força de conviver com eles, chegou a identificar-se, tomando parte nos crimes que ele proprio concebia, e o outro dando-o a executar, recebendo o seu quinhão na partilha dos despojos, e tomando publicamente a defesa de todos, indicando á policia pistas falsas, desviando suspeitas, fazendo-as habilidosamente recair sobre outros inocentes que ás vezes iam parar aos carceres em vez dos verdadeiros criminosos.

Para que tudo isto pudesse fazer-se com eficacia, o dr. Caio creara por conta e acordo da quadrilha um jornal, «O Combate», que andava na circulação, estabelecendo theses e criando as opiniões que mais convinha aos interesses particulares e sobretudo fazer desviar suspeitas.

Uma das formas de escamoteação

Os depoimentos das testemunhas tem lançado muita luz neste complicadissimo processo. Os vigoristas, como eram pessoas apresentaveis e dispunham de recursos, atraíam pessoas endinheiradas e convenciam-nas de que possuiam a faculdade de reproduzir notas.

Uma dessas testemunhas foi o sr. Domingos Tamanqueira que não caiu no logro. Conta ele que este conversando com José Pinto de Azeredo, dado momento este lhe disse: «Conheço um americano que tem uma machina de reproduzir dinheiro».

Respondeu a Azeredo que este dinheiro só podia ser falso, ou que ele respondeu: «Não! é dinheiro bom, e pode ser levado a qualquer Banco ou á Caixa de Amortização».

Azeredo, então, adiantou que eles precisavam de um capitalista para entrar com o dinheiro, a fim de fazerem a reprodução, ponderando o sr. Tamanqueiro que quem tinha uma machina de tal ordem não precisava do auxilio de nenhum capitalista, pois que com tal machina o seu proprietario só por tal processo estaria milionario.

Azeredo então explicou ao depoente que eles eram passadores do «conto do vigario», que já tinham embrulhado muita gente, e que não lhe propunham o negocio porque sabiam que ele não caía no conto. José Pinto de Azeredo referiu então os nomes dos membros da quadrilha, membros esses que eram os dr. Aristoteles Ferreira, um americano, que Azeredo disse ser engenheiro da Light, e um outro cujo nome não disse.

Combinou-se uma experiencia dai a dois dias no escritorio do Azeredo, onde se apresentou, tendo Azeredo encontrado então as seguintes pessoas: um homem cheio de corpo, cara larga, bastos bigodes pretos, trajando roupa de casimira escura e chapéu de feltro, tendo subido na ocasião por Azeredo ser Jeronymo Pigatti; um outro baixo, corpo regular, trajando roupa de casimira, e que o declarante soube chamar-se Acacio Ferreira, Pigatti, dirigindo-se ao declarante, comunicou com o dr. Aristoteles Ferreira, dizendo-lhe: «O homem já está cá, você venha».

Poucos minutos depois chegava á porta da estancia um automovel, do qual se apearam dois homens, sendo um, estrangeiro, tipo de americano ou inglez, alto, louro, um pouco magro, calvo, cara rapada, 40 anos presumiveis, que trazia na mão uma mala de lona, largura regular, de 70 ou 80 centimetros de comprimento, e o outro, que o declarante reconheceu ser o dr. Aristoteles Ferreira, advogado, tendo sido tambem por ele reconhecido, pois, ao entrar, o dr. Aristoteles lhe apertou a mão, dizendo-lhe que já o conhecia.

Surge o alto vigarismo — 50 contos que falharam

O americano, abrindo a mala, começou a tirar do interior da mesma uma porção de vidros contendo liquidos, uma pequena machina, especie de maçarico, que pôz alcool, atendo fogo. O americano pediu ao declarante duas notas novas para reproduzir, sendo-lhe apresentadas duas cedulas de 500 mil réis, e o americano, examinando-as com uma lente, afirmou não serem boas para reprodução. Nesta ocasião o sr. Aristoteles apresentou uma nota nova de 50 mil reis, entregando-a ao americano para ser feita a reprodução. Recebendo-a o americano começou a passar vários liquidos na mesma, levando-a á chama, fazendo certos passes que o declarante percebeu serem simulações, e colocou-a no meio de diversos papeis a mata-borrão. Enquanto assim procedia o americano, o dr. Aristoteles, aproximando-se mais do declarante, disse-lhe: «Veja, sr. Tamanqueiro, o que o americano não fizer, ninguem faz neste mundo, isto que o sr. está vendo é apenas uma experiencia para constatar como isto é verídico; depois que o senhor verificar as notas são verdadeiras e se certificar de que as mesmas notas, o sr. levar ao Thesouro os 50 contos, nós o levaremos á nossa casa, onde temos uma loja e onde temos uma machina para fazer isto em [illegible]...

que está sendo feita é muito trabalhosa; nós colocaremos os 50 contos dentro de uma caixinha, com os preparados chimicos, pômos tudo dentro de uma maquina, fechamo-la e entregamos a chave, e á hora marcada o senhor vem abri-la e então nós lhe entregaremos o dinheiro que já estará reproduzido».

Passados alguns minutos, o americano tirou de dentro das folhas de mata-borrão a nota que ali havia posto, e mais duas, que disse serem as reproduzidas; tomando-as, verificou o declarante serem notas legitimas do Tesouro Nacional, e que, aparentemente preparadas, haviam sido colocadas entre as folhas de mata-borrão.

Tendo o sr. Tamanqueira em mira apenas satisfazer uma curiosidade passoal, deu a coisa por terminada nesse dia, retirando-se em seguida, convencido de que tudo aquilo não passava de uma grossa «chantage». Dias depois José Pinto de Azeredo afirmou ao declarante que eles estavam promptos a fazer a experencia, á vista do declarante, com notas de 500 mil réis, respondendo-lhe o declarante que não queria negocios com semelhante quadrilha de ladrões, e que o dr. Aristoteles, se algum dia o encontrasse, fingisse não o conhecer, pois o declarante tinha medo que a sua baba pecuniaria pudesse atingi-lo.

Pelo grande interesse que este processo celebre oferece, respigaremos novos permenores que constam do volumoso libelo acusatorio.

PROCESSOS CELEBRES

Ouvindo o juiz do 2.° Districto Criminal

Por aquele districto criminal teem passado os processos mais celebres, como por exemplo, o das 35 mil acões, "Leva da Morte", José Julio da Costa, e, finalmente, o dos 50 milhões de dollars

Tivemos ainda ha pouco ocasião de falar ao ilustre magistrado sr. dr. Julião de Serra Sarmento, juiz do 2.° Districto Criminal de Lisboa, por onde corre o já tão discutido processo dos 50 milhões de dollars.

No seu acanhado gabinete, no imundo pardieiro da Boa-Hora, fomos encontrar s. ex.ª enterrado num confortavel «naple», contemplando, distraido, as espirais azuladas do fumo do cigarro «bout doré».

Sobre a mesa esperava o exame do integerrimo juiz um montão enorme de processos e a correspondencia que o continuo acabava de trazer.

O delegado do Procurador da Republica, sr. dr. Pais Rovisco, apresenta-nos ao magistrado. Trocámos um «shak-hands» e fomos direito ao assunto da nossa palestra:

— Pode v. ex.ª dizer á «Capital» quais os processos mais interessantes que teem passado por este districto criminal, nos ultimos anos?

O sr. dr. Julião Sarmento esboça um levo sorriso, e exclama:

— Palavra de honra que eu estava longe de esperar a sua pergunta!... Julguei que se tratava de obter informes acerca dos 50 milhões!...

— E julgou V. Ex.ª muito bem — dissémos nós.

«O processo dos 50 milhões de dollars faz parte do questionário da nossa entrevista.

O sr. dr. Sarmento começou, depois por nos oferecer uma das suas cigarrilhas de tabaco perfumado:

— Por este districto criminal passam anualmente, em média, uns trez mil a trez mil e quinhentos processos, processos que, como V. compreende, exigem um esforço intelectual deveras consideravel, tanto mais se atendermos a que eu oiço, tambem em média, umas quinze mil testemunhas!

E o distinto magistrado, que é tambem deputado pela maioria, comenta:

— Ora veja o meu amigo, pelos numeros apresentados, o trabalho extenuante e o esforço que é necessário para dar expediente a tudo isso! Dias ha, como me sucedeu ainda ontem, que eu sou forçado a conservar me encerrado no meu gabinete sem tomar o mais leve alimento, tão pouco é o tempo de que disponho para cuidar de mim!

E acendendo o cigarro que deixara apagar, o sr. dr. Julião Sarmento continua:

— Demais, e já não falo do meu mandato de deputado, aparecem-me por vezes processos de tal maneira trabalhosos e importantes, que eu vejo-me e desejo-me para conseguir despachar toda a papelada que me aparece em cima da secretaria!

«E olhe que é fatalidade, palavra de honra! Os processos mais ruidosos e pelos quais a opinião publica mostra mais interesse, veem sempre parar ao districto de que sou juiz!...

«Não falando de outros mais antigos, passaram-me pelas mãos os processos das 35 mil acções; da «Leva da Morte»; do assassino do dr. Sidonio Pais, e por ultimo apanho a grande estopada da tremenda embrulhada dos 50 milhões de dollars!

E rindo deveras, o juiz exclamou:

— Olhe que já é ter azar!...

— A proposito dos 50 milhões não pode v. ex.ª dizer alguma coisa á «Capital»?

— Como deve calcular, o processo constitui ainda segredo de justiça, e nada posso dizer a tal respeito. Afianço-lhe que ninguem, nem o proprio director da Policia de Investigação, tem conhecimento absoluto do importante processo, pois já depois de ele estar aqui entregue bastante se tem feito de interessante; esses factos só eu unicamente conheço.

«O que lhe posso garantir é que procurarei lançar sobre o assunto a maior luz, sem jamais me deixar influenciar por pedidos ou insinuações de qualquer especie.

«Serei um integerrimo cumpridor da lei, como não podia deixar de ser, e ás vezes magoam-me as insinuações da Imprensa como ultimamente sucedeu com uma local publicada num diario em que se insinuava a minha falta de criterio por ter só arbitrado a fiança de mil contos aos individuos implicados na questão dos 50 milhões.

«Ora, que eu saiba, ainda ninguem inventou o raio X das consciencias, e portanto ninguem pode adivinhar o que eu penso acerca do processo.

«Demais, tanto vale aplicar a fiança de mil contos como a de dez ou quinze mil, pois qualquer dos quatro afiançados facilmente conseguiam quem os afiançasse nessas importantes quantias!

E concluindo, o sr. dr. Julião Sarmento, disse-nos:

— O que v. pode afirmar no seu jornal é que eu estou disposto a cumprir o meu dever de magistrado, dôa a quem doer, toque a quem tocar!

— Uma pergunta ainda: V. ex.ª tenciona ouvir o dr. Afonso Costa?

— Porque não?! — exclama o distinto juiz — Se o seu depoimento fôr indispensavel, o que por enquanto não se sabe, o dr. Afonso terá de vir depôr perante mim, pois para o caso é simplesmente uma testemunha como qualquer outra!

Justiça da India

São frequentes os boatos, ás vezes seguidos de tentativas de revolta, que em geral não tem justificação.

Um dos jornais da India portugueza, denominado «Terra», de que é redactor o jornalista sr. Liberio Pereira, não se conformando com o caso, entendeu aventar a ideia de que tão frequentes tentativas de revolta eram apenas pretexto para certas maniganeias da vida oficial, acaso nomeação de comissões, etc.

Não se conformou a oficialidade com as opiniões do jornalista, e procurou tomar desforço pela forma que o proprio jornal, numa interessante narrativa, descreve com certa simplicidade que abaixo reproduzimos:

Uma cilada?

«Chega á porta da casa vizinha áquela em que funcionam as oficinas e a redacção da «Terra», um automovel com o oficial que é ajudante do governador deste Estado.

Entra para aquela casa e, por uma sua comunicação interna, o ajudante se introduz dentro, e convida o director do jornal a uma conferencia num gabinete em sua camarada em outro local.

O serviço de prévia espionagem tinha-o orientado bem sobre tudo. Não estamos a escrever um romance, mas a sumariar um facto gravissimo. O jornalista extranhou o original convite, pa a uma original entrevista, observa que el lhe pode falar tudo aquele que [illegible] dirigir-se-lho. E' lhe, porém, espontaneamente, assegurado, sob palavra de cavalheiro o do oficial, que se trata tão sómente dum entendimento leal e digno. E, como lhe fosse dito que não tivesse medo — a um jornalista que, poucos dias antes, não fugira a duas scenas de pugilato — o nosso director, sr. Libario Pereira, naturalmente esporeado pos seus brios, sai, a despeito das instancias dos tipografos para o não fazer.

O automovel corre. Chega ao local designado. Desce o oficial, e desce o jornalista que, avistando-se com mais militares, lhes disse que expuzessem o que desejavam.

Eles, porém, numa grande algazarra, intimaram a que entrasse de novo no auto. Recusou-se. Foi forçado. Resistiu. Um dos oficiais dá-lhe empurrão, ao mesmo tempo que os outros o cercam. O sr. Pereira corresponde tambem com outro empurrão. Ha luta dum, de resto de compleição debil, contra os mais, munidos de um verdadeiro arsenal de cavalos-marinhos e bengalas. A brutalidade da scena deixa atonitos os viandantes. O sr. Pereira, ferozmente maltratado e subjugado com uma violencia inaudita, é arrumado para as almofadas do carro. O nosso director retruca-lhes:

— E' muito bom tratar assim um homem desarmado, cativo de quatro pessoas.

E, voltando-se para o ajudante do governador, pergunta-lhe:

— E' com esta lealdade que eu deveria contar? Não é assim?

A «Terra», de 6 de Julho, descreve o episodio, embora com larga brandura da victima, como deve constar do confronto do depoimento das testemunhas no juizo da comarca.

Prova de coragem

Raptado o sr. Pereira, o auto, com cortinas corridas, e guiado por uma praça do exercito, desfila, vertiginosamente, por pontos afastados, em direcção de Cortolim. O jornalista é terrorisado com revolver, injurias e ameaças para o presente e o futuro a fim de lhe arrancarem declarações infames e de o obrigarem a «compromissos» indignos que tolhessem a sua acção jornalistica e para sempre exautorassem o jornalista.

As sinistras figuras que, para tanto, fazem rolar as suas argoladas com um artigo de 29 de junho (de seis dias antes), desenganadas em extorquir do jornalista o que mercava o plano que executavam — iam consumar a obra. Tendo o sr. Pereira conseguido com energia que nada conseguiriam dele, embora lhe trassem a vida, e tudo os seus agressores pressentido que o rapto foi testemunhado em Margão, e portanto o estado que o desaparecimento do director da Terra lhes seria atribuido, — quizeram que ele se comprometesse a não fazer barulho em volta do sucedido.

O nosso director, coacto, poderia ter-lhes respondido favoravelmente. Mas seguiu a sua norma: não se comprometeu a tal. E isso mesmo aceitou formalmente ao ajudante do governador, que era quem dirigia tudo.

Afastaram-se os quatro comparsas para uma barraca de «olas», onde combinaram qualquer coisa. E ele que tinham dado por finda a sua jornada heroica, fizeram regressar o «captivado» pelo mais alto e robusto dentre eles, que é individuo para brigar com cinco Liberios Pereiras e, fisicamente, é o mais forte dos militares existentes na provincia e já experimentado nestas contendas.

De volta, não inspirou a menor desconfiança. Mas a certa altura desce, e pede ao jornalista para descer tambem, insiste em que lhe quer dar uma explicação. Ele lhe um nivel mais alto da estrada, fita o cimbre direito do ofendido e descarrega-lhe uma pesada de ferro para lhe inutilizar o braço, quando o lado esquerdo é que é mais acessivel. O sr. Pereira defende-se como pode. Mas o formidavel «boxeur» derruba-o com socos, socos. Ha baque dum corpo. Da parte do ofensor, há pressa em furtá-lo ás vistas indiscretas. Precipitadamente, carrega com o fardo e o arremessa para dentro do automovel, que vôa até á residencia do vitimado, onde o deixa, ainda a sentir mais golpes

UM CRIME GRAVISSIMO

GATUNOS DE CREANÇAS

O anarquista José de Souza Coelho já se encontra enclausurado na Torre de S. Julião da Barra, e o bolchevista italiano Giovanni Michaelli aguarda, dentro dos calabouços do governo civil, um navio que o conduza directamente á Italia

Como tinhamos dito na larga noticia que publicámos com o titulo acima, o José de Souza Coelho, o individuo preso a quem foi encontrada a carta que aqui hontem publicámos, e em que se provava o sequestro duma infeliz creança, foi entregue á 1.ª Divisão do Exercito, pois o criminoso confessou ser soldado da Companhia de Telegrafistas de Praça.

O José Coelho está recluso na Torre de S. Julião da Barra, continuando a negar que tivesse conhecimento do conteudo da carta que lhe foi encontrada, e que lhe foi dado a guardar por um individuo qualquer que não pode precisar, quando ele exerceu o cargo de secretario geral da «Federação da Juventude Sindicalista».

Apezar da sua prisão ter sido motivada por vivos subversivos que o preso soltou no Café Colonial, conforme relatámos na «Capital», e está escrito na participação da ocorrencia, dada pelo agente da P. S. E. Henrique Alves, varios individuos que afirmam ter presenceado a sua captura, vieram dizer-nos não ser verdade ter o José Coelho gritado os tais vivas, nem mesmo ter dado motivo a qualquer ajuntamento.

A esse respeito nada sabemos, pois fizemos e fazemos fé pelas declarações do agente captor.

E' o sr. alferes Lebre quem está encarregado pelo comando da 1.ª Divisão do Exercito, de proceder ao levantamento do auto do corpo de delicto pelo crime de deserção, apesar de nos terem afirmado não ser o José Coelho desertor, mas licenciado nos termos dos regulamentos militares.

O preso italiano Giovanni Michelli continua nos calabouços do governo civil, aguardando um vapor que o leve directamente á Italia, pois, segundo noticiámos, tanto o governo francez como espanhol não autorisam que o anarquista passe pelos seus territorios, de tal forma é para temer o italiano!

O mais interessante porém, é que não se espera tão depressa qualquer vapor que vá directamente para a Italia, e o desgraçado Giovanni tem de continuar a apodrecer nos calabouços do governo civil, a menos que a policia lhe não dê liberdade, como já nos consta que esta disposta a fazer.

Uma cidade pelos ares

Explosão de uma grande fabrica, produzindo 3.000 mortes e muitos milhares de feridos

Chegam-nos pormenores de uma irreparavel catastrofe ocorrida na laboriosa cidade de Oppau (Alemanha) ás 7 horas e meia da manhã de quarta feira ultima, 21 do corrente.

O caso passou-se na imensa fabrica de anilinas pertencente á Sociedade Badische Anilinwerke do Oppau, situada na margem do Reno, onde ocupa uma extensão de bons tres quilometros.

Parece que a imensa explosão foi devida a uma depressão dos gazometros que rebentaram, abrindo no solo um buraco de 125 metros de diametro por uns 30 metros de profundidade.

O estampido ouviu-se até muito longe e num raio de cinco quilometros em volta, não ficou inteiro nem um vidro, nem um cristal.

As pontes da cidade de Oppan que não ficaram destruidas, ameaçam serias ruinas, o que levou a mandar retirar de Ludwigshafen e Manheim colegios e varias emprezas industriais, por causa do perigo de novas explosões.

Tambem a povoação de Tiers, nos arredores da cidade, ficou reduzida a um montão de ruinas, e as pedras dos jazigos do cemiterio, voaram a mais de 20 metros de distancia, embora as mais leves pezassem de dez quilos para cima.

As victimas

O computo geral dava o numero das victimas a 3.000, havendo a registar muito maior numero de feridos e mutilados.

A expansão dos gazes fez que portas, janelas, pedras e telhados voassem pelos ares como passaros, determinando uma scena pandemoniaca, a lembrar os espantosos pânicos do Apocalypse.

Os socorros de toda a ordem não se fizeram esperar, mas mostraram-se insuficientes para acudir a tão espantosa catastrofe.

Foram requisitados numerosos veiculos que andam no trabalho de conducção dos mortos e feridos.

A Espanha em Marrocos

Aeroplanes em substituição dos adidos

MADRID, 23. — Em presença das noticias chegadas depois do conselho de ministros reunido a pedido do ministro da guerra para examinar a situação em Marrocos, vão ser enviados novos aeroplanos para substituir os que arderam.

A situação em Marrocos não teve nenhuma modificação grave.

Continuam a chegar promenores sobre o que se passou em Nador e foi presenciado pelas tropas espanholas quando ali entram. — H.

Manifestações ao general Pershing

PARIS, 23. — Continuam as demonstrações de amisade franco-americana por ocasião da chegada do general Pershing. — (H.)

Ecos dos ultimos temporais

O funeral das victimas

Pelas 14 horas de hoje realisaram-se, do Necroterio para o cemiterio de S. Cornelio, os Olivais, os funerais das seguintes victimas do desastre ocorrido na rua de Santa Apolonia, que tanto consternou toda a cidade: Angelina da Conceição, de 26 anos, natural de Abiul; Germana da Conceição, de 13 mezes de idade, natural de Lisboa; Maria Machaqueira, de 50 anos, natural de Alcobaça e João Rodrigues, peixeiro.

Estes funerais foram bastante concorridos.

O relogio da Estação do Rocio

O relogio da estação do Rocio, que dá para o Largo Luiz de Camões, ha dias inutilisado por ter sido atingido por uma faisca, já se encontra em reparação.

Quasi que se podem considerar raras as ruas que não apresentem estragos ocasionados pelos ultimos temporais, encontrando-se as dos pontos baixos da cidade completamente cheias de lama, que, com o circular de camions, automoveis e toda a especie de veiculos deixam os transeuntes todos salpicados. Bom seria, pois, que a Camara Municipal ordenasse a limpeza dessas ruas com o emprego de agulhetas, sem o que a passagem a pé por essas ruas se torna inteiramente impossivel.

Começaram já as obras de reparação do muro fatidico, que soterrou o carro electrico na rua de Santa Apolonia.

Visita ao local do grande sinistro

O sr. dr. Antonio Granjo, presidente do Ministerio, visitou hoje, em automovel, os pontos no Poço do Bispo que mais sofreram com os ultimos temporais. O chefe do governo apeou-se no local do desastre do carro electrico, detendo-se alguns momentos a observar os efeitos da derrocada.

Esta visita ministerial, teve por fim verificar os prejuizos causados pelo temporal, para as devidas reparações

Carestia da vida

A comissão importadora de trigos e farinhas reune extraordinariamente na proxima terça feira, 27 do corrente, pelas 15 horas, a fim de apreciar as propostas que lhe sejam presentes, devendo estas garantir o peso especifico e as datas de chegada dos vapores.

SANGUE DE EPOPEIA

A artilharia portugueza na Flandres

Com este titulo, está a sair do prelo um grosso volume ilustrado, devido á pena do sr. Mateus Moreno, e prefaciado pelo sr. general Abel Hipolito e tenente coronel Meia Pinto.

E' uma emocionante descrição da acção militar portugueza na guerra desde o 9 de abril de 1918 até ao armisticio.

Como antevisão do que será a obra, fazemos aqui, com a devida vénia, a transcrição de um dos seus capitulos:

Depois do 9 de abril

EM AMBLETEUSE

O que é um C. P.—O Deposito Mixto e a «Mão Fatal».—Miserias!—Os artilheiros portuguezes honram a Patria

Em maio a séde do Corpo parte de Samer para Ambleteuse e o C. E. P. *passa a estar subordinado ao general comandante da aria das linhas de comunicação.*

Das tropas, umas continuavam desseminadas lá para os lados da frente, cavando trincheiras, *como os chinezes*, e, quasi como esses, sob as exclusivas ordens dos comandos ingleses; outras, pejando hospitais ou depositos, e outras ainda, em seus acampamentos de verdadeiro exilio, espojando-se desprezivelmente pelos areais em volta das barracas, onde passavam os dias, de manhã á noite, a jogar o *veo* ou á *pataca*...

Apenas alguma artilharia combate ainda, está ainda na frente, sente ainda aquele orgulho tão reconhecidamente seu de se dizer debaixo de fogo!

A 10 de Agosto regressamos de Portugal, onde a doença nos retivera alguns meses em uma casa de saude, e considerava-mos já nos preparativos de uma abalada proxima para a frente, quando o «camion» que de Boulogne nos conduzia estacou rapido ante uma sentinela.

—E' para o Q. G. B, não é isso que vossoria falou?—interroga-nos o «chauffeur».

Olhámos.

Ao lado da porta de um dos predios mais aparatosos da rua que tomáramos, la se destacavam, a «ripolin» negro e no fundo verde rubro de uma taboleta, as tres iniciais pelo «chauffeur indicadas.

—Q. G. B...—repetimos—sim, deve ser isso; e apeamo-dos.

Em frente ficava o Mancha, onde um sol sempre enevoado, como doente, coando-se através das longas nuvens pardas, que nunca cessavam de passar, estendia sob a imensa toalha liquida «camouflages» dos mais extranhos matizes, e junto ao Mancha, onde de instante a instante faziam tambem carreira os hidro-aviões ingleses e couraçados, e nas irrequietas dunas, aqui e ali semeadas de casêlos esguios—«villos»—e tendas de campanha, agonisando de desespero os residuos de baterias heroicas.

Eram pedaços do 1.º, pedaços do 2.º e ainda do antigo 6.º G. B. A., todo ali agora caldeado numa mistela, a que não sabemos ainda, nem queremos saber bem por quê, se lhe dera o nome do ultimo destes grupos.

Feita a apresentação no Comando da Base fomos até ao C. A., que era o Comando da Artilharia.

O C. A. ficava lá em cima, junto dos hospitais e mesmo a nossa direita, quando se sobe para o «front».

Assim no-lo haviam explicado no proprio Q. G., cá em baixo, e como desejassemos imediatamente uma colocação em qualquer bateria, visto que nos fora dissolvida o Grupo e da nossa apenas alguns soldados e oficiais amigos ali estavam ainda, demo-nos pressa em fazer o passeio.

Apresentado, porém, alguem nos consegue perder a guia entre a numerosa papelada das mesas e gavetas, e como não poderiamos seguir para qualquer das unidades já semi-constituidas sem que o papelucho reaparecesse, a fim de nos ser averbada a margem a nova colocação, que porque na realidade era da praxe algumas dias de «quarentena» no D. M., que se encontrava ao lado, a todos que regressavam do paiz ou que pela primeira vez dele vindos se apresentavam no C. E. P., para ai fomos, tambem, aguardar que nos dessem o accessorio destino...

—O D. M., que queria dizer Deposito Mixto, era um complicado arruamento de barracas de madeira e chapa elefante, semelhando toneis enormes semi-partidos sobre o eixo e emborcados no sólo, em longas filas, uns ao lado dos outros.

Dos acampamentos visinhos dirigiam-lhe entuo referencias pouco elogiaveis, e ciosos de saber alguma vois, de tais razões depreciativas atraimos logo nessa tarde o ajudante do Comando.

—Uma miseria, meu caro,—retorquiu-nos este imediatamente. Nem sombras já, tenha porém você a certeza, do que ha umas semanas atrás tudo se encontrava. Então, sim, então é que poderia dizer-se tudo e imensamente mais do que p'rai dizem—porque você nem calcula, não! Havia soldados que se não conheciam, que ninguem sabia que existiam, que ninguem dava por falta ás formaturas e que continuo andavam cá dentro...

Ao outro dia apareciam porém, lá fóra, os écos infamos de roubalheiras e assaltos:

Um oficial que ia passando e que imediatamente se sente agarrado, e sem a carteira... Um soldado perseguido e sovado... Uma velhota franceza, não sei se estrangulada, já em baixo, no escuro...

Os proprios ingleses, parece que indispostos com a visinhança, proibem-nos a passagem pelas suas areas, e pelo cúmulo da humilhação breve surgem os comentarios desesperados das raparigas francesas: — «Oui, Oui, des soldats portugais»..

E cram-no, na verdade, — soldados portuguezes, sim, miseraveis sem direito a patria, mas com a fórda colamenda de portuguezes, conluiados todos numa horda infame, que era em breve conhecida em toda a região sob o epiteto macabro de «Mão Fatal!»

Isto custa a dizer, custa, mas é absolutamente a verdade, — toda a verdade sem rodeios!

O nosso interlocutor, que é um brioso oficial de cavalaria, teve aqui uma ligeira pausa, uma como que hesitação.

...Mas porque não o confessar integralmente, continúa porém, — sim, porque não lhe hei de confessar tudo! Ha quem p'rai tenha propalado e até chegado ao extremo de afirmar, que um oficial subalterno altamente «acachapinado» num dos Q. G. mantinha entendimentos boixos com o miseravel dirigente dessa horda, mas a proprio desconfiança é tão infamante, tão injustamente abjecta, que nem me atrevo sequer a deixar de repeli-la. Não, não posso acreditar!...

Um dirigivel-correio passava, suavemente, por sobre o nosso campo, em direcção ao «front». Os soldados saltam das barracas, ou estacam cá fóra, a acenar com os lenços, enquanto lá de cima fazem o mesmo; depois o dirigivel vae-se afastando, afastando mais, e já todo o sistema, lá ao longe, não é mais do que um simples ponto quasi a perder-se no azul, quando o nosso dialogo recomeça:

—...Sim, peço-lhe que não hesite; a propria ideia de admitir um oficial portuguez cumplice de uma tal infamia era até um desatre para todos nós...»

Um novo silencio, e despedimo-nos. Era já quasi noite.

Da larga fronte do nosso interlocutor deslisavam duas grossas bagas de suor...

Nobre Senhor Deus! Senhor Santo Deus! E seria, na verdade, porque nos areais da politica portuguesa era já de facto reconhecida a necessidade de semelhantes escolrachos sociais, seria por isso que se não espalfou imediatamente com uma bala na pinha o primeiro dos malandros em que se apuraram quaisquer responsabilidades em tamanha vergonha??

Mas se não ha bem que sempre dure, tambem não ha mal que se não acabe, como lá diz o velho proloquio, e na verdade em 13 de agosto, tres simples dias após a nossa apresentação no Comando do Deposito, eis-nos novamente ao lado dos nossos antigos companheiros de bataria.

Não podem esquecer-se pora nunca mais as horas em comum passadas frente á morte, e nós já haviamos passado algumas que tinham mais que jus a serem comumente recordadas.

O 6.º G. B. A., onde agora ingressavamos, era porém uma franquissima amostra dos nossos desaparecidos 1.º e 2.º, uma simples amostra, repetimos, e esta apenas pelo que dos seus queridos destroços ainda ali foramos encontrar.

Da nossa propria bateria, são dois oficiais amigos e dos mais antigos em linhas os que nos veem receber. Um longo abraço,—e eis-nos!

Os restantes, contam-nos, continuam, desde os primeiros dias que se seguiram ao desastre de 9 de Abril, lá p'ra frente, combatendo gloriosamente ao lado dos camaradas inglezes, alevantando ainda, por sobre o esmoronar de tudo aquilo, o clarão vivíno do seu brado.

Ultima Hora

Os eternos 50 milhões

O juiz sr. dr. Julião Sena Sarmento, voltou hoje a ouvir no tribunal da Boa Hora, os banqueiros sr. Alves Diniz e dr. Pedro de Araujo.

Findas as declarações dos 4 membros do «Credit International de Transit Entrepôts Warrants», serão seguidamente ouvidas as testemunhas.

Dr. Sobral de Campos

Foi hoje que no Asilo de Mendicidade o sr. dr. Sobral de Campos fez as suas despedidas aos asilados, na ocasião de abandonar a direcção daquele estabelecimento, em virtude da sindicancia a que foi submetido. O dr. Sobral de Campos fica afastado dos serviços enquanto essa sindicancia se realisar.

Nos refeitorios, na ocasião em que o seu director deles se despedia, os asilados responderam-lhe com uma manifestação de simpatia. No refeitorio das mulheres essa manifestação foi comovente, tendo impressionado quantos assistiram a essa magnifica demonstração de forma como o dr. Sobral de Campos tem exercido o seu cargo.

O director interino do Asilo, sr. Ribeiro de Carvalho, mostrou-se visivelmente comovido com o que acabava de presenciar.

Poeira da Arcada

O vapor «Africa» da Companhia Nacional de Navegação é esperado no Tejo na proxima segunda-feira, de regresso da Africa Ocidental.

✦ ✦ ✦

Por uma vistoria a que se procedeu ao cruzador «S. Gabriel», reconheceu-se que este navio tambem necessita de importante fabrico.

O que é isto?

Recrutamento ilicito de creanças

No *Clarim*, de S. Paulo, lemos o seguinte curioso telegrama, que diz ter sido enviado de Lisboa para aquele Estado:

«Diversas pessoas pediram a atenção da policia para o recrutamento de creanças portuguezas, destinadas aos conventos da França, facto esse que se vem verificando de algum tempo a esta parte.

Começaram já a aparecer os frutos do hibrido conubio do Imperialismo Papal com a Republica Franceza.»

E' bem certo que actualmente os de fóra sabem mais do que se passa em Portugal do que nós que cá residimos.

A confirmar-se esta informação, oferece deveras gravidade e severos comentarios que não teremos duvida de fazer, logo que apuremos o que ha de verdade em tão estupenda noticia.

Com vista á direcção dos Caminhos de Ferro

Os empregados dos «vagons-restaurants» não cumprem com os seus deveres

Escreve-nos o sr. Alvaro Marques para que chamemos a atenção da direcção dos Caminhos de Ferro para a forma como é feito o serviço nos «vagons-restaurants» em serviço entre Lisboa e Porto.

O sr. Alvaro Marques embarcou no dia 21, no Porto, com destino a Lisboa, acompanhado de sua senhora. Como não teve tempo de almoçar naquela cidade do norte e logo que o comboio partiu teve o cuidado de se munir com bilhetes de ingresso nos «vagon-restaurants». Pois apesar de possuir bilhetes respeitantes ao primeiro turno não conseguiu almoçar em nenhum dos quatro turnos.

E isto porque? Porque no primeiro turno almoçaram seis pessoas sem senha, e no quarto turno oito tambem sem senha, só porque os referidos empregados isso conveiu ou agradou.

Ora isto não póde ser. Os empregados dos «vagons-restaurants» são pagos para servir quem lhes apresenta o bilhete, mas um que lhes apareça pelo horas tem o cuidado de se munir com os bilhetes necessarios. Esperamos que a direcção dos Caminhos de Ferro porá cobro a este mau serviço, chamando os empregados dos «vagons-restaurants» ao cumprimento dos seus deveres.

Pela Instrução

Aulas gratuitas

A Junta de Defesa Social instituiu aulas gratuitas de portuguez, francez, geografia, historia, matematica e musica para os Voluntarios da Patria e os filhos dos sócios dos restantes sócios da Liga, sendo professores os srs. Oliveiros Braz Machado, Antonio da Rosa Belo, Luiz de Sousa Lambin e Artur Raposo.

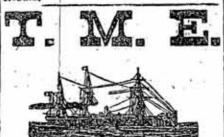
Brevemente serão inaugurados os trabalhos de propaganda do programa com uma conferencia publica do sr. Francisco Duarte Salvado, chefe do secção Curadores do Povo.

Uma justa queixa

Os moradores do predio pertencente a D. Emilia Basto, travessa da Cara n.º 23, queixam-se da existencia dum tapume que foi mandado colocar um quintal pertencente áquela senhora o sr. Abilio Alvaro, o que tem dado ao a que em ocasião de chuvas aquele predio se inunde.

Cronica do furto

89 escudos

Ana de Jesus Soares, moradora na rua dos Herois de Kionga, Vila Duarte, 6.º, queixou-se de que, estando a servir como creada em casa de Isaura da Silva, rua Luciano Cordeiro, 55, 3.º, esta se recusa a entregar-lhe a roupa de seu uso, bem como algum dinheiro do seu ordenado, tudo num total de 89$00.

300 escudos

Os gatunos entraram, por meio de arrombamento, no estabelecimento do sr. Henrique de Lacerda, rua da Boa Vista, 136-138, furtando objectos no valor de 300$00. O sr. Henrique de Lacerda já apresentou queixa á policia.

1.700 escudos

Apresentou queixa á policia um subdito inglez, ao qual, de passagem por esta cidade, para boa recordação, furtaram uma carteira com a bonita quantia de 1.700 escudos.

Provincias Ultramarinas

Conforme foi determinado pelo sr. ministro das colonias, vão ser desde já adoptadas as medidas necessarias para a compressão das despesas das nossas provincias ultramarinas, e que ão de novas receitas, afim de virar que os cofres da metropole sejam, como está acontecendo, frequentemente sobrecarregados com subsidios para as colonias.

Foi fixado em 720$ anuais a gratificação a pagar a cada um dos vogais do conselho de finanças de Cabo Verde.

Foi aprovado um credito especial da quantia de 25 contos para pagamento de despesas feitas com o combate da epidemia de peste em S. Vicente de Cabo Verde que, como se sabe, está já extincta.

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes—Dyspepsia—Catarros gastricos putrido ou parasitarios—nas preverses digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Mancebo».
APOLO—A's 21,30—«Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martire».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Chiado Terrasse

O elenco e repertorio completos do Companhia Luz Veloso que vai explorar o Chiado Terrasse na epoca futura, são os seguintes:

Luz Veloso, Tereza Taveira, Maria Clementina, Alice Pereira, Teodoro Santos, Rafael Gomes, Joaquim Miranda, Abilio Alves, Alfredo Froes, Almeida Cruz Junior, J. Sequeira e Carlos Fernandes.

As peças que compõem os 7 recitas de assinatura são as seguintes (sem atender á ordem da subida á scena): «Mario e Maria» (peça de abertura) de Sabatino Lopez, «A Gioconda» de d'Annunzio precedido de uma conferencia pelo poeta Antonio Ferro, «A Mascara» de Openayer, «O Conselho da Noite» original portuguez de Victoriano Braga, «Por bem fazer...» e «O Milagre da Boneca», de Mario Duarte e Alberto de Morais.

As recitas extraordinarias serão compostas, entre outras:

Dum original de André Brun, no genero da «Vizinha do Lado» que tantas representações deu no Gymnasio; um original da parceria Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes; «Apaixonadamente», de Alessandro Varaldo; uma reprise de «A Migalha» de Nicodemi, outra de «A Sacrificada» de Gaston Devors.

As recitas elegantes, ás 4.ª feiras, terão sempre uma comedia em 1 acto, ou uma conferencia ou concerto a acompanhar o espetaculo. A primeira comedia em 1 acto será «A prima Rosa que casar» de D. Maria Isabel de Sousa Martins.

O mobiliario e decorações das scenas serão da casa Cunha & Cunha.

Começa amanhã a venda avulso.

Encerra-se hoje a assignatura no Chiado Terrasse.

Noticiario

Entre nós

No teatro dos Anjos estão-se activando os ensaios da revista em 1 acto e 5 quadros «O homem macaco», original de Antonio Barbosa e musica do maestro Manuel Benjamim.

Figuram como «estrelas» da companhia, os distinctos artistas internacionais «Serrana e Moreno», bem como a distincta artista Deolinda dos Santos, artistas estes que tantas simpatias gosam entre o publico frequentador deste teatrinho. A «premiére», para inauguração da epoca de inverno, realisa-se brevemente.

— A Companhia Alves da Cunha dará nas Caldas da Rainha, tres recitas com as peças «Duas Causas», «Celebre Pina», e «A Garra». Depois regressará a Lisboa, recomeçando com ensaios d'A Labareda», peça com que inaugurará, em 6 de outubro, a temporada de inverno, cujo programa é deveras brilhante e sensacional.

— Conta 330 fatos o rico e valioso guarda-roupa de Castello Branco para a revista de Sabwalbach «Gato por Lebre» que brevemente se representa no Apolo. E' todo em moldes modernos.

— A empreza do teatro Apolo fechou contracto com o ilustre actor Henrique Alves, para a sua companhia, fazendo já este distinto artista, por amavel deferencia do seu colega e apreciado actor Aurelio Ribeiro, o «compére» da revista de Eduardo Schwalbach, «Gato por Lebre» que no dia 1 sobe á scena naquele teatro.

Reclamos

Apolo

Só a inundação absoluta de todas as dependencias do «Apolo» o não qualquer outra razão ai criminosamente inspirada, conseguirá ou poderá ainda conseguir interromper a triunfal carreira do «Burro em Pé» que hoje ali se repete.

Margarida Vasquez Perez Blanco
Viuva de Pulido
FALECEU
R. I. P.

José Jeronimo Vasquez e sua mulher, Tereza Vasquez de Garcia, seu marido e filhos; Maria das Dores Vasquez Perez, Gaspar Perez Blanco e sua mulher, Maria das Dores Perez Blanco (ausente) participam aos seus parentes e pessoas de suas relações o falecimento de sua querida irmã, cunhada, tia e sobrinha, confortada com todos os Sacramentos da Igreja e que o seu funeral se realisa amanhã 25 pelas, 10 horas saindo o prestito funebre da rua de S. Bernardo, 116 para o cemiterio Ocidental.

VIDA SPORTIVA

Box

Campeonato nacional de profissionais

Reina grande entusiasmo, no meio sportivo, pelo primeiro campeonato de box para profissionais, iniciativa do jornal «Os Sports» que na primeira quinzena do mês de Outubro o leva a efeito, de colaboração com a Federação Portugueza de Box numa das melhores casas de espectaculos.

Entre outros pares que concorrem a esta importante prova oficial o campeão portuguez Silva Ruivo, Faustino Pereira, João Rosa Brito, Manuel Guita, Tavares Crespo, (do Porto), Oscar da Silva, Abel da Cunha e José Lesli.

Touradas

Setubal

Tem elementos artisticos muito apreciados e uma magnifica parte comica a corrida de amanhã. Por isso e porque são muito baratos os bilhetes, deve haver concorrencia e deve sair o publico satisfeito. São lidados 10 touros e vacas do sr. J. Pedro de Oliveira, toureando a cavalo um amador e o arrojado artista F. Bento de Araujo, e a pé os artistas F. Felix e A. Carvalho, os praticantes Elias Cardoso, João Simões e Ruy Coelho e os espanhóis Norreis. As pegas serão feitas pelo destemido Baysim, com a sua gente.

Ha dois intermedios comicos, desempenhados pelo famoso Antonio Prolo (de Algés) com a sua «troupe»: «A Charlotada» e «As Cartolinhas».

Ha comboios a preços reduzidos.

Alcochete

Toureia amanhã em Alcochete o valente matador de novilhos Ploz Flores. A corrida está bem preparada, havendo dez bons touros do sr. F. Silva Vitorino para o espada e para o arrojado cavaleiro Justiniano Gouveia, bandarilheiros E. Cebola, F. Felix, J. Dias e A. Carvalho e praticantes Fernando Henriques e J. do Carmo.

Ha dois grupos de forcados, de que serão cabos dois destemidos pegadores, o Manuel Burrico e o Antonio Carraça. Do Terreiro do Paço ha carreiras continuas. Ha duas bandas; a do Samouco e a de Alcochete.

A CAPITAL

3896 — 12.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.°; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 26 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

POLITICA NACIONAL

O «Seculo», de hoje, publica uma larga entrevista com o sr. presidente do Ministerio, dr. Antonio Granjo, e nessa entrevista, por varios titulos interessante, encontram-se expressadas opiniões que, por vezes, revelam uma observação inteiramente justa e sensata.

Assim, para só citarmos um exemplo, o sr. Antonio Granjo, declarando que até ele proprio tem sido instado para fazer uma dictadura, afirma-se abertamente contrario a semelhante expediente politico, o qual não colide apenas com a verdadeira essencia dos principios republicanos como, pelas experiencias já realisadas, se tem mostrado funestissimo, levando a considerar o remedio com vezes peor do que o mal de que devia preparar a cura.

De resto, o sr. Antonio Granjo não necessita por forma alguma de fazer dictadura.

De que pode queixar-se o sr. Antonio Granjo? De não ter força? E' V. Ex.ª mesmo que nos afirma ter á sua disposição todas as tropas necessarias para prejudicar qualquer movimento adicioso. E quanto á força que a opinião publica lhe poderá proporcionar, deixe-nos o sr. Antonio Granjo dizer-lhe que só a não terá se a não quizer possuir.

Para conquistar a confiança publica, e mais ainda o entusiasmo da nação, basta que haja um governo que saiba corresponder ás duas grandes apreciações que neste momento se patenteiam na sociedade portuguesa. Uma tem sobretudo um caracter material e a outra tem sobretudo um caracter moral. A primeira refere-se á carestia da vida, a segunda incide sobre os escandalos que ultimamente se teem notado, e aos quais se deve aplicar um castigo merecido.

Ninguem reclama, nem ninguem espera que o sr. Antonio Granjo, dum momento para o outro, possa fazer regressar o custo dos generos e artigos de primeira necessidade aos preços anteriores á guerra. Mas de ahi até consentir que eles decupliquem, e permitir mesmo que ainda a agravem, vai uma distancia que seria loucura procurar transpôr. Mesmo os salarios e ordenados que mais alto subiram não estão em relação com o custo da vida, porque ha generos e artigos inteiramente indispensaveis que é preciso pagar hoje 10, 20 e 25 vezes mais caros.

Não ha possibilidade, por maior que seja o sacrificio que uma população pobre se imponha, de pôr em equilibrio as receitas com as despesas. Dai o ter-se chegado ao limite de todas as elastecidades imaginarias. Entretanto, a especulação não desarma, dizendo-se mesmo que da proxima semana em diante tudo irá para mais caro ainda!

A segunda aspiração do Paiz é que se ponham a claro todas as imoralidades que teem contribuido para a desgraçada situação a que chegámos. Neste momento o que o paiz quer, na ordem moral, para dignificação da Patria e prestigio da Republica, é que se liquide, segundo as normas inflexiveis da justiça a burla dos 50 milhões de dollars, em que já começam a aparecer, além do famoso «escroc» americano Williams ou Silberg, um tcheco-slovaco a que se dá o nome de Herzog e um pretendido portuguez a que se dá o nome de Lys ou o que quer que é.

Tudo isto cheira, a leguas de distancia, a uma quadrilha de ratoneiros internacionais, e chega a apertar-se o coração, ao pensar-se que Portugal está sendo considerado facil presa pela malta de aventureiros que parece ter-se lançado sobre ele, como sobre uma carcassa de nação independente e livre, entregue a um verdadeiro bando de abutres.

Se o sr. Antonio Granjo quer ter força, sem ser apenas a das baionetas, em que deposita a sua confiança, proceda de maneira a não consentir no agravamento do custo da vida, antes procurando, por todos os meios diminui-lo quanto antes.

Ao mesmo tempo, consiga que sobre a questão dos 50 milhões de dollars se não ponha a mesma pedra que se poz sobre a questão das 33.500 acções da Companhia Portugueza. Dê a este povo a segurança da vida e a certeza da moralidade governativa e o sr. Antonio Granjo terá imediatamente a força de opinião bastante para se sorrir de todas as conspiratas que o ameacem.

Não queira fazer ditadura. Basta-lhe cumprir a lei. Esta politica republicana é a verdadeira politica nacional.

Os banqueiros e o governo

Ao sr. ministro das Finanças é oferecido o apoio dos bancos e casas bancarias

Na quinta-feira passada realisou-se, na séde da Confederação Patronal Portugueza, uma reunião de representantes de todos os Bancos e banqueiros de Lisboa, que resolveram entregar ao sr. ministro das Finanças uma representação, oferecendo-lhe todo o apoio que esteja ao seu alcance. Essa representação foi entregue ontem ao sr. Vicente Ferreira, por uma comissão, composta de tres directores de Bancos de Lisboa, e é do teor seguinte:

Sr. ministro das Finanças: — Aos Bancos e Casas Bancarias de Portugal não podiam passar despercebidos os intensos rumores com que se tem pretendido malquistá-los com a opinião publica, designando-os como determinantes da presente crise cambial.

Não podem ser indiferentes a ninguem rumores dessa natureza, muito especialmente no paiz, onde as instituições pelos signatarios representadas constituem autenticos valores sociais, como factores da riqueza geral. A integridade do seu prestigio não importa, portanto, apenas, como um acto de defeza e dignificação de uma classe. Visa alguma coisa de mais alto: o interesse publico.

Não corre esta hora propicia para vasios palavras. Não os diremos, pois. Um fim, apenas, nos traz junto de v. ex.ª: a afirmação da nossa vontade de sermos uteis. E' no ministerio das Finanças que, manifestamente, neste momento dificil, a resolução da crise tem de tocar o seu ponto de partida. Entre as dificuldades a vencer, figura, em primeira linha, o problema dos cambios. Foi essa resolução entregue ao alto criterio e patriotismo de v. ex.ª. Pois bem: nós vimos junto de v. ex.ª, para lhe afirmar a nossa solidariedade com a obra redentora que se impõe.

E mais ainda: se a v. ex.ª se afigurar que o concurso dos Bancos e Casas Bancarias de Portugal, cuja força é um elemento de prosperidade publica, lhe não é indiferente para a resolução do problema financeiro, nomeadamente do problema cambial, queira v. ex.ª dispôr, em absoluto, desse concurso.

E se a v. ex.ª se lhe afigura tambem que outros meios existem ainda para, sem quebra do mecanismo bancario, melhor se desfazerem, aos olhos do todos, quaisquer suspeições injustas, sobre operações a nosso cargo, a v. ex.ª declaramos que veremos com prazer a adição de semelhantes medidas como outros tantos facilidades para o desempenho de uma função espinhosa e que, exercida em beneficio geral, só pode ganhar com uma atmosfera de publicidade e simpatia.

A representação é assinada pelos seguintes Bancos e Casas Bancarias:

De Lisboa: Banco de Portugal, Banco Nacional Ultramarino, Banco Lisboa & Açores, Banco Nacional Agricola, Banco Colonial Portuguez, Banco Comercial de Lisboa, Banco Espirito Santo, Banco do Minho, Banco Portuguez e Brazileiro, Banco Industrial Portuguez, Banco Internacional do Comercio, José Henriques Tota, Ltd.ª, Pinto & Soto Maior, Borges & Irmão, Fonsecas, Santos & Viana; Henrique Burnay & C.ª, Dias, Costa & Costa, Manuel Vicente Ribeiro, A. Piano Junior & C.ª, Carvalho & C.ª, Monte-pio Nacional, Marques, Pereira & C.ª, Lima Neto & C.ª, Ltd.ª, Chegwin, Moura & C.ª, Ltd.ª, Coelhos & Counhago, José Boniz, A. J. Casanova Augustine, Oliveira & Rodrigues.

Do Porto: Banco Aliança, Banco Comercial do Porto, Banco Popular Portuguez, Joaquim Pinto Leite, Filho & C.ª, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Borges & Irmão, José Augusto Dias, Filhos & C.ª, Pinto da Fonseca & C.ª, Luiz Ferreira Alves & C.ª, Cupertino de Miranda & Irmão, Ltd.ª, Antonio Coimbra & Irmão, Ltd.ª.

A comissão de banqueiros que se avistou com o sr. ministro das Finanças era acompanhada pelo secretario geral da Confederação Patronal Portugueza, que foi expressamente ao Porto conferenciar com os banqueiros daquela cidade, os quais se manifestaram solidarios com os seus colegas de Lisboa. O sr. Vicente Ferreira mostrou-se muito reconhecido pela colaboração que lhe foi oferecida, declarando que era seu desejo aproveitar-se, o mais possivel, dessa colaboração.

HESPANHA

Politica interna

MADRID, 26. — Dizia-se esta tarde que na conversação pelo telefone que tinha havido entre os srs. marquez de Alhucemas, ex-ministro Alba, e o presidente do conselho, por este lhes foi explicado que era impossivel abrir o parlamento na data fixada quando foi da constituição do gabinete actual e que tão pouco podia ser suprimida a censura á imprensa, conforme em carta lhe foi pedido pelo marquez de Alhucemas e pelo ex-ministro, sr. Alba — (H).

Continuam as trovoadas

MADRID, 25. — Continuam nas diversas provincias da Hespanha as trovoadas e as chuvas torrenciais, tendo sido inundados alguns bairros de Madrid. — (H).

Ha socego em Marrocos

MADRID, 26. — O comunicado oficial de Melilla dos 23 horas diz que durante todo o dia houve tranquilidade geral em Marrocos. — (H).

BRAZIL

Desastre nos ares — Um morto e um ferido

RIO DE JANEIRO, 26. — Deu-se um novo acidente de aviação. Um aparelho pilotado pelo sargento-aviador Manuel Afonso, caiu de grande altura, morrendo imediatamente o cabo mecanico Antonio Maria e ficando gravemente ferido o sargento. — (A.)

OPINIÕES

O "Misterio dos 50 Milhões"

O jurisconsulto Afonso Costa estabelece nitidamente as responsabilidades do "Credit International d'Anvers"

Ha qualidades que não podem negar-se ao sr. Afonso Costa, sob pena de se praticar uma injustiça flagrante. Escrever-se que o ex-chefe democratico não é uma mentalidade afeita á interpretação juridica das leis e dos contractos, será faltar-se á verdade conhecida, á verdade axiomatica. E como nós não sofremos, felizmente, da cegueira a que, por vezes, conduz a paixão politica, é-nos facil constatar mais uma vez a habilidade com que o ilustre jurisconsulto interpreta o contracto celebrado entre ele, como delegado do Governo Portuguez, e as espertas gentes do «Crédit International de Anvers». O sr. Afonso Costa, na entrevista ultimamente publicada, define com precisão a responsibilidade iniludivel do «Crédit», apezar deste estabelecimento bancario pretender capciosamente furtar-se á prestação de contas que o governo tem o direito de pedir-lhe. Mas o melhor é transcrever as proprias palavras do sr. Afonso Costa:

«O Crédit tem a responsabilidade geral resultante das bases do contracto, obrigando-se inclusivamente, pela clausula D, a levar á presença do governo portuguez o grupo vendedor de cada mercadoria, munido dos respectivos poderes verificados pela legação do seu paiz em Lisboa.

Postos, porém, os fornecedores das mercadorias em contacto com o governo portuguez e realizados os necessarios contratos especiais, desaparecerá concomitantemente a responsabilidade geral do Crédit, sem que para ele subsistisse qualquer responsabilidade especial pela execução dos referidos contratos especiais.»

Isto, á primeira leitura, constitue a «defesa legal» do «Crédit», dada da Serra da Estrela pelo delegado do governo na assinatura do contracto-burla. Seria, porém, absurdo admitir que o sr. Afonso Costa, cuja obrigação é defender, agora mais que nunca, os interesses do Thesouro Nacional, se entretenha a gratificar, com sofisticas habilidades de advogado, aqueles que o iludiram na negociação dos Cincoenta Milhões. Não é essa a interpretação que se póde dar ás palavras do grande jurisconsulto. O advogado Afonso Costa quiz, pelo contrario, deixar consignada desde já a sua opinião sobre as responsabilidades civis do «Credit» no contracto-burla, responsabilidades que o governo, pela Procuradoria Geral da Republica, não deixará de exigir e de liquidar até final.

Claramente diz o sr. Afonso Costa que o «Credit» tem a responsabilidade geral resultante das bases do contracto. Está muito bem. Nem o sr. Afonso Costa podia sustentar o contrario, visto que assinou o contrato em nome do Estado Portuguez e não ia ligar o seu nome de jurisconsulto glorioso a um documento onde fossem nulas ou facilmente anulaveis as responsabilidades da outra parte contratante.

«O Credit inclusivamente se obrigá» — acrescenta o sr. Afonso Costa — «a levar á presença do governo portuguez o grupo vendedor de cada mercadoria». Optimo. O «Credit» tem, pois, responsabilidades gerais e assumiu a obrigação de apresentar os grupos vendedores, de autenticidade e respeitabilidade garantidas pela fiança diplomatica do ministro norte americano em Lisboa.

Quando cessa a responsabilidade geral do «Credit»? Logo que — diz o sr. Afonso Costa — os fornecedores das mercadorias celebrem com o governo portuguez os contractos especiais, nos termos e para os efeitos que o sr. Afonso Costa expõe no texto da entrevista, acima transcripto.

Um advogado rabulista que pretendesse anular as responsabilidades civis do Credit, argumentaria agora da seguinte forma:

E' certo que o «Credit» não trouxe os fornecedores á presença do governo Portuguez para a celebração dos contractos especiais, derimentes, na opinião do sr. Afonso Costa, da responsabilidade geral do Credit. Mas não os trouxe, porquê? Por culpa propria? Não, evidentemente. Apenas por culpa exclusiva do governo portuguez que, discutindo os 2 °/₀ e as despesas inerentes, afastou os grupos americanos de que era representante Jafferson Williams.

Eis todo o sistema de defeza do «Credit». Ele vem de longe, transparecendo já nos documentos publicados pelo governo, especialmente nos oficios de resposta ao sr. Barros Queiroz, quando este como chefe do governo, reclamava o contacto comercial com os grupos americanos do fabuloso Jafferson Williams.

Malaventurada defeza esta, que não resiste á menor objecção! Contra ela se prevenio o sr. Afonso Costa, que claramente mostra que a responsabilidade geral do Credit só cessa depois de assignados os contractos especiais com os fornecedores americanos. Foram assignados esses contractos?

E' claro que não. E não foram por que o «Credit» não apresentou os grupos ao governo portuguez, como era sua obrigação pela base D do contracto. Logo — concluo o sr. Afonso Costa e nós com ele — as responsabilidades comerciais do «Credit» subsistem intactas.

O sr. Afonso Costa cala discretamente esta conclusão, não a exteriorisando, expressa e textualmente. Cremos, todavia, que não é possivel chegar a outra, se atendermos, principalmente, á defesa dos interesses do Estado.

A opinião juridica do sr. Afonso Costa não pode ser outra, não só porque favorecia gratuitamente os interesses, talvez inconfessaveis, do «Credit», como tambem porque iria trair a confiança dos governos que lhe deram a força suficiente para negociar, até ao final desastroso do contracto-burla, com a gente industriosa do famigerado «Credit International de Anvers».

* * *

A subtileza juridica do sr. Afonso Costa é, todavia, tão profunda, que nós hesitamos, ás vezes, no verdadeiro conceito a fazer das suas faculdades intelectuais. Assim, na entrevista que nos serve de guia, o voluntario exilado politico declara, muito categoricamente, que não aceita ser testemunha no processo do «Misterio dos Cincoenta Milhões». Como se entende isto? Que nós saibamos ninguem pode eximir-se a testemunhar o que sabe, perante um tribunal. Nem o proprio Chefe do Estado! O sr. Afonso Costa está acima da Lei? Ou, então, fora da Lei?

Parece, aliás, que o grande estadista pensa nisso, nessa situação de privilegio, — mas para o futuro. Assim, ele declara, na entrevista, que só voltará ao Parlamento «para representar a Nação na plenitude das suas funções politicas». Isto, em bom portuguez, não pode entender-se senão como denuncia dum pensamento dominador do cerebro do estadista, agora que ele começa a sentir a nostalgia do mando, mas que só lhe aparece exercido incidindo em si a plenitude, isto é, todas as funções politicas: a Dictadura.

Aniversario da Republica

Freguezia de S. José

Por iniciativa da Junta de Paroquia civil de S. José, foi constituida uma comissão composta de liberais e republicanos, afim de levar á pratica a comemoração da gloriosa data do Aniversario da Republica, com actos de solidariedade humana.

E' provavel que os Exm.os Emprezas dos Cinemas, instalados na freguezia, concedam algumas entradas, afim de poderem assistir ás matinées, as creanças, filhos do Povo, protegidas pelas instituições de beneficencia local.

Os comissionados contam obter o melhor acolhimento dos parroquianos, podendo os donativos voluntarios ser entregues na rua da Alegria, 15 e rua de S. José, 157 e 207, lojo.

E' convocada a comissão para hoje 27, ás 21 horas, no Gremio Tomas Cabreira.

A Exm.ª Empresa do Salão Central, já concedeu 50 jogares de fauteuils.

As vitimas de Oppau

Os funerais

LUDWIGSHAFEN, 26. — Realisaram-se com grande concorrencia os funerais das vitimas de Oppau, a que assistiram os srs. Ebert, Lerchenfeld, os representantes da alta comissão interaliada, o comandante em chefe dos exercitos aliados de ocupação, os quais depozeram corôas e apresentaram as suas condolencias áquelas senhores. O sr. Ebert agradeceu, notando a favoravel impressão de que perante os tumulos das vitimas, os sentimentos de humanidade desconhecem as fronteiras que separam os povos. Desmente-se que tenham tirado vivos sob as ruinas 90 dos desaparecidos. — (H).

Na Russia faminta

Ha dificuldades em a ocorrer

PARIS, 26. — A sub comissão encarregada de estudar o problema da fome da Russia, parecendo-lhe que os governos são actualmente incapazes de conceder creditos, respondeu negativamente ás duas perguntas: 1.º Para dirigir um apelo aos governos; 2.º Convidar o conselho da Sociedade a oferecer os seus serviços para a organisação de creditos internacionais para administrar os fundos e fiscalisar os penhores da Russia para a garantia desses creditos. — (H).

A Albania mobilisa

LONDRES, 26. — Os jornaes da tarde de Londres publicam uma noticia de Roma dizendo que a Albania ordenára a mobilisação geral. — (H).

CRIME GRAVISSIMO

GATUNOS DE CREANÇAS

A policia ainda não averiguou o paradeiro da criança sequestrada, continuando o José Coelho a negar a sua cumplicidade no gravissimo crime — O anarquista Giovani Michelli deve em breve seguir para a Italia

Como tinhamos prometido aos leitores da «Capital», publicamos hoje as fotografias dos dois famigerados anarquistas Giovanni Michelli e José de Sousa Coelho, este ultimo implicado no tremendo caso do sequestro duma creança.

O José de Sousa Coelho que, como já dissemos, se encontra recluso na torre de S. Julião da Barra, continua negando o crime gravissimo de que é acusado, mantendo sempre as declarações prestadas ao sr. Jaime Pinto Serra, director da P. S. E.

Ao que nos consta, a policia ainda não descobriu o paradeiro da infeliz

José de Sousa Coelho

creança a que alude a carta encontrada ao Coelho, e que se presume estar ainda em poder dos criminosos.

A parte mais curiosa do grave caso é ainda não ter aparecido ninguem a declarar-se familia da pequena sequestrada, o que não quere dizer que ela não exista, mas simplesmente confirma o conteudo do documento referido, e no qual os bandidos ameaçavam o destinatario, um tal Jorge Junior, de assassinarem a creança no caso de ser avisada a policia.

A familia da inocente creança, debaixo do terror da criminosa ameaça, teme aparecer e não dá parte á policia do seu desaparecimento, temendo causar-lhe a morte.

Embora estejamos intimamente convencidos da existencia do sequestro, nada mais podemos adiantar sobre o tenebroso caso, competindo agora ás autoridades competentes averiguarem o paradeiro da desapa-

Giovanni Michelli

recida, e bem assim dos bandidos culpados do tão nefando e miseravel crime.

Como os nossos leitores devem ter visto nos jornais, os desaparecimentos de menores de ambos os sexos contam-se anualmente por algumas dezenas, e da sua maioria nunca a policia obtem os mais pequenos esclarecimentos que lhe permitam averiguar o paradeiro.

Relacionar-se-ha este gravissimo caso com o desaparecimento desses menores?

Existirá, como parece, uma tremenda associação de malfeitores culpada desses misteriosos desaparecimentos? Não o sabemos e á policia cumpre lançar luz sobre este tenebroso caso.

— Segundo nos consta o anarquista Giovani Michelli vai em breve ser enviado para a Italia, a requisição das autoridades daquele paiz.

Apesar do pão caro todos se casam

TAVIRA, 26. — Consorciou-se hoje a sr.ª D. Maria Emilia Coelho de Aragão Ribeiro, filha do sr. Filipe José de Aragão Vieira, capitão reformado e abastado proprietario desta vila, com o sr. Manuel Solicio Pacinha, comerciante no Algarve. — Continua o mau tempo. — (H).

Atendam nesta opinião

O sr. dr. Ferreira Alves, ilustre director do sanatorio maritimo do Norte, manifestou a opinião de que a «Fibrocalcina» é um recalcificante que produz resultados mais eficazes do que qualquer outro produto.

IDEAIS LOUCOS

Espartaquistas de ontem e de hoje

Um precursor da ideia nova: Spartakus!...

Erguendo um pouco o pesado manto da Historia — Os espartaquistas de ontem — Spartakus, o gladiador escravo — Uma revolta de escravos no imperio romano ha 2.000 anos — As vitorias de Spartakus

Spartakus!...

Spartakus, era natural da Tracia, no noroeste da Grecia, onde nasceu no ano de 121 antes da Era cristã; descendia duma familia da Numidia — a actual Algeria — que se tinha estabelecido na Tracia no ano de 146 antes de Jesus Cristo.

Depois dos grandes triunfos de Roma na Africa, Grecia e no ocidente asiatico, Spartakus incorporou-se no exercito romano, mas, pouco satisfeito com o tratamento que recebia, desertou á testa dum grupo dos seus valentes compatriotas.

Aprisionado e vendido como escravo, a sua coragem e a sua força fizeram-no reservar para o emprego de gladiador.

Encerrado em casa dum cidadão de Capua, capital da Campania, que adestrava escravas para o circo, formou com os seus companheiros um conluio para fugirem ou para conquistarem a liberdade com as armas na mão.

Tendo um traidor revelado este projecto, setenta e oito dos mais resolutos tiveram, todavia, tempo de escapar á vingança do seu senhor; armaram-se, ao fugir, com facas e machados que encontraram abandonados nas cozinhas; pilharam algumas carroças carregadas de armas destinadas aos gladiadores, aumentaram o seu grupo com alguns bandos de fugitivos e apoderaram-se finalmente dum lugar muito fortificado situado numa montanha — talvez o Vesuvio.

Depois de terem vencido algumas tropas enviadas contra eles de Capua, o que lhes permitiu equiparem-se militarmente, elegeram tres chefes, o primeiro dos quais foi Spartakus.

O pretor Claudius, enviado de Roma, veiu em breve investir o rochedo no qual estavam entrincheirados os revoltosos. Uma unica saida se lhes oferecia: era um sitio onde o terreno cortado a pique formava um precipicio imenso. Spartakus não hesitou; mandou cortar todos os sarmentos de videira brava que cobriam os rochedos, formou com eles longas escadas e, logo que chegou a noite, fez por elas descer os seus soldados, homem por homem, no meio do mais profundo silencio. Envolvendo em seguida rapidamente o campo do pretor, precipitou a sua tropa sobre os romanos surpreendidos, esmagou-os antes que tivessem tido tempo de se reunir, ficando senhor das armas e bagagens dos legionarios de Roma.

Este primeiro sucesso dum bando geralmente desprezado foi decisivo.

Logo que se soube que o terrivel poder dos legionarios se tinha desfeito perante as armas dos escravos, uma multidão de boieiros e pastores fugitivos veiu juntar-se em volta do chefe audacioso.

Em breve os seus soldados atingiram o numero de 10.000.

Mas, se bem que os dominasse, pela superioridade da sua coragem e do seu genio, Spartakus não exercia todavia senão uma autoridade precaria sobre este tumultuoso ajuntamento de homens de todas as nações e que se deixavam arrastar por vezes a expedições parciais pelos seus chefes particulares.

Contudo conseguiu internar-se nas montanhas da Lucania, terreno favoravel a um exercito a que faltava organisação e disciplina, batendo sucessivamente os dois oficiais-ajudantes do pretor Varinius e em seguida o proprio pretor, o qual num combate desastroso perdeu as suas tropas, as suas bagagens, o seu cavalo e até os seus fasces pretorianos.

As admiraveis victorias de Spartakus, as suas proclamações a todos os oprimidos de Italia, aumentaram em pouco tempo o efectivo do seu exercito, de modo tal que este chegou a contar 70.000 homens. Fixou o seu quartel general perto de Taurium e ocupou-se durante o inverno da organisação militar e politica dos seus bandos irregulares.

Entretanto o senado romano que tinha primeiro afectado um desprezo altivo por esta revolta, começava a inquietar-se seriamente e enviou contra Spartakus os dois consules simultaneamente.

Neste momento manifestou-se de novo no exercito dos escravos o miseravel espirito de divisão, que tão fatal lhes devia ser. Os gauleses e os germanos quizeram formar um corpo separado, bateram-se e muito felizes foram em encontrar Spartakus para os salvar e recolher.

Quanto a este ultimo, desanimado talvez por estas dissenções, pareceu limitar-se os seus projectos a conduzir os seus companheiros para a terra natal, a fim de alcançarem assim a liberdade. Deixou por isso a Lucania, executando uma marcha admiravel atravez da Italia, ao longo dos Apeninos, e, dirigindo-se para o norte, esmagou no seu caminho os dois exercitos consulares e ainda dois exercitos pretorianos, chegando enfim, sempre combatendo e sempre victorioso, ás margens do Pó, cujas aguas transbordantes lhe barraram o caminho.

Depois de ter em vão tentado revoltar as cidades da Cisalpina que detestavam o jugo romano, mas ás quais repugnava aliar-se a escravos, foi obrigado a ceder á imposição louca dos seus soldados, que queriam marchar sobre Roma.

O senado romano espantado enviou Crassus com 35.000 experimentados guerreiros, aos quaes se reuniram os destroços de todos os exercitos destruidos.

O general romano limitou-se a cobrir o Latium, não ousando aventurar-se a dar batalha ao terrivel gladiador, contentando-se em fazer lutar as tropas deste, pelos seus ajudantes, que todavia eram invariavelmente batidos sempre que tinham a temeridade de lhes dar combate.

Constrangido a dirigir-se para as regiões meridionais, Spartakus concebeu o projecto de lançar alguns milhares de homens na Sicilia afim de despertar os fogos mal extinctos da segunda guerra servil.

Piratas cilicianos comprometeram-se a transportá-los lá, mas depois de terem recebido adeantamentos consideraveis, fugiram nos seus barcos, deixando-os na praia.

Mandou então construir jangadas, mas a tempestade despedaçou-as e lançou-as á costa.

Todavia era tal o terror que ainda inspirava que Crassus tentou encerrá-lo na peninsula de Phégium por meio dum fosso e dum entrincheiramento de quinze leguas de comprimento.

O chefe dos escravos mostrou o mais profundo desprezo por este imenso trabalho e por inimigos que já não o ousavam atacar de frente.

Quando os viveres e as forragens começaram a faltar, Spartakus fez entulhar uma parte da trincheira durante uma noite tempestuosa, forçou as linhas dos romanos e aguerriu-se livremente na Lucania onde exterminou ainda as tropas de dois tenentes de Crassus que ousaram inquieta-lo na sua retirada.

Este ultimo escreveu ao senado, afim de que se enviasse para o secundar, Pompeu, então de volta de Espanha e Lucullus que regressava da Asia.

Mas arrependeu-se a breve trecho deste pedido e procurou terminar rapidamente a guerra, de maneira a ser ele o unico a recolher os louros da vitoria.

Tendo-se separado do grosso do exercito um corpo de gauleses, Crassus apressou-se a ataca-los com forças superiores, causando-lhes 12.000 baixas. Entretanto Spartakus, ameaçado de ser envolvido por tres exercitos, dirigiu-se para o mar na esperança de fazer embarcar as suas forças com destino á Sicilia, quando foi obrigado pelos seus soldados, desvairados por sucessos recentes, a alterar todo o seu plano e a dirigir-se novamente sobre os romanos.

Raul Humberto de Lima Simões.

DO ARQUIPELAGO CABO-VERDEANO

Na redacção do nosso jornal foi recebido o seguinte telegrama informativo do que por lá vai, em relação ao estado sanitario da cidade de Mindelo, da ilha de S. Vicente e do que urge imediatamente fazer a bem daquela provincia:

PRAIA, 25. — *Capital* — Lisboa — Enviamos sauda... Veracruz seguinte telegrama: Em nome das restantes oito ilhas do arquipelago nos agora indemnes de peste, agradecemos seu empenho em abrir o porto de São Vicente, somente atendendo interesses comerciais. Melhor fora empregar sua actividade em obter vinda rapida de outros elementos precisos, estabelecer zona limpa em S. Vicente e possivel outras ilhas agora sem medicos, medicamentos vacinas lutando contra a fome. — *(a)* José Levy, Bento Levy, José Benoliel, Sousa Santos, Carlos Barbosa, Antonio Barbosa, Tavares Homem, Mendes Barbosa, Isidoro Carvalho, Parreira José Ribeiro, Alfredo Fernandes, Cesar Antonio Silva, José Roberto, Luiz Nunes, Augusto Batista, Guilherme Monteiro, Lourenço Barbosa, Henrique Aguiar.

Malas Postais

Pelo vapor «Cimoda» são amanhã expedidas malas postais para os Açores e Nova-York, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechado os registos ás 10.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

A escola jesuitica—Os seus métodos e processos—Privilegios e isenções—O "Monitoria Secreta"—Os jesuitas modernos

O ensino, a despeito da boa vontade manifesta em sucessivas Reformas, embora levianas, da Instrução Publica, continua, por inercia, mais ou menos vasado nos velhos moldes, que nos impedem de acompanhar praticamente todas as modernas inovações da pedagogia, produzindo apenas pedantes, onde noutros paizes brotam competentes e eruditos.

Os Jesuitas cultivaram dedicadamente a sciencia, mas confinaram-na em moldes estreitos e acanhados.

A sua educação era toda empirica, o raciocinio amputado.

A liberdade de pensar considerava-m-na eles prejudicial e perigosa.

A filosofia professada pelos Jesuitas era doentiamente egoista; não visava tanto a procurar a verdade, como a mascara-la.

A investigação do bem e da felicidade humana não fazia parte da filosofia dos Jesuitas: só procuravam o que lhes era util, sem se preocuparem tanto com os meios como com os fins.

Para eles a sabedoria considerava-se inseparavel do latim, lingua menos acessivel ao povo. A teologia era indiscutivel; o dogma devio, como tal, ser crido e propagado, por se julgar o directo caminho da salvação!

No ensino da historia, não se estudava a situação moral dos povos, a sua condição de existencia, o estado politico, economico e social das nações: tudo se reduzia de preferencia a um indice de acontecimentos, um inventario circunstanciado de casamentos regios, mortes, victorias e derrotas de guerra!

De 1759 até hoje, quasi insignificante tem sido a diferença nos metodos adoptados no ensino da Historia, que entre nós ainda não perdeu o seu errado caracter de episodica e catastroflca.

As Congregações onde os Jesuitas exerciam influencia, arregimavam todos os individuos em que se divisavam aptidões ou tendencias aproveitaveis aos fins secretos da Companhia.

Assim faziam uma especie de seleção para a escolha dos seus futuros agentes.

As suas missões disseminados por todo o mundo assumiam o aspecto de grandes Feitorias ou Casas de Negocio, onde permutavam com os indigenas — fazendas e reliquias, algodões e missas, vinho e indulgencias, tabaco e rozarios de Nossa Senhora!

O ardil, o fanatismo, a surpresa dos segredos por via da espionagem, a violação do Confessionario e, em casos extremos, a morte a ferro ou a veneno constituiam as armas secretas daquela milicia tenebrosa.

Na Europa, desde a sua primeira entrada no taboleiro politico, logo souberam grangear em seu proveito exclusivo todos os privilegios inimagináveis que lhes permitissem fundar um grande nucleo de riquezas com que tornassem o seu poderio uma realidade.

Graças á sua ardilosa influencia junto do papa Paulo III, com a bula de 1540 obtiveram o maior numero de regalias e isenções. Logo foram considerados, eles e tudo que lhes pertencesse, como patrimonio da Santa Sé.

Assim ficaram livres de ser julgados por quaesquer delictos ou crimes nos tribunais que não fossem os seus proprios.

No dizer da Bula, em qualquer parte do mundo em que os Jesuitas se achassem, estavam isentos de pagar dizimos, contribuições, colectas, subsidios, etc., ainda que lhes fossem requisitados por motivos de salvação ou defesa da patria!

Era a impunidade absoluta. Todo e qualquer principe, rei, governador, magistrado ou comunidade que lhes fizesse a menor das exigencias ou imposições, ficava considerado rebelde ao Vaticano!

Depois de já celebrado o Concilio de Trento, uma nova bula foi publicada, onde se dispunha que os privilegios concedidos á Companhia de Jesus, quando mesmo contrarios ás deliberações do Concilio, subsistiriam, não obstante a contradição.

Entendera o padre Claudio Aquaviva, Geral da Companhia, necessario redigir uma especie de instruções gerais—o Monitoria Secreta—(*) para uso particular dos Superiores da Ordem, com certa reserva para que delas nem copia se tirasse, nem podessem chegar ás mãos de estranhos.

Para maior garantia de sigilo, aos Jesuitas só era tolerado que se passassem para os Cartuxos, porque a sua abstração da vida e perpetuo silencio eram garantia de que as instruções secretas nunca seriam reveladas.

E, quando o fossem, cumpria contesta-lo e alijar todas as responsabilidades, contando-se a defeza da Companhia áqueles dos jesuitas que de tais instruções não tivessem conhecimento, para mais conscientemente pleitearem.

Este Regimento secreto era preciso e conciso. Toda a doutrina cabia em dezasseto breves capitulos, onde se tratava dos métodos que mais convinha adoptar para os Padres da Companhia adquirirem e conservarem a familiaridade com os Principes e Grandes, e tratarem com as pessoas mais influentes dos Estados.

Ali se cuidava tambem do que convinha aos pregadores e confessores dos Grandes dizer e aconselhar, do modo de conciliar as viuvas ricas á sua devoção, conserva-lhes viuvas e dispôr dos seus bens, atrair-lhes os filhos e filhas á vida Beata, aumentar as rendas dos Colegios, tratar dos freiras e beatas, aparentar em publico o maior despreso pelas riquezas, etc.

«Algumas passagens do «Monitoria Secreta» são elucidativas da perversidade dos métodos.

Assim no Capitulo IX, «ad finem», aconselhava-se ás mulheres casadas o roubo de seus maridos.

Todo este capitulo com os seguintes é um tratado de espionagem. Neles se ordena aos jesuitas que se informem, por via dos seus Confessores, ácerca da parentela dos confessados, dos seus bens, e dos da nobreza, quais as suas terras e propriedades, foros que pagavam, familia que possuiam, quais as viuvas, filhos, filhas e haveres, maneira de atrai-los e fanatisa-los, induzindo-os a legar os seus bens á Companhia, etc.

A pratica destes processos durante bons duzentos anos em Portugal muito concorreu a deturpar-nos o carater. Tudo que nelo havia de superior foi para sempre obliterado.

Foram em 1759 expulsos de Portugal os Jesuitas. Logo de regresso, porém, vagarosa e surrateiramente, em 1910 voltaram a ser expulsos. Mas, a despeito destas medidas, continuamos a tê-los entre nós, embora sem roupeta.

Fardados ou á paisana; funcionarios, militares, profissionais, politicos ou leigos, doutos ou analfabetos, milionarios ou pobretões, eles cá ficarão eternamente, porque nos transmitiram os seus habitos, os seus métodos, a hediondez dos seus processos; tudo quanto de mau possuiam se fixou em nós.

Somos os seus herdeiros, os seus descendentes e os infelizes sequazes dos seus maus costumes.

E' deste mal que a sociedade portugueza enferma. Mais grave do que a economia geral que nos avassa-la, infinitamente pior do que todos os gravames que nos affligem, continua a pezar sobre nós o Jesuitismo fixado durante bons duzentos anos de Santo Oficio e Companhia de Jesus.

Para os Jesuitas, os interesses da Patria eram os seus. Tambem, na vigencia contemporanea, a Patria somos nós e não ela.

A todos os instantes ouvimos invoca-la, mas esses que a invocam, são sempre os primeiros que a atraiçoam.

(Continúa).

Ladislau Batalha

(*) «Monitoria Secreta ou Instrucções Secretas dos Padres da Companhia de Jesus, composto por Claudio Aquaviva da mesma Companhia—Rio de Janeiro, 1827. Em Portugal, o falecido Manuel Carrilho Videira publicou em folheto de propaganda o «Monita Secreta» o preço das drogas á venda na botica do Papa—1870».

Ultima Hora

Poeira da Arcada

O sr. Pais Gomes, ministro da marinha, ordenou que se fizesse um rigoroso inquerito nos trabalhos do cruzador «Almirante Reis».

✦ ✦ ✦

Acompanhado do seu secretario o sr. ministro do trabalho visitará amanhã os bairros sociais do Arco do Cego e Ajuda.

✦ ✦ ✦

O alto comissario em Angola, sr. Norton de Matos, virá brevemente a Lisboa em goso de licença.

✦ ✦ ✦

E' esperado em Lisboa, no proximo mez de outubro o navio de guerra brasileiro «Minas Geraes» que virá ao Tejo em viagem de cumprimentos ao governo portuguez.

✦ ✦ ✦

Segundo consta o general sr. Abel Hipolito, novo comandante geral da Guarda Republicana, vai convidar o coronel sr. Freiria para chefe do estado maior daquele corpo.

✦ ✦ ✦

Foi para o «Diario do Governo» e lei elevando a central o liceu de Setubal.

✦ ✦ ✦

Em circular aos inspectores escolares foi determinado que os seus delegados nas juntas escolares informem imediatamente de qualquer nomeação interina, feita pelas juntas, a fim de, quando se averigue ter sido ilegal, fazerem saber directamente ao interessado que não deve aceitar tal nomeação e que, caso insista em entrar em exercicio, será dada ordem á repartição de contabilidade para que não lhe sejam abonados quaisquer vencimentos, não sendo depois atendida qualquer reclamação que porventura venha a fazer solicitando aquele pagamento, visto a ele não ter direito, como era do seu conhecimento.

✦ ✦ ✦

Em consequencia da canhoneira «Patria», ao serviço da marinha colonial de Macau se encontrar em fabrico demorado, consta que será mandado seguir para ali o cruzador Republica.

✦ ✦ ✦

Regressou a Lisboa, o ex-capitão dos portos de Timor, capitão de fragata sr. Montalvão e Silva, que vai regressar ao serviço da armada como segundo comandante da Escola de Torpedos e Electricidade.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro das colonias continua trabalhando nas modificações que projecta introduzir na lei organica da sua secretaria.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro da justiça tem quasi concluida a proposta de lei sobre «Habeas Corpus», que será presente ao parlamento na reabertura da sessão legislativa.

General Abel Hipolito

Pelas 16 horas de hoje tomou posse do cargo de comandante da Guarda Nacional Republicana, no quartel do Carmo, o general sr. Abel Hipolito, ex-ministro do Interior.

O sr. Presidente do Ministerio convidara primeiramente o coronel sr. Roberto Batista a ocupar aquele lugar, e como aquele oficial não aceitasse, dirigiu igual convite ao general sr. Abel Hipolito, que aceitou.

A posse ao novo Comandante foi-lhe dada pelo general sr. Bernardo de Faria, sendo o acto muito concorrido.

O general sr. Bernardo de Faria foi acompanhado até á porta por todos os oficiais que ali se encontravam presentes.

Apreensão de bombas

E' absolutamente falso ter-se efectuado uma apreensão de bombas na rua Passos Manoel, conforme um jornal da manhã noticiou.

Um banquete ao ministro do Brazil

QUITO, 25.—Por ocasião da partida do ministro do Brazil sr. Carlos Lemgruber Kropf, o chanceler da legação ofereceu-lhe um banquete para o qual convidou todo o corpo diplomatico, os presidentes do senado e da camara dos deputados, varios parlamentares e funcionarios da chancelaria.—(A).

Chega um sabio francez ao Brazil

S. PAULO, 25.—O distinto sabio francez, mr. Marcel Labyé, chegou a esta cidade, sendo recebido com grandes provas de estima e deferencia.—(A).

Provincias Ultramarinas

O governador de S. Tomé concedeu um subsidio á camara da sede da capital da provincia para poder manter uma banda de musica. O mesmo governador fixou os vencimentos de categoria, exercicio e subsenção a todos os funcionarios civis e militares daquela colonia.

O Escudo portuguez no Brazil

RIO DE JANEIRO, 26. — Cambio s/ Londres, 8 7/16 e 8 1/2. Valor do escudo portuguez, 790, 810, réis.—(A.)

Petrolio mexicano

MEXICO, 26.—Na primeira quinzena de agosto a produção de petrolio foi de 4,519.000 barris.—(A.)

Na Argentina

Exposição agricola e pecuaria

BUENOS AIRES, 26.—Terminou a exposição agricola e pecuaria. Os membros inglezes do juri embarcaram já para Southampton a bordo do paquete «Andes».—(A.)

Reunião aprazada para amanhã

Recebemos o seguinte convite, cuja publicação nos é solicitada:

Ex.mo sr. director do jornal «A Capital»—V. ex.ª se dignará dar publicidade no seu mui lido e conceituado jornal, ao seguinte Convite.

Convidam-se os diferentes organismos politicos, de feição acentuadamente republicana, a enviarem delegados seus amanhã, dia 27, a uma reunião, que pelas 21 horas, se realisa no Centro Republicano Tomez Cabreira, á Rua Alves Correia, a fim de se assentar na acção energica decisiva e urgente, a contrapor á odiosa campanha de infamias, ultimamente desenvolvida por uma caterva de celerados, campanha, que, atingindo uma das mais prestigiosas figuras do paiz, tem por objectivo ferir a Republica, e faz parte de um grande plano de descredito lançado á administração publica.

Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Pede-nos esta agremiação a publicidade do seguinte:

Nota oficiosa

«A todos sem excepção, contra mestres, marinheiros e moços, embarcados ou não, se recomenda a maxima atenção e fiel cumprimento de todas as determinações tomadas em sessões magnas e assembleias gerais, se não quizerem perder as poucas regalias conquistadas, bem assim aqueles que se encontram entregues ás entidades respectivas, que por um espirito tacito, não tem dado expediente, querendo talvez com esse procedimento, levar-nos a uma gréve, o qual, não sendo de nossa vontade, contudo não nos reclamos de para ela ir, só tanto for preciso, por para tal estamos de ha muito preparados.

E se alguem tiver que sofrer as consequencias de semelhante movimento, não havemos de ser nós, mas sim aqueles que num falso principio de interpretação, se tem escusado a dar-nos a solidariedade, que em egualdades de circunstancias lhes temos prestado sem rebuço.

Portanto o sr. ministro da marinha até agora não se dignou ouvirnos nem chamar-nos para, com os patrões, se revogar o acordo feito por um regulamento no horario de trabalho, bem como as outras entidades a quem nos dirigimos.

A provincia n'«A Capital»

Festas na Praia da Rocha

PRAIA DA ROCHA, 26.—No dia 18 houve no salão do casino uma matinée infantil, que decorreu muito animada, entoando as crianças lindos coros, ensaiadas pelas srs.as D. Ana de Boivar Cumano e D. Virginia Freitas.

No dia 21 realisou-se um «bal de têtes» em que apareceram 21 senhoras ostentando lindos penteados.

No dia 22 efectuou-se tambem no casino um arraial minhoto com ornamentação de verdura, bandeiras e balões, trajos a caracter, bailes populares e barracas para a venda de diferentes cousas, sendo o producto destinado a obras de caridade.

Parque das Necessidades

Festa de beneficencia

Em consequencia do mau tempo, foi adiado, para quando se anunciar, o festival que estava anunciado para hoje e amanhã.

Movimento Associativo

Convocações

Cantina Escolar Marquez de Pombal—Reune em assembleia geral para eleição de corpos gerentes e aprovação de contas, em 4 de Outubro proximo e em segunda convocação em 11, ás 21 horas.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

Foi escripturado para a companhia de opereta Armando de Vasconcelos, que no proximo sabado inaugura, no Teatro São Luiz, a temporada de inverno brilhante, o actor Vasco Santa Ana, que ocupa já na scena um logar de grande destaque. Vasco Sant'Ana, estreia-se na recita de inauguração da epoca, que se realisa no proximo sabado e que é a 1.ª recita de assignatura. Na quinta feira encerra-se a assinatura para as seis recitas com peças diferentes e de novidade.

—Amanhã, no S. Luiz, com uma das ultimas recitas da temporada realisam, a sua festa artistica os estimados e aplaudidos actores Augusto Costa e Carlos Alves. O programa do espectaculo é atraentissimo, tendo sido organisado a capricho. Nele figuram gentilmente Adelina Fernandes, Deolinda de Macedo, Nascimento Fernandes, Erico Braga, Vasco Santa Ana, Sales Ribeiro e toda a companhia de São Luiz, o que constitui garantia de se passar no lindo teatro uma noite divertidissima.

—Nas oito recitas de assinatura, da proxima temporada do Nacional, está incluida a 1.ª da epoca de inverno, que será com a representação da peça historica «D. Afonso VI», original do ilustre escritor D. João da Camara.

Na bilheteira do Nacional continua aberta a assinatura livre, devendo ser reclamados, até 30 do corrente, os bilhetes já marcados.

—E' no proximo dia 1 que se inaugura a epoca de inverno no teatro Avenida pela companhia Satanela-Amarante, com a opereta «Flores da Noite». Os bilhetes já estão á venda.

—Foi escripturado na companhia Lucilia Simões o distinto amador teatral, sr. Ricardo Castanheira, que resolveu dedicar-se á profissão do teatro.

A avaliar pelas provas dadas, quando simples amador, em varios clubs da capital, é de esperar que fará uma brilhante carreira.

Reclamos

S. Luiz

Sai de scena, irrevogavelmente, no actual semana a famosa revista «De Capote e Lenço», a qual ninguem de bom gosto deve deixar de ir ver.

Retira em pleno exito, visto terminar a temporada de verão. Hoje ainda se repete a incomparavel peça, com todas as atracções e a fita de «Os 50 Milhões de Dollars», o gracioso quadro «Colegio de Meninas» e o popular «Fado Laura Costa».

Apolo

As maiores verdades em teatro destes ultimos tempos são estas: a peça do Apolo só os inundações podem prejudicar; o «Burro em Pé» terá de sair de scena, só para o proposito de fazer repertorio.

Vida Sportiva

No Coliseu dos Recreios

vão realisar-se grandes combates de box nacionais e internacionais

Uma rapida palestra com um dos organisadores

A noticia que todo o nosso meio sportivo discute com calor e entusiasmo é a proxima abertura do Coliseu dos Recreios com combates nacionais e internacionais de box.

Avistámo-nos ontem com um dos organisadores na praia de Pedrouços — quando Bessone chegava á meta — e como o momento era oportuno, tratámos quanto antes de procurar saber qual o programa esboçado, quais os boxeurs que viriam a Lisboa, nas proximas festas.

Depois de um amavel... abraço e á queima roupa, perguntámos:

—Então o circo vai abrir?

—E' verdade, vai abrir com combates de box, até que inicie a sua epoca de circo que deverá ser inaugurada ai por 15 ou 20 de outubro. Até lá realisar-se-hão bons encontros de box.

—E «boxeurs»?

—Por agora pouco lhe posso dizer sobre «boxeurs». Todo se está preparando. Devem chegar ai ainda esta semana homens de categoria, como de resto apresentamos em todas as nossas festas. Recorde-se v. de Simeth Goffin, Jean André, Cadieu, Chassagne etc. Não são boxeurs desconhecidos e o publico que não viu nas nossas organisações apenas o comercio, tem concorrido com entusiasmo ás nossas festas.

Agora o Colyseu, a nossa melhor casa de espectaculos, vai ser pequena porque tencionamos dar bons programas.

—E a inauguração?

—Deverá fazer-se por toda esta semana, talvez na quinta feira ou sabado! Esperamos apenas um telegrama de confirmação para o primeiro espectaculo se anunciar.

—Mas diga-nos: tem algum encontro sensacional a realisar?

—Sensacionais, são eles todos, creia, mas posso já dizer-lhe que o nosso profissional Faustino Pereira, que dia a dia se vem evidenciando combaterá um homem que nos meios inglezes, trabalhou bastante e foi apreciado.

—De quem se trata?

—De Rosa Brito que ainda ha dias venceu o campeão do Algarve. Este combate deve ficar assente amanhã. O seu resultado dar-nos-ha o caminho a seguir e a indicação dos homens que devemos trazer tanto para Faustino como para Rosa Brito.

—E sobre amadores?

—Não deixaremos de incluir nos programas os nossos amadores que tão gentilmente desejam contribuir para o desenvolvimento do box. Procuraremos enfim, fazer box com criterio e que no publico desperte interesse.

—Tem v. além dos boxeurs portuguezes que já citou, outros?

—Contamos com Ruivo que segundo dizem está trabalhando, com Tavares Crespo do Porto, Manoel Guita do Algarve com José Lesli e Oscar da Silva. De resto a inscrição é livre e está aberta no circo todos os dias.

—Ainda uma pergunta: Mario Gall volta a combater?

—Volta e brevemente com um homem, talvez superior ao Campeão Simeth. Não vê v. que a nós pouco nos importa que o boxeur seja vencedor ou vencido. O que queremos é os combates equilibrados e que se faça box com arte.

—Não tem então mais nenhuma novidade?

—Não, hoje não, mas amanhã prometo dar-lhe uma em primeira mão lá para a «Capital».

Agradecemos a gentileza das informações e rabiscámos o que o leitor acaba de ler.

X.

Foot-ball

Um importante club francez visita Lisboa

A convite do Imperio Lisboa Club, visita Lisboa o magnifico agrupamento francez «La Vie au Grand Air du Medoc», que vem a esta cidade disputar alguns matchs com os melhores clubs lisbonenses. Este club, que foi dos primeiros a visitar-nos, como o nosso publico deve estar lembrado, deve jogar em Lisboa nos dias 5, 8 e 9 de outubro proximo.

Partido Comunista Portuguez

Reuniu a Junta Nacional e tomou conhecimento da fundação de um novo Centro Partidario no Porto, e outro em Evora. Deliberou apressar os trabalhos para a publicação do seu jornal partidario, e cuidar da discussão e aprovação dos Estatutos do Partido.

Alguns alvitres aproveitaveis

Por muito que as brigadas do sr. Albuquerque abram os olhos nestas, a verdade é que a regulamentação é uma ideia em marcha.

Sabemos que aqui publicassemos os topicos dum projecto para essa regulamentação, para que logo chovessem os alvitres, alguns revelando bem um belo espirito juridico, como aquele que nos é enviado por «Telmos».

A «Capital» é um jornal popular, e, portanto, não tem o direito de recusar a publicidade que lhe pedem os seus leitores.

Publicaremos dia a dia um desses alvitres, comentando, como soubermos, aqueles que não devam passar sem um comentario qualquer.

E desde já prevenimos de que, sendo alguns bem duros para a industria do jogo, nem esses mesmos deixaremos de inserir, pois o que, nós desejamos é regulamentar o jogo, para o moralisar, e não para defender os jogadores.

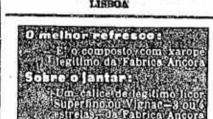
Eis tudo.

A CAPITAL

3897 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 27 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 cen

Na penumbra

A epoca que atravessamos é fertil em aspectos perturbantes. Antigamente, sobretudo em noticias de movimentos revolucionarios, sabia-se ao menos com o que se tinha de contar. No tempo da monarquia, se acaso se aludia a movimentos dessa natureza ninguem podia duvidar que fossem republicanos. Houve mesmo um periodo dentro da Republica, em que logicamente, pela razão inversa, ninguem duvidava, tratando-se pela iminencia de tais movimentos, que eles fossem monarquicos. Mas agora, não. Chegámos a um ponto em que se apregôa por toda a parte estarmos em vesperas de acontecimentos graves, no dominio da ordem social, sem que sequer se conjecture qual o caracter que esses acontecimentos manifestam.

Para melhor exemplificação basta recordar o que está sucedendo duma epoca recente para cá a atentar nos factos que a todo o momento se produzem. A imprensa tem noticiado que um movimento revolucionario se encontra na forja, e em tal abundancia de pormenores o tem feito que o governo já lhe pediu para não alarmar a população de todo o paiz. Agora surge um jornal publicando um documento confidencialissimo, pelo qual parece provar-se que haveria não só o proposito de efectuar qualquer movimento revolucionario, mas ainda o intuito profundo e expresso de acabar com a Guarda Republicana, desarmando-a.

Devemos confessar que tudo isto é muito vago, muito difuso e muito grave.

Por que motivo se produziria actualmente uma revolução, não estando em perigo nem a independencia da Patria nem a segurança das instituições? Não se sabe, ninguem o sabe. Ao mesmo tempo, que proposito é este de desarmar a Guarda Republicana em que a Republica tem um dos seus mais firmes esteios?

Não é facil encontrar resposta a estas perguntas. E não se encontra resposta, não porque a não haja, porque necessariamente a ha de haver, visto que ninguem prepara revoltas sem alguma razão, nem ninguem pensaria em proceder ao desarmamento da Guarda Republicana tambem sem alguma razão. Simplesmente, o que é natural é que nem uma nem outra dessas razões é naturalmente confessavel.

Seja como fôr, o que é certo é que criam um estado de especial enervamento as situações desta ordem.

Movemo-nos dentro de perigos que desconhecemos. Não sabemos nada, não percebemos nada do que se passa. Semelhantes factos, a darem-se, nunca chegariam á consciencia publica, que nada compreende das nossas insanias.

A Republica não é tacitamente ameaçada por ninguem? De acordo. Mas indirectamente sofre o maior mal, porque ás contingencias sempre graves dos movimentos revolucionarios ou dos actos de força do poder, que por vezes equivalem a golpes de Estado, liga-se ainda a circunstancia de rogarmos em pleno misterio. Quem se encontra em tais condições, não pode nunca eximir-se a funestos precalços.

Não seria já ocasião da Republica viver fóra do ambiente das intrigas, das conspiratas, das violencias?

A Espanha em Marrocos

O que diz Maura

MADRID, 27.—Preguntado Maura sobre se continuariam as operações iniciadas em Marrocos, respondeu que agora se tratava de ocupar fortemente as novas posições, abastecê-las e organisá-las para uma defeza eficaz contra o inimigo que dispõe de grande facilidade de movimentos.

Quanto ao avanço, corre isso por conta do Alto Comissario.—(A.)

Tropas para Ceuta

MADRID, 27.—Partiram para Malaga, onde embarcarão para Ceuta, duas companhias de pontoneiros do regimento de engenharia.

Na estação estiveram a despedir-se das tropas expedicionarias as autoridades e muito povo que vitorieram o rei e o exercito, fazendo a guarda de honra na gare duas companhias do mesmo corpo com a charanga.—(A.)

Polonia

Um sério atentado politico

PARIS, 27 — Dizem de Varsovia que na ocasião em que o marechal Pilsudsky, depois do jantar que em sua honra oferecera a municipalidade de Plock, se dirigia para o automovel, acompanhado pelo conde de Grabowchi, com o fim de seguir para o teatro, um individuo alvejou-o com tres tiros de revolver, ficando o conde ferido e o chefe do Estado polaco ileso. Este que, apesar do incidente, se dirigiu para o teatro, foi ali aclamado freneticamente pela assistencia entre a qual a noticia do gorado atentado correu com a rapidez do relampago.

O autor do atentado pretendia evadir-se, mas foi preso pela população alarmada com os tiros e que acorreu rapidamente ao local do sensacional acontecimento. — (A.)

O CERCO... DE LISBOA

UM DOCUMENTO SECRETO

A "Imprensa da Manhã" deu á publicidade um documento oficial, de caracter secreto, que nas altas regiões é -:- -:- -:- -:- classificado de apocrifo -:- -:- -:- --

A Imprensa da Manhã deu hoje á publicidade um documento oficial de caracter secreto, datado de 25 de agosto de 1921. Foi o caso do dia não ha duvida. E, a nosso ver, está destinado a provocar a atenção do publico porque se trata daquilo que mais pode apaixonar a alma popular. Parece, pelo documento em questão, que se pensou, nas altas regiões do governo presidido pelo sr. Barros Queiroz e sob a gerencia do sr. coronel Silveira na pasta da Guerra, em atentar contra a integridade da Guarda Republicana, reunindo em torno de Lisboa, as forças militares suficientes para a consumação de tal proposito. Os auctores do plano teriam sido (segundo o documento) o sr. capitão Afonso de Miranda e o ex-ministro das colonias dr. Celestino de Almeida, ambos figuras de destaque da Cruzada Nun'Alvares, agremiação de politicos de varios matizes, sem exclusão do republicano, mas onde predominam, numa proporção enorme, os antigos servidores da monarquia. De resto, o documento em questão não ocultava a feição ultraconservadora, porque se inicia por estas palavras, bem significativas: «Dado o caso de se efectivar o movimento revolucionario que se espera, é necessario que se juntem todos os elementos conservadores...» E ainda esta indicação, com que se dá inicio ao plano da contra-revolução: «Organisação de contingentes militares prontos a avançar sobre Lisboa, mas primeiramente serão enviados á provincia delegados com o fim de tratarem com oficiais que professem idéas conservadoras...» Terminada a concentração em torno de Lisboa, o plano acrescenta que será então que se efectivará a ordem de desarmamento da Guarda Republicana ordem esta que o governo contará não seja cumprida e seja uma provocação á saida do movimento revolucionario...»

Dispensamo-nos de fazer mais referencias ao documento publicado pela «Imprensa da Manhã», porque ao leitor lhe será facil, se quizer, conhece-lo na integra. Em todo o caso, parece-nos que os trechos transcritos são os mais interessantes.

Acerca da autenticidade deste documento secreto ouvimos algumas personalidades, aquelas que, pela sua situação oficial, podiam esclarecer a opinião publica. Vamos reproduzir, pela sua ordem, os depoimentos colhidos.

Falámos, em primeiro lugar, com o sr.

Barros Queiroz

porque, segundo o texto do documento, ele devia ter-lhe sido entregue em 26 de agosto.

O sr. Barros Queiroz subia tranquilamente o Chiado. O ex-presidente do ministerio chegou hoje a Lisboa, retemperada a sua energia de homem de acção pela cura de agua e de repouso a que se entregou na Curia. O seu aspecto fisico é explendido, com o que deveras nos regosijamos. Mostramos-lhe a «Imprensa da Manhã», chamando a sua atenção para o documento. S. Ex.a disse-nos isto:

—Nunca me foi entregue tal documento nem deles tive conhecimento, mesmo por qualquer referencia vaga. Pode declarar isto no seu jornal, sem hesitação.

E o sr.

Matos Cid

Que foi ministro da Justiça no gabinete Barros Queiroz e colega, portanto, do sr. Celestino de Almeida, ministro das Colonias, confirmou:

—E eu tambem não. E' a primeira vez que ouço falar no documento e no plano a que ele se refere.

Quem poderia, se quizesse, dizer a ultima palavra, seria o sr.

Celestino de Almeida

mas o ex-ministro das colonias, que hontem passiou pelas ruas de Lisboa, ausentou-se repentinamente. Foi essa a comunicação que nos fizeram, pelo telefone, de casa de sua ex.ª.

Restava ouvir a versão do governo actual. Com o sr. Antonio Granjo, que nos atendeu em plena rua do Ouro, trocamos estas palavras:

—Viu V. Ex.ª a *Imprensa da Manhã*? Pode dizer-nos alguma coisa sobre o documento secreto que esse jornal reproduz?

—Digo á *Capital*, para que repita aos seus leitores, o seguinte: o documento não existe em ministerio algum, nem no da guerra nem noutro qualquer.

—E' então aprocrifo?

—E' apocrifo.

Eis uma afirmação que não oferece segundas interpretações, pensamos nós. Se conseguissemos avistar-nos, agora, com o sr. ministro da guerra... Mas não foi possivel. O chefe do exercito não estava; mas, em compensação, recebeu-nos muito amavelmente o sr.

Tenente-coronel Chaves

seu chefe de gabinete. O ilustre oficial foi muito claro:

—O documento é-me inteiramente desconhecido, a mim e ao sr. ministro da guerra. Alem disso, a sua publicação parece tendenciosa ou insidiosa, como queira. Veja a data, cá em cima, quasi oculta...

A Imprensa da Manhã parece ter querido fazer acreditar ao publico que esse pretenso plano de desarmamento da Guarda Republicana, era nosso, isto é, do actual governo. Pois não e deste governo nem doutro qualquer. O documento em questão é absolutamente desconhecido neste ministerio. No meu tempo, não passou por cá. E não encontro nos arquivos nada que se pareça com ele.

De resto—acrescentou s. ex.ª, esse tal plano militar de cerco a Lisboa é, sobretudo, idiota...

—O governo não pensa, pois, no desarmamento da Guarda?

—Não! afirmou o sr. tenente coronel Chaves, com energia. A Guarda Republicana merece toda a confiança. Mais depressa eu de aqui sairia (e estou convencido que o proprio ministro tambem) a consentirmos em tal disparate.

Eis o que diz o mundo oficial. Segundo ele, *o documento é aprocrifo*. Mas a nós consta-nos que a *Imprensa da Manhã* vai reproduzi-lo amanhã, em *fac simile*.

POLITICA

O "Misterio dos Cincoenta Milhões"

Chegou hoje a Lisboa o sr. Barros Queiroz. O primeiro cuidado deste ilustre homem publico foi o de procurar o sr. Juiz de Investigação Criminal a quem está afeto o «Misterio dos Cincoenta Milhões», para lhe declarar que se punha completamente á sua disposição, prescindindo voluntaria e antecipadamente das imunidades parlamentares, naquilo em que elas possam colidir com as diligencias para a descoberta inteira da verdade, no complicado negocio do «Misterio dos Cincoenta Milhões».

Partiu para Paris o sr. Afonso Costa. O primeiro cuidado, antes de partir, deste ilustre homem publico foi o de declarar que se recusava a contribuir, com o seu depoimento, para o esclarecimento do complicado negocio do «Misterio dos Cincoenta Milhões».

Não tem o menor fundamento a noticia de que o sr. Barros Queiroz tenha em preparação algum livro de memorias politicas.

Ordem publica

Dizia-se esta tarde na Arcada que se estava realisando uma conferencia de certa importancia, sobre motivos da ordem publica, entre os srs. Presidente do Ministerio, generais Alberto da Silveira e Bernardino Faria, com assistencia ou sob a presidencia do sr. ministro da Guerra.

A Agencia Financial no Brazil

RIO DE JANEIRO, 27.—O decreto restabelecendo a Agencia Financial portugueza nesta cidade foi entregue ao presidente da republica, sr. dr. Epitacio Pessoa, que brevemente o assinará.—(A.)

FRANÇA

Discutem se as relações com Alemanha

PARIS, 27.—Os conselhos gerais, reunidos pela segunda vez este ano em sessão ordinaria, principalmente os dos departamentos de Vienne, Aisne, Oise, Loiret e Ardennes, exprimiram votos, aprovando por unanimidade a politica externa do gabinete Briand que visa principalmente a estrita aplicação do tratado de Versailles no que respeita ás reparações e ao desarmamento.

O sr. Raoul Péret, presidente da camara dos deputados, que foi reeleito presidente do conselho do departamento de Vienne, fazendo uso da palavra, demonstrou que a França está sempre disposta a confiar no governo alemão, sempre que ele mostre com provas tangiveis a sua boa fé e a vontade de cumprir o tratado e declarou que é impossivel transigir quanto á execução das obrigações da Alemanha, que ela está perfeitamente em circunstancias de cumprir. A salvaguarda dos direitos e da segurança da França, acrescentou o sr. Péret, estão na firmeza da nosso atitude a respeito das reparações e do desarmamento efectivo e duradoiro da Alemanha.—(H).

Batendo o record da velocidade

PARIS, 27.—O aviador Sadi Lecointe bateu oficialmente o record do mundo em velocidade.—(H.)

Agressão a um marechal

PARIS, 27. — Um desconhecido disparou tres tiros de revolver sobre o marechal Pilsudski que se fazia acompanhar do conde Grabowski o qual ficou ferido. O marechal ficou indemne sendo o autor do atentado preso.—(H.)

No Congresso da Historia da Arte

PARIS, 27.—Na reunião do Congresso Internacional da historia da arte, em que tomaram parte delegados dos paises aliados, dos paises neutros e da Bulgaria, as diferentes delegações exprimiram o testemunho da sua amisade, e reconhecimento para com a França e o ensino superior artistico daquele paiz e reconheceram a sua divida para com a arte franceza. Todos foram unanimes em recordar o que a Europa deve ás tradições francesas.—(H.)

MARROCOS POR DENTRO

Os armamentos antigos e modernos — Os velhos arcabuzes

Marrocos, esse paiz moderno, com cujas descrições De Amicis tão pitorescamente nos soube deliciar num grosso volume de viagem, está neste momento chamando as atenções do mundo, pelo denodo com que se bate e alcança ruidosas vitorias sobre os espanhoes que «per fas et nefas» pretende ali estabelecer dominio efectivo.

Povo aguerrido como poucos, só os portuguezes souberam vence-los em vitorias sucessivas de que resta Ceuta em poder da visinha Espanha, e as muralhas dos nossos baluartes, ainda por lá dispersos e em ruinas, quando não aproveitados pelos marroquinos para postos de atalaia e alfandegarios.

Nem por isso deixámos de ali sofrer os monumentais desastres de Tanger e Alcacer-Kibir.

De estranhar não são as dificuldades quasi insuperaveis com que os nossos visinhos continuam lutando no seu afan de penetração, tanto mais que o marroquino moderno, a poder de cobiçado tem feito o seu treino na arte da guerra moderna, tendo-se para isso fornecido de armamentos á europeia, incluindo canhões, gazes asfixiantes, arame farpado, etc.

As cousas já não se passam ali como noutros tempos, mesmo posteriormente ás guerras com Portugal.

Ha muito que passaram a ser considerados objectos de museu e curiosidade dos colecionadores, aqueles enormes arcabuzes de pederneira conhecidos com o nome de espingardas, que em tempos não longinquos constituiam o armamento dos habitantes de Marrocos.

Um dos principais centros da produção dessas armas era Tetuão, onde havia muitas fabricas, que, escusado será dizer, desapareceram completamente.

A fabricação de armas compreendia tres fases: o fabrico de coronhas, o fabrico de peças de mechanismo e e fabrico de canos.

A materia prima para a fabricação das coronhas adquiriam-na os artifices marroquinos directamente da Europa chamando-se ao aço temperado que se empregava, «hadid-artob.»

Uma vez forjado o cano, tornava se necessario calibrá-lo e esta operação fazia-se num banco de pouca largura, sobre dois pés de madeira.

Os fabricantes do mecanismo, naturais de Tetuão, eram habeis e construiam caixas verdadeiramente belas com os seus reflexos azul da Prussia ou violeta e algumas peças bronzeadas numa gama que ia dos tons mais escuros aos mais claros, sem que faltassem as filigranas e adamascados.

O caracter do artifice mouro manifestava-se do modo curioso neste trabalho. Executava-o sempre por encomenda e esta havia de ser acompanhada de um adeantamento de dinheiro e alguns presentes.

Começada a obra, o artista demorava-a o mais possivel e quando o interessado por ela perguntava, respondia invariavelmente que não estava pronta, mas que podia voltar dali a quatro ou cinco dias, facto que se repetia varias vezes, até que, aborrecido o que havia feito a encomenda, acabava por ir viver com o fabricante, sem o deixar á sombra ou ao sol até dar por concluido o trabalho, que exigia a paga de novo galardão e presentes.

O cano da espingarda é, em geral, muito largo e algumas vezes chega a ter metro e meio; de sorte que o total da arma atingia por vezes 1m,80.

Alguns canos eram ornamentados com ricos lavôres e gravados feitos a buril, apresentando de distancia a distancia aneis de ferro para reforço.

As espingardas, eram, pois, verdadeiras preciosidades, pois apresentavam ricos ornatos de ebano, nacar, prata e ouro; mas as que geralmente usavam os mouros eram muito toscas e só tinham desenhos formados com pequenos adornos de bronze na coronha.

De vez em quando ainda aparecem algumas á venda em mãos dos mouros dos campos, que não desconhecem a preferencia dos colecionadores pelas velhas armas que agora lá não se fabricam.

Uma reclamação justa

Os agentes da policia de investigação e informação pedem que o Estado lhe satisfaça os honorarios em atrazo

Pedem-nos para chamar a atenção do sr. Comissario Geral da Policia e do sr. ministro do Interior para o que se está passando na policia de investigação e informação.

Esta policia tem pelo Ministerio do Interior um abono de 10 escudos por mez para carros electricos.

Dizem-nos que ha já 10 mezes não recebem esse dinheiro, o que lhe causa bastantes transtornos, como é bem de supôr.

Não lhes sendo as passagens abonadas, como poderão desempenhar-se dos seus deveres?

Tanto mais justificada nos parece a insistencia destes funcionarios cuja missão é velar pela nossa segurança, quanto não oferece a menor duvida que não ha razão plausivel para tais atrazos, sendo de esperar que aqueles por cujas mãos corre este serviço de abonos, vão providenciar com a urgencia que o caso requere.

O eterno problema DO Pão nosso de cada dia

O que são os novos tipos.— Um manifesto e convocações

Volta a agitar-se o eterno problema de todas as epocas em todos os paizes que fazem do pão a base da sua alimentação.

Ha bastante tempo que vinha falando-se em que passaria a haver tres tipos de pão. A semana passada já os padeiros, não sabemos com que espirito, o anunciavam ás donas de casa, embora ainda não fosse de facto chegada a hora fatal.

Tudo ia sendo levado á conta de boatos, nesta epoca em que eles constituem a *fórmula fundamental* dentro da qual se agitam os mais graves problemas que prendem com a sociologia dos povos.

Não tardou muito que o boato adquirisse as proporções de tremenda realidade.

O antigo pão de 40 centavos o kilo piorou de qualidade, e deixou de se vender pelas portas, o que o povo, não sabemos se com ou sem razão, atribue ao proposito de obrigar a consumir do mais caro.

O pão chamado de 2.ª—tem o preço de 60 centavos, e o de 1.ª (fino—no sentido de alvo) obtem o preço de 2 escudos, ou sejam 2$000 réis da moeda antiga.

Isto traduzido na linguagem popular significa que cada pão ordinario, que só se vende nas padarias, passa a custar de hoje em diante dois tostões, o de segunda vende-se ás portas dos freguezes a desasseis vintens, e o de primeira, designado para hoteis e restaurantes, e provavelmente para os novos-ricos, custará dez tostões cada pão!

Abstemo-nos de comentarios, embora haja de reconhecer-se que esta tabela, encarecendo o pão de segunda uns 50 por cento, vem dificultar ainda mais a vida, e determinar perturbações que a nosso vêr seria boa politica evitar a todo o transe.

Já ontem á noite principiou a ser distribuido pela Construção Civil um manifesto deveras violento, dirigido ao povo e ao operariado.

Este documento que vem publicado nalguns jornaes da manhã, termina por um convite que reproduzimos na integra, e textualmente como nos cumpre para trazermos os nossos leitores bem informados do que se está passando a proposito desta magna questão:

«Convidam-se todos os operarios da Construção Civil a reunir hoje pelas 20 horas na séde do sindicato, e respectivas secções para ser tratada a questão do pão.»

«Camaradas não falteis.»

«Está em perigo o nosso pão e dos nossos filhos.»

«A' reunião pois!»

A direcção da Associação de Classe dos Operarios Manipuladores de Pão conferenciou com os srs. ministro da Agricultura e Comissario dos Abastecimentos ácerca da prohibição da venda do pão de 3.ª nos domicilios, tendo dahi, já resultado o consentimento dos padeiros ambulantes venderem dele uma certa percentagem.

E ao mesmo tempo que tudo isto se passa, vemos nos jornais um convite para uma reunião de delegados republicanos com o fim designado de se assentar na ação energica, decisiva e urgente, a contrapôr á campanha ultimamente desenvolvida em certa imprensa, campanha que, atingindo uma das mais prestigiosas figuras do paiz, tem por objectivo ferir a Republica, o que faz parte de um largo plano de descredito lançado sobre a administração publica.

«A Capital» como jornal republicano de sempre, abstem-se de emitir comentarios sobre o que está ocorrendo, limitando-se a fazer votos que todas as forças e correntes de opinião publica, em vez de fomentarem a cisão, busquem os melhores meios de estabelecer uma acção comum, destinada a resolver o problema da alimentação, e o apaziguamento dos espiritos para salvação da Republica.

Todavia, isto parece não ter ainda satisfeito, porquanto para hoje aquela classe, por intermedio da sua direção, dirigiu aos membros da sua Associação um convite para reunirem hoje ás 15 horas.

Do que lá se passou damos o relato na Ultima Hora.

O Sindicato Unico da Construção Civil reune na sua séde em Lisboa ás 21 horas, simultaneamente com as secções sindicais do Beato, Belem, Palma, Alto do Pina, Olivais e Charneca que estão convocadas para a mesma hora.

Este mesmo Sindicato entregou ontem no ministerio da Agricultura um oficio que, por ser interessante de se conhecer reproduzimos na integra:

Ex.mo Senhor Ministro da Agricultura—O parlamento e, consequentemente, o governo de que V. Ex.ª faz parte, acaba de aprovar um decreto que cria 3 tipos de pão, decreto esse que a classe operaria considera uma afronta, e considera-o uma afronta porque, precisamente no momento em que mais uma vez se comprova que quem domina neste malfadado paiz são os bandoleiros do alto comercio e da alta finança, é atirado como escarneo á face daqueles que trabalham um decreto que lhes aumenta o preço do genero mais essencial á vida.

Não pode a classe operaria ficar silenciosa perante tamanha afronta porque, sobejamente ela conhece os atrucss e habilidades de que a moagem tem lançado mão para a ludibriar constantemente. E o, supremo irrisão!—o decreto ultimamente promulgado favorece habilidosamente os sinistros designios da moagem.

Cria o recente decreto um tipo de pão classificado de 2.ª ao preço de $40 centavos, mas sobre esse tipo de pão, sr. ministro da Agricultura, estamos autorizados a dizer, que a mascara com que se pretende ludibriar o povo consumidor, porquanto a sua qualidade será tam ordinaria e a sua quantidade tão diminuta que forçará aqueles que trabalham a terem de comprar o pão do tipo imediato, senão muitas vezes o de 2$00 escudos.

A quem interessa o decreto sobre o pão ultimamente promulgado? E' esta uma pergunta á qual a classe operaria exige que se responda.

Este sindicato convida v. ex.ª a comparecer na reunião que amanhã efectua, pelas 2 horas, na sua sede, calçada do Combro, 38-A, 2.º, a fim de perante a classe operaria dar uma resposta concreta á pregunta acima formulada.

Saude e Liberdade. Lisboa e gabinete do Sindicato Unico dos Operarios da Construção Civil, em 26 de setembro de 1921. Pelo Conselho administrativo.—O secretario geral, *João Miranda*.

Um artigo de Mercedes Blasco

Da ilustre actriz, Mercedes Blasco recebemos as seguintes palavras de agradecimento pelo artigo que aqui lhe dedicámos.

«Ao grande e generoso espirito de «O homem que passa» agradeço, cheia de emoção, as sentidas frases do seu artigo de ontem em «A Capital».

Sei que esse «homem» é novo e tem o cerebro pleno de nobres ideais.

Não sei se o facho de luz, que agitou desde as colunas de «A Capital», conseguirá penetrar nas densas trevas de egoismo que hoje envolvem a gente portuguesa—triste é dize-lo.

Mas restar-me-ha a consolação de que houve alguem que ousou olhar para dentro de mim...

«O homem que passa» não passou em vão pela porta da minha alma, que eu voluntariamente fecho aos indiferentes: Levou consigo a mais bela flor do jardim do meu reconhecimento, as unicas flores que em mim ainda não murcharam.»

Mercedes Blasco.

Politica espanhola

Conferencias e Conselho de Ministros

MADRID, 27.—Reuniu no Paço sob a presidencia de Afonso XIII o conselho de ministros a que se atribue geralmente grande importancia, mostrando-se os ministros muito reservados com respeito aos assuntos tratados.

O ministro da marinha ficou em longa conferencia com o rei ignorando-se de que assunto falaram, mas dando-se muita importancia á conversação.

Depois o rei assistiu da janela do palacio ao desfile dos pontoneiros que seguiram para Ceuta, sendo muito aclamado por toda a gente que enchia a praça do Oriente.—(A).

Fala Romanones

MADRID, 27. — Chegou o conde de Romanones que foi recebido por numerosos amigos. Interrogado sobre a situação politica, respondeu ser sua opinião deverem reunir imediatamente as côrtes.—(A).

Portugal na Conferencia de Washington

LONDRES, 27.—Os jornais dizem que os Estados Unidos informaram o governo portuguez de que encaravam a participação parcial de Portugal na conferencia de Washington, em virtude dos interesses deste pais no Oceano Pacifico e no Oriente.—(H).

O Escudo portuguez no Brazil

RIO DE JANEIRO, 26. — Cambio s/ Londres, 8 7/16 e 8 1/2. Valor do escudo portuguez, 780/850 réis. —(A).

A carestia da vida

Importante comicio no Porto

Para domingo passado convocou a Comissão Nacional de Defesa da Republica um grande comicio publico a realisar pelas 10 horas no largo de S. Jeronimo.

Para esta publica manifestação contra as dificuldades sempre crescentes que a carestia da vida vai creando a toda a população portuguesa, a Comissão convidou a fazer se representar as seguintes colectividades:

Grupo Radical Defeza da Republica, Falange Republicana Radical, Atalaia do Norte, Comissão Paroquial Popular do Bomfim, Fraternal dos Inquilinos, Centro Democratico Simões de Almeida, Associação de Classe dos Serventuarios do Trafego da Alfandega do Porto, Associação dos Manipuladores de Tabacos, Junta Paroquial Popular de Paranhos, Grupo Carbonario dos 13, Centro R. Antonio Maria Baptista, Gremio Luso Republicano, Grupo Civil da Ribeira, Gremio Patria e Republica de Gaia, Falange Republicana Norte, etc., etc.

O comicio realisou-se com grande concorrencia de populares que ali foram escutar a voz daqueles que, mais corajosa e entusiasticamente erguem o seu protesto.

A' hora designada foi aberto o comicio, ao qual presidiu o sr. Luiz dos Santos Pereira, secretariado pelos srs. Manuel Gomes da Silva e Bernardo Pinto.

Foram oradores neste brilhante comicio os srs. Joaquim da Silva, Luiz Queiroz, Serafim, Lucena, senador dr. Pereira Osorio, Antonio Ramos, Vasco Moreira e Manuel Pereira.

Foram aprovadas duas extensissimas moções protestando contra a situação angustiosa da vida e reclamando do governo prontas e eficazes medidas para atenuá-la: reclamar mais a vinda das colonias dos generos que lá estão apodrecendo, casas baratas, a regularisação da moagem e da panificação, a intensificação das colheitas e o barateamento dos artigos de vestuario.

O comicio decorreu na melhor ordem tendo comparecido no local forças da policia e guarda republicana que se limitaram a assistir.

A Historia da Colonização Portuguesa do Brasil

Um empreendimento arriscado e patriotico

Recebemos o fasciculo 1.º do volume 1.º da «Historia da Colonização Portugueza do Brazil».

A espectativa com que a noticia do patriotico empreendimento foi acolhida por todo o Portugal que pensa e estuda, não só não resultou iludida, como antes foi, em muito, ultrapassada. A direcção e coordenação literaria do eminente homem de letras e ilustre academico Carlos Malheiro Dias, faz-se brilhantemente notar já neste primeiro fasciculo, cuja disposição e cujo aspecto são primorosos. Outrosim a direcção cartografica do distinto colonial sr. Ernesto de Vasconcelos, secretario perpetuo da Sociedade de Geografia de Lisboa, se afirma da preciosa valia que de tão alta competencia era de esperar. Da parte artistica da importante obra, já neste fasciculo grandemente por ela valorizada, bastará recordar que ficou a cargo do consagrado artista que é Roque Gameiro.

Destina-se a edição monumental da «Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil» a comemorar o primeiro centenario da independencia do Brasil; e no momento que passa nas relações luso-brasileiras, sendo necessario o desvanecimento de pequenas nuvens e sendo conveniente uma maior afirmação de mutua confiança e da mutua amisade entre os dois povos irmãos, inestimavel é o serviço que ás duas patrias prestam a Camara Portuguesa de Comercio e Industria do Pará, e os srs. Albino de Sousa Cruz, Visconde do Morais, José Antonio de Sousa, Z ferino de Oliveira, Antonio Dias Garcia, Antonio Ribeiro Seabra, Antonio Alberto de Almeida Pinheiro, Gregorio Garcia Seabra, José Pais Borges, João de Sousa Cruz, Antonio Carvalho Rocha Mascarenhas, Raimundo de Magalhães, João de Carvalho de Macedo Junior, Antonio Cardoso Gouveia e Conde de Avelar, nossos ilustres compatriotas de Além-Atlantico que se constituiram em empresa editora para levarem á pratica o patriotico empreendimento.

Representação bancaria

Por omissão involuntaria não incluimos no numero dos bancos que assinaram a representação ante-ontem entregue ao sr. ministro das Finanças, o nome do Banco Economia Portugueza. Gostosamente fazemos a rectificação.

Pela Instrução

Liceu de Passos Manoel

No proximo dia 1 de outubro teem começo neste Liceu os exames para todos os alunos esperados e reprovados ás horas abaixo indicadas:

7.ª classe de sciencias e letras ás 11 horas; 2.ª, 3.ª e 5.ª e de admissão ao liceu ás 10 horas.

VIDA SPORTIVA

Um magnifico programa de box

O espectaculo de sabado no Coliseu

Ouvindo novamente um dos organisadores

Novidades e mais novidades

Prometemos ontem aos leitores dar hoje mais detalhes da primeira festa de box, com que o Coliseu dos Recreios vai abrir as suas portas, até que inicie a sua epoca de circo, que será ai por 15 ou 20 de outubro.

Como o prometido é devido, procurámos hoje no circo aquele nosso amavel informador de ontem, um dos organisadores dos espectaculos em questão que, apenas nos vê, diz-nos:

—Então vem saber novidades para «A Capital»? Já as tenho e boas. O primeiro espectaculo realisa-se já no sabado proximo, porque não nos foi possivel preparar tudo para quinta feira.

Desejamos dar um programa completo e ao mesmo tempo educativo.

Apresentaremos pela primeira vez um magnifico «film» dos combates de box realisados no Stadium no dia 28 do mez passado, nos quais tomaram parte Simeth-Ruivo, o portuguez Faustino Pereira e Chastegne e Mario Gall-Goffin. Recorda-se o v. da festa?

—Sim, recordo. Foi dos bons programas de box. Incluiu tres combates qual deles o melhor.

—Depois?...

—Depois apresentaremos um combate de amadores (de pesos minimos) e a novidade ela ai vai:

O boxeur Mario Gall apresentar-se-ha a convite do jornal «Os Sports» que está patrocinando estas nossas festas, com sua esposa numa demonstração de todos os golpes de box. A lenda de que o box é «selvagem» com a apresentação de uma mulher a pratica-lo deve por esta fe parte. O box é uma arte e que tem muito que se lhe diga...

Mas como lhe ia dizendo, Mario Gall não só fará a demonstração dos golpes com sua esposa, como exibirá em 2 rounds com o seu discipulo dileto Abel da Cunha, o campeão de Portugal de pesos meios leves, representante do Ginasio Club Portuguez, que ha pouco acaba de ganhar a Taça do Campeonato de «O Seculo».

— E combates profissionais?

— Vamos fazer um encontro que deve ser com certeza uma grande batalha.

Faustino Pereira «challanger» ao titulo de campeão de Portugal, encontra-se pela primeira vez com Rosa Brito, outro boxeur que aspira ao titulo do campeão de todas as categorias. Tem trabalhado muito em Inglaterra. Foi o «treinador» de Bazilio de Oliveira. Já se vê por aqui que é adversario de respeito para Faustino. Contudo este está confiante no seu «folego» e na sua enorme resistencia. Tem trabalhado e ha-de por certo resistir e saber-se impôr.

O combate é em 10 «rounds» de 3 minutos com luvas de 4 onças. Já vê o meu amigo que o programa não é exagero dizer-se que é dos melhores que ultimamente se teem apresentado.

Depois de ouvirmos o que o leitor acaba de lêr démos um abraço ao simpatico organisador e quando nos retiravamos, ele com um sorriso, aquele sorriso que todos os empresarios teem, diz-nos:

— Amanhã ainda lhe posso talvez dar mais uma boa noticia lá para o seu jornal.

— De que se trata?

— Vamos devagar. Por hoje apenas lhe direi que a noticia relaciona-se com o combate Carpentier-Dempsey...

— Bem, então amanhã á mesma hora cá estarei...

Foot-ball

O La Vie au Grande Air du Medoc em Lisboa

Por iniciativa do Imperio Lisboa Club, deve defrontar-se, nos dias 5, 8 e 9 de outubro proximo, com alguns dos nossos melhores clubs o «La Vie au Grand Air du Medoc», fortissimo agrupamento francez.

A equipe do «Vie au Grand Air», campeão do sudoeste da França, é um dos clubs mais fortes daquele paiz.

Comunicado oficial da Federação Portugueza de Box

Em reunião dos clubs, rialisada em 4 de julho ultimo, foram aprovados na integra os Estatutos e Regulamentos propostos pela anterior Direcção da F. P. B., tendo sido eleitos os actuaes corpos gerentes com segue:

Presidente: Francisco Guedes. *Conselho tecnico*: Humberto Caldas, Francisco Xavier de Araujo, Miguel da Silveira. *Conselho administrativo*: Ivo Ferreira, secretario; Julio de Carvalho, tesoureiro; Raul Bastos, vogal.

Assuntos tratados e resoluções tomadas nas reuniões de Direcção:

Clubs federados: Foram enviados oficios aos clubs sportivos do paiz rogando a sua filiação. Acompanha os oficios um questionario que os clubs devem preencher, fornecendo assim os elementos indispensaveis de orientação dirigente.

Filiação dos organismos internacionais: Com o fim de representar a Federação nacional nas duas Federações Internacionais de Box, a amadores e profissionais, nomeou a F. P. B. seus delegados no estrangeiro o sr. Oliveira Valença. A troca de correspondencia entre as Federações Internacionais e a Federação nacional tem prosseguido o mais rapidamente possivel para o nosso sport, faltando apenas o cumprimento dumas formalidades regulamentares para que a filiação da F. P. B. seja um facto.

Boxeurs profissionais portuguezes: Para satisfazer as disposições do Regulamento da F. P. B. vai ser publicado um aviso convidando todos os boxeurs nacionais profissionais a efectuarem a sua inscrição fornecendo determinadas informações da sua vida pugilista.

Campionatos nacionais profissionais: Aguardam-se as inscrições profissionais para elaborar a lista dos campiões portuguezes — por categorias — declarando vagas aquelas categorias em que não forem homologados titulos.

Campionatos Nacionaes Amadores.—Foram homologados os titulos nacionaes, como segue, conforme os resultados do ultimo campionato, sendo considerada vaga a categoria «dos meios-medios, onde venceder eecentemente abraçou o profissionalismo:

«Minimos»—Sobral Dias; «Levissimos»—Godofredo Campos; «Meios-Leves» e «Leves» Abel da Cunha; «Meios-Medios»—vago; «Medios» «Meios-Pesados»—Francisco Xavier de Araujo; «Pesados» vago.

Boxeur Sr. Miguel Cruz.— Tendo-se suscitado duvidas sobre a participação do sr. Miguel Cruz no campionato de amadores organizado pelo Jornal o «Seculo», e não existindo provas materiaes de que o referido senhor combatera já como profissional, resolveu a F. P. B. submeter á assinatura do referido «boxeur» um documento, declarando sob sua palavra de honra não ter jamais infringido os regulamentos da Federação na parte que diz respeito á definição de Amadores.

Ficam assim resalvadas as responsabilidades dos amadores que encontram no decorrer do campionato o citado *boxeur*, reservando-se ao mesmo tempo a Federação o direito de punir conforme entender e seja justo, no caso da sua declaração ter falseado a verdade.

Organisações Mixtas.— Foi resolvido, atendendo ás naturaes dificuldades de organizações profissionaes, devido á dificuldade, por emquanto, de obter material, autorizar as organisações mixtas de profissionaes e amador, desde que os combates de amadores sejam solicitados e que seja rigorosamente observado por cada um pagar o organizador uma taxa de 50$00 para o fundo da F. P. B.

ULTIMA HORA

Poeira da Arcada

Nas proximas festas comemorativas da Republica evolucionarão sobre a cidade quatorze aeroplanos.

✦ ✦ ✦

Com o sr. Presidente do Ministerio e ministro dos negocios estrangeiros conferenciou hoje o sr. dr. Leguisamon Pondal, secretario da Legação da Argentina em Lisboa.

O sr. dr. Joaquim Soto Maior tambem realisou uma conferencia com o sr. Melo Barreto.

✦ ✦ ✦

O «Diario do Governo» do seu numero de hoje insere a lei que autorisa a organisação do pavilhão expositor na Feira do Rio de Janeiro, abrindo para essas despesas um credito de 2.500 contos.

Foi tambem aberto um outro credito de 250.000 escudos para as despesas a fazer com a Feira de Lisboa que se realisará em novembro.

✦ ✦ ✦

Com o sr. Ginestal Machado, ministro da instrução, conferenciaram hoje o sr. dr. Amilcar Saraiva, professor do Liceu de Aveiro, e a erudita escritora sr.ª D. Carolina Michaelis.

✦ ✦ ✦

O conselho de ministros reuniu hoje pelas 9 horas na secretaria do interior durando a sessão até ás 14. Ocupou-se nas negociações para a realisação de acordos comerciais com a Alemanha e da nomeação de funcionarios nos termos da lei dos duodecimos, resolvendo que todas as nomeações a fazer serão submetidas ao «visto» do sr. ministro das finanças, realisando-se sómente aquelas com que ele concordar.

✦ ✦ ✦

A bordo do vapor «Canadá», chegou hoje a Lisboa a guarnição do destroyer «Guadiana» que como se sabe ficou em Italia a sofrer reparações.

✦ ✦ ✦

Está em Lisboa o sr. José de Meireles, inspector do circulo escolar de Torres Vedras.

✦ ✦ ✦

O Ministerio esteve esta tarde reunido em conselho.

✦ ✦ ✦

O sr. embaixador do Brazil conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio.

✦ ✦ ✦

O presidente da comissão parlamentar de inquerito ao ministerio da guerra, senador dr. Eduardo Pimenta, acompanhado do secretario, sr. capitão Brazão, conferenciou com o sr. ministro da guerra sobre assuntos tratados na reunião de hoje.

✦ ✦ ✦

O deputado sr. O'Neill Pedrosa instou com o sr. ministro do Trabalho para que fosse satisfeita, com urgencia a petição da camara municipal de Alcobaça, referente ao balneario da Piedade.

✦ ✦ ✦

Foram concedidos 2 meses de licença ao actor Carlos Santos, professor da Escola de Arte de Representar, afim de poder ausentar-se para o estrangeiro.

Provincias Ultramarinas

O ex-capitão dos portos de Timor, capitão de fragata, sr. Montalvão da Silva vai, como noticiamos, exercer o cargo de segundo comandante da escola de Torpedos e Electricidade e não como alguns jornais disseram, proceder a uma organisação dos serviços da sua arma.

✦ ✦ ✦

Foi anulada a portaria que mandou afastar do serviço o chefe do serviço da curadoria geral dos serviçais e colonos de S. Tomé, sr. dr. Baeta Neves.

Lisboa na rua

Um roubo na importancia de 2.040 escudos

Queixou-se hoje á policia Flora da Conceição, moradora na rua de S. Paulo 198, 2.º, que a tolerada Isabel Lafonde, que estava hospedada em sua casa, aproveitou a sua ausencia para lhe roubar varios objectos no valor de 2.040 escudos, ausentando-se para parte incerta.

Detido por suspeita

A firma Tomás John & Sons, com séde na rua Saraiva de Carvalho 87, 3.º, apresentou hoje queixa á policia contra o 2.º dos seus socios, o seu empregado Abel Augusto Simões Lavado, por suspeita de ter sido ele o autor duma tentativa de incendio há dias ocorrido nos seus escritorios.

Vamos ter gaz?

Com os srs. ministros do Trabalho e do Interior, teve hoje uma demorada conferencia o administrador das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, sr. Elio de Melo Rego, que tratou a questão do gaz, e da falta de carvão.

Parece que pelo ministerio do Trabalho vai ser concedido um credito áquela companhia, para melhoramentos a introduzir na mesma, comprometendo-se esta a fornecer o gaz preciso.

Morte de um deputado ferido

ROMA, 27.—Em consequencia dos ferimentos recebidos faleceu hoje no hospital de Mola o deputado sr. Divagno.—(H.)

A' Camara Municipal

Dentro em poucos dias, as ruas da Baixa estarão intransitaveis

O que se está passando em Lisboa, no que respeita ao estado das principais arterias da cidade, é simplesmente vergonhoso. Mas o que é pior é que, dentro de poucos dias não haverá forma de transitar por certas ruas, tal o estado de destruição a que está chegando o calcetamento.

Os ultimos temporais agravaram a situação precaria do pavimento das ruas.

Para não falar doutras, basta apontar as ruas Nova do Almada e Nova do Carmo, com o leito de pedras a descoberto. Dir-se-hia que estamos numa aldeola do Minho ou de Traz-os-Montes. Com mais algumas horas de chuva, a destruição será total e a circulação impossivel, especialmente para veiculos.

Reunião dos manipuladores de pão

Cerca das 17 horas de hoje reuniram no edificio da C. G. T. os manipuladores de pão, para tratar da venda do pão de 3.ª qualidade aos domicilios, reclamação já ontem feita por aquela classe directamente aos srs. ministro da Agricultura e Comissario Geral dos Abastecimentos, tendo ficado resolvido que só podesse sair das podarias a quinta parte do pão fabricado.

Os oradores que fizeram uso da palavra nesta reunião foram unanimes em que os vendedores deveriam levar o pão que quizessem, aprovando-se tambem por unanimidade um voto para que seja criado o tipo unico. Nesta sessão foi demonstrado que o pão que actualmente se vende ao preço de $40 o kilo é fabricado com mil drogas que só podem prejudicar o organismo dos que o comem.

A reunião, que esteve muito concorrida, continúa, devendo talvez, ser marcada um outra para amanhã.

NOTICIAS DO BRAZIL

O processo relativo ao pedido da embaixada portugueza para o estabelecimento de uma Agencia Financial no Rio de Janeiro, com sujeição ás disposições do regulamento da fiscalisação dos Bancos, foi submetido pelo procurador geral da Fazenda Publica ao Inspector Geral dos Casas Bancarias, para que emita o seu parecer.

—E' interessante o valor dos lucros que se podem auferir do regulamento do jogo.

— O imposto sobre esta vicio, só na ultima semana do mez passado, vendeu 43.683$000 reis, ou seja quasi mais trez contos do que na semana anterior.

Durante a ultima semana, o Banco do Brazil satisfez cheques no valor de 36$831 contos de reis.

—A exportação do arroz fez-se na importancia de 40:000$000, em 1920, segundo a estatistica feita, 94:000 contos.

—A comissão executiva do centenario da independencia do Brazil resolveu mandar imprimir 500.000 exemplares de envelopes, contendo um pequeno mapa do paiz, cartões postais com a reprodução do quadro historico do Grito do Ypiranga e retratos de todos os chefes de Estado, desde a proclamação da independencia até os nossos dias, figurando no verso desses retratos dizeres destinados á educação civica da infancia.

—Foi decretada a falencia ao Banco Francez no Brazil.

—Foi descoberto um desfalque no Sociedade Comercial e Industrial Suissa, recaindo suspeitas contra o director gerente, Samuel Machado da Silva, que está preso, incomunicavel. O desfalque verificado é de 300 contos.

—Não tem fundamento a noticia de que o governo francez pretendia confiscar os nossos navios ex-alemães, para garantir as dividas dos Estados do Amazonas e Pará.

— Foram submetidos á aprovação da prefeitura os planos da primeira «Villa Popular», a ser construida de conformidade com as leis federais, cujo regulamento foi ultimamente publicado pelo governo. De acordo com os planos a vila terá 411 casas populares com capacidade de habitação para 2.560 pessoas.

— Foi colocado no Corpo de Segurança Publica a pedra fundamental de um hospital de pronto socorro da prefeitura.

Touradas

Campo Pequeno

Com oito touros da famosa ganadaria do sr. João Coimbra, lidados pelos nossos melhores artistas, realisa-se no dia 5 uma tourada comemorativa do aniversario da Republica, organisada pela empreza e por uma comissão, revertendo parte do produto para os filhos de oficiois, sargentos e praças da armada.

A praça será ornamentada por pessoal da armada.

Alcochete

São os nossos mais artisticos toureiros-amadores os que gentilmente vão tomar parte na corrida que se realisa já no domingo e em que são lidados dez touros que há muito foram escolhidos nas manadas do sr. Joaquim Martins e teem estado a ração especial. São lidadores os cavaleiros srs. D. Alexandre e D. João de Mascarenhas, os bandarilheiros srs. D. Carlos de Mascarenhas, João Coutinho, Mario Lopes, Gama Lobo, D. Pedro de Bragança, Artur Ribeiro e Lopes da Silva e o grupo de forcados de Santarem, de quem cabo o sr. Antonio Abreu.

Tambem são amadores os campinos, que são rapazes de Aldegalega e trabalharão a cavalo.

O antigo amador sr. D. José de Mascarenhas dirigirá a corrida.

Vila Franca de Xira

A feira anual dá sempre logar a belas corridas de touros. As deste ano realisam-se nas tardes de 2 de outubro, com touros de Pinto Barreiros, e de 3, com touros de Mendonça Irmão, e na noite de 4, com touros comprados ao sr. Vaz Monteiro.

Os artistas contractados—dos mais apreciados—são os cavaleiros Rufino da Costa e R. Teixeira, os bandarilheiros Teodoro, Cadete, Tomé, Custodio, J. Frois, Vital Mendes, Rocha e M. Falcão, e o grupo de afamados pegadores, de que é cabo Manuel Burrico.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30—«Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martira».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Nota do dia

Empresariomania

Esta epedemia que lavra com espantosa intensidade no meio teatral portuguez só pode ser comparavel áquela outra doença da «entrevistómania» que se não tem manifestado com menos força no meio jornalistico — e cujo fim de principal irradiação é «Diario de Lisboa».

Entrevista-se um sujeito porque é grande actor ou porque foi sempre mau actor, porque tem botas amarelas, porque fez ontem anos, porque vai brincar os empresarios, porque lhe caiu o cabelo, porque é bom rapaz, porque se encontrou na rua...

Mas se a «entrevistómania» é apenas ridiculamente ingenua e bem intencionada a empresariomania é mais antipatica não sendo menos ridicula.

A cada canto de Lisboa, e mesmo no meio da rua, se organisam companhias de teatro não já pouco dizimos com uma boa figura dos palcos e meia duzia de anónimos mas,— o que é mais—sem nenhuma figura regularmente cotada.

E vá de tomar um cinema em «transertti» de teatro, um cacifo, um burago, — um verdadeiro nicho — e toca a instalar-se, uma companhia, uma má companhia (o que fazem as más companhias!), uma companhia menos homogenea e menos honesta que aquelas companhias de feira, de atleta, mulher-giboia e dançarina açafrão.

E vá de entrevistar-se o grande empresario, e falar de teatro classico, e de «revue d'art» e do alta declamação.

Esta época de inverno, decididamente, implacavelmente, está a pedir chuva, chuva torrencial...

E lembrar-se a gente que estes temporais desfeitos apenas entorraram de vez um carro electrico...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Entre nós

No proximo sabado abre a bilheteira do Ginasio, iniciando-se a assinatura da Companhia Alves da Cunha para a epoca de inverno, no Ginasio. Essa assinatura abrange 6 recitas, com peças diferentes, estando nela incluidas as «premieres» de «O Eterno D. Juan e Papa Lebonnard».

A inauguração da temporada de inverno é a 6 de outubro, com «A Labareda», peça em que interpreta o principal papel Alves da Cunha, e será apresentada a rigor, com esplendidos scenarios de Mergulhão.

Durante a temporada, que possue elementos de sobra para decorrer duma forma inexcedivelmente brilhante, realisar-se-hão, ás quintas-feiras «matinées» com peças escolhidas, das que prefere a sociedade elegante, que escrupulosamente, escolhe as suas diversões. Na escolha do logares para essas recitas excecionais terão a preferencia os srs. assinantes da epoca.

—A companhia Satanella-Amoranto, inaugura a epoca de inverno no teatro Avenida com a opereta «Flores de Noite».

—Nas oito recitas de assinatura, da proxima temporada do Nacional, está incluida a primeira da epoca de inverno, que será com a peça historica de «D. Afonso VI», original do ilustre escritor D. João da Camara.

No bilheteira do Nacional continua aberta a assinatura livre, devendo ser reclamados, até 30 do corrente os bilhetes marcados.

—E' definitivamente, no proximo sabado, que se inaugura a temporada de inverno, no teatro São Luiz, com a companhia de opereta Armando Vasconcelos, a melhor e a mais completa no genero, e para a qual acaba de ser escriturado o actor Vasco Sant'Ana, recomechegado do Brazil. A inauguração da epoca é com a «Leiteira de Entre Arroios», seguindo-se-lhe «O Marido Provisorio», que ha pouco foi estreiada no Porto, por esta companhia, com extraordinario exito.

—Macedo e Brito, o infatigavel e inteligente rapaz tão conhecido e apreciado no nosso meio teatral, tem quinta-feira, no São Luiz, uma recita de homenagem, que lhe promovem os seus amigos e admiradores. O programa é o mais atraente e sensacional da temporada devendo, por todos os motivos ter, nessa noite, o São Luiz, uma enchente colossal.

—Regressou ontem do norte, aonde agradou imenso a Companhia Alves da Cunha.

—E' a seguinte a distribuição do quadro «Bons Dias» da fantazia «Pau de dois bicos», em ensaios pela companhia Nascimento Fernandes: «Folhinha», Clara Batista; «Madrugada», Deolinda Macedo; «Dia de Espiga», Adelina Fernandes; «Anoitecer», Zulmira Betencourt; «Dia de Sol», Elisa Santos; «Dia de Chuva», Angela Barros; «1.º de Maios», Deolinda Macedo, «Dia de Reis», Edalina Lopes; «Ano Bom», Ema Polonio.

Reclamos

S. Luiz

Mais uma noite de entusiasmo vai ser a de hoje, no São Luiz. Para que tal se de basta saber-se que realisam, ali, a sua festa os actores Augusto Costa e Carlos Alves, que são geralmente estimados, tomando parte no espectaculo, preenchendo um interessantissimo acto de variedades, Adelina Fernandes, Deolinda de Macedo, Nascimento Fernandes, Erico Braga, Vasco Sant'Ana e Sales Ribeiro.

E', tambem, esta noite uma das ultimas representações da revista «De Capote e Lenço», com todas as atracções, e da fita «Os 50 Milhões de Dollars» que só se exibirá até 6 feira, terminando, nessa noite, a actual temporada.

Apolo

Em vista de continuar a dar enchentes o «Burro em Pé», a empreza do Apolo resolveu manter a peça em scena ainda durante esta semana, que será a ultima, montando-se o «Gato por Lebre» sem qualquer interrupção nos espectaculos.

A CAPITAL

3898 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 — LISBOA — Quarta-feira, 28 de Setembro de 1921 — DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Pretensão impossivel

Não deve surpreender ninguem, nem mesmo os maiores amigos e admiradores do sr. Afonso Costa, o facto de a reunião de ontem no Centro Thomás Cabreira não ter revestido aquela significação e importancia que noutras circunstancias poderia haver esperanças de obter. E' que em todos os tempos houve os chamados «amigos dos diabos», e os que pensaram em protestar contra as arguições de que tem sido alvo na imprensa o sr. Afonso Costa, em consequencia da sua intervenção no contracto dos 50 milhões de dollars, foram realmente «amigos dos diabos». Não é assim que se pode favorecer a causa do sr. Afonso Costa, o que já é mau, nem comprovar as altas qualidades dum regimen, como o republicano, o que é pessimo.

O que está de pé é uma questão de moralidade. As questões de moralidade não se abafam com pressões da qualquer natureza, nem as que partem das altas regiões do poder, nem as que são preparadas nas seitas politicas. Imagine, porventura, alguem que se se fizesse uma violencia contra os jornais que tem comentado o procedimento e as atitudes do sr. Afonso Costa na questão dos 50 milhões de dollars, ficariam inteiramente ilibadas as suas responsabilidades nesse contracto?

Questões desta natureza vencem-se com provas e argumentos. Quar isto dizer que não sejam condemnaveis as grossarias de frase, os ataques contra a Republica, que em caso nenhum, absolutamente em caso nenhum, pode ser incriminada por um erro dos seus delegados, ou até mesmo por faltas graves desses seus delegados? Da forma alguma. Mas ha muitas maneiras de exigir responsabilidades á imprensa. Para isso existem leis, do que o sr. Afonso Costa ou o governo se podem aproveitar, caso assim o entendam. Fazer em cavacos meia duzia de moveis, ou quebrar meia duzia de caboças, é que não decidiria de maneira alguma a questão, antes a agravaria, porque se poderia supor que os amigos do sr. Afonso Costa não tinham outra forma de provar a sua correcção e a sua inculpabilidade.

Por isso não podem admitir-se os promotores das reuniões do fracasso, que o seu progenitor sofreu, não encontrando nenhuma especie de aplauso na grande massa republicana. Então os promotores dessa reunião querem capacitar-se de que só eles se comovem com os ataques de que tem sido alvo o sr. Afonso Costa? Nesse caso, bem pouco prestigio possuiria esse homem publico, e por muito que ele se encontre reduzido, nós não acreditamos que a tão exiguas proporções chegasse.

Não compareceu nessa reunião nenhum republicano de destaque. Nem pertencente aos partidos nem fora dos partidos. Nenhum republicano conhecido, embora independente, quiz dar a sua solidariedade a um intuito de violencia tão claramente expresso como o que se continha, no aviso da reunião visto que nelas se dizia que se ia «assentar na acção energica, decisiva, e urgente» de que deveria resultar o fim imediato das campanhas que os irritavam. Por isso nem mesmo do partido democratico, onde, contudo, o sr. Afonso Costa continua a ter um culto, compareceu a essa reunião, que, na realidade, só podia dar resultados contraproducentes.

O que ha a fazer é bem diverso. E' ter serenidade, é não sobrepôr nenhuma especie de idolatria aquilo que é insofismavelmente a honra da Republica. Deixemos fazer completa luz sobre uma questão que revestiu manifesta gravidade, e que ninguem pode nem deve pensar em desviar do seu curso natural e legitimo. Liquidados eles, todos ficarão nos lugares que a consciencia publica lhes assine, e não serão os monarquicos que hão de cantar victoria porque daquilo em que só o espirito patriotico devia influir não souberam senão fazer arena dos seus odios contra a Republica. O paiz tem os olhos fitos em todos nós, e ha de fazer justiça a todos que a merecerem.

Ladislau Batalha Junior

A bordo do «Africa», que ontem entrou, vindo dos portos da Africa Ocidental, chegou o sr. Ladislau Batalha Junior, filho do chefe da redacção do nosso jornal.

Ao estremecido que envia o corpo redactor da «Capital» as suas felicitações, e ao filho desejamos as maiores prosperidades na continuação da sua carreira oficial, em que se distingue pelas suas faculdades de trabalho.

Brevemente segue para a Guiné, onde vae assumir as funções do seu novo cargo na Auditoria.

Pela Instrução Publica

Escola Industrial Afonso Domingues

A'manhã é inaugurada a exposição de trabalhos de desenho e oficinais do ano lectivo findo, feitos pelos alunos e alunas da Escola Afonso Domingues.

A exposição encerrar-se-ha no dia 7 do proximo mez, valendo bem a pena examinar os progressos que a pedagogia ali tem feito.

OPINIÕES

A Cruzada Nun'Alvares

Esta agremiação é, presentemente, uma arma da reacção clerical e monarquica, contra a qual os republicanos necessitam precaver-se...

A publicação do intitulado documento secreto nas colunas da *Imprensa da Manhã* chamou a atenção publica para uma agremiação de formação recente o que, apezar disso, quasi caiu em total esquecimento.

Referimo-nos à *Cruzada Nun'Alvares*, cuja vida inglória parece aproximar-se do fim, pela progressiva dissociação dos elementos que primitivamente a constituiram. O breve inquerito a que hoje procedemos convenceu-nos inteiramente de que a *Cruzada Nun'Alvares* não existe senão para lisonjear a vaidade dum ou outro dos seus membros e para servir de pretexto, embaraçar, sem inutilisar, o progresso das ideias democraticas. A *Cruzada Nun'Alvares* adoptou a *camouflage* do extra-partidarismo e até mesmo do amorfismo em materia politica.

A agremiação seria, no dizer dos seus fundadores—ilustres desconhecidos, quasi todos—uma assembleia de homens apenas orientados pela mais alta expressão das virtudes civicas, independentemente de confissão religiosa ou profissão de fé politica. Com este simulacro de programa conseguiu a *Cruzada Nun'Alvares* chamar a si alguns politicos bem intencionados, á frente dos quais se colocou o sr. Braamcamp Freire, figura decorativa da Republica por se encontrar por certo muito voluntariamente, quasi inteiramente afastado de toda a combatividade. A'parte esse meia duzia de republicanos, que se prestaram ingenuamente à *camouflage* desta aspiração de força reaccionaria, a *Cruzada Nun'Alvares* não conseguiu arregimentar nas suas fileiras combativas senão a fina flôr do reaccionarismo, quer em materia religiosa quer politica.

Viveu assim durante algum tempo, escondendo cuidadosamente as suas baterias de batalha. Mas quando se julgou forte com os jarrões republicanos com que pretendeu cobrir a propria responsabilidade, logo a Cruzada se desmascarou, abrindo fogo contra as ideias liberais e demonstrando-se, praticamente, como um elemento de dissolução que chegou a inspirar cuidados á Republica e á sua obra de emancipação espiritual.

Os republicanos que por lá andavam extraviados, retiraram-se. Assim aconteceu, por exemplo, com o general Gomes da Costa e com Drumond Castle, oficial miliciano, tendo sido, este ultimo, o principal organisador da Cruzada, mas que se incompatibilisou com o espirito reaccionario que a multidão clerical acabou por impor.

O documento publicado pela *Imprensa da Manhã* trouxe á superficie o nome do sr. capitão Afonso de Mirando, como um dos autores do plano militar reaccionario. Este oficial nega, aliás, a autoria que lhe foi atribuida; mas o que é certo, por testemunho firmado pelo sr. Celestino de Almeida é que estes dois homens publicos conversaram ácerca do problema da defeza da Republica contra a invasão das ideias liberais. Tanto um como outro são membros qualificados da Cruzada Nun'Alvares. Esta é, pois, uma agremiação trabalhada por ideias reaccionarias, segundo a confissão de dois dos seus mais ilustres membros! E lá se foi por agua abaixo a mascara patriotica, que é substituida pela carranca dum autentico e irredutivel espirito anti-democratico.

No inquerito que nos serviu para assentar nas ideias acima expostas, procurámos ouvir algumas opiniões. De todas elas, destacamos duas, a primeira das quais nos foi exposta pelo sr.

Antonio Guimarães

membro da Liga Liberal, do que é presidente o velho republicano, nosso querido amigo e venerado Mestre, o sr. Magalhães Lima.

—A Cruzada Nun'Alvares — disse o sr. Guimarães—é uma associação de reacionarios, que não pensam senão em destruir a obra, espiritualmente emancipadora, das leis fundamentais da Republica. Não tenha duvida alguma a esse respeito. Para os seus fins chega a servir-se dos proprios republicanos. Eu assisti, por exemplo, a uma conferencia entre os srs. Eduardo de Sousa e Magalhães Lima, em que aquele ex-parlamentar evolucionista pediu, em nome da Cruzada, a neutralidade dos liberais perante a manifestação da missa campal efectuada nas ruinas do Carmo, a quando das festarolas ao Santo.

Os receios do sr. Eduardo de Sousa eram infundados. Nós, liberais, não tinhamos interesse algum em impedir a celebração da tal missa campal. E' por este simples razão: é que ela redundou numa *chuchadeira* demonstrativa da fraqueza, mesmo numerica, da reacção em Lisboa. Mas, se eu cito o nome do sr. Eduardo de Sousa, é sómente para demonstrar quanta habilidade os reacionarios desenvolvem para atrair a si os republicanos desprevenidos. Por que, apezar de tudo, eu não creio no catolicismo espectaculoso do sr. Eduardo de Sousa!

Ouvimos tambem o ardente republicano

Alferes Matos Cordeiro

que resumiu o seu pensamento numa frase de espirito. Nós perguntámos:

—Digo-nos, sr. Alferes: que pensa da existencia real da Cruzada?

—Que é uma Cruzada Real!...

E, por hoje, terminou o inquerito.

Em volta dos 50 milhões de dollars

A atitude de Barros Queiroz

A liquidação da questão dos 50 milhões de dollars constitue a mais ampla consagração moral dessa altiva figura que é Barros Queiroz, erguido agora á luz dos documentos publicados no «Diario do Governo» a um elevado pedestal de civismo, do qual o quizeram apear certos jornais com a lama dos seus insultos, atirada num tão baixo gesto de ameaça, que não ouve ai, nem o comedimento da linguagem que tanto dignifica a imprensa e lho dá força, como aquele respeito que numa sociedade culta se tem sempre por homens de Estado em exercicio das suas funções.

E ainda hoje, apesar de devidamente esclarecida a questão pela logica desses documentos, ainda hoje não ha em Lisboa, que eu saiba, um unico jornal que abertamente faça a devida justiça a esse homem de bem, portuguez de lei, que com tamanho brio e energia do animo salvou o paiz de maior derrocada, porque maior e mais alto era o pulo formado pela gente da finança.

Criminoso, portanto, é o silencio que se mantem em torno desse homem de bem, oiro em fio, portuguez antigo, «que se quebrou, mas que não se deixou torcer!»

E mais criminoso é ainda a gente do Crédit atribuir-lhe o malogro do contrato, como se essa operação não fosse apenas um «truc» para á sua sombra se fazer a especulação cambial que se fez, unico objectivo.

Bastava o facto de Jeferson Williams e o seu grupo financeiro terem desaparecido como fumo, como sombra, «velut umbra», assim que Barros Queiroz tratou de abrir os olhos, para os leitores se convencerem de que se tratava de uma coisa que não era a serio. Mas ha mais e melhor.

Os documentos publicados no Diario do Governo mostram que havia a maior ancia por parte de todos os que estavam metidos e interessados na proposta do contrato para que o Governo portuguez com a maior pressa fechasse as negociações.

Sucede, porem, que em 2 de junho Barros Queiroz manda a Afonso Costa um telegrama contendo a seguinte passagem:

«...Governo «confia inteiramente» em V. Ex.ª para resolver como julgar mais conveniente para interesses do paiz as duvidas suscitadas para assinatura do contrato de abertura de credito de cincoenta milhões de dollars, para o que dá a V. Ex.ª plenos poderes. Governo pede a V. Ex.ª favor de «apressar negociações e de transmitir telegraficamente o texto do contrato» logo que o tenha assinado».

Ha no trecho anterior dois pontos de vista, que convém frisar. O primeiro é a inteira confiança depositada por Barros Queiroz em Afonso Costa. Foi o que o perdeu. Porque sem essa confiança logo em 28 de maio Barros Queiroz teria visto claro como viu um mez depois em 30 de junho. Mas quem é que não depositaria essa confiança em homem de tamanho prestigio dentro da Republica como é Afonso Costa? Quem diria que tão esperto homem seria logrado pela gente do Crédit como vulgar saloio?

O segundo ponto de vista é o que diz respeito ao pedido de Barros Queiroz para apressar negociações e ser-lhe enviado o texto do contrato depois de assinado.

Naturalmente pensa o leitor que os homens do Crédit que tinham tanta pressa em ver fechadas as negociações tratavam imediatamente de satisfazer á solicitação de Barros Queirós?

Qual!

Levaram nada menos que 10 dias para dar a resposta. Porque é só no dia 12 de junho que Afonso dizia a Barros Queiroz num telegrama:

«...Delegado americano recebeu telegrama dizendo que as resoluções difinitivas tomadas pelos interessados não eram transmitidas telegrafo porque foram expedidas pela mala da Legação em 6 de junho, devendo chegar Paris segunda feira proxima 13 de junho».

Mas que tem que as resoluções fossem expedidas pela mala da Legação, para que, dada a solicitação de Barros Queiroz, se não tirasse delas uma copia, pelo menos em resumo, e esta expedida pelo telegrafo, para com urgencia o governo dessas resoluções tivesse conhecimento?

Mas não foi na segunda feira, 13 de junho, que as resoluções foram comunicadas a Afonso Costa, porem, muito depois, só depois de 20 de junho, como se vê do seguinte telegrama de Afonso Costa a Barros Queiroz:

«Paris 20 de junho. Resposta ao telegrama de v. ex.ª 432 delegado americano recebeu comunicações resoluções definitivas quarta-feira passada ou quinta-feira, mas sob pretexto demora tradução para francês e objecções sob advogado sobre redacção só hoje á noite intregará nota que espero permita concluir contrato amanhã».

Ao espirito do leitor claramente deve ter saltado o facto de que se procurou protelar o mais possivel a apresentação das resoluções.

Entretanto dava-se no paiz a maior e a mais perigosa especulação cambial.

Que responsabilidade tem então Barros Queiroz nesta demora e como é que ele teria podido proceder mais cedo?

A marcha ulterior das negociações põe ainda mais a coberto das acusações que se lhe fazem, como veremos num outro artigo.

Ludovico de Meneses.

Trez horas e meia na Penitenciaria

Coisas interessantes vistas por um jornalista—A cela de José Julio da Costa—Um D. Juan béra—Um assassino que matou 7 pessoas e que é um "bom" homem

Doze horas de um dia de sol, o jornalista chega á porta da Penitenciaria. Um guarda com um molho de chaves na mão pregunta-nos por la do portão — um largo portão de ferro capaz de resistir a todos os ataques — o que desejamos.

— Falar ao sr. director — dissemos.

— Não está, foi para fóra.
— Então ao sr. sub-director.
— Não ha.

— Mas alguem deve fazer as suas vezes, insistimos já não muito satisfeitos com o contratempo.

Os guardas da penitenciaria são de poucas palavras. Preguntam e respondem o mais laconicamente possivel. Até eles contribuem para arripiar quem quer que um dia chega ao portão da Penitenciaria e olha para o fundo do corredor que lhe fica em frente a perder-se numa densa e misteriosa escuridão.

— A fazer as vezes do sr. director, está o sr. dr. Mendonça Boavida, informou por fim.

Anunciámo-nos. O sr. dr. Mendonça Boavida manda-nos entrar imediatamente.

Exposto o nosso fim: visitar todo o edificio, s. ex.ª encarrega logo o sr. Gabriel da Costa Roma, chefe dos guardas, de nos acompanhar. E a visita começa.

Em tres lapides colocadas sobre a entrada que dá ingresso á Cadeia, proprimamente dita, lê-se: «Recebe os primeiros presos em 2-9-1885» «mandada edificar em 24-4-1873» e «aboliu a pena de morte e instituida a pena celular em 6-2-1913». Já no corredor os nossos olhos deparam com esta provocação fixada numa taboleta: «O silencio é o primeiro dever de quem entra nesta casa».

Tudo contribui para nos despertar um enorme interesse a par de um grande pavor. Vagarosamente caminhámo-nos para o centro da Cadeia. A cada passo ha um portão de ferro e um guarda com um molho de chaves na mão.

Chama-se centro da Cadeia a um observatorio circular com alguns metros de diametro, no meio do qual existe um segundo circulo de uns trez metros de diametro, vedado e todo envidraçado.

Este ponto, que tem trez andares, e o vertice de todos os angulos formados pelas seis alas da Penitenciaria. Nele está sempre vigilante um guarda, que sem nenhum esforço vigia durante todo o dia e toda a noite os 583 reclusos que ora estão naquele estabelecimento correcional.

Chegados a este ponto de observação encontramos os primeiros reclusos. Devemos desde já observar que o seu aspecto é tão bom ou tão mau que desde logo desaparecem de nós todo o horror de que a vamos possuindo. Usam todos cara rapada e barrete sem pala. Vestem fatos de cotim ou ganga. A diferença-los dos operarios de uma grande fabrica de cá de fóra ha apenas a particularidade do numero. Todos tem numero. Uns nas costas, outros no peito, e ainda outros numa das pernas.

As alas são largas, limpas e arejadas. Teem trez andares cada,—os mesmos que o observatorio. Cada ala possui centenas de celas. A primeira que quizemos vêr foi a que pertenceu a José Julio da Costa. E' a numero 6 da ala A. Na posta, escrito a tinta vermelha, e em grandes carateres, lê-se o seguinte: «Reu pela Republica».

Delivemo-nos um pouco a olhar atentamente aquelas letras escritas pela mesma mão que fez tombar um chefe de Estado e que encheu de lagrimas e de luto milhares de corações. Um crime politico nunca satisfaz nem desgrada a toda a gente.

Por isso o crime de José Julio da Costa tambem veiu constituir a felicidade de milhares de familias. Coisas do destino.

O atual «proprietario» da cela de José Julio da Costa é José Ferreira Mendes, castigado em 6 anos pelo crime de furto praticado na Covilhã. Se tivesse sido em Lisboa andava á solta.

Ha celas que se veem com agrado. Parece exagero, mas não é. Na numero 2 da ala B não se resiste á tentação de se entrar. E' um brinco. A cama muito bem arranjada, o pavimento bem areado e as paredes todas enfeitadas com quadros, flores de papel, retratos, ilustrações, etc. Misturado com lindas figuras de bailarinas lá estavam os retratos de D. Manuel, D. Carlos, Sidonio Paes, Luciano Moreira. Dois retratos de Victor Hugo: um numa capa do «O homem que ri», outro numa capa do «Noventa e trez». Ao lado dos retratos de Victor Hugo uma capa ilustrada de «A Taberna» de Zola.

Temos aqui um preso culto, pensámos.

Vamos já entrevistado.
—Como se chama o senhor?
O preso fez uma continencia e respondeu:
—Serafim da Silva, natural do Porto.
—Por que está aqui?
—Por ter tentado contra o pudor de uma mulher.

Bom; estamos diante de um D. Juan; vamos ter palestra rasgada, ouvir um hino á mulher, um hino á vida, uma lamentosa evocação do passado repassada de fundas saudades, e risonhas esperanças dum futuro esperado com ancia, com fervor. E de ante-mão sentimo-nos regalados.

—Em quantos anos foi condenado?
—Oito.
—Ha quantos está aqui?
—Ha cinco.
—Então já falta pouco, hein! Pouco tarda que volte á sua terra...
—Ainda faltam trez anos.

Não havia meio de o homem falar mais. Respondia simples e secamente. Mudámos de tatica.

—E' então um admirador de Victor Hugo e de Zola...

O preso olhou-nos como quem não percebe. Nós insistimos:

—Gostou de ler o «Noventa e trez»? Ainda se lembra daquele rapazito que numa biblioteca...

—O guarda que nos acompanhava:
—Ele não sabe ler, senhor jornalista!

✦ ✦ ✦

A Penitenciaria já não existe. O velho regimen de penitencia foi extinto pela Republica. No alto do Parque Eduardo VII já não ha uma fabrica de doidos, mas uma autentica casa industrial, ou melhor, uma pequena cidade industrial. Por todos os lados se veem oficinas em laboração. Trabalha-se em tudo. Em tipografia, encadernação, alfaiataria, sapataria, marcenaria, carpintaria, serração, serralharia. Ha tambem oficinas de malas, funileiro, cesteiro, carroças, pintura, assim como fabrica de moagem, roupraria, barbearia, lavandaria, e até vacaria. Todos trabalham, o pode-se calcular o que seja o trabalho de 583 homens que não teem outra distracção. Tivemos ocasião de observar que alguns reclusos trabalhavam freneticamente. Antigamente o penitenciario trabalhava isolado, não saia da cela senão uma hora durante o dia; não podia comunicar com ninguem.

Hoje a vida do recluso é diversa. A's 8 horas toma pão e café com leite. A's 9 vai para o trabalho donde volta ás 12 para almoçar. A's 13 vai novamente para a oficina, e ás 18 volta para jantar, não saindo então mais da cela. O trabalho é em comum mas as refeições separadamente, nas suas celas e fechados.

Das 18 ás 21 o preso entretem-se geralmente na cela a pintar bonecos, fazer navios, tocar guitarra ou ler livros que a biblioteca do estabelecimento lhe fornece. Tocado o silencio, dentro da Penitenciaria já não ha o mais ligeiro rumor que não desperte a atenção dos guardas. Estes á 1 hora da madrugada, apesar de todos os portas estarem fechados e todos as alas vigiadas e guardadas, passam em revista todas as celas, abrindo-as e fechando-as. Antigamente a inspecção era feita por um oculo existente em cada porta. Mas eles verificaram que certos reclusos iludiam pelos presos que com as mantas arranjavam uma figuração de homem deitado, para mais facilmente poderem executar qualquer plano de fuga. A's 4 horas da manhã, a todas as alas, a todas as celas, a todas as portas e a todas as fechaduras é feito um novo exame.

Dizem que é este serviço, os passos lentos ecoando ao longo das alas, o molhos das chaves tocando uma musica extranha, as portas a baterem no silencio da noite, a recordação mais viva, mais triste, que se traz da velha Penitenciaria.

Esta recordação persegue durante toda a vida, como um sino a vibrar dentro do cerebro, todos os desgraçados que, possuindo algum sentimento, teem a desdita de para lá irem um dia.

(Continúa)

A questão cerealifera

Falando com o sr. Plinio da Silva

Encontrámos na Baixa o deputado sr. Plinio da Silva que, como os nossos leitores se devem recordar, foi quem no Parlamento apresentou uma moção de desconfiança ao antigo ministro da Agricultura sr. Sousa da Camara, por motivo da proposta sobre trigos por esse senhor apresentada.

Feitos os cumprimentos de estilo perguntamos ao sr. Plinio da Silva:

—Que pode V. Ex.ª dizer á *Capital* sobre a questão dos trigos, agora que se resolveu augmentar o preço do pão?

—Dir-lhe-hei sómente que enquanto se continuar a consentir a especulação dos gananciosos moageiros, o povo não deixará de ser miseravelmente explorado por esses individuos insaciaveis de ouro.

«Já o afirmei publicamente o torno-o a repetir: enquanto não se terminar radicalmente com tal estado de coisas, a solução da gravissima questão cerealifera pode vir a ter lamentaveis consequencias, tanto mais que o explorado povo está farto de sofrer privações a que o sugeitam os decretos e leis que bem mal regulam o assunto.

«Ora é necessario evitar um possivel desastre, estudando-se a maneira pratica de solucionar a questão, mas de maneira a que o pão não venha a ser alimento para ricos!...

E com um aperto de mão o sr. Plinio da Silva poz ponto na rapida palestra, e nós seguimos á procura de quem nos desse elementos para terminar este artigo.

Logo por sorte encontrámos no Chiado o conhecido comerciante de trigos, sr. Manuel Caseiro, que gentilmente nos deu alguns esclarecimentos ácerca da questão do regimen cerealifero.

Disse o sr. Caseiro:

—Eu tenciono apresentar uma nova proposta ao Estado para o fornecimento de trigos. Tenho primeiro que me revestir de paciencia para arrostar com a má vontade da Comissão Consultiva de Trigos, e digo má vontade, porque sei a quem é que ela tem feito as propostas que anteriormente apresentei.

«E' preciso dizer no seu jornal que é sempre dificil contractar com o Estado nas condições em que tem feito os concurs...

A' nossa muda interrogação, o nosso interlocutor diz-nos sorrindo:

—Existe uma lei em que se obriga a reunir a Comissão Consultiva nos dias 15 e 30 de cada mez, para examinar as propostas que lhe forem apresentadas.

«A lei diz tambem que a comissão pode reunir extraordinariamente, quando os ministros assim o entenderem.

«Ora se a comissão reune extraordinariamente e porque ha necessidade do Estado adquirir trigos não se compreendendo então porque tem ela recusado aceitar propostas vantajosas para o paiz, aceitando após mais algumas reuniões, isto é, quando ha absoluta necessidade de comprar o cereal, propostas menos vantajosas só porque elas se comprometem a fornecer trigos no prazo de 3 ou 5 dias!

«Dessa maneira apenas lucram as entidades A, B ou C, que tenham carregamentos de trigo em transito o a dias de vista de Lisboa!

«Ora isto não é de boa economia nem orientação, pois as comissões podem muito bem aceitar as propostas para fornecimento de trigos de 15 em 15 dias, conforme manda a lei, regulando assim as necessidades do paiz, e evitando o desperdicio de maior capital.

«Eu sei que se fizeram ultimamente propostas para o fornecimento de trigos, comprometendo-se o proponentes a entregar o cereal dentro do prazo maximo de 25 dias, propostas que, apresentadas nas reuniões extraordinarias da Comissão, foram recusadas, apesar de eu estar convicto de que ela estavam dentro das cotações e se fizeram quando não havia absoluta necessidade dos trigos, só comprará quando a necessidade fôr absolutissima!...

«E neste caso veremos a comissão reunir uma vez e aceitar a proposta X, mais cara é verdade, mas cujo carregamento vem a cinco ou seis dias de Lisboa, e nos casos que existe um pão de trigo!...

—Que nos diz v. ex. acerca da lei para aquisição de trigos?

—Nessa lei existe um artigo interessante, e que da margem a podesse brincar com os outros concorrentes!...

«Eu explico: para as propostas serem apreciadas e necessario depositar-se 20 contos na Direcção Geral do Comercio Agricola. O concorrente perde o direito a esse deposito quando a proposta aceite pela comissão não prazo estipulado de 24 horas, não fôr confirmada pelo concorrente dentro de 6 dias.

«Exemplificando: eu recebi comunicação, na minha casa, que o Estado vai começar a sair do porto X, o logo em seguida vou ao concurso e faço uma proposta em melhores condições do que outro qualquer concorrente.

«Como o Estado aceitando a proposta não a confirma dentro do prazo de 24 horas, os evidentemente não sou obrigado a levantar o meu deposito de 20 contos, e logo assim é oferta um novo concurso.

«E' nessa altura que me convem oferecer o meu carregamento de trigos, que já então está proximo de Lisboa, e portanto em melhores condições de oferta, atendendo á necessidade absoluta que nessa altura o Estado tem de adquirir trigos.

E concluindo, s. ex. ajuntou:

—Compreende v. senhor eu quero chegar com o exemplo que acima expuz?...

Uma prepotencia?

Um editor de jornais incomunicavel

A' redacção do nosso periodico acaba de chegar a noticia de que hoje, ao meio dia, compareceu na redacção do jornal «A Monarquia» a autoridade que levou imediatamente, preso e incomunicavel, para as Monicas, o sr. Antonio Rodrigues de Mendonça, editor do mesmo jornal.

Ao que nos dizem, supõe-se que o pretexto da prisão seria qualquer artigo original ou transcrito, que a «Monarquia», quiçá tenha publicado em comentario desfavoravel ao conto do vigario dos 50 milhões de dollars, com que toda a opinião publica se acha irritada.

Não é a defeza daquelo jornal o que pretendemos aqui fazer. Toda a gente sabe que somos fundamentalmente opostos aos seus principios e discordes das suas doutrinas.

Tratamos da defeza dos direitos que assistem a todos os jornais, a toda a imprensa, em qualquer paiz que aspire á classificação de melhoramente livre.

Nada ha que ver com as doutrinas; só são inconvenientes, calunciosas ou de linguagem despejada lá está a lei de imprensa a pedir contas e responsabilidades para se lhe aplicarem as merecidas penalidades.

Entrar na séde de um jornal, sejam quais forem as suas doutrinas, prender o editor e pô-lo incomunicavel é que nos parece em absoluto fóra da lei e já a roçar pela violencia.

A não ser que pesem outras razões. Neste caso, porém, como em outros quaisquer, não pode omitir-se o questionario preparatorio e a nota de culpa, ou queixa ou acusação.

Um crime passional

Uma mulher que envenenou o seu marido por ciumes

O caso passou-se em Aveiro ha dois dias. Uma mulher de 43 anos de edade, e que intendia de bruxedos, procurou na farmacia uma droga com que resolveu envenenar seu marido, deitando-lho no vinho, do que ele era muito guloso.

Qual o movel do crime?

O ciume! o eterno ciume que ocupa uma grande proporção do terreno nos cemiterios com as suas victimas.

O marido, de 50 anos, de nome Joaquim Manuel Tavares era caseiro da quinta de um ricaço brazileiro, o sr. Evaristo Nunes, a cujo serviço se encontrava Clara da Conceição, rapariga bonitota, de 25 anos, por quem o caseiro se apaixonou.

A esposa, Isabel Pereira Tavares descobriu aqueles amores com que não concordou.

As flechas do ciume trespassavam-lhe o coração, apesar de já ser quarentona.

Aqui foi Troia. Sem mais tir-te nem guar-te, preparou a mistela de que o marido veiu a morrer.

Depois de ingerir a poção que a mulher lhe preparara, ainda se queixou de pé, só no dia seguinte apareceu morto.

Presa pouco depois, Izabel Pereira Tavares confessou o crime.

O processo vae seguir os tramites habituaes. E acabou-se a historia!

Professores agregados

Foram nomeados professores agregados dos liceus; do 1.º grupo, sr. José Estevão Matos Junior; do 2.º, sr.ª D. Justina Augusta Matos de Almeida e sr. Manuel Antonio Morais das Neves; do 4.º e 5.º, D. Maria de Lourdes Dias do Amaral; do 6.º sr. J. Carrengtou Simões Costa; do 8.º, sr. Manuel Marques Esparteiro, e do 9.º sr. Julio Leitão de Barros.

Lêr amanhã:
"Os Sports"

O "Almanzora"

Um telegrama recebido de Southampton diz-nos que acaba de ser examinado o casco deste transatlantico e que nada se lhe encontrou que possa impedir a sua derrota para a America. Por esta razão começa-las-ha em breve, devendo tocar no nosso porto em 5 de outubro.

ALEMANHA

O Reichstag

BERLIM, 28.—O Reichstag recomeçou as suas sessões.—(H)

Demissões no partido comunista

BERLIM, 28.—Demitiram-se dos seus logares, abandonando o partido comunista, o sr. Hoffmann, que era o membro mais influente do partido no Reichstag e o sr. Daumig.—(H)

Boas novas

TERCEIRA, 28, (sem fios). — O comandante, oficiais e tripulantes do vapor «Santiago», passando nos Açores, seguem bem e saudam suas familias. (a) Cardoso.—(H)

IDEÁIS LOUCOS

Espartaquistas de ontem e de hoje

Um precursor da ideia nova: Spartakus!...

A derrota de Spartakus, o inimigo das desigualdades sociais do imperio romano—Os espartaquistas de hoje—A derrocada do imperio alemão em 1918—Os espartaquistas, irmãos dos bolchevistas—O simbolismo de Spartakus—A morte de Liebknecht e de Rosa Luxemburgo—-:- -:- -:- Um sonho que finda!... -:- -:- -:-

Ora Crassus acabava de saber que Pompeu se aproximava e estava por isso com pressa de terminar com a campanha, tanto mais que o estado do exercito do seu inimigo lhe permitia esperar obter um sucesso facil.

O recontro deu-se nas margens do Silarus. Forçado a dar uma batalha que não entrava nos seus designios, Spartakus preparou-se para jogar esta partida suprema com um heroismo grandioso e desesperado. No momento de dar o sinal do combate, matou o seu cavalo com uma espadeirada: «Vencedor, disse ele, acharei outro entre os dos romanos; vencido, não quero fugir!».

E, num turbilhão louco arrastou os seus sobre as legiões, penetrando profundamente no exercito romano, que se vergava em semi-circulos, como o açude minado pela torrente, a ponto de despenhar-se das margens se fôra e se curva, bojando sobre a veia inferior das aguas.

Em breve, porém, Spartakus se via crivado de feridas; apezar disso combateu durante muito tempo ainda de joelhos, até que finalmente ficou sepultado sob os cadavares daqueles que ele tinha abatido.

Quarenta mil escravos pereceram com o sublime vencido nesta gloriosa derrota, que tirou ás raças escravisadas a esperança de, antes de passarem alguns seculos, conseguirem a sua libertação.

Alguns milhares de fugitivos foram exterminados por Pompeu, o homem das victorias faceis e a quem veio a caber toda a honra de ter esmagado os ultimos germens da revolta.

Este sangrento sucesso ocorreu ha mil novecentos e noventa anos.

Parafraseando Herculano podemos dizer que Spartakus, o gladiador escravo era, para as classes servas, a ultima e temidissima esperança de libertação: como estrela cadente que se imerge nos mares, aquele esforço brilhante se desvanecera na escuridão que tingia as margens do Silarus!

Spartakus, o chefe eleito pelos gladiadores e escravos para fazer guerra a Roma e ás instituições nela dominantes, com o fim de fazer desaparecer os privilegios sociais, ficou sendo o tipo, a personificação da justiça e do direito perseguidos e que de repente quebram as cadeias que os oprimem...

✦ ✦ ✦

A Alemanha, essa imperial potencia, cujos doutores eram profundos e subtis, cujos generaes eram habeis e muito ilustres, cujos industriaes eram poderosos e cujos traficantes davam leis aos continentes, a Alemanha diziamos nós, dobrára em fim a cerviz perante a força representada pelos triunfantes exercitos aliados.

No seu acto de abdicação de 28 de Novembro de 1918, Guilherme de Hohenzollern tinha manifestado o desejo de que todos os funcionarios do velho imperio, todos os oficiais do seu exercito e todos os soldados ajudassem o novo governo a salvar a Alemanha do caos e da anarquia.

No meio da tragica baralha creada naquele paiz pelo desastroso termo duma terrivel guerra, enquanto a bandeira vermelha fluctuava desordenadamente a todos os ventos, trez correntes se notavam, ora alteando-se, ora baixando, ora pairando em expectativa, ora atirando-se uma de encontro á outra.

Eram elas: o velho imperialismo vencido, o democratismo oficial e o espartaquismo, irmão gemeo do bolchevismo.

E' a segunda corrente, a da «social-demokratie», aquela que se apresenta á frente dos negocios publicos.

O estado geral de miseria profunda como não se tinha visto na Europa central e na Europa oriental desde a guerra dos Trinta Anos; o afrouxamento de toda a disciplina provocado pela guerra mundial, no proprio paiz que fazia timbre outrora do seu amor pela ordem; a lenta propaganda que os bolchevistas russos exerciam por meio de jornais—como «Die Fackel» (O Archote) que se intitulava «Organ der Russischen Revolutionaren Arbeiter — Soldaten — und Bauern Regierung» (Orgão dos Conselhos Revolucionarios Russos de Operarios Soldados e Camponezes) e que como todos os jornais revolucionarios russos, ostentava no cabeçalho a celebre formula marxista «Proletarier aller Lander, vereinigt Euch!» (Proletarios de todo o mundo, uni-vos!), que introduziram clandestinamente na Alemanha, foram, entre outras, as principais causas que favoreceram o nascimento da nova corrente de ideias—o espartaquismo.

O irmão gemeo do bolchevismo assim gerado, a corrente dos avançados alemães, escolhera Spartakus para seu patrono.

Spartakus!... O gladiador escravo que foi banido e morreu como morreu...

Spartakus!... o tenaz inimigo das desigualdades sociais do imperio romano...

Spartakus!... o adversario obstinado da tirania...

da distinção entre escravo e homem livre...

Spartakus!... O nome diz tudo.

Foi esta corrente que logo após o armisticio de 1918 se arrojou contra o socialismo oficial, a social-democracia, anichada nas cadeiras do poder.

O espartaquismo, cujos chefes eram Liebknecht e Rosa Luxemburgo, não possuia ainda a organisação do bolchevismo; nem a sua organisação, nem a sua força, mesmo porque o bolchevismo é o que se pode chamar a «perfeição da anarquia», por mais extravagante que possa ser ligarmos estes dois termos. (A. Rocha Peixoto—«Cronica Internacional» — Jornal do Comercio e das Colonias—16 janeiro 1919). Ora a perfeição não se alcança em dois dias, seja no que fôr. E o povo alemão não tem precisamente as mesmas tendencias do slavo, e tem sido educado doutra forma. Como diz Rocha Peixoto, nem é tão idealista nem tão selvagem.

Foi por isso que a onda violenta do espartaquismo, após ter ido bater de encontro aos pés da social democracia pangermanista e governamental, tendo ameaçado por momentos o novo edificio politico «façonné» pelas mãos calosas dos antigos operarios Ebert e Scheidemann, se desfez no sangue de Liebknecht e de Rosa Luxemburgo.

O socialismo oficial conseguira jugular o espartaquismo, cujos chefes Liebknecht e Rosa Luxemburgo tiveram os cadaveres insultados e mutilados pela colera popular que esbravejou nas ruas!...

Liebknecht, o malogrado orientador na Alemanha, da ideia nova — que, a exemplo de seu pae, foi tambem durante a Grande-Guerra um dos poucos representantes do paiz que se opoz á concessão dos creditos necessarios para a continuação da luta — julgava, como Spartakus, ser o redemptor, o libertador das classes inferiores, dos humildes, daqueles que não se teem sabido emancipar da escravidão da ignorancia e que teem sempre querido tornar responsavel da sua desgraçada situação a sociedade em que vivem, quando é afinal o desconhecimento das leis da vida, a ausencia de ordem e a falta dum regular meio de subsistencia, aquilo que em todos os tempos tem produzido o odio de classes, origem das discordias sociais.

Os chefes do espartaquismo tinham marcado na fronte o sinal fatal dos predestinados, porém, não tiveram a morte gloriosa daquele a quem tomaram por simbolo.

A voz daquele que julgava ser um novo Spartakus conseguira, embora inutilmente, como diz Rocha Peixoto, arrastar o operariado de mãos calosas, que se convenceu ter de pertencer-lhe a nova aurora. Ou num sonho de criança, ou num sonho de febre, isso que importa? A verdade é que se convenceu...

Porém, tal não sucederá porque isso significaria o fim de toda a democracia, de toda a liberdade, o começo, enfim, duma nova era de servidão e o desabar, no meio do riso satanico das populações esfaimadas, de todas as esperanças dum futuro melhor, durante pelo menos um seculo.

Raul Humberto de Lima Simões.

Vidé primeira parte deste artigo n'A Capital de 26 do corrente.

ULTIMA HORA

Notas politicas

As tropas de Mafra — Um boato infundado

Correu hoje na Baixa que as tropas aquarteladas no convento de Mafra se tinham insubordinado. O sr. Presidente do Ministerio autorisou-nos a opôr, a esta noticia, o desmentido mais formal e completo.

Machado Santos

O sr. Machado Santos teve hoje uma demorada conferencia com o Chefe do Governo.

Outra conferencia...

Num gabinete do ministerio do Interior reuniram-se hoje em conferencia os srs. Presidente do Ministerio, ministro da Guerra e ministro do Comercio.

Uma carta do sr. Vasco Borges

Acêrca da frase «plenitude de funções politicas», empregada pelo sr. Afonso Costa na entrevista publicada no «Mundo» escreveu o ilustre parlamentar sr. Vasco Borges uma carta ao «Mundo», discordando da nossa interpretação. Emquanto nós entendemos que por «plenitude de funções politicas» só pode entender-se o exercicio de todos os poderes, isto é, a dictadura, o sr. Vasco Borges julga que o sr. Afonso Costa quiz referir-se, apenas, ás suas funções de deputado.

O sr. Vasco Borges não nos convenceu. O unico, que o poderia fazer, seria o sr. Afonso Costa, explicando-se claramente. O desprezo a que ele nos votou (ai de nós!...) torna impossivel essa solução do insignificante problema.

ESPANHA

Politica interna

MADRID, 28.—O sr. Cambó diz que a renovação do privilegio do Banco de Espanha não será decretado sem ser legislado, devendo portanto, o assunto ser adiado. O sr. Cambó é partidario da imediata abertura das côrtes.—(H.)

Ha socego em Melilla

MADRID, 28.— Tanto a imprensa como os circulos politicos, incluindo o governo estão em divergencia sobre a oportunidade da abertura imediata das côrtes.

As noticias oficiais recebidas de Melilla dizem haver ali tranquilidade geral.—(H.)

700 voluntarios para Melilla

HAVANA, 28.—Setecentos voluntarios embarcaram com destino a Melilla onde vão alistar-se na Legião Estrangeira e combater os mouros ao lado das forças espanholas.—(A.)

Provincias Ultramarinas

O sr. ministro das Colonias está-se ocupando da forma de solucionar o problema financeiro das nossas possessões ultramarinas não só equilibrando os respetivos orçamentos, mas tambem creando receitas.

O governador de Cabo Verde comunicou ao ministro das Colonias que a canhoneira «Bengo» pode ser dispensada do serviço daquela provincia, tanto mais que o seu regresso á metropole representa apreciavel diminuição de encargos para o cofre da mesma possessão.

O governador da Guiné requisitou o primeiro oficial do quadro aduaneiro da metropole sr. José Gomes para servir em comissão nas alfandegas daquela provincia.

O alto comissario em Angola, segundo comunicou ao ministerio das Colonias, vae enviar para a metropole um desenvolvido relatorio ácerca da visita que acaba de realisar ao interior da provincia, indicando as medidas que promulgará desde já para desenvolvimento das regiões que atravessou.

POEIRA DA ARCADA

O sr. ministro do Comercio antecipou a sua vinda a Lisboa, tendo chegado da Figueira da Foz, no rapido de hoje.

✦ ✦ ✦

Foram nomeados inspectores escolares interinos: de Arganil, sr. José Marques Jorge; de Castelo Branco, sr. José Ribeiro, de Tomar, sr. Joaquim Cardoso Tavares, de Guimarães: sr. Augusto Montes Guimarães; de Elvas, sr. José Tomé Varela, e de Montalegre, sr. Augusto Pires Esteves.

✦ ✦ ✦

O professor aposentado, sr. Antonio Preto Pacheco, foi autorisado a regressar á actividade do serviço e colocado na sua antiga escola de Malpartida, concelho de Almeida.

✦ ✦ ✦

Uma comissão de senhorios e construtores civis procurou hoje o sr. ministro da justiça para tratar da nova lei do inquilinato.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do Trabalho, acompanhado pelo seu secretario sr. dr. Rafael Duque, visitou hoje, pelas 11 horas da manhã, o azilo Maria Pia.

✦ ✦ ✦

Foram criadas escolas primarias de ensino geral: em Rio Tinto, freguezia de Soza, concelho de Vagos, por tranferencia do 2.º logar da escola de Soza; na sede da freguesia de Murtoza, Aveiro, com dois logares de professor; em Touregas, freguesia de Brunheiro, Estarreja, e em Chiqueda, freguesia de Praseres de Aljobarrota, Alcobaça, por transferencia da escola da Povoa, freguesia de Coz, do mesmo concelho.

Ainda e sempre os Milhões de dollars

Uma comissão, constituida pelos srs. Eugenio de Arriaga, Arnaldo Pimentel, Alipio Gonçalves das Neves, Almeida Santos, Manoel Joaquim dos Santos, João Augusto Torres, José dos Passos e D. Maria Arade, procuraram hoje pelas 15 horas avistar-se com o sr. ministro da justiça, para lhe fazer entrega de uma moção em nome das agremiações republicanas, comissões politicas e grupos de defesa da Republica, hontem á noite reunidos no Centro Tomaz Cabreira.

Como o sr. ministro estivesse a despacho, foi a comissão recebida pelo seu secretario, sr. Garrana.

Os comissionados dirigiram-se depois ao ministerio do interior, procurando falar com o sr. Antonio Granjo. Mas, como o sr. presidente do ministerio, tivesse declarado que não recebia, ninguem, foi o sr. dr. Mario Arade recebido pelo secretario sr. Anibal Pinheiro que ficou de transmitir as aspirações dos comissionados ao ministro. A comissão declarou aos secretarios dos ministros com quem falou que se conservam em sessão permanente e em comunicação com o resto do paiz até que «termine a campanha de difamação que a imprensa desafecta ao regime tem ultimamente levantado a proposito do contrato dos 50 milhões de «dollares», conforme consta da moção entregue ao secretario do ministro da Justiça.

Sabemos que os comissionados sairam dos ministerios bastante descontentes.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Manecas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

Com o penultimo espectaculo da temporada realisa-se, amanhã, no São Luiz uma festa que deve ser concorridissima e decorrer entre o maior entusiasmo. E' a recita de homenagem a Macedo e Brito, dedicando-lha os seus amigos e admiradores, a ele que foi a alma da exploração de verão efectuada, brilhantemente, no elegante teatro. O programa da diversão apresenta-se repleto das maiores atracções, figurando nele, gentilmente, Auzenda d'Oliveira, Aldina de Sousa, Adelina Fernandes, Nascimento Fernandes, Erico Braga, Vasco Sant'Ana e Fernando Pereira, que interpretarão um interessantissimo acto de variedades. Representar-se-ha, integralmente, a revista «De Capote e Lenço», com todos os numeros novos e antigos, com a sensacional fita de «Os 50 Milhões», e no quadro o «Colegio de Meninas» o professor será o impagavel Nascimento Fernandes, apresentando uma surpreza o actor Augusto Costa. A fim de evitar aglomerações, á ultima hora, já estão á venda os bilhetes para esta recita excepcional e unica, a mais atraente da epoca que finda, inadiavelmente, na sexta-feira.

—Um assunto que tem merecido á administração do Nacional, um especial cuidado é a organisação das recitas da moda, dedicada á sociedade elegante, as quais como de costume, continuarão a realisar-se ás quintas-feiras.

Os programas desses espectaculos serão constituidos pelas representações das peças de maior exito, e nessas noites, o sexteto do teatro variará, sempre, o seu repertorio, executando trechos musicais dos compositores mais afamados.

No Nacional continua aberta a assinatura, livre, para 8 recitas da temporada de inverno, com peças diferentes, todas em primeira representação. A assinatura inclue a recita de inauguração da epoca, com a peça historica «D. Afonso VI». Os bilhetes marcados devem ser reclamados até depois de amanhã, sexta-feira 30.

—No proximo sabado inaugura-se a temporada no teatro Avenida com a opereta «Flores da Noite» pela companhia Satanella-Amarante.

—A actriz Ermelinda Fontes fará no «Gato por Lebre» os papeis de «Creada moderna» «Meia-dose» e «Cocotte».

—A inauguração da temporada de inverno no São Luiz realiza-se, definitivamente, no proximo sabado com a festejada opereta portugueza «A Leiteira de Entre Arroios», seguindo-se-lhe o repertorio novo no qual figuram «O Marido Provisorio», «Virgem Rubra», «Sua Excelencia Belzebuth», «As Pupilas do sr. Reitor», extraida do romance de Julio Diniz com musica de Filipe Duarte e originais de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos, Lino Ferreira, Xavier de Magalhães, Henrique Roldão e Oliveira Soares, operetas que entram na assinatura que tem estado concorridissima e que se encerra depois de amanhã, quinta-feira.

—No proximo sabado sobe á scena no teatro dos Anjos, a fantasia-revista em 1 acto e 5 quadros «O homem macaco», original de Antonio Barbosa e musica do maestro Manuel Benjamim. No desempenho tomam parte os distinctos artistas internacionais «Serrana e Moreno» e as artistas Deolinda dos Santos, Elvira Martins, Henriqueta Cardoso, Adelina d'Abreu e os seguintes artistas: Gomes Sousa, Francisco Cruz, Armindo Coelho, Antonio Vileia, Pais Condessa, Eduardo Costa e Henrique Peixoto, sendo abrilhantados os espectaculos por um magnifico sextete, superiormente dirigido pelo maestro Manuel Benjamim.

Reclamos

Apolo

Quem não aproveitar até domingo, não mais ouvirá os lindos fados e canções do «Burro em Pé», não mais poderá rir com a infinita graça do «Hotel do Pirilau», não mais terá noites felizes no Apolo se não quando... subir á scena o «Gato por Lebre». E' pois, aproveitar.

VIDA SPORTIVA

Combates de box

O espectaculo de sabado no Coliseu dos Recreios—Rosa Brito combate Faustino Pereira

Um dos principais numeros de atração no espectaculo de sabado no Coliseu dos Recreios, é o combate de box em 10 rounds com luvas de 4 onças entre Rosa Brito e Faustino Pereira.

Rosa Brito que se encontra no Algarve, deve partir de lá amanhã e segundo parece vem confiado numa vitoria sobre o portuguez Faustino

José Rosa Brito, que se estreia em Portugal combatendo com Faustino Pereira

Pereira que, diga-se, está numa boa forma.

O resultado deste combate está portanto duvidoso e o seu interesse aumenta dia a dia.

O espectaculo é completado com dois combates de amadores entre Carlos de Castro e Gilberto Fernandes de pesos minimos e outro entre dois de pesos meios leves discipulos de Faustino Pereira e representantes do Ateneu Comercial.

Mario Gall, como já dissémos hontem na nossa entrevista com um dos organisadores, fará uma bela demonstração de todos os golpes de box com sua esposa, a primeira mulher que pisa um ring em Portugal completando as demonstrações com Abel da Cunha campeão amador.

Ainda se exibirão uns interessantes films que os organisadores esperam adquirir amanhã.

Foot-ball

Encontros Internacionais

E' digna de louvor a iniciativa do Imperio Lisboa Club, trazendo até nós um dos mais fortes agrupamentos francezes, «La Vie au Grand Air du Medoc», que deverá jogar na capital nos dias 5, 8 e 9 de Outubro com os melhores agrupamentos lisbonenses.

Este magnifico «onze», muito conhecido na Europa, é o campeão do Sudoeste da França e tem ostentado por varias vezes o titulo de campeão daquele paiz.

O jogo e os leitores de "A Capital"

Algumas cartas e alvitres

Prometemos dar publicidade a varias cartas, que temos recebido, de comentario ao estudo de projecto de regulamentação, aqui inserto ha dias.

Conforme dissémos ha dias, algumas dessas cartas e alvitres são muito interessantes e constituem elementos subsidiarios do trabalho geral que se pretende transformar em lei da Republica.

...sr. redactor: Li com toda a atenção o seu estudo do projecto de regulamentação do jogo, e não posso deixar de aplaudir as precauções tomadas, quanto ao ingresso nos clubs ou casas onde venha a jogar-se.

Deve realmente rodear-se de dificuldades a entrada nas casas de jogo, e, em meu entender, o governo civil não deverá facultar o bilhete de identidade senão a pessoas, que provem que teem fiador.

«Mas, verdade, verdade, se deve haver essas dificuldades, elas teem que incidir simplesmente sobre as salas de jogo, e não ao proprio edificio.

«Quer dizer: a entrada será franca nos «restaurants», salões de musica e de outros jogos hoje licitos. Assim, pois, não vinha a dar-se o caso de a um estrangeiro, ou um provinciano rico, que desembarcasse em Lisboa e quizesse jantar, ser vedada a entrada no edificio, por falta do seu bilhete de identidade.

«Ha tanto se hesita, em Portugal, em regulamentar o jogo, que, a conseguir-se, deve então fazer-se cousa perfeita.

«Pela publicidade desta, confessa-se grato.—Um leitor.

...sr. redactor.—Dizia ha dias «A Capital» que o ingresso nas casas de jogo, quando este fosse regulamentado, deveria fazer-se mediante um bilhete de identidade, passado na policia. Sim nada de entrada livre. Venha o bilhete de identidade, e venha em troca duma taxa bem puxada Destinada á Assistencia Publica?

«Não. O rendimento do jogo dá bem para socorrer os pobres. Ora é conveniente que todos lucremos com o exercicio do jogo, e, nesse caso, a taxa resultante da aquisição do bilhete deve ser empregada exclusivamente, e em todos os concelhos, para reparação e construção de estradas.—Um habitante de Sintra.

A CAPITAL

3899 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 29 de Setembro de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

Basta!

O aumento dos generos de primeira necessidade, coincidindo, não com um agravamento, mas com uma melhoria cambial, não pode de forma alguma elevar-se, sob pena de não haver forças humanas que possam impedir os mais graves acontecimentos.

Esta verdade é intuitiva?

E'.

Simplesmente, dela não querem capaciar-se aqueles que não veem no comercio e na industria senão um meio de exploração, cada vez mais descaroavel, e de que é vitima um povo inteiro.

Não é a primeira vez que temos expendido a opinião de que esses especuladores estão jogando um jogo perigoso, e nessa opinião persistimos.

Contra ela poder-se-ha alegar que até agora ainda não houve uma acção bastante forte, partindo dos governos ou da multidão, para castigar o crime que essa gente comete, dando tantas provas de inconsciencia como de malvadez.

Isso não quer dizer nada.

Todas as situações teem uma determinada elasticidade, e essa elasticidade tem um limite. Forçosamente chegaremos a esse limite, em vista da especulação desenfreada que não quere abdicar dos seus negregados propósitos.

A opinião publica vai-se convencendo de que estamos nas mãos duma cafila de miseraveis que querem reduzir-nos á absoluta miseria, e diante desta convicção já tudo se vai diluindo, de maneira a formar-se uma atmosfera de revolta, cujos resultados são faceis de supôr.

E não só são as classes populares. São os governos, são os partidos, são todas as classes que se veem sacrificadas pela ganancia dos especuladores.

Não tenham ilusões. A melhoria cambial advem da manifesta boa vontade com que os Bancos estão procurando mante-la e assegura-la, porque reconheceram os perigos da alta crescente dos cambios. E' preciso que assim como a especulação cambial parece em via de terminar, tambem as outras especulações terminam.

Estamos absolutamente convencidos de que os governos teem empregado os maiores esforços para evitar que os especuladores de varia especie sofram o castigo que merecem. Esses esforços devem ter sido herculeos, a realisarem-se dentro da persuasão, dentro da esperança. Mas como é que eles poderão dar sempre os seus beneficos resultados, prevenindo colisões sangrentas, se continuarem as causas do desespero que eles procuram desarmar?

Estamos cançados de privações, estamos fartos de espoliações. Isto já não tem elasticidade possivel. Não pensem em augmentos do custo de vida. Reconhecemos a impossibilidade de novas extorsões. Porque, se assim não fôr, ninguem, absolutamente ninguem! nem os governos, com a sua auctoridade, nem a imprensa, com a sua prédica de moderação e de paz, porque ela ainda não fez outra; ninguem, nem os partidos, nem a força armada, nem os proprios dirigentes das classes mais atingidas pela especulação geral, poderá evitar que sejam caçados como feras os que cometem a ferocidade abominavel de torturar, dia a dia, cada vez mais, um povo constantemente sacrificado.

ESTATISTICA BANCARIA

Promovida pela Camara Portugueza de Comercio e Industria no Rio de Janeiro, temos presentes curiosas informações sobre a situação bancaria naquela cidade de 30 de Abril p. p.

O activo geral está representado por 5:679.403 contos de reis.

Na secção das letras a receber figuram 718.371 contos que o passivo, nas contas a pagar, contrabalança apenas com um encargo de 2.021 contos, importancia relativamente insignificante em relação ao activo.

O capital em caixa na data indicada era de 541.873 contos, e na caixa matriz 565.293 contos de reis, acusando a estatistica 1968.415 contos em deposito nos bancos, figurando nesta conta o Banco do Brazil com 374.260 contos, e a «Banque Française et Italienne por l'Amerique» com 299.940 contos.

E' intuitivo o valor inexgotavel do mercado monetario e financeiro do Brazil a despeito mesmo das suas maiores crises.

A primeira deputada ingleza

Não é novo em Inglaterra eleger senhoras como representantes da nação na Camara dos Comuns.

Já em 1918 fora eleita deputada «Lady Markiewicz», mas esta senhora era filha da Irlanda.

Lady Astor, tambem eleita como deputada, era de origem americana.

Desta vez, porém, funciona em Londres como deputada a interessante e respeitavel Lady Wintringham, em substituição de seu falecido esposo. E' a primeira senhora que origem rigorosamente ingleza que toma assento na Camara dos Comuns.

Este facto é o que determina a especial menção.

Partido Republicano Liberal

Centro Dr. Egas Moniz

Os corpos gerentes deste Centro reunem na sua séde, rua da Voz do Operario n.º 52-1.º, amanhã sexta-feira, 30, pelas 21 horas, a fim de tratar de assunto do maximo interesse partidario.

ORDEM PUBLICA

A proxima revolução!...

O sr. general Abel Hipolito ri-se de tudo quanto a esse respeito se diz e publica

Encontrámos esta manhã o sr. general Abel Hipolito, o novo comandante da guarda republicana, subindo vagarosamente o Chiado, um bom sorriso nos lábios, e apertado no jaquetão preto que invariavelmente enverga.

Ainda não eram dez horas e s. ex.ª tinha certamente cinco minutos disponiveis para palestrar com o jornalista.

Tentámos fazel-o e vamos dar a conhecer aos leitores da «Capital» a opinião do ilustre general acêrca da ordem publica, certamente o mais palpitante assunto que tem despertado o interesse geral.

O sr. Abel Hipolito é um amavel cavaqueador e, pelo menos para a «Capital», nunca se furtou a declarar em publico o seu modo de pensar, acedendo imediatamente em nos dizer alguma cousa acêrca dos boatos que correm dum proximo movimento revolucionario.

Diz-nos s. ex.ª:

— Os boatos que teem corrido acêrca duma nova revolução não teem absolutamente o menor fundamento, e são forjados por determinadas entidades interessadas, por motivos inconfessaveis, em fomentar a discordia e a intriga na familia portuguesa:

— Falava-se no desarmamento da Guarda pelas tropas concentradas em Mafra...

Aqui riu o sr. general Abel Hipolito, e foi com um significativo movimento de ombros que nos disse:

—Isto anda tudo doido!... Qual desarmamento nem qual concentração!... Isso só existe na cabeça dos fantasistas cuja imaginação é mais ou menos abundante em boatos desse quilate!...

«Mas quem é que a sério pode acreditar em semelhante disparate?

E após uma breve pausa, s. ex.ª afirmou num tom de voz enérgica:

—Garanto-lhe que na Guarda Republicana não existe a mais leve discordia, o mais pequeno facto que permita fazer suposições dessa ordem.

«A Guarda, que eu agora comando, conserva-se ordeira como não podia deixar de ser, pronta para o que der, e vier, e principalmente para a manutenção da ordem publica.

«Tudo quanto se disser em contrário é absolutamente falso, e é um crime que a justiça deve punir, o pretender-se, com insinuações torpes, lançar a discordia e a intriga no exercito e na Guarda Republicana!

—E a respeito da concentração de forças em Mafra? — perguntámos nós.

O sr. general Abel Hipolito, contrariado talvez mas afectando um sorriso irónico exclama com uma certa vivacidade:

—Isso é com o sr. ministro da Guerra! Ele é que sabe o que quere dizer essa concentração de forças!...

«Mas, segundo me parece, aquilo deve ser a tal manobra do outono!...

E novo sorriso, cheio de ironia, crispou segunda vez os labios do general.

— Mas então — dissémos ainda nós — o tal documento publicado num jornal da manhã?...

— Ah! eu não sei se ele é verdadeiro ou falso!... Mas talvez se trate de qualquer cousa semelhante dos planos militares organisados durante o periodo dezembrista!...

E logo após:

— Mas isso mesmo não passou de palavras!

E despedindo-se de nós, o sr. Abel Hipolito exclama:

— Mas eu não sei nada disso, absolutamente nada!

«O melhor é perguntar isso ao ministro... Talvez ele lhe possa responder!...

E já a trez passos de nós:

— Sempre me pregam cada estopada! Primeiro a de ministro e agora a da Guarda Republicana!...

Em volta dos 50 milhões de dollars

A eloquencia das negociações

Sabido que Barros Queiroz nenhuma culpa teve da demora no fecho das negociações, porquanto, tendo pedido em 2 de junho que fosse informado sobre as condições do contracto, só por telegrama de 27 do mesmo mez, passados 25 dias, essa informação lhe foi dada, vamos ver com outra ordem de argumentos que o contracto serviu apenas de rotulo para encobrir a criminosa fraude da especulação cambial principal e unico objetivo do lance audaz, como dissemos.

Em 27 de maio os entendimentos sobre negociações entre Afonso Costa e a gente do Crédit estavam feitos e disso era na mésma data dado conhecimento ao Governo, (D. do Gov. de 16-9-921-II S. Doc. n.º 6).

Imediatamente partiam de Paris emissarios para Portugal para levar a boa nova ás praças de Lisboa e Porto, (Seculo de 16-9-921) e a subida cambial fazia-se desde logo sentir. Veja agora o leitor que singular coincidencia ha entre os factos que ocorriam em Paris e os que ocorriam no paiz, e como os segundos teem inteira correlação com os primeiros e são o seu corolario logico.

Pouco mais ou menos em principios de junho as praças de Lisboa e Porto deixaram-se influenciar pela subida de cambio. Em 7 deste mez a divisa cambial atingia 7 1|16, em 8 crescia ainda para 8 1|2 e em 12 alcançava 9, mantendo-se então estacionaria até 20 e tantos, postas de parte as pequenas oscilações de alta e baixa em que a divisa fluctuou... a ver em que paravam as modas.

Sucede, porém, que proximamente a partir de seis de junho a baixa cambial torna de novo a esmagar o país. Porquê? Que cataclismo economico-financeiro se déra em Portugal que contribuisse para tanto? Vejamos.

Em 27 de junho telegrafou Afonso Costa a Barros Queiroz, o texto das negociações e pelo correio de 28 expedia-lhe as copias. Recebendo-as Barros Queiroz devia ter ficado estranhamente surpreendido com a sua redacção, mormente com a da condição G), que diz:

«O Crédit International não assume responsabilidade alguma pelo facto da não execução parcial ou total dos contractos a celebrar com os varios Grupos Americanos, pois o governo portuguez exigirá as garantias que julgar necessarias dos vendedores de cada mercadoria».

Quem assumia então a responsabilidade? Jefferson Williams e o grupo americano, que dizia representar? A este respeito telegrafou Afonso Costa a Barros Queiroz em 28 de junho nos seguintes termos:

«Paris 28 de junho de 1921.— Aditamento meu telegrama de ontem deve v. ex.ª ter notado que delegado americano «não assinou directamente comigo» contracto geral relativo abertura credito.»

Esse problema foi muito discutido reconhecendo afinal que «era impossivel solidarisar os grupos vendedores», de modo que o delegado pudesse assinar compromisso em nome de todos.

Que trapalhada! Com que então ha um grupo americano que se propõe fornecer mercadorias a Portugal, mandar para isso o seu delegado para Paris entender-se com o Crédit e não dá a esse delegado procuração bastante para o representar em todos os actos e outorgar em seu nome, solidarisado com ele?

Se Jefferson Williams não assinou o contracto é porque J. Williams não tinha comsigo essa procuração, e se a não tinha é porque o grupo americano era uma fantasia, não existia. Ar que lhe deu!

Adiante. A quem pedir então as responsabilidades? Eis porque em 30 de junho Barros Queiroz provocou uma conversa, no seu gabinete, dos representantes do Crédit, em Lisboa. Pena é que dela não ficasse documento, ou se ficou não foi publicado. Do que transpira de outros documentos publicados no «Diario do Governo» parece que na conversa se tratou da apresentação das propostas para o fornecimento de trigo, carvão e algodão, da fixação do praso de pagamento do custo dos mesmos produtos e do esclarecimento do que se entende por «encargos inerentes...» (D. Gov. Doc. n.º 25). Natural é tambem que se diligenciasse saber quem eram os grupos fornecedores.

Pois bem. Vai o leitor ficar estrondosamente admirado conhecendo que apezar disto ser tratado em 30 de junho ainda em 26 de julho Barros Queiroz não tinha obtido resposta á sua solicitação e disto se queixava na sua carta da mesma data, 26 de julho:

«... Como até hoje ainda não foi entregue nenhuma proposta nem esclarecimento pedidos, venho solicitar de v. ex.ª o favor da sua apresentação no mais curto praso...». (D. Gov. «ibid»).

De quem era então a culpa da demora no fecho das negociações? Ou queriam que o governo sancionasse de olhos fechados o papelucho que lhe metessem na mão?

A atitude decisiva de Barros Queiroz não permitia que a gente do Crédit prolongasse mais este estado de coisas. Para que porfiar neste caso, demais a mais se o fim que se tinha em vista, a especulação cambial, estava alcançado, e se não se podia ir mais longe?

Tratou-se então da retirada, mas cobrindo-a com os meios que se tinham deixado atraz, para tanto, como veremos.

Ludovico de Menezes.

Almoço diplomatico

O sr. ministro da França, convidou para almoçarem hoje com s. ex.ª no palacio da legação, o sr. William Malthey, administrador do Credit Franco-Portugais, o capitão Laurens e familia, o sr. Oulman e esposa, e o sr. dr. Fontes, medico da legação;

Socorros a Cabo Verde

Uma bela recita de solidariedade no Teatro Republica, do Rio de Janeiro

Naquela importante cidade realisou-se no Teatro Republica um importante festival promovido pela Camara Portugueza de Comercio e Industria do Rio de Janeiro, a favor dos famintos do Arquipélago de Cabo Verde.

Frizas, camarotes, poltronas, balcões e galarias, tudo esteve á cunha, tendo sido tomado no conjunto por firmas e nomes importantes, num admiravel gesto de solidariedade humana, além dos donativos diversos na importancia de 1.285$000.

O producto liquido desta bela obra a favor dos esfomeados da provincia portugueza de Cabo Verde eleva-se em moeda brazileira, a 12.705$000 réis.

Bom exemplo a seguir, sendo de urgencia que imediatamente se desenvolva entre nós um grande movimento para acudir par maneira visivel aos nossos compatriotas de Cabo Verde, irresponsaveis da greve metorologica que lhes recusa em absoluto as chuvas, sem as quais é impossivel amanhar os ferteis campos de St. Antão e S. Tiago.

Viagens mirabolantes

Ir de Angola a Hamburgo nos vapores alemães fica seis vezes mais barato do que vir a Lisboa nos vapores portuguezes

Quem de Angola pretendia embarcar para Lisboa, funcionario ou particular, tinha dois meios de fazel-o até há pouco. Ou embarcar nos vapores portuguezes e pagar 1900 escudos ou embarcar em vapores alemães e satisfazer apenas 300 escudos.

E' escusado dizer que, perante o eloquente argumento dos escudos, toda a gente, excepto o governo portuguez, preferia aos vapores nacionais os alemães.

Logo os patriotas desencadearam a proclamar que era falta de patriotismo embarcar em navios alemães, havendo-os nacionais, e nisto haveria rasão, se não fora a disparidade de preços.

Parece que a boa obra seria estudar o problema da navegação de longo curso dar sob o ponto de vista economico, e baixar os preços até competir com os estrangeiros.

Tanto se martelou na questão que o Zabunha patriotico, não podendo impedir aos passageiros a livre escolha do vapor para embarque, notificou aos Alemães que só lhes seria permitido receber passageiros portuguezes com a condição de lhes cobrarem o mesmo alto preço dos vapores nacionais!

E isto em nome do patriotismo e da defesa dos interesses nacionais!

Como se vê, não puzemos o esforço do trabalho nesta lucta, mas só recorremos a uma medida odiosa e inaceitavel para as companhias alemãs de navegação.

Estas acataram contado as disposições, limitando-se a modificar as tarifas de passagens em vapores alemães nos seguintes termos:

—De Angola para Lisboa 1.900 escudos.

— De Angola para Hamburgo, apenas 300 escudos.

As consequencias são faceis de prever. Toda a gente que embarca como particular, tira em Loanda ou Benguela passagem para Hamburgo e desembarca em Lisboa, pagando apenas 300 escudos!

Donde se vê quão espertos somos, e como tudo isto anda!

Entre França e Alemanha

As sancções economicas

PARIS, 29.—A «Gazeta de Francfort» afirma que as sancções economicas seriam levantadas no principio do mez de outubro.

A barreira aduaneira seria suprimida na noite de sexta feira para sabado.

Registando esta noticia do jornal de Francfort, a imprensa francesa deixa-lhe todas as responsabilidades. O «Eco de Paris» lembra principalmente que as negociações estão proseguindo para assegurar aos franceses, antes do levantamento das sancções, as garantias previas que o conselho supremo lhes concedeu e que eles exigem.

A informação do jornal de Francfort vem confirmar uma coisa que não é inverosimil e é que a França obteve satisfação no que respeita aos direitos da comissão encarregada de regularisar as licenças de importação na Renania.—(H.)

A feira de Estombar

LAGOA, 29.—Devido á chuva, a feira de Estombar deste concelho foi menos concorrida este ano, havendo algumas transacções em gado vacum muar e suino, sendo o seu preço mais elevado.

—O mercado mensal de 25 em Lagoa esteve animado tanto em compras e vendas de gados, como em transacções de outros artigos. Aumentam os preços de tudo de dia para dia.—(H.)

Trez horas e meia na Penitenciaria

Conversando com o maior criminoso do nosso tempo—A extinção da tuberculose pela Republica—O que é o "segredo"

-:- -:- E outras coisas que adiante se verão -:- -:-

Todos os reclusos trabalham. Quem não tem oficio escolhe o que mais lhe agrada, e quantas vezes tem sucedido a entrada na Penitenciaria constituir a felicidade de muitos. Citam-se exemplos.

O regime de trabalho em uso na Cadeia Nacional é o seguinte:

Nos trez primeiros mezes o recluso trabalha gratuitamente. Durante outros trez mezes ganha apenas $30 diarios. Passado este tempo e até um ano vence $90, passando por ultimo ao ordenado maximo de 1$00. Tambem tem gratificações, que os arrematantes das oficinas lhe dão, conforme os seus meritos.

O dinheiro que ganha é dividido em trez quinhões: um para uso proprio, outro para a familia, se a tem, e o terceiro para o Estado. A parte que lhe pertence pode gasta-la em despesas autorisadas pela Direcção da Cadeia: tabaco, roupas, comida etc.

Ao preso não é permitido, porém, usar dinheiro. As despesas que faz são pagas mediante vales a que o director põe o «visto». Cada cela possui um deposito de ferro para agua, com a capacidade de 20 litros. Se o recluso quizer mais tem de a levar das oficinas quando volta do trabalho.

Isto, porém, raras vezes sucede.

Dentro da Penitenciaria, apesar de lá trabalharem 583 reclusos, é raro ouvir-se alguem falar. Em compensação virifica-se em todos os cantos uma grande atividade industrial.

Ha oficinas que cá fóra poderiam ser colocadas entre as melhores.

Em toda a Penitenciaria existe apenas um preto. E' um rapaz novo, nada desageitado de figura. Foi condenado por crime de furto. Era carroceiro.

Hoje exerce a profissão de serralheiro, e lá o vimos a martelar freneticamente num escopro cortando cabeças de rebites.

De vez em quando, na atividade soturna da Penitenciaria, o visitante descobre certos lampejos poeticos, que outra coisa não são que a saudade pelo exterior. Assim na barbearia, uma ampla casa, muito branca e cheia de luz, lá fomos encontrar cuidadosamente tratadas algumas plantas trepadeiras, cuja verdura contrastava graciosamente com a brancura do estabelecimento. Na vacaria, que tambem é uma das mais asseadas dependencias da Penitenciaria, existem dez vacas e um bezerro. Os seus nomes, escritos em taboletas colocadas sobre as mangedoiras, fazem lembrar a vida campezina. Para os reclusos constituiem uma doce ilusão. Lá estavam a «Malhada», a «Pintasilga», a «Boneca», a «Caraça», a «Carocha», a «Girafa», a «Canastra», a «Pomba», a «Andorinha» e a «Flor». Um autentico quadro de poesia campestre em que o «Gaiato», um lindo bezerro branco malhado de preto, põe uma nota viva, irrequieta.

Dos porcos da Penitenciaria é um dos tratadores o maior criminoso dos ultimos tempos. Matou o pai, a mãe, a mulher e quatro filhos. Da familia ha apenas dois sobreviventes, ele e uma filha que escapou á morte por não estar presente no momento do crime, e que é sua amiga. Este criminoso é de todos os que estão na Penitenciaria, o maior; mas é tambem, embora isto pareça um paradoxo, uma das melhores pessoas que lá vimos.

Não sabemos com que cara o leitor nos está lendo. Todavia não podemos deixar de afirmar que o celebre criminoso de Arraiolos não é mau homem. Antes do crime nunca tinha sido preso. Era estimado por todos. Na prisão tem exemplar comportamento. Fala-nos tristemente do seu crime e diz com sinceridade:

— «Que quer o senhor? Quando as mulheres começam a enredar um homem, está tudo estragado. Aquilo... vinha uma puchava para um lado, vinha outra puchava para outro. Depois, quando um homem vê a traição perde a cabeça e já não sabe o que faz. Eu sou filho do crime mas fiz sempre por merecer a estima dos outros. Trabalhava, era a minha vida, e assim seria ainda hoje se me tivessem deixado. Mas enfim... não ha outro remedio senão contentar-se a gente com a sorte».

Este preso, que foi condenado em mais de trinta anos, apesar de já não ser novo conta voltar ainda ao mundo, á vida, ao trabalho. Está a terminar o tempo de prisão celular. Todas as suas esperanças são poder tratar da vida em Africa.

Recebe apenas a visita da filha que nunca o desamparou. As mulheres teem um grande poder de compreensão para certas coisas. Atingem mais facilmente do que nós a compreensão da verdadeira constituição psiquica dos individuos. Não desamparando seu pai, esta mulher não mostra só ser boa filha. Mostra tambem, e sobretudo, compreender o crime do pai.

Repetimos: O maior criminoso dos ultimos tempos não é mau homem. Nós queriamo-nos antes com ele do que com certas «boas» pessoas que passeiam na rua do Ouro e vão ao teatro.

Coisas da vida.

Cada recluso possui 3 lençois, 3 fronhas, 3 camisas, 3 pares de ceroulas, 3 toalhas, 3 lenços, 2 pares de calças, 2 casacos e 1 par de botas. A roupa é toda lavada numa lavandaria existente na Cadeia, e, digamos a verdade, foi o serviço mais mal feito que lá vimos. As roupas andam tão encardidas que mal se lhes sabe a verdadeira côr. Cheiram mal. Talvez fosse bom o sr. dr. João Bacelar olhar para este serviço com a mesma atenção que tem dedicado ás outras coisas. A enfermaria é excelente. As dos hospitais não são melhores. A farmacia, assim como a sala de operações e curativos estão providas com tudo o necessario para o bom desempenho da missão de curar. Foi o sr. João de Deus, enfermeiro na casa ha já 30 anos quem teve a gentileza de nos mostrar todos estes serviços.

Com o antigo regimen prisional, a media dos obitos na Penitenciaria andava para cima de 40. Com o regimen instituido pela Republica essa media desceu para menos de 10. Antigamente a tuberculose dominava imperativa nas celas da Penitenciaria. Presentemente só morrem desta terrivel doença os que para lá já a levam corroendo-lhe o organismo.

Até ainda ha poucos anos, havia na Cadeira Nacional uma capela disposta de forma a todos os reclusos poderem ouvir missa, sem se verem uns aos outros, sendo todos vistos pelo padre.

Essa capela foi completamente transformada, servindo hoje de escola. Todos os presos são obrigados a comparecer nas aulas trez dias por semana.

Existe tambem ali uma sala de musica.

Quasi um paraiso!

Descendo aos subterraneos, agora na companhia doutro guia, o sr. Antonio Francisco, guarda n.º 1, podemos observar tambem os chamados «segredos», celas destinadas a castigar delitos cometidos dentro da Cadeia.

Estes «segredos» são um inferno. Estão divididos em duas categorias: melhores e piores. Os melhores, os primeiros que vimos, fizeram-nos dores de cabeça. A luz entra por um pequeno quadradro aberto no alto duma das paredes. Como cama umas taboas; uma bilha com agua, a pia, e pronto.

Parece que hoje só muito raramente se usa destas prisões. Mas talvez fosse bom acabar-se de vez com elas, porque são um verdadeiro horror. Calcule-se o que seria a vida dos desgraçados que lá estiveram enclausurados durante semanas. Ainda se veem vestigios dessa tortura. Nas lages das pias, feitas não se sabe como, ha caracteres vincados, que são gritos de alma. Por muito que tenhamos pensado ainda não nos foi possivel compreender como um preso metido num daqueles infernos ainda tinha sensibilidade para desenhar flores. Pois lá as vimos esculpidas nas lages.

Numa lê-se:

«O Diogo—ex-militar—O martir—24 8 912».

Noutra:

«Sou infeliz inato. Todavia graças a Deus pelos resultados obtidos. (O vidraceiro)».

Do primeiro disse-nos o guarda:

—Esse era ruim como os diabos.

Do segundo:

—Esteve cá já ha muito tempo, creio que era muito mau. Ha ai outras pias, doutras celas, onde ele tambem escreveu coisas.»

Coisas! Chama-se escrever coisas ao amarrar ás pedras duma pia a infamia duma civilisação.

Os outros segredos, os piores, pode o leitor já calcular o que sejam. Nestes não ha ordem de o preso se deitar com mantas. A luz quasi não existe lá. E' negro o chão, são negras as paredes, as taboas do catre fazem calafrios.

Subimos. Cá em cima, á luz do sol, trabalha-se afanosamente na demolição de dependencias antigas, condenadas pela civilisação e na construção de novas oficinas, novas outras dependencias cheias de ar e de luz.

Por que diabo não começaram as demolições pelos «segredos»?

Tres horas e um quarto. Visitamos a cosinha. Anda em obras, mas está asseada. Já não podemos suportar mais paredes, mais telhados, mais portões, mais corredores, mais numeros e mais silencio,

Saimos. São tres e meia.

Cá fóra, o sol tem outra claridade, é outro. Sorri-nos, distribui-nos doces caricias que lá dentro nos negava.

— Oh! a Penitenciaria!

— Oh! a Vida, a Liberdade!

A concentração das tropas em Mafra--O que hoje nos disseram no Ministerio da Guerra

A «Imprensa da Manhã» fez-se eco do boato de que as forças do exercito, aquarteladas em Mafra tinham recebido ordem para regresso imediato aos respectivos quarteis. Entendemos que era util ouvir a palavra oficial sobre o assunto e procuramos obte-la no Ministerio da Guerra. O titular da pasta, sr. Freitas Soares, não pode receber-nos, por estar a despacho. Por isso e muito amavelmente enviou-nos um dos seus jovens ajudantes, com quem tivemos o prazer e a honra de trocar meia duzia de palavras.

Vamos reproduzir a palestra, para fixação das noticias colhidas:

— E' certo — perguntámos — que as tropas de Mafra receberam ordem para regresso ás habituais guarnições?

— E' absolutamente falso.

— Então sempre se fazem os exercicios do outono?

— Sem duvida. A concentração de forças do exercito continua a fazer-se, ministrando-se a instrução militar gradualmente.

—Mas (segundo informações particulares nossas) os soldados não teem calçado, os fardamentos estão quasi em farrapos e o proprio material de guerra encontra-se semi arruinado...

—Isso não sei. O caso está afecto ao comando das forças e não é da minha competencia.

— E ha outros pontos de concentração, além de Mafra?

— Não ha.

— Então a noticia, que já circulou duma outra base de concentração ao sul do Tejo...

— E' falsa.

Despedimo-nos. Pouco foi o que obtivemos, mas sempre servirá para despertar um ou outro comentario.

Prepotencia confirmada

Os jornais desta manhã dedicam em geral artigos de revolta contra a forma atrabiliaria e absolutamente ilegal da prisão do sr. Antonio Rodrigues de Mendonça, editor do jornal «A Monarquia».

Esta indignação não resulta, por parte da imprensa republicana, de qualquer solidariedade com as ideias e principios que aquele jornal apostolisa, mas de um sentimento de justiça e revolta contra as prepotencias do arbitrio, cometidas por quem tem obrigação de conhecer a lei, porque é sua missão executa-la.

Prender um homem, editor de um jornal, e conduzi-lo «in continenti» para as Monicas onde se deixa incomunicavel, assume as proporções de crime-clausura ou carcere forçado.

Não ha lei nem mesmo razões que justifiquem tão arbitrario e despotico proceder. Mas as razões que se alegam, pertencem ao numero das que o povo denomina—razões de cabo de esquadra.

Diz-se que o jornal, cujo editor foi encarcerado sem notificação de culpa, nem sequer flagrante criminoso, transcrevera da «Capital» um suelto.

Ainda nem sequer verificámos a veracidade da asserção, mas já nos aflue aos labios a pergunta se ha lei que proiba transcrições.

Se as doutrinas empregam linguagem despejada tão incriminados deverão ser os jornais que publicam inicialmente, como os que transcrevem.

Mas nem nestes casos nem noutros similhantes, ás autoridades, e muito menos áquelas que indevidamente interveem nas questões da imprensa, é licito prender e pôr incomunicavel sem mais respeito nem atenções.

* * *

Quem rege Portugal neste momento? A lei ou o arbitrio?

Certamente que o governo será estranho aos abusos dos seus subordinados no exercicio das respectivas funções. Incumbe-lhe, porém, inquirir e providenciar.

Antonio Rodrigues de Mendonça, editor da «Monarquia», continua encarcerado no quarto particular n.º 2 do governo civil, á ordem da P. S. E., sem que ainda a esta hora se saiba a base das acusações, se as ha.

FRANÇA

Conferencia de embaixadores

PARIS, 29.—Reuniu ontem de manhã, sob a presidencia de mr. Cambon, a conferencia dos embaixadores a qual tomou conhecimento da nota em que o governo hungaro lhe comunica que devido a mediações que lhe foram propostas, conta chegar a um acordo definitivo com a Austria. A nota exprime mais uma vez a vontade do governo hungaro de submeter em tudo o que diz respeito ás suas relações com a Austria, e esta aceitar o oferecimento de mediação e sob a reserva de que a evacuação dos comités deverá efectuar-se nos prasos fixados na ultima nota da conferencia. Pelo que respeita á Albania, a conferencia decidiu que fosse marcado aos peritos o praso de oito dias para a apresentação do seu relatorio.—(A.)

VIDA SPORTIVA

No Colyseu dos Recreios

A festa de inauguração

Realisa-se no sabado com magnifico programa de box

Afinal, em virtude do boxeur Rose Brito ter adoecido, os organisadores da festa de box, com que abre o Colyseu dos Recreios no sabado, tiveram que alterar a ordem dos encontros e o combate profissional passou a ser entre dois campeões portugueses, Tavares Crespo do Norte e Manoel Guita do Algarve.

Desta forma o programa ficou enriquecido porque os combatentes equi-

A esposa do boxeur Mario Gall, que no sabado fará uma exibição no Coliseu dos Recreios

libram-se, Tavares Crespo que o nosso publico já conhece foi ha pouco vencedor de Cadieu no Teatro S. Luiz, tem trabalhado com todos os boxeurs do norte fazendo progressos. De resto todos sabem que Crespo é o homem de maior energia que tem combatido.

Manoel Guita que possue o titulo de campeão do Algarve é um homem já experimentado pela sua longa pratica, resistente e bate bastante forte. Nestas condições o combate promete ser bom.

O programa inclue a atração de Mario Gall se apresentar com sua esposa, a primeira mulher que pisa um ring portugues, numa exibição de todos os golpes de box e ainda Mario Gall fará 2 «rounds» com o campeão amador Abel da Cunha.

Realisar-se-hão ainda dois combates de amadores e os organisadores esperam poder apresentar um interessante film dos ultimos combates realisados no Stadium.

A sala do Colyseu terá o ring armado na pista.

Dois boxeurs francezes

Vinez e Violas em Lisboa

Devem chegar amanhã a Lisboa os boxeurs francezes Vinez e Violas. Crêmos que tomam parte já na segunda reunião de «box» no Colyseu, onde se apresentará o «boxeur» francez Mario Gall.

O Campeonato profissional de "box,,

A direcção de «Os Sports» recebeu da Federação Portugueza de «Box», sobre o campeonato nacional que vae organisar a carta que segue:

Sr. Redactor de «Os Sports»—Lisboa.

Acusamos recebidos os seus oficios sobre o Campeonato de «Box» para profissionais, a que se nos oferece responder o seguinte:

Louvar a iniciativa de V. á qual estamos certos está reservado o maior exito, podendo V. orgulhar-se de com essa iniciativa contribuir poderosamente para a implantação definitiva deste sport entre nós.

Convidar imediatamente todos os boxeurs profissionais a fazerem a sua inscrição nesta Federação, a fim de serem homologados os titulos.

Lembrar a V. a conveniencia de entrar num acordo com os «boxeurs» que se inscreverem no Campeonato sobre a data dos encontros e fazer-nos conhecer com a possivel antecedencia essas datas, a fim de serem nomeados os arbitros e juizes.

Quanto á verba a cobrar por esta Federação estamos perfeitamente de acordo com a percentagem de 10 % sobre a receita liquida conforme verbalmente combinado com o nosso Presidente.

Sem outro assunto, somos com a mais elevada consideração.

Lisboa 26 de Setembro de 1921.

De V. etc. Pela Direcção—**H. Caldas.**

Festa Sportiva no Stadium de Lisboa

Está despertando enorme entusiasmo nos meios sportivos a festa que esta sociedade vai realisar no proximo domingo, 2, no Stadium, a qual constará de uma prova ciclista de 50 quilometros, afim de ser disputada por équipes a valiosa taça, Conde de «Fontalva», além de 3 medalhas e varios objectos de arte oferecidos pelo comercio de Lisboa, bem como um grande desafio de foot-ball de primeiras categorias, gentilmente organisado pelo Sporting Club de Portugal contra o campeão lisboeta Casa-Pia Atletico Club, desafio em que será disputada a formosa taça da Sociedade I. M. P. n.º 5, sendo ainda conferidos a todos os jogadores 22 medalhas.

Esta festa, que promete ser brilhante, será presidida por s. ex.ª o sr. Presidente da Republica, Governo, Corpo Diplomatico, Comando Geral da Guarda Republicana, que patrioticamente poz á disposição da Comissão promotora do festival uma das suas bandas militares; autoridades civis e militares, inspecção de infantaria, etc..

Foot-ball

Os grandes «matchs» de «association»

Como temos dito, realisa-se já no proximo dia 5 de outubro o primeiro dos tres desafios que o Vie au Grand Air du Medoc se propoz jogar em Lisboa.

Este importante agrupamento francez, reconhecido como o melhor da provincia e que mais de perto rivalisa com os clubs parisienses, tem no seu record os campionatos de França de 1912-13-14-18 e concorreu ás meias finais em 1916-19-20, além de importantes vitorias sobre clubs estrangeiros de grande valôr.

Em Lisboa, é seu adversario, no dia 5 de Outubro, no campo de Palhavã, pelas 16 horas, o «onze» representativo da Casa Pia Atletico Club, campeão de Lisboa.

Sabemos que os organisadores, no intuito de tanto quanto possivel beneficiar o foot-ball portuguez, estão em negociações com outros clubs de não menos importancia.

Touradas

Campo Pequeno

Está preparada para o dia 5 no Campo Pequeno uma boa corrida, comemorativa do aniversario da Republica, organisada por uma comissão, revertendo parte do produto a favor dos filhos de oficiais, sargentos e praças da armada, vitimas da guerra.

A praça será ornamentada por pessoal da Armada, sendo lidados pelos nossos melhores artistas oito touros do afamado creador sr. João Coimbra.

Algés

O caso dos 50 milhões do dollars vai ter finalmente a sua explicação, mas na praça de Algés e no domingo, onde já a haveria tido no dia 18 se o mau tempo não tivesse impedido a festa. «A costureira e o municipal», que contavam com a barateza da vida para casar-se e que ficaram desiludidos, tem a explicação dada por intermedio duma brava vaca. O Antonio Preto e a sua «troupe» farão chistosamente um intermedio, bem como os «Picadores mirabolantes».

Vila Franca

As tradicionais corridas da grande feira anual realisam-se nas tardes de 2 e 3 e na noite de 4 de outubro, com touros de Pinto Barreiros, Mendonça & Irmão e Vaz Monteiro, sendo comprados estes ultimos. Estão contratados aplaudidos artistas, os cavaleiros Rufino da Costa e Ricardo Teixeira; os bandarilheiros Teodoro, Cadete, Tomé, Custodio, G. Froes, Vital Mendes, F. Rocha e M. Falcão, e o grupo de forcados do valente Manuel Burrico.

Alcochete

Com dez bonitos touros do sr. Joaquim Martins, ha muito escolhidos e sujeitos a tratamento especial, realisa-se já no domingo uma corrida, em que tomam parte, gentilmente, os nossos mais afamados amadores. Tourearão, a cavalo, os srs. D. Alexandre e D. João de Mascarenhas e a pé os srs. D. Carlos de Mascarenhas, João Coutinho, Mario Luiz Lopes, Gama Lobo, D. Pedro de Bragança, Artur Ribeiro e Lopes da Silva. Os forcados são os valentes rapazes do grupo de Santarem, chefiado por Antonio Abreu, e o director da corrida é o antigo amador sr. D. José de Mascarenhas.

Aldegalega

Realisa-se no dia 5 de outubro em Aldegalega uma das melhores corridas por amadores desta epoca. Serão lidados touros de algumas boas castas portuguesas, devendo tomar parte os cavaleiros srs. D. Alexandre e D. João de Mascarenhas, os bandarilheiros srs. D. Carlos de Mascarenhas, Salema Vaz, Gama Lobo, Patricio Cecilio, Mario Lopes, Artur Ribeiro, e Muñoz Crespo e um grupo de forcados amadores muito apreciados.

ULTIMA HORA

Notas politicas

Ainda o documento

Existe ou não existe o documento publicado na «Imprensa de Lisboa»?

Esta pergunta envolve uma duvida que ainda não foi completamente esclarecida.

O sr. presidente do ministerio disse-nos que o documento era apocrifo. Negou-lhe, pois, autenticidade.

No comunicado enviado pela presidencia do ministerio ao «Diario de Lisboa» classificou-se o documento de «despido de veracidade». Logo, é inteiramente mentiroso. Mas hontem o mesmo jornal, dizia isto:

«Quanto ao sr. dr. Antonio Granjo, folgamos saber que não nega a existencia do documento. O que afirma com transmontana energia, é que nem sequer o viu, e que não podia, portanto, tê-lo sancionado.»

Parece, pois, que, segundo a versão oficial, se trata dum documento falho de autenticidade (apocrifo), absolutamente mentiroso (despido de veracidade), que o chefe do governo nunca viu nem sancionou.

Por outro lado, a propria «Imprensa da Manhã» já informou que o documento é apenas uma copia, não manuscrita, como um averbamento, assinado por pessoa competente (que o jornal não diz quem é), dum «está conforme».

Em resumo: apura-se, por enquanto, que o celebre documento é apenas a copia do original, copia provavelmente dactilografada (visto que não é natural que seja impressa ou litografada, etc.) e que o original não tem autenticidade oficial nem merece credito ao governo.

Mas o documento original existe, afirma o «Diario de Lisboa». E acrescenta que foi elaborado na filarmonica reacionaria crismada de Cruzada Nun'Alvares. Não existindo em poder da «Imprensa da Manhã», senão uma copia, é licito concluir que o original ficou nos arquivos da Cruzada Nun'Alvares, que, pelo visto, não cuida só de missas campais mas se entretem, nas horas vagas (que são todas a fabricar planos de campanha contra os republicanos.

A verificar-se isto, a Cruzada excedeu os seus aparentes fins, o que a torna instavel perante a lei.

A «Imprensa da Manhã», intimada pela policia a apresentar o documento invocou o foro especial a que estão sujeitos os delictos de imprensa. O caso foi entregue, então, ao juiz de direito. Que vae este fazer?

Só pode, legalmente, proceder assim: o ministerio publico promove querela contra o autor do artigo (documento) e o jornal é intimado a declarar quem é o autor e a exibir o original. Mas não é materialmente obrigado a fazer nada disto porque, se o não fizer, a lei atribui toda a responsabilidade ao director e ao editor do jornal incriminado.

De modo que, se a «Imprensa da Manhã», não quizer ficaremos privados de saber, ao certo, o valor do documento.

Não sabemos se com isso se perde ou ganha qualquer coisa...

O "Misterio dos Cincoenta Milhões"

No cumprimento do seu dever, o sr. Barros Queiroz está, neste momento, a depor ácerca do «Misterio dos Cincoenta Milhões», perante o juiz de direito encarregado do processo. O ilustre homem de Estado prescindiu, para o efeito, das suas imunidades parlamentares.

Emquanto o sr. Barros Queiroz assim se submete ao imperio da Lei, viaja em direcção a Paris um outro ilustre homem de Estado, o sr. Afonso Costa, depois de ter deixado ficar em Portugal a declaração expressa de que sómente se apresentaria ao Parlamento na «plenitude das suas funções politicas», sibilina frase que nós interpretamos como anuncio prematuro duma imaginaria dictadura.

Alemanha aceita

O contrôle na fronteira renana

PARIS, 29.—O sr. Briand anunciou ao conselho de ministros que a Alemanha aceitou as condições estipuladas no acordo entre os aliados sobre o estabelecimento do «contrôle» na fronteira da Rhenania, depois de suspensas as sancções economicas.—H.

As sanções economicas são suspensas

PARIS, 29.—O sr. Briand informou o sr. Mayer de que as sanções economicas contra a Alemanha serão suspensas amanhã.—H.

POEIRA da ARCADA

Um grupo de republicanos liberais projecta para domingo uma manifestação de simpatia ao sr. dr. Reis Junior.

✦ ✦ ✦

Foi exonerado de comandante da primeira brigada do corpo de marinheiros, o primeiro tenente sr. Freitas Morna.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro das colonias tenciona resolver brevemente a questão do Padroado do Oriente, mandando inscrever no orçamento a verba precisa para o custeio das respectivas despezas.

✦ ✦ ✦

A junta autonoma das obras do novo arsenal de Marinha no Alfeite, presidida pelo almirante, sr. Ladislau Parreira, conferenciou hoje com o sr. ministro das finanças.

✦ ✦ ✦

Deve ser distribuida depois de amanhã a «Ordem do Exercito», de segunda serie, referida a 30 do corrente

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do Trabalho partiu hoje de manhã para Coimbra.

A Espanha em Marrocos

Canhoneio nos mares

MADRID, 29.—O ministerio da marinha forneceu uma nota comunicando que o cruzador «Afonso-XIII» e o couraçado «España», actualmente nas aguas marroquinas em cooperação com o exercito nas operações de guerra, tinham disparado 1300 granadas com admiravel precisão de tiro A canhoneira «Bonifacio» foi alvejada por 40 tiros de peça, não lhe acertando, porém, nenhum, em virtude da sua rapidez de movimentos. A canhoneira «Marquez de la Enseñada» tem feito o serviço de policia permanente nas aguas de Alhucemas, impedindo os movimentos dos kabilas na direção de Tetuan, sustentando quasi todos os dias nutrido fogo com a terra. —(A).

Vapor «Isla Minorca»

CADIZ, 29.—Chegou um comboio carregado de gado muar e cavalar que será embarcado no vapor «Isla Minorca» para Larache, o qual levará tambem material de aviação e tendas de campanha.—(A).

FURTO DE OURO E PRATA

Emilia de Jesus, morador na rua de Castilho, 13, apresentou queixa á policia por os gatunos terem entrado na sua residencia, furtando-lhe os seguintes objectos: um cordão, uma medalha, um fio, quatro aneis, um par de brincos, um alfinete, dois broches, tudo de ouro e dois relogios de prata.

Conferencias

Continuam no proximo domingo no Centro Socialista de Lisboa e promovidas pela Federação Municipal Socialista as conferencias da serie de propaganda partidaria de Outubro.

Malas Postais

Pelo vapor «Andorinha» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 10.

Por vender peixe podre

Pelas 11 horas da manhã de hoje, foi presa na rua Conde de Redondo a peixeira Isabel Augusta Simões, de 30 anos, moradora na rua das Salgadeiras, 25, por andar vendendo peixe podre.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Maneccas».
APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac»
GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martir».
ANIMATOGRAFOS: Olimpia, Salão Central, Cinema Conde, Salão dos Anjos.

Teatro de S. Carlos

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

Esta companhia que tão brilhantemente acaba de regressar da sua «tournée» recomeça os seus trabalhos no proximo dia 1, fazendo a sua apresentação no teatro de S. Carlos iniciando desde logo os ensaios da peça de abertura que deve ser «Jerusalem» de George Rivolet, adaptação á scena portuguesa do aplaudido auctor dr. Alfredo Cortez.

Tudo nos faz prever que a nova temporada vai decorrer em S. Carlos cheia de brilhantismo pois sabemos que a empresa capricha na forma de montar o seu repertorio.

Amanhã publicaremos o elenco definitivo, no qual se contam elementos de inconfundivel valor, o que nos assegura um conjuncto artistico, de forma a satisfazer os mais exigentes.

O repertorio escolhido todo ele com o maior cuidado, consta além das «reprises» de mais seguro exito, das peças Jerusalem, O Regresso, O Caduco, Fera Amansada, A Ribeirinha, Romeu e Julieta, Coração de Lilas, Gada Gabbler Monavana, A Mulher e o Fantoche, A Suffragista etc. etc. as quais nos referiremos detalhadamente, de forma a que o publico as possa apreciar devidamente.

Noticiario

Entre nós

E' sabado proximo que se realisa a apresentação da companhia do Nacional, começando imediatamente, a ensaiar a peça historica, original de D. João da Camara, intitulada «D. Afonso VI», que será a da inauguração da temporada, em primeira recita de assinatura.

A' bilheteira do Nacional afluem, todos os dias, numerosas pessoas, fazendo novas assinaturas, que, para a proxima epoca excedem, em muito, as das temporadas anteriores.

Os bilhetes marcados devem ser reclamados até amanhã

—Damos em seguida completos o elenco e o repertorio da companhia de opereta Armando de Vasconcelos que no S. Luiz inaugura depois de amanhã, sabado, a epoca com a festejada peça «Leiteira de Entre Arroios».

O elenco compõe-se das actrizes: Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos, Beatriz Baptista, Honorina Cruz, Arminda Neves, Louzalina Neves, Filomena Cosado e dos actores: Armando Vasconcelos, Carlos Viana, tenores Fernando Pereira e Sales Ribeiro, Vasco Sant'Ana, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro, José Correia, Antonio Paiva, Alfredo Paulo, Delmiro Rego, Antonio Matos, Armando Nascimento, João Contreiras e A. Andrade. O repertorio consta das peças novas «Marido Provisorio»; «As Pupilas do Sr. Reitor», extraida por Penna Coutinho do romance de Julio Diniz, com musica de Filipe Duarte; «Virgem Rubra»; «Sua Excelencia Belzebuth»; «Sua Alteza dança a valsa»; «A mulher electrica», de Lino Ferreira e Xavier de Magalhães; «Ciume de mae», de Penna Coutinho, musica de Antonio Eduardo Ferreira, e originais de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, de Henrique Roldão e Oliveira Soares e de Luna e José Paulo da Camara.

—Está, definitivamente, marcada para 24 de Outubro, a inauguração da epoca de inverno, no Salão Foz, com a estreia da Companhia Otelo de Carvalho.

Nessa noite efectuar-se-ha a «première» da revista intitulada «Bichinha Gata», que é da autoria de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes e Lino Ferreira, todos autores experimentados na arte de divertir o publico, ao qual, com o seu espirito esfusiante tem proporcionado inolvidaveis momentos de alegria.

O Salão Foz vae ter varias modificações, na generalidade da sua instalação electrica, alterando-se a distribuição da luz, de forma que ficará profusamente iluminado.

—«Flores da Noite» é o titulo da opereta com que a companhia Satanella-Amarante inaugura no teatro Avenida a epoca de inverno.

—Sobre mais uma reclamação apresentada pelo sr. Afonso Gaio ao Administrador e Comissario do Governo junto ao Teatro Nacional ácerca da peça «O mais forte», deliberou o mesmo Comissario, fundando o seu parecer em razões da maior justiça e legalidade, que a referida peça, cuja ordem de inscrição foi cedida ao «Calvario», do mesmo autor, se inscrevesse a seguir á ultima das que, na epoca finda, foram aceites e permitidas e que, em virtude do disposto no artigo 29.º do Decreto de 10 de Maio de 1919, não poderam ser então, levadas á scena.

—A gentil actriz Rahyra de Sousa tem no «Gato por Lebre» bastante trabalho desempenhando os seguintes papeis: «Um rato», «Visitante», «Morgad nha de Val Flôr», «Cravo de Papel» e «1.ª Flôr da Rua».

—O quadro de comedia da fantasia «Pau de dois bicos» em ensaios no Eden para apresentação da companhia Nascimento Fernandes, intitula-se «O primeiro degrau» e tem dois numeros de musica.

—A Empreza Dramatica Ld.ª, que vai explorar o Chiado Terrasse como teatro e que esta fazendo todas as obras por que passou aquela casa de espectaculo lembrando-se de outras remodelações, para maior comodidade do publico, resolveu adiar a inauguração que já não se realisa amanhã sabado 1.

A abertura faz-se, no entanto nos primeiros dias de Outubro com a peça de Sabatin Lopez, versão de A. Morais e M. Duarte «Mario e Maria», desempenhada pela companhia Luz Velozo.

Para a primeira recita já poucos bilhetes restam, estando ja a folha aberta para o segundo espectaculo.

Reclamos

S. Luiz

E' nesta noite que os amigos de Macedo e Brito vão testemunhar-lhe o muito que, justamente, o estimam e apreciam.

No S. Luiz, realisa-se uma recita que lhe é dedicada, a penultima da temporada sendo o programa do espectaculo excepcionalmente atraente, tomando nele parte, por amavel deferencia, Auzenda de Oliveira, Aldina Fernandes, Nascimento Fernandes, Erico Braga, Vasco Sant'Ana e Fernando Pereira, que se apresenta num sensacionalissimo acto de variedades.

A revista «De Capote e Lenço» será representada com todos os seus numeros antigos e modernos, havendo no quadro «Colegio de Meninas» a novidade do professor ser o impagavel Nascimento Fernandes, apresentando o actor Augusto Costa uma graciosa surpresa.

Repetem-se o popular «Fado Laura Costa» e a espirituosa fita «Os 50 milhões de Dollars», e previne-se o publico, duma forma positiva, que tão surpreendente espectaculo não tornará a repetir-se, visto a temporada terminar amanhã, definitiva e inadiavelmente.

Apolo

Só esta noite e mais trez ou quatro os senhores podem visitar as magnificas instalações fotograficas do «Burro em Pé», um dos quadros mais alegres da peça, que está dando as ultimas no «Apolo».

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Foi pedida para o sr. Olimpio da Silva Ribeiro a sr.ª D. Maria Fernanda Oliveira Ramos, filha do sr. Fernando de Andrade Ramos e D. Laura de Oliveira Ramos. O casamento deve realizar-se nos primeiros dias do mez de Outubro.

ANIVERSARIO

Faz hoje anos a sr.ª D. Laura Belo Cardelho esposa do sr. Julio Cardelho chefe da estação telegrafica da Manutenção Militar. Fez tambem anos ha dias a sr.ª D. Antonia Nunes actualmente em vilegiatura em Idanha-a-Nova.

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

7431... 40.000$00

2889	6.000$00
5597	2.000$00
5161	1.000$00

1059...	200$00	7437...	200$00
4416...	200$00	7438...	200$00
4489...	200$00	7439...	200$00
5269...	200$00	7440...	200$00
5303...	200$00	7502...	200$00
5840...	200$00	8977...	200$00
6312...	200$00	2578...	500$00
7058...	200$00	3193...	500$00
7432...	200$00	3514...	500$00
7433...	200$00	4036...	500$00
7434...	200$00	7430...	525$00
7435...	200$00	7432...	525$00
7436...	200$00		

Todos os numeros terminados em 1 tiveram 20$00 escudos.

A CAPITAL

3900 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Sexta-feira, 30 de Setembro de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A MAIOR DAS VERGONHAS

Respondendo a um artigo do sr. Vasco Borges, no «Mundo», artigo no qual se pretende atirar a responsabilidade de não se haver realisado o contracto dos 50 milhões de dollars para cima do sr. Barros Queiroz, dizia hontem a «Lucta» o seguinte:

«Não ha quê censurar o sr. Barros Queiroz, por não entrar ás cegas no abismo dos «encargos» inventes». Ha que agradecer-lhe.

Quanto á execução do contracto tal como este deve interpretar se literalmente, para que ela fosse possivel, seria necessario demonstrar que havia:

1.º Um grupo financeiro americano que nomeara seu delegado ou representante a Jeferson Williams;

2.º Uma cedencia do credito de 50 milhões de dollars feita pela «War Finance Corporation» a esse grupo americano.

Para isso é necessario provar que são erradas as informações transmitidas pelo sr. visconde de Alte».

Estas conclusões da «Lucta» são absolutamente justas e exactas, e fóra deias só ha ilusão ou duplicidade.

O publico está verificando com assombro, que em certos meios se procura efectuar, relativamente a esta questão, uma audaciosa diversão não só de caracter geral do caso como de afirmações expressas por muitos dos que pretendem agora seguir outro caminho. E' mais um aspecto dos nossos deploraveis costumes politicos.

Com efeito, quando foram lidos no parlamento os documentos relativos ao contracto dos 50 milhões de dollars, ninguem, absolutamente ninguem, formulou o menor protesto ao ve-lo classificado duma burla. E tanto assim que todos os agrupamentos politicos, sem excepção daquele a que pertence o sr. Vasco Borges e cujas opiniões o «Mundo» reflecte na imprensa, votaram a moção do sr. Cunha Leal, convidando o governo a perseguir os burlões do Crédit de Anvers. Nesse momento, todo o empenho estava simplesmente em vincar no espirito publico a convicção de que o sr. Afonso Costa fora victima da sua boa fé, acreditando na pergunta que lhe tinha sido feita por alguns banqueiros monarquicos, inteiramente destituidos de escrupulos.

O «Mundo» publicou até em nomeando os nomes desses monarquicos burlões, que hoje estão entregues á acção da justiça, evidentemente porque a justiça reconhecera que havia fundamento para a acusação de burla do que são alvo.

Mas de subito, o sr. Afonso Costa falou. Falou a um representante do «Seculo», falou a um redactor do «Diario de Noticias», falou a um redactor da «Imprensa da Manhã», falou ao proprio sr. Vasco Borges, amigo da redacção do «Mundo», que num jornal reproduziu a conversação efectuada. E de todas as declarações do sr. Afonso Costa se concluia que o delegado do governo, em cuja pessoa foi burlado o Estado portuguez, não tinha outra pretensão que não fosse a de cobrir os burlões, dando a entender que o contracto era uma operação rial e séria.

Aqui começa a reviravolta, que envergonha todos os republicanos portuguezes. Os ataques á gente do Crédit vão diminuindo de intensidade em certos orgãos e em certos meios, e agora acaba-se mesmo por pretender reabilitar os burlões monarquicos do Crédit nas colunas do proprio jornal que os apontou á execração publica.

Porquê? Porque o sr. Afonso Costa não quere que os monarquicos burlões do Crédit sejam perseguidos e condenados. Porque o sr. Afonso Costa não quere que o famoso Williams seja considerado um cavalheiro de industria. Estes é que são os factos. Não indagamos das suas causas. Constatamo-los apenas.

Nestes termos, é preciso sacrificar alguem. Sacrifica-se o sr. Barros Queiroz, que teve o atrevimento de não acreditar cegamente na gente do Crédit. Sacrifica-se o visconde de Alte, nosso ministro em Washington, porque teve o atrevimento de comunicar para Lisboa, quando interrogado, o que lhe foi oficialmente declarado na America acerca do famoso Williams e do famoso contracto.

Não ha duvida. Isto é logico. Para que o sr. Afonso Costa não tenha nunca deixado de ser um habil negociador, é necessario que a gente do Crédit de Anvers seja rehabilitada como digna e como séria. E' preciso que o Williams seja rehabilitado tambem, afirmando-se que rialmente ele era representante dum grupo financeiro americano, em relações com a «War Finance Corporation».

E' preciso que se demonstre que só houve em tudo isto dois maus patriotas, dois maus republicanos, dois maus servidores do Estado, dois trapalhões, dois mentirosos: o sr. Barros Queiroz e o sr. visconde de Alte. Este então deve considerar-se perdido porque já a imaculada gente do Crédit declarou que ele procedeu com lamentavel ligeireza, informando-se acerca do Williams junto da «War Finance Corporation» e das proprias personalidades, como o sr. Folk, de quem ele se dizia representante ou socio.

Vamos a isto! Vamos a isto! E' preciso torcer tudo, engulir tudo, confundir tudo! Vamos a isto, embora todos os homens serios e honrados deste paiz tenham de morrer de vergonha, por um espectaculo de que não são responsaveis, mas que enxovalha a colectividade nacional e afronta os mais sagrados direitos da consciencia livre!

OS LUSIADAS
DE
Luiz de Camões

Reimpressão «fac-similada» da verdadeira 1.ª edição dos Lusiadas de 1572. Precedida duma introdução e seguida dum aparato critico do Professor da Faculdade de Letras Dr. José Maria Rodrigues—Lisboa 1921.

Tendo a Biblioteca Nacional de Lisboa resolvido iniciar novas publicações que envolvam a reprodução «fac-simile» ou tipografica de obras raras e valiosas, assim como a impressão de manuscritos varios, inaugurou a anunciada serie pela reprodução fiel da verdadeira 1.ª edição dos Lusiadas.

Acertadissima foi a escolha, que por si só bem mostra a intuição do actual director da Biblioteca, no momento que atravessamos, acaso mais ameaçador para a integridade nacional, que o da queda de Portugal em poder dos Filipes, quando Camões, como derradeiro canto de cysne, nos salvou a nacionalidade pelos Lusiadas.

A escola italiana viera influir na nossa literatura, por via do dr. Sá de Miranda cujas obras no seculo passado acharam valioso interprete na edição critica anotada pela erudita sr.ª D. Carolina Michaelis.

A adopção do hendecassylabo apressara as aspirações epopaicas que pela Europa brotavam, a pedir uma synthese heroica capaz de definir e explicar o advento da epoca em que as modernas nacionalidades se constituiram e definiram nos moldes limitrofes que até á actualidade se manteem com escassas diferenças.

As epopeias surgiram por toda a Europa; mas poucas conseguiram atravessar os seculos. Em Portugal, sentiu-lhe Damião de Goes a necessidade; Castanheda determinou-lhe o argumento; Garcia de Rezende achou-lhe o nome com que tal poema devia atravessar os seculos; mas só Luiz de Camões foi capaz de interpretar a obra no momento preciso em que ela se tornava indispensavel.

Perseguido e até desdenhado em vida, os Quinhentistas envidaram esforços por deixa-lo sempre no escuro, não lhe citando os versos, e referindo-se a ele só para amesquinha-lo e trazeio ao ridiculo.

A ideia pejorativa de Camões «Cego de um olho» fixou-se na reminiscencia colectiva da sociedade portugueza pelos apodos com que o enfatuado Caminha fustigava o grande epico.

Isto não impediu, porém, que o seu poema imortal sobrevivesse a tantos outros que então vieram a publico, e atravessasse os seculos e as fronteiras, havendo já hoje traduções e larguissimos comentarios á obra e acção imerredoira dos Lusiadas em todas as linguas dos povos mais civilisados do mundo.

A razão da sua grandeza não está exclusivamente na arte e na invenção com que foi escrito, mas no seu significado espiritual, digamos, vindo recompôr a obra grandiosa da nacionalidade portugueza, precisamente no instante em que o triunfo da diplomacia e das armas estranhas vioa tripudiar sobre a nossa decadencia, no intuito de nos absorver.

Os Lusiadas salvaram-nos a nacionalidade; teem para nós o valor do kalébala para os Finnezes, ou da Biblia para os Israelitas.

✦ ✦ ✦

A nova publicação, vindo tornar a obra, no seu tipo inicial, acessivel aos bibliofilos, preencheu uma lacuna. Mas o seu valor para os eruditos deve procurar-se muito principalmente na valiosa introdução ao poema e no aparato critico com que a obra fecha, devido ao ilustre dr. José Maria Rodrigues, que conhecemos Reitor do Lyceu, atualmente professor da Faculdade de Letras.

Daqui endereçamos as nossas cordealissimas felicitações ao prefaciador do Poema, e ao nosso amigo dr. Jaime Cortezão, pelo arrojado do empreendimento, e pelo acerto na escolha do Comentarista do Livro.

Ao coordenar os trabalhos para a reimpressão da edição primitiva, deparou-se ao dr. José Maria Rodrigues a maior das dificuldades — qual das edições foi a primeira?

A do Pelicano para a esquerda, ou a do Pelicano para a direita?

A chamada do *E e*, ou do *E*?

Como se saberá, esta designação proveiu de duas variantes ortograficas que se observam na edição de 1572, logo no setimo verso da 1.ª oitava do Canto primeiro.

«E entre gente remota edificarão.» (*E e*)

ao lado de

«Entre gente remota edificarão.» (*E*)

✦ ✦ ✦

O dr. José Maria Rodrigues, de quem já noutra obra sua conhecemos um valioso estudo sobre Camões, resolveu definitivamente a duvida, provando com argumentação cerrada e decisivo confronto de textos, que a edição dos *E e*, ou seja a do Pelicano para a esquerda foi positivamente a edição inicial, e não outra. Bastaria a solução deste problema para dar ao volume um apreço desmedido.

Agradecemos a valiosa oferta da obra, sendo-nos penoso não dispormos de espaço suficiente para as largas disertações que a recente reimpressão dos Lusiadas nos sugeriria, neste momento mesmo em que a decadencia nacional coincide com o olvido do poema, como tem sucedido em algumas outras ocasiões através da historia, portugueza desde 1580 até hoje.

E sentimo-lo, porque parece ainda não estar bem compreendida entre nós a razão por que este poema sobreleva, merecendo em todo o mundo e até em Portugal, embora inconscientemente e por automatismo de sugestão, maior cuidado e consideração do que «La Comédia» de Dante, «The Paradise lost» de Milton «La Henriade» de Voltaire, «Orlando Furioso» de Ariosto, e tantos outros, embora grandes poemas.

Lusiadal

OS DISCIPULOS DE CARTOUCHE

AS GRANDES FRAUDES

Uma organisação de malfeitores que exerce a sua acção, sem ser incomodada, ha perto de nove anos — A policia recebe uma denuncia ácerca do seu funcionamento — Que vai fazer a policia?...

Lisboa é emocionada, de tempos a tempos, com a descoberta de crimes sensacionais. E' o que acontece com todos os grandes capitais, aglomerações de homens que se entrechocam na luta de ambições insaciaveis. Ser rico é a aspiração suprema. E é indispensavel adquirir rapidamente a riqueza, a fim de gosar, em plena mocidade, quando o sangue é quente e a imaginação viva, os voluptuosidades do luxo reservadas aos felizes da sorte inconstante. Nessa luta tremenda da conquista da independencia economica, quantos ha que sucumbem!

E' que o fracasso ruidoso, o insucesso escandaloso nessa batalha ferida contra as convenções sociais, conduz ao suicidio ou á prisão. Se o vencido conserva, dentro da alma contaminada, um resto de pudor, alguns vestigios de moralidade, invariavelmente procura na morte voluntaria o esquecimento das suas irremediaveis faltas; se perdeu, nos sucessivos combates da vida, a coragem de arcar com a adversidade por si proprio engendrada, submete-se ao castigo social e vai terminar, na solidão das penitenciarias ou do degredo, uma vida perdida. Em ambos os casos, o nome legado aos descendentes é um cruel estigma de desonra!

Ha muitos que triunfam. Perante esses, curva-se a sociedade reverente. Passam a ser ornamentos respeitaveis duma sociedade de corrupção, onde a honra se mede, não aos palmos, mas aos alqueires de ouro adquirido. Quantos romances vividos ficam assim ocultos na sombra do misterio ou do esquecimento!

E, se é certo que nem todas as mãos se manchem no sangue de victimas humanas para a acquisição do ouro maldito, quasi todas que serviram para entesourar grossos proventos possuem unhas rapaces, aquelas unhas ladras que o P. Antonio Vieira localisou na palma das mãos. A paixão da riqueza é, aliás, incomensuravel. E' infinita! Por isso o homem que conquistou, só para si, o pão necessario á alimentação duma cidade, não se contenta, não se satisfaz com esse superfluo. Procura mais, sempre mais. Espalha o sofrimento em torno de si, esmaga os corações, dilacera as almas, despedaça os laços sociaes do amor e da religião e amealha sempre, devorando toda a cidade, açambarcando o ouro duma nação e estendendo os terriveis tentaculos do seu genio á terra inteira. Quando não póde, por si só, realisar essa horrivel ambição, associa-se a outros. *Dest'arte* se formam os «trusts», polvos sugadores que conduzem os pobres a miria mas que engordam com a desgraça alheia.

E assim se constituem essas terriveis quadrilhas de bandoleiros multimilionarios, que são o castigo providencial duma humanidade desde ha muito tempo em conflito com os fundamentos morais de todas as religiões reveladas ou de todos os codigos humanos.

A policia portugueza está actualmente encarregada de averiguar acerca da existencia e funcionamento duma dessas sociedades de ladrões internacionais.

Não é uma quadrilha vulgar de ratoneiros; trata-se, pelo contrario, duma associação de malfeitores industriosos, que fundaram, ha bastantes anos, as suas oficinas e delas extraem os valores falsos com que inundam os mercados de Portugal e Brasil. E' isto, pelo menos, o que se afirma na denuncia feita á policia e tudo parece indicar que se trata realmente da pratica de *actos criminosos*, com ramificações vastissimas, em Portugal e fora do paiz.

A sociedade criminosa foi constituida, primitivamente, por dois irmãos, um dos quais era e é um habil operario de zincogravura e fotogravura.

Isto foi ha cerca de nove anos, ai pelas alturas do segundo semestre de 1912. Os dois irmãos limitaram-se, a principio, ao fabrico de selos postois carimbados, inundando o mercado da especialidade com um diluvio de colecções de selos dos centenarios henriquino e antonino. Quantos colecionadores terão nos seus albuns estes exemplares falsificados, imaginando que os enriqueceram, por dez reis de mel coado, com autenticos selos!

A ambição de maiores proventos, lentamente infiltrada no animo dos dois irmãos, levou-os a conceber uma extensão maior da lucrativa industria. Era indispensavel, para tal, um certo capital, o suficiente para manter e pôr a funcionar a criminosa oficina, escondida, em qualquer subterraneo, aos olhos da autoridade policial.

O capitalista apareceu e a oficina surgiu, com maquinas proprias. E o paiz foi rapidamente inundado por toneladas de valores selados, falsos como Judas, mas bons, aparentemente bons, para autenticação dos documentos oficiais, dos actos dos notarios, dos processos comerciais, civis e criminais. O Estado tem sido assim terrivelmente defraudado e tanto que o rendimento total do imposto do selo não chega para pagar a fiscalisação!

A quadrilha é hoje poderosissima. E' riquissima. Muitos milhares de contos foram subtraidos ao Estado. Pouco a pouco, durante os nove anos decorridos, a quadrilha agregou a si muitos cooperadores e estendeu a sua acção criminosa ao Brazil, onde deve estar ainda a operar, sem a menor desconfiança das autoridades brazileiras. Segundo uma versão ainda não confirmada, a associação não é estranha ao fabrico de notas falsas portuguezas e brazileiras.

Repetimos que estes crimes não são já desconhecidos da policia, que parece ter já iniciado os seus trabalhos de investigação. Estamos no proposito de a auxiliar, acompanhando os progressos da investigação com os elementos que nos fôr possivel obter. Já amanhã daremos outros pormenores.

FRANÇA

Ainda as sancções economicas

PARIS, 30. — Todos os jornais veem no levantamento das sancções economicas uma nova prova de confiança da França na politica do chanceler Wirth e o desejo dos aliados de lhe darem um estimulo notavel para ele prosseguir nessa politica.

Exprimem a esperança de que a Alemanha inteira apreciará no seu justo valor a medida de que ela beneficia sem ver nela um incitamento para reclamar novas atenuações nas obrigações que lhe incumbem. Congratulam-se por ver que a Inglaterra adoptou a tese franceza no que respeita ao «contrôle» nas importações e exportações, insistindo na urgencia de se organisar a aplicação rapida e eficaz desse «contrôle». —(H.)

Manifestação de sentimento

PARIS, 30.—A manifestação dos sentimentos do governo italiano apresentados em Paris pelo embaixador conde Bonin Longare foi tambem expressa em Roma pelo marquez della Torreca ao sr. Barrère, embaixador da França na capital italiana, pelos incidentes de que Veneza foi teatro.—(H.)

Terminou o incendio do Printemps

PARIS, 30.—A's 22 horas considerou-se terminado o incendio nos novos armazens do Printemps. O predio ficou inteiramente destruido.

Diz-se que os prejuizos atingiram 80 milhões de francos.—(H.)

A comissão do desarmamento

GENEBRA, 30.—A comissão do desarmamento aprovou o relatorio de lord Robert Cecil, que conclui pela elaboração rapida de um plano de desarmamento e advoga a organisação da propaganda de desarmamento no mundo inteiro.—(H.)

Ainda a nossa visita á Penitenciaria

Chamamos a atenção dos srs. drs. João Bacelar e Lelo Portela

Ha coisas que o jornalista não deve dizer; ha outras que não pode calar.

A sua profissão não é só encher colunas do jornal; é tambem e sobretudo orientar a opinião publica, informa-la com consciencia e sinceridade. Não é só ao laboratorio e ao gabinete de estudo que a humanidade deve as suas conquistas, o progresso. E' tambem ao jornal.

Se o livro é a sintese de uma ideia, a perfuração do pensamento dum homem nas trevas do desconhecido, o jornal é a sintese da atividade scientifica de todas as ideias.

Por isso o jornalista tem grandes responsabilidades. Acima da sua vontade propria tem de colocar os interesses do publico. E dai não poder dizer tudo quanto quere nem calar o que lhe apetece.

Vem isto a proposito dalgumas coisas que observamos na nossa visita á Penitenciaria e a que estavamos resolvidos não fazer referencia. A consciencia increpou-nos esse procedimento. Nós, que temos um grande fraco por ela resolvemos fazer-lhe a vontade.

* * *

Na nossa visita á Cadeia Nacional observámos trez factos dignos de reparos e para os quais chamamos a atenção dos srs. director da Cadeia e ministro da Justiça.

Já aqui nos referimos a um deles, ao pessimo serviço da lavandaria. As roupas dos reclusos da Penitenciaria são uma autentica porcaria. Vimos alguns lençois negros como carvão.

A estufa, onde a roupa é enchuta nas ocasiões em que não ha sol, é insuportavel. Não se pode estar lá dentro dois minutos. Nós já visitámos as do Hospital de S. José, onde se enchugam diariamente alguns milhares de peças de roupa e não encontrámos lá o cheiro pestilencial que na pequena lavandaria da Cadeia Nacional se nota.

Isto é muito lamentavel.

O outro facto para que chamamos a atenção do sr. dr. João Bacelar, é a insuficiencia de ração que algumas vezes é concedida aos presos. Nós proprios vimos alguns reclusos queixarem-se, embora cerimoniosamente, dessa insuficiencia. Mais, pudemos verifica-la. Ora os reclusos trabalham e trabalham a valer. A sua alimentação portanto deve ser bastante. Sem ela não se pode produzir bem.

Na Penitenciaria ha uma cantina, e o recluso tem o recurso de comprar aquilo de que necessita para se sustentar. Mas isto é justo?

Agora outro caso e este para o sr. ministro da Justiça resolver.

Ha na Cadeia 583 presos. Todos trabalham, todos produzem.

Como se compreende que estes 583 homens não ganhem o necessario para cobrir os seus ordenados, que são uma miseria, e o resto das despesas da Cadeia?

583 trabalhadores, produzindo todos os dias uteis, não poderão fazer fase, se o seu trabalho fôr bem administrado, ás despesas da sua fabrica?

Nós vimos que na Penitenciaria se trabalha. Temos visto o progresso que é possivel conseguir-se com muito menos braços. Não podemos compreender pois a razão por que ao Estado aquele estabelecimento penal seja tão pesado, como ouvimos dizer que é.

Não poderia o sr. ministro da Justiça dar á Cadeia Nacional uma nova organisação, com a qual fosse possivel conseguir-se o equilibrio das receitas com as despesas?

Não deixaria de ser interessante saber-se quanto gasta o Estado com a Penitenciaria e quais são tambem os gastos que os reclusos fazem na sua cantina.

Por descargo de consciencia, dissemos, e simplesmente por isso, fizemos estes observações que talvez venham a dar bons resultados. E' isso simplesmente o que desejamos.

Póles

Dr. José de Castro

Este ilustre homem de Estado veiu á nossa redacção agradecer o interesse que a «Capital» tomou pela questão do indulto aos presos da C. E. P.

Por nossa vez agradecemos a honra da visita.

POLONIA

E' apresentada na Dieta uma declaração ministerial

VARSOVIA, 30. — A declaração ministerial lida na Dieta pelo presidente de conselho, sr. Penikowski diz que a Polonia prosseguirá na sua politica de paz e concordia, devendo a aliança franceza servir para consolidar essa obra. Manifestou o seu sentimento pela resolução da Sociedade das Nações acerca de Vilna. Terminando, o sr. Ponikowski sublinhou a necessidade de se tomarem medidas otinentes ao levantamento economico a financeiro da Polonia.—(H.)

Em volta dos 50 milhões de dollars

Que culpa teve Barros Queiroz do malogro das negociações?

Chegadas as coisas a um estado em que não era permitido já continuar mais com a especulação cambial, tratou-se de arripiar caminho, cobrindo-se a retirada com os meios de defesa que habilmente tinham sido deixados para o caso. Apenas de tres destes meios nos vamos ocupar.

a) **Indicação das mercadorias e fixação do praso das entregas.**—Certamente ninguem pensa que num contracto a serio se pudesse passar sem esta indicação, mas num contracto marca fantasia com que unicamente se tinha em vista ganhar tempo, veja-se qual seria o seu objetivo.

De facto, logo no limiar da conversação em Paris entre Afonso Costa e a gente do Credit, em 10 de maio, estabelecia-se:—«O governo portuguez designará as mercadorias que pretende adquirir á medida que as necessidades do pais o exigirem . . .» (D. Gov., Doc. n.º 1).

E 17 dias depois, em telegrama de 27 de maio. « . . . podemos conseguir que o referido grupo mantenha ainda promessa do credito de 50 milhões de dollars, mas diz que é de absoluta necessidade que desde já sejam determinadas mercadorias que se desejam adquirir e que serão entregues nos prasos a convencionar á medida das necessidades do pais . . .» (D. Gov., Doc. n.º 6).

A resposta a esta exigencia foi dada por Barros Queiroz sem perda de tempo, logo no dia seguinte, em 28 de maio, tres a quatro dias depois de subir ao poder.—« . . . o governo da minha presidencia assume a responsabilidade de comprar para receber durante os dois primeiros anos de vigencia do contracto tresentas mil toneladas de trigo e seicentas mil toneladas de carvão. Quanto a outros productos de que o pais carece, e especialmente algodão, o governo não fixa quantidades». D. Gov., Doc. n.º 7).

Depois desta resposta precisa de Barros Queiroz, dada em 28 de maio a gente do Credit não tuge nem muge durante longos dias, porquanto só em 25 de junho acode ao chamamento, mas dando outra derivante á exigencia:—«Devemos insistir novamente na necessidade de que V. Ex.ª nos comunique sem demora a lista das mercadorias que o Governo Portuguez deseja adquirir com as respectivas datas da entrega e mais detalhes...» (D. Gov., Doc. n.º 14).

Deu esta comunicação margem á conversa de 30 de junho entre Barros Queiroz e a gente do Credit em Lisboa, em que o assunto ficou arrumado. Barros Queiroz não perdeu pois tempo.

Mas quem o ganhou foi o Credit, que assim foi fazendo a sua especulação, como vimos. De quem é a culpa da demora?

b) **Fixação dos prasos de pagamento.**—Até 15 de maio o governo não tinha dado resposta á comunicação de Afonso Costa de 10 de maio. Eis porque este, na primeira destas datas, voltava á carga:—«Acerca proposta transmitida meu telegrama 10 de maio recebi do Crédit International carta comunicando que representante grupo americano, estranhando demora resposta pelo telegrafo Governo Portuguez receia que grupo «desista dos seus direitos da operação...» (D. Gov., Doc. n.º 2).

Domingos Parreira, ministro dos estrangeiros ao tempo, respondeu a esta reclamação com o seu telegrama de 17 de maio, dizendo, entre outras coisas, que o governo em conselho de ministros, tinha resolvido aceitar a proposta do Crédit «ad referendum», mas reparasse ele que:

«A taxa de 7 1|2 é muito regular para trez ou seis mezes, mas talvez elevada para o periodo indicado.

Se fôr possivel, muito conviria que nos 7 1|2 se incluissem todos os encargos. A reforma dos titulos deveria alcançar-se até cinco anos, porque no exercicio de 1925-1926 estará completamente liberto monopolio tabacos, podendo então pois obter recursos extraordinarios para pagamento dos mesmos titulos...». (D. Gov., Doc. n.º 3).

A deixa do ministro era um optimo achado, de que desde logo se lançou mão, pois que em telegrama de 2 de junho dizia Afonso Costa:

«... em vista das noticias publicadas ácerca da revolução em Portugal os seus financeiros americanos estavam com bastante nervosidade, parecendo-lhe por isso dificil obter deles largo praso para credito cincoenta milhões dollars... Representante oficial acrescenta que continua a empregar todos os esforços para obter melhor praso, indo reunir interessados para tomar resolução definitiva...» (D. Gov., Doc. n.º 8).

E em telegrama de 26 de junho insiste. — «Resolução definitiva entregue pelo Delegado americano ao Crédit enternational (falha) condições gerais abertura credito a favor Governo portuguez para comprar a praso carvão, trigo, algodão e outras mercadorias são bastante apertadas sob varios aspectos, incluindo praso bilhetes Tesouro...». (D. Gov., Doc. 13).

E em telegrama de 27 de junho. «Amanhã telegrafarei novamente a v. ex.ª sobre o assunto, explicando novamente questão dos prasos renovação bilhetes Tesouro». (D. Gov. Doc. n.º 15).

E finalmente em telegrama de 28 de junho: — Relativamente praso renovação das negociações (falha) tesouro desde principio (?) componha (?) ir (?) (falha) até cinco anos e esta justa causa estava (falha) ganha quando surgiram acontecimentos lamentaveis de 21 de Maio e anuncio (falha) que foram exageradas (falha) imprensa americana (falha) depois concorrencia outros governos (falha) pedindo credito nas mesmas condições e apresentando desde logo lista das mercadorias a adquirir. Tive pois contentar-me com promessa firme ser dado maior praso possivel, que sendo diferente para cada especie mercadoria não convinha figurar no acordo geral sob pena de ficar reduzido ao minimo. (D. Gov., Doc. n.º 15).

Como é que se compreende que um documento desta natureza se mantenha truncado e ao seu lado não venha a indicação das folhas, que deviam ter sido pedidas por copia?

Como é que se compreende que neste processo falhe toda a correspondencia trocada entre Afonso Costa e Crédit?

Em suma. Assim foi a gente do Crédit protelando o tempo, como se está vendo, até se chegar á conversa de 30 de junho, em que Barros Queiroz procurou colocar as coisas no seu verdadeiro pé.

E assim tambem a gente do Crédit foi ganhando tempo e foi fazendo a sua especulação quanto as suas habilidades lhe permitiram fazel-a. De quem é a culpa da demora?

O terceiro sucesso de que se lançou mão para demorar o fecho das negociações.

Ludovico de Menezes.

O RETRAIMENTO MUNDIAL

Crescem as reservas nos Bancos

mas diminui a produção nos campos e nas industrias

Quando se comparam as reservas de ouro existentes nos diversos Bancos Emissores, antes da Grande Guerra, e quatro anos depois por ocasião do armisticio, fica-se surpreendido com os resultados da comparação.

Os aumentos foram extraordinarios como bem mostra a estatistica publicada em junho no «Federal Reserve Bulletin», que abaixo transcrevemos, avaliada em contos, reputando o dollar equivalente ao nosso escudo, visto que o agio do ouro não deve aqui ser tomado em conta.

	1913 — Antes da Guerra	1918 — Durante o armisticio
Estados-Unidos	691.514	2.245.720
Inglaterra	170.245	523.632
França	678.856	664.017
Japão	64.963	225.821
Espanha	92.490	430.072
Argentina	224.989	269.628
Alemanha	278.657	538.861
Holanda	60.898	277.155
Italia	288.103	243.566
India	72.789	63.842
Suissa	32.801	80.041
Java	20.636	51.610
Canada	115.373	121.261
Suecia	27.372	76.532
Dinamarca	19.066	52.159
Belgica	59.131	—
Noruega	12.846	32.691
Romenia	29.402	—
Austria	251.421	53.074
Total	3.181.496	5.949.674

A nação portugueza nesta estatistica nem sequer vem mencionada, embora tenhamos dois Bancos emissores — o de Portugal e o Nacional Ultramarino!

Assim se vê que desde antes da guerra até ao armisticio os Bancos emissores no conjunto viram as suas reservas acrescidas em 87 por cento!

Considerado o caso, porém na especialidade, a luz não é tão benefica, embora mais eloquente.

Nem todos os Estados lograram aumentar durante a guerra — alguns mesmo se perderam.

Assim, calculando por ordem de percentagem os aumentos das reservas de oiro bancario nos quatro anos que estamos considerando, pode formar-se o seguinte quadro:

Nações que lograram aumentos o quanto

Canadá	5	por cento
Republica Argentina	19	» »
Alemanha (vencida)	93	» »
Suissa (neutra)	144	» »
Noruega (»)	154	» »
Suecia (»)	179	» »
Inglaterra	207	» »
Estados Unidos	224	» »
Japão	247	» »
Holanda (»)	296	» »
Espanha (»)	365	» »
Java	414	» »

As nações neutrais foram em geral as mais favorecidas sob o ponto de vista que estamos considerando. Os Estados Unidos, no entanto dos lucros, não foram os que mais aumentaram as suas reservas, como á primeira

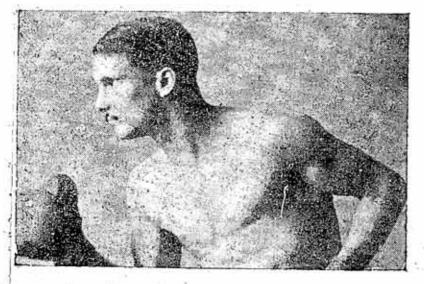
VIDA SPORTIVA

Combates de Box

O Coliseu abre ámanhã as suas portas com um espectaculo atraente

O «box», que já conta entre nós um regular numero de adeptos, vai agora ter mais um impulso com os espectaculos que se vão efectuar no Coliseu dos Recreios, organisados de colaboração com «Os Sports». O espectaculo de ámanhã está atraente.

Em profissionais vamos vêr dois todos os golpes de «box» e ainda a apresentação do campeão amador Abel da Cunha, que fará 3 «rounds» com o seu professor Mario Gall.

Os organisadores devem sentir-se satisfeitos por terem conseguido elaborar um programa destes, que vai com certeza despertar enorme interes-

O boxeur portuense Tavares Crespo, que amanhã, no Coliseu dos Recreios, se defronta com Manuel Guita, campeão do Algarve

campeões portuguezes defrontarem-se: Tavares Crespo, campeão do norte, contra Manuel Guita, campeão do Algarve. Deve ser um bom encontro, talvez violento é certo, mas de interesse.

Ambos os «boxours» possuem titulos e ambos, portanto, hão de querer defendê-los. Este combate é em 10 «rounds» de trez minutos, com luvas de 4 onças.

O espectaculo, além desto emocionante combate profissional, inclui dois bons combates de amadores.

Gilberto Fernandes contra Carlos de Castro de pesos minimos e Guilherme Pombo contra Cezar Ferreira de pesos meios leves. Devem ser dois combates bons. São em 6 rounds com luvas de 6 onças.

A grande atracção da «soirée» é, sem duvida, a apresentação pela primeira vez de madame Alice Gall, esposa de Mario Gall, numa demonstração de se no publico, tanto mais que o «ring» do Coliseu armado na pista é o melhor entre nós; aquele onde o publico vê admiravelmente.

Em virtude da procura que os bilhetes já teem tido, os organisadores abrem as bilheteiras do circo ás 11 horas da manhã.

Foot-ball

O «Vie au Grand Air du Medoc» no Porto

Chegou ontem ao Porto o excelente club francez «Vie au Grand Air du Medoc», que vem jogar a Lisboa nos dias 5, 8 e 9 de Outubro a convite do Imperio Lisboa Club.

O «Vie au Grand Air», que traz 16 dos seus melhores jogadores, alguns dos quais internacionais, joga no Porto amanhã e depois, respectivamente, com o Boavista Foot-Ball Club e Foot-Ball Club do Porto.

visto se julga. Apenas excederam Inglaterra, a despeito dos grandes sacrificios que fizeram, levando-lhe a palma o Japão que, tendo-se limitado a tomar uma colonia alemã no Oriente, elevou as suas reservas bancarias 247 por cento, sobre as do momento anterior á declaração da guerra.

Tambem nem todos os vencedores lucraram sob o ponto de vista em que estamos.

Foi-nos possivel formar um quadro da diminuição de reservas de oiro bancarias identico ao dos aumentos acima.

Nações que diminuiram as reservas

França (vencedora)	6,23	por cento
India	14	»
Italia	18	»
Belgica	100	»
Austria (vencida)	373	»

Romenia » —viu reduzidos a 2 contos os 29.242 que possuia !

Posteriormente muito maiores, infinitamente maiores teem sido os aumentos destas reservas bancarias. Bom sintoma? mau sintoma?

Este ultimo parece-nos ser o caso, pois nos vem revelar de duas uma:— ou o trabalho de produção diminuiu de intensidade por todo o mundo, e isto parece-nos o caso, ou então, os capitais, receosos do que vai seguir-se após uma guerra iniqua que só a perversidade da luta industrial conseguo justificar, em vez de fomentarem o estimulo aos trabalhos da industria e da agricultura se retraem.

Se a escassez de producção, se o desabrochar da miseria se manifestasse exclusivamente entre nós considera-lo-hiamos um caso esporadico. Como ele, porém, se produz por toda a parte, e as vezes com caracteres gravissimos, atribuimo-lo é exhaustão, embora transitoria, das faculdades productivas das sociedades humanas como mais uma das consequencias desta ultima nefasta guerra, por motivos que só outros artigos poderemos desenvolver.

ULTIMA HORA

Notas politicas

O sr. Afonso Costa foi encarregado duma nova missão financeira

O sr. Magalhães Lima, cuja vida de abnegação patriotica é um belo exemplo para todos os portuguezes, expunha ha dias, num grupo de amigos, a sua opinião sintetica acerca da personalidade politica do sr. Afonso Costa. Falava-se no «Ministerio dos Cinquenta Milhões» e na intervenção do sr. Afonso Costa no complicado negocio, que teve como figura central o *escroc* internacional Jefferson Williams. O sr. Magalhães Lima resumiu assim o seu parecer:

—O Afonso está, realmente, inutilisado durante um certo tempo. Chama-lo agora ao governo, seria absolutamente impossivel.

O sr. ministro das Finanças parece não ser desta opinião porque, segundo nos informam, confiou ao sr. Afonso Costa a direcção das negociações financeiras na praça de Londres.

Ainda o celebre documento

Afirmaram-nos que o governo se desinteressou do prosseguimento judicial contra a *Imprensa da Manhã*, considerando definitivamente encerrado o incidente o que deu causa á publicação do documento secreto.

Carestia da vida

Albergaria de Lisboa

Reuniu a sua direcção para apreciar o seu precario estado financeiro, resolvendo oficiar a toda a imprensa de Lisboa, solicitando-lhe que pelos seus jornais sejam abertas subscrições a favor da Albergaria, especialmente destinada á aquisição de vestuario para os seus internados, os quais teem absoluta necessidade de fatos para a proxima estação de inverno, visto que a verba de comedoria quasi absorve toda a receita. Se por esse meio não se obtiver os precisos recursos, a Direcção ver-se-ha obrigada a reduzir a sua população.

Afim de comemorar o 11.º aniversário da proclamação da Republica, foi tambem resolvido melhorar o jantar dos albergados no proximo dia 5 de Outubro a expensas da Direcção e patentear, nesse dia, aos Subscritores da Albergaria e ao publico em geral os seus edeficios em Carnide e na Luz.

MEXICO

A situação politica é optima

MEXICO, 30.—A situação politica é optima. As negociações para o reconhecimento pelos Estados Unidos do governo do general Obregon estão a tocar o seu termo.—(A).

Banquete politico

BUENOS AIRES, 30. — O general Mangin ofereceu um banquete a bordo do «Massilia» ao presidente da Republica, Irigoyen. Este poz á disposição do general uma canhoneira para o levar a Montevideu.—(A).

REPUBLICA ARGENTINA

Um emprestimo

BUENOS AIRES, 30.—Confirma-se que estão fechadas as negociações para o emprestimo argentino na America.—(A).

A Agencia Financial

RIO DE JANEIRO, 30. A Agencia Financial do Rio de Janeiro foi já oficialmente autorisada a iniciar as suas operações,—(H.)

Condições de funcionamento

RIO DE JANEIRO, 30.—Foi assinado o decreto restabelecendo a Agencia Financial obrigando-se esta ás disposições acerca da fiscalisação das casas bancarias e ao pagamento dos impostos devidos por industria bancaria.—(A.)

A Espanha em Marrocos

Tranquilidade em Melilla

MADRID, 30.—O conselho de ministros resolveu que o parlamento reabra no dia 20 de Outubro.—O comunicado oficial de Melilla diz 23 horas diz que ha tranquilidade em toda a zona.—(H.)

Os mouros levantam o cerco de Tizza

MADRID, 30.—A comunicação oficial de Melilla diz que houve um combate muito encarniçado em Tizza a fim de desalojar o inimigo, que estava ali entrincheirado em grande numero, cercando Tizza a fim de a fazer render pela forme. O inimigo foi obrigado a levantar o cerco, deixando muitos mortos e feridos no campo.—(H.)

Alemanha

Os prejuizos do desastre de Oppau

BERLIM, 30 — Os prejuizos pela explosão de Oppau são calculados em 500 a 600 milhões de marcos-papel pelo que respeita ao maquinismo e stocks e em 200 a 300 milhões pelo que respeita aos edificios.

Escaramuças e perturbações

OPPELIN, 30 — A desordem que houve entre alemães pertencentes á «Selbschutz», nos arredores de Cosel, e soldados italianos, repetiu-se no dia 25 do corrente, de tarde, com desvantagem para os alemães, que voltaram á noite e atacaram um grupo de 5 soldados italianos, um dos quais ficou ferido gravemente. As investigações levadas a efeito em Klodnitz, em consequencia do atentado, deu em resultado a apreensão de armas e a prisão de 8 membros da «Selbschutz», todos eles originarios da Alemanha. — (H.)

O Escudo portuguez no Brazil

RIO DE JANEIRO, 30. —Valor do escudo portuguez, 880, 950 réis. —(A.)

Poeira da Arcada

O sr. João Celestino Rodarte de Almeida foi nomeado sub-delegado de saude substituto de Lisboa, na vaga do sr. dr. Antonio do Nascimento Leitão, exonerado por abandono de logar.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Santos Monteiro entregou já ao sr. ministro das Colonias o relatorio da sindicancia feita aos actos do sr. Tamagnini Barbosa, chefe de repartição daquele ministerio.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro da Instrução, acompanhado do seu secretario, sr. dr. Carlos Montez, visitou o Jardim-Escola João de Deus, á Estrela, ficando optimamente impressionado. Quando se tratar da creação das escolas infantis que tem em projecto, o sr. Ginestal Machado fará construir edificios no genero daquele.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Rafael Duque, sindicante aos actos do director do Asilo Maria Pia, deseja que se apresentem no ministerio do Trabalho, gabinete do ministro, em todos os dias uteis, das 10 ás 12 horas, as pessoas que queiram e possam depor sobre a materia da sindicancia. O sindicante escolheu para seu secretario, o sr. João Rodrigues, chefe de secção do Instituto de Seguros Sociais.

✦ ✦ ✦

Uma comissão delegada dos operarios das obras do Estado procurou, hoje o sr. ministro do Comercio para solicitar melhoria de situação.

✦ ✦ ✦

O sr. Manuel Rosado Ribeiro Batista foi nomeado interinamente, conservador da Biblioteca Publica de Evora.

✦ ✦ ✦

O engenheiro sr. dr. Almeida da Costa fez hoje na Associação dos Engenheiros Civis a apresentação do seu trabalho, sobre «Quedas de agua» que está despertando grande interesse.

✦ ✦ ✦

Reuniu hoje a associação de classe dos ferroviarios do Sul e Sueste, deliberando avistar-se com o sr. ministro do Trabalho, que os receberá amanhã pelas 14 horas.

✦ ✦ ✦

Chegou hontem a Lisboa o sr. Clovys Dedilaque, representante do Brazil no Tribunal Arbitral da Haia, o qual teve uma demorada conferencia com o sr. Melo Barreto.

Como delegado portuguez áquele Tribunal já foi nomeado o sr. dr. Augusto de Vasconcelos.

* * *

Pediu a demissão de inspetor dos T. M. E. o sr. Augusto da Silva Bandeira.

✦ ✦ ✦

Pediu a demissão do seu cargo o nosso ministro no Imperio do Sol Nascente, o sr. conde de Martens Ferrão.

✦ ✦ ✦

Uma firma ingleza, de Liverpool, apresentou ao governo portuguez uma proposta para o fornecimento de 6.000 toneladas de batata em vantajosas condições de preço.

* * *

Foi nomeado inspector escolar de Aveiro o professor sr. Abilio de Menezes Mourão.

✦ ✦ ✦

Foram ordenadas vistorias ao cruzador «Vasco da Gama».

Um fenomeno teratologico, horrivel de se ver, passeia por Lisboa

Um desgraçado, a quem o destino feriu logo ao nascer, estadeia a sua misera existencia pelas ruas e praças desta cidade civilisada.

Trata-se dum rapaz novo, talvez de 20 anos, cuja face direita se prolonga até abaixo do hombro, arrastando comsigo o nariz, a boca, os labios, etc. Causa a mais penosa impressão a vista deste fenomeno teratologico.

O que dificilmente se compreende é que não exista assistencia publica para estes desgraçados, que assim andam, publicamente, a atestar a nossa barbarie e a degenerescencia da raça.

Pelo Brazil

Menina aviadora

RIO DE JANEIRO, 30.—A arrojada aviadora Melle Bolland vai efectuar um raid do Recife ao Rio e a Buenos Aires. Muito brevemente executará alguns vôos sobre S. Paulo.—(A.)

Falecimento de um capitão de fragata

RIO DE JANEIRO, 30.—Faleceu o capitão de fragata, sr. Durão Coelho, tesoureiro do Lloyd Brasileiro.—(A.)

Aviões para o Equador

QUITO, 30.—Ficou constituida a comissão tecnica que tem por encargo escolher o tipo de avião mais conveniente ao Equador cujo governo deseja adquirir um certo numero para com eles dotar o exercito.—(A.)

O Conflicto Heleno-turco

A cavalaria turca dispersa os gregos

ANGORA, 30 — A cavalaria turca dispersou a rectaguarda da guarda grega a leste de Uskicher, fazendo-lhe grandes perdas. A operação turca levada a efeito proximo de Dulupunar causou serias perdas aos gregos. — (H.)

BOLIVIA

Nomeia delegado á Sociedade das Nações

LA PAZ, 30.—Jaime Freire foi nomeado representante da Bolivia na Liga das Nações.—(A.)

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».

POLITEAMA — A's 21,30 h. — «João Ratão ».

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—«O Sonho do Mancebo».

APOLO—A's 21,30 — «Burro em Pé».

EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac»

GIL VICENTE—ás 21,30 «A Martira».

ANIMATOGRAFOS: Olimpia Salão Central, Cinema Condes Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

Devem ser reclamados até hoje os bilhetes já marcados para a futura temporada de inverno no Nacional.

Entretanto, continua aberta a assinatura livre, para 8 recitas, todas com peças diferentes, incluindo a da inauguração da temporada, que é o drama historico «D. Afonso VI», original de D. João da Camara. A apresentação da companhia do Nacional realisa-se amanhã, sabado.

—Damos em seguida completos o elenco e o repertorio da companhia de opereta Armando de Vasconcelos, que inaugura amanhã a epoca com a opereta «Leiteira de Entre Arroios».

O elenco compõe-se das actrizes Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos, Beatriz Baptista, Honorina Cruz, Arminda Neves, Louzalira Neves, Filomena Casado e dos actores Armando de Vasconcelos, Carlos Viane, tenores Fernando Pereira e Sales Ribeiro, Vasco Sant'Ana, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro, José Correia, Antonio Paiva, Alfredo Paulo, Belmiro Rego, Antonio Matos, Armando Nascimento, João Contreiras e A. Andrade.

O repertorio consta das peças novas «Marido Provisorio»; «As Pupilas do Sr. Reitor», extraida por Penha Coutinho do romance de Julio Diniz, com musica de Filipe Duarte; «Virgem Rubra»; «Sua Excelencia Belzebuth»; «Sua Alteza dança a valsa»; «A Mulher Electrica», de Lino Ferreira e Xavier de Magalhães; «Clume de Mae», de Penha Coutinho, musica de Antonio Eduardo Ferreira, e originais de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos; de Henrique Roldão e Oliveira Soares e de Luna e José Paulo da Camara.

—Parte para o Porto na segunda-feira a companhia Palmira Bastos, que se estreia na terça-feira no Teatro S. João, representando a peça «O Coração Manda», em primeira recita de assinatura.

—Regressou da Figueira da Foz o actor empresario Armando de Vasconcelos.

—Começam impreterivelmente, na segunda-feira, 10 de Outubro, os ensaios da companhia Otelo de Carvalho, que durante o inverno representará no Salão Foz.

A peça que primeiro levará á scena, é a revista «Bichinha Gata», de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes e Lino Ferreira, da qual o primeiro quadro se intitula «Do céu te venha o remedio...», sendo os scenarios de Reuda, Serra e Amancio.

—E' amanhã que a companhia Satanella-Amarante inaugura a epoca de inverno com a opereta «Flores da Noite».

—Sobe por estes dias á scena no Apolo a nova revista de Schwalbach, na qual Arima Nazaré tem os papeis de «2.ª Flôr da Rua» e «Jogatina».

—A actriz Maria de Sousa tem na fantasia «Pau de dois bicos», em ensaios no Eden, para apresentação da companhia Nascimento Fernandes, os seguintes papeis: «Dona Carmos», «Chica», e «O. Maxima».

—No Teatro dos Anjos sóbe amanhã á scena a fantasia-revista em 1 acto e 5 quadros «O Homem Macaco», de Antonio Barbosa, musica do maestro Manuel Benjamim. Os festejados duetistas Serrano e Moreno desempenham diversos papeis. O scenario, de Rogerio Machado, é todo novo, bem como o guarda-roupa.

Reclamos

S. Luiz

Com hoje faltar ao teatro S. Luiz ficará sem ter admirado a mais celebre das revistas, que é a intitulada «De Capote e Lenço», que hoje se despede, visto ser, irrevogavelmente, a ultima recita da temporada. A famosa peça vai á scena com todas as suas sensacionais atracções, entre as quais se contam o quadro «Colegio de Meninas» alusivo á regulamentação dos serviçais, a graciosa fita «Os 50 Milhões de dollars» e o popularissimo «Fado Laura Costa».

Ao espectaculo desta noite, no S. Luiz, só não irá quem tiver mau gosto, e que, positivamente, não quizer divertir-se.

Apolo

Hoje, amanhã e depois são as ultimas e definitivas representações do «Burro em Pé» no Apolo, onde lhe sucede o «Gato por Lebre».

Comboios entre Caldas e S. Martinho

Desde 1 de outubro proximo futuro deixam de efectuar-se os comboios n.os 221 e 222, que partem, respectivamente, de Caldas para S. Martinho ás 8-35 e de S. Martinho para Caldas ás 10-30, e cuja circulação estava anunciada até 15 do referido mês.

Avisos á navegação

Foi mandado avisar a navegação de que o vapor «Livorno» no dia 22 do corrente, pelas 5 horas e 18 minutos, encontrou uma mina fluctuante na latitude 38-9-28' norte e longitude 9-45º, a qual oferece grande perigo para os navios que a possam encontrar. Tambem foi feito aviso aos navegantes de que em 14 de outubro proximo termina a hora de verão, e que, a partir de 1 do mesmo mez a restinga da parte noroeste da barra de Loanda será assinalada por um farolim de luz vermelha, com o alcance de 10 milhas.

Touradas

A tourada de gala no Campo Pequeno

Vai ser brilhantemente ornamentada a praça para a corrida do dia 5, encarregando-se pessoal camarario dos camarotes em que assistirão á tourada os srs. Presidente da Republica e presidente do ministerio e da Camara. No camarote da Camara será posto o estandarte com o novo brazão da cidade. A restante ornamentação será feita por praças da Armada, sob a direcção de sargentos.

A corrida é á antiga portuguesa. Oito touros de João Coimbra serão farpeados por Rufino da Costa e Ruy Teixeira, bandarilhados por T. Rocha, Luciano, R. Largo, M. Falcão, F. Felix, E. Cebola, J. Dias e A. Carvalho, e pegados pelo valente grupo de que é cabo Manuel Burrico.

Quatro bandas militares tocarão á chegada do Chefe do Estado.

Pela Instrução Publica

Faculdade de Letras de Lisboa

Está aberta na Secretaria desta Faculdade, rua do Arco a Jesus, a matricula gratuita para os cursos de lingua arabe, elementar e superior, e de sanscrito, respectivamente regidos pelos professores drs. David Lopes e Rodolfo Dalgado.

Associação Industrial Portuguesa

Reuniu ontem, pelas 15 horas, a assembleia geral da Associação Industrial Portuguesa, a que presidiu o sr. Cesar da Silva Azevedo, secretariado pelos srs. Costa e Caldas e dr. Miguel Trancoso.

Aprovou-se o relatorio e procedeu-se á eleição dos novos corpos gerentes, ficando eleitos os srs. Antonio Lobo de Aboim Inglez, Zacarias Gomes de Lima, Guilherme de Sousa Otero Salgado, Antonio Candido Correia Gonçalves, Antonio Franco, Tomás Alves Gouveia, Antonio de Assis Camilo, C. R. Romano Batista, Eduardo Castanheiro Freire, H. Samuel e Manoel Carlos de Freitas Alsina.